UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS

Insiders e outsiders: as políticas de identificações Headbangers no Heavy Metal underground em Campina Grande-PB.

MURYEL MOURA DOS SANTOS

CAMPINA GRANDE-PB
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS

Insiders e outsiders: as políticas de identificações Headbangers no Heavy Metal underground em Campina Grande-PB.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande da Universidade Federal de Campina Grande, na linha de pesquisa: cultura e identidades, sob a orientação da professora **Dra. Mércia Rejane Rangel Batista.**

MURYEL MOURA DOS SANTOS

CAMPINA GRANDE-PB
2026

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

S237i Santos, Muryel Moura dos.

Insiders e Outsiders: as políticas de identificações *Headbangers* no *Heavy Metal underground* em Campina Grande-PB / Muryel Moura dos Santos. – 2026.

332 f. : il. color.

Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2026.

"Orientação: Prof. Dr. Mércia Rejane Rangel Batista".

Referências.

1. Estilo de Vida. 2. Bandas de Heavy Metal. 3. *Headbanger*. 4. Desvio e *Outsiders*. I. Batista, Mércia Rejane Rangel. II. Título.

UFCG/BC CDU 316.728(043.2)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA ITAPUANA SOARES DIAS GONÇALVES CRB-15/93

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

MURYEL MOURA DOS SANTOS

INSIDERS E OUTSIDERS: AS POLÍTICAS DE IDENTIFICAÇÕES HEADBANGERS NO HEAVY METAL UNDERGROUND EM CAMPINA GRANDE-PB

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Aprovada em: 11/02/2026

Profa. Dra. Mércia Rejane Rangel Batista - PPGCS/UFCG
Orientadora

Prof. Dr. Luis Henrique Hermínio Cunha - PPGCS/UFCG
Examinador Interno

Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota - PPGCS/UFCG
Examinador Interno

Prof. Dr. José Gabriel Silveira Corrêa - UACS/UFCG
Examinador Externo

Prof. Dr. Jesus Marmanillo Pereira - PPGA/UFPB

Examinador Externo

Profa. Dra. Maria Patrícia Lopes Goldfarb - PPGA/UFPB

Examinadora Externa

Documento assinado eletronicamente por **MERCIA REJANE RANGEL BATISTA**, **PROFESSOR**, em 11/02/2026, às 18:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.

Documento assinado eletronicamente por **LUIS HENRIQUE HERMINIO CUNHA**, **PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/02/2026, às 18:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.

Documento assinado eletronicamente por **Jesus Marmanillo Pereira**, **Usuário Externo**, em 11/02/2026, às 19:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Patrícia Lopes Goldfarb**, **Usuário Externo**, em 12/02/2026, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.

Documento assinado eletronicamente por **JOSE MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA**, **PROFESSOR**, em 13/02/2026, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.

Documento assinado eletronicamente por **JOSE GABRIEL SILVEIRA CORREA**, **PROFESSOR 3 GRAU**, em 20/02/2026, às 10:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade, informando o código verificador **6237938** e o código CRC **C0145722**.

Fire, the oldest one
The force in the beginning of time
Show me your face and your fierce eyes
Reveal the secrets those flames hide
Pass on the wisdom and strength
And I shall honour this legacy for my dying day
Until the fire will burn all the memories away

Fire, the greatest one
Light the path I have chosen
Lead me away from these wintry meadows
Show me the way of the treacherous shadows
But nothing lasts forever
Even this fire I have inside

Fire burns wild in the mountains
It burns deep inside my heart
It burns away the harmony of space and time
But from the ashes new worlds will rise

Fire, the oldest one
Burns wild inside my frozen heart
Fire, the greatest one
But I can never understand the way of the fire

Fire, the oldest one
Gives light to my chosen path, so dark
Oh, fire!
We can never tame the way of the fire
Flames in the darkness reaching the stars
Million sparks rise, dancing into the sky
I'm mesmerized by the blaze, I'm tempted to adjust my fate
So long, I've been longing for the feeling, the feeling of tranquillity

I will leave this wretched world behind
(Before it falls apart)
I see the skies so calm, and I can't wait anymore
(I can't wait anymore)
Coldness of winter night
I will find my way somehow
(I will find my way)
Beyond the stars, a new world awaits me now
(A new world awaits)

Through the fields of snow we walk
The endless path of stars
Will we reach the horizon?

Come, follow me, eternal star
I will guide you away from the dark
Through the coldness of winter night
We'll find our way in the blaze of the fire's light
The Sun of the fading dream
I can almost reach it, but it's still so far away
The fire will die in our hearts
When it's time to leave this world behind
We shall leave this world behind
(The Way Of The Fire, Wintersun).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por perseverarem em meu trabalho ao longo dos anos, em especial, à minha mãe Terezinha Moura dos Santos que sempre me incentivou a estudar e acreditar no que faço e ao meu pai Raimundo Pereira dos Santos por ser uma pessoa forte e resiliente frente às adversidades da vida.

À minha companheira Luana Moura que tem me incentivado no meu estudo e na vida de forma paciente e atenta. Seu apoio foi fundamental para essa jornada não há dúvida, como sua compreensão diante às longas horas empreendidas neste trabalho; esta atividade laboral é uma conquista nossa.

À professora Mércia Batista pela orientação e dedicação em instruir e indicar os caminhos da pesquisa. Seu profissionalismo e empenho no trabalho acadêmico foram fundamentais para que eu construísse minha trajetória acadêmica. Suas aulas na graduação já despertavam em mim o interesse no tipo de profissional que eu gostaria de ser. Obrigado pelo saber partilhado, parceria e compreensão.

Ao professor José Gabriel com quem pude estudar e desfrutar de sua companhia, bem-humorada e atenciosa ao demonstrar como eu poderia avançar nos estudos e no que melhorar ao longo dos anos. Fico feliz por ter trilhado esse caminho acadêmico ao seu lado, um profissional excelente e uma pessoa que admiro e estimo muito.

Ao Professor Luis Henrique que muito admiro e desde o início na pós-graduação se mostrou disposto a contribuir ao desenvolvimento da pesquisa com seu olhar clínico e perspicaz sobre a realidade cotidiana. Sua presença foi essencial, não somente enquanto examinador, mas como alguém que consegue observar nas entrelinhas do texto e ver o que não está dito, o que me ofereceu uma oportunidade genuína de aprender sempre mais, obrigado, Luis.

À professora Patrícia Goldfarb por aceitar o convite de participar da banca de qualificação e de defesa de forma atenciosa e gentil, trazendo seus *insights* acerca do Heavy Metal valiosos. Agradeço pela possibilidade de ampliar em mim o pensamento analítico que você cuidadosamente trouxe aos contextos diferentes a pesquisa.

Ao professor Jesus Izquierdo por participar da banca. Recordo, ainda na graduação (em meados de 2017), de que como o senhor decompunha elementos filosóficos da *Metodologia das Ciências Sociais* passando por Dilthey, Cassirer, Pierre Bourdieu, era algo admirável. Suas observações foram importantes para perceber novos aspectos desse mundo underground e aprofundar a pesquisa.

Ao professor Jesus Marmanillo por aceitar o convite para compor a banca, cujo olhar analítico é pertinente e me proporcionou insights preciosos para pesquisa. Agradeço pelo tempo dedicado a leitura e a sua generosidade em partilhar seu conhecimento.

A dona Silvinha pela gentileza, respeito, atenção e por acreditar que a educação é o caminho de emancipação. Agradeço também a Luênya e Vitor pela amizade e parceria cotidiana com os quais devoto apreço e admiração.

Aos amigos Gessyelle, Francis e Fabiana pelas risadas e ensinamentos compartilhados sobre vida e mundo acadêmico, vocês são demais.

Aos discentes doutorandos da turma 2021 com quem pude dividir momentos e trabalhar junto.

Ao professor Clodoaldo Andrade pelos ensinamentos didáticos e confiança por me receber em sua sala de aula e permitir realizar o estágio docência, como à prof.ª Socorro Ramalho que com sua gentileza também possibilitou a realização do estágio.

As professoras Patrícia Ramiro (PPGA/UFPB) pelas contribuições com a disciplina *Etnografia em Pierre Bourdieu* e a Professora María Elvira (PPGA/UFRJ) com a disciplina *Antropologia urbana*, agradeço pelo apoio e sugestões de pesquisa. Foi incrível participar dessas disciplinas com vocês.

Aos Headbangers que contribuíram direta ou indiretamente com a pesquisa, fica meu agradecimento por permitir apresentar uma dimensão de suas vidas na academia.

Ao Programa Educacional Tutorial de Antropologia da UFCG, especialmente aos tutores prof.ª Mércia Batista e o prof. Vanderlan Silva que me receberam e muito contribuíram para minha formação acadêmica na instituição.

Aos professores que compõem o quadro de docentes do PPGCS.

À Secretaria do PPGCS, em especial ao Rinaldo e à Claudiana, pela paciência, gentileza e atenção constantes. Agradeço por terem sido os guias que tornaram compreensíveis e realizáveis os trâmites e tarefas institucionais.

À FAPESQ-PB por possibilitar a bolsa de estudo durante o doutorado, sendo uma instituição compromissada com o desenvolvimento científico e tecnológico no estado, que não deixou os pesquisadores paraibanos sem apoio no momento da pandemia e posteriormente.

À Universidade Federal de Campina Grande pelos excelentes profissionais com quem foi possível acompanhar e pela estrutura e equipamentos disponíveis para realização das aulas, pesquisa e extensão.

MURYEL MOURA DOS SANTOS

Insiders e outsiders: as políticas de identificações Headbangers no Heavy Metal underground em Campina Grande-PB.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande da Universidade Federal de Campina Grande, na linha de Pesquisa: cultura e identidades, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

COMISSÃO EXAMINADORA

Mércia Rejane Rangel Batista, Doutora, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientadora.

Luis Henrique Hermínio Cunha, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador interno.

Jose Maria de Jesus Izquierdo Villota, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador interno.

José Gabriel Silveira Corrêa, Doutor, UACS/UFCG, Examinador externo.

Jesus Marmanillo Pereira, Doutor, PPGS/UFPB, Examinador externo.

Mª Patrícia Lopes Goldfarb, Doutora, PPGA/UFPB, Examinadora externa.

RESUMO

A presente tese investiga a carreira moral desviante de jovens e adultos que se identificam como membros e músicos do Heavy Metal underground, analisando seus encontros durante shows na cidade de Campina Grande-PB. Neste trabalho, busca-se compreender como essa identificação social, denominada "Headbanger" - como os próprios indivíduos se autoidentificam - ocorre de maneira distanciada em relação à sociedade e a outros grupos sociais, em um contexto caracterizado pelo conservadorismo político e religioso presente na cidade. A pesquisa adota uma abordagem etnográfica, concentrando-se nos momentos de interação social na cidade, considerando sua forma marginal de identificação desviante e a experiência dos Headbangers em um ambiente que, fora das ocasiões excepcionais, reflete essa ecologia. Examina-se que, mesmo em um contexto adverso, os Headbangers mantêm-se orgulhosamente convictos de sua identidade e os encontros sociais com o grupo reconfiguram suas perspectivas sobre a realidade social. O objetivo é apresentar, por meio da perspectiva do grupo, como são compreendidas as transições ou mudanças de papéis dentro desse contexto underground, que se caracteriza por sua exclusividade. As relações dos Headbangers com os demais indivíduos podem resultar em unidade (do Heavy Metal) quando estão alinhadas às expectativas comuns ou em fragmentação, o que pode desestimular sua progressão dentro do grupo, criando caminhos alternativos e distanciando-os da sua condição e do status que vai se transformando nas interações. Aqueles que não desejam seguir os caminhos do grupo são desconsiderados, e suas carreiras são estigmatizadas, não encontrando acolhimento no contexto. A metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, com ênfase na observação de campo e na coleta de dados etnográficos ao longo de um extenso período (2015-2025). Foram utilizados diários de campo, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e registros oriundos de pesquisa bibliográfica, fanzines e redes sociais na internet. Dessa forma, esta análise tem como propósito discutir as mudanças e a preservação da identificação nas interações do grupo de Headbangers, considerando suas práticas, reações e estratégias para manter a identidade ao longo dos anos.

Palavras-chave: bandas de Heavy Metal, Headbanger, estilo de vida, desvio e outsiders.

RESUMEN

Esta tesis investiga las carreras morales desviantes de jóvenes y adultos que se identifican como miembros y músicos de la escena underground del Heavy Metal, a través de sus encuentros en conciertos en la ciudad de Campina Grande-PB, Brasil. Examina cómo esta identificación social como Headbangers -como se autodenominan- los distancia de la sociedad convencional y otros grupos sociales en un contexto urbano marcado por el conservadurismo político y religioso. La investigación etnográfica se centra en los momentos de encuentros urbanos con su forma marginal de identificación desviante y cómo los Headbangers experimentan esta ecología social más allá de ocasiones excepcionales. Se demuestra que incluso en un contexto desfavorable, los Headbangers mantienen con orgullo su identidad e cómo los encuentros sociales con el grupo transforman sus perspectivas de la realidad social. A través de la mirada del grupo, se busca presentar cómo se entienden las salidas o cambios de roles en este grupo underground que se proyecta como exclusivo. Las relaciones de los Headbangers con otros pueden generar unidad (do Heavy Metal) cuando se alinean las expectativas o fragmentación que desalienta su progresión en el grupo, creando caminos alternativos que los distancian de esta escena mientras su status se transforma en las interacciones. Quienes no desean seguir el camino del grupo son ignorados y sus carreras son estigmatizadas y no bienvenidas en la escena. La metodología de investigación se basa en investigación cualitativa con observación de campo y acumulación de datos etnográficos a largo plazo (2015-2025), utilizando diarios de campo, conversaciones informales, entrevistas semiestructuradas y registros de investigación bibliográfica, fanzines y redes sociales en internet. Por lo tanto, presenta un análisis que busca desentrañar los cambios y preservación de la identificación en las interacciones a partir de las acciones, reacciones y estrategias de los Headbangers para mantener la identidad a lo largo de los años.

Palabras clave: bandas de Heavy Metal, Headbanger, estilo de vida, desviación, outsiders

RÉSUMÉ

Cette thèse étudie les carrières morales déviantes de jeunes adultes s'identifiant comme membres et musiciens de la scène underground du Heavy Metal à travers leurs rencontres lors de concerts à Campina Grande-PB (Brésil). Elle examine comment cette identification sociale en tant que Headbangers - comme ils se désignent - les distancie de la société dominante et d'autres groupes sociaux dans un contexte urbain marqué par un conservatisme politique et religieux. La recherche ethnographique se concentre sur les moments de rencontres urbaines avec leur forme marginale d'identification déviante et sur la manière dont les Headbangers vivent cette écologie sociale au-delà des occasions exceptionnelles. L'étude révèle que même dans un contexte défavorable, les Headbangers restent fièrement attachés à leur identité et comment les interactions sociales avec le groupe transforment leurs perspectives sur la réalité sociale. À travers le regard du groupe, elle vise à présenter comment sont perçues les sorties ou changements de rôles au sein de ce groupe underground se projetant comme exclusif. Les relations des Headbangers avec autrui peuvent générer de l'unité lorsque les attentes s'alignent ou de la fragmentation décourageant leur progression dans le groupe, créant des voies alternatives qui les éloignent de cette scène tandis que leur statut se transforme à travers les interactions. Ceux qui ne souhaitent pas suivre la voie du groupe sont ignorés et leurs carrières deviennent stigmatisées et indésirables dans la scène. La méthodologie repose sur une recherche qualitative avec observation de terrain et accumulation de données ethnographiques sur le long terme (2015-2025), utilisant des carnets de terrain, des conversations informelles, des entretiens semi-structurés et des documents issus de recherches bibliographiques, de fanzines et de réseaux sociaux internet. Ainsi, elle présente une analyse visant à démêler les changements et la préservation de l'identification dans les interactions à travers les actions, réactions et stratégies des Headbangers pour maintenir leur identité au fil des années.

Mots-clés: groupes de Heavy Metal, Headbanger, mode de vie, déviance, marginaux

ABSTRACT

This thesis investigates the deviant moral careers of young adults who identify as members and musicians of the underground Heavy Metal scene through their encounters at concerts in Campina Grande-PB, Brazil. It examines how their social identification as Headbangers - as they self-identify - positions them apart from mainstream society and other social groups within a politically and religiously conservative urban context. The ethnographic research focuses on moments of urban encounters with their marginal form of deviant identification and how Headbangers experience this social ecology beyond exceptional occasions. The study reveals that even in an unfavorable context, Headbangers remain proudly committed to their identity; how social interactions with the group transform their perspectives on social reality; and the interactive negotiations accompanying their group integration. Through the group's perspective, it aims to present how exits or role changes are understood within this underground group that projects itself as exclusive. Headbangers' relationships with others may generate unity when expectations align or fragmentation that discourages their progression in the group, creating alternative paths that distance them from this scene while their status transforms through interactions. Those unwilling to follow the group's path are disregarded, and their careers become stigmatized and unwelcome in the scene. The research methodology is based on qualitative research with field observation and the accumulation of long-term ethnographic data (2015-2025), using field diaries, informal conversations, semi-structured interviews, and records from bibliographical research, fanzines, and internet social networks. Thus, it presents an analysis aiming to unravel changes and preservation of identification in interactions through Headbangers' actions, reactions, and strategies for maintaining identity over the years.

Keywords: Heavy Metal bands, Headbanger, lifestyle, deviance, outsiders

LISTA DE FOTOGRAFIAS/IMAGENS

Figura 1. Mapa de Campina Grande……..15
Figura 2. Primeiro show “pós-pandemia”……..37
Figura 3. Humaniza underground……..……59
Figura 4. Lápide no show……...…59
Figura 5. Sepultura toca em Campina Grande……63
Figura 6. Show no bar da Beta em 1990…….65
Figura 7. Apresentação de uma banda de Black Metal……...70
Figura 8. Banda Mortífera…….72
Figura 9. Coletânea das bandas das Malvinas……75
Figura 10. Garagem hold e chamada de banda para concurso……76
Figura 11. Apresentação da banda Hellish war e outras……77
Figura 12. Apresentação e avaliação das bandas inscritas no concurso…….77
Figura 13. Apresentação e avaliação de bandas……77
Figura 14. Evento realizado em 2009…….79
Figura 15. Evento realizado em 2013…….79
Figura 16. Show da banda Nephastus no evento Brasil extremo fest……..82
Figura 17. Arte do disco da banda Behaviour……82
Figura 18. Bolsa da vocalista……...159
Figura 19. Pais e crianças no motofest…….233
Figura 20. Exposição de fanzines e artes……..251
Figura 21. Teatro Severino Cabral……...253
Figura 22. Intervalo das apresentações……267
Figura 23. Banda Sodoma no London pub…….……299

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Lista de interlocutores de pesquisa……..……29

Quadro 2. Bandas criadas em 1990 em Campina Grande……..……243.

Quadro 3. Lista de bandas atuantes em Campina Grande……..…….274

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HB – Headbanger.

HM – Heavy Metal.

DM – Death Metal.

TM – Thrash Metal.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

SUMÁRIO

Introdução……15
Percurso e Método de Pesquisa ……24

Capítulo 01: As identificações sociais……..……...36
i. Identificações e limitações…….……..…36
ii. Brotherhood……..……..62
iii. A vida no Heavy Metal……....81

Capítulo 02: Pluralidades de selves no underground……...104
i. As crenças nas identificações……104
ii. O destaque de ser Headbanger e suas implicações…….111
iii. Pluralidade dos selves no underground……..129
iv. Proteger e defender o grupo……...143

Capítulo 03: As políticas de identificações Headbangers……..176
i. Se envolvendo e se distanciando……176
ii. Profissionais da cena underground……187
iii. Dentro do grupo……...…….…….198
iv. Fora do grupo……..……...204
v. As políticas de identificações Headbanger…….……...215

Capítulo 04: A organização cena campinense ……..…...……231
i. A cena underground em Campina Grande……..……..233
ii. A popularidade do impopular……..…….251
iii. Desvios……..……...274
iv. A realidade social dos Headbangers…….283
Considerações finais…… 293
Referencial bibliográfico……...316
Anexo.
Glossário.

INTRODUÇÃO

Na rua 13 de maio, no centro de Campina Grande-PB, ocorria show de Heavy Metal[1], vários indivíduos vestidos de preto ocupam a calçada da casa de show, alguns desses de cabelo longo e outros com estilos de cabelo variados, mas todos vestidos com camisas de bandas, calças e shorts pretas ou com padrões camufladas, alguns vestem tênis basqueteira, outros coturnos de cano longo. Há aqueles que fumam cigarros enquanto outros bebem cerveja ou destilados, todos estavam aguardando o início das apresentações, todos eles estavam envolvidos no ritual da música seja como participante ou músico[2]. Na maioria dos shows essa regularidade se repete e gera características marcantes do grupo de Heavy Metal[3].

Os músicos da noite, antes de se apresentarem conversam sobre suas canções e comercializam os produtos da banda em suas pequenas banquinhas. Esses produtos eram resultado de um longo trabalho de aprendizado e treinamento musical, aprendendo por amor a música e investindo tempo para reproduzir as apresentações como os músicos de seu apreço fazem. A música "Heavy" que eles apresentam tem um apreço significativo para eles e a para a audiência que se deslocou de sua casa para assisti-los.

---

[1] A história do Heavy Metal enquanto gênero de música popular tem suas raízes no final do século XX, marcada pela inovação sonora que atraiu diversos simpatizantes devido à originalidade musical, visual e estética. O Heavy Metal emerge em meados dos anos 1980, em um contexto cultural e sonoro em transformação, especialmente quando bandas como Black Sabbath, Led Zeppelin e Deep Purple, no Reino Unido, começaram a experimentar sonoridades mais "pesadas": guitarras distorcidas, tons sombrios inspirados no blues e no rock psicodélico. Por meio dessas experimentações e do uso de vocais agudos e graves, essas bandas encontraram uma nova forma de produzir música. A partir dessas influências, o Heavy Metal se desenvolveu de tal maneira que gerou diversos subgêneros, que por sua vez definiram as características desse estilo musical. Surge então a New Wave of British Heavy Metal (NWOBHM), com bandas como Iron Maiden e Judas Priest; posteriormente, o Glam Metal, com nomes como Mötley Crüe; e o Thrash Metal, representado por Metallica, Slayer e Megadeth. Mais adiante, surgiram subgêneros que exploravam velocidade e agressividade, como o Black Metal (Dimmu Borgir, Behemoth, Cradle of Filth) e o Death Metal (Deicide, Morbid Angel, Cannibal Corpse). Há ainda o Metal Sinfônico, com bandas como Nightwish, After Forever, Epica e Kamelot. Essa diversidade de subgêneros e bandas revela uma constante transformação, com desdobramentos mais recentes como Nu Metal, Metalcore e Deathcore. É justamente considerando a pluralidade de experiências que os indivíduos vivenciam nesse universo artístico e social que este trabalho se dedicou a explorar o Heavy Metal em sua versão underground.

[2] Muitos utilizam camisas de bandas locais, como Korvak, Venomous Breath, Demonized Legion e Atro, além de bandas de outras cenas, como as de Pernambuco, Rio Grande do Norte, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e também bandas do mainstream, como Metallica, Iron Maiden e Megadeth. Isso representa uma variação estética que se manifesta nos eventos locais e possui uma força mobilizadora para reunir os indivíduos e seus gostos musicais em um determinado espaço. Geralmente, aqueles que usam camisas de bandas locais são pessoas já inseridas no grupo e utilizam a vestimenta como símbolo de apoio ao que é produzido no underground local. Isso não significa que os iniciantes não possam usá-las, mas sim que o tempo investido na cena forma o indivíduo para comprar e apoiar o desenvolvimento da cena, adquirindo materiais produzidos por ela.

[3] Utilizou-se o termo para designar o grupo por meio de um dos subgêneros mais conhecido dos Headbangers; evidentemente, nem todos os participantes desse agrupamento praticam apenas Heavy Metal, mas também Thrash Metal, Metal punk, Death e Black Metal. O uso do Heavy foi no intuito de contribuir numa melhor identificação de que indivíduos a pesquisa tratou, já que esse termo é mais conhecido no domínio social. Os Headbangers eram mais plurais do que se apresentam por meio de um termo; eles possuem intenções, desejos e exteriorizações diferentes, justamente por serem indivíduos com habitus e carreiras que os distinguem uns dos outros, apesar de exercitarem a ideia de uma identidade comum.

Os músicos tendo isso em mente sabem da situação em que seus papeis estavam envolvidos assim como a audiência. Os músicos locais se preparam para esses momentos em estúdios ou em casa de amigos e muitas vezes treinando sozinho em suas casas, baseando sua preparação a partir de shows anteriores, eles se preparavam para o momento de encontro com seus pares. A casa de show localizada no centro da cidade e o dia das apresentações, eram referenciais ao "grande dia[4]", bem como a audiência formada por sua maioria de homens jovens e adultos e com participação de mulheres nesse pedaço[5] urbano. Esses músicos se vestiam de preto e com camisas de bandas tendem pouca variação em relação a indumentária (Miller, 2010).

Quando eles começavam a apresentação em palco, balançavam suas cabeças e corpos ao ritmo da música produzia um conjunto de sensações e energia que "arrepia os pelos do braço", como alguns membros dizem. Os músicos se entreolhavam marcando os momentos de começar e parar as canções ordenando toda interação da audiência com a apresentação. A performance dessas bandas de Heavy Metal gera efeitos objetivos e subjetivos sobre a audiência, sendo, portanto, geradora de uma interação social. O desenvolvimento da apresentação dessas bandas durante a noite nessa casa de show, ocorre uma conexão emocional entre músicos e audiência, produzindo sensações que não somente seguem o ritmo da música, mas geram êxtase, um show catártico de emoções.

Quando o encontro dos Headbangers[6] termina, todos envolvidos ali têm uma experiência com a música, fazendo com que eles debatam e classifiquem as apresentações por meio de suas experiências em shows passados e projetem como serão os próximos eventos de Metal na cidade. Isso muitas vezes era materializado em discursos na frente da casa de show, por meio de conversas nas redes sociais/mesas de bares, por meio de fanzines[7] produzidos localmente. Em todo final de encontro se pensa na próxima apresentação e se fabula o que

[4] O show é entendido como um grande dia porque é o momento de reproduzir ou colocar em prática tudo aquilo que aprendeu na apresentação e sobretudo na frente da audiência.

[5] Utiliza-se a categoria analítica elaborado pelo o professor Guilherme Magnani, em que se "trata de analisar forma de uso do espaço e contatos interpessoais em determinadas regiões centrais da cidade" (Magnani, p194, 1993). Os interagentes desse espaço atribuem lealdade, códigos compartilhados, pertencimentos, em que se cria laços sociais, isto é, uma rede interações que ordena, separa e classifica as relações destacando quem é do pedaço ou de quem é de fora do pedaço.

[6] Categoria do grupo para como eles se auto identificam, a categoria atribuída de Metaleiro é considerada por eles pejorativa e por isso não se utilizará aqui. É importante destacar que o termo abrange variadas vertentes subgêneros no Heavy Metal e estou utilizando a categoria nesse sentido.

[7] Fanzines são revistas produzidas manualmente pelos Headbangers. Algumas edições são feitas até mesmo com colagens e recortes, resgatando a forma como essas publicações eram feitas antigamente no underground. Essas revistas têm o objetivo de falar especificamente sobre o mundo underground. Fiz pesquisa bibliográfica em estudos históricos sobre a cena local (Santos, 2016, Silva, 2017, Marques, 2017, Santos, 2018 e Gomes, 2019) como nos fanzines, Deliver zine (que tinha dois volumes), Lucifer Venerabilis (três volumes), Pride Black Metal magazine (dois volumes), Mortífera magazine (primeira edição, 2024) e Lucifer Rex e o blog de Charlie Curcio.

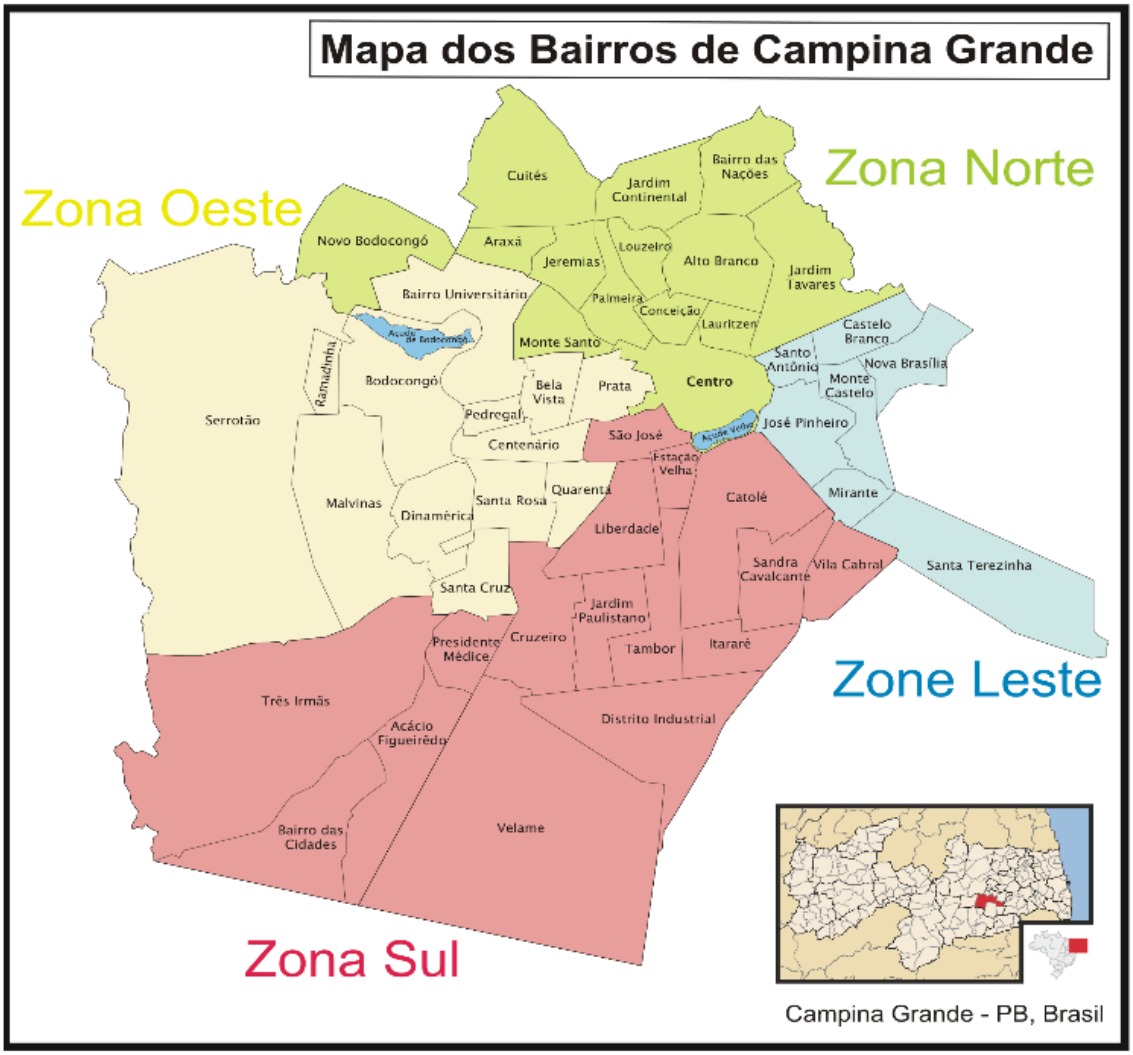
acontecerá e o que poderá ser feito, sendo esta uma regularidade ritual, ao passo que cada experiência se torna singular, gera-se daí, mudanças na forma com que os membros agem, pensam e sentem o ritual.

Os jovens balançam o corpo freneticamente, se esbarram os seus corpos uns nos outros ao ritmo da música, balançam a cabeça, convencionando "bater cabeça[8]" e os músicos repetem o comportamento corporal e atentando a condução da música, esses últimos, realizam comentários críticos a religião, a política e a sociedade nos seus shows, a audiência ao ouvir tais discursos grita em concordância ao que foi dito. Os temas das músicas, a estética dos músicos e audiência como seu pedaço, revela que se trata de um grupo com características críticas (a moral dominante) que atua na cidade. Regularmente, esses Headbangers eram compreendidos na sociedade como perigosos, marginais, arruaceiros, bagunceiros, drogados e "loucos" quando estão reunidos para irem aos shows u na frente das casas de eventos. A análise desses encontros dos Headbangers se torna a ponta de lança para investigação etnográfica desse grupo.

Esta pesquisa de doutorado analisa o grupo de Headbangers na cidade de Campina Grande-PB[9,] especialmente, a partir de seus pedaços no centro da cidade e entornos, apresentando a carreira moral de uma identificação social desviante (músicos e audiência) nesta cidade. Esse grupo está estabelecido na cidade desde meados dos anos 1985 e tem feito de suas práticas sociais uma forma pelo qual atrai novos participantes e gera unidade social[10], visando com isso marcar uma diferença da sociedade e de outros grupos urbanos considerados contraditórios. Considerando esses últimos como outsiders nas suas relações nos pedaços da urbe campinense. Esse grupo se denominava como Headbanger e esperava manter distância da sociedade e os outros grupos de vertente cristã que o estigmatizava e marginalizava na cidade. Os Headbangers se consideravam distintos e coesos com suas identificações e compromissados ao grupo, aspectos estes que faltavam aos de fora do pedaço.

[8] Categoria do grupo para a forma de curtir as canções balançando a cabeça em círculo ou na horizontal acompanhando o ritmo das canções, esta forma de curtir foi o que deu origem ao nome Headbanger.
[9] Campina Grande, está localizada no nordeste do Brasil, mais especificamente, no estado da Paraíba. Segundo o IBGE, Campina Grande tem uma população de 419.379 pessoas, com 39,4 sendo branca, 7,6 negra e 52,6 parda, tendo ainda uma população indígena de 470 sujeitos auto identificados, acontecendo o mesmo com relação a categoria amarela 763, não há dados referidos aos quilombolas no site da instituição. A cidade é conhecida pelo ciclo junino, marcado por festividades, inclusive pela marca de possuir o chamado "Maior são João do Mundo", além de responder durante o período carnavalesco, proposto como o encontro da "Nova Consciência", de onde deriva a "Consciência Cristã".
[10] Utilizo o termo unidade em algumas passagens para me referir ao grupo de Headbangers.

Figura 1. Mapa de Campina Grande.



Fonte: Google imagens, 2024.

Esse pequeno grupo de Headbanger na cidade de Campina Grande, recupera um dos temas "clássicos" da sociologia alemã e norte americana da carreia moral de "desviantes" que utilizam de sua "marca depreciativa" para se distinguirem e diferenciarem do social. Observa-se que os membros desse grupo, apesar de sua marca, se compreendem e se representam como diferentes tanto positivamente como orgulhosamente da sociedade abrangente. As categorias do grupo local (e porque não mundial) que se reproduzem continuamente em diferentes ocasiões como truer (verdadeiro) e poser (falso) eram exemplo disso. A categoria truer trata de características sociais de valor, de estima e de respeito no grupo, trata-se daqueles membros (podendo ser músico ou parte da audiência) que eram mais engajados na cena[11] local do

[11] Entende-se por cena um espaço geográfico — tanto físico quanto virtual — bem como um espaço de fluxos e conexões (com outras cenas), em uma perspectiva que dialoga com Straw (1991) que defende que a cena não é composta apenas por bandas, mas também pelo investimento de outras pessoas envolvidas em gravações, fanzines, produção de eventos, que se conectam, realizam trocas e exercem influências mútuas. Esse espaço interacional

underground e lhe conferia possibilidade de gozar de respeito e assumir uma posição de status dos demais – diversas pesquisas já demonstraram isso (Lopes, 2006; Campoy, 2008; Irapuan 2010; Allett, 2010; Messias, 2013; Santos, 2013; Moraes, 2014; Sousa, 2016; Schulz, 2022).

No grupo local, os membros discutem acerca dessa categoria afirmando que a mesma compõe um sentido jocoso para caçoar do outro, quando esse outro está envolvido demais nas atividades e promoção do grupo, mas ressaltam também que essa categoria visa mostrar que esse deseja ser melhor que os demais. A categoria poser, trata-se daquele indivíduo que posa, não é realmente um indivíduo envolvido na comunhão do grupo, esse se veste igual esteticamente, mas não compartilha do mesmo capital social que os Headbangers. Regularmente, a mobilização dessa categoria visa demonstrar descompromisso, desengajamento e irrealização das práticas do grupo, com regularidade esse termo era utilizado para identificar os porra-loucas e os White Metals[12], indivíduos que tem pouco prestígio nesse pedaço underground, o primeiro por ser um indivíduo em formação e o segundo por questão ideológica e por isso, moralmente não bem-vindos ao pedaço.

Essa era a forma como os Headbangers projetavam suas imagens, como diferentes e se concebiam devido a isso, enquanto melhores do que outros grupos e sociedade, mesmo não tendo os recursos de capitais sociais e financeiros. Pois se trata de um grupo formado de indivíduos provenientes em sua maioria da classe trabalhadora e estabelecido na cidade há bastante tempo se compreendem como tais, possuidores de um carisma compartilhado por todos os membros para produção de unidade social e que não existe em outras relações sociais.

Essa pesquisa de doutorado realizada em Campina Grande, visou demonstrar esses aspectos do grupo de Headbangers com relação as trajetórias desviantes desses indivíduos a partir do pedaço dos shows da cidade. Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa e análise de dados, observou-se que os Headbangers que participavam desses shows, realizados em sua maioria, no centro da cidade relatavam o descontentamento com as categorias marginalizantes que a cidade lhe imputavam, como demonstravam não terem sido afetados com tais enunciados depreciativos, sendo essa desatenção compreendida por eles como demonstração que sabiam quebrar o gelo da situação como se consideravam diferentes, “positivando” sua situação, do social e de seu grupo antagônico White Metal. Os Headbangers buscavam se manter distantes de seu antagonismos, levando até o fim de amizades para com ex Headbangers, havendo contato

agrega ainda diferentes grupos, sendo a diferença a válvula motriz que mantém a cena ativa e em constante transformação ao longo do tempo.

[12] Categoria do grupo para aqueles que escutam Heavy Metal cristão. Estilo musical desconsiderado na cena underground local, assim como vertentes do Metal consideradas neonazistas. Para mais categorias do grupo verificar o glossário.

em situações excepcionais do cotidiano em caso de saúde ou de trabalho; em alguns momentos, eles tratavam os iniciantes no grupo enquanto tais pelo fato desses serem inconstantes nas suas decisões para com o grupo – um iniciante pode ficar rapidamente no grupo ou sair rapidamente dessa unidade – isso demonstrava a forma de tratamento diferente mesmo para aqueles ingressantes.

Em outras palavras, os Headbanger tratavam os ingressantes como indivíduos que ainda não estavam totalmente envolvidos e por isso eram de fora do pedaço. Os ingressantes (não iniciados) e ex White Metal depois de integrados passavam a reproduzir de forma resignada a prática, a possibilidade de comungar do mesmo espaço com os Headbangers era considerado uma honra, o que justificava a mudança no comportamento daqueles que eram integrados a unidade social. Desse modo, nesse grupo, observou-se que nesse espaço social ocorria uma forma de interação politizada da identificação social, em que os membros se projetam como diferentes ao social, se posicionam como do pedaço e seu desejo libidinal para formar membros ou excluí-los de seu espaço de prestígio social; essas relações eram afetadas também por fofocas denunciativas a aqueles desengajados e discursos elogiosos, fraternos e de comunhão aos "verdadeiros" membros que salvaguardavam a identificação social livre de qualquer contato extra-grupo, isto é, a formação de uma figuração social estabelecida (Elias, 2006).

A pesquisa se inspirou na sociogênese figuracional de Norbert Elias (2000; 2006), nas pesquisas de Goffman sobre representação, carreira moral, desvio[13] e rituais (1956; 1988; 2011; 2012), Becker (1963; 1982), Velho (1981; 1994) autores que trabalharam com suas particularidades as categorias anteriormente mencionadas. Utilizou-se a unidade de análise do grupo do Heavy Metal como foco de pesquisa, problematização e exploração da vida excepcional e ordinária dos membros desse agrupamento (Segalen, 2002) para se construir e compartilhar um entendimento amplo da figuração acerca dos indivíduos que se identificam com o estilo de vida. Assim, a figuração dos insiders e outsiders como suas políticas de identificações se tornou O modo pelo qual a pesquisa se desenvolveu nesse locus. O que pode levar luz a compreensão desse grupo estigmatizado e marginalizado pela sociedade abrangente,

[13] Entendo por desvio o status atribuído a um indivíduo que foi rotulado e compreendido a partir desses referenciais, com base nas contribuições de Goffman, Becker e Velho. Penso o desvio como um processo pelo qual um indivíduo (de forma objetiva ou subjetiva) aprende a ser enquanto tal, atravessando rituais que buscam causar vergonha, humilhação e vexame, e que exercem certa administração sobre sua identificação na presença de outros socialmente considerados não desviantes. Além disso, o desvio não anda sozinho: ele caminha junto com formas variadas de preconceito que desqualificam o indivíduo. Essa atribuição só consegue se reproduzir devido à forma e ao conteúdo das relações sociais. Há desvio quando o indivíduo se distancia do comportamento esperado nessas relações. Desse modo, o desvio é um atributo que, quando revelado ou apresentado, torna-se um diferencial "negativo" perante os outros em um dado contexto. Por exemplo, a cultura visual das camisas pretas com estampas de bandas e imagens subversivas cria, segundo os relatos dos indivíduos aqui analisados, uma atrofia nas relações sociais. Isto é, o desvio está relacionado às interações no interior de uma figuração.

como aspectos do modus vivendi e a estrutura social da carreira moral desses desviantes; e desvelar como eles se compreendem numa cidade conservadora, que ao percebê-los, classifica-os como desviantes e os localizam à margem da sociedade (Parker, 1967).

As ruas do centro da cidade de Campina Grande, bairro em que era – e se – realizam os encontros dos Headbangers, observou-se a forte presença de igrejas, algumas dessas centenárias, igrejas consideradas tradicionais quanto templos religiosos alternativos (como a Bola de Neve), havia também bares e pub que funcionavam a noite toda. Apesar dessa mancha parecer movimentada no quesito transeuntes, a mesma parece cenário de "filme de terror", poucas pessoas caminham durante a noite, apenas pedintes, vendedores de lanches, hippies, vigilantes e vez e outra a polícia realizava rondas, mais especificamente, na rua Treze de Maio (Koury, 2011)[14]. O mesmo se aplica a outros dois (pubs) pedaços localizados no bairro da Liberdade e do Centenário, aquele que deseja participar dos shows de Metal na cidade se defronta com essas particularidades dos espaços que se associam com a identificação social na dimensão simbólica de marginal, isto é, espaço "marginais" para "marginais".

A cidade de Campina Grande, pode causar surpresa naqueles desatentos e informados pelos meios midiáticos como uma cidade festiva ou plural – o que ocorre, mas na realidade a cidade tem se mostrado conservadora. Há alguns anos os deputados locais se mobilizaram para acabar com os espaços destinado a Nova Consciência[15] e ampliar os espaços da Consciência Cristã na cidade. O que afetava diretamente as manifestações religiosas e culturais na cidade e como a cidade compreende as diferenças locais, no qual os Headbangers se inserem e com base nesse contexto, visam manter a unidade – eles agiam dessa forma porque necessitavam preservar o grupo. Diante dessa diferença existente, invisibilizada e marginalizada da sociedade campinense, na pesquisa realizada, constatou-se que os Headbangers e participantes desses espaços na cidade se sentissem como diferentes dos citadinos e seus reprodutores, pode-se destacar os whites e os simpatizantes de ideias ultraconservadoras.

Mas como manter o estilo de vida num contexto marcado por esse contexto conservador e marginalizante? No pedaço dos Headbangers, eles destacavam a diferença para tudo extragrupo devido sua identificação social, acerca da vontade de existir enquanto tal; o prazer

[14] Koury analisa a cultura do medo como um mecanismo social que exerce controle sobre as interações urbanas. Ele argumenta que, no cotidiano, as mídias digitais reforçam estereótipos que associam certos grupos à marginalidade e ao perigo. Do ponto de vista estético e moral, ao longo dos anos, o Headbanger foi situado sob o signo da impureza e do perigo, figuras que, segundo essa lógica, precisam ser vigiadas e, quando julgado necessário, reprimidas pela violência física, especialmente quando transitam à noite por áreas elitizadas ou comerciais do centro de Campina Grande.

[15] Evento anual e gratuito, organizado por instituições filantrópicas para promoção e divulgação acerca das diversas formas de religiosidade.

de estar associado e a coesão do grupo; a prática social em atividades musicais em performances e produção audiovisual das bandas locais, fato que quando materializado em performances artísticas, traz recompensas em forma de trocas, elogios e prestigio social, evidenciando a pertença ao grupo e a descrença naqueles que não comungam dos valores ali socializados.

Observou-se nesse locus de pesquisa que havia várias limitações aos Headbangers se manifestarem na cidade, pois havia poucos espaços de lazer e cultura para que isso acontecesse efetivamente. Mesmo assim, o grupo tentava – tenta ainda – manter seus poucos espaços de atuação na cidade, espaços esses produzidos com apoio dos próprios membros com equipamentos de som, custos financeiros e estrutura de iluminação e considerem o envolvimento dos indivíduos com os aspectos da organização do grupo para sua realização plena.

Esses poucos pedaços dos Headbangers na cidade e o envolvimento nos shows, tem importância na forma pela qual eles têm se mantido organizados. O grau de envolvimento dos indivíduos nas atividades do grupo se verifica desde meados dos anos 1985 na urbe, diferentes dos White Metal que atuam desde meados dos anos 2000, fato utilizado pelos Headbangers para dizerem que tem história e chegaram primeiro no pedaço. Devido Ao envolvimento dos membros nas atividades, se tornou possível que os Headbangers mantivessem os seus espaços de atuação na cidade para aqueles considerados (estimados) realizarem suas apresentações, exibições artísticas (artes), participarem de encontros exclusivos e enxotar os não envolvidos completamente com a identificação social. Desse modo, a pesquisa evidenciou que apesar do grupo ser marginalizado na cidade, esta é a sustentação pela qual eles alimentavam o sentido de unidade e preservavam a identificação como sua diferença enquanto valor positivo, já que não recebiam apoio de órgãos públicos e ainda havia o seu grupo antagônico tentando cristianizar seus membros.

Nesse espaço social, a lógica da interação se entrelaça (sociedade – Headbanger // Headbanger – grupo antagônico // grupo antagônico – sociedade) e gera tensão. De acordo com a análise que se apresenta, esse pedaço dos Headbangers, tem uma perspectiva sectária, quase de seita religiosa e que demanda dos envolvidos engajamento e isso se revelou como um aspecto que amplia o poder do grupo no underground, perspectiva desenvolvida em exercício analítico inspirado no trabalho de Douglas (2007). Isso destacou, especialmente, o que se investiu nessa pesquisa de que forma ocorre os desvios nessa carreira moral. A análise inspirada nessa perspectiva de pesquisa, evidenciou de que forma se estrutura a relação do Headbanger com a sociedade, com seus pares e com seus grupos antagônicos (White Metal e simpatizantes de ideias ultraconservadoras) trouxe maior clareza acerca do cotidiano e as variações de suas

relações sociais e permitiu apresentá-las aqui.

Algumas características dessas variações serão apresentadas no decorrer dos capítulos, mas uma dessas características do grupo pode ser apresentada brevemente, como atribuir a aspectos de fora de suas relações enquanto ruins e de baixa qualidade anômicas – como os outros estilos musicais. Enquanto o grupo possui uma imagem social positiva e boa, eles justificam isso pelo compromisso com o grupo, uma dedicação ao estudo da música estudadas, trabalhadas e com aplicação técnica, se contrapondo ao mainstream, a música "líquida" e identificações "momentâneas", eles dão o exemplo disso como foi a identificação Emo, que não resistiu ao tempo e terminou sendo classificadas por eles por "modinhas".

A relação dos Headbangers com a sociedade revelou o quanto de limitações, preconceitos e marginalização eles sofreram para habitar a cidade. Será observado como essas questões eram recuperadas pelo grupo e como eles narram esses momentos de marginalização, isso também mostra o porquê era importante eles se constituírem e formarem essa microunidade. Nesses momentos, o grupo mostra o quanto era fecundo sustentar sua imagem para se sobressair dos outros grupos e se distanciar e garantir um espaço próprio, distinto de todos os demais grupos. assim, a evitação garante a não contaminação. Por isso, a pesquisa analisou o grupo do Heavy Metal por meio dessa abordagem já mencionada, averiguando o cotidiano desses indivíduos e relacionando com sua ecologia não receptiva à sua identificação social e o que eles fazem na sua natureza interacional para resistir.

Alguns Headbangers considerados especialistas comentam que nos anos em que o Heavy Metal havia chegado a cidade, os Headbangers dominavam a cena local, mas nos anos 2000 se difundiu uma versão de Metal cristão na cidade e como na dinâmica social esses adeptos do chamado metal cristão se mostraram mais desejáveis, conseguiram uma agenda de apresentações/shows mais intensas tendo mais shows de Metal cristão do que os Headbangers. Atualmente a relação se inverteu qualificando e criando um campo de atuação para os Headbangers como de tensões na cidade (Savage, 2006). Como o grupo de Headbanger criou uma rede de laços sociais sólidos com os membros locais, de cidades vizinhas e entornos, impossibilitou qualquer contato com os Whites (deixando mensagens em seus cartazes, camisas, discursos e até por meio de lista para quem podia participar dos eventos) e aqueles simpatizantes do NS, excluindo-os por irem contra aos valores do grupo que eram: Metal não é cristão e nem compactua com neonazismo/políticas conservadoras extremas no underground[16]. A distância e até mesmo indiferença social com todos que saem do grupo ou

[16] Categoria denunciativa do grupo para aquelas bandas que se trasvestem do subgênero war Metal ou Black Metal para destilarem ideais associada a extrema direita, os Headbangers chamam essas de "banda nazi" (Sena, 2019).

eram provenientes desses outros grupos, demonstravam a tensão social em suas relações.

A classificação de não pertencimento ao outro de "poser" era uma forma de manutenção das relações e poder dos Headbangers para manter sua imagem adequadamente. Com base no contexto atual dos últimos anos, a marginalização imputada pela sociedade aos Headbangers e a tentativa de sua cristianização por outros grupos, tenta deslegitimar a imagem deles e desconstruí-los. Mas o grupo se preservou e conquistou condições de se manter ao longo do tempo e excluir aqueles desconsiderados de suas relações e de seus espaços de prestígios. Porém, isso não era recebido de forma harmónica pelos outros grupos citados, esses tentaram se organizar para promover eventos e para tentar se aproximar desses espaços.

Para a análise desse grupo e sua compreensão acerca dessa pesquisa, permitiu identificar nesse espaço campinenses uma dimensão mais ampla do "desvio" operantes a partir da realidade instituída. De que forma, o grupo realiza o exercício de distanciamento da sociedade e dos simpatizantes do White Metal e nazi, ele faz isso como mecanismo de construção, manutenção e fortalecimento da unidade, o que produz uma capacidade maior de resistência para resistir. O leitor conhecerá quais aspectos estruturam a ordem da interação e seus aspectos elementais desse grupo.

A pesquisa sobre a cena underground de Campina Grande revelou que o grupo de Headbangers não apresenta desvio apenas por questões de classe, trabalho, gênero ou origem étnico-racial. O desvio também se manifesta em relação à política conservadora por atribuir tal rotulo desviante a diferença, à religião cristã dominante e à não adoção de práticas hegemônicas, conforme apontado pelos próprios integrantes da cena[17]. Diante desse contexto, os Headbangers se posicionam de forma crítica em relação a três grupos específicos: os moralistas da sociedade, os National Socialists (NS), associados a pautas de extrema direita, e os White Metals, que buscavam cristianizar a cena Headbanger. Observou-se ainda que, embora poucos White Metals apresentem uma visão democrática, eles mantêm uma postura de catequização da diferença.

Para os Headbangers experientes, mais antigos na cena e que se conheciam de longa

[17] A politização do indivíduo como ameaça torna-se uma questão problemática para os conservadores, especialmente porque, em determinados grupos como Headbangers, punks e Hardcores, há uma socialização de posturas críticas em relação ao contexto vivido. Se, nos espaços de atuação desses grupos, os indivíduos têm acesso a um conhecimento que não seria acessível ou acessado em outros contextos, tais indivíduos passam a ser compreendidos como uma ameaça justamente por serem vistos como potenciais quebradores das regras estabelecidas. Há ainda uma politização da estética, no sentido de que, para utilizar determinados adornos, é necessário estar alinhado ao que é compartilhado entre os pares. Muitos Headbangers, seja na internet ou em conversas nos shows, ressaltam que "quem não entendeu antes que o metal era crítico, está entendendo agora", sobretudo ao observar os posicionamentos assumidos por músicos, como foi o caso da banda Violator, de Thrash metal de São Paulo ao criticar o ex-presidente Bolsonaro; como foi também o caso das bandas campinenses: Korvak e Venomous Breath já se afirmaram nos shows como antifascistas. Se há atribuição de desvio aos Headbangers, eles politizam o desvio como resposta à sociedade.

data, criaram objetiva e subjetivamente práticas sociais que formavam um estilo de vida orgulhoso Headbanger de ser. Quando algum indivíduo desconhecido ou iniciante ingressava no seu pedaço, eles olhavam de forma paradoxal para esses, pois, por um lado, eles entendem que a renovação ou ingresso de novos membros era benéfico e por outro lado, a entrada de indivíduos novos podia ser tratada com indiferença já que não se conhece profundamente com quem interage. Para esses Headbangers, o apreço aos membros e a integração estava relacionado a prática social estabelecida, alguns quando falam disso, afirmam que era a história ou tradição de como o Metal era realizado e vivido; eles preservam isso porque tem valor e não pode ser manchado com impurezas externas; eles boicotam shows de indivíduos envolvidos com tais temas citados, insultam e criticam tais posturas para proteger sua identificação social e realcem sua diferença que não se compara com esses outros.

Mas essas práticas estavam relacionadas a dimensão emocional da identificação social Headbanger por isso os membros agiam dessa forma em oposição aos desonrosos, desconsiderados e outsiders. O efeito que o descompromisso causa na identificação dos Headbangers corresponde a sua diferença para com aqueles que tentam desvirtuar seus valores, consolidando uma sociedade imaginada e de tradição inventada, se distancie dos outsiders. Se trata tradição como proposto pelos Anderson, (2008) e Hobsbawn (1997), práticas que são criadas projetando uma solidez e uma antiguidade que se deseja enquanto real. Observou-se em campo, com regularidades os efeitos da não realização dessas práticas nas emoções dos membros insiders. Apesar da onda conservadora ter atribuído relevância pública para grupos conservadores e extremistas de sua ala e a socialização da música Heavy Metal pelas mídias digitais tenha se espalhado ou melhor se tornado acessível para aqueles que desejarem conhecer sobre esse estilo de música, os Headbangers desse pedaço realçam sua diferença, sua distância e persistente resistência para com membros vinculados a postura políticas e religiosas conservadoras – devido a essas transformações sociais, alguns membros comungam da premissa de se fazer um underground mais clandestino/exclusivo para se evitar contato. Desse modo, torna-se observável situação social dos Headbanger e a persistência em resistir as diversas pressões sociais que sofre e resolve se preservar aos “iguais”.

Percurso e método de pesquisa

Nasci em 1992, recordo de minha infância ser musical, meus pais, meus irmãos e irmãs mais velhos se envolviam com música, sejam danças ou apreciando as canções de bandas nacionais ou internacionais. Em meados dos anos 2000, fui apresentado ao mundo do

rock/Metal pelo meu irmão, parente esse que já tinha sido influenciado pela irmã a escutar essa música que depois viria a se convencionar "clássicos do rock". Essa irmã escutava desde bandas como Scorpion até Black Sabbath, ela me contava com alegria e entusiasmos as bandas que escutava quando era mais jovem. Escutar o rock/Metal naquele momento fez com que os irmãos fossem se habituando a música e adquirindo simpatia pela música, o que mais se tornaria um estilo de vida para mim.

Passei longos anos escutando essa música pelo gosto musical da minha irmã, bandas como: Deep Purple, Black Sabbath, Foreign, Beatles e outras bandas, mas só com onze para doze anos, passei a escutar e me interessar profundamente pela música. Apôs meu irmão me apresentar esse tipo de música comecei a pesquisar sobre bandas, mesmo que sem nenhum conhecimento, o que me permitiu ir além das bandas do mainstream como Bon Jovi, Whitesnake, Skid Row e Guns `n` Rroses e conhecer outras bandas que não apareciam tanto nas paradas de sucesso da indústria cultural (Adorno,1985).

Ao ingressar na escola em meados dos anos 2004, conheci um grupo de jovens adolescentes que se vestiam e "curtiam" rock e Metal. Com esses jovens criou-se laços sociais com que aprendi sobre o subgênero musical, eles me emprestavam cds, dvds e revistas nacionais – os fanzines[18], só conheci a posteriori de iniciado no grupo – em que conheci bandas como Linkin Park, Evanescence, Korn, Mudvayne, Trivium e outras. Estas bandas me causaram estranhamento quando me foram apresentadas, pois eram diferentes das bandas que escutava, as apresentações e estética das bandas mudavam e causavam receio devido a sociedade associar essas bandas a maldade/satanismo e por ter recebido uma educação cristã como acontecia com a maioria dos jovens. Ainda nesse momento, recordo de colegas da escola contarem que os "roqueiros" tinham pacto com o diabo e que eu não deveria me aproximar desse estilo musical, como também dos seus praticantes.

Mas isso não se sustentou por muito tempo, porque a vontade de conhecer mais se apresentava de forma renovada, o que me deu mais vontade para pesquisar e me identificar com eles de tal forma que quando no ensino fundamental, na disciplina de Artes, a professora havia solicitado uma atividade sobre o que cada um gostaria de apresentar à turma, eu apresentei a banda Sepultura gostava para apresentar a turma e assim, eu apresentei a banda Sepultura e elaborei questões para os colegas acerca da banda. Com esses amigos de escola, descobri que havia toda sexta-feira, na Praça da Bandeira, centro de Campina Grande, apresentações de bandas de rock e Metal, que reunia vários estudantes e simpatizantes da música na praça

[18] O fanzine é um mecanismo importante na divulgação da cena como: Deliver zine (dois volumes), Lucifer Venerabilis, Black Metal Pride zine, Mortífera Mag.

(Santos, 2021). Eu saía com eles da escola no final do turno da sexta-feira e se eles fossem liberados mais cedo era muito animador, pois se podia passar mais tempo na praça.

Naquele momento, os recursos financeiros não eram abundantes, mas isso não era problema, pois era feita a caminhada do bairro da Liberdade até o Centro de Campina Grande, *percurso* que durava aproximadamente quarenta minutos, regados por muita conversa sobre Metal e amizade (Magnani, 2005). Essa caminhada era feita por meninas e meninos, todos adolescentes, que iam desbravando e conhecendo outros espaços da cidade coletivamente e sem instrução de um adulto. A caminhada só era realizada quando se saía da escola e todos que participavam desse pequeno grupo de rockers-colegial estivesse completo, aguardava-se até o último aluno roqueiro sair da aula para começar a jornada.

Na Praça da Bandeira e na Praça Clementino Procópio (a famosa praça dos Hippies), conheci outras pessoas que se tornaram amigas que moravam na zona oeste da cidade. Todos eles tinham uma predileção por um instrumento musical tais como, guitarra, bateria ou contrabaixo. Eles tinham uma banda de Thrash Metal, com proposta de fazer música de protesto, música de protesto contra as injustiças sociais que são visíveis na realidade. Ao frequentar a Praça dos hippies com assiduidade, comecei a demonstrar interesse em aprender a tocar um instrumento e um dos amigos se disponibilizou a me ensinar. O que resultou num aprendizado de alguns meses e que fui chamado a acompanhar a banda do agora colega, durante os ensaios para aprender como se aplica o que havia aprendido na prática. Assim, por aproximadamente quatro anos, acompanhei os amigos da Praça e depois formamos uma nova banda, e que nos levou a tocar tanto na nossa cidade como também em outras localidades próximas. Infelizmente a nossa banda não sobreviveu por conta dos desafios postos para muitos de seus participantes, envolvidos com o mundo do trabalho, que tem horários e exigências que nem sempre se adequam as exigências da música. Passado alguns anos me deparei com uma chamada em uma página do FaceBook em que se procurava um vocalista no estilo Death Metal. Entrei em contato, fiz o teste e passei e me integrei à banda. Porém, a banda teve a vida abreviada por conta de um de seus fundadores ter se mudado para viver em outra cidade.

Esse foi o mesmo período em que ingressei na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), especificamente, no curso de Ciências Sociais em 2013. Em meados de 2015, comecei a pensar sobre o que estudar para produzir a monografia de final de curso e constantemente pensava em realizar a pesquisa sobre os Headbangers, pensei que os Headbangers seriam uma possibilidade e com apoio do professor e orientador José Gabriel Corrêa naquele momento, fui analisar um grupo musical diferente do Heavy Metal na cidade para obter uma experiência fora do Metal. Então, acompanhei as apresentações de chorinho na cidade como o grupo de Duduta

e seu regional e Baú do chorinho. Como se tratava de um exercício de pesquisa, consegui acompanhar esses grupos algumas vezes, por meio do contato realizado pelo orientador, pude assistir à apresentação de um ensaio ocorrido num domingo na casa do Seu Duduta no bairro da Bela Vista. Naquele domingo, ficou marcante as trocas de olhares entre os músicos marcando início, meio e fim das canções como o conhecimento musical que era preciso para tocar criativamente as músicas[19].

Dessa forma, reconheci a relevância de estudar o grupo de Heavy Metal da cidade e elaborar uma monografia a respeito do tema, além de considerar o esforço de pesquisa bibliográfica que tem sido desenvolvido ao longo dos anos. Desde esse momento, venho participando dos shows de Heavy Metal na cidade e acompanhando os músicos em shows fora da cidade por meio de excursões a festivais e shows undergrounds em João Pessoa-PB e Recife-PE. Nesta atividade de pesquisa já frequentei mais de uma centena de shows e acumulei mais mil anotações acerca do grupo no caderno de campo provenientes de conversas informais e observação participante. Deve-se considerar ainda que, durante a pandemia, as pesquisas de campo no modelo tradicional foram paralisadas, uma vez que não era possível haver aglomerações ou qualquer tipo de concentração em espaços públicos. Com isso, o grupo não realizou eventos nesse período e, por essa razão, os números da pesquisa não aumentaram significativamente.

Figura 2. primeiro show "pós-pandemia".

[19] A sala em que ocorria o ensaio ficava aos fundos da casa de Seu Duduta, a sala era adornada com fotos com outros músicos saudosos e que já havia falecido como havia vários instrumentos musicais de corda disponíveis para quem desejasse acompanhar o repertório como era usado pelos músicos que tivessem algum problema em seus instrumentos. A casa também servia de *luteria* - Luteria é considerada uma arte de reformar ou reparar instrumentos de cordas como violão, violino, bandolim, guitarra e contrabaixo (Almeida, 2012) – para diversos músicos da cidade, alguns músicos comentaram que os músicos de forró da cidade sempre passavam por lá para conversar ou trocar peças ou otimizar seus instrumentos. A casa de Seu Duduta reunia músicos como pessoas de várias partes da cidade que iam para lá assistir aos ensaios. Seu Duduta além de permitir que as pessoas entrassem, ele oferecia os instrumentos para os recém-chegados como cafezinho a sua pequena audiência dominical.

Fonte: arquivo próprio, 2022.

Os nomes dos entrevistados Headbangers que foram contatados e apresentado aqui são fictícios, cujo o intuito é preservar a identificação dos interagentes com a pesquisa. Com ~~os~~ esses membros aprendi como era difícil ser Headbanger na cidade de Campina Grande, eles relatavam casos de perseguição, má educação, grosserias e até ameaças de violência física para com eles na cidade. Mas aprendi que parte do que constitui a identificação Headbanger era a vontade de fazer a cena existir e contribuir para que outros jovens pudessem acessar os espaços disponíveis como de receber outros Headbangers seja como músicos ou não músicos de forma adequada e honrada. Foi nesse grupo que desenvolvi o gosto musical pelo Metal underground e aprendi inglês, a tocar guitarra e bateria, mesmo que o básico, e provisoriamente, antes de formar uma banda. Quando informados de que eu era estudante e pesquisador da área, alguns participantes com os quais dialoguei não apenas se mostraram receptivos ao estudo, mas também levantaram questões pertinentes, como o conservadorismo no Heavy Metal, enfatizando a relevância de analisar esse fenômeno social.

Quadro 1. Lista de interlocutores de pesquisa.

	Nome	Idade	função	Ocupação	Zona
1	Ananias	33	Músico/produtor	Turismo	Oeste
2	Adriano*	35	Audiência	Autônomo	Leste
3	Ailton	35	Músico	Autônomo	Oeste
4	Alexander	45	Músico	Professor de humanas	Oeste
5	Ana	33	Musicista	Profissional da saúde	Oeste
6	Antônio*	39	Audiência	Autônomo	Oeste
7	Berg	33	Audiência	Estudante	Oeste
8	Beto	35	Músico	Operador de máquina	Oeste
9	Breno	25	Audiência	Atendente	Sul
10	Bruno	40	Músico	Vendedor	Sul
11	Célia	33	Audiência	Estudante	Oeste
12	Charles	36	Músico	Estudante	Sul
13	Danilo	40	produtor	Autônomo	Sul
14	Davidson*	28	Músico	Estudante	Oeste
15	Erval	28	Audiência	Estudante	Sul
16	Esteves*	33	Músico	Estudante	Sul
17	Eurípides	34	Audiência	Profissional de T.I	Sul
18	Fábio*	35	Músico	Profissional de T.I	Oeste
19	Felipe*	30	Audiência	Atendente	Norte
20	Fernando	40	Audiência	Professor de humanas	Oeste
21	Frederico	28	Músico	Estudante	Oeste
22	Germano	40	Músico	Professor de humanas	Oeste
23	Gisele	30	Audiência	Urbanismo	Oeste
24	Givanildo	33	Músico	Professor de humanas	Oeste
25	Josué	32	Audiência	Autônomo	Norte
26	Juan*	22	Audiência	Telecomunicação	Leste
27	Leandro	37	Audiência	Motorista de apps	Oeste
28	Lionel	35	Audiência	Atendente	Sul
29	Marcelo*	29	Audiência	Aposentado	Sul
30	Manuel	45	Músico/produtor	Autônomo	Norte
31	Marcos*	30	Audiência	Aposentado	Sul
32	Nataniel	28	Músico	Estudante	Oeste
33	Oliveira*	36	Produtor	Professor de humanas	Oeste
34	Pereira	40	Músico	Atendente	Oeste
35	Roberto	33	Audiência	Personal trainner	Sul
36	Sebastião	45	Audiência	Mecânico	Oeste
37	Suenio*	38	Músico	Professor de exatas	Oeste
38	Vicente	32	Músico	Comunicação	Sul
39	Vinícius	38	Audiência	Autônomo	Leste

* Essas foram as pessoas contatadas durante a pesquisa de maneira formal e informal em termos metodológicos, por meio de conversas informais e formais com questões previamente planejadas. Aqueles indivíduos que aparecem com a marcação de asterisco foram os que se predispuseram a falar e contribuir com a pesquisa sobre a cena local. Esse número poderia ser maior, porém, alguns adeptos alegaram falta de tempo devido ao trabalho ou outra circunstância do cotidiano que os impossibilitava de concederem a entrevista. Utilizou-se ainda pseudónimos para manter a privacidade de alguns adeptos (tendo uma objeção acerca do uso) que assim se acharam confortáveis para falar sobre temas do grupo e sua vida. Cabe destacar que a maioria com que contatei em pesquisa eram de classe média e baixa (o que permite a alguns caminhar por certos espaços (como shows, equipamentos e redes profissionais) e outros não), outro fato importante para realçar é que a maioria dos Headbanger tem mais de um papel além de ser participante, ora estão no papel de músico, ora no de produtor ou mesmo no de fanzine.

Fonte: elaboração o própria, 2025.

A pesquisa também enfrentou desafios metodológicos. Um deles foi a dificuldade em

consolidar a agenda de entrevistas com alguns membros. Certos participantes que inicialmente se dispuseram a contribuir posteriormente evitaram contato, enquanto outros cancelaram os compromissos marcados poucos dias antes da realização. Muitos membros preferiram ser entrevistados sem o aparelho de gravação, outros membros não se importaram e permitiram a gravação. Em campo, tive uma experiência diferente nos encontros dos shows, pois dois membros músicos do grupo de longa data demonstraram certo desagrado com minha presença em seu pedaço. Fui informado que esses dois rapazes tinham inveja de como me portava nos shows, especialmente, pelo fato de ser uma pessoa, alta, branca, ter cabelo longo e ser frequentador dos espaços assiduamente.

O fato de ser pesquisador e membro não inibia a possibilidade de ser olhado e analisado pelos membros que ali já se faziam presente e em posições de destaque como dos rapazes mencionados. Tal fato também se relaciona a necessidade de o grupo controlar sua imagem e não permitir que seja manchada, não é à toa que vários membros do grupo que ingressam nas universidades, escolhem pesquisar sobre sua identificação social, apresentam o ponto de vista de seu grupo fielmente. Como afirma Goffman (2011, p,90) "por isso é importante ver que o Self é, uma coisa cerimonial, um objeto sagrado que precisa ser tratado com o cuidado ritual" para que outros pesquisadores não desvirtuem a imagem estabelecida. Essa atividade que os membros fazem sobre ser Headbanger era uma espécie de controle que não há um limite claro, o controle vai além e molda a percepção de agir, pensar e sentir dos membros por meio da persecução de comportamento e atitudes para com o grupo.

O campo de estudo sobre o Heavy Metal não é vasto como outros "objetos de pesquisa sagrados" das Ciências Sociais são no Brasil. A partir da pesquisa, verificou-se que há uma maior produção de monografias, dissertações e teses sobre esse tema no exterior. Mas isso, revelou que em comparação ao Brasil, o exterior tem um campo amplo de investigações sobre Heavy Metal, desde análises de uso de língua vernacular em diferentes localizações no oriente e ocidente (Riita, 2021), perspectiva folclórica (Green, 2010), perspectivas decoloniais (Thibodeau, 2014), perspectivas de violência (Pack, 2018), perspectivas de gênero (Vasan, 2010; 2011; Jasmine, 2020; Fridh, 2010), perspectivas orientais (Hecker, 2012) e outras. Além dessas investigações, destacam-se aquelas que contribuíram de maneira substancial para o desenvolvimento desta tese.

Irapuan (2010) desenvolve sua pesquisa em Fortaleza com dois grupos sociais, roqueiros no qual ele inclui os "Headbangers", roqueiros e os alternativos (os Indie Rock e Emo) dessa cidade. O autor faz inicialmente uma análise do que é ser roqueiro, o código de conduta, a transformação do indivíduo no roque e desenvolvimento de amizades, paqueras e

tensões por meio da música. A pesquisa de Irapuan contribui no sentido em que ele traz alguns elementos da identificação Headbanger, mas que precisam ser explorados em profundidade – o autor não funda sua pesquisa na análise dos Headbangers, esses são recuperados como parte de sua tríade (alternativos, roqueiros e Headbangers) – o autor recupera aspectos que podem apoiar a pesquisa. Isso se mostra especialmente relevante para refletir sobre a figura do indivíduo como *outsider* social, bem como suas respectivas críticas e atos de rebeldia direcionados ao sistema.

Esses são alguns elementos que fazem parte da pesquisa realizada pelo autor, no entanto, o mesmo está realizando isso borrando as barreiras entre o que é rock e Heavy Metal, por isso minha pesquisa privilegiando o grupo de Headbanger pode aprofundar a discussão do Headbanger na sociedade. A presente pesquisa ainda realiza uma análise dos espaços de ocupação na cidade pelo grupo mencionado mediante dados de cunho histórico, e trata da cena Headbanger organizada e underground. Já o autor além da antropologia urbana que ele faz, ele procura mencionar a tensão entre os grupos urbanos e a rebeldia dos roqueiros para com o sistema e a religião e por isso eles procuram se fecharem, e serem leal ao estilo de vida, não deixando aqueles "não bem-vindos" fora de seus espaços de interação e com isso eles fazem de certa forma resistência na cidade.

A pesquisa de Lopes (2006) versa sobre a perspectiva urbana desse grupo, buscando entender como os *Headbangers* se organizam nos espaços da cidade do Rio de Janeiro. A partir da realidade do Rio de Janeiro-RJ, o autor investiga de que forma a dessacralização dos símbolos religiosos, em especial, do cristianismo, afeta a recepção e desenvolvimento do Heavy Metal enquanto um gênero musical popular. A pesquisa demonstra que mesmo esse sendo um estilo de vida e difundido pela globalização, o Heavy Metal não "é popular" na sociedade abrangente devido seu caráter crítico. Para isso, evidencia-se os espaços urbanos em que o Heavy Metal se realiza e se reproduz artisticamente, isto é, a pesquisa investiga o mundo artístico da cena underground do Rio de Janeiro, cena esta que existe desde os anos 1980. A pesquisa apresenta que nesse locus há uma associação negativa quando se enuncia a predileção pelo Heavy Metal, esse género musical está associado a termos como maldade, trevas e escuridão. Verifica-se que mesmo aqueles com maior capital cultural, em tese aptos a uma leitura crítica do gênero, acabam por reiterar a imagem marginal e pejorativa associada ao Heavy Metal.

Mesmo a cena underground do Rio de Janeiro recebendo bandas internacionais em casa de shows de renome a discriminação prevalecia. O autor afirma que a autoridade religiosa cristã na cidade tem o poder de proibir a utilização de símbolos religiosos em carnavais ou em

exposições artísticas, isto é, a cidade não recepciona tal atividade musical e social do Metal. Para Lopes, o Heavy Metal é um campo de pesquisa interessante e com isso ele investiga os espaços underground de shows na cidade para construir o campo artístico dessa cena musical. É nesse espaço em que os músicos se tornam profissionais e divulgam suas artes (músicas), fazem shows e conseguem sustentar suas carreiras no underground – essa é uma realidade de trabalho em que poucos conseguem receber dinheiro por suas apresentações como aparece na pesquisa feita por Moraes (2014) e Campoy (2006). Agregando a perspectiva de Lopes, a nossa análise recupera o cotidiano dos membros pela visão deles, trazendo a experiência de cada membro para análise, isto é, na forma que os membros atribuem ao Metal.

O estudo de Tobias (2019) realizado a partir de Pernambuco e Rio Grande do Norte, trata-se de uma pesquisa topológica sobre a experiência de ser Headbanger mediante os espaços de lazer como os bares. Tobias faz uma análise sobre os bares e os frequentadores, para isso, o autor visa construir um diagnóstico da cena local e sob uma perspectiva decolonial (trata-se de uma perspectiva que busca explicar as práticas dos participantes da cena a partir de seus próprios caracteres locais, distanciando-se da visão introjetada pelos meios de comunicação de massa) da cena. O autor identifica que, nesses bares, os Headbangers imprimem uma dinâmica própria ao espaço, estruturando as relações de aceitação, reconhecimento e comportamento entre os frequentadores e, desse modo, agenciando suas interações. Além disso, é apresentado ao leitor como as interações ocorrem nesses espaços e a proximidade de clientes com os donos. O bar realiza a função social de integração dos membros como para realização de confraternização, organização de eventos, local de encontro, lugar de confiança e respeito a irmandade, trocar informações e planejar atividades do grupo. A pesquisa mostra ainda como os membros acessam esses locais marcados por diferenças sociais, especialmente, em cidades com forte presença conservadora como Mossoró-RN e pelo estigma de locais de "criminalidade", violência e ponto de drogas.

A pesquisa de Tobias contribui para pensar os espaços urbanos e introduzir um contexto espacial a pesquisa, assim como os Headbangers carecem de espaços para se reunir na cidade de Recife ou Mossoró. Em Campina Grande não é diferente, notadamente, pelo fato de a cidade ser cada vez mais fechada a diversidade cultural e social. Apesar dos avanços observados no que trata de preconceito com as diferenças, ainda na pesquisa desse autor nota-se os processos de distanciamento de outras diferenças para com mulheres desacompanhadas e LGBTQIA+, pautado em posturas machistas e homofóbicas nesses espaços, claro que isso não é uma máxima, mas fica registrado na pesquisa. Com isso, pode-se investigar quem são as pessoas que frequentam os espaços dos shows e como elas são recepcionadas. Em outras palavras,

busca-se compreender como outros indivíduos considerados desviantes são acolhidos pelos próprios outsiders que constituem aquele espaço interacional. De modo significativo, a pesquisa de Tobias como Irapuan que mostram que esses espaços se constituem enquanto espaços que permitem resistência e permanência do grupo e que desenvolvemos na presente pesquisa.

A pesquisa de Messias (2013) traz para o debate elementos de valores morais para análise, a partir da cena em Natal-RN. A autora caracteriza, assim como em outras pesquisas, o Metal como marginal e estigmatizado na sociedade, ao modo, que ela revela também que se o grupo de Metal no seu contexto está vivo é porque este resiste aos momentos sociais, isto é, pensar o Metal enquanto ética. O texto destaca ainda que os membros dedicam um verdadeiro culto às camisetas de bandas. Ao vesti-las, o indivíduo assume e performa um conjunto de posturas que simbolizam seu pertencimento ao grupo e que funcionam como capital social em suas interações. Como observado em outras pesquisas, esse comportamento de vestir camisa do grupo, imprimi uma visão de mundo ética que posiciona os membros contra a "cristianização" do gênero musical. Sendo essa postura um movimento empreendido tanto por bandas internacionais quanto locais, ao mesmo tempo em que os leva a reproduzir críticas às instituições sociais estabelecidas.

Entretanto, para a pesquisadora, o Metal não se resume a uma crítica social; ele funciona também como terapia sonora aos ouvidos. Ela sustenta que, dentro da comunidade, os membros frequentemente "prescrevem" músicas uns aos outros com um objetivo preciso: induzir determinadas posturas e ajustar o estado mental de quem as escuta. Esse processo de escuta guiada é compreendido como um mecanismo de evolução individual e grupal, favorecendo, o crescimento do indivíduo como membro do grupo e como pessoa. A pesquisa de Messias pode contribuir para pensar questões morais e éticas do grupo e o processo de mudança de personalidade daqueles que se inserem e se tornam membros. A nossa pesquisa visa trazer essas questões morais e éticas para refletir acerca da identificação política em contraponto a sociedade.

Por fim, a pesquisa de Campoy (2008) que trata do underground de Metal no Brasil, investigando temas como composição, audição, apresentação e organização dos modos de comunicação dessa música na cena underground em suas dimensões espaciais e simbólicas. Campoy destaca em seu trabalho que na cena os membros contribuem, produzem e redistribuem suas artes (apresentações, música, indumentárias e revistas) o que permite existir nesses espaços, trocas (dependendo da situação económica do produtor do show, ele pode pagar as bandas com hospedagem, divulgação, alimentação e promoção de shows) ao estilo maussiano

que apoia que permite a divulgação e permanência da cena (Moraes, 2014).

O pesquisador assegura que o dinheiro não constitui um fim em si, pois a troca no underground tem uma alienação diferente, isto é, as trocas estão inseridas uma circulação comunal e sua produção e distribuição, no caso de um fanzine, continua com o seu produtor. Ele afirma ainda que nem o produtor e nem comprador do fanzine almejando o lucro, mas há no underground uma predileção ao respeito do que se produz no meio, porque essas trocas sustentam a cena. Essa é a lógica do underground, espaço no qual o respeito ao que se produz e faz pelo grupo se tem um valor espiritual (mana), respeito e liberdade aos desejam comungar desse espaço social. Campoy afirma que esse espaço promove éticas e moralidade por meio da criação, audição e apresentação das músicas, que tornam o underground um sistema de trocas ideológico, trata-se de promover o verdadeiro espírito do underground, mas para se tornar possuidor desse espirito demanda tempo, estabelecer relações de confiança, se mostrar merecedor e realizar negociações no campo. Esta pesquisa incorpora as contribuições de estudos anteriores e aprofunda especificamente a análise da interação social nos espaços de encontro dos shows, explorando as carreiras morais "desviantes" de seus participantes. Essas dimensões têm sido negligenciadas nos estudos sobre o Heavy Metal, de modo que este trabalho inaugura um olhar sistemático sobre a vida cotidiana dos que integram esse meio. O foco recai, assim, sobre os indivíduos comprometidos com o que é considerado a razão de ser "verdadeira" do underground, em oposição, as perspectivas daqueles que não participam dessa mesma bandeira crítica.

Recupero essas dimensões da teoria do desvio para preencher uma lacuna significativa na literatura acadêmica sobre Heavy Metal: a escassez de trabalhos que investiguem como os Headbangers se situam e vivenciam um contexto marcado tanto por transformações sociais amplas quanto por um alinhamento da sociedade com pautas conservadoras. Investigo este tema com um duplo objetivo. Primeiro, contribuir para os estudos sociológicos do desvio, partindo da etnografia de que os membros se compreendem como outsiders em razão do tratamento social que recebem. Segundo, participar do debate contemporâneo sobre o Heavy Metal, gênero frequentemente associado a uma virada conservadora. Esta tese busca demonstrar que ela não é uma máxima em todas as cenas. A cena da Paraíba constitui uma oposição empírica crucial a essa perspectiva. Conforme atestam a literatura histórica e pesquisas recentes, a cena local busca manter seu status tradicional de crítica ao establishment[20]. Bandas em Campina Grande e João Pessoa têm se posicionado

[20] Com essa categoria estou me referindo ao que está estabelecido próximo da proposta elisiana, convencionado como verdadeiro modo de viver conforme os valores vigentes morais, religiosos e políticos.

publicamente contra o revival conservador, reafirmando que a posição histórica da cena é de oposição a essas ideias – ou seja, elas possuem uma tradição crítica e querem preservar. Por fim, as experiências de vida desses indivíduos, analisadas ao longo da tese, ilustram como eles ressignificam continuamente os espaços de crítica e sua própria compreensão da realidade ao longo do tempo, como se verá no decorre da tese.

A tese está dividida em quatro capítulos organizados da seguinte maneira, a saber: o primeiro capítulo, abordará as relações sociais e as experiências, percepções dos membros acerca de suas identificações, a produção de unidade; o campo artístico dos músicos Headbangers e seus desafios na cena. O segundo capítulo, tratará de como os Headbangers sabem dos desvios ocorridos no grupo e manchas produzidas pelo contato com outros desviantes; contempla ainda, os espaços sociais em que os músicos e audiência participam; como os Headbangers se protegem e evitam a produção de tensão no grupo. O terceiro capítulo, discutirá experiências de unidade e fragmentação no grupo, operacionalidade dos membros e como eles se opõem a sociedade, se tornando uma identificação política, o que lhes permite continuar existindo na urbe e superando as pressões sociais. O quarto capítulo, versará aproximando aspectos de desviantes, transformativos da identificação social e como os desvios eram tratados pelos membros e apresentará variações de comportamento identificadas no campo de pesquisa com a estrutura social.

Portanto, nessa tese a carreira moral dos desviantes Headbangers, analisando o que torna o grupo distinto de outras identificações sociais. A tese se concentra na forma como esses indivíduos considerados marginais na cidade resistem e mantêm a identificação num contexto marcado pelo conservadorismo político e religioso. Na análise que se segue, aborda-se processos de alinhamento e realinhamento, permitindo acesso aos membros e impedindo acesso aos desconsiderados ao grupo. Por fim, como os encontros dos Headbangers na urbe mudam esses processos de ser membro e suas negociações interativas.

CAPÍTULO 01: AS IDENTIFICAÇÕES SOCIAIS

i. Identificações e limitações.

Diversos relatos de membros associados ao Heavy Metal, destacaram que sua identificação causava desconforto nas interações cotidianas, eles se referiam aos aspectos estéticos e morais associados ao estilo de vida Headbanger. Nos relatos que serão apresentados, havia provocações e animosidades que destacavam como o estilo de vida não era bem aceito nas interações urbanas, sendo visto como poluidora à moral dominante e algo que deveria ser combatido nos espaços sociais da cidade. No contexto em que os Headbangers estão inseridos na cidade de Campina Grande, a identificação com o Heavy Metal se mostrou desfavorável, tornando-se um exemplo a não ser seguido devido à postura "pecaminosa" e "demoníaca" associada ao grupo.

No entanto, a identificação, nesse campo de pesquisa, surge como motivo de orgulho, contrastando com a lógica que reprime e oprime esse estilo de vida. O termo Headbanger era usado para afirmar como os indivíduos se compreendem e enfrentam a sociedade campinense, ainda que reconheçam que seu estilo de vida não se alinha às expectativas sociais dominantes, sendo esse um fator preponderante na geração de sofrimento. Diversas pesquisas sobre o mundo underground do Heavy Metal não atentaram para as condições estruturais que sustentam e desafiam os Headbangers no cotidiano, nem trouxeram a pluralidade de experiências vivenciadas por seus membros como se verá neste capítulo. Assim, essa pesquisa adentrou nesse campo para apresentar lacunas do campo sobre o Heavy Metal e trazer elementos ainda não explorados da vida daqueles que produzem e constituem essa cena underground.

*

Todo grupo social que compõe a sociedade, mas não se torna dominante, está sujeito a ser classificado de forma positiva ou negativa, seja objetiva ou subjetivamente como demonstra a história das Ciências Sociais. O grupo dominante se torna representante da sociedade e passa a padronizar valores sociais, atribuindo aos outros grupos características vistas como "naturais" (Elias, 2001). Nos espaços de interação dos Headbangers, a classificação marginalizante imposta pela sociedade frequentemente aparece nos discursos dos membros, sejam eles músicos, audiência ou produtores de eventos underground. O contato prolongado de pesquisa com membros desse grupo urbano permitiu identificar que o relacionamento com os citadinos de Campina Grande era marcado por um tratamento diferenciado.

Nos relatos dos membros, identificam-se atributos imputados ao grupo que não correspondem à sua realidade, projetando uma essencialização sobre a identificação social[21] desses indivíduos. A marginalização ou o tratamento "diferenciado" que a sociedade impõe a grupos sociais distintos dos estabelecidos, ao longo do tempo, transforma termos (alijadores) usados para caracterizar esses indivíduos em normas sociais que impactam suas vidas.

Seja de forma objetiva ou subjetiva, consciente ou inconsciente, esse tratamento "diferenciado" é resultado das demandas padronizadas da sociedade em seus encontros com o "outro". Nesses encontros, os indivíduos da sociedade esperam um comportamento alinhado às normas socialmente estabelecidas. Assim, a expectativa por um comportamento específico geralmente não surge de acordos explícitos, mas se consolida ao longo do tempo pela ação coletiva dos indivíduos que compõem a sociedade. O caráter moral das avaliações do social aos membros parte de pressupostos daquilo que os Headbangers permitem de serem vistos/observados ou mesmo aquilo que o social projeta do que os membros do Heavy Metal representam. Os Headbangers, como se autointitulam, e os atributos sociais que apresentam refletem quem eles projetam ser são na vida social, já que existe um processo de construção e não uma imputação externa, enviesada e limitante.

Os relatos dos membros mostram que a moralidade vigente na cidade impõe limitações. Quando os Headbangers estão em copresença com citadinos, surgem gestos, comportamentos e discursos que evidenciam uma identificação social baseada em atributos diferentes do esperado, associando-os uma moral duvidosa ou negativa. Conforme os relatos dos membros, isso reduz o indivíduo a algum estereotipo externo ao grupo, que não condiz as práticas de convivência entre eles, coloca-os numa situação desfavorável na cidade – como se verá nos capítulos. Tal aspecto dos Headbangers foi analisado a partir do ponto de vista da carreira moral desviante, incluindo músicos, produtores e audiência dos shows de Heavy Metal de Campina Grande. Esses indivíduos eram descredibilizados em suas trajetórias de vida ao optarem por sustentar o estilo de vida Headbanger, mesmo que, em alguns contextos, isso fosse visto pelos próprios membros como uma desvantagem social – mesmo que isso não seja a realidade de vida dos membros.

Homens e mulheres que participam de shows de Heavy Metal underground na cidade, mesmo sem pertencer ao grupo, frequentemente percebem que os Headbangers não correspondem à imagem projetada pela sociedade como se apresentará abaixo. Ou seja, muitos

[21] Utiliza-se a categoria identificação social para designar reivindicações e possibilidades dos indivíduos terem simpatia ou desejos de manter afiliações sociais singulares, acerca da história e auto-entendimento diferenciado (Brubaker, 2000).

entendem que esses indivíduos não são perigosos ou de “baixa moral”. A convivência com o grupo desfaz essa visão limitante e os coloca em uma nova condição social. Aqueles que frequentam os shows na cidade, mesmo sem serem membros do grupo, entendem que os atributos imputados aos Headbangers refletem mais a construção de categorias sociais limitantes do que a realidade abrangente de suas vidas.

A carreira moral desviante dos indivíduos associados ao Heavy Metal revela os desafios de um estilo de vida visto como “descivilizado” ou descredibilizado pela sociedade, exigindo uma análise das interdependências de suas relações sociais. A interdependência entre os indivíduos destaca a importância de formarem grupos que resistem em figurações moldadas pelas situações em que estão inseridos e muitas vezes desfavorável para a continuidade da unidade. A identificação social com o estilo de vida Headbanger coloca o indivíduo em uma condição de amoralidade, enquanto o restante da sociedade é visto como “normal”, já que não possui atributos considerados negativos pelo establishment. No entanto, como esses atributos são sociais, eles podem ser contornados pelos indivíduos, conforme relata Suenio:

> Há alguns anos eu estava sem grana, estava precisando de dinheiro e inventei de ir procurar emprego na indústria de Campina Grande, lá perto do Distrito Industrial, eu fui e deixei alguns currículos por lá e depois de um tempo, recebi uma ligação de uma fábrica daquelas bandas. Eu não esperava receber ligação, já que uma parte da galera que trabalha por lá é a galera que necessita mesmo de um emprego e eu com curso superior de humanas (administração) não esperava ser chamado, mas tudo bem. Era um trabalho miserável, triste demais, dói só de pensar naquilo que passei, mas era necessário devido as condições financeiras daquele momento. Eu trabalhava na parte de produção de sandálias - adianto que não é a empresa que você esta pensando que eu trabalhei, é uma empresa “clandestina” e eu só descobri isso depois – eu chegava em casa cansado e não dava tempo de descansar. Eu fiquei lá por aproximadamente dois meses fazendo a parte de produção, era ruim demais, mas eu fui vendo que o pagamento estava atrasando muito e comecei a questionar aos trabalhadores se era normal e passei a demandar isso, comecei a chamar o pessoal para se reunir e ir cobrar do dono. Eu conversei com alguns funcionários lá e vi que tinha muito mais irregularidades, vi que pessoas não recebiam hora extra, vi que alguns trabalhavam em dias de folga e não eram compensados. E eu sempre comentei com eles, “vão cobrar, é direito de vocês”, eles viram que eu tinha conhecimento, que eu era “estudado” e disseram me “não dava nada por tu, tu magrinho e do rock assim... o que você esta fazendo nesta senzala, aqui é escravidão, cara, saí dessa você consegue coisa melhor que isso (risos) não deixe ninguém dos superiores saber que você tem estudo, caso contrário, eles vão pesar pro seu lado”, cara eu estava quase fazendo uma revolução na empresa (risos) (Suenio, entrevista, 2024).

Outro membro relata que, ao transitar pelo shopping da zona sul da cidade, era constantemente seguido por seguranças das lojas de roupas por estar vestido como Headbanger. A imagem que o indivíduo transmite ao vestir tais roupas causa estranhamento e receios, devido o grupo ser associado a maldade e pelos símbolos que as camisas estampadas transmitem;

> Eu já entrei em diversas lojas sem esta vestido com camisa de banda e poucas vezes fui seguido no shopping, mas basta eu me vestir da forma que gosto que a perseguição começa, parece que as camisas são um sensor de bandido, ladrão ou sei lá o que. Toda vez que ia ao shopping eu tinha que ficar olhando para os lados para ver se tinha alguns seguranças me seguindo, certa vez numa loja de livros de lá eu me abaixei na frente de uma prateleira de livros e sai do foco de visão do segurança, já que estava abaixado olhando os livros que estavam na fileira próximo do chão e do nada, o segurança aparece do nado ao meu lado, olhando se eu estava metendo alguma coisa (escodendo um livro no próprio corpo ou na mochila), eu continuei andando pela loja e continuei olhando os livros e toda vez o cara me acompanhava, no final eu comprei um livro e só faltou eu mostrar ao segurança que estava lá como cliente e não como ladrão, eu ainda questionei a atendente do caixa em que poderia deixar minha queixa sobre o ocorrido, constrangimento da porra, tem hora que é melhor não ir para esses cantos com camisa de banda (Esteves, entrevista, 2024).

Para Esteves, a indumentária Headbanger funciona como uma referência direta aos artistas reverenciados no meio. Em sua análise, esse código estético específico desencadeia uma perseguição por parte dos seguranças de lojas em shoppings, que interpretam as roupas como um sinal de potencial desvio. Trata-se, portanto, tanto da interpretação de Esteves quanto de sua experiência vivida naquele contexto. Outro interlocutor da pesquisa relatou sua experiência no exército brasileiro, onde ocultava o fato de escutar música pesada para evitar punições e ser disciplinado, já que a instituição não simpatizava com ideias transgressivas, como o ateísmo. Ele controlava sua apresentação para não ser enquadrado como "negativo" pelos outros soldados (Simmel, 1906)[22]. Para os membros do Heavy Metal, a música e o estilo de vida associado não representam uma ameaça à sociedade, nem um problema social que precise ser "tratado" ou "curado".

> Quando eu era guri tinha um sonho de participar do Exército, porque sempre achei massa lutar pelo país, pelos seus valores, pelo que foi construído por agente. Eu estava muito convencido de que isso seria massa para mim. Eu me inspirava muito nos filmes de guerra que passavam na TV e nas locadoras de filme do bairro, tudo aquilo me encantava demais, aquelas cenas de andar pela floresta e buscar os inimigos sempre mexeu com minha cabeça quando moleque, assim como o futebol, quem nunca sonhou em ser jogador e vestir a camisa da seleção e ser aclamado pelo povo brasileiro, assim como no ser do Exército, isso é muito honraria. Dessas vontades, eu

[22] Simmel (1906) destaca em sua sociologia que o segredo não é apenas sobre ocultar informação dos outros indivíduos, mas uma forma encontrada pelos indivíduos para dinamizar as interações e relações sociais. Quando os indivíduos escolhem ocultar as informações da vida social ampla, eles criam uma exclusividade, algo que é compartilhado só aos escolhidos. A ideia de guardar um segredo permite aos indivíduos numa determinada interação fortalecer os laços sociais de forma coesiva, mantendo a distância dos curiosos porque ocorre uma relação de confiança no compartilhamento do segredo e por isso não pode ser feito com qualquer um individuo. No contexto atual, em que a pesquisa se desenvolve, criou-se ao longo do tempo uma "mística" sobre os Headbangers como indivíduos diferentes, misteriosos e discretos, o que funciona como uma maneira deles se diferenciar da sociedade abrangente (Alexander, 1990). Diante da fluidez das dinâmicas urbanas, destaca para esses membros a importância de criar laços com seus pares, laços sociais que são atados para durar e permanecer não é atoa que eles atribuem em suas interações termos como irmão, guerreiros e outros.

> consegui ser apenas do Exército e servir temporariamente aqui na cidade mesmo, mas de toda forma isso já não era tão um desejo, sabe? Eu estava lá. eu acho importante servir quando se chega na idade certa para isso. De toda forma isso passou pela minha vida e deixou marcas na formação do meu caráter das coisas que sigo em vida, o tempo que passei lá me fez tomar outra postura. No entanto, nessa época já curtia Metal e eu não deixava isso claro para ninguém lá, porque assim como o ateísmo, é visto como algo inapropriado, principalmente, pelos superiores. E se eu falasse que era "rockeiro" eles podiam tirar sarro da minha cara ou querer me disciplinar com alguma atividade pesada, só para me lascar. Daí, enquanto estive por lá, deixei isso oculto, mas isso não impedia que eu não tentasse escutar algo ou me distrair com algum tipo de música que tocasse. A pessoa que é iniciada no Metal e que não pode escutar sua música é angustiante, mas eu não tô reclamando mesmo sobre isso, até porque quando eu estava em casa, nos dias de folga, eu conseguia escutar até não querer mais o meu Metal, era um prazer danado (Antônio, entrevista, 2024).

Antônio narra ter crescido com uma forte motivação para lutar[23] por algo, sentimento que encontrava eco e reforço nas letras do Metal. Sua experiência no exército materializou esse caráter e essa vontade de agir de acordo com o que considerava correto. No entanto, mesmo sendo um espaço que o transformou seu Self, ele percebeu que a instituição militar não era um ambiente onde podia expressar abertamente seu estilo de vida. Isso porque a instituição se alinhava a valores cristãos, gerando um conflito direto com sua identificação Headbanger. A carreira moral desviante dos membros do Heavy Metal underground revela uma relação tensa, na qual atributos e identificações desqualificadoras são projetados sobre eles, operando de forma interdependente na figuração analisada e gerando descredito.

É importante destacar dois pontos sobre a carreira moral desviante: primeiro, o Headbanger é considerado desviante a priori ou não é percebido como descredibilizado pelos outros ainda – podendo até ocorrer que o próprio membro ingressante no grupo desconheça a negatividade projetada sobre sua identificação. Isto é, momentos em que os Headbangers permitem e assumem sua identificação publicamente e momentos em que eles não se permitem e não mostram enquanto tais. Devido à dinâmica dos fenômenos sociais, os indivíduos podem vivenciar ou gerenciar ambos os momentos. No entanto, como observei em pesquisa, o individuo pode se apresentar ou controlar sua identificação em cada momento separadamente,

[23] Enunciados como militar, guerreiro, bélico, combate, guerra e luta são frequentemente mobilizados pela masculinidade dos Headbangers, ora para denunciar que estão sendo combatidos pela sociedade, ora para se reposicionar com coragem diante das questões impostas pelo social. Conforme demonstrou Sena (2019), ícones como esses foram apropriados pelo ultraconservadorismo para apresentar suas ideias em vários níveis de escalonamento, aspecto que corrobora a compreensão da escalada de políticas extremistas no Metal. Em minha visão, é justamente por meio da utilização dessa cultura icônica que temas ultraconservadores conseguem adentrar o Metal de forma sublimada, ou seja, o ultraconservadorismo utiliza-se desses ícones para falar a "língua do grupo" e introduzir suas ideias sem que pareçam extremistas, permitindo que sejam compartilhadas no interior da cena. De todo modo, é importante destacar que, em nível de underground, especialmente no contexto local, tais ideais não ganham força, porque os próprios músicos, como Davidson, afirmam que "nazi aqui não se cria", ou ainda que não tocam nem compactuam com tais visões de mundo, demonstrando assim uma resistência à onda ultraconservadora no Metal.

embora em algumas situações de pesquisa ambos podiam ser apresentados em conjunto.

Os Headbangers descrevem, em seus relatos, um processo constante de moralização de seu modo de ser por parte dos citadinos. Nessa moralização, elementos como tatuagens são lidos como abominações; seus corpos e atitudes são imputados de impureza moral, sendo enquadrados como pecaminosos, de "carne fraca", amorais ou de caráter duvidoso. Essa qualificação negativa é baseada no estereótipo midiáticos de "sexo, drogas e rock n' roll", que serve para justificar e difundir o preconceito. Há também críticas ao uso de imagens de deuses orientais e ocidentais, cultuados por alguns membros, e à visão deles como arruaceiros, vagabundos[24] ou esquisitos que ameaçam a família nuclear[25]. Segundo os membros, isso reflete como a sociedade compreende sua presença e suas formas de ser, de modo limitante, impedindo que recebam atenção ou estabeleçam uma interação diplomática. A moralização não permite que o membro se apresente com os atributos que escolheu para sua vida. O Headbanger possui, portanto, um desvio social – um traço que o torna inadequado em certas ocasiões quando se apresenta como tal. Há relatos no grupo de que, ao revelarem sua identificação como Headbangers, alguns citadinos não acreditam que alguém como um Headbanger possa ser "alguém" na sociedade, especialmente aqueles que ascenderam socialmente, aqueles poucos que ascenderam socialmente em profissão de médico[26].

A sociedade, na realidade, utiliza atitudes como as descritas anteriormente para imputar características específicas aos desviantes. Essas atitudes, que envolvem discriminação em diversas formas, eram comuns nos discursos dos membros. Mesmo que alguns indivíduos da sociedade tentem melhorar seu tratamento ou adotar uma postura mais diplomática[27] para reduzir o impacto discriminatório sobre os grupos urbanos, diferenças sutis no tratamento passam despercebidas e reforçam a discriminação, já que esses grupos não se encaixam no establishment. Acredita-se que o desviante não tenha uma história de vida congruente com a realidade como qualquer outro citadino e se baseando nisso

[24] Outro discurso do social que associa o estilo de vida e sua forma de se vestir aos pedintes e pessoas em situação de rua, portanto, como pessoas perigosas (Rui, 2012).
[25] Discurso esse propagado pelas mídias digitais, como evidenciado nos documentários de Sam Dunn, que mostram como o Heavy Metal foi recebido como uma ameaça à família e à ordem social devido às suas performances e posturas consideradas subversivas (Dunn, 2011; Caetano, 2016).
[26] A profissão de médico é bem valorizada e bem competitiva na sociedade campinense, o que atrai estudantes de vários estados do Brasil, em busca de prestígio proporcionado a carreira médica como seus benefícios econômicos.
[27] O artigo (ainda não publicado) intitulado "Mantendo a imagem nos shows: etnografando as relações sociais entre antagônicos nos shows de Heavy Metal" apresenta uma situação sobre a manutenção das relações diplomaticamente dentro da cena. Nele, um membro associado ao White Metal debate o sentido do Natal com um Headbanger. Após um período de reflexão, o cristão converte-se à visão de mundo do Metal, convencendo-se de que a festividade tem origens pagãs e não cristãs. Como resultado, ele passa a defender o estilo musical como Headbanger sobre "origem" do Natal, mostrando que o debate diplomático interno pode levar a identificação com o grupo do Heavy Metal.

descriminação ou preconceitos eram formulados para minorar o estilo de vida Headbanger como se mostrará no decorrer do capítulo. Isso faz com que os próprios membros tenham ciência de que há um esquema "teórico" aplicado pelo senso comum – incongruente com a realidade – de desviantes, isto é, que existe etiqueta ideológica que explica o comportamento Headbanger como minorado e para mostrar por meio da etiqueta que eles estão foram do padrão.

Segundo os relatos dos membros em pesquisa que se tem acompanhado (2015-2025), etiqueta ideológica que se utiliza da hostilidade e animosidade inspirada em preconceitos de diferentes ordens, tal como religiosa, de classe e moral (Elias, 2011). Isso se reflete no tratamento atribuído aos membros, em que os comportamentos discriminatórios eram aplicados de forma "natural", sem considerar como o outro compreende tais ações (Elias, 1998). Esses enunciados limitantes partes de compreensões, a priori, compreensões superficiais, derivado do senso comum que visa perpetuar as desigualdades sociais por meio da imputação de atributos (in)desejáveis que perpassavam o "natural" do cotidiano até o "supernatural", como relata o membro a seguir:

> Desde que comecei a escutar Metal, eu vejo conversas do povo, afirmando coisas idiotas sobre ser Headbanger. Desde a escola até a universidade vejo coisas burras aparecerem, é incrível como as pessoas acreditam então tanta merda. Certa vez eu estava sentado num banquinho da praça de alimentação da universidade, recordo de estar todo de preto e vestir uma camisa de banda de Black Metal, com colegas de cursos e uma mulher também do grupo me disse "eu sei quem você é", ai eu disse "oxe, sabe?" ela disse "eu sei quem você é e eu admiro isso, mas não se preocupe que poucas pessoas devem saber isso de você", eu continuei paralisado e observando o que era dito, ai do nada ela falou "eu sei que você é satanista", eu achei engraçado ela comentar aqui, até porque ela tem um lance espiritual com outra religião africana, pode existir alguma coisa na religião dela que possibilite identificar tais espíritos que rondam as pessoas por aí, mas eu sou pagão, eu acredito em vários deuses e fundo minha crença na natureza. Mas eu acredito que ela falou isso sem saber das coisas direitinho, nem todos do Metal possuem crença e nem todos são pagãos ou ocultistas, claro que existe membros que simpatizam, eu até simpatizo, mas não tenho essa ideia só, são vários que habitam em mim, parafraseando Nietzsche (Esteves, entrevista, 2024).

Por mais defensivos que sejam os relatos dos Headbangers, ou mesmo as narrativas dos membros em defesa de sua identificação, tais posturas podem ser compreendidas como manifestações de um desvio que é socialmente atribuído. Com isso, quero dizer que o processo figuracional incutiu de tal forma o estigma que eles próprios passaram a compreender suas posturas como desviantes. A partir de algumas experiências vividas por eles, foi possível identificar uma cumplicidade na reprodução da moral dominante. O relato do interlocutor em questão, por exemplo, visa explicitamente desconstruir a categoria de "satanista" que lhe foi imposta. Para ele, esse rótulo não se aplica, uma vez

que sua trajetória religiosa é plural, perpassando diversas influências e não se restringindo a uma única doutrina. Isso mostra a percepção dos outros sobre o Headbanger enquanto alguém com uma fachada estática e desenhada pelas mídias. A partir de algumas pesquisas com o grupo (Caetano, 2016; Christe, 2010), tornou-se de conhecimento público que a construção da unidade enquanto desviante foi amplamente difundido nos anos 1980 pelos meios midiáticos e instituições religiosas ocidentais. Como aponta Caetano em sua pesquisa:

> Não só com a sexualidade, mas com a sugestionabilidade juvenil também. Além da sexualidade, a PMRC também se refere a outros aspectos das músicas de Heavy Metal como o estupro, a violência e o culto a algo que chama de satanismo. Atos estes mais enquadrados no que Becker (1991) chama de desvios de comportamento. Desvios estes que devem ser punidos, seja legalmente, seja moralmente por estarem em desacordo com o que é considerado a regra por uma parcela da sociedade (Caetano, 2016, p. 42)

E por isso, ainda hoje, os Headbangers são entendidos por meio dessa perspectiva limitante, que justifica o julgamento da sociedade com base em um passado – "essencializado". Em outras palavras, a sociedade racionaliza o tratamento discriminatório direcionado aos Headbangers. Nessa lógica perversa, a própria defesa do grupo e a afirmação de sua identificação são interpretadas como confirmação de sua suposta amoralidade e desvio.

Já no caso daqueles Headbangers que controlam suas identificações se sentem livres de classificações negativas do social pelo fato de seu self não está público cotidianamente, esses Headbangers não se apresentam como tais todos dos dias e por isso as pessoas não conhecem seus vários selves. Isso significa que alguns membros do grupo mantêm suas práticas realizadas em seu meio porque foram socializadas enquanto toleráveis (como aqueles membros de família de músicos), mas que essas práticas não se aplicam a todos os membros da unidade. Em suma, mesmo que existam membros que defendam essa perspectiva e não sofram tanto com as obrigações (estéticas ou morais), eles sustentam a identificação porque é algo valorizado e preservado localmente pelos membros.

De acordo com Goffman (1956), os indivíduos podem seguir normas sem serem diretamente afetados por elas. Isso contribui para entender a operacionalidade das normas (como são utilizadas) e sua função lógica (para que servem) na manutenção da ordem interacional, ou seja, distinguindo entre membros que praticam efetivamente e aqueles que apenas apoiam a prática. Isso pode criar rugas e relações engolfadas no seio do grupo, mas

não chega propriamente a gerar um tipo de desvio interno aos membros – só quando as expectativas práticas eram quebradas. Mas a lógica do envolvimento demanda dos membros que mantenham e cumpram com seus papéis. A expectativa pode indicar que alguns membros não conseguem atender às expectativas do grupo e às demandas impostas a eles, como seguir o fluxo interacional sem se sentir afetado por não agir conforme o estabelecido internamente.

Destaca-se que a percepção da identificação pode ser subjetiva e influenciada por crenças e experiências sociais alienantes, o que complexifica a interação, pois dinamiza a forma como os indivíduos se compreendem e compreendem os outros. O Headbanger "leva" consigo a imputação desviante, mas não se mostra enquanto pecador na sala do juízo final com arrependimentos e tristeza por se comportar dessa maneira como se observou no primeiro capítulo, quando Esteves nega a possibilidade de conseguir emprego para não cortar o cabelo, num jogo de alteridade que é construído nas interações (Garfinkel, 1956).

Algumas pesquisas (Smith, 2009; Mcdowel, 2016) têm demonstrado que os Headbangers mantêm formas interacionais de comportamento que resistem na contemporaneidade, adquirindo status de renome por tal coerência. Isso faz com que diversas bandas desejem tocar em determinados locais e compartilhar e participar desses espaços (Schulz, 2022) No entanto, é importante considerar que esse forma interativa interna tem sido abalada, apresentando variações no comportamento com a mudanças figuracionais (Sena, 2019).

A pesquisa de Sena (2019), desenvolvida de modo multi-situado em regiões do Nordeste do Brasil e nos EUA, revela que o avanço do ultraconservadorismo sobre a cultura e suas formas de expressão tem afetado o Heavy Metal, especialmente em no escalonamento macro (Barth, 1978). A pesquisa se desenvolve em determinadas localidades como, Natal-RN, Bolivar-EUA e Kansas-EUA, observa-se uma mudança significativa na forma de preservação das práticas, tornando-as mais complexas. No entanto, essa mudança, especialmente em relação à adesão dos Headbangers a pautas conservadoras no *locus* de pesquisa, não se mostra completamente efetivada no contexto analisado. O que esta pesquisa identificou a partir dos Headbangers campinenses foi que há um reforço da identificação como crítica ao *status quo* (Velho, 2003).

De acordo com os membros contatados ao longo dos anos, eles sabiam que eram vistos como desviantes, diferentes e marginais na cidade, e assumiam essa condição imputada – o que é significativo. Os efeitos da consciência de si, leva o indivíduo a entrar

em um conflito subjetivo ao se enxergar como alguém diferente do establishment. Os indivíduos pertencentes ao grupo referido podem internalizar diferentes situações de apatia, levando-os a sentimentos de diferentes e sintomaticamente esses sentimentos incutidos dificultar o entendimento para o social como citadinos "comuns"[28] que merecem ser tratados com respeito.

Não obstante, os Headbangers compreendem que não importa o que eles afirmem e demonstrem para os outros, a relação de equidade não se consolida enquanto um operativo interacional. A imputação atribuída ao grupo torna seus membros "alvos" fáceis para críticas sociais, já que eles incorporam a imagem de amoralidade e são cobrados a agir conforme as demandas do establishment em certas ocasiões cotidianas. Disso surgem o constrangimento e a vergonha, quando o membro do grupo percebe que suas práticas são consideradas "impuras" no contexto conservador campinense. Esse sentimento pode se intensificar ao notar que há uma discrepância entre o que ele é e o que é socialmente estabelecido.

A relação cotidiana dos membros com citadinos, amigos de escola, trabalho e bairro pode levá-los a repensar suas expectativas sociais (como a escolha de não se vestir de preto – e suas justificativas para isso). Observou-se em campo que, ao repensarem, eles se ajustam às demandas subjetivas para se adequar à ordem de interação estabelecida. No entanto, em momentos íntimos de reflexão, os membros podem avaliar profundamente a si mesmos e a implacabilidade dos padrões sociais exógenos, levando-os a sentimentos de tristeza e raiva. Em alguns casos, há uma aproximação dos membros à misantropia e ao niilismo como resultado dos ressentimentos. Ao refletir sobre o mundo e suas escolhas identificatórias, eles confrontam seus valores e as imputações negativas atribuídas a eles, como evidenciado nos relatos dos membros a seguir:

> Quando eu comecei a escutar Metal, tudo era novo para mim. Eu comecei A estudar devido familiares a presença de alguns e do impacto de assistir alguns programas de TV, como a MTV. Naquele momento eu era um guri e não entendia bem o porque eu recebia tanta informação negativa sobre ser "roqueiro". Porque naquela época, eu ainda não sabia o que era ser Headbanger, participar da cena, tudo isso só foi entendido depois de alguns anos no grupo. Nesse momento, eu sempre perguntava sobre o porque da vida ser assim, tao fudida, eu não tinha nada e não praticava o mal é pratica junto ou praticar sobre com ninguém. Eu so só queria curtir o meu som em paz. Mas era briga na família, com namorada, com amigos, ia mal na escola com tudo, eu achava uma merda tudo aquilo está acontecimento comigo. Quando eu passei da adolescência, eu sai de casa e fui viver independentemente para não dizer fudido, eu tinha um emprego de merda, mas dava para sobreviver, minha mãe é que ficou

[28] O termo "comum" é empregado aqui para designar aquilo que a sociedade dominante considera como "normal, natural e desejável", refletindo uma figuração específica em determinado contexto histórico. Essa termologia constrói o que seria uma sociedade ideal para a moralidade vigente, pois estabelece limites para tudo que escapa ao esperado.

> triste com minha saída de casa, vez e outra eu vou visitá-la. Olhando tudo isso em retrospetiva vejo que fui forjado na penumbra, a sorte no mundo, eu era um guri com sonhos e desejos de ser bem-sucedido e outras coisas que colocam em nossa cabeça, mas o que eu quero dizer é que eu tenho orgulho do que sou e tenho tristeza por tudo que passei por ser Headbanger, creio que nada dessas merdas de preconceito deviam acontecer. Ter sido da igreja foi uma das minhas maiores lástimas, se fosse possível voltaria no tempo sem pensar para refazer essa merda que fiz na minha vida, tive conversas desagradáveis com religiosos que conheci, amigos da família e com desconhecidos da igreja que frequentava, e depois sofri com as críticas internas do grupo por ter participado desse embuste, queriam me transformar em algo que nunca quis ser por vontade própria, eu não me reconhecia naquela época, eu não queria ir, mas era forçado. Onde nesse mundo criança tem vez?! Eles (adultos) queriam que eu me convertesse e voltasse a igreja, mas eu não queria, entende? Por muito tempo eu fui, porque eu não queria decepcionar minha mãe e deixar ela triste, mas depois que me descobri senti que dentro de casa, para outros familiares, eu me tornei uma piada e motivo de vergonha, eu até cheguei a sentir vergonha por ser assim algumas vezes, terminei que guardei por muito tempo sentimentos ruins dentro de mim, como raiva, auto desprezo e tristeza, raiva por me forçarem a fazer o que não queria, auto desprezo porque me permiti fazer e tristeza de tudo aquilo acontecer comigo. Hoje eu sou uma pessoa diferente e sinto orgulho de ter resistido (Adriano, entrevista, 2024).

O interlocutor em questão destaca seu descontentamento e a incompreensão alheia sobre a realidade de sua vida, explicando que seu mal-estar sentimental tinha origens alheias ao seu estilo Headbanger. Essa situação revela uma dimensão da experiência ainda pouco explorada pelas pesquisas sobre o tema: a de que a vida do indivíduo na cena é plural, não se reduzindo a um estereótipo. A partir deste e de outros casos, torna-se evidente que o estilo de vida Headbanger não é a causa de todos os seus conflitos internos. Contudo, ele passa a se relacionar diretamente com esses conflitos na medida em que se torna o objeto ou bode expiatório para outros problemas para a sociedade.

Com isso, foi possível explorar aspectos de vida dos Headbangers na urbe campinense e que pode ser descortinada com mais detalhe, especialmente, acerca da aceitação dos Headbangers nos espaços públicos da cidade. Quando indivíduos externos ao grupo interagem com os Headbangers, em algumas ocasiões, segundo os relatos locais, os citadinos tratam os Headbangers diferente: estabelecendo relações desiguais, com superioridade moral e religiosidade. Isso ocorre porque, foi amplamente divulgado por diversos meios comunicacionais e seus empreendedores morais, os Headbangers são associados a aspectos negativos, quando essa visão é internalizada por quem desconhece o grupo, impacta negativamente as interações com esses membros. Quando o membro percebe a falta de respeito por parte dos desconhecedores, entende que seus atributos internalizados e externalizados como modo de vida produzem essa visão negativa. Ser Headbanger é o que gera esse desrespeito na visão corrente, visto como uma postura contra o establishment.

Alguns membros comentam que outros insiders não suportam a pressão externa do

establishment e deixam o grupo para se aprumar e se "endireitar". Nesses casos, os membros cortavam o cabelo, escondiam tatuagens, paravam de beber e de frequentar eventos, adotando discursos de contrassubversão em prol da ordem, muitas vezes abraçando crenças religiosas cristãs. Há também aqueles que transitam no meio, escondendo seus interesses e desejos íntimos por medo de serem mal vistos e isso reflete uma mudança no ponto de vista moral desses indivíduos. O membro Germano (músico e produtor respeitado na cena) comentou, durante uma excursão para Recife-PE com amigos, que os membros que mais adotavam essas práticas não eram verdadeiramente comprometidos. Eles se dissimulavam como Headbangers, mas eram os primeiros a deixar o grupo quando surgia a oportunidade.

Veremos a seguir uma situação em que um Headbangers descreve a situação de um amigo que estava passando por sofrimento psíquico (depressão). Ele comenta que o contexto em que esse membro estava inserido os "amigos" de bairro e outros desejavam vê-lo livre da depressão e do "rock" por ser algo que atraia coisas ruins. O desejo da sociedade é que o Headbanger se apresente conforme o padrão, ocorrendo uma transformação em sua moral e no self: O indivíduo, antes visto como desviante em estética e moral, agora se mostra como alguém que "realmente mudou", podendo provar essa mudança ao corrigir suas práticas. De acordo com a pesquisa, acompanhando os membros campinenses, isso pode torná-los suscetíveis e expostos a "empreendedores morais" dispostos a "corrigir" seus comportamentos, especialmente aqueles alinhados com ideias da extrema direita (Becker, 1963).

Isso evidencia até que ponto indivíduos emocionalmente abalados pela pressão externa estão dispostos a manterem seus estilos, conforme destaca o adepto;

> Quando eu comecei no Metal tinha muito falatório acerca do que era o Metal, seja por familiares ou amigos próximos. Eu vi que isso também foi intensificado por figuras públicas que tem poder na sociedade, mas em especial, aqueles que tem influência por meio da religião. Teve uma vez que um amigo meu tentou tirar a vida tomando uns medicamentos ****, mas isso aconteceu devidos a problemas familiares, a família dele não aceitava que ele se comportasse da forma que estava se comportando e além disso, ele amava muito sua namorada… e infelizmente o seu relacionamento acabou, o que arrastou ele para o fundo do buraco, ele é uma pessoa boa e gentil, não merece nenhuma crítica pelo que tentou, ele precisa procurar ajuda e aprender a lidar com essas coisas, isso é duro? Com toda certeza, mas a melhor coisa a si fazer é procurar ajuda de um profissional, né?, pois bem, esse meu amigo tentou cometer o que estava tentando, mas deu errado, os familiares encontraram ele a tempo e ao invés de chamar a ambulância, chamaram alguns religiosos do bairro para cuidar do cara, parece brincadeira, mas foi real, ele mesmo me contou depois que seus pais trouxeram religiosos – crentes – para curá-lo, na casa dele os religiosos passaram horas falando do que lhes convêm, falando que ele devia deixar de ser roqueiro, deixar os demônios da maquiagem, das roupas, do cabelo, das bijuterias, dos pensamentos decadentes e outras coisas. Essa não é a primeira vez que isso acontece, o problema não é a batalha interna, mas os demônios – tom de ironia. Muitos religiosos falam essas coisas e estimulam essas coisas para eles se a pessoa vestir uma camisa de banda, eles têm a cura para isso. Pode-se dizer ainda que há

> grupos de jovens religiosos dessas igrejas alternativas que fazem isso, tentar curar e criar "células" nas casas dos outros (indignação)... para curar e firmar igrejas (Esteves, entrevista, 2024).

O relato de Esteves é revelante na medida em que destaca o peso da religião na legitimação de uma forma de sofrimento, por seu relato observa-se que a religião[29] tem uma explicação sobre os problemas que enfrentava seu amigo. Mas essa explicação não fornecia isso sem uma mortificação do Self do colega (o que seria a "cura"), mudando a visão de mundo em estética e moral. Segundo a pesquisa de Caetano (2016) sobre moralidades, regulações e saberes no Heavy Metal, o autor analisa o grupo considerado por ele como moralista do PMRC[30] (Parents Music Resource Center) durante o período de 1980 em que o estilo musical estava se consolidando e se desenvolvendo como um estilo de vida. Caetano (2016) afirma:

> (…) nos EUA das décadas de 1980 a 1990 noções morais e saberes psiquiátricos eram utilizadas na tentativa de regulação do mercado fonográfico. A partir da análise das audiências proferidas pelos membros da PMRC no senado americano percebeu-se a criação de um pânico moral. Este pânico moral, a partir da psiquiatrização dos comportamentos e de uma atenção especial ao público juvenil como uma popução vulnerável, visava alocar bandas de Heavy Metal como potenciais ameaças às famílias norte-americanas. Sendo assim, ocorreu, por parcela dos integrantes do cenário político norte-americano uma perseguição moral baseada em valores construídos em torno dos saberes médicos e da popularização da noção do "perverso".

Esse grupo moralista buscava pôr fim à música Metal, mas, em diversas ocasiões, suas iniciativas conservadoras não obtiveram sucesso. No entanto, eles recorreram ao sistema jurídico e a meios legais para restringir o acesso e a disseminação de material audiovisual do Heavy Metal como se verifica no documentário de Dun. Seus discursos baseavam-se na ideia de que esse tipo de conteúdo artístico teria um efeito nocivo sobre os jovens americanos, argumentando que a família nuclear estaria em decadência com essa expressão artística, que haveria uma violação dos bons costumes e que a religião cristã estaria sendo ameaçada. Como também expressa Caetano (2016):

> Criaram uma série de exigências que estão principalmente relacionadas ao incômodo com o conteúdo de obras, principalmente, mas não só, de músicas de Heavy Metal. Discursos sobre a decadência da família nuclear, da violação da moral e bons costumes eram proferidos pela PMRC como argumentos contra as músicas que abordassem temas violentos e relacionados a sexo (Caetano, 2016, p. 15).

[29] A forma como a religião opera por meio da legitimação e administração das dores do mundo, acaba por justificar as desigualdades e fazer com que seus seguidores aceitem o mundo tal como se apresenta. Desse modo, a religião, em determinados contextos, pode ser utilizada para naturalizar o sofrimento dos indivíduos (seja ele físico, mental, econômico, político ou moral), apresentando-o como expressão da vontade divina como mostrou Weber e outros.
[30] Grupo formado por ativistas conservadores como figuras públicas de referência nos EUA como pela esposa de Al Gore, chamada Tipper Gore.

O autor aborda a relação entre moral e regulação nos anos 1980, período em que o PMRC atuava contra o mercado fonográfico do Heavy Metal. Caetano (2016) discute como a moralidade orienta a sociedade a utilizar mecanismos coercitivos e coesivos quando necessário, seja para impedir ou estigmatizar aqueles considerados desviantes ou amorais em relação aos padrões estabelecidos. Esses mecanismos incluíam a criação de leis, a disseminação de informações falsas e a promoção do pânico moral.

Outras pesquisas, como as de Hecker (2012) e McDowell (2016), demonstram de que forma a moralidade pode impor limitações e dificultar que os Headbangers tenham uma vida comum. No underground, relata-se o esforço desses indivíduos em buscar emprego ou demonstrar que possuem formação ou conhecimento em alguma área acadêmica. Isso revela que certos espaços da vida social eram considerados inimagináveis para a presença de membros do Heavy Metal, devido a razões "morais e estéticas" (Alexander, 2003). Essa situação fica objetivada quando um Headbanger tenta aprender uma profissão e passa a ser visto como alguém que "seguiu o caminho certo na vida", conforme relatado por alguns membros em pesquisas, especialmente por parte de familiares e amigos.

> Eu tinha um amigo no Metal que hoje não participa mais das atividades do grupo, não aparece mais em show e muito menos utiliza redes sociais.. Depois de muito tempo, ele se revelou adepto de uma igreja americana. Aí.. aquela (os mormons) que manda uma galera evangelizar em diferentes países, especialmente jovens. Esse meu amigo, era gente fina e educado comigo, ele escutava Metal também, muita coisa que passei a gostar foi por meio dele, quase todo dia eu estava na casa dele escutando música, tocando, jogando vídeo game ou passeando entre os bairros com ele. Ele me acompanhava nas aventuras na cidade, tipo sair do nosso bairro andando para ir no centro ou nos seus arredores para shows. Infelizmente, ele teve outros projetos, saiu do grupo, formou família e se casou. Há muitos anos eu não o vejo, mas vejo seus pais vez e outra no bairro. Os pais dele era uma onda comigo, o pai dele na real, gostava de tirar onda comigo e eu sempre levei na brincadeira, até porque não entendia no que ele queria chegar, quando sorria de mim por não ter terminado o ensino médio, na época, não ter terminado o ensino básico na mesma velocidade que seus filhos terminaram, teve momentos que ele questionava-me se eu trabalhava, o que eu fazia da vida e ele ficava rindo de mim, como fosse que ele esperasse já a decepção, sabe? Só depois de um tempo eu passei a sacar isso e comecei a achar ele um idiota, não recordo bem, mas ele trabalha numa empresa como administrador ou pião, não recordo bem, não vou falar o nome da empresa né.. mas depois de algum tempo, eu reencontrei ele na rua de casa e ele me questionou como eu estava e o que fazia da vida, vamos abrir um parentese aqui, eu não gosto desse costume feio do povo ficar perguntando com que o cara trabalha, quanto ganha, isso é da intimidade do cara, fechando o parentese, eu falei que estava estudando na universidade federal e que estava recebendo grana, ele pareceu desmotivado já que seu filho havia trancado a universidade e não trabalhava na área, acho que rolou um baque nele, acho também que ele esperava minha queda, mas não foi isso que aconteceu, depois ele foi embora e disse que eu estava no caminho bom (Esteves, entrevista, 2024).

Embora alguns Headbangers contatados pela pesquisa ao longo do tempo

insistissem em descrever sua prática como neutra ou autônoma em relação à sociedade, os relatos demonstram, cada vez mais, uma relação de interdependência entre o grupo e o meio social. A família, os amigos e outras instituições surgem como instâncias recorrentes de controle, que buscam regular emoções e impor uma determinada ordem. Pode se destacar do relato acima, a vontade que os Headbangers encontrem trabalho e mudem seu estilo de vida por causa do ofício. Mas também isso destaca que alguns dessas pessoas com que o membro interage não acreditam na possibilidade de conquistas sociais (como passar numa universidade) por causa do histórico de Headbanger.

Os interlocutores da pesquisa demonstram um esforço significativo para realizar atividades cotidianas sem serem estigmatizados como marginais ou vagabundos. Embora sejam frequentemente vistos pela sociedade como indivíduos pouco propensos a se dedicar a atividades como estudar ou trabalhar, devido à sua identificação social, a vontade de "vencer na vida" ou "fazer algo pela vida" é evidente entre os Headbangers, especialmente em momentos de encontro. O esforço desses indivíduos em transformar suas vidas desafia as normas sociais que os marginalizam, constrangem e envergonham. Com essa atitude, eles podem construir uma nova perspectiva sobre sua identificação social, que não está necessariamente alinhada com o que é convencionalmente estabelecido. No decorrer da pesquisa, ao interagir com os membros, percebeu-se que eles também atribuem seus sucessos e insucessos à sua identificação como Headbangers, conforme relatado por Adriano;

> Por muito tempo eu procurei por emprego na cidade e tive muitos "nãos", muitas portas fechadas, eu considerava que por eu ser Headbanger, por ter tatuagens e andar como Headbanger isso seria o motivo para não conquistar o emprego. Demorei bastante para conseguir um emprego e quando consegui, mandaram eu esconder minhas tatuagens naquela época, isso não faz muito tempo, quem tivesse tattoo era mal visto, hoje em dia isso diminuiu, mas antes era por causa de gostar de Metal, usar umas camisas com símbolos ocultistas, usar colares e anéis da mesma linha ou pagãos, que eu não pegava os empregos, eu sei que o trabalho é fundamental para se viver nessa merda de sociedade, mas para mim não era fácil conseguir. O foda é que depois que comecei a me lascar no trabalho diminui minha presença nos shows, o cara fica cansado e não tem Ânimo nem para levantar da cama, só pensa em dormir e descansar. Sinceramente, não queria estar trabalhando, e pior ainda dessa forma (Adriano, entrevista, 2024).

Devido ao preconceito estrutural contra grupos estigmatizados na cidade, muitos Headbangers enfrentam dificuldades para ingressar no mercado de trabalho. Diante desse cenário limitante, alguns membros não demonstra um interesse ativo por emprego, optando por viver sua identificação com a cena. Esse fato viver enquanto tal acaba se

tornando motivo de discussão quando estão em estado de copresença nos bares como será abaixo. Interessantemente, durante a pesquisa de campo, observou-se uma discussão entre os adeptos sobre o tema mencionado e sua identificação;

> "Agora vocês só bebem cerveja cara, cade a humildade" em tom de brincadeira disse o membro1 se dirigindo ao membro2 na frente de outros a mesa de um bar. "Mano o que você estava fazendo esse tempo todo, o que você estava fazendo de sua vida, eu estudava, trabalhava para conseguir beber e aproveitar pelo que estava me esforçando" disse o membro2. O membro1 retruca "eu estava sendo Headbangers, trabalhando pela cena, gravando, compondo, me articulando em prol da banda". Eu também estava sendo Headbanger também, mas estava fazendo outras coisas ainda (risos da audiência) (Caderno de campo, 2023).

A formação de longa data e a experiência no grupo, tanto de sucessos quanto de insucessos, torna o Headbanger um especialista no sofrimento do grupo. O Headbanger é visto como aquele indivíduo que passou por diversas provações e se manteve firme, tendo algo a ensinar aos mais jovens e a compartilhar com os amigos do underground sobre sua trajetória e a de outros, sejam estes últimos membros do grupo ou não, conforme comentou Antônio;

> Se a gente for absorver toda podridão que vem da sociedade, isso pode afetar mais do que já afeta a gente. Ser Headbanger está além de qualquer coisa ou modinha, somos uma resistência, há grupos que nos atravessaram, como os Grunges e os Emos[31]. Esses últimos não suportariam nada do que a gente suportou para estar aqui, se pensarmos como seriam os Emos nos anos 80, eles iriam ficar bem mais emotivos (risos) porque na real… tudo isso passa e as pessoas amadurecem, hoje em dia, de certa forma, é mais difícil de ser Headbanger porque surgem e desaparecem grupos assim, num piscar de olhos e todos esses não têm propósitos, os Headbangers tem propósito, eles suportam dor e sofrimento e aprendem com isso. Quanto aos amigos do Metal, eu já vi na *bad*[32] por causa de trabalho, vida familiar e relacionamentos, saírem desses problemas escutando Metal. Metal é nossa força para escapar dessa merda de vida. A gente pode sofrer o que a sociedade maltrata, mas unidos somos fortes. Fazer um evento underground, poder conversar com meus amigos, beber, bater cabeça e seguir em frente no outro dia não há nada que pague a sensação. Quando eu estava no Exército, até rolava algumas amizades por lá, mas nada que se diga que aquela amizade vai perdurar. Lá rolava competição, muito ego, não vou ser hipócrita e dizer que isso também não acontece no Metal, mas ainda assim, no Metal a gente consegue superar A maior parte das coisas. Só o Metal nos permite aprender sobre a vida dessa

[31] Grunges e Emos constituem dois importantes. O Grunge surgiu no início dos anos 1990 nos Estados Unidos como um subgênero do rock, caracterizado por guitarras com distorção pesada, letras que tematizavam apatia, crise existencial e desilusão, e uma estética "desorganizada", próxima à dos punks. Bandas como Nirvana, Pearl Jam e Soundgarden foram suas percursoras, utilizando o estilo para criticar aspectos da sociedade e do comércio de sua época. Já o Emo (abreviação de emotional hardcore) tem suas origens no punk e no hardcore estadunidenses da década de 1980. Sua proposta musical era profundamente lírica e reflexiva, com letras centradas em temas como amor, sofrimento e autorreflexão, como fazia as bandas My Chemical Romance e Fall Out Boy. O estilo era marcado por franjas laterais no cabelo, roupas justas, cores fortes, além do uso de piercings e brincos.

[32] O termo inglês Bad é utilizado no sentido de estar para baixo ou não estar se sentindo bem.

> forma, no Metal a gente pode conhecer outras religiões (ocultismo, paganismo oriental e ocidental), novos seres humanos e expandir nossa visão de mundo (Antônio, entrevista, 2024).

O interlocutor de pesquisa, Adriano aproxima-se do relato do membro Antônio e destaca outros elementos que evidenciam como o Headbanger se diferencia, mesmo diante das dificuldades cotidianas:

> Nossa sociedade é uma merda, a gente sofre todo dia para fazer as coisas acontecerem, mas para alguma galera aí é tudo uma maravilha, tudo bem, tudo ótimo. Mas na minha visão isso tudo devia acabar, não tenho saco para hipocrisia da sociedade, todo dia tem gente morrendo na TV, todo dia tem gente doente no hospital e nada dessas coisas são resolvidas ou amenizadas, a sociedade é hipócrita e tem hora que eu acho que tem de se fuder mesmo. Nem sempre ter dinheiro significa que o cara está bem ou vai bem, isso tudo só cria uma ilusão temporária em nossa cabeça que tudo vai bem. As pessoas esquecem que a vida é além disso, vai bem além disso, um simples gesto de respeito já torna o dia de um qualquer num dia melhor um pouco. Eu acho bacana ajudar alguém que está fudido e não ajudar quem já está bem ou tem uma base, eu acho que no underground a gente se ajuda da maneira que dá e fazemos a coisa acontecer, nos shows o cara manda toda a energia negativa acumulada para a casa do '*caraí*'[33], o cara se liberta dessas coisas, o pescoço pode doer e o cara ficar com torcicolo, mas o cara sai de lá com alívio, o cara é bem recebido pelos guerreiros que bebem e celebram com você a nossa própria vitoria (Adriano, entrevista, 2024).

Adriano expressa uma profunda indignação diante da vida, que ele descreve como um retrato do sofrimento. Seu relato transmite um desgosto pela persistência de situações negativas e por uma aparente impossibilidade de mudança. Em sua visão, a sociedade em geral teria abandonado a prática do apoio mútuo, ao contrário do que ele vivencia no meio underground, onde a solidariedade é um valor fundamental e uma prática concreta. Superar o descaso social é, portanto, entendido como uma vitória pessoal e coletiva, e é justamente no universo do Metal que ele enxerga essa superação acontecer. Outros interlocutores comentam sobre o tema descrito anteriormente:

> Todos os outros estilos musicais são desprezíveis (risos), tô brincando... (risos). Apesar de todo aspecto negativo falado sobre o Metal (como música ruim), eu não vejo nada disso no Metal, quando estou em casa, quando assisto um show por dvd DVD ou internet. Por inúmeras vezes eu tentei convencer familiares e amigos de bairro que Metal não é ruim, não é assim como as eles dizem. No Metal temos relações de amizade, compartilhamos um gosto musical, compartilhamos materiais, apoiamos uns aos outros, participamos de excursões juntos e participamos dos shows underground, não importa em qual

[33] Caraí é uma forma regionalizada de dizer "caralho". Esse termo pode ser entendido como algo negativo como também algo positivo, por exemplo, "o show foi do caralho", expressando um conjunto de sentimento (surpresa, raiva e admiração), porém o termo deve ser compreendido dentro do contexto de utilização.

> parte da cidade esse seja feito. Muito se fala que somos agressivos… violentos, mas na verdade não tem nada disso no Metal, raras são as brigas que tem nos eventos, já nos shows de sertanejo ou forró por aí… não se pode falar a mesma coisa… somos guerreiros do Metal, somos brothers de guerra e lutamos pelo Metal, temos nossa forma de ser feliz (Marcos, entrevista, 2024).

> Na medida em que a pessoa se torna iniciada no grupo, vai percebendo como a sociedade vai tratando você, tratando com repulsa, apesar do Headbanger ser um indivíduo esforçado e batalhador, essas coisas não deveriam ser consideradas para eles e acho que para ninguém. Todos tem problema, só que com níveis diferentes, aqueles que têm níveis diferentes (carreira amorais) sofrem com essas categorias bem mais que outros. Eu fico impressionado como o cara colocar uma camisa de banda pode mudar a forma de tratamento das pessoas, com tanto avanço na sociedade certos estereótipos permanecem e me parece que o avanço é apenas no tecnológico e não no humano. Eu gostaria que as pessoas sentissem um pouco do que senti, na família e com amigos, sendo motivo para chacota e sarro e mesmo com todo problema (na família com a separação dos meus pais) que passei foi no Metal que encontrei abrigo. Mas isso não vai acontecer com elas, as pessoas não estão interessadas em saírem do seu lugar de conforto (Felipe, entrevista, 2024).

A afirmação de Marcos que os outros estilos musicais são ruins é produzido por outros grupos também, esse discurso não é uma novidade e nem uma particularidade do Metal, pois todo grupo pode afirmar que sua música é a melhor. De toda, forma a construção de um self adequado é a demonstração que nesse meio underground o indivíduo tem um sentido ou uma teoria de vida que baliza suas interações significativamente para formação e reprodução do estilo de vida. O entendimento que o fato encontrado no Metal é uma rede de apoio e solidaria realça a ideia de selves alinhados e sintonizados. Isso está reforçado em Felipe quando mostra o quanto antes estava fragilizado devido aos problemas familiares e que só o Metal pode trazer vontade de ser algo diferente de antes, isto é, o Metal marcou sua vida para melhor na medida em que passou a olhar a vida pela ótica Headbanger.

Os relatos desses membros e a forma como eram compreendidos nos momentos de encontro com citadinos marcam suas trajetórias por longos períodos, sejam esses encontros objetivos ou não – a interação não verbal também marca as experiências dos indivíduos. A pesquisa buscou identificar e recuperar tais momentos nas entrevistas, pois eles representam a experiência de ser participante do grupo, incluindo sua carreira moral "desviante" em situações de interação além da própria unidade. O foco recaiu sobre os momentos em que os Headbangers e citadinos ou grupos antagônicos estavam em contato, seja ele imediato ou mediado, conversacional ou não-conversacional.

A experiência de ser Headbanger não pode ser compreendida sem o contato interacional com outros indivíduos, pois estes fazem parte da vida dos primeiros,

moldando suas experiências e trajetórias. A análise da pesquisa também revelou o contato dos Headbangers com citadinos (vizinhos e desconhecidos) ou grupos antagônicos, com intensidades variadas. Destacou-se ainda como eles organizam suas vidas para evitar contato e manter distância quando necessário e possível. Com efeito, essa forma de interação tem impactos significativos para os membros do grupo, uma vez que, ao se atentarem para isso, precisam se organizar de maneira mais precisa;

> Antes de entrar no Metal tudo parecia ocorrer sem pressão, sabe? Antes eu tinha vários amigos e amigas, mas hoje em dia eu não vejo que isso permaneceu acontecendo porque depois que passei a me comportar enquanto roqueiro e depois Headbanger várias pessoas se afastaram de mim., Não que eu ligue com isso, mas pude notar isso, eu gostava de ficar com eles e fazer as coisas que todo jovem e adulto faz, sair para beber nesses bares de sertanejo na cidade ou jogar bola com amigos de bairro. Depois que entrei no Metal as coisas mudaram, os amigos que tinham diminuíram o contato comigo, não fui convidado para sair com a frequência que era antes. Eu não estou reclamando, eu acho até bom, até porque me tornei mais seletivo e só quero pessoas do meu apreço perto de mim, mas se isso implica em algum momento eu ficar sozinho, sem amizade de alguém que assim seja, esse é o preço, eu ficarei, mas com a certeza de que sou feliz assim, já que sou conectado apenas a pessoas reais e não falsas. Antes aparecia que eu fazia as coisas sem pensar, tudo aquilo era pesado para mim, mas também saber a verdade sobre o real é duro, eu era feliz aparentemente, até eu entrar no Metal isso nem passava por minha cabeça, no Metal eu sou mais feliz, meu contato diminuiu, eu não falo com todo mundo, ao invés de sair de casa com frequência, eu fico em casa e só saio quando os Headbangers convocam, as pessoas podem entender isso de eu não sair como exclusão, mas na verdade eu estou amparado pelos amigos do grupo (Adriano, entrevista, 2024).

A relação entre os Headbangers e os citadinos apresenta-se pouco salutar no cotidiano, aos vizinhos ou pessoas relativamente próximas de bairro demonstram uma tendencia ao distanciamento. Os membros que se distanciam ou evitam o contato podem demonstrar tristeza, desolação, desesperança, ressentimento e raiva (Scheff, 1990) por entenderem que a identificação não é impedimento para o tratamento diferente, como se observa no relato anterior e como será identificado a seguir;

> Não ser bem recebido nos locais, receber olhares de nojo e insegurança, como fosse que eu fosse roubar ou praticar algo ilegal, fora da lei, foram coisas que eu e outros Headbangers provavelmente já sentiram na pele. Como se não bastasse ouvir, o cara tem que presenciar o desagrado da minha presença em determinados locais. Há momento em que sinto que a gente do Metal não vive tão bem como esperamos só por causa de nosso estilo, creio que isso pode piorar para outras pessoas. O sentimento que mais me pega é a tristeza, perco a esperança na humanidade e as vezes queria que ela se fudesse, porque é tanta merda que só resolveria com extinção em massa. A forma como a sociedade está atualmente é deprimente e os governos também como foi a desgraça de bolsobosta, esse é um ambiente que não nos aceita. Eu não tenho vontade alguma de ficar por aqui, já pensei várias vezes em procurar outro lugar para

> mim, tipo, algum lugar na Europa em que eu possa ficar tranquilo e sem perceber essas paranoias, talvez a Holanda seja um bom lugar (Adriano, entrevista, 2024).

> Cara, eu passei a odiar minha família, pelos menos alguns das pessoas que compõem minha família, especialmente, meu pai e meu irmão. Eu vivia na depressão e na raiva, eu vivia puto da vida, louco para liberar minhas energias (atividade física), andava pela cidade de cara fechada e ainda tinham "malucos" em Campina Grande que me tirava (do serio), me olhavam torto e se afastavam de mim, cidade cheia de crente do caraca para onde eu fosse, me deparava com um do tipo (crente). Se não bastasse os problemas familiares que eu passava e ainda passo, tinha de vivenciar isso, relevo essas coisas, ao menos eu tento relevar, esse povo não me conhece e não sabe o que fiz para esta aqui (todo sofrimento), por quais problemas passei para estar aqui, não sabem o que senti, isso tudo aumentou depois que passei a gostar de rock e Metal.. somos um prato pronto para ser servido a sociedade (Felipe, entrevista, 2024).

A autocompreensão de ser um desviante perante a sociedade marca a trajetória de muitos membros, ainda que de formas distintas, uma vez que há entre eles diferenças significativas de capital social e financeiro. Para o Headbanger Adriano, a busca por um espaço onde possa se sentir bem e livre de pressão moral é um desejo central. No entanto, a Europa, destino que ele idealiza, tem demonstrado, ao longo dos últimos quatro anos, que sua recepção aos migrantes não tem ocorrido de maneira humanista. Apesar disso, ele mantém a Europa como referência pelo fato de muitas bandas e circuitos de Metal terem maior força e visibilidade lá. Em sua perspectiva, esse continente representaria também uma oportunidade de construir ou integrar-se a uma rede de apoio e ter seus encontros com Headbangers estrangeiros.

Esses momentos de encontro são fundamentais para compreender a dinâmica das relações estabelecidas em qualquer espaço social. Nos encontros imediatos ou mediados entre Headbangers e citadinos, seja por meio de uma conversa ou não, ambos os indivíduos sentem a força e o efeito do social por meio da atribuição negativa de desvio. Por um lado, há aqueles que sofrem com essa atribuição; por outro, há os que reproduzem o sistema de atribuição.

De acordo com os interlocutores da pesquisa, o Headbanger, dependendo de sua experiência enquanto membro do grupo, pode se sentir orgulhoso ou tímido nesses momentos de encontro, criando expectativas ou agindo conforme o esperado pelo grupo, mantendo-se autêntico e sem medo[34]. Como será identificado a seguir:

[34] O Headbanger aprende a lidar com situações desfavoráveis, já que o cotidiano aparecer como desafiador ao seu bom senso. O membro controla suas emoções para minimizar os impactos de sua identificação o que exige um treinamento de erros e acertos para desenvolver uma habilidade social – jogo de cintura – para lidar com os outros

> Já senti timidez quando as pessoas me olham vestido e todo arrumado pra ir a shows, mas sempre penso que por um lado pode ser por curiosidade e por outro lado por preconceito mesmo. Eu já sou tímido e com olhares focados em você fica bem difícil. Mas ajo naturalmente, porque se eu for alimentar tais negatividades eu que vou sofrer mais… eu não gosto de ser olhado... principalmente olhar negativo, eu sinto orgulho de vestir a camisa do meu grupo, eu posso ser um dos últimos membros que pode esta falando isso (risos), brincadeira... eu sei que tem muitos Headbangers que pensam assim, tenho amigos que não saem de casa sem camisa de banda ou mesmo com um estilo próximo do preto. Somo quase um grupo secreto (risos)… mas falando sério, eu gosto de ser Headbanger, sinto orgulho porque nos momentos mais difíceis da vida, o Metal esteve comigo e me tirou do buraco. Tocar, cantar e trabalhar pelo grupo é gratificante, o Metal não dá dinheiro, mas dá um espaço para você atuar, se apresentar, se expressar e até chorar se for preciso, mas o Metal não lhe joga para baixo para você sentir vergonha, pelo contrário, várias bandas, vários músicos do Metal expressam essa visão, por isso o Metal é foda… eu não ligo mais se sou bem recebido ou não, se eu estiver num estabelecimento em que todos utilizam, quero respeito e ponto final. Agora eu sei que alguns jovens podem sofrer bem mais com isso que os mais velhos no Metal (Esteves, entrevista, 2024).

A constatação destacada pelo membro Esteves mostra que o Headbanger pode agir com orgulho ou, em algumas situações, sentir-se tímido ou envergonhado, pois não sabe como será recebido devido à sua identificação social, considerada desviante;

> Eu quero acreditar que nesse mundo ainda existe gente boa, educada e cordial como eu encontrei no Metal, mas o mundo lá fora não é o mesma que o Metal. Há pessoas que são boas de forma dissimulada, quero dizer que elas podem ser gentis com você e depois lhe queimar por trás. Já teve vez de eu sair de um estabelecimento, tipo uma conveniência e ser bem tratado, era um lugarzinho próximo do meu bairro, nesse lugar tinha uma frequência relativa de clientes, certa vez eu fui lá comprar algumas coisas (alimentos) para fazer um lanche no final da tarde. O caixa do estabelecimento estava acompanhado por outro senhor que estava comprando também, apos eu pagar e me retirar do local, ainda na calçada do estabelecimento, eu ouvi o senhor – o dono – dizer que eu era doido, um maconheiro e olhe eu não estava malvestido, mas claro (sarcasmo) eles que se vestem bem. Posso somar a dissimulação que ao chegar nos locais eu consigo sentir mesmo sem esta olhando para as pessoas estão achando que farei algo, eu tenho essa sensação desde que comecei no Metal, talvez, seja porque já sofri tanto com isso que fico ligadão e com isso sinto que em nem todos os locais sou bem recebido, se eu não estiver pagando, acompanhado de alguém "bem vestido", eu posso sentir o olhar inquisidor dos outros (Esteves, entrevista, 2024).

A estética adotada cotidianamente pelo Headbanger: caracterizada pela camisa preta, cabelos longos, cintos com tachas e tênis ou botas pretas, repercute uma imagem

nas situações de contato. Conforme Goffman (1959), em situações de copresença – onde envolve riscos a apresentação do self – há possibilidade da falhas e incongruências com aquilo que os indivíduos apresentam uns para os outros, mas eles continuam sustentando confiantemente o que apresentam para manter a ordem da interação.

que inevitavelmente atrai preconceito. No entanto, para o membro, manter essa imagem com tais adornos constitui um ato de legitimidade de sua identificação. Trata-se, portanto, de uma prática que tem relação com a aceitação do outro e com uma forma própria de ser e habitar o mundo.

Conforme destacado pelo interlocutor, o Headbanger constrói múltiplas perspectivas sobre como é percebido pelos citadinos, seja de forma positiva ou negativa, refletindo como os outros elaboram sua imagem. Em diferentes contextos, as sociedades desenvolvem mecanismos de controle emocional sobre seus cidadãos, transformando gradualmente os padrões de comportamento ao longo do tempo. O autocontrole torna-se, paulatinamente, uma máxima na vida das pessoas, internalizando-se e naturalizando-se nas relações sociais. Além disso, não apenas o comportamento se transforma, mas também os mecanismos sociais utilizados para alcançar tais fins.

Com as transformações na estrutura social, as formas de interação também se modificam, aumentando a relevância da auto-observação e do controle do próprio comportamento. O controle das emoções e a internalização de comportamentos socialmente fabricados desenvolvem-se por meio da estrutura social, que socializa formas de ser citadino e impõe consequências àqueles que não se adequam a esses padrões. Em Campina Grande, a forma de vida é fortemente influenciada pela religião cristã, dominante na região, que atua como um amálgama na difusão de comportamentos considerados "adequados", tanto para as elites quanto para as classes populares. No entanto, para aqueles desprovidos de privilégios culturais, financeiros e sociais, essa dinâmica representa um peso histórico e contemporâneo, afetando diversos grupos na cidade.

Nos momentos de encontro entre Headbangers e citadinos, segundo o que os membros contam, os primeiros experimentam o controle social que os classificam como marginais. Diante disso, observa-se que os membros se tornam conscientes de sua posição social e, em alguns momentos, buscam controlar suas emoções para agir de forma respeitosa, mesmo diante de desrespeitos, como uma estratégia para superar as expectativas sociais. O membro do Heavy Metal underground percebe que sua perspectiva sobre os fatos cotidianos não opera de forma tão eficaz quanto esperado. No entanto, quando um Headbanger demonstra habilidades sociais além do grupo, evidenciando domínio em outras áreas do conhecimento humano, ele é visto como alguém que transcende sua identificação;

> Eu dou aula numa escola aqui no bairro da zona Oeste, numa escola particular e é comum os alunos virem me questionar sobre minha vida fora da escola, geralmente não comento sobre, mas é interessante que eles vasculham sua vida e adicionam você

> nas redes sociais deles e quando você menos espera, esses jovens comentam sobre sua vida como fosse conhecidos (risos) são pré-adolescentes e adolescentes que dou aula... mas certa vez postei foto em show de Metal e eles viram, no outro dia, eles tiraram meu couro, riram de mim e não acreditaram que eu era “roqueiro”, acho que eles não esperavam que eu pudesse escutar outra coisa além do que eles escutam diariamente, pior disso é quando adulto (sociedade) repete essas coisas haja paciência (Suenio, entrevista, 2024).

Outro membro afirma:

> Sempre tem gente (sociedade) que espera algo extraordinário do Headbanger, acho que maior dessas coisas é o lance do diabo (risos), esperam que tenhamos poderes sobrenaturais, adquiridos pela aproximação às forças extraterrenas. Cada um usa de sua crença da forma que deseja, mas eu não sou assim, ao menos dessa forma (risos). É esperado que toquemos os instrumentos com maestria ou mesmo esperam que nós façamos as mesmas bobagens que foram fortemente veiculadas pelas mídias digitais (Esteves, entrevista, 2024).

Além disso, o Headbanger que comenta o destacado por Esteves reproduz os discursos divulgados por jornais e instituições religiosas sobre o rock e o Metal pode ser visto como portador de atributos que reforçam a condição identificação no infortúnio (Hecker, 2012). Os membros entrevistados afirmaram que evitavam explicar aspectos básicos do Metal, pois isso poderia gerar clímax ou mal-entendidos sobre as emoções evocadas nos shows. Isso ocorre porque muitos temas abordados no Metal não são comuns nas conversas dos citadinos de Campina Grande, tampouco suas formas de apresentação musical;

> Já tentei explicar porque a figura de Satan era utilizada no Metal, tentei explicar como isso estava relacionado ao desenvolvimento do Metal na Inglaterra e nos EUA e com uma forma de crítica particular e que isso não significa que os membros sejam satanistas. Olhe, eu tentei explicar isso para uma pessoa da Universidade Federal e a pessoa me olhou torto e disse que era tudo bobagem e que os Headbangers era satanista e do mal. Tentei explicar que essa entidade é uma construção histórica e assim como qualquer outra religião, o satanismo não prega a maldade como pensam, na verdade, nem é satanismo, é luciferianismo, é outra coisa, outra dimensão, mas isso é difícil de explicar para pessoas que não estão dispostas a escutar, assim como toda gente fudida da cidade que não é ouvida. Tentei explicar também que o bate cabeça é uma forma de dança nossa, o mesmo serve para o circle pit, tentei explicar que não há violência nos shows, mas no fim fui taxado de doido, já tô acostumado… (ironia), bom é são os estilos musicais da mídia ou da moda aí né… envolvidos com corrupção, drogas, formação de quadrilha, que são defensores da família e se casam várias vezes ou quando não traem suas esposas e vivem na putaria e posam de bons (Esteves, entrevista, 2024).

O trecho da entrevista apresenta não apenas uma tentativa de defesa de seu estilo, mas também a afirmação de que seu self no Metal não corresponde aos estereótipos atribuídos pela sociedade. Trata-se, portanto, de uma demonstração de um "self adequado", que visa, de certa forma, aproximar os críticos ao destacar aspectos do estilo que lhes são

desconhecidos. Porém, o esforço retórico do interlocutor não se limita à auto reflexão. Ele expande sua crítica para expor as contradições entre o discurso e a prática de estilos musicais convencionais, estilos esses que estão tradicionalmente associados à ordem. Esteves recupera uma situação semelhante a experienciada anteriormente, quando praticava artes marciais com seus amigos:

> Em minha família, quase todo mundo praticou esporte de luta ou de contato físico como o futebol, capoeira, karate, jiu jitsu. Eu mesmo treinei a maioria desses esportes, influenciado pela relação que mantinha com meus irmãos, um dos meus irmãos treinou quase tudo isso de esportes também e um dos referenciais que tinha era ele. Depois que vi que ele praticava e vi filmes de ação como "Esporte sangrento" e os filmes de Jack Chan, Bruce Lee, Jet Lee, Van Dame , Arnold, Stalone me veio a ideia de treinar algo e já na época eu curtia Metal. eu tinha um amigo que também treinava comigo e morava perto de onde moro, e ele depois que descobriu que eu gostava de "rock" ficava me imitando nos treinos para um grupo de lutadores e na frente do professor,. Ele falava do modo como eu andava, de como o meu cabelo estava, de como eu balançava a cabeça, ele estava fazendo as pessoas rirem de mim pelo modo como eu me vestia e era. Eu não gostava daquilo e até considerava ele como amigo, mas depois dessa ele caiu no meu quesito amizade, depois disso, os caras passaram a me zoar bem mais nos treinos de luta por causa do meu cabelo, que era coisa de mulher.. das pulseira e etc, me apelidaram também de chorão porque me deram uma pancada e eu não suportei a dor da porrada. Talvez tudo aquilo fosse zueira deles, mas na verdade eu não gostava daquilo, eles nunca me questionaram sobre, sempre fizeram sem perguntar e me deixava desconfortável nas aulas, mas eles tinham certa inveja de mim, porque o que era passado nas aula pelo professor eu pegava rapidamente, eu aprendia rápido, tinha alguns que me chamava de professor com ironia, porque assim que o professor passava os movimentos, eu aprendia rapidamente e já reproduzia, acho que eles faziam essas coisas querendo me derrubar pelo que eu era (Esteves, entrevista, 2024).

Apresentar a dimensão ordinária da vida dos membros torna-se relevante na medida em que permite conhecer seu cotidiano para além dos espaços dos shows. Essa formação cotidiana nos permite perceber os processos formativos que eles atravessam antes de se tornarem Headbangers. É justamente nesse contexto que o preconceito pode surgir inicialmente sob a forma de brincadeira, para depois se naturalizar como um modo de socialização entre os praticantes de atividades físicas, por exemplo. Essa dinâmica facilita a reprodução do estereótipo sob o disfarce de uma brincadeira "sem maldade". Contextos de interação em que essas práticas se desenrolam modificam paulatinamente a percepção do indivíduo sobre aqueles com que encontra com regularidade nos espaços, em especial, quando o individuo entende que sua presença gera uma imagem que não é a que deseja apresentar.

Quando a dimensão estética e moral é percebida ou reconhecida pelos outros como elementos constitutivos da identificação dos Headbangers, isso pode atrair atenção e ser utilizada para marginalizá-los (Azevedo, 2006; Coelho, 2014; Santos, 2021). Ou seja, para a

sociedade, esses elementos formativos da identificação (tanto objetivos quanto subjetivos) tornam-se mecanismos de classificação negativa. A sociedade, assim, expõe a intimidade alheia na presença imediata de outros citadinos (Sennett, 1993). Esteves Bandeira relatou, por exemplo, que, ao transitar em um shopping da cidade, foi chamado de "mulher" por algumas crianças, numa clara associação entre seu comportamento como Headbanger e uma distorção de sua realidade. Essa associação, que tenta diminuir o membro por carregar traços socialmente interpretados como femininos (como o cabelo comprido)[35], não se limita às crianças, mas também é reproduzida por adultos, reforçando um lugar "indesejado" para homens. O desagrado demonstrado pelos membros em situações como essa abre espaço para que conhecidos e desconhecidos comentem sobre aspectos de sua intimidade, seja como exotização ou como algo excepcional.

Como evidenciado em relatos de conversas entre membros e familiares, Franco e seus amigos saíam de casa em um automóvel próprio, rumo ao evento Abril pro Rock, em Recife-PE. Quando Franco estava prestes a partir, sua mãe desejou que ele fizesse uma viagem "abençoada por Deus". Seus amigos, que viajariam com ele, brincaram perguntando se ele havia dito à mãe que "era do diabo" (Santos, 2021). Essa exposição da intimidade pode se manifestar em discursos como: "Vai tirar essa roupa preta!", "Meu filho era assim também", "Isso é uma fase, depois passa", ou "Você já tomou banho? Só porque é roqueiro não quer tomar banho?", o mesmo ocorre em relação aos estudos. A partir disso, o Headbanger pode ser tratado de diversas formas, tanto solicitas quanto inadequadas, em momentos de encontros sociais.

De acordo com os membros, os momentos de co-presença, os Headbanger respondiam a esses estímulos das interações de forma defensiva, como se observa a seguir:

> Eu não devo nada a ninguém, tenho minhas contas pagas e trabalho todo dia, todo dia eu faço as coisas acontecerem, faço acontecer, eu sou um guerreiro, verdadeiro Headbanger do Metal, posso está fudido, mas sigo firme nas minhas coisas e trabalhando, tudo de forma honesta e honrosa. Acho que há aqueles que desejam nossa queda, por causa do estilo Headbanger, eu não quero saber, eles não gostam, eu quero que se fodam, muitas vezes essa é a sensação que tenho ao passear sozinho ou com amigos por aí, posso vestir preto mesmo nos dias mais ensolarados, mas coloco a camisa de banda porque isso é o que sou, se tem gente que não gosta da minha postura eu quero que se lasque, não devo nada a ninguém e mesmo se eu estivesse devendo eu pagaria, porque eu sou homem de palavra e se eu não tiver nada eu tenho amigos que me apoiam e que podem me ajudar, por exemplo, nos shows a

[35] Embora a sociedade entenda o cabelo longo como algo atribuído apenas ao papel da mulher – enquanto algo frágil, sensível e delicado (Butler, 2008), no underground, o cabelo longo representa honra, dedicação e força, como um traço de associação ao grupo também, subvertendo "aspectos" de gênero dominante e colocando-os enquanto símbolo de resistência – historicamente pode-se ver ainda outros aspectos como ocorria no Glam Metal e a utilização de outros adornos considerados femininos (Ver, Rodrigues, 2018).

> gente sempre divide as bebidas e nossas coisas, se eu compro bebida para tomar, eu divido com os amigos que estão me acompanhando e assim eles fazem comigo (Marcos, entrevista, 2024).

Outro membro comenta:

> O ser humano é foda cara, não há paz na terra. Eu mesmo já passei por umas poucas e boas vou recuperar alguns breves momentos; andando aqui próximo de casa já levei pedrada de guri, assim do nada, eu estava passando na rua e o guri começou a grita umas coisas de religiosidade, coisas de crentes tipo "bicho feio/ demónio/ sai daqui/ rock não é de deus" e quando eu ameacei a devolver a ofensa, a peste correu para chamar os pais; alguns tentam diminuir o cara, chamando a pessoa de mulher, o que não me afeta em nada, perguntam para mim se eu acho que meu cabelo é bonito, coisas bizarras assim e do nada, incrivelmente esses casos foram praticados por pessoas que não conheço e nunca estabeleci uma conversa; há pessoas que fecham as portas na minha cara; há gente que quando me avista corre léguas. Todos que me conhecem sabem que eu não sou alguém ruim para me temerem ou me tratarem assim, já tive receio dessas coisas, hoje bato de frente (Esteves, entrevista, 2024).

Seguindo as pistas de Esteves e dos demais adeptos, eles realizam um esforço para manter os momentos de copresença de forma respeitosa. No entanto, quando esses encontros não se sustentam, podem surgir animosidades, reforçando a visão limitante dos outros sobre os Headbangers como desviantes. Além disso, há situações em que os Headbangers não conseguem controlar suas emoções e podem revidar verbalmente ou não verbalmente, transformando encontros que já começam de maneira inadequada em momentos intensos – seja no plano discursivo ou físico (Elias, 1997; Simmel, 1983)

O fundamento interacional presente nos momentos de copresença dos Headbangers, que se apresentam como tal, torna-se emocionalmente intenso, assim como ocorre com qualquer indivíduo que se coloque em uma situação desconfortável do outro. O Headbanger, que não é bem visto cotidianamente, percebe os significados implícitos nas ações dos outros (intencionais ou não). Nesses momentos de copresença, é possível observar a lógica da interação em operação, com aproximações excessivas, simpatia ou intensidades emocionais à flor da pele, o que dificulta manter os encontros sociais harmoniosos.

Com isso, o Headbanger está ciente de que sua identificação social pode gerar desconforto nas interações. Ele sabe que a sociedade o marginaliza e que essa condição dificilmente será ignorada, sendo perpetuada pela própria sociedade. Nesse contexto, há condições figuracionais que legitimam esse tipo de relação e uma perspectiva mútua que aliena as dinâmicas de poder (Elias, 1994).

É compreensível que, nos momentos de copresença, tanto o Headbanger quanto o citadino possam sentir que há algo fora da interação, algo que interfere e gera desarmonia.

Percebe-se o esforço do Headbanger em agir conforme os papéis sociais esperados, enquanto, em algumas situações, os citadinos adotam uma conduta inversa, tentando ignorar ou agir de forma antipática, como se o Headbanger não merecesse atenção suficiente nas interações ordinárias.

Nem toda interação é totalmente focada; há deslizes e aspectos que desviam a atenção dos interagentes em determinadas ocasiões. O conhecimento social disponível para ambos revela que há algo no outro que foge ao esperado. Isso pode ser entendido como a consciência da presença do outro na interação, o que pode gerar desconforto ou inquietação nos encontros face a face.

Os Headbangers lidam com situações de desvantagem que os expõem ao constrangimento em encontros face a face com citadinos. Nesses momentos desfavoráveis, tanto o membro quanto o citadino podem agir sem considerar as consequências de seus atos ou optar por não agir (comentar ou não) sobre o que o outro está apresentando, como na situação vivenciada por Esteves no ônibus, quando foi questionado sobre a tradução dos termos estampados em sua camisa, conforme relatado no capítulo anterior. Essa dinâmica se desenvolve porque a percepção da desvantagem amplifica-se e reduz a qualidade da interação, tornando-a singular e única naquele momento – essas situações revelam sinais de desconforto, constrangimento e gestos cuidadosos de distanciamento por parte do citadino que questionou o Headbanger[36] acima.

Conforme a pesquisa de campo, nos momentos de encontro desses indivíduos, as categorias atribuídas por aqueles fora do grupo eram inadequadas e geradoras de constrangimento e vergonha. No entanto, alguns membros lidam com esses momentos de descrédito com maior perícia e tato do que outros, visando transmitir sinais de unidade. Os mais experientes demonstram que essa capacidade está internalizada e naturalizada, sendo aplicada de forma eficaz nos encontros com os pares.

II. Brotherhood

Buscou-se destacar anteriormente a diferença entre aquilo que o Headbanger apresenta e aquilo que ele realmente é, ou seja, o que é apresentado e o que permanece controlado nos momentos de socialização. Quando o membro desse grupo apresenta sua identificação social, ele tende a receber discursos moralizantes e apatia dos demais

[36] Esses sinais mostraram a pressão e o esforço para se realizar interação em contextos que podem se transformar em constrangedoras, em que o membro buscou manter a ordem da interação para evitar discursos deslegitimadores a sua identificação.

citadinos, uma vez que seu estilo de vida e musical contém elementos críticos em relação ao estabelecido. Isso tem o poder de tornar o cotidiano desses indivíduos desviantes, angustiante e intenso. Alguns Headbangers podem acreditar que tais experiências ocorrem apenas com eles, vendo-se como mártires do grupo. No entanto, o Headbanger segue sua vida, ciente de que pode contar com irmãos para compartilhar momentos felizes e infelizes. Ao ser iniciado no grupo, o membro descobre que há outros que persecutem ideologias, emoções e práticas semelhantes, alinhadas em termos de humanidade, estética e moral, em relação as suas perspectivas, projetos e trajetórias sociais.

Desse modo, dois elementos tornam-se centrais para a análise das interações sociais em uma figuração específica como a da cidade de Campina Grande. O primeiro diz respeito ao conjunto de indivíduos que formam o grupo e fornecem a base para o amparo e a boa vivência coletiva, especialmente para aqueles identificados como Headbangers, o segundo envolve os especialistas da cena, aqueles membros que escrevem sobre e estudam o Metal que será discutido mais a frente. No primeiro, eles se reúnem com base nas experiências e sentimentos compartilhados, formando uns aos outros no processo de individualização e criando um espaço onde podem externalizar, objetificar e materializar seus desejos e sentimentos libidinais.

Nesse ambiente, estão protegidos pela moral interna do grupo e sentem-se em casa, livres de perturbações externas, ao lado de seus pares. Como destacado por pesquisas, há um senso de comunidade, irmandade e parceria (Campoy, 2008; Moraes, 2014), evidenciando a importância do comportamento organizado e coletivo para a subsistência do grupo. Eles desenvolvem formas de educar, ensinar e transmitir conhecimentos sem a necessidade de uma instituição reguladora (Azevedo, 2006; Coelho, 2016), adotam posturas éticas e morais que frequentemente desafiam o status quo (Messias, 2013; Hecker, 2012), perseguem valores e símbolos de lealdade e compromisso com o grupo (Santos, 2013; Santos, 2018) e avaliam criticamente as situações em que estão inseridos (McDowell, 2016; Skadiang, 2017; Santos, 2021; Schulz, 2022). Como relatou um membro experiente do grupo;

> Consigo lembrar dos momentos que na minha adolescência eu ia para os shows, voltava tarde da noite, andando de locais distantes da minha casa, na verdade eu fazia as caminhadas, quase não tinha dinheiro para grana, era uma escassez medonha na época, mas também eu não sou de família rica. Tudo que eu fazia em prol do Metal eu levava comigo o suor, literalmente... porque eu gosto de estar lá, é muito massa, a forma como os meus amigos me tratam e

> me acolhem não tenho palavras para descrever e ainda hoje isso acontece, so que hoje em dia a gente já tem uma condição melhor podemos dar um *up* na comemoração nos dias dos shows podemos comer e beber como ir a qualquer show que desejar, mas claro é preciso planejar. Lá eu não sinto vergonha de bater cabeça, eu achava mo esquisito fazer na frente de quem não entende a energia envolvida, agora essas pessoas estiverem no show de Metal, aqueles que serão esquisitos serão eles. Bater cabeça, se jogar do palco, tomar banho de cerveja, ficar fedendo a suor por participar das rodinhas punk, gritar até ficar sem voz, fazer tudo isso sem ficar me regulando porque podem falar de mim é massa de mais, mas isso é só entre os nossos, que energia é seguir o coro gritando "hey, hey" …coro puxado pelos vocalistas, gritar "hail satan" só para profanar geral (risos)... e outras coisas... não tem preço, só quem entende a energia e o significado de tudo é quem participa dos shows (Esteves, entrevista, 2024).

A pesquisa de Smith (2022) com apreciadores do Metal no Reino Unido destaca elementos da socialização por meio da família e amigos, mudanças no gosto musical e a incorporação de práticas do grupo, como o uso de cabelos longos, piercings e tatuagens. Smith também argumenta que esse estilo de vida não se limita a uma socialização passageira, mas está profundamente ligado ao significado e ao sentimento de pertença proporcionado pelos momentos de comunhão. Esta pesquisa concorda com Smith ao afirmar que, no Metal, existe a crença de que ouvir essa música é viver a identificação, o que exige do indivíduo o uso de indumentárias, discursos e práticas relacionados à música e à sua dimensão simbólica, que só são plenamente experimentados ao lado dos irmãos de shows. Isso se conecta com a importância de estar presente nos shows com os adeptos e de promover a socialização de valores e práticas estimadas no underground, conforme destacado pelo entrevistado anteriormente.

Utilizando o conceito de "pedaço" de Magnani (1998), sendo o espaço da irmandade underground em Campina Grande, onde o Headbanger munido de ressentimento utiliza sua marginalização moral para fortalecer seu senso de unidade social. Para isso, ele busca viver em seu "pedaço", uma parte de seu mundo social que se apresenta como tensa em uma cidade que se projeta como harmónica. Nesse espaço, os membros constroem suas biografias de sucesso e insucesso no underground, explicando como ingressaram no grupo e passaram a frequentar eventos na cidade.

Alguns membros relatam que começaram a participar e se reconhecer como Headbangers por influência de amigos da escola, da universidade e de espaços públicos, como praças onde ocorriam eventos na cidade. Após começarem a frequentar esses espaços juntos, passaram a se identificar como pertencentes a esse lugar, um espaço onde todos deveriam participar e apoiar os shows. Esse local tornou-se um ponto de encontro para Headbangers, pois era onde externalizavam problemas cotidianos e institucionais,

como os relacionados à família e ao trabalho. O "pedaço" de interação dos desviantes do Heavy Metal, com seu gosto musical considerado diferente ou excêntrico, gera coesão e interesse entre os membros participantes.

Nesse pedaço interacional, os membros alimentam sonhos, como o de excelentes apresentações e reconhecimento, e os levam a se concentrar em histórias de sofrimento e alegria relacionadas a shows, viagens, vida urbana e até mesmo mentiras egoístas. Em outras palavras, o foco em eventos bons ou ruins torna-se uma marca nos discursos dos membros, caracterizando sua identificação social no Heavy Metal. Além disso, para além dos momentos gloriosos e de queda, ocorre uma aproximação dos Headbangers com a sociedade, uma vez que eles também desenvolvem uma perspectiva especializada em sua identificação;

> Quando eu ando na rua, eu observo as camisas das pessoas como geralmente vestimos camisa de banda, se torna uma forma de encontrar os conhecidos ou mesmo fazer amizade com alguém, isso é importante, eu considero sabe… mesmo assim, tem pessoas que trabalham em postos de trabalho diferentes e em quem não podem se mostrar enquanto Headbanger, mas nós sabemos que no fundo eles são Headbangers. Eu tenho amigos na zona Oeste e eles têm outros amigos que participam de trabalho na área da saúde – o que não é muito comum em nosso meio, ao menos pelo que vejo dos amigos –, eu conheço de vista o rapaz que trabalha como enfermeiro e quando eu vejo na rua, a minha primeira lembrança dele é como Headbanger, muitas pessoas não sabem, mas a gente sabe (risos). Isso também serve para aqueles que já foram do Metal e hoje vivem de outra forma (religiosa), aqueles que agora servem ao White Metal, aqueles que desistiram do Metal por causa de problemas diversos, mas no caso desses últimos, é diferente porque agora a primeira coisa que lembro é que são pessoas que renegaram a gente para se tornar um qualquer, negaram a honra do grupo, não gosto de lembrar desses últimos, mas é a real, é o que acontece (Marcos, entrevista, 2024).

Segundo, a pesquisa de Lima Filho (2010), o reconhecimento entre pares por meio de símbolos, como camisas de bandas, é um dispositivo para desenvolver sociabilidade, mesmo entre desconhecidos – uma vez que o anonimato pode ser rompido quando os indivíduos identificam as bandas estampadas nas camisas. O pesquisador mencionado, demonstra que locais públicos, como terminais de ônibus, eram espaços onde os membros avistavam outras pessoas com camisas de bandas e estabeleciam interações mediadas pelo Metal. Esses contatos não se limitavam a breves cumprimentos, mas podiam evoluir para relações mais duradouras dentro do meio Metal, incluindo até mesmo conquistas amorosas com pessoas que compartilhavam do mesmo gosto musical. Na realidade pesquisada em Campina Grande, os membros não iniciam contato em demasia; primeiro, observam o comportamento de quem veste camisas de bandas, avaliam se o gosto musical é compatível com o seu e só então tentam estabelecem laços

sociais. Esse comportamento afeta especialmente os fãs de Nu Metal, um subgênero não bem visto pelo grupo.

Os Headbangers constroem suas vidas a partir de elementos que diferem em estética e em moral da sociedade campinense como se verá mais a frente, por exemplo, a estética preta para o membro Franco é desejável, mas para sua mãe a utilização de roupa preta não é bom sinal como a descrença do filho que vai ao show acompanhado de outros indivíduos que pensam o mesmo sobre o elemento moral da religião. A atenção a esse aspecto revela tipologias de individualização e dinâmicas de funcionamento do grupo no ambiente urbano. Ao analisar esses momentos, percebe-se que os membros eram encorajados a estabelecer interações verbais, intensificando a formação de vínculos sociais entre si. Em eventos coletivos, há a presença de indivíduos considerados outsiders pelo grupo, como os White Metals e NS (National Socialista). Embora interajam ocasionalmente com seus pares, esses indivíduos adotam posturas sociais avessas aos valores do grupo e, por isso, não mantêm sua permanência entre os Headbangers. Apesar de frequentarem os mesmos espaços, não são plenamente aceitos.

No entanto, o grupo mostra-se diplomático com aqueles que, após reivindicarem posturas contrárias às práticas internas, demonstram arrependimento e disposição para se reintegrar. Os Headbangers frequentam bares, casas de membros e sítios de conhecidos que organizam eventos, servindo como pontos de encontro para os integrantes do grupo. Além desses pedaços, há ambientes virtuais que facilitam a troca de informações e a manutenção do estilo de vida Metal. Essa forma de organização no underground do Heavy Metal reflete um esforço grupal de indivíduos de diferentes condições sociais para criar associações de apoio artístico e social (Simmel, 2006) [37].

Destacam-se também as redes de interdependência formadas por diversos grupos e produtores de Metal em todo o território nacional, que trocam informações sobre bandas, circuitos e organização de shows locais (Moraes, 2014; Lopes, 2006). Essas redes conectam Headbangers de diferentes estados, facilitando a circulação de bandas e fortalecendo

[37] Os músicos, produtores de eventos e editores de fanzines são entendidos como pessoas que trabalham em prol do desenvolvimento e subsistência da cena underground, são pessoas que trabalham e apoiam o que a cena produz seja em som ou outros materiais artísticos. Essas pessoas ainda dedicam tempo de suas vidas em ensaio, edição e planejamento com outros membros para divulgar suas artes (materiais ou sonoras), pode-se dizer ainda que elas demonstram envolvimento e apoio da cena. Os distros (distribuidores de materiais) também entra no grupo de pessoas que tem atividades associadas a promoção de bandas underground sem a visão de comercial – que visa apenas o lucro a partir da venda dos produtos citados. A pesquisa de Campoy (2008) chama esses apoiadores de agentes do underground, especialmente, os distribuidores são zelosos com circulação de seus materiais porque as gravações não podem ser distribuídas por quaisquer lojas de discos, esses materiais possuem o cunho de exclusividade, permitido apenas "fiéis seguidores do underground" (Campoy, p.58, 2008).

a cena underground local. Há espaços na cidade de Campina Grande que possibilitam a reunião dos membros, como os Motoclube que apoiam os Headbangers na promoção de seus eventos e oferecendo serviços de comensalidades. Esses pedaços funcionam como locais de acolhimento e apoio mútuo, sendo às vezes compartilhados com outros grupos marginalizados e, em outros momentos, reservados exclusivamente aos Headbangers. Os frequentadores desses espaços são muitas vezes estigmatizados pela sociedade como marginais ou desviantes, sendo em sua maioria de classe média e baixa, com religiosidade distinta da predominante. Curiosamente, há famílias que participam do grupo e, para evitar conflitos, atenuam seu estilo estético e moral, adaptando-se para escapar de julgamentos (fofocas[38]) externos – um fenômeno que apareceu em pesquisa.

O termo Headbanger é utilizado por ser a forma como esses indivíduos se autodenominam, funcionando como um marcador identificatório que os distingue e unifica. Todos aqueles que participam ativamente da socialização nos shows podem ser reconhecidos como tal – desde que haja aceitação pelos insiders (membros consolidados do grupo). No entanto, outsiders (aqueles de fora – a sociedade) podiam até identificar esses indivíduos pelo termo, mas, na prática, utilizam expressões de exclusão e distanciamento, como observado nas interações cotidianas. É importante destacar que nem todos os participantes estão plenamente envolvidos no grupo. Alguns dedicam-se prioritariamente a outros projetos sociais, como trabalho, estudos ou até mesmo mantêm uma relação ambivalente com sua religiosidade cristã – distanciando-se, assim, da organização interna e das interações regular do grupo (Becker, 1977).

O Heavy Metal underground reúne-se em seus pedaços (espaços de sociabilidade) urbanos, mesmo que seu número de participantes da cena não seja tão expressivo quanto em outros estilos musicais. Nesses locais, os indivíduos manifestam seu gosto estético e moral, construindo uma organização social inclusiva – onde alternativos, mulheres e LGBTQIA+ são aceitos. Quando dois Headbangers interagem face a face, a dinâmica do tratamento mútuo se transforma, pois, ambos compartilham a crença de pertencimento ao grupo – para os iniciantes, no entanto, essa aceitação não é imediata: é necessário conquistar a confiança dos membros de forma processual, construindo familiaridade e reconhecimento ao longo do tempo. O uso do termo Headbanger reforça não apenas a identificação grupal, mas também demarca uma fronteira simbólica entre os verdadeiros insiders e aqueles que não estão plenamente integrados

[38] A fofoca não é um mecanismo exógeno, isto é, uma prática denunciativa de embuste direcionada aos Headbangers pela sociedade, mas também é utilizada por eles próprios como forma de denunciar as situações que vivenciam e de identificar aqueles menos atentos ao estilo de vida.

no Metal underground.

Alguns Headbangers ativamente recrutam novos membros para seus encontros, enquanto outros preferem manter o Metal clandestino e marginal, evitando a entrada de "dissimuladores". Esses últimos de pensamento que preza pelo clandestino apoiam financeiramente ou simbolicamente produtores, especialistas e a audiência fiel, valorizando a autenticidade acima de tudo. Decisões sobre ensaios, eventos e bandas a serem trazidas para a cidade são tomadas coletivamente em reuniões e encontros informais (em bares ou casas de amigos). Esses momentos refletem a visão e experiência do grupo, alinhando objetivos coletivos com as trajetórias individuais. Os Headbangers mais engajados utilizam o termo Headbanger estrategicamente, buscando ressignificar sua imagem perante a sociedade – que historicamente os alija. Por exemplo, em 2023, no London pub, Felipe, após se identificar como Headbanger, passou a expressar sua masculinidade por meio da disciplina em atividades atléticas e da dedicação ao culto do corpo. Esse aspecto foi destacado por ele em conversas durante os shows. Frequentemente, ele mencionava que isso ocorria porque o Metal lhe proporcionou vontade de viver e o ajudou a superar adversidades emocionais, como ansiedade e depressão. Ele afirmava que ser Headbanger transformou sua visão de mundo de tal forma que não conseguia encontrar, na sociedade, espaço para esse tipo de disciplina e realização pessoal. Numa das visitas a sua casa, ele contou que contemporaneamente, conseguia se impor aos amigos de escola que antes caçoavam dele por ser "gordinho e desengonçado".

Segundo Silva (2014), quando o Heavy Metal ganhou visibilidade no Brasil – especialmente após o Rock in Rio –, a mídia massiva popularizou o termo "Metaleiro", que acabou sendo assimilado pelo público geral. No entanto, no underground, esse termo é rejeitado por ser associado a uma visão superficial e pejorativa. Os membros no underground preferem o termo Headbanger, que carrega um sentido de pertencimento autêntico e não pejorativo.

Há momentos em que, Headbangers assumem o papel de porta-vozes do grupo em contextos ordinários e excepcionais, desconstruindo estereótipos de que seriam desordeiros ou violentos. Eles se apresentam como exemplos de organização, contrastando com a imagem fantasiosa e épica que a indústria cultural atribui ao Metal. Esses membros aparecem aí como verdadeiros guerreiros da adaptação, eles se colocam a prova para mostrar que não eram pessoas de má índole, mas claro, para quem está disposto a escutá-los.

Os Headbangers mantêm um engajamento constante com publicações em redes sociais e fanzines, que servem como veículos para expressar sua identificação coletiva e emoções socializadas. Essas plataformas materializam o compromisso existencial dos membros com o grupo, funcionando como espaços de construção ideológica – onde os discursos narram

sucessos, fracassos, desafios, vitórias, aspirações de consumo e posicionamentos políticos. A análise desses documentos etnográficos revela um duplo movimento discursivo: de um lado, exaltações aos Headbangers autênticos; de outro, verdadeiras declarações de guerra contra os considerados falsos (“corrompidos”, nazistas ou White Metals). Esses registros e suas informações operam como mecanismos de distinção grupal, atribuindo tanto reconhecimento aos legitimados quanto afastamento e vergonha aos classificados como dissimuladores.

Os fanzines funcionam como crônicas vivas da cena underground, registrando desde lançamentos de bandas locais até a comercialização de discos e merchandising especializado. Um caso emblemático é o das bandas campinenses Warcursed, Venomous Breath e Demonized Legion– esta última com experiência em turnês nacionais, enquanto as primeiras com trajetória internacional. Essas bandas, que já possuem EPs, demos e álbuns completos, ilustram a paradoxal condição do Metal underground: mesmo aqueles que conseguem espaços em eventos mainstream continuam marginalizados no senso comum campinense.

Os membros contam nos fanzines sobre seus momentos de formação e desafios em ser Headbanger e pelo que passaram em suas trajetórias e compararam o antes e depois de suas experiências; eles contam sobre suas autobiografias e de seus amigos com cunho moral demonstrando um comportamento adequado para os Headbangers. Os fanzines Lucifer Venerabilis e Deliver trazem enunciados interessantes para se destacar acerca do tema mencionado anteriormente, apesar de serem fanzines com temática diferentes dentro do underground, ambas tocam em pontos iguais como por exemplo: a enunciação de um Headbanger culto, singular, diferente que não se envolve com pessoas consideradas “direitistas”, “consumistas”, “fascistas”, “poser” e “rip offs”. Essa enunciação revela uma exigência de comportamento que transcende o apreço musical, configurando um verdadeiro código de conduta que permeia tanto a esfera objetiva quanto subjetiva dos membros. A crítica, por vezes ácida, serve como mecanismo de purificação da cena objetivamente e subjetivamente, estabelecendo fronteiras claras entre os verdadeiros iniciados e aqueles considerados indignos do título de Headbanger.

Para além do caráter informativo sobre o grupo, o fanzine apresenta-se como classificador moral, no qual os membros expõem seus discursos convergentes e divergentes acerca do controle das situações sociais em que estão envolvidos. Quando os Headbangers manifestam comportamentos desviantes ao grupo, esses documentos analisam tais condutas detalhadamente. Para esses indivíduos, essas publicações podem ser consideradas parte da economia underground, destinadas não apenas aos músicos, mas também aos editores da cena que dedicam tempo à produção desses "manuscritos" do Metal.

O grupo analisado pode ser considerado pequeno, com uma frequência média de 50 participantes nos eventos – número que varia conforme as bandas que se apresentam e de redes de apoio e conexões sociais. Contudo, o mais relevante é a perspectiva dos membros sobre sua própria representação no espaço público. Os Headbangers compartilham um mundo artístico e social delimitado, que os torna conhecedores especializados de seu "pedaço" Metal.

Por isso, quando eles leem obras "essencializadas" por autores outsiders e as criticam, consomem produções acadêmicas sobre Metal e assistem a documentários do gênero, demonstram interesse reflexivo por si mesmos e pelo grupo. Quando não acessam diretamente tais produções (livros ou filmes), as informações lhes chegam por meio de amigos ou daqueles considerados especialistas que estudam a cena local campinense. Isso possibilita o desenvolvimento de uma perspectiva intelectual (capital social), o que torna relevante a função desses representantes do grupo. Trata-se daqueles membros do underground que atuam efetivamente com produções artísticas, visuais e registro do grupo. Eles expressam maior identificação e engajamento por trabalharem diretamente com esses aspectos fundamentais – o que não constitui uma regra, pois, conforme destacam os informantes, qualquer membro iniciado que deseje contribuir para a produção grupal pode se engajar nessas atividades, como destaca os interagentes a seguir:

> Acho que dois anos depois que comecei a curtir Metal, isso em meados dos anos 2000, eu havia conseguido do meu amigo de escola algumas revistas, tipo *roadie crew, rock Brigade e Planet Metal* para conhecer as novidades das bandas sabe, lançamentos, bandas novas e outras coisas... o meu amigo comprava roadie crew todo mês, inclusive vez e outra eu ia ao centro da cidade para comprar as revistas com ele e aproveitava para ficar na praça com outros amigos. Mas com essas revistas eu vi muita coisa interessante, então eu comecei a registrar todas a bandas em um caderno que eu tinha para depois com mais tempo escutar as bandas pela internet. (risos) nessa brincadeira eu fiz uma lista grande de bandas com as quais eu fiquei super animado, eu tinha um arsenal de bandas, não me faltava assunto para discutir com meu amigos sobre Metal, porque eu tinha um fucking arsenal de bandas e a maioria eu escutava e procurava saber sobre a historia de cada banda, eu sabia o nome das faixas dos CDs, curiosidades sobre os músicos, era muito legal levar esse conhecimento para discutir com os amigos e especialmente quando eles conheciam as bandas né (risos). Depois disso, os amigos passaram a demandar a lista de bandas para escutar e eu comecei a escrever a lista de bandas para compartilhar com eles, de certa forma, eu estava sendo o "deliver" das bandas, tipo um distribuidor (risos) depois que comentava sobre as bandas que tinha escutado os outros ficavam interessados em escutar também. O mesmo amigo que recebi as revistas, havia me emprestado tempo depois dvd Metal: a Headbanger journey, eu achei muito massa, então passei a acompanhar nas redes sociais as notícias para ficar mais informado sobre qualquer lançamento de documentário, mas esse documentário foi muito instigante, ver as bandas, a difusão do Metal e bobagens de tours, foi muito interessante, por muitas vezes eu queria ser o cara do documentário para viver tudo aquilo (Esteves, entrevista, 2024)[39].

[39] Como demonstra Skadiang (2017) em sua pesquisa na Indonésia, os Headbangers constroem sua diferenciação social por meio do domínio do capital cultural específico do grupo, utilizando esse conhecimento como marcador de autenticidade dentro da cena Metal. Esse fenômeno de construção do estilo de vida por meio de competências

> Produzir fanzine é uma coisa prazerosa. Eu gosto bastante de entrevistar as bandas e falar sobre Metal e a vida com os músicos – apesar desse trabalho, há sempre os empecilhos de outros querendo lhe fuder. Para alem do que alguns falam, o importante é continuar produzindo em prol da cena, é a que mais carece de atenção e produção. Consegui distribuir meu fanzine e ajudar algumas bandas também enviando CD de parceiros para diferentes partes do Brasil. Mas preciso dizer que o trabalho do fanzine quando é feito compartilhado esse se torna melhor, porque o fanzine atinge outras pessoas, por exemplo, eu nunca pensei na possibilidade de entrevistar bandas de Black Metal ou Death Metal do mainstream que tanto admirei e isso só foi possível com ajuda de outros amigos e amigas da cena e não somente de Campina Grande como de São Paulo também (Adriano, caderno de campo, 2022).

O adepto que inicia essas atividades editoriais pode ser reconhecido por seu trabalho, uma vez que estará promovendo a cena e conquistando prestígio social por meio de seus escritos ou realizações. Progressivamente, torna-se uma referência em relação aos demais, alcançando uma posição de destaque que configura uma nova trajetória como representante, porta-voz, debatedor e defensor de seus pares – condição que igualmente se aplica a músicos e produtores. No caso desses representantes, ocupam uma posição de visibilidade que os obriga a manifestar-se constantemente em defesa de sua identificação. Consequentemente, não podem comprometer sua imagem com condutas consideradas desviantes pelo grupo, devendo manter coerência com os valores que assumiram e almejaram com a unidade (Moraes, 2014; Santos, 2021)

Acerca da profissionalização no underground do Heavy Metal, em especial, de músicos e produtores, pode-se acrescentar dois aspectos. Primeiro aspecto, o membro que faz de seu estilo de vida uma profissão, os produtores e músicos do grupo eram demandados a tratar com indivíduos de outros grupos, no caso dos músicos para divulgar seu trabalho e talvez "cativar" algum indivíduo; tendo de ensaiar em estúdio de música de outros estilos musicais, estilos musicais que eram indesejados por eles mesmo; os produtores tendo que contatar equipes de trabalhadores que alugam som para eventos de outros estilos musicais na cidade como negociar com donos de pubs simpatizantes com rock e outros donos que não curtem, isto é, eles acabando percebendo que atravessam a fronteira do grupo que se projeta como exclusivo vez e outra.

O segundo elemento envolve os membros que escrevem sobre o Metal, seja em âmbito acadêmico ou underground. Suas narrativas tendem a ser parciais, evitando temas potencialmente divisivos – como machismo, misoginia e vertentes extremistas – para preservar a projeção de coesão grupal[40]. Atualmente, essa representação se expande para as redes sociais,

culturais internas não se limita à cidade de Campina Grande, mas se manifesta como padrão em diferentes contextos geográficos e culturais onde a cena Metal se estabelece (ver, Schulz, 2022; Shadrack, 2021; Vasan, 2011; Fridh, 2010; Kitteringham, 2014).

[40] Por exemplo, alguns pesquisadores locais tendem a não registrar a presença dos whites Metal, sendo esse grupo evangélico que está em constante interação no underground tentando levar sua visão de mundo para os

onde influenciadores digitais assumem papel análogo ao dos tradicionais aos editores da cena. Contudo, independentemente do meio, o eixo central permanece sendo a defesa de um estilo de vida que integra forma, estética e moral (Alexander, 2012).

Os representantes do Heavy Metal envolvidos manifestam-se verbalmente ou por escrito porque compreendem que o Metal constitui um investimento libidinal de tempo válido. Essa postura permite reconhecer a importância do Heavy Metal enquanto elemento central para a compreensão de seu estilo de vida – o que podemos entender como um processo de autocompreensão (Brubaker, 2000). Contudo, observa-se que nesses grupos de representação podem coexistir membros pouco interessados nas atividades underground, os quais, consequentemente, não conseguem representar adequadamente o coletivo em sua totalidade. Essa limitação da representação ocorre por dois fatores principais: primeiro, pela incapacidade de alcançar todos os indivíduos participantes da cena de forma uniforme; segundo, porque os membros menos engajados, ao demonstrarem desinteresse pela identificação grupal, não conseguem ascender a posições de destaque dentro do grupo.

No contexto contemporâneo, emergem novos tipos de representação no Metal através das figuras dos influencers, demonstrando que os representantes tradicionais mencionados anteriormente não constituem os únicos vetores de sustentação da identificação social. Surge assim um novo paradigma de representação, particularmente impulsionado pelos meios de comunicação de massa. É importante salientar que o exercício dessas atividades de representação e destaque pode gerar dinâmicas de fofoca dentro do grupo, manifestando-se tanto no âmbito do "pedaço" (Magnani, 1998) quanto em escalas mais amplas - local, regional e nacional (Elias, 2000; Santos, 2021). Essas hipertrofias revelam os complexos processos de negociação por legitimidade que caracterizam a cena underground.

Ao adentrar na vida dos membros e acumular dados etnográficos em diferentes momentos, foi possível compreender com maior profundidade as relações sociais estabelecidas, especialmente o peso que a fofoca possui no grupo. O grupo campinense projeta sobre si uma crença compartilhada entre seus membros: a de que existem aqueles considerados "verdadeiros" integrantes, em oposição a indivíduos que não são totalmente reconhecidos como insiders. Essa distinção opera na logica de interação, uma vez que estes últimos não são bem-vindos ou convidados para participar de determinados eventos. Em contrapartida, aqueles que mantinham

---

"pecadores". Esses pesquisadores fazem com isso uma tentativa de ocultar os conflitos e as inserções de outros grupos ou mesmo a níveis figuracionais, fazendo com que o Metal transmita a imagem que as tensões sociais não existam e não produzam efeitos na organização do grupo. Tal projeção feita por esses membros é feita como forma de resistência e compreensão que determinados grupos não existem ou não tem significação para eles, no entanto, é justamente esse impasse criado que organiza as interações e modos de circulação na cena.

suas imagens alinhadas às expectativas do grupo eram aceitos com prazer e estima, o que, por sua vez, permitia a reprodução da fofoca como mecanismo social. Isso ocorre porque há uma clara diferença no tratamento e no status atribuído a cada um que não estão alinhados, afinados ou envolvidos com a unidade. No entanto, a fofoca não desempenha apenas um papel depreciativo. Essa prática também pode assumir um caráter apreciativo em relação a seus objetos de foco. Nesse último caso, os comentários circulam internamente entre os membros como forma de elevar a moral dos Headbangers (sejam músicos, produtores ou membros da audiência) (Elias, 2000).

Do ponto de vista analítico, essa dinâmica revelou como os membros articulavam suas questões e discutiam as fofocas depreciativas exógenas — aquelas dirigidas ao grupo pela sociedade mais ampla —, destacando a maneira pela qual esse elemento social se estruturava tanto internamente (no grupo) quanto externamente (na sociedade), como será explorado ao longo deste trabalho. Por ser um grupo numericamente pequeno na cidade, os Headbangers frequentemente tinham acesso a relatos de experiências de fofoca vividas por outros membros. Tais situações ocorriam principalmente em contextos excepcionais, como shows de grande porte (como Abril Pro Rock) ou em eventos menores em pubs e bares, onde era possível observar tanto a prática quanto a recepção das fofocas. Nesses espaços — sobretudo no final dos eventos —, a socialização da fofoca ganhava proporções significativas devido ao tamanho reduzido do grupo. Seja em rodas de conversa ou por meio de redes sociais, a informação compartilhada circulava rapidamente, especialmente quando se tratava de fofocas depreciativas entre membros, que tendiam a se disseminar com maior intensidade – como foi o caso de Helian que ficou conhecido na cidade e em outros estados devido seu envolvimento com cristianismo e depois com ideais da extrema direita no Metal (Santos, 2021).

Os membros relatavam experiências de fofocas disseminadas em seus bairros, nas quais eram frequentemente estigmatizados por indivíduos de diferentes faixas etárias – crianças, jovens, adultos e idosos. Nesse contexto, circulavam tanto fofocas depreciativas, associadas a comportamentos considerados "ruins", fatos reprováveis ou suposta amoralidade, quanto fofocas valorativas, que exaltavam apresentações de bandas de músicos amigos e parceiros conhecidos. A prática de "falar dos outros pelas costas" revela uma moralidade percebida como construida ao longo do tempo, funcionando como um mecanismo de regulação social. Esse fenômeno adquire especial relevância em grupos dominantes, nos quais a moralidade atua como um instrumento de controle dos “despossuídos” de estima. A imposição de normas da sociedade sobre os desviantes desempenha um papel crucial na organização e no desenvolvimento da sociedade, uma vez que busca corrigir comportamentos antinormativos e

restabelecer a ordem social e seus indivíduos. Como esta pesquisa demonstrará, a fofoca se configura como uma faceta da moralidade dominante, especialmente quando reforça valores como ordem, disciplina e coesão social. Através dela, o grupo reafirma suas práticas estandardizadas e delimita os limites do aceitável.

Como mencionado anteriormente, a fofoca também ocorre Intra grupo – os próprios Headbangers utilizam-se desse recurso para gerenciar conflitos, destacar desavenças e reforçar posições internas. Contudo, ao analisar a fofoca exógena (originada fora do grupo), evidencia-se a pressão exercida pela sociedade dominante, cujo status hegemônico amplifica seu poder na regulação dos indivíduos. Essa maioria normativa, ao fomentar e legitimar tais narrativas, exerce um controle dissimulado, mas eficaz. Quando um indivíduo assume publicamente sua identificação como Headbanger – marcada pelo desvio – torna-se alvo regular de comentários depreciativos que buscam desqualificar tanto sua identificação quanto sua adesão ao grupo. Para o grupo Headbanger, essa mesma perseguição transforma-se em motivo de orgulho, pois reforça a resistência do self[41] frente à normatividade sufocante. Os moradores dos bairros, colegas de escola e vizinhos construíam uma dicotomia moral: atribuíam aos Headbangers uma imagem desviante (associada a "pecados sociais"), enquanto reafirmavam sua própria conduta como legítima, correta e "sagrada".

Apesar das pressões sociais, os membros demonstram orgulho de suas identificações não-normativas, afirmando resistir às tentativas de coerção que buscam distorcer sua imagem e

[41] É preciso entender a fofoca por uma perspectiva de quem a produz e de quem a recebe. E entendendo essa figuração a partir da realidade de Campina Grande, se percebe que os Headbangers são diferentes dos citadinos devido o estilo de vida e isso atribui a fofoca uma situação social e a forma como os Headbangers se posicionam na estrutura social, tendo em vista a relevância e impacto das relações sociais em reforçar que o individuo vive em situações estruturadas e estratificadas (Collins, 2004). Desse modo, os Headbangers em seus pedaços da cidade não conseguem produzir o mesmo impacto que os citadinos possuem, porque esses últimos tem o aval da sociedade para falar por ela. Isso se deve também pelo fato de que nessa cidade não haver espaço para as diferenças culturais se apresentarem e serem constituintes da realidade paisagística urbana, ocorrendo sim uma maior predileção por estilos de vida convencionados. Desse modo, o Headbanger não consegue reagir aos comentários depreciativos porque seu estilo de existir foi convencionado como anti convenção pelas razões que já se pode inferir e conferirá no decorrer da apresentação da pesquisa. A partir do que foi sendo observado na pesquisa acerca do que os membros falavam sobre as fofocas que eram vítimas, que havia a queixa de famílias e vizinhos sobre a possibilidade de controlar os filhos que se tornavam Headbangers, sobre a possibilidade deles se transformarem em arruaceiros, bandidos, delinquentes ou violentos por causa do estilo musical. Segundo Lopes (2006) traz dados de que desde o Rock in rio, podia-se notar o alarde por parte das pessoas que desconhecem o Metal de que essa música era violenta, esse fenômeno social ainda aparecia sendo associada aos espaços em que os Headbangers frequentava. Como destacou o pesquisador “Durante minha pesquisa de campo não presenciei brigas nos mais diversos shows que frequentei”, mas ele destaca ainda que “e as demonstrações de violência que possa ter visto sempre foram causadas por indivíduos alheios à cena Metal ou por seguranças” (Lopes, p.154, 2006). Ele afirmou que assim como a pesquisa de Weinstein (2000) a audiência desse estilo musical é a que menos demonstra animosidades em seus eventos, tendo maior ocorrência de brigas em shows de outros estilos musicais, mostrando uma diferença com outros estudos (Psych, 2018). São exemplos de que o discurso de grupo violento não cabe, pode-se acrescentar ainda que os controles dos familiares/vizinhos tentam imprimir não se aplica a elas próprias, mas sim, para aqueles que vieram a posteriori a suas gerações.

realidade. Os relatos dos membros destacam a intolerância dos citadinos e o uso estratégico do envergonhamento[42] como mecanismo civilizador – processo que revela formas coercitivas de controle social sobre indivíduos que desafiam as expectativas convencionais. Essa mesma estigmatização fortalece o sentimento de pertencimento ao grupo, transformando o desvio em motivo de orgulho e resistência de identificação.

As fofocas depreciativas de origem exógena, segundo os relatos dos membros, eram praticadas por indivíduos de todas as faixas etárias - desde crianças até idosos - que internalizaram e reproduziam as expectativas sociais do "citadino idealizado/imaginado". Essa prática social revela o poder da fofoca como instrumento de marginalização dos que divergem das normas estabelecidas. Os discursos moralizantes e supostamente sagrados dos citadinos baseiam-se em premissas que não correspondem à realidade vivida pelo grupo underground. As narrativas construídas pelas fofocas mostram-se resistentes aos fatos objetivos, pois servem para reforçar valores dominantes, deslegitimando as experiências do grupo e atribuindo-lhes o caráter de falsidade. As realidades imaginadas pela fofoca aparecem resistentes aos fatos concretos do grupo, porque a mesma assegura os valores dominantes desconhecendo a verdade e atribuindo aos "fatos" das experiências a mentira.

Esse fenômeno revela-se particularmente interessante, pois a construção imaginada e elaborada pelos citadinos mantém-se operante na ecologia urbana campinense. Persiste entre muitos moradores a crença arraigada de que os Headbangers representam perigo potencial e estão envolvidos com práticas de magia oculta[43] – discurso que, embora infundada, alimenta, racionaliza e justifica a postura de rejeição desses grupos. Os relatos dos membros destacam

[42] A discordância e o questionamento "por que não posso ser assim?" que gerava clímax aos membros que se sentiam depreciativos tentavam diminuí-los, quando citadinos os acusavam de preguiçosos, vagabundos, "bandidos", más pessoas ou de pouca moral. A imputação demasiada de categorias excludentes como as mencionadas anteriormente, coloca os Headbangers em condições de despossuidores da dignidade e liberdade para viver suas vidas da forma que assim desejarem. A moralidade que é produzida pelos citadinos em prol da ordem social tenta inibir e confrontar os Headbangers, porque atribui ao grupo um valor negativado pelo qual os citadinos podem identificar o grupo. Apesar em alguns momentos os membros tentarem revidar os discursos negativos, mas em sua maioria não se sentem motivados para tal atividade devido ao recalque das emoções ao longo de sua carreira moral. Com isso eles não conseguem escapar do preconceito atribuído e nem da condição de marginal; pelo fato de serem o que escolheram ser – e em algumas situações devido sua origem social de classe média baixa – eram tratados de forma negativada ao qual a sociedade julgava ser adequada sem querer saber como isso afetaria o outro e suas emoções.

[43] O que há na realidade é que o grupo do Heavy Metal tem um carisma que valoriza os membros, eles se cumprimentam como se conhecessem de longa data, porém isso só possível aos membros envolvidos realmente com a prática, pois aqueles indivíduos sem adesão não conseguem conquistar tais afetos, alguns desses conseguem sim, gerar tensões internamente e por isso são desconsiderados ou distanciados dos círculos de troca de afetos – esses dois aspectos revelam as duas faces da mesma moeda. Por um lado, essa forma de produzir adesão aparece ainda sobre a forma de elogios produzir por músicos aos produtores e a audiência, por outro lado, ocorre o distanciamento, críticas e discursos reveladores daqueles que se dissimulam de membros. A identificação do grupo produz sentimento de orgulho e uma irmandade carismática que transforma a forma que seus membros enxergam a vida e suas idiossincrasias.

regularmente a percepção de Campina Grande como uma cidade conservadora, que valoriza e preserva certos ideais de “bondade” e ordem social.

Contudo, esses mesmos valores transformam-se em instrumentos de exclusão quando convertidos em discursos preconceituosos e fofocas dirigidas àqueles que não se conformam aos padrões esperados. Nesse processo, observa-se como mecanismos aparentemente positivos de coesão social podem ser mobilizados como ferramentas de marginalização, criando uma dinâmica sufocante onde a manutenção da ordem convencional justifica a exclusão do Headbanger.

A análise dos relatos permitiu mapear a distribuição geográfica e classista das fofocas, revelando um padrão significativo: a prática ocorria com maior frequência nas zonas leste, oeste e sul da cidade, atingindo principalmente membros residentes em bairros de classe média baixa e média. Notavelmente, não foram identificados registros semelhantes em áreas de classe média alta nos depoimentos coletados – embora os participantes reconhecessem que essa realidade provavelmente afetava seus pares em outros bairros.

Portanto, todos os Headbangers estão sujeitos a ter seu crédito social atribuído ou revogado pela sociedade dominante. Essa dinâmica faz com que os membros vivenciem tanto momentos de reconhecimento quanto de fracasso – alguns alcançam conquistas significativas para o grupo, enquanto outros não obtêm o mesmo êxito. Apesar da forte relação de irmandade e irmandade entre os pares, e da tolerância demonstrada tanto para com conhecidos quanto desconhecidos, há um constante processo de avaliação mútua no qual são compartilhadas informações sobre vitórias e derrotas individuais, bem como sobre comportamentos considerados adequados ou inadequados dentro da identificação grupal.

Há nesse meio uma rede de apoio baseada em relações de irmandade que estrutura as interações e autoidentificações dos Headbangers. Esse sistema social apresenta dois níveis de participação: o núcleo de identificação formado pelos membros experientes, e um círculo de conhecedores que, embora não se identifiquem como membros integrais, participam dos encontros por convite ou gosto musical. Esses conhecedores – frequentadores dos espaços liminares de Campina Grande – compreendem a situação social dos Headbangers através de uma perspectiva não convencional, estabelecendo relações marcadas por familiaridade e cordialidade, mas não se entendem enquanto membros (Elias, 2001). Demonstram reconhecimento do preconceito com o grupo, o que gera uma reciprocidade positiva por parte dos membros. Nessas interações privilegiadas (de homens e mulheres que conheciam as práticas do grupo), contrastando com a apatia comum em outros grupos alternativos, os Headbangers encontram um espaço de menor exposição ao constrangimento e vergonha onde

podem expressar sua identificação com autenticidade, reduzindo a necessidade de autocontrole constante, como se observou em outros contextos sociais.

Embora os espaços de sociabilidade do Heavy Metal sejam historicamente marcados por liminaridade na cidade – áreas não reconhecidas pelos citadinos como legítimas devido serem regiões morais –, nestes locais os membros estabelecem interações diversas com vendedores ambulantes, profissionais do sexo, marginalizados ("trombadinhas", pedintes, bêbados) e participantes eventuais. Estes últimos, embora não integrem a base do grupo, conseguiam circular no espaço sem serem considerados manchados ou alvos de distanciamento como outsiders.

Assim como ocorre com os conhecedores e liminares no pedaço, os novos interessados precisam primeiro reconhecer e superar seus próprios preconceitos (dificuldades e superações) anteriores sobre o grupo. Este processo de autocrítica – aspecto ainda inexplorado nos estudos sobre Metal nas Ciências Sociais e apresentado nesse trabalho – revela uma mudança fundamental de postura de ignorância ao saber. Apesar da relativa liberdade de circulação, esses indivíduos precisam conquistar progressivamente sua aceitação com o grupo Headbanger. Não há um código de etiqueta de conduta, mas sim um sistema implícito de avaliação mútua, onde olhares, conversas e fofocas regulam as interações. A aceitação final depende tanto do interesse genuíno demonstrado pelo indivíduo quanto do reconhecimento grupal, que ocorre de forma processual e não coercitiva. Este processo de incorporação à cena se dá através de uma performance "natural" de identificação, sem que o grupo precise impor condições explícitas da prática[44].

Assim como iniciantes e reintegrados (como ex-praticantes de White Metal), os conhecedores podem provocar certa hipertrofia as interações sociais (Simmel, 1967). A observação do grupo revelou que esses indivíduos desenvolvem gradualmente uma afinidade estética e moral com os membros. Os Headbangers, ao criticarem vertentes como o White Metal ou grupos neonazistas – ou mesmo ao zombarem/criticarem desses grupos alternativos durante os encontros – estabeleciam um padrão de socialização que os conhecedores assimilavam por meio da frequente interação face a face. A linguagem crítica empregada pelos membros era contextualmente elaborada, permitindo distinguir entre o que constituía brincadeira aceitável e

[44] Foi observado em campo e nas conversas com os Headbangers que para aqueles desviantes internos e que desejassem retornar, era necessário que ele tivesse uma experiência nítida do que ele desejava para sua vida e se desejasse pelo Metal, ele precisaria reivindicar seus preconceitos enraizados através de uma demonstração aos membros de sua restauração enquanto tal. Essa demonstração pública é feita com certas modificações rituais quando o membro sai do grupo e se desveste do que experimentou no grupo underground para retornar a casa do pai estrutural.

crítica substantiva as questões internas. Com o tempo, os conhecedores passaram a reproduzir esses mesmos discursos e práticas humoradas, brincando com aquilo que antes entendiam como "normal" nos círculos de conversação do grupo. Essa assimilação gerava reações diversas: de olhares reprovadores e frios por parte de alguns, a risos e provocações[45] por parte de outros demonstrando os complexos processos de negociação social inerentes à dinâmica grupal (Whyte, 2005).

Os conhecedores constituem indivíduos que, através de participação frequente em eventos de Metal e da formação de vínculos de amizade nesses espaços, adquirem conhecimento significativo sobre o grupo sem necessariamente se identificarem como membros. Esses indivíduos sociais desenvolvem competência para discutir aspectos do gênero musical e mediar interações com os Headbangers, podendo inclusive orientar iniciantes – função tradicionalmente exercida por insiders. Um exemplo é o caso de Vicente, ex-membro cuja iniciação no Metal ocorreu por meio de um colega escolar que, embora não se autodeclarasse Headbanger ou roqueiro, possuía amplo conhecimento sobre o gênero e lhe apresentou bandas como Rammstein e Iced Earth. O conhecedor ainda abrange profissionais de estabelecimentos frequentados pela comunidade, como bares e pubs temáticos, que desenvolvem familiaridade com as dinâmicas grupais e capacidade de antecipar comportamentos do público, atuando como mediadores culturais informais. Esses conhecedores ocupam assim uma posição singular na ecologia social do Metal, funcionando como elos entre diferentes níveis de envolvimento com a cena.

A pesquisa de campo observou também que os conhecedores frequentemente estabelecem relações de amizade ou amorosas com membros do grupo, mediadas pela rede social que os conecta. Esses vínculos são particularmente interessantes pois, quando suavizados pela moral dominante, permitem que ambos sejam percebidos como mais próximos dos padrões de civilidade operantes. Observou-se que, ao acessarem outros espaços sociais, como universidades, os Headbangers entram em contato com indivíduos que podem ressignificar suas percepções de realidade, processo que ocorre igualmente no sentido inverso. Essa dinâmica relacional possibilita, por exemplo, que membros conheçam mulheres nestes ambientes e com elas estabeleçam relacionamentos amorosos, fenômeno recorrente que transforma essas

[45] Essa é uma forma de demonstrar adesão ao grupo, mas essa demonstração não pode ser explicitada ou exercida em demasia. Acompanhando os associados ao Metal ao longo do tempo, foi percebido que mesmo um ex-simpatizante do Metal cristão, reconhecido por essa identificação, ao declarar que "White Metal é ruim" perante outros Headbangers, terá seu discurso regulado pelos membros, que o reafirmarão sua posição de ser em reconstrução. Ela precisará ganhar a confiança dos membros para fazer determinados comentários, mesmo que isso seja considerado pelos insiders em determinados contextos. Para membros mais experientes, tais discursos podem soar como supérfluo, vazio de significado e falso.

parceiras em conhecedoras da cena Metal. Registram-se diversos casos de uniões entre Headbangers e profissionais de diferentes áreas, a saber: medicina, direito, odontologia, enfermagem, veterinária e arquitetura, demonstrando como esses laços afetivos transcendem as fronteiras sociais convencionais e desafiam padrões sobre o grupo.

Bernardo, baterista de uma banda de Thrash Metal, relatou ter conhecido sua namorada na universidade particular da cidade, onde ele estudava em num curso área nas humanidades e ela, saúde. Embora ela não goste de Metal, desenvolveu simpatia pelo gênero por influência dele, apoiando sua carreira musical – regularmente, ela atuava ajudando ao companheiro com equipamentos e fotografando os shows da banda em Campina Grande e cidades vizinhas. O casal, jovem, de classe média e residente em bairro nobre, já estava casado na época da pesquisa. Outro caso é o de Juan, que mantém um relacionamento com uma namorada que aprecia New Metal, mas não frequenta shows devido ao trabalho noturno em telecomunicações. Juan, que se declara bissexual, tem sua orientação plenamente aceita pela parceira, embora cause tensão na família tradicional dela. Esses casos ilustram como os Headbangers estabelecem relações afetivas que transcendem a cena Metal, seja com parceiros que se aproximam do universo musical por afinidade construída, seja com aqueles que mantêm distância física dos espaços do Metal – mas apoiam a identificação do parceiro, inclusive em suas expressões de sexualidade não-hegemônicas.

A participação feminina nesse meio exige uma postura específica diante do conformismo masculino que domina esses espaços, seja para se firmar como musicistas ou como parte da audiência. Para conquistar respeito, muitas mulheres reproduzem os modos de relacionamento praticados pelos homens, buscando se aproximar do capital simbólico que eles detêm no campo. Esse comportamento não se restringe às musicistas, mas também é observado entre as adeptas do estilo. Algumas mulheres com que a pesquisa teve contato relataram ter ingressado no grupo como forma de lidar com emoções e pressões acumuladas na adolescência, encontrando ali um espaço originalmente pouco receptivo à presença feminina (Shadrack, 2021; Vasan, 2011; Fridh, 2010; Kitteringham, 2014) [46].

Campina Grande revela uma significativa transformação nos padrões de participação feminina no gênero. Há atualmente uma maior presença de mulheres ativamente envolvidas nas performances culturais características do Metal – desde executar apresentações musicais até participar intensamente de mosh pits (pular do palco para audiência), circle pits (correr em

[46] As pesquisas mencionadas trazem situações interessantes para se avaliar a presença as diferenças de gênero e mobilidades no underground, trazem ainda as dificuldades de conquistar o espaço simbólico e físico para realizar apresentações e se tornar musicistas de Metal em diferentes locais do mundo.

círculo se esbarrando um no outro) e bate cabeça, sem sofrer assédio por parte dos membros. Paralelamente, nota-se uma visibilidade de lésbicas e indivíduos homoafetivos desfrutando do espaço Metal sem restrições. Contudo, essa aparente diplomacia do espaço não eliminou desafios estruturais: as musicistas ainda enfrentam as mesmas adversidades do underground, incluindo condições precárias de turnês e shows, além de dupla pressão social, tanto pelo estigma de ser "mulher do rock" quanto pela objetificação (fetiche) patriarcal de seus corpos (Vasan, 2011; Shadrack, 2021).

Algumas dessas conhecedoras estabelecem relacionamentos amorosos com membros do grupo, formando casais duradouros ou temporários. Embora não se identifiquem como Headbangers, sua proximidade com o meio faz com que experimentem, em certa medida, os efeitos do preconceito atribuído aos membros da cena. As barreiras enfrentadas pelos Headbangers integram-se à dinâmica social mais ampla, e a hipertrofia das interações características do grupo acaba sendo parcialmente compartilhada por seus parceiros e parceiras. No entanto, é importante destacar que o impacto desse desvio social não é vivenciado da mesma forma pelas conhecedoras – para elas, a experiência permanece distinta daquela enfrentada pelos membros (mulheres) ou mesmo por familiares e amigos externos ao grupo[47]. Como será observado;

> Eu sou Metal antes mesmo de nascer, mas sabe como é, é uma missão para a gente se descobrir Headbanger. Quando eu me descobri Headbanger familiares zoavam de mim e me criticavam bastante, isso acontecia porque minha família, minha mãe era evangélica, então tudo que não era de cristo era do cão, então ficava difícil sobreviver, mas isso foi possível, estou aqui como um verdadeiro guerreiro do Metal que não desiste, além da família muitos amigos passaram a me abominar no bairro, eles deixaram de andar comigo, conversar e etc. Eu continuo sendo o mesmo cara legal de antes, só meu gosto musical que mudou não necessidade de se afastar de mim por causa disso. Mas no fim sabe, eu acho é bom, não posso forçar ninguém a ficar comigo, eu já estou estranho demais para essas pessoas e gostando de Metal se torna pior. Desde o tempo da escola os meus amigos me chamavam de doido devido meus problemas físicos e agora eles têm mais um motivo para não me querer por perto, quem que anda com doido e desse jeito que sou? Com o Metal eu me sinto completo e paz, posso fazer isso com os amigos que tenho lá, claro que parece vez e outra um engraçadinho, mas não afeta muito (Marcos, entrevista, 2024).

> Eu sei que há muita dificuldade de algumas pessoas entenderem como o Heavy Metal ou mesmo o *hip hop* pode mudar a vida das pessoas, como os desportes podem fazer também, eu acredito nisso, uma boa política pública para ajudar o povo campinense se divertir, brincar seria uma boa, fazendo isso nos bairros mais necessitados isso seria

[47] A partir da pesquisa de campo, observou-se que as mulheres que participavam ativamente da cena Metal local tendem a migrar para as estruturas sociais de dominação. Muitas passam a frequentar eventos e integrar bandas de gêneros musicais mais comerciais (como sertanejo). Uma parte dessas mulheres vivencia processos de conversão religiosa ao cristianismo, passando a adotar os papéis de gênero tradicionalmente esperados pela sociedade. Outras abandonam a cena devido a demandas maternas ou profissionais que exigem investimentos de tempo e energia que as impossibilita de se manterem ativas nas atividades do grupo.

> muito importante. Mas é uma dificuldade imensa para fazer tais coisas, como estamos próximos da eleição surgem as promessas dessa galera. Sou Headbanger como se pode notar, eu gosto de Heavy Metal, sou critico das bandas que escuto e do mundo, tenho formação e vejo que quando chega esses momentos de eleições há pessoas que associam a gente "roqueiro" a coisas ruins e se acentua quando temos um pensamento democrático, porque eu me reconheço como minoria e se eu não me juntar a minoria eu vou ser engolido por esses ignorantes que administram as cidades por ai a fora, creio que assim como os fudidos da vida que não tem grana e sujeita a qualquer coisa para ter um trocado, esses fudidos no qual me incluo são negados o contato por votar em democratas e por associarem os fudidos aos deputados que tem propostas de melhorias para todos, se existia gente que não queria que eu por perto antes por causa do meu estilo agora é que não querem mesmo, porque eles juntam todas as coisas "ruins" e acusam os democratas e os seus eleitores, na eleição é quando as pessoas mostram suas verdadeiras caras, hipócritas (Esteves, entrevista, 2024).

A interação entre Headbangers e indivíduos alheios à cena Metal frequentemente gera uma percepção social do Headbanger como figura desviante, resultando no distanciamento ou mesmo ruptura de certas relações sociais.

Quando um Headbanger tenta atenuar sua identificação para se aproximar dos padrões convencionais de "normais", revela-se os limites de sua capacidade de interação nos espaços sociais dominantes – mesmo que isso implique controlar suas expressões estéticas e valores morais característicos. Essa dinâmica expõe uma dualidade na recepção social: esses Headbangers situam-se entre aqueles que rejeitam categoricamente o Heavy Metal e seus associados, e aqueles que, como conhecedores, os aceitam sem tensões significativas. A aceitação diferenciada dos Headbangers pode gerar assimetrias relacionais observáveis. Conhecedores que os acolhem sem reservas são vistos como indivíduos descolados, alternativos ou de moral elevada, percepção que, por contraste, pode induzir sentimentos de coerção social e desconforto naqueles menos familiarizados com o domínio social do Metal. Essa disparidade de percepções pode levar a mal-entendidos que, em casos extremos, resultam em coerção da sociedade contra o grupo, manifestada por meio de violência[48] – como se verá nos próximos capítulos.

A dinâmica das relações entre Headbangers e conhecedores está sujeita a constantes mudanças, nas quais a aceitação social pode ser revogada quando o membro deixa de atender às expectativas do establishment. Essa fragilidade torna-se particularmente evidente quando o

[48] A pressão da moralidade vigente coloca os membros em situações desconfortáveis: muitas vezes entendendo que seu estilo de vida como mal visto, para alguns membros isso gera desafios cotidianos que devem ser combatidos, para sua existência poder habitar os espaços que desejarem. Mas quando isso acontece pode reforçar o preconceito de que o Metal é "agressivo" porque não sabe dialogar com os outros – especialmente por aqueles que imputam sofrimento. Essa pressão sob os indivíduos modifica seu comportamento e a estrutura de sua personalidade, pois a impossibilidade de combater a imputação injusta reproduz nos indivíduos a necessidade de autocontrole. A necessidade para controlar qualquer impulso emocional e o constrangimento contextual são modificados na prática cotidiana e são sentidos e lembrados no excepcional e no ordinário. Assim, as emoções que deixam de ser extravasadas e passam a ser observadas nas interações do grupo enquanto constitutivas de seus selves.

Headbanger reduz suas estratégias de proteção interacional, tornando-se vulnerável aos efeitos da interdependência das relações (ELIAS, 2006);

> Eu não sei se estou conseguindo expressar o que desejo falar, mas... assim como essa gente aponta o dedo para mim, elas podem assim fazer novamente em outro momento, quer momento melhor do que das eleições para as pessoas serem preconceituosas, se um candidato que apoio erra ou faz ano indevido, a culpa é nossa que se associa, como eu já ouvi "a tudo que não presta". Minha mãe mesmo falava – e fala – que as doenças, as ideias, as músicas que escuto afetam meu desempenho, se estou mal, doente, é devido o cão que escuto, se me visto assado, é dito que sou tido como delinquente porque me visto assim. No fim, a culpa de tudo cai sobre mim e muitos podem dizer que isso é invenção da minha cabeça – o que eu acho que isso é uma tentativa de me colocar como doido -, mas nenhum deles querem se colocar no meu lugar para sentir o que sinto, é muito fácil dizer que tais coisas não acontecem dessa forma (Esteves, entrevista, 2024).

Em última análise, os Headbangers precisam lidar com as limitações sociais impostas ao seu grupo, mas também reconhecem sua impotência em contestar efetivamente esse tratamento discriminatório, uma vez que tal comportamento está enraizado em processos históricos de marginalização de grupos desviantes. Isso pode levar os membros da cena a questionar a autenticidade de sua aceitação, percebendo-a como um mero pacto temporário e superficial, em vez de uma genuína incorporação à ordem social estabelecida.

III. A vida no Heavy Metal

Os Headbangers vivenciam processos de identificação relativamente próximos em suas trajetórias, envolvendo transformações no self e ajustes em seus projetos de vida, paralelamente ao que ocorre com seus pares. A análise histórica desses indivíduos revela não apenas suas trajetórias pessoais, mas também como o Heavy Metal foi socialmente construído como um estilo de vida desviante e amoral, disseminando-se por diferentes contextos e incorporando novas perspectivas (Castells, 2009)[49]. Esse processo se desenvolve

[49] Segundo Castells (2009), a globalização não foi um fenômeno social linear, mas um processo histórico ocorrido em diversas partes do mundo com formas diferentes. Isso só foi possível devido à eclosão das mídias digitais e ao desenvolvimento comunicacional em grande escala, que mudaram não apenas a forma de comunicação — com maior velocidade e alcance —, mas também as relações econômicas e culturais. Na década de 1980, esses mecanismos já estavam em plena ascensão, difundindo cada vez mais a indústria cultural, o que possibilitou que o estilo musical rock e Heavy Metal fosse disseminado em maior escala. Como essa sociedade desenvolveu consideravelmente a tecnologia comunicacional, conseguiu conectar indivíduos em diferentes locais e estabelecer novas formas de contato, já que a informação e o capital agora ultrapassam as barreiras nacionais, criando outras contradições – apesar de a tecnologia ser um trunfo para a globalização, ela ainda reproduz desigualdades sociais e econômicas. Com esse mecanismo de longo alcance, alguns detentores do controle da informação gerenciam os fluxos, marginalizando certos territórios em proveito de outros, o que levar a colapsos (porque deixam de participar das redes de informações globais que garantem que o capital seja injetado ou não em suas economias), crises e aos riscos das contradições do capitalismo. Como Beck (1986) destacou em sua pesquisa, a globalização marca não

através de uma dupla dimensão: inicialmente, os Headbangers internalizam a visão da sociedade dominante sobre sua identificação, compreendendo como são percebidos pelos valores estabelecidos; posteriormente, tomam consciência de seu lugar à margem do establishment e experienciam concretamente os efeitos dessa identificação. Essas formas de individualização constituem eixos fundamentais para entender a vida dos membros, revelando um processo contínuo de aprendizagem e diferenciação de suas carreiras morais (Scott, 2018; Glaser, 1971; Hardie-Bick, 2005; Becker, 2008). Contudo, outras modalidades de individualização podem emergir conforme as trajetórias específicas e contextos particulares de cada membro.

O primeiro perfil compreende membros criados em ambientes familiares musicalmente estimulantes, onde foram introduzidos cedo ao universo musical por pais ou parentes próximos. Ao longo de seu desenvolvimento, esses indivíduos internalizam a noção de que seu modo de vida não corresponde a imputação de desvio atribuído pelo establishment[50]. Um caso ilustrativo mostra como um Headbanger, educado no conceito familiar de que "boa música" – internacional ou nacional – deve apresentar virtuosismo técnico e emoção (a música tem de tocar e ser tocante), pode simultaneamente reconhecer que essa definição não necessariamente engloba suas preferências pessoais. Mesmo após anos de imersão no Metal, muitos mantêm uma compreensão crítica do "clássico" musical transmitido por sua família, reinterpretando seu significado pessoal – é o caso de membros adolescentes que negam os clássicos e anos de iniciação recuperam os mesmos como a origem (Strauss, 1999).

Os dados da pesquisa de campo revelam que os Headbangers em processo de socialização primária – seja através da família, amigos do bairro ou redes de vizinhança –

---

apenas a difusão de práticas culturais, mas também a produção e distribuição de riscos globais, que confrontam as estruturas sociais, econômicas, políticas e "tradicionais".

[50] O significado atribuído de desviante depende dos envolvidos na interação não se colocarem na posição de membro e não experimentarem a construção de sentidos no mundo underground; a experiência emocional do membro num contexto familiar o envolve e transforma sua visão de mundo (Strauss, 1956). Os sentimentos produzidos numa família do tipo "musical" evocam uma pluralidade de formas de expressões, devido a extensão dos gostos definidos nessa unidade. Foi possível identificar em campo que o constrangimento pode ter múltiplas faces e que são despertadas de acordo os contextos sociais em que os membros se inserem na ecologia da cidade – como se verá nos capítulos procedentes. De acordo com os membros, nesse locus de pesquisa suas identificações eram entendidas como algo ruim: o vocal gutural visto como manifestação demoníaca, os movimentos corporais desordenados durante os shows interpretados como patológicos. O afeto do membro é socialmente constituído: ao experimentar o constrangimento – e aqui amplia para outras emoções como ansiedade – ele pode reagir, proteger-se ou conter-se, num repertório de ações socialmente autocontroladas. No contexto campinense, as condições sociais específicas fazem com que certas emoções se destaquem entre os Headbangers, como o orgulho de ser Headbanger e a indiferença aos que os imputam categorias depreciativas. Em Campina Grande, a partir do que foi possível identificar dos relatos dos membros, as emoções dos citadinos, estão ligadas à mobilidade social (com as aspirações universitárias e profissionais gerando ambição e esperança), às hierarquias locais (como o medo da violência urbana) e aos desejos de ordem social/espiritual e ascensão econômica.

contam com uma estrutura de apoio e proteção que facilita seu ingresso na cena. Esse padrão foi particularmente observado em bairros de classe média e média alta como Catolé, Mirante, Alto Branco e Bairro Universitário, onde os membros frequentemente desfrutavam de apoio familiar e condições financeiras que favoreciam seu desenvolvimento artístico. Contudo, os relatos indicam que essa realidade era menos comum em outros bairros da cidade, onde o apoio familiar às carreiras musicais aparecia como exceção.

Nesse contexto de socialização, os iniciantes podem ser introduzidos ao Metal desde a infância, enquanto a rede de proteção controla seletivamente as informações sobre a recepção negativa dessa identificação. Esse processo de formação do Headbanger – especialmente privilegiado no caso de meninos – cria uma dinâmica peculiar onde, por um lado, exalta-se e valoriza-se a identificação, e por outro, prepara-se o indivíduo para enfrentar as definições e imputações do mundo exterior. O resultado é a construção de uma autoimagem que permite ao iniciante se perceber como indivíduo completo, que possui estilo de vida "normal" e equivalente em termos de gênero e faixa etária, apesar das representações sociais externas.

Além do círculo familiar, o contexto social mais amplo representa uma esfera fundamental na vida desses indivíduos, onde as redes de proteção iniciais mostram-se insuficientes. Os efeitos dessa exposição variam conforme a posição social do indivíduo e o grau de estigma atribuído, levando a experiências distintas de moralidade entre: Headbangers de classe média e média-baixa, residentes em bairros de "elite" e moradores de bairros periféricos. O ambiente escolar – tanto em instituições públicas quanto particulares, com maior ênfase nestas últimas conforme os dados da pesquisa – configura-se como espaço fundante para o aprendizado sobre diferenças e concepções sociais de desvio. As experiências dos iniciantes nesses contextos revelam-se frequentemente marcadas por provocações dirigidas à sua identificação, que podem escalar para formas de violência simbólica ou física (Olweus, 1993)[51].

A limitada familiaridade de colegas e demais indivíduos no ambiente escolar com o rock e o Heavy Metal coloca os membros iniciantes em situações de pressão social e violência simbólica, obrigando-os a suportar constrangimentos e hostilidades. Esse fenômeno revela

[51] Segundo Olweus (1993), pioneiro nos estudos sobre bullying, sua pesquisa propôs um modelo institucional que envolve toda a comunidade escolar na prevenção de comportamentos inadequados, como o bullying. Embora desenvolvido originalmente para o contexto norueguês, o modelo de Olweus demonstra potencial de adaptação a outros contextos sociais. Em ambientes escolares marcados por violência física ou simbólica como das escolas brasileiras, os membros da cena Heavy Metal em Campina Grande, destacam ter sido vítimas dessas práticas devido a sua identificação com o estilo musical, tanto em escolas públicas quanto particulares (inclusive em instituições reconhecidas por excelência acadêmica).

os mecanismos pelos quais a sociedade atua sobre indivíduos considerados desviantes, reforçando continuamente sua alteridade e não-pertencimento ao grupo dominante (Olweus, 1993).

> Na escola o preconceito era forte (…) eu acho que meus pais sabiam que eu sofria com isso na escola, por causa do meu estilo, acho que eles percebiam até porque tinha gente que perguntava para minha mãe porque eu era daquele jeito, porque eu não cortava o cabelo, essas coisas assim (Juan, Entrevista, 2024).

Os Headbangers encontram maior conforto e aceitação entre seus pares durante encontros excepcionais da cena, o que permite ao membro iniciante constatar a hostilidade do mundo exterior em relação ao seu grupo. Essa descoberta de campo, intensifica o desejo de permanecer no círculo de amigos que compartilham a mesma identificação – realidade que se manifesta claramente na experiência de ser Headbanger no ambiente escolar. A entrada na escola, enquanto marco de socialização secundária, representa um momento crucial onde o indivíduo se vê confrontado com a necessidade de negociar entre suas aspirações do grupo e as demandas da sociedade abrangente. Nesse espaço institucional, concebido para moldar cidadãos e futuros trabalhadores, o jovem Headbanger se vê obrigado a desenvolver estratégias de adaptação para lidar com essas expectativas divergentes (Velho, 2003). Esse processo de negociação da identificação pode gerar significativos desconfortos nas interações sociais, pois:

> Na escola eu tinha poucos amigos, podia contar na palma de uma mão, pensando hoje, eu posso imaginar o porquê de ter pouco falado enquanto estive por lá. Eu sofria repetidas agressões físicas daquele grupinho de amigos que ficam ao fundo da sala, eles me xingavam, me empurravam, diziam que eu fazia coisas que não havia feito só para me zoar. Eu descobri que o povo lá era muito religioso e a maioria me via como coisa do demónio, sabe, parte do imaginário desse povo. Depois disso eu passei a revidar, passei a me afirmar então tal para ter paz e o povo me respeitar, mesmo esquecendo da minha existência no espaço, pelo que lembro esse problema diminuiu consideravelmente, mas vez e outra isso retornava. Quando tinha atividade em grupo quase nunca era chamado para participar, nem os bagunceiros me chamavam para participar dos grupos, eu me juntava com os esquisitos da classe, isto é, os outros que eram oprimidos em sala. Eu espero que as coisas tenham melhorado nas escolas, porque é sofrimento viu (Esteves, entrevista, 2024).

A análise dos relatos sobre as experiências escolares revela um padrão consistente de exposição ao deboche e a brincadeiras depreciativas dirigidas aos jovens adeptos do Metal. Os entrevistados destacam que, enquanto mantinham proximidade com seus círculos de proteção original (formados por familiares e amigos da cena), dispunham de robustas redes de apoio emocional e solidariedade que lhes serviam como refúgio e fonte de resistência. Contudo, ao se

distanciarem desses círculos devido a compromissos sociais evidentes do capitalismo, como ingresso no mercado de trabalho ou acesso ao ensino superior, enfrentavam desafios significativos na inserção profissional e em outras atividades sociais, incluindo a participação em cursos técnicos e universitários. O que pode ser somado ao que afirmou o membro Esteves ao relatar que;

> eu estudei numa escola técnica da cidade que era bem conhecida e agora esta fechada há algum tempo, tinha relação com o catolicismo da cidade… recebia apoio do governo para oferecer bolsa de estudo e tudo. Era uma escola bem disputada, assim como os colegas de classe tinham a perspectiva de terminar o ensino medio e correr para uma indústria de calçados da cidade, eu tinha vontade de passar no processo seletivo dessa escola. eu fiz a prova e consegui entrar, depois descobri que outros membros do grupo haviam estudado lá... achei interessante e até pensei que lá eu poderia ser bem recebido, já que amigos do Metal tinha participado da escola. eu so fui fazer a bosta desse curso porque seria mais fácil de conseguir emprego e não me lascar muito trabalhando como pião. Chegando lá, duas semanas depois de ter iniciado o curso fui chamado pela secretaria da escola, era dia de semana, lembro como fosse hoje. A senhora presente me recebeu com cara de surpresa, talvez ela não esperasse alguém como eu naquele lugar, mas deixei isso para lá no momento, ela me questionou sobre renda da família e se eu trabalhava, naquela época eu não trabalhava e só ficaria no curso se tivesse bolsa, não sei se você sabe o quão longe era essa escola, então era difícil pagar o curso e ainda gastar com transporte. Mas voltando, a mulher fez umas anotações e me encaminhou para outra mulher, responsável pelo curso que fazia, eu sai de um lado da escola e fui ao outro lado para conversar com essa mulher indicou, cerca de 200 passos de distância, a escola era grande e macabra a noite. Você não acredita, nesse tempo que entre uma sala e outra a secretaria passou um interfone para a mulher informando que tinha enviado um rapaz para conversar e que tinha aparência de bandido, marginal, como eu sei disso, a mulher coordenadora me disse, mas porque ela me disse? Porque eu fui educado, ela disse que eu era uma pessoa muito educada e não tinha condições de ter os atributos que a secretaria havia descrito para ela, eu fiquei perplexo, a coordenadora me disse que eu deveria continuar o curso que iria da certo com a bolsa, que eu iria conseguir. Na mesma instituição, incrivelmente, fui perseguido por um professor otário, ele me chamava de várias coisas, me proibia de sair da sala enquanto outros ele permitia, ele fazia isso tudo na frente de todo mundo. Teve uma vez que eu falei para o meu amigo “olha eu vou falar com o professor para ir no banheiro e ele não vai deixar em seguida você vai la e pede a mesma coisa”, foi dito e feito, ele não deixou eu sair e o meu amigo ele permitiu a saída de sala, ele tentava me ignorar e excluir das atividades, dizia ainda que quem tinha cabelo longo, tatuagem não iria conseguir emprego na área e muito menos ele iria indicar para alguma vaga, eu fiquei puto com tudo isso e ainda eu tinha que suportar os momentos de rezas na capela, todos os alunos eram obrigados a comparecer, eu ficava ao fundo do lado da porta, pronto para ir embora, ah, tinha vez que a escola colocava monitores nos corredores para ficar empurrando os alunos para dentro da capela, era um puta saco aguentar aquilo ainda bem que depois eu descobri que havia outros Headbangers já tinham passado por lá em busca de formação (Esteves, entrevista, 2024).

A terceira forma de individualização ocorre quando o indivíduo ingressa no grupo já na fase adulta, tomando consciência tardiamente de que o Metal poderia ter sido uma influência significativa em sua vida anterior. Esses membros, que já possuíam uma predisposição estética e moral alinhada ao gênero musical (isto é, simpatizavam com os ideais do Metal underground),

frequentemente revisitam seu passado de maneira crítica, por vezes com certo rigor injusto em relação a si mesmos por não terem aproveitado[52]. Diferentemente dos iniciantes mais jovens, esses ingressantes tardios chegam ao grupo com um conhecimento prévio – ainda que superficial – sobre o universo do Metal e seu lugar à margem da cultura dominante. Cientes de sua condição de desviantes por se identificarem com um estilo musical que critica o *establishment*, muitos desenvolvem estratégias de controle emocional para evitar imputação ou categorizações sociais (Elias, 2011).

> Quando eu comecei no Metal não conhecia nada, foi algo que fui descobrindo, antes de ser Headbanger, devido minha educação religiosa cristã, achava que o Metal era coisa do diabo literalmente, pela forma de balançar a cabeça, cantar gutural, os temas das letras, a forma de tocar os instrumentos em afinações baixas para se criar clima mórbido, sombrio e etc. eu e a igreja que frequentava achavam isso (risos). Eu pensava assim e tinha repulsa por essas coisas, mas claro que quando me dei uma chance de escutar e conhecer pude perceber que tudo aquilo não era bem o que pensava, era pior (risos), e por isso eu estava enganado... eu espero que continue assim, pois afasta esse tipo de gente que um dia eu já fui. É claro que o Metal não é essas coisas que se falam por isso, mas é conveniente as pessoas afirmarem o Metal dessa forma porque é confortável (Adriano, entrevista, 2024).

A pesquisa de campo revelou casos em que membros adultos redescobrem raízes Metal em sua biografia familiar, identificando que o gênero musical já estava presente em seu ambiente doméstico durante a infância. Esses indivíduos constatam que seus pais ou responsáveis mantinham relação com o rock e vertentes próximas ao Metal, embora tal conexão tenha se perdido em sua vida moral contemporânea. Um caso paradigmático é o de Rafael, que ao explorar a coleção de vinis do pai descobriu bandas precursoras do Metal em seu próprio lar, antes mesmo de seu desenvolvimento e proximidade com o subgênero. Esses discos, considerados relíquias valiosas no circuito Metal (com valor de mercado superior a R$100), representaram uma revelação identificadora. Rafael descreveu a experiência com a metáfora "criança na lama", expressando encantamento diante desses artefatos. Seu relato demonstra como reconheceu, reflexivamente, que sua trajetória no Metal foi possibilitada pelas experiências musicais paternas durante sua infância – compreendendo agora sua identificação

[52] Adriano, que antes se destacava por sua simpatia ao cristianismo (tema que posteriormente passou a irritá-lo), demonstrava durante a pesquisa uma expressão facial constantemente séria e discursos que variavam entre o descontentamento com a sociedade e com os membros do grupo que reforçavam sua reforçavam a impinge de outsider. Seus relatos revelavam uma crescente desconfiança: acreditava que as pessoas agiam contra ele, alimentando uma visão negativa tanto de desconhecidos quanto de próximos. Rejeitava abertamente o contato com certos indivíduos e até membros do grupo, embora o apoio de outros tenha cultivado em seus discursos um orgulho peculiar. Seu desgosto amenizava quando recebia tolerância, mas, quando não, expressava seus sentimentos apenas aos poucos amigos próximos – essa forma de tratamento era a mesma imprimida sob aqueles membros desconsiderados no grupo (como os whites, neonazi ou machistas), isto é, esses manchados sentiam como isso marcava suas carreiras.

como Headbanger como um processo contínuo desde a primeira socialização. Esse episódio desencadeou em Rafael intensa euforia e disposição para compartilhar sua redescoberta, permitindo-lhe ressignificar seus projetos e aspirações no âmbito da cena Metal. Nesse contexto, os pares grupais cumprem função crucial ao validar e celebrar tais momentos intensos, reforçando os laços de pertencimento através do compartilhamento de sonhos e reconhecimento um do outro.

Por fim, identificou-se a partir da pesquisa de campo um quarto perfil de socialização: indivíduos que, provenientes de outras regiões ou contextos culturais, integram-se tardiamente à cena Metal local, compartilhando dos espaços underground e comportamentos. Quando um sujeito acessa o grupo em fase adulta, passa a adotar seus símbolos e enfrentar os estigmas sociais, experienciando gradualmente os efeitos dessa nova identificação em suas relações cotidianas. A sociedade frequentemente interpreta essas mudanças identificadoras tardias como inadequadas, manifestando preconceito etário (Elias, 2001b) – particularmente quando ocorrem fora da geração considerada "apropriada" para tal experimentação com o grupo.

Os dados revelam que esses Headbangers tardios são frequentemente estereotipados como indivíduos com "pouca consciência adulta" – analogia comparável ao estigma sofrido por adultos que mantêm interesse por animes ou outras culturas juvenis. Seus relacionamentos ou laços pré-existentes podem sofrer rupturas (Scheff, 1990) ou se manter através de uma aceitação dissimulada, marcada por tratamento depreciativo em comparação com seu status social anterior, isto é, uma aceitação não verdadeira;

> Eu acredito que alguns amigos das antigas aqui do bairro (zona oeste) ainda me consideram como Headbanger e não me olhem com desprezo ou coisa e tal, mas tem um parcela de amigos com que convivi que me ignoram na rua, “como pode eu ainda ser alguém que gosta de Metal, né?” ou não tomei um rumo na minha vida, parece que a gente não pode continuar gostando das coisas que fazem feliz, falo isso porque já vi amigos de bairros me tirar por chacota, sair da calçada que estava para não falar comigo, há aqueles que só falam por educação, porque se eu não falar, eles também não falam…tem momento que preferiria ser um desconhecido, porque dessa falsidade eu não compartilho, mesmo assim, se eu fosse um desconhecido e do Metal respeitaria todo mundo (Antônio, entrevista, 2024).

É crucial considerar o momento em que o Headbanger percebe sua identificação como desviante, pois isso revela como constroem relações sociais dentro do grupo. Essa consciência não impede sua socialização, mas a estrutura, criando formas específicas de interação.

As interações estabelecidas entre Headbangers tendem a ser duradouras, com raras exceções em que indivíduos compartilham temporariamente do mesmo espaço social sem

consolidar vínculos permanentes (Schulz, 2022)[53]. Os membros destacam que seus primeiros eventos no meio Metal foram fundamentais para despertar seu desejo de pertencimento, proporcionando encontros significativos com amigos de longa data, colegas de escola ou universidade, e companheiros conhecidos em shows e excursões. Esses momentos coletivos permitem não apenas a descoberta de afinidades musicais dentro do espectro do Heavy Metal, mas também o fortalecimento de laços através de práticas como consumo de bebidas alcoólicas e participação em bate cabeça nos eventos. Tais situações intensificam os aspectos de irmãos tanto no plano estético quanto moral, mediante a assimilação da ideologia Headbanger e dos comportamentos típicos durante apresentações de bandas e interações presenciais – desde o início até o encerramento dos eventos (Segalen, 2002).

Além disso, iniciantes na cena costumam receber visitas de membros mais experientes, que atuam como "professores" ao reforçar o senso de unidade social e compartilhar conhecimentos sobre a identificação Headbanger. Essa dinâmica também se manifesta quando os incipientes passam a visitar por iniciativa própria os "brothers da causa Metal" que conheceram no grupo (Coelho, 2014; Santos, 2021), participando de uma rede de apoio que vai além dos eventos;

> Eu sempre saia de casa acompanhado por amigos para ir aos shows, em alguns momentos eles até pediam para minha me liberar, na medida que fui crescendo essa exigência da minha mãe foi diminuindo. Quando tinha evento na cidade era mais de boa para ir, mesmo assim, minha mãe, minha família tinha receio de deixar eu ir com pessoas desconhecidas e vestidas de preto, apesar deles serem estudantes e da minha confiança. Mas tinha vez que eu ia direto da escola para os eventos, tirava a farda da escola e colocar a farda do Metal (risos). Hoje eu passo na cada deles de carro ou a gente se encontra lá, vez e outra convido eles para vir para um churrasco aqui ou sou convidado. (Esteves, entrevista, 2024).

> Como eu moro aqui na zona Sul, havia alguns amigos do Metal que morava por aqui, isso facilitava para a gente ir aos eventos. nas minhas primeiras idas, eu ia acompanhado pela minha mãe, sim, mãe ia ao show comigo, ela ficava horrorizada com as coisas lá, todo mundo de preto, pessoas bebendo ou fumando, pessoas de vários estilos. Mas depois ela foi liberando e hoje em dia, é mais de boa. Antes quando ela me acompanhava eu ia de buzão [ônibus], quando eu ia com meus amigos, [eu]

[53] A pesquisa de Schulz sobre os fãs de Heavy Metal ingleses revela que a influência paterna, especialmente de pais do pós-guerra, teve papel fundamental na formação do gosto musical dos filhos, superando até mesmo o ambiente escolar – tradicionalmente visto como espaço de compartilhamento de estilos musicais entre jovens. Contudo, isso não diminui a importância das amizades formadas em escolas e shows, onde os jovens Metalheads desenvolvem desde cedo uma profunda conexão com o gênero, dedicando horas à escuta de seus subgêneros. Schulz destaca que essa dupla influência - familiar e amigos - permite aos membros desenvolver habilidades musicais, formar bandas e explorar novos espaços juntos, criando laços que transcendem os shows e se estendem a outros eventos culturais, como lutas livres, e até mesmo ao enfrentamento conjunto do bullying. A pesquisa enfatiza que, para esses indivíduos, o Metal representa um refúgio para os "parias" (excluídos) que, através da estética (indumentária), criticismo e do estilo de vida característicos, confere poder e afasta aqueles que não compartilham da mesma identificação. Como afirma Schulz (2022, p.146): "o uso da música Metal pode ser visto como uma estratégia de sobrevivência para pessoas que se encontram em posições marginais ou minoritárias".

> ia de pé mesmo, saia daqui para o Centro andando, a gente ainda faz isso, é bom que a lomba do show passa quando a gente esta voltando tarde da noite (Marcos, entrevista, 2024).

Conforme os membros avançam no processo de individualização vinculado ao grupo, incorporam processualmente o estilo de vida Headbanger por meio das interações estabelecidas dentro da cena Metal (Hein, 2004). Como destaca Hein (2004), esses indivíduos constroem laços sociais e simbólicos – materializados em objetos, espaços e estéticas compartilhadas – que permeiam seu cotidiano. Esses vínculos se manifestam ao escutar música, adotar uma indumentária característica, frequentar eventos underground e manter laços tanto presenciais quanto virtuais. Aos poucos, o Metal passa a influenciar não apenas suas preferências culturais, mas também suas escolhas cotidianas, projetos de vida, valores e formas de interação. Essa apropriação da identificação Headbanger revela-se especialmente significativa quando os membros socializam entre si, no meio underground, a importância desse pertencimento para reforçar os laços sociais do grupo[54].

Ao vivenciar seu primeiro show como Headbanger – assistindo, ouvindo e performando sua identificação –, o iniciante começa a discernir quais indivíduos reconhecer como seus pares. Nesse estágio inicial, o membro percebe que os experientes possuem atributos sociais e culturais que ele ainda não internalizou completamente, conscientizando-se do processo de transição que enfrentará para atingir plena socialização no meio. Essa experiência desencadeia uma percepção ambivalente: ao mesmo tempo que vislumbra os profundos laços sociais em formação, o novato experimenta uma sensação de inadequação e incompreensão inicial, próxima ao que a literatura identifica como sentimento sectário (Douglas, 2007; Santos, 2021).

Os relatos dos membros destacam o papel fundamental dos experientes na iniciação dos novatos na cena Metal, onde estes não apenas apresentam o espaço físico dos shows, mas também revelam a complexa estrutura de papéis sociais existente. Por meio de um processo de mediação, os experientes diferenciam entre músicos, produtores e membros regulares – mesmo quando essas funções podem eventualmente se sobrepor no mesmo indivíduo. Um exemplo emblemático ocorreu durante a pesquisa com o membro Franco, que, devido à sua frequente participação nos eventos de João Pessoa, assumiu esse papel de orientador. Além de apresentar o espaço, Franco aplicava um sistema classificatório que mapeava as posições sociais dos

[54] Hein (2004) explica ainda que o membro tem sua cultura material estabelecida em discos, camisetas, acessórios, revistas com o qual os membros podem comercializar e transmitir suas artes e esses produtos fazem parte da vida dos membros realçando a importância de sua identificação e ligação com a música do Heavy Metal. Apesar desse gênero musical ser conhecido pelas práticas desviantes, os membros se mantêm firmes em suas posturas, não se deixam dominar totalmente pelo establishment, o que os colocam as margens sociais e dos grandes eventos.

presentes, delineando os limites entre insiders e outsiders, inclusive identificando a presença de grupos marginais como os "whites" nos eventos Metal. Esse processo revela os mecanismos de socialização que operam na cena, demonstrando como se transmitem as práticas necessárias para navegar nesse meio, ao mesmo tempo que se mantêm as fronteiras simbólicas do grupo. A atuação de Franco ilustra como os experientes funcionam como guardiões do capital social/cultural específico que define o pertencimento legítimo à comunidade Headbanger.

Naquele dia, Franco guiou os presentes pela casa de show precária no centro histórico de João Pessoa, destacando criticamente as condições do local – ele falou do odor de bebidas derramadas e lixo acumulado, os banheiros inutilizáveis – um discurso que, conforme a observação confirmou, era recorrente entre os membros e não se limitava à sua percepção individual. Paralelamente, os Headbangers demonstravam seu conhecimento técnico musical ao discutirem os ajustes sonoros durante a equalização dos equipamentos, revelando ouvidos treinados para identificar e corrigir imperfeições antes dos shows. Esses elementos – as críticas às condições físicas dos espaços underground somadas ao domínio técnico musical – compunham o universo artístico e social distinto dessa cena: um mundo à margem das grandes mídias e dos “shows populares”, marcado por orçamentos modestos, intensas negociações entre artistas e produtores, e o extravasamento musical e emocional contrastava com o mainstream do establishment. Nesses pedaços precários, mas autênticos, os Headbangers encontravam o espaço para viver e expressar suas emoções por meio do Metal em sua forma mais underground (Elias, 1992).

Lopes (2006; 2008) demonstra que a crescente popularidade do Heavy Metal no Brasil não resultou na diminuição do preconceito contra o gênero, evidenciando como mesmo em shows de grande porte – com estrutura profissional e grande público – os seguranças interpretavam equivocadamente práticas do grupo como o "pogo[55]” ou rodinhas punk como atos de violência, chegando a agredir um dos participantes. Esse contexto de incompreensão coexiste com um cenário underground reduzido, porém resistente, onde membros dedicados sustentam suas bandas preferidas e frequentam assiduamente espaços independentes para fortalecer os projetos musicais de seus pares e amigos. A ausência de políticas públicas que

[55] A categoria “rodinha punk” (ou mosh pit) descreve a prática de correr em círculos com colisões corporais entre membros, originária da cena punk, mas incorporada pelo Metal. Como observou o guitarrista do Anthrax em entrevista, essa expressão cultural possui raízes em rituais de grupos étnicos, particularmente em tradições ameríndias, demonstrando como elementos aparentemente marginais da cultura Metal frequentemente dialogam com manifestações culturais ancestrais – a conhecida banda de Thrash Metal tem músicas contra o genocídio de povos indígenas e destaca isso em suas apresentações, como foi realizado em sua apresentação no *Rock in rio* de 2019.https://www.esquerdadiario.com.br/Anthrax-fecha-seu-show-com-denuncia-do-genocidio-indigena-no-Rock-in-Rio.

ofereçam espaços culturais adequados para essas manifestações artísticas, reforça um ciclo de invisibilidade e discriminação, situação agravada pelas "inúmeras acusações pela imprensa, autoridades e religiosos entre outros, em suma, considerado um mundo artístico tabu" (Lopes, p.23-24, 2008), apesar de sua importância na cultura musical brasileira – como foi com o Sepultura.

A trajetória no underground Metal apresenta desafios que levam tanto músicos profissionais quanto membros comuns a abandonarem a cena - enquanto alguns desistem diante das dificuldades, outros persistem, criando redes de circuitos que conectam cidades e regiões através de mini-turnês ou extensas jornadas que podem durar mais de cem dias em estradas e palcos. Essa realidade contrasta com aqueles para quem o Metal representa apenas um rito de passagem (Turner, 1974), fase transitória que eventualmente pode ser superada. Entre os Headbangers, observa-se até mesmo a renúncia a empregos formais, especialmente após experiências frustradas no mercado de trabalho – optando por viver intensamente sua vida, livre das "pressões civilizacionais". Paradoxalmente, ao individualizarem as práticas do grupo, esses membros acabam reforçando um profundo sentimento de pertencimento, encontrando alegria e refúgio num mundo que se constrói como espaço "à parte" e produz forte coesão social entre seus membros[56].

[56] Os estudos de Allet (2010), Schulz (2022), Shadrak (2021) e outros pesquisadores (Lopes, 2006; Tobias, 2019; Sena, 2019) demonstram que, embora os Headbangers compartilhem experiências coletivas, seus projetos de vida individuais são dinâmicos, contextuais e muitas vezes contraditórios em relação às projeções do grupo. Essas pesquisas revelam que as trajetórias dos membros não seguem um padrão uniforme, mas se constroem progressivamente através de interações cotidianas e situações excepcionais, evidenciando que a pertença ao grupo é negociada constantemente através de práticas e discursos. A pesquisa evidencia que, mesmo reconhecendo-se como grupo coeso, os Headbangers apresentam experiências individuais distintas que não invalidam seu pertencimento ao grupo. Essa participação grupal é uma construção social dinâmica, cujos significados são constantemente negociados através das práticas cotidianas e dos discursos dos membros, revelando a multiplicidade de formas de vivenciar a relação com a música e sua unidade. Na prática social, observam-se distintas estratégias de gestão da identificação: enquanto parte dos membros optam por modular seu self para facilitar interações em espaços fora do underground, outros conscientemente desafiam as normas estabelecidas, assumindo conscientemente os discursos que deslegitima e alija-o do momento com outros citadinos. Esse fenômeno deriva diretamente das estratégias relacionais adotadas por identificações alijadas, que desenvolvem mecanismos de autocontrole do self em espaços públicos, exigindo um esforço para resguardar ou ocultar seus selves temporariamente para evitar constrangimentos. Essa realidade expõe uma tensão dialética constitutiva da experiência Headbanger: no plano subjetivo e interno, a tensão entre a afirmação autêntica do estilo de vida e sua adaptação contextual; no plano objetivo e externo, o enfrentamento cotidiano com estruturas de estigmatização institucionalizadas como religiosas. Nota-se uma contradição significativa: enquanto os Headbangers de Campina Grande mantêm uma postura antissistema, verifica-se a ascensão de vertentes Metal ultraconservadoras em outras regiões brasileiras como em países desenvolvidos da Europa e América do Norte. Nesses contextos específicos, a pesquisa revela que o Heavy Metal continua funcionando como válvula de expressão emocional, porém sua interpretação exige uma análise sociopolítica contextualizada (Laurent, 2019). O caso canadense é paradigmático: parte dos Headbangers local demonstra afinidade com ideias conservadoras que ecoam valores pagãos do movimento, como a conexão com a natureza, a preservação linguística (do inglês e francês) e a identificação nacional. Como demonstra Méi-Ra St-Laurent, esse conservadorismo peculiar não assume necessariamente contornos extremistas, mas se manifesta como um nacionalismo cultural que ressoa com a visão de mundo (Anderson, 2008). Com isso, afirmar que todos os adeptos estão seguindo o conservadorismo se torna problemático para compreensão do fenômeno, quando se identifica as particularidades cotidianas e seus enunciados dentro das

Como aconteceu no show ocorrido na cidade com bandas do Estado do Rio de Janeira e uma banda local no centro da cidade. O interlocutor, Felipe, mencionou que o show começaria fora do horário previsto, embora ele tenha comparecido ao local no horário indicado no cartaz – atitude que demonstrava seu comprometimento com as atividades do grupo. Para reforçar sua relação com a cena underground, Felipe observou que, como a casa de shows era próxima à sua residência, percebeu que, no dia anterior, o local estava lotado durante a realização de um show de uma banda de *New/Nu Metal* (cujo nome não será citado), com grande participação do público. Em sua avaliação, aquele evento tinha um caráter comercial e modista, e alguns músicos da cena estavam tocando ali apenas para se promover – o que ele considerou uma hipocrisia por parte dos participantes (músicos e plateia), uma vez que os shows underground não costumavam lotar a casa de shows.

No contexto, Felipe compartilhou imagens do evento (New Metal) para demonstrar o público presente e identificar os músicos participantes. Estes, embora tenham suas próprias bandas, não mantêm um compromisso consistente com a cena underground, participando apenas esporadicamente de eventos do gênero – fato que Felipe não considerou em sua crítica, que pedia maior engajamento com o grupo. Esses músicos, que frequentemente tocam covers em bares por necessidade financeira, priorizam o aspecto comercial para sustentar seus projetos de vida. No evento em questão, observou-se predominância de jovens, principalmente iniciantes buscando música alta e extravasamento entre amigos do que adultos.

Felipe destacou que as duas bandas provenientes do Rio de Janeiro – em turnê na região –ficaram hospedadas na casa de Júnior (músico e membro da cena), que ofereceu infraestrutura para descanso, higiene e alimentação antes e após o evento. No mesmo show, apresentou-se uma banda de Black Metal cujo vocalista e guitarrista era abertamente homossexual, informação compartilhada por pessoas próximas dele. O músico possuía um corpo que fugia dos padrões convencionais da sociedade (considerado "gordo" e sem cabelos), mas, conforme foi observado, tanto os membros de sua banda quanto os da outra formação em turnê não atribuíam tratamento diferenciado ou faziam piadas referentes à sua orientação sexual durante os momentos pré e pós ritual.

Durante a apresentação da primeira banda, nos intervalos entre as músicas, momento em que a banda Atro interagiu com o público, o guitarrista assumiu um discurso critico a

figurações. A partir do locus de pesquisa, os dados revelam que esses indivíduos mobilizam estratégias plurais, desde a confrontação até a negociação endógeno e exógeno ao grupo, para garantir seu direito à cidade em contextos urbanos conservadores. A vida numa cidade gerida por conservadores, revelam a posição que os Headbanger possuem de seu Self e as formas necessárias de negociação interativas em tal contexto – o fenômeno do ultraconservadorismo é uma realidade com que os Headbangers campinense têm se defrontado e criticado.

sociedade e a cidade. Com veemência, expressou uma posição anticristã, explicitando seu combate ao conservadorismo dentro da cena Metal. Seu posicionamento foi claramente delineado como anti-conservador, antissexista e antimisógino, enfatizando a necessidade de repensar o Metal para além dos ideais conservadores (como é o pensamento que Metal é só para homem). O ápice de sua fala foi marcado por uma exclamação emocionada:

> Agora se tem uma galera que está com aquela ideia "eu sou contra mulher, eu sou contra gay" ... Meu irmão... a gente é anticristã e outra parada meu irmão, o patriarcado quem criou foi a igreja e vá se fuder (caderno de campo, 2023).

Depois de algumas canções, o vocalista recita um poema:

> - Dos restos mortais se criou a aberração… um grito rasgo o véu do silencio sepulcral, a macula suportada em vida volta a atormentar, aquele que traz a tristeza, agora cria o chaos… o sussurro espectral clama em agonia, aquela voz angustiada agora clama por socorro… essa voz lamentosa, carregada de tristeza agora paira sob esse chão estéril… é o início do fim… ela grita, ela chora, sofre e ela fere aquém escutar (a letra foi recitado duas vez, na primeira sem som e na segunda acompanhada de melodias autorais da banda) (caderno de campo, 2023).

A banda Atro (Death/Doom Metal) atraiu um grande público jovem com sua apresentação. Em seguida a banda de Black Metal preparou o espaço para a realização da apresentação e iniciou seus preparativos: a vocalista posicionou latas de cerveja com álcool no chão e as incendiou, criando um efeito pirotécnico que se misturou à fumaça artificial da produção do evento. O pequeno local rapidamente lotou, os Headbangers que aguardavam do lado de fora entraram, alguns desses eram casais LGBTQ+ vestidos com a indumentária "clássicas" do Metal, demonstrando apoio à banda que os representava. Ao final da primeira música, aplausos e gritos ecoaram pelo espaço, momento em que a vocalista fez seu anúncio: "Hail, satannn, é uma honra está aqui, é muito bom compartilhar do espaço com bandas fodas, obrigado a todos que compareceram."

A audiência demonstrou intenso engajamento durante a apresentação, expressando-se através de bate cabeça, movimentos corporais (des)sincronizados e formação de *circle pits*, como observavam atentamente a apresentação em outros momentos. Notadamente, parte da audiência – especialmente aqueles que se identificavam com a vocalista – exibia camisetas de bandas clássicas como Megadeth e Metallica. O evento revelou-se transformador ao incorporar artistas que desafiam os padrões de gênero dominantes no underground, evidenciando como se mostrou aberto a receber as diferenças[57].

[57] De forma significativa, a última banda a se apresentar demonstrou uma dinâmica coletiva com a outra do subgênero Black Metal. Os músicos compartilhavam não apenas instrumentos musicais, mas também integrantes

Figura 3. Bolsa da vocalista.

Fonte: Registro próprio, 2023.

Ao longo da apresentação, elementos visuais carregados de significados políticos marcavam presença: pentagramas, cruzes invertidas e símbolos antifascistas estampavam camisetas e bolsas do público, ao lado de mensagens pela igualdade de gênero. Durante uma pausa entre as músicas, a vocalista anunciou com veemência como se chama a próxima música a ser executada: "Morte aos falsos!!, essa música é uma homenagem aos falsos e fascistas[58]". Quando a canção finalizou um membro chamado aqui de Charles do grupo local gritou e recebeu apoio de outros companheiros: "Por mais bandas antifascista na cena".

Após o término da apresentação da Praga, Felipe informou que o próximo show da banda Mystifier[59] ocorreria em uma residência particular, devido à indisponibilidade de espaços

- com exceção do vocalista e de alguns elementos estéticos como vestuário e maquiagem. Essa prática, que vai além do mero companheirismo, revela uma estratégia pragmática para redução de custos logísticos (transporte, hospedagem e alimentação) durante a turnê. As duas bandas viajavam num único veículo compacto (Fiat Doblo), dividindo o espaço exíguo entre instrumentos, membros das bandas e mercadorias (como CDs e camisetas).

[58] A música da banda chama-se Martelo dos Falsos como se lê a seguir: Morte aos falsos! Cairão sob o martelo! Cristãos fascistas; vermes mentirosos; suas cruzes serão pisadas; suas faces esmagadas; Terra manchada com o sangue dos fracos; O Triunfo de Satã já começou! Morte aos falsos; sem piedade iremos atacar; com armas de destruição que irão profanar; essa é a nossa fiel revelação Supremacia e Destruição! Link da música disponível no Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=NiR59CcbD3s

[59] Banda de Black Metal baiana, reconhecida pela trajetória e história no Metal nacional e internacional.

comerciais adequados para uma banda de seu porte. Enquanto essas informações eram socializadas, um grupo de motociclistas chegou ao local, acelerando suas motos para produzir ruídos altos e chamar atenção dos Headbangers presentes. Sua estética apresentava claras convergências com a dos Headbangers – cabelos e barbas longos ou cabeças raspadas, vestimentas predominantemente negras e coturnos. As particularidades residiam nos coletes personalizados de seus clubes de moto e no uso de equipamentos de proteção como joelheiras, caneleiras e luvas – algumas idênticas às utilizadas pela ROTAM (Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas), sugerindo interessantes apropriações de equipamentos policiais na construção desse grupo.

Na apresentação final, observou-se um significativo esforço físico dos músicos, que haviam acabado de tocar com a banda anterior e agora reorganizavam os instrumentos para mais um set - desta vez em um subgênero musical diferente. O estilo da última banda, que remetia ao Metal ao Thrash Metal dos anos 1980, inicialmente cativou o público. A energia positiva persistiu até o momento em que o vocalista (aparentando cerca de 49 anos) pegou uma bandeira negra e começou a agitá-la pelo palco. Enquanto a música continuava, o vocalista – utilizando uma voz limpa, sem guturais – iniciou críticas genéricas aos políticos, acusando-a de roubar o povo, porém sem posicionamento político específico. Esse discurso "neutro", mas contestatório criou um clima ameno, pois a audiência, que antes interagia na frente do palco, foi gradualmente se distanciando emocionalmente, transformando seu extravasamento em mera observação "passiva" – como forma de desaprovação ao discurso do artista.

Esses sentimentos dúbios em relação ao grupo revelam o grau de investimento emocional e identificatórios que os indivíduos estão dispostos a dedicar para permanecer entre seus pares. Enquanto alguns membros mantêm-se vinculados à cena enquanto encontram conforto, aceitação e possibilidade de vivenciar plenamente suas identificações, outros eventualmente rompem os laços com aqueles que um dia consideraram irmãos[60]. Essa

[60] É preciso considerar as diferentes formas de incorporação da identificação e seu nicho de sociabilidade, porque, a partir desses elementos, pode ocorrer uma transformação na identificação devido ao contexto e à situação social em que os indivíduos se inserem e são concebidos pelo establishment. Pode-se ainda perceber que alguns ingressantes nesse meio sentem que estão lá, mas ocupam a posição temporariamente, transitando entre diferentes grupos ou classes – como ocorre com aqueles poucos membros que, após se formarem em cursos de prestígio, deixam de participar dos eventos underground, ou mesmo aqueles que se converteram a religiões como o judaísmo. Considerando o contexto de pesquisa – marcado pela hipertrofia das relações sociais em escalonamento macro e micro, devido ao ultraconservadorismo de direita (em suas formas política, social e cultural) –, os Headbangers percebem as mudanças que isso acarreta no grupo, em suas relações, contatos profissionais e afetivo-emocionais, alterando sua forma de habitar a cidade, as expectativas e os valores que o grupo cultiva e projeta para seus participantes. Essa hipertrofia, em diferentes escalas, gera mudanças nas relações entre os membros, além de animosidades dentro e fora da unidade. No entanto, conforme a pesquisa de campo e os dados analisados ao longo do tempo, observa-se uma reafirmação da unidade, de modo que os membros buscam inserir-se na ecologia social em constante mudança (Hughes, 1949)

oscilação reflete diretamente a capacidade de cada indivíduo em conciliar suas crenças pessoais com as práticas e valores do grupo – como no caso de Headbangers cristãos que evitam bandas com letras anticristãs ou simbologia transgressora, ou mesmo daqueles sem filiação religiosa que rejeitam produções musicais alinhadas a posicionamentos políticos conservadores. Embora esse fenômeno seja discutido em outras cenas underground, na realidade campinense pesquisada essas contradições não se manifestavam com regularidade. Esse cenário evidencia como os membros negociam constantemente suas afinidades eletivas, aproximando-se daqueles que compartilham seus valores fundamentais e distanciando-se progressivamente do establishment que rejeitam, num movimento dialético de pertencimento e diferenciação que caracteriza a lógica interna do Metal underground.

Conforme Goffman (1987) destaca, é fundamental examinar detalhadamente como os indivíduos, ao longo de suas trajetórias, transformam suas percepções e crenças sobre si mesmos e sobre o mundo exterior, particularmente no que diz respeito às relações de interdependência entre Headbangers e outros membros da cena. Essa perspectiva analítica revela um jogo de envolvimento e distanciamento, no qual o establishment busca impor controle e ordem sobre as práticas sociais, enquanto o underground Metal desenvolve suas próprias demandas estéticas e morais, expressas por meio de estilos e formas particulares de engajamento. Nesse contexto, a o grupo reforça constantemente aos seus membros que serão valorizados e honrados desde que permaneçam fiéis ao grupo e não abandonem seus princípios. Para compreender plenamente essa dinâmica no caso dos Headbangers, tornou-se essencial investigar tanto suas experiências dentro da cena quanto suas interações com o mundo exterior como se verá ao longo dessa pesquisa, abordagem metodológica respaldada por estudos clássicos e contemporâneos sobre carreiras desviantes (Goffman, 1974; Becker, 1952; Susie, 2019; Hardie-Bick, 2005).

Esses autores oferecem contribuições essenciais para entender como os indivíduos constroem suas trajetórias de vida e carreira, um exercício analítico relevante para as Ciências Sociais. Como demonstra Becker (1952) em seu estudo sobre professores em Chicago, os profissionais desenvolvem estratégias para lidar com os desafios cotidianos do sistema educacional. Essa perspectiva revela como as identificações se transformam ou se mantêm ao longo do tempo, com fases específicas que afetam os sujeitos tanto subjetivamente quanto em suas práticas. Na pesquisa com Headbangers, observou-se como fatores internos (valores do grupo) e externos (contexto urbano) influenciam essas carreiras e trajetórias, mostrando

processos similares aos descritos por Becker, num contexto underground e diferente.

No início de sua carreira e trajetória na cena Metal, os iniciantes – sejam músicos ou audiência – enfrentam um período de adaptação marcado por três desafios principais: atender às demandas dos membros experientes, gerir as expectativas sobre seu próprio desempenho e superar as dificuldades práticas de organizar eventos na cidade. Esses iniciantes costumam desenvolver uma visão idealizada do underground, muitas vezes influenciada pela imagem do mainstream musical – idealização que gera um choque de realidade quando experienciam a precariedade material e organizacional cotidiana da cena underground, revelando a distância entre suas expectativas iniciais e as condições reais de produção artística no meio.

À medida que se tornam participantes regulares dos eventos, esses membros passam a ajustar suas expectativas iniciais ao compreenderem a dinâmica real do grupo e suas demandas cotidianas. Embora a realidade do underground não corresponda às suas projeções iniciais (ideais), desenvolvem estratégias emocionais e práticas para lidar com a precariedade característica desses eventos. Essa adaptação não significa o abandono de seus ideais, mas sim a construção de habilidades sociais específicas que lhes permitem sustentar seu engajamento na cena enquanto administram as contradições entre suas aspirações e as condições materiais do meio.

Entretanto, em determinado momento de suas trajetórias, muitos membros experienciam um distanciamento progressivo do grupo, à medida que a idealização inicial se desfaz frente às dinâmicas exaustivas dos eventos e aos desafios cotidianos de manter essa identificação na cidade. Esse processo leva alguns a evitarem gradualmente os espaços de interação e atividades extra-Metal. Entre os músicos, observam-se três trajetórias distintas: (i) os que persistem no underground apesar das dificuldades e desvalorização artística; (ii) os que abandonam completamente os eventos; e (iii) os que migram para outros gêneros musicais (como forró e sertanejo), buscando novas formas de expressão profissional[61].

Vale destacar que parte dos membros do underground mantém a crença na "ilusion" do grupo, recusando-se a aceitar o fim de suas idealizações. Para esses adeptos, a vitalidade da cena persiste, ainda que se manifeste de formas distintas daquelas do mainstream. Diante dos desafios, eles reinventam seu engajamento – reavaliando suas identificações e criando formas

[61] Os desafios e pressões sociais fazem parte do cotidiano daqueles que dedicam seu tempo ao grupo. A dificuldade de encontrar locais para eventos, a falta de políticas públicas que apoiem os artistas locais e a escassez de recursos materiais e financeiros limitam o desenvolvimento das atividades, isto é, se tornam uma barreira para que a cena se torne mais presente (realize mais eventos) e se torne palco para os Headbangers campinenses. Os membros precisam constantemente negociar com donos de espaços, bandas e o público para viabilizar os eventos e manter a união do grupo. Com poucas oportunidades oferecidas pelo poder público ao Metal, a cena local permanece desassistida, o que a mantém limitada e pouco valorizada na sociedade.

para evitar a estagnação do grupo (Moraes, 2014), essa reinvenção envolve mudanças de posição dentro da cena: músicos que se tornam produtores, ouvintes que viram músicos, ou artistas que retornam ao papel de audiência, sempre com o objetivo de fortalecer a cena local.

Figura 4. Ciclo de transformação dos papéis.

Fonte: produção própria, 2025[62].

A identificação do Headbanger constitui-se dialeticamente através das interações grupais e das expectativas sociais, dentro de figurações com umas trajetórias marcadas por contradições e negociações constantes. Longe de seguir um desenvolvimento histórico harmônico, essa carreira moral desviante estrutura-se a partir da figuração social específica em que os indivíduos estão inseridos, com suas expectativas, valores e relações em permanente transformação – influenciando tanto suas práticas como músicos ou público, quanto seu lugar na cidade. Os trabalhos de Hardie-Bick e Scott oferecem ferramentas analíticas fundamentais para compreender esses processos complexos de construção identificação, revelando como os sujeitos navegam entre pressões grupais e sociais ao longo de suas trajetórias o que ilustra no underground.

O estudo de James Hardie-Bick (2005) sobre paraquedistas revela como esses indivíduos constroem e mantêm suas identificações apesar dos riscos inerentes à sua prática. A

[62] A fluidez das transformações de papéis é uma característica marcante da cena. Um produtor, por exemplo, pode assumir o papel de audiência ou de músico, assim como os demais participantes também alternam entre essas funções. Para ilustrar essa dinâmica e as diversas formas que os papéis podem assumir no círculo de atividades e comunhão. Esse tipo de engajamento de várias funções, essencial para a sobrevivência da cena, encontra conexões no trabalho de Becker (1982), que em sua pesquisa analisou audiências compostas por profissionais que observam outros profissionais das artes.

pesquisa demonstra que a identificação com o paraquedismo transcende a mera busca por adrenalina ou atividade física/laboral, constituindo-se como uma verdadeira carreira moral alicerçada em valores e significados compartilhados. Hardie-Bick mostra que esses praticantes se dedicam não apenas a dominar a técnica, mas também a projetar uma imagem pública de coragem e disciplina – qualidades demonstradas ao enfrentarem o perigo sem medo aparente. A adrenalina, embora seja importante, representa apenas um componente dessa identificação, que envolve igualmente a construção social de atributos como autoconfiança (sem medo) e bravura ao saltarem dos aviões perante os céus e a sociedade.

Hardie-Bick destaca que a formação do paraquedista é um processo gradual que exige tempo e aprendizado com os mais experientes. Iniciantes são acompanhados em exercícios simulados até dominarem as técnicas e demonstrarem conduta ética em situações reais – somente então alcançam reconhecimento como paraquedistas confiáveis. O estudo revela ainda que, assim como os Headbangers, os paraquedistas enfrentam preconceitos/estigmas (como serem vistos como imprudentes ou insensatos), o que os leva a enfatizar publicamente valores como disciplina e autossuperação[63] para contestar esses preconceitos. Enquanto os paraquedistas buscam mostrar seu profissionalismo, os Headbangers destacam seu engajamento artístico.

Apesar de sua dedicação ao aprendizado musical, os Headbangers são estigmatizados como improdutivos pela sociedade. Essa percepção social encontra paralelo na pesquisa de Susie Scott (2019), que investiga como indivíduos marginalizados – aqueles que se sentem socialmente invisíveis ou vazios, improdutivos – constroem significados e suas identificações a partir de experiências de perda e exclusão. A autora demonstra que mesmo pessoas marcadas por ausências (afetivas, profissionais ou sociais) desenvolvem, à sua maneira, projetos de vida importantes. Para esses indivíduos, o distanciamento social torna-se não apenas uma resposta ao preconceito, mas também um espaço para sua reconstrução.

Esse processo de adaptação envolve uma complexa negociação, na qual os Headbangers precisam confrontar uma realidade social que os exclui. Diante disso, eles desenvolvem significados próprios para sua condição e elaboram relatos que explicam sua marginalização[64].

[63] Além disso, os paraquedistas e seus desafios ao risco são compreendidos como inadequados, o que faz esses indivíduos carregarem uma visão negativa sobre suas escolhas de suas vidas. A imputação do vicio na adrenalina pode ser entendida como loucura, já que "não se observa as consequências" dos atos no paraquedismo – o pesquisador desfaz essa visão limitante – como revela a "ausência de disciplina" nas atividades do grupo. Dessas imputações decorrem julgamentos morais que tensiona a prática dos paraquedistas como algo desnecessário, não se trata de uma forma de entretenimento como "hobby/passa tempo" para a moral dominantes, essa prática coloca em jogo a falta de apreço vital do paraquedista para seus familiares e sociedade ao se colocar em risco constantemente e demonstrar certa "imaturidade" ao realizar seus saltos.

[64] Pessoas abandonadas pelo Estado no âmbito da cultura como os Headbangers na cidade de Campina Grande

Como mostra a pesquisa de Scott, indivíduos que enfrentam preconceito por desemprego, perda de status ou rupturas relacionais (amorosas ou de amizades) são pressionados a mudar – porém, os Headbangers transformam esse preconceito em motivo de orgulho, buscando demonstrar que contradizem aos padrões dominantes. Esse movimento revela como convertem a exclusão em elemento constitutivo de suas vidas, realizando uma "virada de chave" que lhes permite ressignificar a marginalização como base para experiências intensas e significativas no cotidiano (Scott, 2019).

Ao refletir sobre sua trajetória, o Headbanger reconhece a evolução de seu sistema de valores e práticas, tanto no grupo quanto na sociedade em geral. Suas experiências sociais revelam uma dualidade: de um lado, as crises, frustrações e angústias inerentes a uma vida moral; de outro, a afirmação consciente de sua vida como Headbanger. Esse processo de individualização, aprendido com os pares mais experientes, demonstra que esses membros – apesar de sua diferença – permanecem cidadãos “comuns”.

A experiência dos membros em shows de Metal revela-se fundamental para compreender sua relação com o grupo e a cidade. Inicialmente marcada por estranhamento, essa vivência logo se transforma em desejo de permanência, como relatam aqueles que, ao saírem do isolamento doméstico, realizarem trajetos na cidade, passaram a ocupar espaços urbanos antes desconhecidos (Magnani, 1992). Um exemplo emblemático é o GRESB, antiga casa de shows no bairro São José, onde jovens descobriam um grupo de pessoas vestidas de preto que os acolhia com cordialidade e irmandade, desconstruindo preconceitos prévios sobre o Metal. Essas longas caminhadas pela cidade até os eventos e o contato com os semelhantes mostravam como as visões limitantes sobre o grupo não correspondiam à realidade das interações no underground, revelando uma sociabilidade distinta daquela projetada pela moral dominante.

O caso de Adriano ilustra bem essa transformação de percepção – inicialmente avesso ao Heavy Metal, sua experiência direta nos shows reformulou completamente sua visão sobre os Headbangers. Tanto ele quanto Felipe Coelho, apesar de sua aparência séria e "cara

passam por estigma e preconceito e ausências por parte daqueles que desconhecem a vida deles. Como Susie (2018; 2019) mostra ainda como essas pessoas lidam, por exemplo, com a invisibilidade e exclusão, como se observará a dificuldade de alguns membros em conseguir emprego devido a sua identificação, devido a imputação de preguiçosos, sujos ou bêbados – as pessoas têm justificativas para suas não conquistas, seja devido seu estilo estético e crise econômicas ou mesmo essas têm visões que vão além do trabalho enquanto apenas obrigação. O que aparece em situações de invisibilidade, preconceito etário sobre Headbangers antigos (pelo fato do Metal está associado aos jovens, mas esses Headbangers se mostram resilientes e grandes na cena, são orgulho para os insiders), membros compreendidos pessoas problemáticas e “perigosas”. Esses mesmos Headbangers considerados “problemáticos” ou “perigosos” pela sociedade convertem experiências negativas em orgulho grupal. Através da identificação com o Metal, ressignificam sua marginalização como resistência, transformando o estigma em honra e fortalecendo sua resiliência frente às barreiras sociais.

fechada", revelavam-se interlocutores educados e bem-humorados, contradizendo a imputação de ignorantes atribuído pelo projeto civilizacional. Os membros ressaltavam como a sociedade, influenciada especialmente pela perspectiva religiosa cristã local, associava erroneamente a cena Metal à maldade, estigmatizando esses espaços como lugares proibidos ou morais (Park, 1916). Mas era justamente nesse pedaço underground que se formavam amizades duradouras e relações baseadas em apoio mútuo, desconstruindo na prática os preconceitos externos por meio de relações interna marcada pelo respeito e solidariedade[65].

> Eu acho que várias pessoas do grupo podem sentir um pouco disso sabe, eu pensava que o Metal era coisa do diabo, mas claro que isso foi me dito e não foi dito por mim mesmo. Mas eu fui descobrindo que isso não tinha nada com nada com os Headbangers, galera massa, estão ali para curtir um som, tirar parte do cansaço do trabalho e que são como qualquer outra pessoa, mas claro com gosto musical diferente. Eu já achei que determinadas pessoas do grupo eram chatas, isso não significa que não exista (risos), mas eu mesmo já fui vítima dessa definição. Certa vez, uma mulher do grupo moradora da zona sul falou… quando eu estava ingressando ainda no Metal, me abordou e disse que eu era muito legal e que não aparentava ser chato e ignorante como pensou que eu era, depois isso, essa mulher passou a conversar mais no grupo e namorou até um amigo do grupo (Esteves, entrevista, 2024).

> É muito bom sair do trabalho e chegar no London Pub e encontrar os amigos ou mesmo quando a gente se reunia no antigo vitrola. Encontrar amigos do tempo da escola e os que conheci nos eventos, poder trazer ele também é muito bom, pode faze-los se converterem ao Metal é melhor ainda, né não? Fazer com que eles mudem a visão sobre o Metal e verem como é massa está nos eventos, eu mesmo fiz um dos meus amigos se converter e ele falou que realmente era diferente do que imaginava e hoje tai curtindo os shows e só escutando banda foda como Vital Remains, Death e outras. é claro que alguns ficam chocados pelas apresentações, músicas e roupas que a gente veste (risos), mas eles contemplam a força que o Metal e como a gente conversa e se respeita, claro que desde que não se ultrapasse os limites da boa convivência, porque sempre tem os sem noção. Eu gosto de vir aqui e sentir toda sensação que o Metal proporciona e ver os irmãos, aqui não é modinha é estilo de vida, é além disso (Felipe, entrevista, 2024).

Os relatos dos membros mostram que a experiência como Headbanger na cidade é marcada por um constante confronto com o preconceito moral e religioso dirigido às diferenças sociais. Cada indivíduo vivencia situações únicas que contribuem para sua formação, revelando os aspectos tanto positivos quanto negativos a essa carreira moral desviante. A pesquisa demonstra que, embora a sociedade pressione esses indivíduos a se conformarem com os

[65] De acordo com Strauss as biografias são construídas paulatinamente e de forma dinâmica, o que implica ser transformadas pelos contatos e interações rotineiras. Além das trajetórias, projetos e contextos sociais (Velho, 1994). Os indivíduos participantes desse grupo mostram diversas formas, caminhos e trajetos realizados (de modo individual ou coletivo) que mostram que eles podem ser vários durante todo o tempo em vida ou sustentarem seus papéis diante das tensões com as suas identificações, como se observará ao longo dessa pesquisa. Observar a carreira moral dos Headbanger se torna uma forma de entender de que forma eles sustentam e enfrentam os desafios sociais, e como se comportam diante das pressões figuracionais que tentam contra suas práticas (como por exemplo, o avanço do ultraconservadorismo que busca normatizar práticas culturais, convertendo expressões subversivas em comportamentos conformistas) (Khan-Harris, 2007).

padrões do establishment, na realidade eles compartilham das mesmas necessidades que qualquer outro cidadão.

Ao adentrarem a cena Metal, os Headbangers de Campina Grande experienciam um processo duplo de ruptura e pertencimento. Por um lado, confrontam instituições sociais tradicionais (como família e religião), mas por outro descobrem uma rede de solidariedade que os faz sentir acolhidos no espaço urbano[66]. Apesar das pressões sociais que estigmatizam seu estilo de vida como "amoral" e contrária aos "bons costumes", esses indivíduos encontram nos shows underground um espaço que recepciona os iguais. Esses eventos funcionam como rituais de transformação em que os estereótipos sobre o grupo são desconstruídos na prática, e os acordos sociais pré-estabelecidos são rompidos, ao se mantarem unidos.

Um desafio adicional reside na experiência de distanciamento social e na sensação de não-pertencimento, momentos cruciais em que o Headbanger reflete profundamente sobre sua condição. Essas fases de reflete geram um autoconhecimento transformador, permitindo maior controle sobre sua trajetória e uma síntese renovadora essencial para seu desenvolvimento. Como destaca Goffman (2012), os indivíduos reinterpretam continuamente suas experiências passadas, moldando sua percepção atual. Esse processo reflexivo constante possibilita aos indivíduos serem reflexivos constantemente sobre suas experiências de vida e assim estarem continuamente autoconscientes sobre suas relações sociais.

Os relatos de pesquisa e publicações em fanzines revelam que a experiência de inserção no underground pode ser transformadora, servindo como referência para que os indivíduos reavaliem tanto sua autoimagem quanto sua relação com o establishment. Esses materiais não apenas informam, mas possibilitam uma reestruturação interna das perspectivas dos membros. Os depoimentos destacam diferentes caminhos dessa transformação: alguns atribuem a mudança a amigos que os introduziram aos shows; outros a bandas específicas; e há ainda os que creditam sua transformação a mídias especializadas, como os documentários do antropólogo Sam Dunn[67], cujas produções sobre a cultura Metal se tornaram referências

[66] Nos pedaços dos Headbangers, encontra-se uma irmandade que vai além de um aparente encontro na cidade, ela cria pertencimento para os que participam desse espaço. Butler (2008) argumenta que esse comportamento, desenvolvido de forma repetida, é capaz de produzir fixidez e estabelecer modos de respeito quanto à projeção das performances, inclusive a masculinidade, o que reforça os pedaços enquanto deles.

[67] Os artefatos culturais produzidos pelo grupo– documentários, fanzines, discos e indumentária – funcionam como vetores de socialização ao codificarem a representação do grupo. Esses suportes midiáticos não apenas veiculam informações, mas operam como dispositivos simbólicos que elaboram metáforas estruturais para a organização das experiências sociais e morais no underground Metal. A longevidade desses referenciais é atestada etnograficamente quando membros, mesmo décadas depois de sua iniciação, rememoram com afetiva o impacto de um documentário ou publicação específica em suas trajetórias – fenômeno observado em campos diversos como João Pessoa-PB e Recife-PE. Esses artefatos, aparentemente "simplórios", constituem-se como agentes socializadores fundamentais (Berg; Luckhmann, 2008), cujos efeitos cumulativos na formação dos selves frequentemente passam despercebidos justamente por se darem por meio de um processo de incorporação no

fundamentais para compreender suas trajetórias dentro do underground.

cotidiano. Marcadores biográficos cruciais, eles cristalizam momentos liminares de iniciação na cena, permitindo aos membros reviverem emocionalmente (com nostalgia ou melancolia) experiências fundadoras que, justamente por serem irrepetíveis, testemunham as transformações em suas vidas ao longo do tempo.

CAPÍTULO 02: PLURALIDADES DE SELVES NO UNDERGROUND.

O presente capítulo trata das variações interativas dos Headbangers na cidade, analisando como as pluralidades de selves e experiências dentro do contexto campinense. Por meio de uma abordagem figuracional, demonstro como os adeptos do Heavy Metal agenciam seus repertórios interativos para participar de espaços em que não são aceitos (como eventos em regiões de classe média alta, espaços públicos próximos a igrejas e espaços de abrigo como dos shows ou pubs). Os símbolos morais e estéticos considerados socialmente como amorais surgem como forma de expressão do estigma para os citadinos e forma de pertencimento aos Headbangers.

O trabalho de campo com os Headbangers mostrou o orgulho de pertencer e possuir pedaços na cidade em que eles podem se refugiar e longe dos constrangimentos pelos espaços urbanos e em que demanda deles habilidade de autocontrole para enfrentar tais situações desajustadoras. O leitor encontrar ainda nesse capítulo as formas de autocontrole desenvolvidas pelos os adeptos desse estilo de vida por meio de pseudônimos, modificações estéticas e controle das práticas consideradas desviantes. Encontrará ainda o papel social de determinados indivíduos próximos (que não são do Metal) aos Headbanger que contribuem e podem ser "guardiões dos seus segredos" entre os mundos que os adeptos transitam.

Os indivíduos próximos conhecem as tensões e desafios dos Headbangers (homens e mulheres) tanto na família quanto na relação com a vizinhança num contexto marcado pelo conservadorismo religioso cristão. Por meio de situações de pesquisa, apresento dinâmicas da socialização dos Headbangers e suas famílias, em que pais encorajam (e sentem orgulho) ou desencorajam (e sentem vergonha) os filhos a seguirem o estilo de vida. Por fim, nesse capítulo se encontra também que os passeios entre mundos diferentes exigem energia vital dos Headbangers para controlar determinados aspectos de suas vidas e seus custos ocorrem de modo constantes. O que do ponto de vista analítico destaca adaptações e resistência a tendência de uma cidade conservadora e onde as pluralidades são parte da construção do cotidiano campinense.

i. As crenças nas identificações

A sociologia americana esteve interessada em entender as dinâmicas da vida social na urbe no que diz respeito a desenvolvimento de ordem e conflitos sociais gerados pela contradição do capitalismo. Hannerz (1980) apresentou em seu trabalho sobre a antropologia

urbana americana que a cidade ocidental considerada moderna, além de industrial era capitalista, sendo necessário atentar as bases de desenvolvimento dessa vida urbana hodierna, como os indivíduos/moradores participam da sustentação dessa vida em fluxos, fronteiras e diversidade de selves nesses espaços.

Quando os indivíduos mostram dois lados de sua identificação social (real e virtual), seja de modo intencional ou não, torna-se possível identificar dois *selves* apresentados. Para o establishment, ele é uma pessoa que se mostra como realmente deseja ser, mesmo quebrando as convenções sociais estabelecidas, o que foi detalhado anteriormente para melhor compreensão do fenômeno social analisado. Apresentaram-se alguns elementos interativos que tornam os Headbangers considerados desviantes e alguns esforços morais da sociedade para não gerar clímax e ambiguidade nos momentos de copresença entre eles. Isso se deve porque, ao verbalizar o desagrado de visualizar um desviante, a sociedade realça seu ponto de vista acerca da identificação alheia; a vergonha daí produzida gera esse desconforto que afeta a todos nos momentos de encontros, com maior afetação aos Headbangers, que sentem a pressão da moral dominante.

Na vida social, todos os indivíduos interagem em diferentes níveis de interdependência, e os Headbangers não podem ser compreendidos apenas em si, mas pela forma como interagem com os outros e por seu diferencial estético e moral que gera desatenção civil (Goffman,1963). Mas quando o adepto esconde quem é, impossibilita que o outro tenha conhecimento de suas predisposições, ou o adepto pode não ter conhecimento de que o outro sabe sobre sua identificação. De fato, o adepto que oculta sua postura demonstra uma prática interessante e importante sobre sua vida social – por quais razões controlar essa dimensão de suas vidas? Não se mostrar enquanto adepto deve ser entendido por meio de questionamentos regulares na academia, como controlar de quem, como fazer isso, quando é preciso e onde. A título de exemplificação, quando o adepto está no show e quando está com seus familiares ou em momentos ordinários de trabalho, ele recebe tratamentos diferenciados, como se observou no capítulo anterior. No entanto, de acordo com alguns relatos dos adeptos, isso não se confirma na realidade – apesar de alguns relatarem sentir uma melhora no relacionamento com a família ao longo do tempo –, já que o adepto era compreendido como "desobediente, doido e teimoso", mesmo que isso não estivesse de acordo com a realidade.

Para a moral dominante, o adepto deve ser cúmplice do preconceito externalizado pela sociedade e aceitar que é uma pessoa tolerada (se for proveniente de classe média alta, o tratamento pode mudar consideravelmente, uma vez que se trata de homens e mulheres brancas oriundas de famílias bem estabelecidas nos aspectos financeiros e educacionais)

devido à sua situação social. Regularmente, o *establishment* espera que os Headbangers atuem como os preconceitos sobre eles demandam, mesmo que não seja intencional. Os citadinos agem esperando que os adeptos reproduzam os preconceitos, isto é, que o Headbanger reproduza o papel imputado de "satanista", "louco" e "degenerado" [68]. Mas nos momentos de interação mista, os citadinos e outros podem perceber que os Headbangers têm uma atuação diferente da deles. Ao controlar sua identificação social para alguma atividade extracotidiana e de maneira controlada, pode-se ser bem recebido com "falsidade", não sendo verdadeiramente aceito. Os controles das emoções dos adeptos, por essas razões, controlam seu *self* e tentam minimizar características do grupo para evitar prejuízos, preconceitos e uma visão negativa sobre si, aspectos que serão abordados no presente capítulo. Além disso, os adeptos podem esconder, por exemplo, que são músicos como forma de evitar comentários e expectativas artísticas – como ser convidado para tocar músicas de outros estilos musicais[69].

O estudo sobre a carreira moral desviante dos Headbangers tinha como fundamento o controle e a informação sobre a identificação. A informação e o controle do indivíduo nas situações de interação sobre suas qualidades e propriedades, e o controle sobre seus sentimentos e emoções geradas nos momentos de encontros, convergem e divergem. A informação sobre si é construída, reflexiva e incorporada socialmente, sendo socializada objetiva e subjetivamente pelo corpo e pela alma nas ocasiões de interações. Essas disposições simbólicas ou objetivas têm um papel importante na comunicação e percepção do outro. O que o Headbanger transmite pode confirmar aquilo que foi anteriormente compartilhado acerca do que ele é, completando a imagem que a sociedade tem dele regularmente. Por exemplo, as camisas de banda podem ser um adorno diferenciador que indica o pertencimento do adepto ao Metal e ao grupo; para os adeptos, a camisa significa gosto musical distinto e demonstração de prestígio social, porque mostra quais subgêneros e bandas o portador da camisa apoia. No entanto, a camisa não representa somente prestígio, mas pode ser entendida nesse contexto e pedaço como respeito e posição social aos internos.

Conforme Goffman (1951), isso pode ser compreendido como símbolo de status

[68] Como demonstram Sam Dunn (2005) e Christe (2010) em perspectivas históricas sobre o Heavy Metal.

[69] Alguns músicos não comentam explicitamente ou mesmo se autoemulam como tais; os signos de identificação de prestígio no underground eram dissolvidos nas relações de proximidade entre eles, pois os indivíduos que estavam inseridos no pedaço conheciam quem era músico ou não e por isso não havia necessidade de autopromoção. Mas alguns músicos que tinham mais prestígio e participavam de mais eventos apresentavam-se enquanto tais para conseguir destaque e reconhecimento; por exemplo, músicos da cidade que tentavam entrar na sala "vip" ou *backstage* de um grande evento promovido em Recife-PE anualmente e não logravam êxito porque os seguranças não permitiram. Essa informação foi transmitida por um ex-músico e companheiro que acompanhava a situação em questão, como ele destacou que esse não reconhecimento gerou constrangimento entre eles. O reconhecimento operado dentro e fora da unidade não era operado de forma igual, o que gerou, como relatou o interlocutor de campo, constrangimento.

operado nas relações entre os indivíduos, pois mostra-se importante na percepção dos interagentes sobre suas posições sociais. Para os Headbangers, as camisas podem ser entendidas como algo de valor, enquanto para a sociedade são um signo amoral e de preconceito, pois as imagens reproduzidas como estampas nas camisas demonstram crítica do *status quo* religioso ou político (Miller, 2010). Com isso, a camisa tem um valor simbólico que pode chamar atenção para a diferença entre aquilo que o indivíduo apresenta e aquilo que ele é; usar uma camisa do tipo significa, superficialmente para a sociedade, que ele veste "signos de desvios", o que cria uma hipertrofia na relação entre o Headbanger e o outro.

Durante os shows na cidade de Campina Grande ou em outras localidades, observa-se que homens e mulheres vestem camisas de bandas publicamente como demonstração de seu pertencimento e como simpatizantes de um subgênero do Metal. Notável, quando um iniciante começa a interagir no pedaço do grupo *underground* e comete alguns "erros" acerca das bandas que gosta e representa em suas camisas, esses erros eram entendidos como sinais de que ele ainda não pertencia por completo ao grupo, porque ainda não dominava as práticas do grupo. Mas isso ocorre de maneira explícita ou implícita, dependendo da ocasião de interação, sendo um valor simbólico eficaz que permite impor barreiras aos iniciantes (*posers*) e exaltar a identificação dos já iniciados.

Além desse elemento importante da identificação desse grupo, há o signo que tenta atenuar a realidade dos adeptos para mostrar-se como alguém adequado ou coerente para os outros, diluindo sua imagem de adepto e sobrepondo uma outra imagem adequada à ocasião interativa, o que gera dúvidas acerca do pertencimento do indivíduo que realiza tal ação. Em alguma medida, esse indivíduo esteja tentando mudar ou reescrever sua própria carreira para o grupo ou para a sociedade. Isto é, na carreira dos adeptos, estes podem utilizar estratégias para esquivar-se de visões preconceituosas e limitantes, afirmando que são educados, têm formação superior e são cultos. Isso é especialmente verdade para aqueles Headbangers de classe média alta da cidade; assim como um adepto que não sabe tocar, pode comprar um instrumento para demonstrar aptidão musical, mas nunca teve interesse em tocar o instrumento.

Conta-se em campo que há adeptos que flertam com outros estilos musicais ao afirmarem que a profissão de músico deve ser interdisciplinar, isto é, que os músicos do Metal underground, assim como de outros estilos musicais, devem estudar todas as músicas, independentemente do estilo musical, para produzir boas músicas[70]. Eles afirmam que isso

[70] Para alguns adeptos, realizar diálogo com outros estilos não produzia bons comentários acerca da capacidade musical, porque na realidade o talento para tocar Metal não devia ser atribuído para tocar estilos consumíveis

permite que os músicos underground tenham um "papo" mais "comercial" e de autopromoção, já que isso permitiria que fossem vistos como "descolados" por dominar um repertório musical maior, transcendente ao campo do Heavy Metal.

Eles contam ainda que há no grupo outro perfil de adepto que transita nos espaços dos eventos: aqueles de cabelo longo que escutam só banda estrangeira, vivem de casaco, utilizam óculos e geralmente conhecem sobre tecnologia, cultura *geek*, e em suas redes sociais postam (escrevem e leem) coisas em inglês e em outras línguas; para eles, esse é o "nerd" do Metal. Fato esse que também aparece na pesquisa de Skading (2017) realizada em Singapura.

Assim, torna-se importante entender, a partir desses signos e símbolos interativos, que esses indivíduos socializam informações sobre a identificação social dos Headbangers. Esses signos atribuídos às relações dos adeptos devem ser referidos ainda aos com características ocasionais que podem destacar o adepto (como a aquisição de bons equipamentos musicais) para impressionar amigos. Esses signos podem ainda descredibilizar os adeptos, apresentando deslizes ou erros na construção da interação, como se apresentará por meio dos interlocutores da pesquisa.

Algumas vezes, durante o processo de interação, tais informações socializadas podem parecer apenas a ponto do iceberg, pois a maneira como o adepto se veste pode estar relacionada ao seu estilo, mas pode ainda informar aos outros sobre sua situação, prestígio e personalidade e, ainda assim, as pessoas entenderem a realidade do outro pela superficialidade. Há outros signos que caracterizam o desviante Headbanger: o cabelo longo, uso de *piercing*, tatuagem, as mulheres que pintam o cabelo ou o deixam grande. Como relata um adepto sobre ser Headbanger;

> Não é porque que a gente anda de preto que esta fazendo algo de errado, não é porque tenho cabelo longo ou tatuagem que sou pessoa errada, não é porque estou bebendo com amigos no meio da rua que sou dono de boca ou vendedor de drogas. Eu já fui enquadrado por policiais que me questionaram o que eu tinha e estava fazendo naquele local (tipo ali próximo dos correios, no antigo vitrola a noite no centro da cidade). Sendo que o show era por ali, a cidade não oferece o mínimo de diversão, então a gente faz os nossos shows, com as condições financeiras possíveis não podemos deixar nossos amigos desamparados (se referindo as bandas amigas que vem em tournée passando pela cidade). Isso falando por mim, já levei esporro de policial por causa disso, mas fico imaginando outros amigos da cena, andando por aí e sofrendo coisa pior (Esteves, entrevista, 2024).

A camisa, o cabelo, as tatuagens transmitem informações, mas regularmente são incompreendidos e lidos pela aparência e não pelo que representam para as pessoas

amplamente e não se contaminar com a superficialidade de musicais tonais (músicas construídas com pouca estrutura musical para produzir o efeito hipnotizante e repetição) e da moda.

que os possuem ou utilizam. No entanto, os adeptos contam que o aumento da presença de pessoas tatuadas na sociedade pode ter o efeito de reduzir o preconceito ou, dependendo do momento, aumentá-lo significativamente. Não obstante, os símbolos podem ter a aparência de naturais, mas, na realidade, podem ser fabricados para transmitir informações singulares; por exemplo, já foi dito por adeptos que o cabelo longo está relacionado à honra e à sua experiência no grupo: quanto maior for, maior a experiência do indivíduo. Isso faz parte do interesse e das pretensões dos adeptos para com o grupo ideal, pois, na realidade, há adeptos de cabelo curto que têm experiência como qualquer outro. De acordo com Goffman (1959), os indivíduos podem manipular suas aparências e comportamentos para se socializarem e serem compreendidos socialmente nos momentos de encontros, manipulando a percepção e a imagem dinamicamente.

Ocorre ainda que há uma variação quanto a esse aspecto discutido anteriormente, pois aqueles adeptos que participam do grupo local e que eram negros, sentiam a pressão social com maior rigor. Apesar de que, na cena local de Campina Grande, a presença de homens e mulheres negras não ser expressiva, isso é especialmente notável quando se observa o underground da cidade do Recife-PE. É importante destacar isso também porque os adeptos transmitem informações sobre sua identificação que podem ser duráveis e temporárias, transmitindo ou recebendo sobre aquilo que os outros compartilham também. Mas, para alguns do grupo, é possível fazer alterações nesses aspectos discutidos, modificando a forma como as pessoas podem vê-los e compreendê-los. Aqueles indivíduos que entram no grupo e usam desses símbolos em demasia podem ser criticados, sendo motivo pelo qual os adeptos mobilizam conversas entre os seus pares, pois acreditam que esses utilizam a identificação levianamente ou são criticados pela sociedade[71]. Será interessante recuperar posteriormente a carreira desviante dos adeptos, mostrando como eles incorporaram socializam as práticas do grupo

Esses símbolos utilizados podem variar de acordo com os grupos *underground*, ou seja, em outros grupos esses podem ser utilizados com outros sentidos. Mas no grupo pesquisado, a utilização de uma camisa de banda tem o sentido de apreço, orgulho, resistência e prestígio social, enquanto para a sociedade campinense pode ser entendida de outra forma: pejorativa, amoral, perigosa e desrespeitosa. Esse manto "sagrado" é motivo de orgulho ou de felicidade

[71] Em diversos trabalhos em áreas diferentes do conhecimento que tratavam sobre o Heavy Metal podia-se observar as compreensões sobre os Headbangers nas cidades (Christe, 2010; Polzer, 2017; Boson, 2022, entre outros). Os Headbangers aparecem marcados por aspectos estéticos acerca do corpo que transmite informação sobre si, como geração e sexo, cabelo longo e tatuagens; muitas vezes eles eram intitulados de roqueiros, Metaleiros ou satanistas. Os aspectos estéticos e do corpo em si revelam elementos de preconceito na sociedade inflexível aos fluxos sociais; além disso, a forma de se apresentar enquanto Headbanger informa aos outros que ocorreu uma adesão pelo estilo de vida no Metal.

para ser usada em determinados eventos de Heavy Metal; para alguns adeptos, em momentos ordinários é possível não a utilizar, permanecendo, como alguns comentam, "à paisana", assim como qualquer outro citadino. É um sentido atribuído que destaca o compromisso do indivíduo Headbanger, afinal, estando "à paisana", ele não deixou de ser aquilo com que se envolveu. Por exemplo, tanto Felipe quanto Marcelo usavam a camisa de bandas independente da situação em que estavam, abrindo exceção em raros momentos, porque para eles era a forma que os deixava bem e apresentáveis.

No Metal, não há obrigação objetiva acerca da utilização de identificadores estéticos de Headbanger, a demanda é operada de maneira subjetiva, de modo que os indivíduos não se sintam forçados a utilizar, mas que o façam por vontade "própria". Por exemplo, a camisa é um símbolo de honra e prestígio atribuído às bandas, ideia recorrente nos discursos dos homens. A forma de socialização dessa maneira ainda garante aos mais experientes afirmar que isso possibilita introduzir ordem e controle sobre as práticas sociais dentro e fora dos shows. Historicamente, o cabelo teve – tem – um papel fundamental no Metal, porque, para alguns, deixar o cabelo crescer significa também inserção no grupo – para a sociedade, essa prática é reservada às mulheres historicamente, mas isso tem sido modificado –, isso não significa que o indivíduo de cabelo curto não tenha respeito e admiração no campo; significa que esse adorno é um identificador importante para uma ala do grupo. Deve-se acrescentar ainda que há aqueles que têm cabelo longo, há aqueles que têm cabelo curto, há os que cortam e há os que cortam devido ao avanço da idade e à perda dos fios capilares; as pessoas envelhecem ou mudam de projetos em suas vidas, e muitas vezes determinados adornos são temporários, marcam rituais transitórios na vida social[72].

Os elementos da identificação podem variar conforme a confiança que lhes é atribuída. A associação histórica ao Heavy Metal imputou aos Headbangers a classificação de desviantes com qualidades "negativas", como delinquente, moral duvidosa e outros; uma forma encontrada pelos empreendedores morais foi a de afirmar que o Metal fazia apologia às drogas em demasia. Com isso, atribuíram ao Heavy Metal o estereótipo de que seus adeptos são "drogados" e são associados pela sociedade a bêbados e maconheiros, mesmo que isso não seja uma máxima no grupo, eis aí o problema quando a sociedade socializa generalizações sobre alucinógenos ou rituais "macabros".

[72] Para alguns adeptos com que a pesquisa interagiu, o adorno capilar tinha uma conotação de honra ou respeito; alguns deles afirmavam que esse adorno destacava o compromisso com o grupo; para outros tinha significado de imitação aos seus músicos favoritos, como tinha a compreensão que era uma forma de se destacar entre os homens e ser bem sucedido nas paqueras.

Existem adeptos que fazem uso de alucinógenos, mas há também aqueles caracterizados como "geração saúde", que praticam exercícios físicos e que não fumam e nem bebem em demasia para serem considerados alcoólatras; o alucinógeno constitui uma prática específica que não será aprofundada (Becker, 1977; Eugénio, 2008). Assim, mesmo aqueles adeptos que não fumam e não bebem podem ser associados ao preconceito, mesmo sem ter nenhuma predileção pelo consumo desses produtos – são vistos como desviantes –, o que pode levar aos Headbangers a julgamentos e mal-entendidos injustificáveis.

Deve-se considerar ainda que a associação realizada pelos indivíduos socializa práticas que são lidas pela sociedade à primeira vista ou a priori. Assim como para o pesquisador que acompanha determinado grupo pode ser compreendido como alguém pertencente àquela unidade de pesquisa, como aconteceu com Geertz no momento ritual da briga de galo[73]. Por estar em companhia de alguém, interagir ou conhecer alguém, participar de momentos sociais juntos, independentemente do espaço, o pesquisador termina participando de uma pequena unidade de interação. Nesses momentos de contato face a face, a identificação Headbanger com a qual o outro interage pode ser utilizada como confirmação daquilo que o Headbanger é no ideal ou real. Os adeptos do Heavy Metal *underground*, enquanto uma identificação desviante, podem ser considerados impuros por socializarem práticas desviantes como símbolos "demoníacos", associação ao satanismo e outros que podem contaminar quem os acompanha. A eficácia da afirmação de que o desviante pode transferir seu desvio ao puro (normal) aparece ainda como mecanismo de regulação das interações na contemporaneidade. Torna-se importante compreender como os Headbangers agenciam suas práticas de identificação, as transmitem e lidam com o fato de serem entendidos como desviantes. No entanto, a interação entre os indivíduos pode mudar a percepção que cada um tem do outro.

ii. O destaque de ser Headbanger e suas implicações.

[73] A fuga de Geertz (1978) durante a briga de galo em Bali é um dos contextos de pesquisa que revela as experiências pelas quais os pesquisadores passam em campo. Ele e sua esposa (Hildred) na ocasião da briga de galo, prática proibida na região, fugiram junto com os balineses quando a polícia chegou ao local onde a atividade considerada ilegal estava sendo realizada. A saída do local por parte dos pesquisadores transformou a experiência de pesquisa de campo, oferecendo um insight significativo sobre a ocasião. Mas por que isso foi importante? Antes dessa situação, os pesquisadores eram tratados em campo como invisíveis, eram apenas turistas e estrangeiros, situação que só mudou quando eles demonstraram aos balineses sua predisposição em estar com eles. Foi nesse contexto de distanciamento por parte dos balineses que os pesquisadores buscavam realizar a pesquisa. Quando a polícia chegou ao local, os pesquisadores correram junto com os balineses, em vez de não correr e utilizar-se do papel de estrangeiros ou turistas. No fundo, correr junto com os balineses foi um ato compreendido como de solidariedade, o que permitiu aos pesquisadores sair da condição observadores para se tornarem alguém perceptível à realidade local. Uma simples corrida coletiva transformou-se num rito de passagem para a conquista da confiança dos balineses.

Em diferentes figurações sociais, pode-se observar as maneiras pelas quais os grupos étnicos e sociais são eclipsados pelas tentativas de diluir a diferença e produzir unidade social, como fazem aqueles que têm o poder dominante, imprimindo essa prática pelas relações de poder em diferentes escalonamentos (Barth, 1978; Streiff-Fenart, 1998). As estruturas sociais e históricas das figurações influenciam no desenvolvimento do comportamento social dos indivíduos, com o intuito de serem duráveis e criadoras de padrões sociais. Historicamente, os adeptos do Heavy Metal enfrentam empecilhos que imputam à sua carreira moral enquanto desviantes devido ao seu destaque, àquilo que apresentam de particular enquanto estilo de vida. Essa imputação negativa apresenta-se estabelecida para informar que há indivíduos fora do padrão socializado. Como foi relatado anteriormente, quando os adeptos se encontram à paisana, a compreensão deles enquanto desviantes não se destaca, mas quando estão com suas indumentárias, são ignorados, e senhores, senhoras, adultos e jovens evitam interagir ou mesmo transitar na mesma calçada. Então, quando o Headbanger se apresenta enquanto tal, surgem questionamentos sobre o tratamento recebido e como lidar com isso em sua trajetória de vida. A identificação Headbanger de um adepto na vida cotidiana e na interação com os outros pode ser um fator fundante para o desenrolar de sua trajetória e projeto (Velho, 1981).

Destaca-se daqui que as apresentações realizadas pelos adeptos podem parecer para alguns "naturais" e sem efeitos práticos, mas que, na realidade, a soma das interações, mesmo que tensionadas apenas por um apelido pejorativo dirigido ao Headbanger – seja feito por alguém da família, amigo, conhecidos e desconhecidos –, ao longo do tempo tem efeitos significativos na formação da sua vida. Conforme muitos autores já discutiram a reflexividade dos indivíduos (Bourdieu, 1992; Giddens, 2003; Lahire, 2002), torna-se clara a importância de os indivíduos ficarem em constante vigilância, atentos aos espaços sociais em que transitam e utilizarem dessa atenção para tentar controlar o seu comportamento e criar estratégias evasivas quando sentirem necessidade;

> Em vários momentos do dia a dia, a gente observa as pessoas escutando suas músicas altas de músicas péssimas, ruins, regulares e quando se tem sorte boas. Na adolescência eu não tinha a possibilidade de escutar minhas músicas porque era uma afronta às irmãs, irmãos e pais. Eles podiam colocar suas músicas e escutar à vontade, mas quando eu ia tentar, era intimidado por irmão e irmãs para baixar ou ia rolar briga ou quebrar meus materiais, quando isso não acontecia escutava dos meus pais que eles não estavam bem e precisavam de silencio. Ou seja, havia várias formas de eu não escutar Metal em casa, era difícil e chato. Posso acrescentar ainda que à medida que o tempo passava e eu ia vendo essas coisas acontecerem, passei a aderir o headfone como criar indiferença e me distanciar dos meus irmãos e irmãs (Esteves, entrevista, 2024).

Manter a identificação é algo desejável de ser praticado, conforme se verificou em

campo, independentemente do espaço em que o adepto esteja; é importante manter-se enquanto Headbanger. E quando o indivíduo sai do padrão estabelecido para algo novo, como ser Headbanger, e apresenta-se assim socialmente, isso pode gerar hipertrofia de suas relações sociais – pensa-se aqui no impacto produzido nas famílias cujos filhos têm uma predileção pela música convencionalmente associada ao "diabo" e portadora de símbolos desviantes. A escolha feita pelo indivíduo de se identificar com a música "pesada" coerentemente leva as pessoas desconhecedoras da prática do grupo a atribuírem-lhe o desvio à sua carreira moral, um desvio que pode atravessar corpo e alma e que, quando apresentado à sociedade, será considerado amoral, impuro e pecaminoso.

O fenômeno social do desvio se forma por meio da visão dos indivíduos nos momentos de interação e em espaços públicos, tornando a atribuição pejorativa à identificação social dos adeptos do grupo destacada. Antes de demonstrar a forma de destaque gerado pelos Headbangers com mais detalhe, é preciso apresentar alguns dados de pesquisa que tornaram mais preciso o que se chama aqui de destaque da identificação.

Inicialmente, quando o Headbanger se apresenta enquanto tal, ele está se destacando, mostrando-se imediatamente nas interações; quando os Headbangers controlam seus identificadores de grupo, o outro (não Headbanger) pode descobrir sua predileção quando estiver numa interação falada. Entretanto, isso não limita a forma como o adepto se apresenta ou assume que é de um grupo; há momentos em que os citadinos/desconhecidos podem conhecer o indivíduo de determinados locais, como universidades, paradas de ônibus e padarias. Esse conhecimento "de vista" ou por meio de fofocas pode compartilhar a informação de que o Headbanger é um desviante. Um segundo aspecto importante é a intrusão: a percepção do outro sobre o Headbanger em alguns momentos pode tensionar a ordem da interação. Por exemplo, um Headbanger que passa na frente de uma igreja em fim de culto será notado, e alguém poderá tentar evangelizá-lo – foi regular no processo de pesquisa relatos contra as igrejas e as abordagens dos evangélicos. Os adeptos jovens e iniciantes relatam com maior regularidade os momentos desconfortáveis quando estão na mesa de jantar de sua casa ou em restaurantes, momentos em que aqueles que não são Headbangers podem gerar desconforto e, só depois de gerar clímax, ignorar os iniciantes no grupo. Não obstante, os adeptos iniciantes que tentavam revidar o desconforto gerado podiam entrar numa situação que ampliava o clímax e confirmava aquilo que as pessoas pensam acerca de sua identificação.

O interlocutor Felipe comentou que nos momentos de reunião com a família e nas desavenças, o irmão utilizava de seu estilo de vida para criticar e expor como ridículo e problemático, o que intensificava os problemas familiares, como o rompimento do pai com a

mãe e as demandas pela divisão financeira dos bens. A forma de interação falada nesse momento redimensiona a questão do desvio do indivíduo, demandando nesse momento que ele interaja apenas naquilo que é necessário, mas a própria lógica da interação estabelecida pode mudar e fazer com que isso não seja realizado como esperado. Pode-se perceber dessas situações a perturbação ou ruídos ocorridos nos momentos de interação com os Headbangers, como mostram as diferentes formas que isso pode expressar para a análise, com diferentes graus de perturbações. Por exemplo, um Headbanger pode ser identificado pela camisa e outros adornos que utiliza, de modo que as pessoas podem entender que ele é "roqueiro" – homogeneização comum feita pela sociedade –, entretanto, esses adornos do desvio podem ser notados ou não atribuída tanta importância nas ocasiões de encontros. Mas, como alguns adeptos relatam, há momentos de contato "mal-educado", momentos em que as pessoas não querem nem olhar para eles, evitam contato; alguns dizem que quando um "doido" olha para você em locais públicos, você deve ignorar, não estabelecendo contato visual, o que prejudica a interação falada.

Terceiro, o destaque da identificação desviante deve ser compreendido a partir do que o outro atribui de foco e tempo em sua percepção. Há momentos em que o enquadro de desviante atribuído aos Headbangers pode ser suspenso, já que o outro social não está dirigindo sua atenção aos adeptos. Isso significa que os Headbangers podem não ser percebidos, o que depende do fluxo interacional dos encontros dos indivíduos. Segundo Goffman (1956), os indivíduos esperam que os outros atuem de maneira esperada; a expectativa criada funda-se na moralidade operacionalizada nas situações, sendo utilizada para atribuir qualidades e desqualificar (objetivamente ou não) aqueles que são desviantes e não reproduzem o esperado. Da perspectiva da pesquisa, isso significa ainda que o desvio é construído para desqualificar, sendo essa uma manobra regular do outro em relação aos adeptos desse grupo. Por exemplo, o contato face a face com um adepto que porta em sua camisa símbolos ocidentais ou orientais (com seres considerados abomináveis e demonizados, especialmente no ocidente) que ferem a moral dominante da sociedade abrangente pode ser entendido como ameaça ao estado de copresença.

Como aconteceu com Felipe quando tentava buscar emprego na cidade em que muitas pessoas (empresários) conhecidas do pai dele, não sabiam sobre sua vida no Metal e como Adriano, que controlava a informação sobre as próprias tatuagens, para que outros não tivessem um prejulgamento sobre sua índole e não freassem a possibilidade de conquistar o emprego.

No entanto, tal aspecto não impossibilita que o adepto desenvolva atividades

sociais (trabalho) e, ainda assim, a moralidade dominante se infiltra na percepção dos outros e modela seus olhares. Por um lado, a indumentária de um adepto pode criar ruídos e interferências interativas, já que a utilização de peças do tipo pode levar o outro a perceber a presença do desviante. Por outro lado, quando os adeptos retiram piercings, brincos, bijuterias e indumentárias, isso aparece com menor frequência. Mas por que ficar utilizando símbolos que não são considerados adequados pela sociedade abrangente e continuar sofrendo preconceito? Esse tipo de moralidade dominante pode impossibilitar, de várias maneiras, que os adeptos estabeleçam interações e conquistem, por exemplo, trabalho. Isso afeta a interação imediata, porque o adepto pode tentar ocultar seu estilo de vida e sentir constrangimento por fazer isso, e pode acontecer ainda que aqueles que conhecem sua vida não toquem no assunto de forma pejorativa ou jocosa com intuito de diminuí-lo no espaço de sociabilidade. Como aconteceu com Felipe quando tentava buscar emprego na cidade onde muitas pessoas (empresários) conhecidas do pai dele não sabiam sobre sua vida no Metal, e com Adriano, que controlava a informação sobre suas tatuagens para que outros não tivessem um pré-julgamento sobre sua índole e não freasse a possibilidade de continuar no emprego.

Os adeptos comentam que podem ser vistos de várias formas; esses exemplos destacam a variação e seus efeitos no desenrolar de suas carreiras morais no grupo. A impossibilidade de o adepto conseguir um emprego ou mesmo estabelecer laços afetivos pode ser vista como incômoda nas interações – alguns adeptos revelaram que, no processo de conhecer uma pessoa (namorada), os familiares impuseram algumas condições, como, por exemplo, cortar o cabelo, não se vestir enquanto roqueiro e não trazer coisas pecaminosas para a família, de forma semelhante ao que ocorre com condições aplicadas ao trabalho.

Segundo Goffman (1956) a perceptibilidade social deve ser entendida mediante a possibilidade de os citadinos possuírem conhecimento de algum atributo, a possibilidade da presença desviante produzir interferência nas interações e no que os citadinos focam nesses momentos. Isso possibilita para a análise destacar que nem sempre as pessoas estão atentas e focadas no que esperam umas das outras. No entanto, os profissionais da cena underground envolvidos na promoção do grupo e sua formação (iniciação) podem mostrar o que está inserido na lógica da interação do grupo, como veremos depois. Mas pode-se adiantar que um produtor, como um indivíduo que conhece os seus pares, quando encontra um adepto regular do show, pode identificá-lo mesmo que este não esteja trajado com peças características da unidade. Outro citadino não verá nada de diferente naquele

adepto não trajado; em resumo, a percepção do adepto na cidade deve ser considerada em justaposição com a visão e tradução do outro.

*

Analisar a carreira moral desviante desses adeptos e os momentos em que eles não se mostram enquanto Headbangers foi importante para recuperar os dados de pesquisa acumulados e os dados mais recentes, a fim de compreender o quanto os adeptos deixam sua identificação falar por si, aquilo que eles apresentam sobre sua identificação e a perceptibilidade da mesma. Assim, antes de prosseguir com esses dados, torna-se importante apresentar a identificação no aspecto desviante. Apresentou-se até o momento os Headbangers sem estabelecerem contato com citadinos – sem se conhecerem efetivamente, mas ao experimentarem temporariamente a interação. A reflexividade dos indivíduos acerca do desvio está baseada na maneira como a sociedade abrangente elabora e sustenta padrões de comportamento socialmente esperados e morais. Quando o indivíduo está fora do esperado, ele tenta, por meio de sua reflexividade, alinhar-se ao esperado para resistir às pressões sociais.

O relato dos adeptos sobre o comportamento em público mostrou-se mais aplicado às relações impessoais do cotidiano e, seguindo esses dados, essas pessoas realizavam generalizações acerca do estilo musical, porque podia ser era novidade aos campinenses, diferente e distante da realidade social deles como aplicadores e reprodutores de padrão. O processo de estandardização produz enquadramentos sobre aquilo que as pessoas devem ser, porque não há conhecimento ou informação acessível sobre o Heavy Metal. O enquadro em esquemas prontos de generalização realizado pelos citadinos se sustenta, ou se espera que se seja assim, até o momento em que estabelecem o contato face a face com os Headbangers, possibilitando uma comunicação menos intensa e mais simpática.

Apesar de a música Heavy Metal ser considerada desviante pelos temas que aborda e pelo estilo que oferece aos seus adeptos, repele os citadinos que desconhecem em profundidade o grupo, mas isso não acontece com aquelas pessoas que eram próximas aos adeptos. A reflexividade para mostrar ou ocultar sua identificação era realizada com regularidade na vida ordinária, nos momentos de interação pública, na rua e em instituições sociais como universidades, mercados e postos de trabalho, em que os desconhecidos e algozes morais transitam, contrastando com aqueles que participam continuamente de sua vida íntima. Por exemplo, os Headbangers podem utilizar algumas formas para lidar com desconhecidos e até mesmo com aqueles que se inserem no grupo e não possuem crédito no grupo, pois os Headbangers temem serem manchados com White Metals e, mais

recentemente, com adeptos simpatizantes de ideias extremistas neonazistas; mas, em relação aos desconhecidos, os Headbangers podem se mostrar atentos, educados e prestativos para eliminar a distância social imprimida nos momentos de copresença; eles podem ainda se mostrarem brincalhões e divertidos como forma de serem vistos como "jovens rebeldes" e de moral duvidosa. Não obstante, os adeptos contam que em algumas ocasiões podiam perceber que os desconhecidos com que estabeleciam contato regular, seja no trabalho ou na universidade, a relação era aos poucos sendo construída positivamente acerca de sua identificação social. A convivência regular com essas pessoas ia desconstruindo a imputação do desvio e criando um cotidiano ameno e familiarizado, em que se foca mais na relação do que no "desvio". Como aparece no relato do interlocutor a seguir;

> Não há momento ruim para mim, eu saio com frequência aos bares mais underground da cidade e quando dá vou em outros locais também e por incrível que pareça, os bares underground eu sou mais bem recebido. Quando falo de bares underground inclui também esses bares que não tem mídia e que a galera só conhece pela boca a boca enquanto um local massa para ir tomar uma. Mas posso lhe assegurar que já fui quase expulso dos locais por ser Headbanger, é claro que isso não ocorre sempre de forma clara, sabe? Tem hora que os comerciantes colocam o segurança na frente do bar ou loja para querer intimidar ou mostrar que a pessoa só entrar se tiver identificado. Perto da minha casa, por exemplo, há um conjunto de lojas de comidas e comida de alta qualidade, eu acho que seja de qualidade porque é tudo caro por lá, mas o que quero dizer é que quando eu passo por lá escuto os motoqueiros falando de mim, soltando piada e tentando me intimidar, parece que eu irei roubar geral. O povo da minha família falo que isso se deve porque eu sou Headbanger, se eu andasse de outro jeito eu não seria tratado da mesma forma, mas eu duvido disso, alguns amigos relatam a mesma coisa para mim (Esteves, entrevista, 2024).

O adepto relatou que há locais em que há maior possibilidade de estabelecer frequência e se sentir bem. Esses locais de participação eram próximos do centro e perto dos locais de shows, podiam ser compreendidos enquanto pedaços dos Headbangers em que suas práticas eram aceitas, como foi o Bar da Beta, Cuca, Vitrola antigo, extensão Vitrola, Paradise Lost, Pub 68, Malte 98 e The Pub. Alguns transeuntes ou aqueles que estavam de passagem por esses locais olhavam para os adeptos com certa indiferença, alguns "tiram onda", insultando, e outros ficam surpresos com uma multidão de indivíduos vestidos de preto e escutando música alta. Para os moradores ou para os poucos moradores do centro, a presença dos Headbangers vai se tornando incorporada à ecologia do espaço e se tornavam tolerada pelos moradores.

A presença regular nesses espaços dos Headbangers não pode ser entendida completamente como harmônica; precisa-se considerar que não é porque eles são

regularidades que podem receber tolerância completa por parte dos citadinos desses locais. A título de exemplo, os adeptos que frequentam o pedaço do centro comentam que quando estão reunidos na frente das casas de shows, como no centro da cidade, conseguem perceber quando os crentes/evangélicos passam por eles com olhares de choque e certa indiferença. Goffman (1956) destaca que essa percepção sobre o outro muda as interações; a percepção de um indivíduo sobre o outro pode se tornar essencializada, idealizada e exclusiva no cotidiano. Quando o citadino cria a percepção de indiferente, classificando o outro enquanto desviante, ele imputa o Headbanger e outros grupos, como os punks (hardcore e góticos) – que participam com frequência dos shows –, numa percepção delimitada e exclusiva. No entanto, esses grupos urbanos da cidade fazem parte de uma categoria mais ampla de grupos (sociedade), da qual esses adeptos constituem uma pequena parcela dessa grande unidade. Quando se realiza um movimento em retrospectiva, observa-se que tais formas de tratamento foram impulsionadas pelos empreendedores morais na história do grupo e nas experiências dos indivíduos participantes desse meio.

Esses elementos, história e experiência, têm um peso na constituição das carreiras dos adeptos, porque tais tratamentos mudam a forma como eles interagem e experimentam os encontros sociais. Desse modo, o Headbanger perde a pluralidade de sua identificação devido às expectativas dos outros serem padronizadas. Quando os indivíduos classificam ou temem a presença de um outro, esses indivíduos utilizam um conjunto de valores e expectativas morais de como o outro deve agir. Essas expectativas incluem associação à maldade, pacto com forças sobrenaturais demoníacas e forma ritual do show enquanto violenta; essas expectativas padronizadas buscam definir a identificação Headbanger nessa urbe – quiçá em outras. A padronização da forma de se comportar socialmente tende a limitar as expectativas dos indivíduos e ignorar a pluralidade que eles possam ser.

Segundo Bernard Lahire (2002), cada indivíduo carrega consigo múltiplas experiências e disposições sociais e, por isso, cada processo de socialização pode mostrar-se diverso em experiências e contextos. A compreensão do que o Headbanger pode ser é "medida" conforme as expectativas padronizadas pela sociedade entende sobre esse grupo urbano. Sintomaticamente, a divulgação de que o grupo possui práticas que fogem ao padrão se torna uma forma de escada para a moral dominante utilizar como bode expiatório como mostrou vários pesquisadores (Hecker, 2012; Mcdowell, 2016; Pack, 2018; Boson, 2022). Dessa forma, na interação entre os indivíduos, seja com aqueles do grupo ou de fora do grupo, as expectativas estabelecidas se mostram presentes, fazendo com que os indivíduos lembrem dos papéis socializados a desempenhar.

De fato, aquelas pessoas que não interagem regularmente com os Headbangers não sentem que precisam agir com tato para tornar a aceitação simples, já aqueles que estão em integração regularmente podem sentir os pontos "positivos e negativos" de ser Headbanger, tendo que, em alguns momentos, refletir sobre suas práticas nos momentos de encontros para não afetar a ordem da interação. Pessoas íntimas e estranhos podem – com familiaridade ou não – se distanciar dos Headbangers, mesmo que os Headbangers se apresentem enquanto tais ou mantenham isso oculto. Primeiramente, os íntimos podem ser aqueles com os quais os adeptos podem desejar ocultar para evitar comentários jocosos e constrangedores.

Há adeptos que demoram para se revelar enquanto adeptos efetivos devido ao receio de receber represália da família, especialmente naquelas em que a religiosidade se faz presente com regularidade. Alguns adeptos reservam esse desejo de se incorporar ao grupo para amigos próximos ou mesmo para alguém já integrado. Eles não revelam isso para pessoas próximas para que não exista desencorajamento por parte desses últimos; eles comentam que no início sentem dificuldade de escutar suas bandas em casa e muitas vezes eram reprimidos por escutar Heavy Metal alto, por ser uma "música que incomoda". O que leva os adeptos a utilizarem fones de ouvido ou a escutarem suas músicas quando não tem ninguém em suas casas ou em seus quartos de forma isolada acusticamente. Há também aqueles adeptos que resistem e mostram-se enquanto tais, mas realizando concessões como escutar baixo para não "incomodar" ou não chamar atenção de visitantes ou vizinhos.

Não obstante, quando o processo de socialização inicia na família, os pais que iniciam os filhos na música Metal, conscientemente ou inconscientemente, consideram que as crianças podem escolher o que desejam fazer quando estiverem maiores, mas eles sabem que as socializações formam as crianças e afetam sua compreensão de mundo, como foi relatado por um dos adeptos:

> Escutar Metal em casa é algo que faço muito e meu filho escuta todas as músicas comigo, aparentemente, ele gosta, não falo com ele sobre isso, mas sei que curte algumas coisas que coloco, isso é fato. Mas de toda forma, eu espero que ele forme seu gosto sozinho não quero que ele seja do Metal só porque eu sou. A minha esposa é que na realidade comenta que devo escutar as minhas músicas na minha e deixar o menino escolher o que gosta, mas tem coisas que ele me pergunta que precisam de explicação sobre o Metal, os estilos e canções, mas só passo informações gerais, não dou aula sabe. Ele é uma criança curiosa fica difícil não explicar as coisas, ainda mais sobre algo que gosto muito, tem hora que ele está brincando no quintal de casa e estou escutando música e ele se diverte muito, parece que a música anima mais ele, ele corre, pula e grita com mais vontade, sabe, só espero que ele não parta para essas coisas quem tem aí

> como sertanejo e outras bostas, ele não indo para esse lado já será uma vitória. Mas sei que é difícil ser Headbanger por aqui, é muito preconceito, eu sei que ele pode passar por coisas que passei, se ele estiver com vontade de seguir, vou ensinar e mostrar com mais profundidade o Metal, vou mostrar como vencer toda barreira que se apresentar e como o Metal pode ser poderoso e libertador nesse sentido, tenho a certeza que ele será feliz no Metal, vai encontrar as coisas que deseja e de forma verdadeira e não falsa como tem por aí fora (Antônio, entrevista, 2024).

Percebeu-se dos Headbangers que a maioria não tinha vergonha de falar sobre sua identificação, seja para filhos, sobrinhos ou outras crianças da família estendida; em contrapartida, há relatos de que quando se trata de crianças – pessoas – desconhecidas, tem seus efeitos negativos, já que algumas podem expor negativamente ou reproduzir os preconceitos estabelecidos. Desse modo, ao tentar educar as crianças sobre o Metal enquanto um estilo musical apreciado no seio familiar, não se diminui as funções sociais de pai ou irmão. Como destaca o adepto:

> Lá em casa o meu irmão tinha vergonha de mim quando ia busca-lo na escola, eu sempre achei estranho a forma como ele reagi as minhas idas a sua escola. depois descobri que seus amigos de escola passaram a tirar onda com ele, dizendo que eu era um urubu ou que tinha saído de filme de terror por andar de preto ou estar de camisa de banda, eu até gosto dessa visão mórbida do animal e dos filmes, mas todos gostam lá em casa. Expliquei algumas vezes que ele não devia ligar com essas coisas, assim como aconteceu comigo, ele foi entendendo que isso não era algo ruim como os amigos dele falaram e hoje em dia sendo um rapazinho maior, é ele que vai de preto para escola representando o clã (Esteves, entrevista, 2024).

Aqueles indivíduos íntimos cumprem funções fundantes no que trata da manutenção das situações sociais para os Headbangers que não querem dar satisfação de sua identificação. Mesmo que esses indivíduos próximos possam mostrar uma aceitação do desvio dos Headbangers e isso não os afete, os seus conhecimentos íntimos podem ser influenciados pela moralidade operante contra sua identificação. Para Sennett (2014, p. 9), a intimidade pode ser destrutiva porque "desgasta o fórum público, além de tornar as pessoas rotineiramente inibidas em exercerem a capacidade de representar"

Torna-se importante considerar em análise a complexidade das interações para além da visão espontânea da sociedade que padroniza formas de tratamento e encapsula os indivíduos em categorias que podem deslegitimar o outro. Com isso, Goffman (1963) considera as ocasiões e estruturas em que os indivíduos interagem como ruas, momentos de contato no serviço público, no trabalho, vizinhança e casa, enquanto interessantes para análise. Em cada momento desses de contato, os indivíduos podem perceber a diferença entre aquilo que mostram e aquilo que são realmente, seja citadino ou Headbanger. Em

cada momento, os indivíduos mostram dinâmicas e demandas nas interações, como podem se ajustar às ocasiões em que estão inseridos para colocar em ordem seu *self* para os outros, entendendo esse ajuste como um esforço realizado pelo indivíduo no momento.

No entanto, a realização do ajuste, em especial, do símbolo desviante, é marcada pelo que a sociedade estabelece como símbolos padronizados e que devem ser reproduzidos, levando em consideração a figuração experimentada. Visou-se entender de que forma a influência aparece nos relatos dos interlocutores conforme suas características que os diferenciam dos outsiders em termos de carreiras morais (personalidade, história de vida e experiências sociais).

No grupo, os adeptos têm a visão de que cada um constitui uma singularidade; os adeptos eram conhecidos ou se tornam conhecidos a partir daquilo que os demais pensam sobre eles quanto do que esses adeptos apresentam enquanto idiossincrasias. Ser reconhecido pela singularidade era uma forma pela qual os indivíduos utilizavam para colocar um pouco de si nos eventos. Lahire (2002) assegurou em seu estudo que os sistemas de disposições do *habitus* eram singulares aos campos sociais, de modo que os funcionamentos cognitivos desses espaços se encarnam nos corpos de indivíduos singulares. O pesquisador destacou que o *habitus* não pode ser exclusivo ao campo de formação, mas na realidade circula fora de seu campo; tal percepção analítica do social permite maior fluidez às relações.

Observou-se que a utilização implícita ou explícita da ideia de particularidade era compreendida como algo "bom" na construção e ajuste na particularidade da vida de cada adepto, o que possibilitava estabilizar a forma como os outros viam os Headbangers – como aparece, por exemplo, em fotos e posição (músico, produtor ou adepto) ocupada no grupo; este foi um aspecto importante. Alguns exemplos eram ilustrativos nos eventos: os homens deixavam o cabelo ficar longo, alguns utilizavam brinco, indumentárias de cor preta preferencialmente, pulseiras, pintavam as unhas, alisavam ou pintavam os cabelos e alguns utilizavam lápis de olho; a estética aparece como apoio para identificação social dos indivíduos, valorizando o corpo e estilo visual, elementos estéticos de um Headbanger e que produziam distância. Isso mostra que nos momentos de encontros nos shows, os adeptos do Heavy Metal têm uma imagem social que é deles e conforme os papéis que assumem nas interações.

A identificação social é algo que ninguém pode tirar do indivíduo e menos ocupar o mesmo lugar dele na ordem da interação. Observou-se, a partir do acompanhamento com os adeptos em pesquisa, a continuidade e a sustentação da identificação social ao longo do

tempo no grupo, isto é, daqueles adeptos que se consideram leais ao grupo. Mesmo com mudanças sociais de grande impacto na sociedade, como foi a escalada do conservadorismo em vários âmbitos sociais e culturais, os Headbangers campinenses, aqueles autoemulados de verdadeiros ou comprometidos com a identificação, atendem às expectativas do grupo de tal modo que os seus papéis demonstram pouca variação ao longo do tempo e, pelo que os dados indicam, continuaram seguindo uma perspectiva crítica sobre a sociedade.

Mas isso implica ainda em processo estabelecido de como a moral dominante compreende e trata os Headbangers em sua ecologia social. Mesmo que os Headbangers tenham essas particularidades, como a utilização de nicknames ou pseudônimos diferentes e usados para diferenciar de outros, porém, o fato de todos os adeptos fazerem uso ou não de tais práticas enunciativas reflete a diversidade social no grupo. Lahire (2002) assegurou que isso poderia ser entendido como uma forma de racionalização da vida e das formas de trabalho artístico existentes nos campos, produzindo informações de si tanto para familiares, amigos quanto para desconhecidos. Na dimensão artística, os indivíduos podem criar definições sobre si e ajustar o que for preciso para manter a pluralidade de selves.

O segundo aspecto, ainda sobre a particularidade, além das características sobre os adeptos serem incomuns para muitos, o conjunto de práticas sociais desses adeptos para alguém que seja próximo intimamente será entendido como único. O conjunto de práticas e as informações daí extraídas por alguém é que tornam esses adeptos considerados diferentes com positivo – exceto os casos em que alguns possam utilizar dessas informações de má-fé – a experiência com os adeptos pode mudar a percepção acerca do que são eles dentro e fora dos shows. Isso significa, por exemplo, que muitos Headbangers têm habilidades musicais e trabalham em diversas áreas e mantêm o estilo estético[74] ou não fora do excepcional.

Porém, mesmo assim, quando se recuperam as práticas sociais ordinárias e excepcionais, as experiências de vida singulares com os outsiders, a resolução daí é uma identificação singular que não há em outro lugar. Isso acentua o aspecto de que os indivíduos, apesar de imersos no mundo social já estabelecido (direito, política, religião e instituições), não são iguais como o domínio abrangente apresenta, sufocando e criando a cumplicidade para que tal "igualdade" ocorra.

[74] Sabe-se que a dimensão estética é um importante fator para a produção de elementos distintivos e para a elaboração de fronteiras. No entanto, ela também serve como fundamento para a produção de estigmas e exclusões, mecanismo que, neste contexto, é apropriado pelo grupo como forma de resistir à pressão da sociedade.

A informação que se extrai da experiência sobre aqueles considerados desviantes pode ser entendida de algumas formas: primeiro, pode estar associada às informações de seu histórico social (o que as pessoas sabem sobre eles) que podem ser recuperadas apenas pelo nome do indivíduo; segundo, pode estar associada aos padrões de conduta, estilo visual ou aparência, mesmo sem as pessoas saberem o nome do indivíduo. Por exemplo, o Headbanger como morador de um bairro, as pessoas conhecem ele e sabem de sua identificação devido à regularidade de sua presença no local, mas essas pessoas não o conhecem e seu nome. No entanto, a identificação de um indivíduo precisa ser conhecida pelo conjunto de práticas que desempenha, pois só assim se consegue entender a singularidade desses indivíduos.

Terceiro aspecto sobre a particularidade, além desses aspectos aparentes e daquilo que, por ventura, o Headbanger possa apresentar objetivamente enquanto diferenciador, existe um aspecto que faz com que cada indivíduo se torne único. Esse aspecto central não se limita aos aspectos externos ou objetivos, mas a uma dimensão que está além da personalidade e da existência do Headbanger. Por exemplo, dois Headbangers que tem gostos musicais similares dentro do escopo Heavy Metal, podem ter estilo visual e carreiras morais próximas. No entanto, cada adepto tem uma combinação de experiências enquanto adepto singular que diferencia um adepto de outros.

Em Santos (2021), mostrou-se que o processo de formação dos adeptos do estilo musical Heavy Metal partia de perspectivas diferentes no que diz respeito à socialização. Por exemplo, o Headbanger Helian, de origem de família religiosa, ao ingressar no Metal, iniciou sua formação pelo subgênero Black Metal; segundo o que ele comentava, isso estava relacionado a seus problemas familiares e à religião que era utilizada como única forma de enxergar a vida. E como no Black Metal esses problemas são colocados em pauta de forma crítica, Helian investiu o desejo no Black Metal como resposta a questões sociais. Isso é o aspecto que define a singularidade de cada adepto e o distingue dos outros e dos outsiders ao Metal, mesmo que ainda possam se encontrar elementos que aproximem os adeptos.

Então, a identificação social e a vida de um adepto perpassam dois aspectos com que foram analisados: os aspectos positivos que apoiam a identificação e, por conseguinte, a história de vida que era incutida ao adepto com a base desses aspectos positivos para a identificação. Então, a vida dos adeptos carrega consigo o pressuposto de que ele difere dos outros e com essa forma de diferenciação ele cria uma história que perdura no tempo e com experiências singulares que se transformam numa biografia pessoal e histórica

(Mills, 1972).

A autodefinição como diferente sofre mudanças para o indivíduo e para as relações cotidianas com os outros, estando relacionada ao self e à vida abrangente de que eles/elas têm consciência direta e indireta das interações. Dessa forma, as transformações tanto de seu self quanto de sua vida em sociedade formam uma biografia dentro de um contexto particular e histórico. A identificação de um adepto cumpre um papel social no grupo devido à sua singularidade de experiências biográficas.

A identificação social dentro do grupo de Headbangers era mediada pelas interações sociais; a prática do grupo se baseia na forma de estabelecimento de relacionamento com amigos, músicos e produtores, o que pode atribuir um destaque pelo grau de inserção nas atividades do grupo; isso implica também se o adepto se considera músico (se tem canções gravadas; com quem tocou), produtor (quais shows produziu) ou mesmo profissional em gravação de música (bandas que gravou em seu estúdio). Essas atividades do grupo garantem que o adepto possa ser entendido com alguma particularidade dentro do grupo, além daquelas que experimentou e adquiriu fora, e que garantem ao adepto senso de autenticidade nas interações de sua filiação.

É possível destacar ainda que as redes sociais por meio da internet demonstram o uso de qualificações da identificação social por meio de *posts* (escritos por adeptos), fotos e vídeos que apoiam a unidade, destacando a expressividade do comportamento: na forma crítica com que escreve sobre os seus pares e o mundo externo; os aspectos simbólicos e signos por meio das fotos tiradas em grupo ou individualmente em momentos ordinários e excepcionais. Essas características virtualizadas são expressivas e têm o poder de gerar símbolos de identificação para os outros que leem ou veem suas redes sociais de maneira clara. O que pode ser utilizado por adeptos especialistas do grupo para examinar os detalhes do comportamento e sua autenticidade, verificando se há alguma diferença entre aquilo que é apresentado nos eventos e aquilo que se reproduz no cotidiano dos adeptos. Algumas pesquisas destacaram tais aspectos, como Skading (2017) verificando entre os Headbangers de Singapura as diferenças de capital cultural para formar o que eles denominam de *kvlt* ou culto. Termo também utilizado no Brasil e que corrobora na compreensão de um Headbanger especialista do Metal e do extracotidiano.

A internet introduz um sistema em que os usuários e adeptos do grupo podem se comunicar com maior facilidade e apresentar-se como únicos, diferentes e distintos. Se o usuário Headbanger utilizar por longos anos sem editar as configurações do sistema como Facebook, ele permite que o outro possa acessar todo conteúdo compartilhado e produzido

por ele por meio da linha do tempo – do momento de criação da conta na rede social até a última postagem, facilitando aos interessados acompanhar sua trajetória social ao longo do tempo. Como Santos (2021) demonstrou, a expertise utilizada pelo Headbanger Franco para verificar o perfil dos amigos do underground e na qual ele pode retirar a máscara de um Headbanger que frequentava igreja e participava dos eventos de Metal. É interessante destacar que essa expertise utilizada por ele foi usada por outros adeptos da cena campinense para expor seu envolvimento quando era iniciante na cena de White Metal. Esse sistema virtual em que os adeptos mostram suas identificações é capaz de promover a singularidade e identificar outros indivíduos da unidade.

A utilização desse tipo de rede social possibilitou aos adeptos interagirem, como foi possível aos adeptos identificarem aqueles adeptos de dentro do grupo que saíram ou se mancharam, como disse um Headbanger do grupo: "agora se torna difícil enganar os adeptos porque se tem acesso à vida de todos", servindo também para aqueles que tentam participar de grupos virtuais ou ter amigos em comum ocultando fotos, posts e seu nome – sendo também motivo pelo qual eles tentam mostrar suas singularidades. Como foi o caso de Adriano, que teve suas fotos expostas como religioso e associação com ideias de extrema direita; desse modo, ele teve de mudar o nickname nas redes sociais e não utilizar fotos suas para poder circular na rede (Caderno de campo, 2019). A rede social possibilita ao grupo não apenas a organização do grupo como também a aplicação de críticas e negação do seu par quando desvirtua do caminho elaborado por eles, dificultando que alguns adeptos ocultem seus desvios internos ou mudem sua personalidade sem serem percebidos[75]. Quando a singularidade do adepto está disponível para consulta, o adepto pode ser mencionado enquanto tal. Esse apoio à identificação apresentado pelo adepto é documentado em sua experiência e na dos outros, contendo diversos momentos vividos em grupo ou individualmente. A documentação da experiência pode ficar na lembrança de seus pares como pode ter registro audiovisual como vídeos ou fotos gravadas pelo adepto e disponibilizadas em suas redes sociais ou mencionadas nos momentos de encontros.

[75] Segundo Savage (2011), os dados dos usuários na contemporaneidade podem ser utilizados para diversas finalidades e serem utilizados no capitalismo para geração de dados que favoreçam as grandes empresas para produzir de acordo com o que tem sido coletado preferências, gostos e desejos. Isso mostra como a vida dos indivíduos se torna mais complexa na medida em que o avanço tecnológico demanda deles mais contato com seus mecanismos, permitindo que seus dados pessoais sejam coletados e acessados por grandes instituições e empresas. O pesquisador (2011, p. 161) argumenta que, embora os indivíduos possam transitar em estilos musicais diferentes, há outros estilos musicais que continuam marginalizados "no caso dos Estados Unidos (EUA), o 'Heavy Metal' é evitado por todos, exceto os fãs 'hardcore'". E destaca ainda que, apesar dos indivíduos flexibilizarem o repertório musical, há uma polarização "contra certos outros tipos de música que são estigmatizados e vistos como gostos minoritários".

No grupo underground do Heavy Metal, há um interesse por parte dos adeptos em mudar seus nomes próprios como forma de desfazer o laço com sua vida "original", como mudar os nomes para pseudônimos variados e inspirados em outros artistas dos circuitos underground e mainstream. Algumas vezes, a mudança está atrelada à atividade artística musical e, em outras vezes, é pelo interesse em se expressar daquela forma e, sendo o nome algo que o adepto pode alterar com certa facilidade, abreviando, somando outro nome e mantendo apenas o pseudônimo, etc. Há muitas combinações possíveis, depende da criatividade do indivíduo, sendo essa uma forma respeitável de demonstrar adesão e registro nas atividades do grupo.

Com isso, os adeptos continuam mantendo sua singularidade ao longo do tempo por meio de sua trajetória e histórico de sua vida, mesmo que existam diferenças externas. Embora exista tal esforço em mudar o nome por alguém, a identificação social permanece porque aquela pessoa passou e experimentou situações ao longo do tempo; suas trajetórias de vida continuam reconhecíveis por elas e íntimos[76]. A atividade de músico de Heavy Metal ocorre mudanças de nomes, mas isso não é tido como grande estima para aqueles de fora do grupo acerca da dramatização social. Por exemplo, bandas de subgênero Black Metal costumam utilizar com frequência os pseudônimos como representações sobrenaturais de religiões pagãs ou formas anticristãs, evidenciando rompimento com o mundo terreno e uma conexão com o mundo sobrenatural, como disse um músico local: "há uma mística no palco", lá ele pode ser outra coisa"

Alguns adeptos realizam a mudança de nome para evitar que sejam identificados por quem não deseja; outros adeptos preferem ficar no anonimato – caso de alguns músicos de Metal extremo que não têm redes sociais, mas se apresentam em sites com nomes que não eram deles e com isso preservam a vida íntima; alguns adeptos e músicos utilizam nomes que remontam à sua cultura local como forma de se integrarem mais facilmente no meio e nos contextos sociais – caso de bandas folk em que a temática de uma cultura étnica era levantada. A mudança de nome estava relacionada com a proteção íntima e a fabricação de uma identificação social. Além disso, a mudança de nome temporariamente ou para aqueles que não conhecem tinha diferentes razões e cumpriam papéis diferentes para cada Headbanger.

As mudanças de nome revelam de que forma os adeptos e músicos do grupo entendem o que deviam apresentar nas situações sociais, considerando o que era fabricado e o que era real deles. Isso significa ainda que a mudança de nome surgia como maneira de se adaptar às

[76] Algumas mudanças em pseudônimos significam mudanças na personalidade e nas emoções para alguns adeptos contatados.

diferentes ocasiões (inclusive virtuais), seja para produzir estima, seja para reproduzir superstições internas da própria illusion ou seja para evitar contato indesejado. Essas transformações mostram a dinâmica e diferenças da identificação no contexto do grupo do ponto de vista excepcional e ordinário. A partir de alguns casos desviantes no grupo, era possível ainda identificar que aqueles ex-adeptos utilizavam pseudônimos temporários para evitar serem descobertos pelos adeptos "radicais", mas que eram reconhecidos pelos adeptos especialistas.

Por isso, alguns adeptos se mostram desconfiados com outros indivíduos e outras formas utilizadas por esses últimos para justificar identificação social no grupo, porque os nomes podem ser modificados, alterados ou manchados, fato esse que mostra como os Headbanger se apresentam destaca insegurança. Mas, tratando-se do underground e como alguns adeptos mencionaram em pesquisa, torna-se necessário procurar por outras formas de identificação nos indivíduos para que se mantenham as interações de forma adequada, o que pode incluir rever o histórico do indivíduo no grupo, quando for músico observar por quais bandas passou e quando for adepto, o círculo de amigos que participa, aspectos difíceis de serem modificados.

O conhecimento social deve ser atentado, porque as práticas incutidas já foram estabelecidas sobre estigma ou prestígio social ao Headbanger. Embora esses elementos da identificação tenham relevância, devem ainda ser diferenciados daqueles que as pessoas passam a obter ao longo do desenrolar de suas vidas e que possuem informações íntimas. E dependendo do evento, essas informações devem ser apresentadas na portaria das casas de shows do underground para acessarem eventos fechados ou outros circuitos; somadas com fotos de família e cotidiana. Felipe ressaltava que as fotos em família nunca mais foram as mesmas depois que ele se rebelou contra a deserdação do pai; as fotos passaram a registrar apenas momentos entre pessoas próximas, como amigos e a mãe dele. Depois que Felipe encontrou apoio na música para liberar as energias contidas, ele passou a aumentar o círculo de amizade no underground, com que fazia questão de registrar e postar nas redes sociais.

Em determinados eventos de Metal extremo, ocorria dos organizadores possuírem uma lista de adeptos convidados e, mesmo que outros adeptos desejassem entrar sem ter o nome, não podiam, ao menos que esses falassem ou tivessem alguma relação com o produtor – no limiar do show, todos deviam se apresentar e provar que eram eles mesmos, apresentando carteira de identidade, carteira de estudante ou falando para o porteiro seu nome e ele conferindo se estava incluso na lista.

De toda forma, esses elementos da identificação social eram o que possibilitava

reconhecer o outro enquanto par e evitar equívocos, usando do conhecimento social para inibir o desenvolvimento de posturas inadequadas e falsas. Isso destaca o elemento simbólico da identificação social porque a mesma possui características nem sempre verificáveis – podendo-se incluir indumentária e tatuagens, sendo esses dois exemplos de elementos não reconhecidos em outras ocasiões. Mas é claro que há situações em que se demanda a verificação dos indivíduos e o conteúdo não é de domínio público; entretanto, símbolos de prestígio (reconhecimento musical no underground, tournées bem-sucedidas, discos gravados, destaque em plataformas de streaming) e desvio (indumentárias com símbolos críticos, contra o status quo e apresentações sociais) são possíveis de verificação a todos. Esses últimos símbolos podem ser classificados por qualquer indivíduo, enquanto aquelas informações dos utilizadores desses símbolos se mantêm exclusivas.

A informação sobre um adepto pode ser exclusiva, e essa informação pode ser utilizada para confirmar que ele é ele mesmo, como forma de proteção. Assim, quando um adepto vai ao evento de Heavy Metal, espera-se que ele traga consigo os elementos de sua identificação e que comprovem que os símbolos que porta são reais para ele. A forma como esse adepto se fabrica no grupo pode possibilitar que acesse círculos de amizades, a eventos e que tem maturidade suficiente para entender a dinâmica das relações operadas no meio social em que deseja participação. Quando isso acontece, os adeptos vão avaliar sua identificação, se o comportamento do indivíduo que deseja integrar a unidade merece crédito de confiança para gerar aceitação. Como o nome pode ser usado para comprovar a identificação, o mesmo pode ser utilizado para classificação de estilo de vida, podendo ensejar preconceito, como os constrangimentos gerados por citadinos em espaços públicos devido ao estilo de vida e à forma de se vestir Metal.

Desse modo, pode-se falar de uma biografia social (histórico de vida ordinária e excepcional) que acompanha os indivíduos por meio de aspectos normativos como esses documentos; como se vem argumentando, isso coloca limitações ao indivíduo se apresentar como alguém para além do paper. Por exemplo, foi mencionado em campo a dificuldade de Headbangers conseguirem trabalhos no terceiro setor por causa da forma como se identificavam, impossibilitando ter a carteira assinada, como se observará no próximo capítulo, independente da qualificação que eles possuíssem para a atividade laboral. Quando o adepto escolhe a forma pela qual deseja se apresentar no mundo estética e moral, ele pode encontrar desafios postos à sua identificação. A utilização de camisa de banda, tatuagens ou cabelo longo – símbolos associados ao Metal – revelam a identificação com que o indivíduo pode ser associado; mesmo sem um desses símbolos, a sociedade

pode encaixar esses símbolos numa categoria de grupos para descobrir de onde surgiu e imputar classificação.

Entender os elementos da identificação simbólica e social permite entender quais argumentos dos adeptos consolidam sua vida enquanto adepto desse grupo. Quando um adepto alega que não foi possível conquistar seu trabalho, ele apresenta justificativas que comprovam a impossibilidade laboral – toma-se aqui o exemplo do trabalho, mas pode-se envolver outras dimensões da vida cotidiana. Como se sabe, em cada contexto de interação, as relações sociais não são homogêneas; cada grupo age de acordo com sua prática e crenças dentro de um contexto que pressiona suas interações à adequação do domínio social. E em cada contexto social, as crenças dos indivíduos têm um peso significativo na compreensão do que é considerado adequado, como em situações sociais cotidianas pode ter expectativas diferentes, especialmente quando o "desvio" se apresenta.

iii. Pluralidade dos selves no underground.

A forma como os Headbangers se apresentam e se comportam nos momentos de encontros sociais se torna interessante para se entender porque influencia a percepção de si e dos outros. Eles têm experiências e vivências na presença imediata dos outros que possuem uma carreira, uma história ou um projeto[77] de vida que precisam ser apresentados (Goffman, 1961; Velho, 1981). Tendo já falado sobre o papel social que os adeptos desempenham no underground, torna-se importante apresentar alguns elementos da biografia dos adeptos. Como foi argumentado, cada indivíduo tem sua singularidade; cada experiência que passe será apenas experimentada por ele, o que possibilita que esse tenha a possibilidade de contar sobre sua biografia no Metal de forma singular. Recuperou-se momentos da vida social dos adeptos e que possam falar sobre história de vida no grupo e para além da filiação, com intuito de apresentar elementos de suas relações ainda não investigados.

Embora o processo de socialização seja plural para cada adepto do Metal, o desenrolar da vida pode existir conexões, tensões e coerências factuais, conforme Berger e Luckmann (2001) asseguraram que o processo de socializações pode ocorrer de forma singular e contraditória. Isso destaca ainda que o adepto apresenta de forma contínua que os seus vários *selves* podem mudar ou alternar com significativa regularidade dentro e fora dos

[77] Segundo Velho (1981), projeto define-se pelo que os indivíduos criam de orientação para suas vidas considerando as condições sociais do contexto em que estão atuando, interagindo e negociando. Isto é, os indivíduos agenciam suas relações mediante as possibilidades e impossibilidades cotidianas.

eventos. Isso significa que, dependendo da ocasião, o adepto pode apresentar diferentes *selves* e que podem até ir contra o que ele sustenta como identificação social Headbanger. Santos (2021) mostrou que quando o indivíduo não apresenta um porte adequado nas ocasiões de encontro com o grupo, o indivíduo pode sentir o clímax gerado entre os seus pares. Mas quando o Headbanger consegue manter sua identificação da forma esperada pelo grupo dentro e fora dos seus momentos excepcionais, ele consegue evitar os clímax desconfortáveis e pode ainda negar aspectos vergonhosos que mancharam o seu passado no presente.

Foi o caso de Adriano, que afirmava que os problemas que teve por ex-cristão também reverberou fora do círculo de amizades, pois quando ele se "converteu" ao Metal, amigos próximos e da igreja que ele frequentava passaram a não vê-lo com bons olhos. Após sua saída da igreja, Adriano passou a se radicalizar, no sentido de que todos os momentos que viveu no internato cristão foram uma afronta ao que ele realmente era ou gostava de ser, mas devido à coerção do ambiente, ele controlava. Mas agora "liberto" do mundo de sacrilégio, ele apresentava essa sua face não mais controlada; seu desejo libidinal agora estava sendo realmente perseguido e produzindo nele felicidade.

Apresentados esses elementos sobre os adeptos, adentra-se na vida deles intercambiando regularidades e particularidades na rede de relações que se conecta com o Metal e avaliando se sua biografia é conhecida por todos. Explorando conexões e compartilhamento de informações sobre a identificação Headbanger, compartilhamento realizado por indivíduos considerados importantes para os adeptos. O envolvimento e distanciamentos dos Headbangers nas suas vidas cotidianas e suas relações com os outros insiders e outsiders. Revelando a interdependência dos fatos que fabricam e moralizam a identificação Metal dentro de uma ocasião/contexto social.

Observou-se em campo que pode ocorrer agenciamento da identificação com dois sentidos: primeiro sentido, quando algum adepto tentava se apresentar enquanto músico ou produtor do grupo sem estar engajado em tais atividades; observou-se ainda que adeptos de classe média e alta[78] frequentam os espaços *underground* para se apresentar com ou sem banda, espaços esses que normalmente não frequentaria ou não seria de seu cotidiano. O que esses adeptos faziam era não mencionar sobre sua verdadeira posição na estrutura social, exceto nos

[78] Apesar do estigma que há sobre o Metal, alguns adeptos do estilo de classe média alta (filhos de banqueiros, médicos, empresários e advogados) participam dos eventos locais apresentando uma marca de não igualdade com os demais em termos de capitais sociais e culturais. Marcado pelos instrumentos de boa qualidade, realização de viagens internacionais para assistir bandas gringas ou empreender *tournées* próprias custeando *managers* e passagens para tais atividades.

momentos em que amigos próximos demandassem informação sobre sua vida. O segundo sentido: alguns adeptos não gostam de falar abertamente ou tentam distorcer fatos quando se tratam de suas vidas; por exemplo, quando o adepto se envolveu ou participou de eventos cristãos como músico ou participante, havia cuidado na forma de articular e apresentar os fatos que aconteceram no passado, sendo esta uma tentativa de ocultar o passado. Os adeptos agiam dessa maneira "agenciada" porque sabem que tais atos têm suas implicações no grupo e refletem tentativas de falsificar a realidade estabelecida, sendo o que não é ou controlando os fatos de suas vidas.

Conforme Goffman (1956) assegura, as normas sociais relacionadas às formas de apresentação do Self remetem aos papéis sociais que todo indivíduo deve manter nas interações, que essas tenham coerência e possam continuar operando. Mas isso está relacionado às expectativas e estereótipos de quem pode ser do Heavy Metal, porque não é comum encontrar pessoas que desconhecem totalmente o Metal nos eventos undergrounds, pois essas pessoas não estão relacionadas com o grupo. Torna-se sintomático também quando se associa o grupo apenas aos homens, excluindo a possibilidade de mulheres usufruírem do pedaço. As práticas relacionadas ao âmbito pessoal estão relacionadas ao quanto o indivíduo deseja mostrar de si, podendo manipular o quanto os outros podem ver dele. Para citar um exemplo da pesquisa de campo, um adepto pode controlar a informação sobre seu passado enquanto Headbanger e está cuidadosamente manipulando aspectos de sua vida para que os outros não saibam, como aconteceu com Felipe e seu relapso envolvimento com White Metal ou Adriano e a revelação de seu outro self cristão. Fatos esses que podem mostrar incompatibilidade entre o passado e o presente dos adeptos ao destacar irregularidades que não condizem ao estado atual dos adeptos.

O adepto que tem um passado considerado "manchado" na identificação, revela uma irregularidade; por exemplo, um adepto atuante nas atividades do grupo e que tenha um histórico de participação em atividades religiosas cristãs pode ser entendido como possuidor de um passado manchado em relação à posição que ocupa na irmandade do grupo. Em pesquisa, os adeptos mencionavam quais eram os indivíduos que tinham um passado duvidoso e interagiam com os outros (aqueles que sabem/ignoram e aqueles que desconhecem) representa uma irregularidade interessante de se esmiuçar. O que pode criar um conjunto de emoções como ansiedade e constrangimento, pois os adeptos que controlam isso, precisam ter disponível energia suficiente e jogo de cintura para gerenciar suas emoções e o passado.

Por exemplo, um Headbanger contou que quanto estava na universidade sentado à mesa numa praça de alimentação junto com amigos e um desses seus amigos havia mencionado em

tom audível para todos presentes que ele era um ex-White Metal e que havia se sentido constrangido, já que esse estilo musical voltado para o cristão era compreendido internamente como ofensa e deturpante. Ele revelou ainda que antes dessa situação não havia pensado sobre, mas, após o ocorrido, passou a refletir sobre a exposição e a condenar a ação do amigo[79]. O que mostrou que essas situações, por um lado, destacam as irregularidades ou desvios na trajetória do adepto devido ao passado e que está relacionada às expectativas sociais sobre sustentar a identificação e, por outro lado, está relacionado à manipulação das informações acerca de sua vida como esforço constante para manter aspectos íntimos distantes de indivíduos insider ou outsider do grupo.

Eram poucos Headbangers posicionados numa classe social diferente dos demais e que assumem o desvio ao establishment, criam uma pressão social para que eles falem sobre e forneçam informações sobre si para justificar as práticas fora da "normalidade". Conforme os poucos adeptos que foram contatados e falaram acerca da experiência em suas famílias, eles afirmam que havia curiosidade por um lado e, por outro lado, a necessidade de entender como uma pessoa numa posição confortável se comporta dessa maneira preconceituosa em relação a eles. Os adeptos destacam ainda que isso não é fácil de ser mencionado no círculo familiar, devido a todo estigma associado ao Metal; falar sobre ser Headbanger afeta a forma de relacionamento familiar, especialmente quando se é sincero e assume que gosta de tal estilo musical, gera julgamentos e discursos moralistas[80]. O que aparece com maior regularidade com os Headbangers que estavam acessando universidade e conquistando empregos inimagináveis, como ser engenheiro ou cientista da computação; esses adeptos de classe média baixa afirmam sofrer mais com as pressões sociais do círculo familiar e de vizinhos, sendo caracterizados por termos pejorativos.

De acordo com o que foi evidenciado no processo de pesquisa, a descrição em determinados momentos sociais parece ser um modo de "suavizar" a pressão social, revelando o que compete à identificação e o que o indivíduo faz por essa sem deixar no anonimato. O que destaca ainda para quem o adepto deve ser sincero e para quem ele controla seus selves, exigindo dele esforço e reflexão sobre os contextos em que esteja inserido para prezar pela

[79] O interlocutor confiou a informação à pesquisa e por isso não será mencionado o seu nome como forma de manter a privacidade.

[80] De acordo com Simmel (2015), ser sincero ou autêntico no contexto da modernidade implica possuir relações sociais de confiança para que se possa proferir as concepções de mundo despida de qualquer floreio para suavizar o discurso. A sinceridade constitui um elemento das interações cotidianas não pelo fato de os indivíduos romantizarem a sinceridade enquanto algo probo, real ou honesto, mas porque essa tem um papel funcional de previsão. Como se sabe a partir da literatura acadêmica, a vida ordinária demanda um equilíbrio em ser sincero ou reservar o discurso "fatual" porque isso tem o poder de gerar sofrimento nas relações; segundo o pesquisador mencionado, é preciso proteger o seu self e evitar constrangimentos para si e para os outros.

verdade ou omiti-la. Sintomaticamente, o adepto guarda em memória, por meio da experiência, os momentos em que experimentou falar sobre seus desejos e interesses, avaliando as experiências do passado e do presente na frente de Headbangers ou outsiders[81].

Com isso, tornou-se fecundo entender as diversas significações dos diversos selves na vida cotidiana dos adeptos do Heavy Metal e entender como esses criam laços e desatam em relação à vida excepcional e ordinária. A microssociologia de Thomas Scheff (1990) e sua teoria sobre os laços sociais informou que a adesão de um indivíduo depende do quanto ele coloca de si e nas relações com seus pares. Esse indivíduo adere à unidade por causa das emoções produzidas em relação ao grupo e suas relações positivas com os outros da unidade. A adesão do indivíduo ao grupo se dá por causa de laços rompidos, inseguros ou insustentáveis, ao passo que esse encontra abrigo, compreensão e ganha experiências no grupo aderido.

Na dinâmica da interação, os indivíduos guardam experiências em suas memórias, como eram os encontros com seus pares e organizam as formas como eles se percebem na identificação social – que pode ser modificada de acordo com as imputações realizadas por insiders ao grupo e outsiders. Como Becker (1976) argumentou em seu estudo teórico sobre o desvio, as convenções sociais que atribuem o insider e outsider partem do geral ao específico para marcar determinado indivíduo desviante dos valores ali operados. O pesquisador destacou em sua análise que isso não é algo natural que ocorre sem intervenção humana; essa marcação era resultado de empresários morais que faziam com que as marcas continuassem operando nas interações. Tendo em vista os efeitos dessa marcação apoiada pelos agentes morais, faz com que a compreensão dos próprios indivíduos "desviantes" de que seus atos ferem a moral pública deve ser reservada, controlando sua forma de ser e existir na cidade.

O adepto que prefere manter sua identificação controlada pode causar surpresa àqueles que desconhecem ou não creem que seu gosto musical tenha como principal estilo o Heavy Metal, podendo-se citar amigos ou amigas. O entendimento social de que o Heavy Metal constitui um desvio social faz com que, segundo os adeptos, isso crie clímax nas situações e nas relações com o *establishment*, influenciando a percepção que o outro tem sobre os adeptos em suas dimensões estéticas e morais. Isto é, segundo Alexander (2011, p. 28) em sua sociologia cultural, apresentar-se como um tal "processo social pelo qual os atores, individualmente ou em conjunto, exibem para os outros o significado de sua situação social", significados esses que são compartilhados para fazer os outros acreditarem sobre o que é

[81] Conforme Lahire (2002), no processo de socialização os indivíduos podem incorporar múltiplos pertencimentos pelo fato de transitarem por instâncias sociais e grupos diferentes, permitindo-os terem um caleidoscópio de visões para utilizar; isto é, os indivíduos participam de vários grupos de maneira sucessiva e esses grupos não são estanques e não são estáticos.

apresentado.

Para que exista um "aval" acerca dessa apresentação pelo indivíduo, é preciso que seja plausível para obter aceitação à visão dos outros. Alexander (2011, p. 11) destaca ainda que os "gestos não necessariamente 'expressam' nossos sentimentos anteriores", mas sim "eles disponibilizam um sinal para os outros". Como a apresentação dos Headbangers não era bem-sucedida no cotidiano, a habilidade de conseguir fazer os outros de fora do seu grupo acreditarem, não lograva êxito devido às ambiguidades sociais sobre os adeptos. Desse modo, o desvio e a imputação realizada pelo estabelecido concatenam o modo como os Headbangers são incompreendidos.

Assim, quando os adeptos estão em estado de copresença e atuam como tais, apresentam sua identificação por completo e, com isso, a sociedade pega a informação transmitida para considerá-los desviantes[82]. Quando eles estão distantes de seus espaços familiares e podem agir se apresentando enquanto Headbanger e ignorar na medida do possível os discursos de citadinos em lugares públicos. Alguns adeptos preferem manter-se no anonimato e se revelar apenas para outros adeptos; há aqueles que desejam realizar apresentações para uma audiência seleta e privada, no caso de músicos de Black Metal. Surge o princípio que, ao realizarem tais tarefas, os adeptos separam o dito e o feito, a prática e o discurso ou corpo e alma, com intuito de oferecer uma proteção e segurança para si.

Um exemplo importante nesse sentido sobre o grupo, era o sentido de brotherhood aplicado pelos adeptos para apoiar as atividades desenvolvidas, já que a sociedade não goza do mesmo apreço socioemocional ao estilo de vida; eles produziam seus próprios eventos, seus próprios discos e seus materiais (indumentárias, bijuterias e fanzines) para fabricar e reproduzir o apoio aos Headbangers. Embora essas relações ocorram no evento, o espaço interacional do show, se entendido à primeira vista, deixa oculta a parte das negociações ocorridas entre bandas, produtores e casa de evento, em que os adeptos atuam de tal modo que, para os visitantes ou ingressantes, não atentam para esses detalhes.

*

A vida do Headbanger dentro e fora do excepcional constitui uma diferença entre selves. A diferença reside entre aqueles que conhecem os adeptos com intimidade e aqueles que não conhecem, sem intimidade; aqueles que conhecem os adeptos entendem sua forma de

[82] Alguns adeptos do Metal extremo, por exemplo, utilizam nicknames ou pseudônimos para evitar serem reconhecidos pela "patrulha moralista"; para outros utilizam esses nomes para colegas não os procurem em redes sociais ou mesmo distanciarem pessoas não desejadas de suas redes sociais.

comportamento e compreendem seus atos e ações com certo detalhe. Possuindo familiares e amigos próximos que conhecem o que chateia ou deixa triste o Headbanger, bastando em alguns momentos ficarem em estado de copresença para saber que há algo de estranho ou irregular no comportamento do adepto. Aqueles que não conhecem o adepto tendem a compreendê-lo enquanto um outsider, alguém de fora, alguém desconhecido e que não há uma história de vida compartilhada.

O adepto que compartilhava a vida social e virtual com os outros podia ser conhecido enquanto tal, como podia acontecer que outros conhecessem sobre a vida dele sem que ele tenha ciência disso, podendo ambos considerar "saber da vida do outro" como algo irrelevante; como podia acontecer de os adeptos duvidarem que os outros conheciam sobre sua vida. Tratando-se de saber como os adeptos interagem ao longo do tempo no grupo, eles comentaram numa viagem ao *Abril Pro Rock* em Recife-PE em 2023, que antigos Headbangers e radicais que participavam da cena em Campina Grande saíram e entraram em ordem, reproduzindo posturas conservadoras. Um dos organizadores de eventos comentou: "vocês perceberam que os caras mais radicais da cena e que fazia coisas 'ocultistas' (o que considero como coisa de porra louca) eram radicais, foram os caras que se converteram e defendem as ideias conservadoras" (Caderno de campo, 2023) [83]. Como se tratou de uma identificação manchada, os adeptos conhecem o suficiente sobre os outros para querer não ser "igual", o que mostrou o agenciamento da identificação pelos adeptos e a possibilidade de que os outros sabem de si podia variar nos momentos de encontros.

Quando se trata de um adepto associado ao Heavy Metal, que caminha pela cidade e lugares públicos vestido de preto e com símbolos não convencionais e considerados transgressivos, podia-se dizer que esse era um desviante conforme aquilo que ele apresentava e destoava do estabelecido citadino. A partir dos momentos de encontros intencionais e não intencionais cotidianos, o adepto percebia que os citadinos "outsiders" de seu grupo o categorizavam (de modo negativado), conhecendo o adepto por aquilo que ele não apresentou em detalhes sobre sua vida, mas a partir de referenciais externos à identificação; podia ocorrer ainda que as pessoas criassem estoque de conhecimento sobre os grupos sociais diferentes, mas isso não seria uma situação incidental feita por um desconhecido para os adeptos. Goffman

[83] A viagem ao Abril Pro Rock foi feita para ir prestigiar outras bandas que participam dos circuitos musicais do underground; nesse circuito tinham bandas nacionais e internacionais com destaque as bandas Incantation de subgênero Death Metal (USA) e Crypta de mesmo subgênero da anterior (BRA). Os Headbangers campinenses organizaram uma excursão com destino a Recife para ir assistir tais apresentações e tais momentos de interação os adeptos conversam e discutem temas de relevância como apresentações e cotidiano. No mesmo contexto, os Headbangers de maioria musicistas discutiam sobre a importância dos registros históricos sobre a segunda guerra mundial para deslegitimar o discurso da direita no Brasil.

(1963) argumenta que nas ruas e espaços públicos os citadinos desconhecem uns aos outros e permanecem enquanto desconhecidos, notadamente, se esses atuam sem chamar atenção dos outros. Ser desconhecido nesses espaços de interação permite que os indivíduos se misturem sem que sejam identificados por todos, com exceção aos conhecidos que estejam no mesmo espaço.

Como se trata de contextos sociais em que os indivíduos não precisam apresentar suas histórias de vida, suas biografias, eles podiam manter suas intimidades enquanto estavam inseridos nesses contextos. Entretanto, tornava-se difícil conseguir manter a privacidade todas as vezes sobre sua identificação, pois os Headbangers eram – são ainda – classificados e entendidos pela sua estética e moral que revelam sua posição social, grupo étnico e gênero. Simmel (2005) destacou que a vida hodierna na cidade era diferente daquela do campo, enquanto a primeira teria relação de distância, indiferença e anonimato, a segunda teria relação de proximidade, diferindo entre indivíduo quantitativo e qualitativo como parte das transformações da dita modernidade[84]. Porém, em contraponto a essa perspectiva anteriormente mencionada, a invisibilidade na cidade, em especial para os Headbangers, tornava-se difícil de ser utilizada (aqueles que andam com a estética do grupo) e que eram categorizados a partir de um ponto de vista que molda a percepção dos outros como amoral.

A participação desses adeptos em outros espaços sociais muda a percepção dos "normais" em momentos de copresença, muda a forma como os Headbangers podiam se apresentar e controlar as emoções sobre sua identificação[85]. Gerava-se daí dilemas aos Headbangers ao transitarem na cidade após participarem de eventos no underground ou quando estavam acompanhados de familiares em incursões em espaços públicos. Os Headbangers podem encontrar outros adeptos dos shows e isso pode levar a questionamentos de familiares e pessoas próximas sobre de onde conhecia aquele "roqueiro", fazendo com que o Headbanger exponha o seu passado no Metal. Felipe afirmava que não gostava de mencionar seu passado em eventos cristãos na cidade, principalmente quando esse fato passou a circular no grupo

[84] Num contexto de modernidade líquida (Bauman, 2001) ou de transformações de desencaixe (Giddens, 1991), em que tudo que é sólido se desmancha no ar, o Heavy Metal produz uma força de resistência à sua própria dissolução. Isso faz com que os indivíduos associados ao Metal resistam no tempo, produzindo eventos, tocando em shows (grandes e pequenos) e constituindo uma audiência que se identifica pela cultura visual e sonora enquanto estilo de vida, na produção de amizades e companheirismo. Ainda que as canções não sejam compreendidas por ouvidos não assíduos como "feias", aos ouvidos dos headbangers elas podem ser percebidas como as mais belas justamente por exporem com certa precisão os sofrimentos que a modernidade impõe. Por exemplo, indivíduos que vivenciam quadros de ansiedade e depressão encontram no Metal uma saída para suas dores e sofrimentos, o que proporciona aos ouvintes a liberdade para extravasar as emoções de forma coletiva.

[85] Poucos trabalhos sobre o estilo Headbanger de ser trataram sobre o controle das emoções na formação da vida dos indivíduos que compõem esse mundo artístico; foi necessário em pesquisa esmiuçar e ficar atento aos trabalhos para compreender quando aqueles elementos apareciam; aqui o leitor pode encontrar algo mais sistemático e direto acerca do tema.

enquanto algo depreciativo; outro adepto chamado Adriano disse que não queria que os amigos soubessem que um dia foi cristão; e Esteves já observou amigos conversarem sobre o passado manchado de integrantes do grupo.

De fato, os citadinos reconhecem e atribuem uma categoria aos indivíduos associados ao Heavy Metal, claro que não da forma que o grupo advoga, mas estereotipada e marginalizante. Os citadinos reconhecem os Headbangers por suas aparências e comportamentos diferenciados do estabelecido; em raros casos, eles conhecem o Headbanger pelo nome, como acontece com as relações underground. Em ruas de bairros em que há movimentação do comércio, há também uma circulação de pessoas que vão e outras que ficam e marcam espaços de interação nos bairros, como se confere que há jovens que brincam no meio da rua ou idosos que ficam sentados na frente de casa observando a movimentação; ambos estão posicionados e reconhecendo as pessoas que transitam na localidade e podem assim fofocar sobre aqueles "diferentes" que passem em seu bairro[86].

O círculo de amigos e vizinhos conhece sobre a vida do Headbanger e mantém um laço social, seja duradouro ou não, profundo ou raso, íntimo ou público, com que se relacionam cotidianamente. Os Headbangers, desejando ou não, esses indivíduos sabem sobre suas vidas, como os conhecem, e deviam cumprimentá-los quando estavam em situação de interação face a face como demonstração do reconhecimento – podendo isso acontecer com desconhecidos também, mas o esperado é que essas pessoas reconheçam o indivíduo. Tratou-se de um reconhecimento de percepção, diferindo daquele reconhecimento social em que os indivíduos cumprimentam e interagem movidos por interesses e causas para consolidar as identificações uns dos outros nos momentos de interação falada.

A interação social entre esses indivíduos era dialógica, podendo acontecer, segundo os relatos de campo, deles não comentarem sobre a identificação enquanto um desvio em alguns

[86] Os Headbangers realçam que possuem um ordenamento realizado por meio de amizades profissionais e sociais, como se observará no último capítulo, e não um agrupamento desordenado como prega o senso comum do domínio moral dominante. Esses indivíduos buscam herculeamente produzir os espaços ou pedaços na cidade, já que não há condições sociais e materiais jogam a favor daqueles que são desprestigiados em grande escala. A impossibilidade de conseguir espaço para realizar suas atividades, a pressão por instituições sociais como política e religiosa, os problemas iniciais nas famílias dos Headbangers moradores de bairros populares, as questões de ordem religiosa e política, sem perspectiva de crescimento profissional e sem momentos de lazer constituem alguns elementos que compõem a visão corrente de indivíduos possivelmente problemáticos por não se controlarem e deixarem tais questões aparecerem. Os pedaços dos Headbangers na cidade permitem acolhimento, extravasamento das emoções e amigos com que pode contar e escapar da condenação ao degredo regular. A unidade desses indivíduos destaca uma ordem, cooperação e adaptabilidade à ecologia da cidade que os compreende como não adequados às suas produções de espaços com a justificativa de amorais. A pesquisa de Whyte (1943) sobre a *Sociedade de esquina* de certo modo objetiva demonstrar que elementos "desorganizadores" de gangues, as relações de vizinhanças em bairros periféricos e pobres de Cornerville possuem sim significados que estavam além de enquadramento de "perigosos", mostrando que há uma organização no cotidiano dos moradores.

momentos. Para aquele adepto “truer” que vive o estilo de vida “à risca” e que vive na cidade de Campina Grande, pode encontrar poucos citadinos que realmente o conhecem em profundidade e sua história, diferente daqueles citadinos que são próximos. Isso pode ganhar contornos maiores quando as pessoas do bairro ou de áreas mais frequentadas, como de comércios no centro da cidade, conhecem os adeptos pelo que é propagado pelas mídias – que formam uma imagem negativa sobre o grupo –, mas não entendem que esses, como os músicos, são reconhecidos em escala micro e macro e gozam de prestígio e status no underground.

Mas o indivíduo pode se tornar conhecido nesse contexto pelo desconhecimento limitante do social que marginaliza e atribui uma má fama aos Headbangers. A forma de tratamento ao Headbanger no grupo se baseia na deferência e possibilidade de estabelecer relações diplomáticas com os indivíduos da unidade por causa de sua história e experiência de vida. Como os adeptos desta pesquisa eram moradores da cidade, eles procuram realizar compras, passear à procura de espaço de lazer ou se reunir em praças onde alguns conhecidos de infância e vizinhos os conhecem. Quando o Headbanger é reconhecido em locais públicos por citadinos que ele desconhece, pode gerar sentimentos de alegria porque isso pode ser uma novidade para uma identificação marginal na cidade, como destaca um interlocutor:

> Olha, eu sei que no início a gente parece teimoso com nossa família e amigos próximos, a gente recebe xingamentos e desencorajamento por parte de muitos, de pessoas de perto e de desconhecidos, estou falando isso porque a gente é teimoso no início no Metal, levamos muita porta na cara e porta fechada, isso é uma realidade, muitas pessoas desacreditam na gente, de familiares até empresários desses que a gente pergunta se pode apoiar o evento que produzimos. Mas depois de muita luta procurando divulgar o nosso trabalho, conquistamos maior notoriedade na cena e em outros locais. Recordo que na época em que comecei no Metal, falo de começar como músico, geral desconsiderava meu esforço e porque não ganhava nada com isso, mas eu sei que não é somente sobre dinheiro para gente que toca no Metal, a gente ama fazer isso... eu quero dizer que quando comecei geral desconsiderava meu esforço, depois que conquistei e lancei disco e tour tem uma galera da cidade que me respeita, me trata diferente, porque eles veem eu lutando nas redes sociais e passando por locais que nenhum desses passaram ou passarão na vida. Não romantizo a estrada porque é sofrido, especialmente aqui no Brasil, mas só os verdadeiros sabem como é la fora e porque fazemos isso, alguns amigos falam que somos conhecidos lá e desconhecidos e isso tem hora que cai bem (Fábio, entrevista, 2024).

O reconhecimento e atenção que seguem aqueles adeptos músicos de prestígio na cena underground eram motivo para que eles não atentassem para a forma com que eram tratados na cidade; segundo conta-se em campo, o importante era estarem sendo Headbangers e fazendo o que gostam, e se isso iria ter algum efeito nos círculos de convivência ou não, era outra história – eles projetam uma visão dualística sobre a fama que, dependendo do contexto, pode ser interessante e em outro contexto era melhor não mencionar aos "invejosos". Na cena

underground do Heavy Metal não há constrangimento por parte de outros adeptos de forma explicita; esses eram respeitosos com os músicos de suas bandas preferidas e gostavam de tirar fotos e bater um papo com esses músicos.

O fato dessa relação com músicos possibilitar aproximação e contato direto no underground permitia que aquilo que o músico reconhecido ou de "fama" pudesse mostrar sua história de vida como digna de registro devido sua experiência na cena e nas cenas em diferentes locais nacionais e internacionais. Para um Headbanger (músico ou adepto) frequentar outros lugares em que ele possa existir da forma que deseja pode ser atrativo porque aí nenhum transeunte pode tensioná-lo por causa de sua biografia Headbanger; pode ser que as pessoas não sejam mal-educadas ao tratá-lo. Em contraposição, o fato do adepto estar completamente envolvido com suas práticas de identificação demanda que o Headbanger controle as emoções relacionadas a sua biografia em determinados contextos.

Na vida dos Headbangers envolvidos com a promoção de suas artes e do grupo encontram-se indivíduos que não demonstram interesse em suas conquistas e feitos, mas para eles pode ser compreendida como a melhor parte de suas vidas em que foram destaque. É possível que algum adepto considere que algum evento em sua vida não seja importante para compartilhar e que não tenha um peso significativo para sua biografia e por isso não compartilha com os outros. Foi o caso de Felipe que ponderou inicialmente os comentários acerca de suas experiências familiares e ocupacionais como Headbanger e seu envolvimento com a cena White Metal; Adriano com a exposição sobre sua atividade como ex-devoto e missionário da igreja católica; a dificuldade de conseguir emprego por Esteves por sustentar seus ideias; a participação de um ex-produtor de eventos White; como a conversão de mulheres que participavam das atividades underground e alinhamento com a moral dominante.

Os acontecimentos que marcam os indivíduos desse grupo como associação à "maldade", à "marginalização" e "subversão" criam nesses contextos momentos em que refletem sobre seus passados. Em alguns momentos em que os adeptos não estavam atuando enquanto tais, eles alegavam que estavam sendo iniciados, que ainda não tinham conhecimento sobre a música, que não tinham sido apresentados ao estilo e por isso não estavam no grupo, o que eles não consideram como parte integrante de suas trajetórias de vida. Mas os músicos e adeptos engajados na cena possuem fotos, revistas e canções documentadas que comprovam a atividade social enquanto adepto, com intuito de passar a imagem que experimentaram muitos momentos de destaque e não de superficialidade em suas histórias.

Percebeu-se que mesmo os músicos de prestígio sofrem com a depreciação social; aqueles adeptos não conhecidos eram compreendidos por meio dessa perspectiva

desencorajadora; muitas vezes isso ocorria sem que os citadinos conhecessem os adeptos – o que pode acontecer entre adeptos também. A depreciação social dos músicos no grupo pode surgir em forma de boicote, fofocas e denúncias anônimas com foco em imprimir controle.

Dois aspectos se fazem importantes para destacar sobre esse fenômeno. O primeiro era a dimensão "formal" da cena: há adeptos do underground, não somente do underground campinense, que examinam os indivíduos participantes dos eventos para conhecer se eles já foram manchados ou tiveram algum envolvimento com estilos considerados por eles como vergonhosos como White Metal e Nazi. O interlocutor Fábio contou que quando sua banda começou a ganhar experiência realizando tournées, participando em eventos em diferentes estados do Brasil, recebeu indagações de outros músicos locais acerca de outras bandas por onde ele havia passado. Fábio comentou que um determinado músico da cidade havia questionado sobre o envolvimento de outros músicos de seu estado de nascença com música cristã ou nazi. Ele comentou que havia achado estranho os reiterados questionamentos sobre os músicos de seu estado natal ao fundador da banda que ele participava. O músico local não queria participar de shows ou dividir palco com indivíduos de pouco reconhecimento para evitar a associação do senso comum ao Metal de conservador.

Outra situação de campo: durante os eventos na cidade, Felipe Coelho mencionava que havia White Metals transitando nos espaços; na maioria das vezes em que ele contava sobre isso nos eventos era de forma discreta, mas atenta e vigilante sobre esses indivíduos manchados com Metal cristão, já que havia informações que esse indivíduo tinha produzido eventos de música evangélica. A reação de Felipe e daqueles que ouviam seus comentários mostrava a preocupação deles com a presença indesejada do indivíduo e revelava que a presença dele não era bem quista. Destacou-se que os adeptos tinham uma preocupação com suas imagens e que não queriam se manchar nos shows com indivíduos associados à religião dominante. Felipe comentou ainda que o problema se amplia na medida em que se observa a presença de simpatizantes com a extrema-direita e que podem causar clímax, porque esses eram considerados agressivos e hostis – devido ao grupo ter tomado conhecimento e ter denunciado essas identificações da onda conservadora (Sena, 2019).

O segurança da casa de show (geralmente era um Headbanger) fazia o papel de revistar e identificar os participantes dos eventos. Os Headbangers produtores de eventos underground têm conhecimento (por meio de fofocas e conversas com adeptos) sobre quem eram os indivíduos manchados e sabem o modus operandi dos mesmos na cena. Isso mostra que aquilo que o indivíduo realmente é tem uma importância crítica nos momentos de encontros sociais, em especial quando os indivíduos têm a capacidade de identificarem e recuperarem o que foi

compartilhado por outros acerca de determinados sujeitos. No contexto atual, os adeptos têm acesso às redes sociais com que estabelecem interações com adeptos locais e adeptos de outros espaços sociais formando uma rede de interação e de troca de informações. Nessas redes os adeptos compartilham casos de manchados, fazendo com que os manchados possam ser reconhecidos e identificados por muitos adeptos.

Esse tipo de comportamento podia ser observado sendo reproduzido pelos citadinos em alguns espaços públicos, cuja tarefa era controlar ou manter sob vigilância indivíduos potencialmente desviantes como os Headbangers em mercearias, lojas, shopping e centro da cidade. O segundo aspecto era da má reputação na cena que envolve todos os participantes; isso significa que tanto o adepto quanto o músico podem ocupar a mesma posição com ou sem prestígio; ambos eram afetados. A rede de pessoas relativamente próximas do adepto podia ser maior que aqueles conhecidos de bairro que o adepto conhece; isto é, era possível que um número maior de citadinos identifique sua presença na cidade, sem necessariamente trabalharem em alguma atividade comercial ou não[87]. E de fato, na contemporaneidade com os avanços tecnológicos da informação, aceleração e desenvolvimento, a comunicação se tornou uma forma pela qual os indivíduos interagem de diferentes maneiras (chat, e-mail e vídeo), fazendo da vida íntima cada vez mais pública. A imagem social do Headbanger acessível e observável para os desconhecidos era tida como diferença daquela imagem que o adepto apresenta para os que o conhecem realmente.

Quando o Headbanger mostrava sua identificação publicamente, segundo os relatos de campo, essa era construída paulatinamente por meio da prática, de modo que ele podia se apresentar enquanto dramático à sociedade e com digno – mas o que se observava era a construção de pseudofatos (exógenos ao grupo) que fabricavam uma visão pessimista sobre o Headbanger e que foi manipulada (pelos meios de comunicação) na história do Heavy Metal como negativa. Essa perspectiva exógena da comunicação ensejou numa visão negativa aos adeptos do Heavy Metal como se destacou no primeiro capítulo. A imagem do Headbanger na vida cotidiana com aqueles que ele considera próximos ou não próximos foi afetada por demandas que eram próprias ao grupo, mas que foram inculcadas com intuito de desfavorecer o desenvolvimento do estilo de vida e que criou uma imagem pública marginalizada para seus adeptos[88]. Quando o adepto deixa de ser aquele citadino/vizinho, a forma pela qual ele era visto

[87] Quando se destacou a dimensão do prestígio e desprestigio implica em entender que cada indivíduo carrega consigo uma imagem social com a qual se deve zelar (Goffman, 2011).

[88] Deve-se entender também que foram os meios de comunicação que possibilitaram o desenvolvimento do estilo musical e proporcionaram o desenvolvimento do estilo, porém não se deve esquecer o que custou aos adeptos associados à música serem estereotipados negativamente pelas mídias (Dunn, 2005; Caetano, 2016; Christe, 2010).

modificava; nos lugares conhecidos em que ele passava ou frequentava antes, os participantes da interação aí não o viam como antes. Como a inserção em um determinado grupo modifica a percepção dos inseridos sobre a realidade e seus selves, foi possível identificar em alguns discursos como:

> Até hoje na minha família, escuto coisa do tipo: "queria que você fosse como antes, você era mais legal quando não estava no rock", "porque você num escuta só Metal suave, bandas de hard rock" ou mesmo "você não é roqueiro" como fosse algo fácil de se fazer. Depois de um tempo, essas coisas ficaram mais veladas e associadas questões envolvendo relacionamento e trabalho. como fosse que ser "roqueiro" fosse um impedimento para isso, alguns vizinhos ficam incrédulos de verem que eu ainda sou do Metal (Esteves, entrevista, 2024).

Aquele adepto que entrou no grupo pode tornar-se percebido devido à sua adesão, mas quando ele adere, torna-se de conhecimento público sua associação ao grupo – em especial, os ingressantes sofriam porque não estavam preparados para o que vinha do público sobre a suas identificações. Ser notado enquanto Headbanger nesse contexto social não possibilita de imediato respeito ou crédito que acompanha a reputação endógena ao grupo. O Headbanger enfrenta assim uma apresentação pública sem compensações que outros artistas ou "fãs" recebem como no sertanejo e seus fãs-clubes[89]; apenas no underground o adepto podia ser reconhecido e obter prestígio social enquanto legítimo, merecido por seus pares e que justificam o status.

Isso afeta as relações dos adeptos porque atrai a atenção da sociedade devido à sua compreensão enquanto "transgressivo". Tal atitude pode revelar ainda que em determinados contextos de interação os estabelecidos podem expressar suas emoções negativas ou positivas em algumas poucas situações, segundo os adeptos. Quando há situações desfavoráveis ou favoráveis para esses indivíduos, isso desorganiza a forma pela qual os adeptos administram seu cotidiano, seja ele adepto ou músico. Os adeptos prestigiados ou desprestigiados internamente eram para o social motivo de escrutínio e reações públicas divergentes que desorganizam a ordem das interações. Ao transitar por locais públicos, o Headbanger era notado e não conseguia passar pelos locais despercebido (seja devido às tatuagens, seja devido

[89] Porque esses grupos estão alinhados ao estabelecido e são financiados a louvar o agronegócio. Para os adeptos do estilo, creem que esses músicos conseguem ascensão devido ao investimento financeiro em suas produções, entretanto eles acreditam também que seus músicos discos não são feitos para durar muito tempo no ouvido do público, já que as músicas estão sendo produzidas para os momentos; essas músicas não produzem sucesso contínuo. No underground não há espaço para impessoalidade; as relações eram próximas, muitos se conhecem e respeitam as bandas uns dos outros, entendem as dificuldades financeiras para realizar os eventos na cidade e se comprometem a ajudar os shows; mesmo sem comparecer, há adeptos que realizam pagamento de ingresso, emprestam instrumentos e outras coisas (Lopes, 2005; Moraes, 2014; Santos, 2021). De fato, nos eventos underground não há brigas ou conflitos explícitos como se observa em shows de outros estilos musicais, porque as relações firmadas no pedaço eram respeitadas e a presença de cada indivíduo no evento era um reflexo da deferência aos músicos.

ao cabelo e seja devido à indumentária utilizada); eles chamam a atenção de desconhecidos e de adeptos também. Quando a identificação chama atenção, isso se devia às características sociais e inerentes que podem ou não serem modificadas – mas a custo de que e para quem? – isso gera desconforto e incômodo nas relações.

Esses indivíduos relatam que evitam determinados encontros sociais na cidade; alguns na estação de ônibus evitam entrar no ônibus em que há presença de grupos de cristãos evangelizando; evitam bêbados que os expõem; evitam ainda serem causadores de desconfortos devido à sua presença, procurando "não assustar" as pessoas devido ao seu estilo ou, como comenta Felipe Coelho, andam à paisana[90]. Isso eram maneiras utilizadas pelos adeptos para saírem ou evitarem situações desconfortáveis em público – os adeptos que relatam tais maneiras alegaram que já haviam passado por situações de constrangimento e por isso eles evitam chamar atenção em determinadas ocasiões. Desse modo, tornou-se importante entender a vida dos adeptos no cotidiano para entender a forma como suas histórias e a identificação desviante produzem ou desatam laços.

Portanto, o adepto participa de uma rede de interações que possuem diferentes níveis de conhecimento sobre a vida dele, tendo aqueles que conhece de perto como vizinhos e amigos de família e tendo aqueles que não estabeleceram nenhum contato de interação falada, que só conhece de notícias, de terceiros e de senso comum sobre a identificação. Mesmo diante das interações mistas do cotidiano e as existentes diferenças entre os indivíduos, a história dos adeptos será sustentada. Destacou-se que as relações em determinados contextos sociais podem ser manipuladas de tal forma que as percepções sobre a identificação social dos indivíduos sejam mantidas ou não, desafiando aos indivíduos a sustentarem vários selves nos encontros. Os momentos de encontros sociais em que os indivíduos realizam suas apresentações sociais revela que eles possuem uma pluralidade de relações e papéis a desempenhar cotidianamente e isso deve ser respeitado nas ocasiões informais, além dos eventos undergrounds. Esses encontros ordinários e excepcionais, com seus incidentes, têm uma função importante na formação e ligação dos indivíduos a suas biografias. Mesmo que os adeptos sustentem os papéis ou evitem mostrar outros publicamente, independente dos vários selves deles.

iv. Proteger e defender o grupo.

[90] Apesar de ser uma categoria utilizada no mundo corporativo policial para se referir ao soldado que não se veste de policial em todos os contextos, mas que não deixa de ser o que se comprometeu a ser. A categoria era utilizada por Felipe para realçar essa dimensão ontológica: não deixar de ser Headbanger mesmo em situações extraMetal. Mas essa categoria era uma forma de realçar o controle sobre sua atividade como adepto do estilo do Heavy Metal e evitar assim constrangimento ou desconforto nas interações.

A análise acerca das identificações "desviantes" tornou-se significativa na medida em que apresenta o impacto, reconhecimento e implicações (conscientes e inconscientes) do desvio social na sociedade. O Headbanger que caminha pelas ruas da cidade e se porta enquanto tal (estética e moral) podia ser reconhecido pelos demais devido a seu estilo de vida ser considerado desviante e, para manter seu estilo, o adepto buscava maneiras de esconder aspectos de sua identificação e recebia ajuda de terceiros para isso, mostrou a complexidade das interações. Não se tratou de analisar o desvio apenas pela perspectiva aparente em que os Headbangers se apresentam a carácter; como Elias (2006) destacou, faz-se importante analisar os pontos de contatos, a interdependência dos fatos que constituem os "desvios" para o grupo de modo conectado ao domínio social amplo, o que possibilitou um avanço constante perseguindo variações e possíveis relações no campo. Foi importante destacar que quando o indivíduo se apresenta da forma que deseja, isso podia afetar as relações sociais, gerando isolamento e evitação por parte dos citadinos. As práticas sociais de polidez podiam ser mantidas ou não em determinados contextos em que o adepto apresentava sua identificação; ele se angustiava e se sentia desconfortável nessas situações devido ao seu estilo.

A complexidade das interações vai além daquilo que o indivíduo apresenta porque existem variações nas interações que complexificam a forma como as relações podem se desenvolver. Primeiro, acerca do desvio, por exemplo, os Headbangers quando estavam na presença de algum familiar (dependendo da família, porque há famílias que formaram o filho/filha para ser Headbanger) evitavam comentar sobre uso de alucinógenos, bebidas e shows em que a profanação e a blasfêmia apareciam com maior frequência nas apresentações das bandas, diferente de quando estavam com seus pares. Assim como, não importa se o Headbanger era um músico de banda de Metal na frente de policiais que fazem rondas no centro da cidade à noite – protegendo a propriedade privada de lojas e bancos –, assumiam outro papel de cidadão para poder seguir seu trajeto[91] no centro e podiam afirmar que conhecem outros policiais para evitar levarem “baculejo”[92] deles.

[91] Trajeto é uma categoria de análise utilizada pelo professor Guilherme Magnani (1993, p. 197) para descrever “fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas”, como mostra que a escolha dos caminhos realizados na cidade pelos indivíduos não é realizada de maneira relapsa, mas seguem uma lógica e combinação (por exemplo, sair de casa para o show, passar em outro pub e depois chegar à casa de show). Um trajeto interessante notado em pesquisa foi que quando havia shows que viravam a noite ou fosse em outro estado e que a excursão chegasse a Campina Grande cedo pela manhã, alguns adeptos gostavam de ir à feira da Prata para comer buchada (comida “típica” da região); ocorria ainda deles saírem de casa, passarem na casa de amigos e se dirigirem ao Bar do Japa localizado na arca Titão no centro da cidade para só depois ir à casa de show; outros adeptos gostavam de ir aos bares alternativos para paquerar antes de comparecer ao pedaço. Com isso, mostra que as atividades de um grupo urbano não se findam em seu pedaço.

[92] Categoria utilizada pelos jovens para designar uma forma de revista realizada pelos policiais a indivíduos que

Permitir que os outros vejam ou não a identificação Headbanger mostrou como um adepto pode apresentar vários selves para adaptar-se e manter-se nos diferentes contextos positivos e negativos para sua relação. A dinâmica da interação dos Headbangers destacou como o "desvio" age objetivamente e subjetivamente nas práticas sociais em situações em que eles se veem obrigados a realizar negociações e jogo de cintura para lidar com o outro. Essa dinâmica de operação a partir desses indivíduos possibilita perceber de que forma o establishment influencia na maneira que os indivíduos percebem os outros, as relações e o cotidiano dos desviantes na cidade.

Segundo aspecto acerca das relações íntimas, observou-se a partir dos dados de pesquisa que os adeptos podem até esconder seu estilo de vida de pessoas que não gostam ou não desejam revelar. Mas o Headbanger sabe que com aqueles com quem tem intimidade precisa fazer concessões e mostrar suas práticas de maneira clara, o que implica em algumas situações em ficar vulnerável. Entretanto, com isso ele/ela pode fortalecer sua intimidade enquanto uma visão e expectativas de relações humanas com esses “chegados”. A importância de ser honesto enquanto banger probo em suas relações afetivas cria um paradoxo: revelar ou não revelar a intimidade para os outros; de toda forma, isso atinge as relações e a imagem do Headbanger.

Entretanto, com o avanço da tecnologia da informação, os fatos corriqueiros da vida urbana circulam com maior rapidez e alcance, informando os indivíduos sobre diversas instâncias de suas vidas. Isso produz um falso senso de intimidade uns com os outros em que cada um exerce uma atenção às atividades alheias e sentindo certo respaldo para realizar inferências sobre a realidade de vida que não lhes compete. Sennett (2014, p. 542) destacou que essa pressão intimista operada pelo domínio social envolve medo regular aos indivíduos para que eles não possam trair as convenções. Isto é, "o aparecimento de uma crença num padrão de verdade para se medir as complexidades da realidade social", uma aproximação que não se realiza pela compreensão, porém por aquilo que se apresenta como espontâneo e superficial da vida na hodiernidade, terminando por pressionar e reforçar estigmas, marcas que não são propriamente genuínas suas, mas construídas por esse tipo de relação que tende a ser intimista.

Embora o adepto do Heavy Metal possa apresentar-se enquanto marca do desvio para a sociedade, há momentos em que a forma com que determinados citadinos os observam pode mudar. Segundo o relato dos adeptos, isso não era uma regularidade e frequente, mas isso tem

estejam em seu ponto de vista como “suspeitos”; geralmente, esses indivíduos são marcados por uma estética estigmatizada, o que os torna suscetíveis a revistas rigorosas por parte das autoridades.

efeito de fazer com que os adeptos pudessem se sentir mais leves e não precisar ficarem justificando seu estilo de vida. Por exemplo, o adepto pode ser visto como alguém que conhece forças sobrenaturais – devido às canções e apresentações apresentarem símbolos de outras religiões ou ao mundo sobrenatural –, mesmo que esse adepto não tenha nenhuma experiência do tipo que lhe garanta tal atribuição[93]. Como já aconteceu em campo de o adepto estar em pé próximo da bilheteria e ser confundido por alguns como segurança da casa de show.

Essas situações mostram que a percepção acerca do desvio pode ser modificada "temporariamente" e o adepto ter que gerenciar suas práticas de identificação nos contextos sociais. Lahire (2002) afirmou que quando o indivíduo muda de contexto social significa mudar as forças que atuam sobre eles, pois essas forças demandam deles algo que não é possível retribuir, restando aos envolvidos uma adaptação mínima para conseguir uma fuga para romper de vez com a situação em que se localizam ou se mantém. Há uma amplificação do desvio quando o adepto era negro; ele se vê tendo que suportar o peso contextual de tratamento brutal na história e em seus desejos libidinais recalcados no Metal.

Um retrato seminal disso foi a pesquisa de Fernandes (1964) acerca da integração do negro na sociedade de classes em São Paulo, em que a burguesia projetou os negros na cidade desprovidos de condições de existência, numa cidade que não acolhia os negros, condenando-os à liberdade da economia liberal sem condições materiais dignas para subsistência humana (Hannerz, 1969). O estudo de Fernandes mostrou a maneira como os negros são tratados historicamente em áreas do trabalho, da relação social e convivência urbana baseada em estigma, preconceito e distância das condições para melhoria e emancipação. Então jovens e adultos negros adeptos do estilo, provenientes de bairros populares, sentem a força negativa dos contextos por sua identificação e por seu grupo étnico despossuído.

A realidade é que o adepto deseja se apresentar da forma que lhe convém, mas destacar aspectos da vida e justificá-las causa desagrado, pois exige energia dos adeptos para organizar o que pode ser apresentado ou dito; porém, esse é um dilema que na trajetória dos adeptos aparece com regularidade. Devido ao incômodo gerado pelos citadinos "curiosos" e "empreendedores morais", faz com que os adeptos controlem parte de sua vida em algum momento, especialmente quando os citadinos incomodam ou questionam sobre suas vidas sem ter, o que eles dizem, intimidade. Quando isso acontece, até com algumas pessoas que têm algum nível de proximidade há dificuldade; quando o adepto fala abertamente sobre sua vida no Metal, causa algumas interferências interativas. Como destacou o adepto:

[93] O que não significa que uma rede exclusiva de adeptos não realize algum tipo de experiência coletiva em locais afastados da cidade com adeptos selecionados.

> Numa mesa de bar, estavam a mesa, duas moças e eu enquanto aguardávamos a chegada dos colegas do curso. Nesse dia, eu estava num bar alternativo, frequentado por alguns jovens boêmios da cidade, lá a mesa, estava uma pessoa com que estava paquerando, eu estava querendo manter um relacionamento com uma moça. Como em todo relacionamento, ao menos nos que imagino serem assim, nada mais bacana do que falar sobre sua vida, abrir o livro da vida para a pessoa que gosta isso é massa. Mas como se sabe só os bobos se lascam, vou te explicar porque. Como disse falar da vida abertamente implica em certa intimidade para que isso aconteça, ne verdade? Porque você não fala para qualquer um de sua vida, só se o cara for carente demais, ai é [sic] outros quinhentos, mas falar sobre si para uma pessoa que gosta é massa, é você mandar a real, que não está escondendo nada e quer que a pessoa pertença a sua vida e para isso você a convida para conhecer sobre. Nesse momento, eu falei que tive por longo tempo em minha vida simpatia pelo luciferianíssimo, isso é uma filosofia de vida, que aproxima o indivíduo de lucífer por uma outra perspectiva, ao estudar sobre isso percebi que lucífer "satã" não tem nada com nada de maldade como as pessoas pensam, se trata de uma outra entidade com que o indivíduo possa dialogar e fazer o que desejar. No entanto, nesse momento eu estava largando o estudo do luciferianíssimo e estudando mais paganismo, dai, eu falei sobre isso para a mulher que estava gostando e a mulher reagiu de uma forma incompreensível (acho que ela era muito religiosa olhando de hoje) ela falou que era inadmissível escutar aquilo e que o lugar da entidade era da maldade e não conseguia ver bondade no que tinha dito, eu fiquei constrangido até porque tinha mais gente na mesa em que estávamos. Eu achei surreal a reação dela e olhe que era universitária (risos), mas nesse dia eu não sabia aonde colocar a cara, fui tentar ser real, um cara bacana e que estudava sobre as coisas e me envergonhei, depois disso não estabeleci mais contato com ela, a sintonia não era a mesma de antes (Esteves, entrevista, 2024).

Ao se abrir para a intimidade, o adepto Esteves, apesar de sua vontade ser sincero, ao realizar sua revelação vai além do que era necessário para se compartilhar numa interação, destacando suas práticas de conhecimento; as relações não foram bem entendidas. A sinceridade é um elemento importante para constituição de laços sociais, pois possui uma dimensão de apreço quando se estabelece quem é amigo e quem não é nas circunstâncias interativas. As relações de hombridade entre os adeptos, por exemplo, eram um exemplo de sinceridade pública como de formação de adesão e clímax, pelo fato desse termo também traduzir autenticidade de alguém e isso causar desconforto em quem não é autêntico ou não segue seu desejo libidinal. Entretanto, para Giddens (1990), a confiança no outro é um mecanismo importante para fazer as relações acontecerem ou distanciarem de territórios inimigos estabelecidos. Nos momentos de encontros em que a sinceridade e a polidez podem ser sustentadas para a ordem da interação, são feitas para evitar o constrangimento e vergonha pelos indivíduos, como no relato de Esteves. As normas sociais e a maneira de evitar o constrangimento levam o indivíduo a não contar tudo sobre seu estilo de vida para preservar sua imagem e vergonha. Quando o "desvio" está relacionado a várias partes da vida do adepto, tentar controlar pode ser algo desejável.

É claro que na dinâmica da interação, o adepto pode lograr êxito no controle de aspectos

da identificação, mas, como se viu no relato, leva-se ao descrédito do adepto na interação. São nas interações entre os indivíduos que se pode observar as formas de comportamentos mobilizadas por eles quando se revela algo singular da vida particular e suas reações, e que muitas vezes nessas interações se figuram em ocasiões de constrangimento. No entanto, a dinâmica das interações não destaca apenas esse aspecto constrangedor da identificação pessoal do Headbanger. Não obstante, a prática cotidiana do adepto pode contradizer suas condutas, especialmente por indivíduos próximos que o conhecem e têm dados biográficos de sua vida, isto é, pessoas que têm conhecimento suficiente para "desmascarar" o adepto, desfazendo sua imagem social.

A possibilidade de desmascarar ou desfazer a imagem abre para a possibilidade de ocorrer chantagens nas interações também. O adepto percebe que está envolvido numa trama em que pode ser utilizado para queimar ou sacanear consigo em alguma ocasião, sendo essa uma das habilidades dos indivíduos para expor o outro – como será observado no decorrer da pesquisa. Há algumas situações que os adeptos relatam ocorrer exposição de seu passado; os adeptos destacam ainda que, caso o comportamento irregular se apresente, ocorrem ameaças e insultos. Esteves relatou uma situação em que estava à procura de emprego com amigos do bairro e um senhor empreendedor local de imóveis havia dito a Esteves que só iria lhe conceder uma indicação de emprego caso ele cortasse o cabelo; caso ele desejasse continuar sem emprego, continuasse agindo da forma que estava – Headbanger –, uma tentativa ainda de inculcar a visão dominante de que os marginais não desejam trabalhar, reforçando a permanência no papel "desviante"; há relatos de adeptos que discutem que os "próximos" falam sobre sua identificação, porém não evitam ameaçar; os próximos utilizam disso como forma de zoar com a "cara" do outro.

Segundo os insiders indicam, os adeptos homens podem ser culpabilizados por causa da escolha feita para suas vidas pela sociedade. Para as mulheres, tanto para a sociedade quanto para o grupo, parece haver maior tolerância acerca do desvio, porque o campo é dominado por homens e que mais sentem a pressão da sociedade por serem considerados protagonistas, produtores e organizadores dos encontros na cidade. Entretanto, as pesquisadoras Kitteringham (2014), Vasan (2016), Shadrak (2020) apresentam a mulher no Heavy Metal e seus sucessos e insucessos como musicistas e audiência também, num estilo musical que não é considerado pelo domínio moral enquanto adequado para mulheres. Esta é uma informação que precisa ser complementada, porque o papel da mulher na sociedade é restritivo e quase não se admite desvio; quando isso acontece, a sociedade rapidamente rechaça o comportamento,

desfigurando a imagem da mulher[94].

Para a mulher Headbanger, é desejável que ela não se apresente da maneira do grupo, com intuito de fazê-la não sair do papel standard. Em contraste, o homem Headbanger pode esconder sua expressividade de filiação com a qual se compromete a sustentar. A mulher é exposta publicamente, revelando seu estilo de vida desviante. Essa pressão de adequação e exposição cria uma possibilidade a Headbanger fazer o que faz de modo visível ou oculto e manter o anonimato. Isso destaca como as expectativas de gênero resultam numa experiência desigual para mulheres e homens Headbangers, porque as famílias não desejam que suas mulheres estejam envolvidas com coisas consideradas "ruins"; elas precisam suportar o peso do preconceito e sentir na pele a "responsabilidade" atribuída de seu papel mais que os homens, isto é, elas sofrem mais preconceito da sociedade.

A exposição pode revelar informações importantes sobre o passado ou presente de um adepto, o que pode manchar sua carreira no grupo de Headbangers, como a revelação de Helian e seu passado como padre e como no presente enquanto simpatizante da extrema direita, fato descoberto pelo grupo local; isso pode ocorrer por pessoas de fora do grupo também, como a mãe de Franco expressando sua crença cristã na frente de outros adeptos do grupo e gerando seu constrangimento. Mas as pessoas que realizam a exposição podem evitar insultar ou tentar punir de alguma maneira o adepto, porque ele, enquanto individuo que precisa incorporar a moral, pode se expor ao receber sua penalidade.

A exposição ou exposed não pode ser entendida como uma prática de conteúdo único sobre determinadas situações, mas sim, as interações sociais entre indivíduos têm outros conteúdos que detêm informação suficiente para manchar sua identificação. Se os adeptos ocultam sua vida íntima de outros adeptos e da sociedade, pode-se dizer que eles possuem práticas diferentes para os ambientes e aquilo que os outros que sabem pode apresentar versões diferentes de seus selves.

Quando um desviante oculta o seu passado de um citadino, ele se preocupa com as

[94] Butler (1990) assegura que a sociedade faz gênero por meio do discurso (assim como os manuais de psiquiatria fizeram ao institucionalizar homossexualidade como algo que era possível de ser tratado e esse saber incarnou no social ganhando respaldo e sendo uma crença difundida para "cura") e mediante a imitação de outros modelos. Quando a mulher assume o papel de "mulher", isso demanda algumas expectativas sobre o que isso implica ser (corpo, comportamento, estética), influenciada por outras mulheres que foram importantes em sua vida; eis a performatividade como elemento de gênero. A pesquisadora demonstra que o gênero esteve por muito tempo desejando o desejo do institucionalizado, normativo e estatal, em que o gênero só poderia ser reconhecido por seus mecanismos instituídos. Então dentro do Metal há um movimento das mulheres para destituir o lugar sacro da "sociedade/estado" sendo transgressivas como elas podem repetir os papéis transformando, pois, os contextos não são os mesmos de antigamente, ganhando um novo significado. Se antes a mulher era um corpo impensável no Metal, a sociedade hoje observa que é possível e sua presença tem outro significado; as mulheres retiram a imagem colonizadora exterior para ir transformando seu lugar, espaço e posição.

provas e com as informações de pessoas podem compartilhar[95]. Se algo na vida do adepto precisa estar oculto, ele deve se preservar contra o compartilhamento de informações em seus diversos meios, seja boca a boca (fofoca), em grupos e bate-papos em redes sociais, como se preservar para não ser "pego com as calças na mão", evitar ser pego se comportando enquanto desviante ou em situações desviantes, como relata um adepto;

> Como eu já disse, eu lembro que quando comecei no rock/Metal era praticante de artes marciais, recordo que meus amigos de escola que não eram do Metal e que treinavam comigo, me zoavam direto, eles ficavam imitando o meu comportamento na escola, a forma como eu andava, como eu gesticulava o que vestia fora dali, eles faziam isso na frente dos outros alunos, teve vez em que eles chamaram o mestre para assistir eles me imitando, o mestre naquele momento perguntou ao amigos o porque de eu agira daquela forma, eles disseram "é a forma dele de ser rockeiro louco". Eles fizeram tanto isso que a vergonha que senti no início disso foram diminuindo durante o tempo, eu não ligava mais, porque quando eu reagia a galera gostava riam mais de mim. Eu passei a me distanciar de pessoas assim, com o tempo deixei tudo isso ser dito, depois eu sai do grupo de artes marciais e procurei outro esporte para fazer e fui recebido por outro adepto com que pude compartilhar do estilo de vida sem ser chacota (Esteves, entrevista, 2024).

Quando os indivíduos se associam ao Metal numa sociedade conservadora e eles correm o risco de se exporem, como no relato acima, há constrangimento, mesmo que seja feito por meio da brincadeira (sendo essa forma de naturalizar o preconceito de maneira eficaz) associado à identificação do Headbanger iniciante. Destacou-se que, ao participar de espaço de interação com outros alunos de artes marciais, pessoas conhecidas do adepto acima, se encontra com pessoas não participantes de seu grupo desviante sorriem e constrangem o indivíduo, evitando uma total integração às atividades atléticas.

Adeptos com passado ou presente oculto podem se tornar vulneráveis à exposição por terceiros, porque quanto mais pessoas sabem sobre aquilo que o adepto deseja ocultar de plural dele, pode aumentar exponencialmente. Conforme a sociologia alemã de Simmel (1906), deixar algo oculto da vida pública proporciona uma ampliação da vida ordinária, permite a possibilidade de uma pluralidade de mundos possíveis que, se fossem revelados, afetariam o cotidiano. Em todo agrupamento, há indivíduos que mantêm segredo sobre determinadas ações

[95] O processo civilizador aos poucos tornou um hábito incutido, em um autocontrole que foi construído no desenvolvimento histórico da vida de milhares indivíduos não somente no espaço rotineiro e laboral, mas também diante situações em que demandem dos indivíduos negociações nas interações. O autocontrole e a disciplina pelos indivíduos contribuíram para constituir a cidade enquanto fenômeno social, que age sobre os indivíduos de forma "suave". No caso do adepto do estilo tratado nesse trabalho, não se deve mencionar suas predileções musicais e estéticas enquanto interage com desconhecidos, nem mencionar aspectos tabus "estéticos" como a figura de sobrenaturais (por exemplo, a possibilidade de crença em mais de um deus como no paganismo) em público se não quiser ser intimidado ou taxado de "doido". Desse modo, o indivíduo é obrigado a alinhar-se ao que se apresenta a priori a reproduzir, fenômeno esse que ocorre de maneira simbólica demonstrado pelo autocontrole que suprime suas vontades mesmo que conscientes.

dentro e fora de seu nicho social; em algumas vezes, isso pode passar despercebido aos indivíduos não iniciados que não identificam a correção ou prática corretiva que transforma a relação estabelecida no espaço. Manter o segredo sobre alguma informação nessa sociedade atual pode ter sua importância ou não ao conteúdo protegido, como também destaca a estrutura de relações entre os indivíduos em dado contexto.

Um adepto (músico e produtor) do underground local destacou em uma viagem que, nas antigas, aconteceu de um Headbanger revelar o que estava oculto de um de seus pares. Determinado indivíduo que participava dos eventos locais havia realizado um casamento na igreja; daí isso foi visto e comentado na cena, fazendo com que esse falatório chegasse até o noivo, que logo respondeu não ter mais ligação com a cena e que não aceitava a postura assumida pelo seu antigo par. Segundo o relator, esse noivo havia se tornado policial e conservador, estava num projeto de família e não admitia a exposição feita sem seu consentimento. Tal fato gerou animosidades entre as partes e a ameaça de levar o caso à justiça.

Quando muitas de pessoas sabem sobre o desvio do adepto, mais a situação social do grupo se torna marginal. As situações de pesquisa em que adeptos se escondem por trás de outros como forma de ocultar sua presença em eventos juninos na cidade ou de adeptos que participam de eventos de música clássica e tentam se ocultar por trás de outros músicos – é mais fácil o Headbanger participar de festas juninas, com os pesares que isso gerar internamente, do que ir a eventos religiosos cristãos na cidade – mostra a importância de controlar o que as pessoas sabem sobre eles e seus segredos ou práticas à parte do grupo sejam descobertas e expostas publicamente.

Os indivíduos da pesquisa podem ocultar as suas vidas de duas formas: na primeira forma, na qual o adepto tem círculo de pessoas que o conhecem em detalhes, enquanto outras só o conhecem de "vista". Por exemplo, amigos próximos de um adepto podem saber que ele participa de shows de Metal com temática transgressiva e aos domingos frequenta a igreja Quadrangular devido aos pais serem líderes nessas instituições. Na segunda forma: o adepto participa de grupos diferentes, em que o adepto pode apresentar sua biografia de formas diferentes. Por exemplo, o adepto pode ter amigos no underground que desconhecem seus relacionamentos amorosos para além dos espaços de sociabilidade, isto é, selves diferentes que ocultam e fazem com que o adepto leve uma vida dupla que não se conectam. No primeiro caso, há possibilidade de o adepto receber mensagem que alertam sobre exposição ou discursos tendenciosos à revelação; e no segundo caso, o perigo das cortinas do espetáculo serem descortinadas repentinamente e revelar a verdadeira face do indivíduo, considerando que as pessoas desconhecem suas práticas autocontroladas.

A identificação de um indivíduo pode ser compreendida de formas diferentes em grupos distintos (Metal e sociedade) no desenrolar da história. Quando o indivíduo deixa seu grupo de socialização primária e secundária em que viveu e teve laços duradouros, ele tende a deixar sua vida com as pessoas que participam dessas dimensões sociais de socialização; ele tende a reivindicar suas experiências e impressões que essas pessoas têm dele. Ao demonstrar adesão ao novo grupo, o adepto constrói uma nova vida com seus pares, inspirada nas percepções e experiências desse novo grupo acerca de sua vida e de onde o adepto veio. Essas duas formas de vida construídas eram diferentes, implicando em dupla biografia. Os diferentes grupos em que o adepto transita tendem a afirmar que o conhecem completamente, mas sua visão corrente pode ter divergência.

A mudança ocorrida na vida do adepto pode ser superada quando ele abre sua vida suficientemente para que os outros possam conhecer e quando as pessoas do passado retificam suas visões sobre ele por meio de fofocas. Pelo que foi possível perceber em pesquisa, o adepto se transforma sem deslegitimar seu passado ou no que ele se tornou, algo incontornável, findando em mudanças legítimas para sua vida.

Em campo, observou-se os adeptos afirmando que o passado deve permanecer no passado e não afetar suas relações no presente; entretanto, eles também afirmam que as práticas no presente podem impactar a forma como os outros lembram de seu passado. Para eles, devem-se preservar uma boa lembrança de si (quando possível e for honorável) e com aqueles com que conviveu em outros contextos. Sobre isso, Felipe afirmou que temia ser identificado por seu avô nos eventos de Metal em que a temática fosse ocultista, já que seus avós eram religiosos e pessoas de sua família que ele atribuía mais respeito. Apesar de ele se apresentar enquanto tal para seu avô, ele achava que se apresentar e estar no show poderia causar um choque no seu avô ao observar seu neto entre pessoas vestidas de preto, com símbolos transgressivos e drogas não convencionais, num contexto amoral, pois seu avô era ex-militar e preservador da "ordem". Revela-se desse modo a tentativa do adepto em controlar o que as pessoas sabem e manter uma imagem coerente para aquele com que não há mais relação social ordinária.

De fato, é uma prática regular dos indivíduos guardarem coisas (experiênciais) para si do momento que experimentou no passado pela sua identificação. Guardar as experiências para si pode acontecer de forma subjetiva ou objetiva; mas na forma subjetiva, o adepto pode não atentar que está ocultando algo das pessoas e nem as últimas; com o desenrolar do tempo, aquilo que foi guardado pelo adepto vai se naturalizando em suas atividades, de modo inconsciente, e que pode ser descoberto. Isso pode acontecer por brincadeira como forma de

classificar, identificar e reconhecer as ações dos outros adeptos em excursões, momentos antes e depois dos eventos em pequenos grupos que se formam na frente das casas de shows; durante os momentos excepcionais, o adepto pode ocultar sua predileção ao Metal como em festas de aniversários e cerimônias formais como casamentos; o autocontrole vai dessa forma adentrando a ecologia social do adepto como no trabalho, instituições formais e essa prática pode se tornar completa em sua vida, em que só ele tem conhecimento.

Não obstante, para isso ser realizado com êxito, observou-se que pode ocorrer um ritual de transformação elaborado pelo adepto, mudando de cidade ou diminuindo a participação em espaços públicos para ressurgir posteriormente com uma nova forma de identificação[96]. Porém, esses ocultamentos não eram harmônicos; há pausas, fragmentação, desacordos e negociações que podem levar o adepto a refazer todo o processo se desejar continuar seguindo e mantendo sua identificação como o grupo espera diante da sociedade.

Considerando as dinâmicas interacionais em que os indivíduos estão inseridos, a preservação dos aspectos desviantes da vida do Headbanger pode se tornar complexas, pois são várias rotas que indivíduos acionam nas interações. Contudo, há momentos na vida dos adeptos em que o processo de controlar seus desvios são sustentados por mais tempo, quando isso acontece, eles pensam que conseguiram deixar sua vida Headbanger fora do mundo público.

Tratou-se anteriormente dos aspectos de socialização do adepto no grupo, em que o adepto era compreendido pela perspectiva dos citadinos sobre seu desvio. Isso ajudou a entender como os adeptos aprendem a lidar com o tratamento desfavorável e desconfortável dessas pessoas devido ao estilo de vida Headbanger. Desse modo, torna-se importante mostrar de que forma os adeptos aprendem a guardar suas práticas estéticas e morais como forma de evitar ser alvo de preconceito.

Quando o Headbanger compreende que sua identificação, seja por parte da família, dos amigos ou da sociedade abrangente, é visivelmente identificável como desviante, ele pode aprender a não chamar a atenção dos outros e a não se agoniar com os olhares alheios que possa identificar ao longo de sua carreira. Nas conversas com os adeptos, eles afirmam que não se deve preocupar com o que os outros dizem; entretanto, isso não significa que estejam

[96] Para citar alguns casos, iniciamos por Adriano que entrou no Metal, saiu (para se tornar devoto de nossa senhora) e depois de um tempo retornou a participar das atividades e escutar a música extrema; Eurípides informou que devido à mudança do momento de adolescente para adulto teve que cortar o cabelo e focar no trabalho e que somente atualmente e devido à nostalgia de sua adolescência está retornando aos eventos de Metal; e Josué com suas idas e vindas entre o Metal e a igreja de seu pai, retorna aos shows, provou que estava redimido e levantou a bandeira do Metal depois de muito tempo apoiando banda de Metal cristão e convivendo na igreja.

alheios às classificações externas. Os adeptos sabem que a sociedade abrangente conhece pouco o que acontece no empírico e, quando alguns citadinos passam a conhecer o grupo de Headbangers, vão tomando ciência de suas práticas em profundidade.

Nos eventos, os adeptos que fazem uso de alucinógenos compartilham o produto com seus pares como parte da sociabilidade local, sem recorrer a esquemas para esconder o consumo; eles bebem e fumam como em qualquer outra festa de outro estilo musical. O diferencial reside no fato de os Headbangers estarem associados ao desvio e à marginalidade urbana, o que faz com que tais práticas sejam reproduzidas nessa figuração como estigma e preconceito. O mesmo ocorre com aqueles que ingressam no grupo e não veem problema em se identificar como Headbangers, pois sua vida não mudou para pior, como a sociedade sugerira previamente à sua entrada. A título de exemplo, após a primeira experiência nos shows, o adepto aprende como seu comportamento pode ser percebido tanto pelos pares quanto pelos de fora, quando utiliza um transporte público ou ao caminhar por espaços públicos até o evento;

> Quando eu comecei no Heavy Metal, inspirado por familiares, pelo meu irmão. Eu fiquei entusiasmado, a sensação que a música causa em você quando é adolescente é incrível. Mas como nasci numa família conservadora cristã e meu irmão também ser cristão, me vi sozinho na empreitada de sustentar o meu gosto particular de escutar Heavy Metal. por muitos anos, eu escutei o Metal tendo de ser reprimido por meus pais, irmãos e irmãs, infelizmente. Toda vez que eu colocava a música para tocar no radio, eu recebia repressão, eles pediam para baixar o som, mesmo quando eu tinha mp3 ou mp4, eu era reprimido para não colocar a música porque fazia barulho e zoada, inclusive depois que passei a bater de frente com essas reclamações da família, eu sofria mais, no entanto, fui conseguindo escutar minha música assim como outros familiares faziam como forró ou música gospel. Mas quando eu colocava a música minha mãe, por exemplo, para não gerar confusão dizia para mim abaixar porque estava com dor de cabeça, nas primeiras vezes, eu obedecia, mas depois eu fui vendo que era mais pelo fato de ser Metal de estar tocando e fui percebendo a jogada dela, eu diminuía o som, mas não silenciava as canções. Isso só melhorou para meu lado depois que comecei a trabalhar e comprar meus aparelhos de som e ajudar nas contas de casa, eles diminuíram a pressão, porque agora eu tinha grana e estava ajudando. Eu sofria muito no início com familiares em relação a escutar Metal, eu tinha medo deles quebrarem meus discos ou rasgarem meus posters ou camisas, era difícil utilizar camisa de banda num lar evangélico e conseguir seguindo no estilo, o inferno que passei não é para qualquer um, cara (Esteves, entrevista, 2024).

Ao se identificar com o estilo de vida, o adepto com sua identificação procura transitar por determinados espaços urbanos. Espaços sociais em que suas identificações são observadas, para não dizer vigiadas, por transitar como a avenida gastronômica, localizada no bairro Lauritzen, em que a classe média alta frequenta. Os seguranças e unidades policiais fazem o monitoramento da região para assegurar que os restaurantes de classe média funcionem sem nenhum "problema" [97]. Quando era possível transitar, se dava porque havia algum show numa

[97] Em todos os momentos em que a pesquisa esteve sendo desenvolvida nessa região da cidade, raras foram as

casa de eventos que se encontra fechada, e quando tinha evento, aqueles habitués dos bares da região olhavam os bangers caminhando com estranhamento de suas mesinhas, do qual escutam os músicos da noite tocarem sertanejo, e com seguranças prontos para proteger o local.

Em locais públicos como na praça da Bandeira, os transeuntes e frequentadores agiam como não estivessem vendo os Headbangers, mas na realidade agiam com olhares de estranhamento e receio, mostrando uma aceitação que não era tácita, pois os adeptos não eram bem aceitos por ali. Os espaços dos shows eram os pedaços dos Headbangers, onde eles podiam se expressar e não precisavam ocultar sua estética e moral. Aí, eles não se preocupam com as tentativas de serem ignorados ou não notados pelos outros que consideram seu estilo de vida amoral[98].

No Heavy Metal, os adeptos procuram estar relacionados aos outros adeptos, procurando se filiar aos adeptos com que partilham a identificação desviante na cidade. Por exemplo, no carnaval de rua da cidade conhecido pelo termo Bloco do Jacaré, alguns adeptos encontram nesses eventos outros adeptos em que a identificação se torna um fator diluído, mas sem deixar de operar; há adeptos que participam vestidos de Headbangers e outros não; esses últimos geralmente se usam dessa descaracterização para conseguir maior proximidade com as mulheres e conseguir uma paquera no evento, já que ir com a indumentária do Heavy Metal poderia impossibilitar o contato ou causar choque nas interações, segundo eles contam sobre a participação nesses espaços[99].

Em outras ocasiões, os locais de encontros dos adeptos eram identificados quando um produtor – ou mais – organizava um evento particular e divulgava onde seria o show, mesmo

vezes que foi possível observar os transeuntes; a maioria dos indivíduos que frequentavam a região e consumiam nos bares e restaurantes possuíam veículos próprios ou tinham veículos para levá-los (Uber). Poucas vezes foi notado indivíduos olhando os carros ou mesmo pedindo algo ou dinheiro; o policiamento ostensivo aparecia quando algum indivíduo fora do padrão interativo daquela localidade surgia. Quando os shows aconteciam, os carros de polícia e o posto policial que ficava do outro lado da pista ficava movimentado pelos guardas que revistavam os bêbados, pedintes, Headbangers e punks.

[98] Lopes (2006) apresentou em sua pesquisa sobre o Heavy Metal no Rio de Janeiro como os espaços dos Headbangers interseccionava com outros aspectos constituintes da vida urbana. Ele mostrou que mesmo diante das dificuldades de se fazer Heavy Metal, os Headbangers participavam de eventos em áreas próximas de prostituição de pessoas não favorecidas, o que fazia com que houvesse uma mistura de indivíduos nos eventos. Ele arguiu (2006, p. 47) "há a presença de Headbangers jovens brancos de cabelos longos e roupas pretas, de roqueiros ainda mais jovens mestiços ou negros frequentadores do 'Bar dos Grunges', de prostitutas, funkeiros, (…) uma maior presença policial". A pesquisa de Tobias (2019) sobre os espaços alternativos no interior de Pernambuco apresentou que os espaços em que fez pesquisa havia indivíduos diferentes dos Headbangers ou roqueiros que participavam dos bares temáticos. Apesar de observar uma regularidade de indivíduos do subgênero Heavy Metal ou rock participando desses espaços, ele notou que poucas pessoas frequentavam o espaço embora não houvesse nenhuma mensagem explícita sobre a possibilidade de pessoas LGBTQIA+ participassem do lugar. Tobias (2019, p. 117) afirmou "um certo grau de tolerância da diversidade, que embora não seja traduzida em inclusão, nota-se uma convivência aparentemente pacífica" ao reunir indivíduos diferentes da moral instituída no espaço de encontros.

[99] Isso não significa que todos os adeptos fazem isso; outros adeptos preferem não participar de nenhum evento que não seja do Metal.

em espaços que o grupo não gosta de frequentar, como eventos produzidos longe do centro da cidade. Era nos pedaços dos shows que os adeptos podiam sentir a liberdade e gozo de estar na presença imediata de seus pares, compartilhando experiências sociais similares no underground. No entanto, mesmo nesses espaços em que os adeptos desviantes podem sentir o vento da liberdade entre seus cabelos, havia o risco de serem expostos se uma pessoa de fora do grupo, que os adeptos possam conhecer de outros contextos, entre no pedaço deles em demasia. Isso ressalta a fragilidade da aceitação e insegurança nesses espaços dos Headbangers, porque a presença de um outsider que não era insider podia comprometer o sentimento de pertencimento e segurança no espaço – tal aspecto realçava-se quando havia presença de assumidos White Metal no pedaço;

> Acredito que os poucos espaços que temos na cidade para evento de Metal são nosso local de liberação das energias laboral e espaço de reencontrar os amigos e em alguns vezes até gente que não gostamos. Não acredito que o espaço do underground seja um espaço para pessoas que nos desejam destruir, criar uma fragmentação na união do grupo, que já é pequeno. Aquelas pessoas que desejarem conhecer serão bem recebidas, desde que sejam respeitosas porque aqui não é a casa delas. O mesmo serve para a galera extremista da direita e aos whites, se quiserem ter o que temos aqui, façam seus próprios eventos, mas não venham desmanchar o que fizemos com muito esforço durantes anos que é sustentar a cena, produzindo shows para amigos da cena local e de fora, incentivando as bandas daqui a tocar e gravar. A gente não quer nossa imagem associada a nenhum tipo de poser como esses que citei, porque essas pessoas só mancham a cena com sua ideias falhas e desonestas, não precisamos disso aqui. Outra vez, vi adeptos fugindo de eventos por aí porque não sabiam que era evento de Metal cristão, eu rejeito ir em qualquer um evento desse é muita humilhação cê é louco, é menos humilhante ir nos blocos de carnavais daqui (risos) (Esteves, entrevista, 2024).

Outro adepto realça o sentimento descrito anteriormente e sua percepção sobre seus espaços de interação na cidade:

> Aqui em Campina não tem muitos espaços para o Metal, tem muita é igreja para onde se olha tem uma. Mas os poucos espaços d a cidade mostram que são do Metal, os locais são geralmente underground, um local simples com pessoas de boas intenções e propósitos, pelo menos é o que vejo com meus amigos. Maior exemplo disso que estou falando era o Vitrola um e dois (extensão), ambas unidades eram simples e administradas com dedicação e atenção por parte das pessoas que trabalhavam no bar e extensão, comida simples e boa, bebidas e espaço ótimo para quem curte Heavy Metal frequentar. De fora da casa para dentro da casa, as pessoas podiam perceber que se tratava de um bar voltada para temática rock/Metal, predominantemente. É claro que o bar tinha o lance de ser alternativo também para conseguir atrair pessoas de outros estilos como indie, MPB, mas a marca do bar era o rock e Metal. Os Headbangers trajados ocupavam a calçada do bar para beber, fumar ou conversar entre os intervalos dos eventos, de longe dava para se ver a galera marcando o nosso território, apesar de vez e outra se observar alguns otários participando de nosso espaço (Antônio, entrevista, 2024).

Com isso, observa-se como os selves de um adepto do underground aparecem e

percebem os espaços de formas diferentes: espaços públicos marcados por classe, espaços em que não se cogita a participação e espaços em que eles podem se realizar e se apresentar por completo. Essa percepção sobre o espaço pelo adepto define o custo relacionado a apresentar ou não seu estilo de vida e o impacto que a revelação de seu "estilo desviante" pode causar. Nos locais públicos, eram aqueles em que o adepto pode ser identificado pelos transeuntes ou responsáveis por estabelecimentos; a presença Headbanger nesses espaços pode ser identificada rapidamente.

Em locais considerados pelo grupo como proibidos, eles não se sentem bem recebidos e sentem pressão social para sair do espaço ou eram convidados "gentilmente" a saírem do espaço; quando isso não acontece, eram vigiados por câmaras e seguranças de estabelecimentos e igrejas. Nos pedaços dos shows, os espaços de abrigo e refúgio, o adepto pode se preservar e não ser considerado um "amoral" por aqueles que frequentam o mesmo local – podendo realizar práticas contingenciais, serem prestigiados e conhecidos pelos seus pares. O desejo libidinal de ir aos espaços está relacionado à importância de apresentar ou não apresentar a identificação desviante; em cada espaço interacional desses descritos, afetam de modos diferentes a identificação do adepto do Heavy Metal. O constrangimento ou a vergonha de ser identificado por algumas pessoas incidentalmente depende da situação e das pessoas com que o adepto produz interação[100].

Essa apresentação de selves em cada contexto interacional apresenta efeitos aos adeptos que afetam suas identificações. Os relatos dos adeptos destacam pressões e desafios aos que escondem seu estilo de vida, especialmente porque o ato de esconder algo que se tem apreço social ou valor sentimental devido a fatores externos. Isso mostra o peso dos valores morais atuantes para fazer com que os indivíduos mantenham seus comportamentos de acordo com o que foi estabelecido e esperado para suas posições sociais na estrutura social. Os relatos dos adeptos, "estoque de conhecimento", lembram ao grupo que suas práticas são tidas como amorais e que a sociedade cotidianamente busca desencorajar os desvios sociais e encorajando a moral coletiva (Schutz, 1979) [101].

[100] A emoção conhecida pela categoria vergonha é fundamental para a sociabilidade dos indivíduos. Para Scheff, as interações modificam o *Self* do indivíduo e a vergonha é um dos responsáveis por essa mudança. Segundo Barbosa (2013, p. 634) como crítico de Scheff, sinalizou que a vergonha participa do conjunto de emoções positivas e negativas que possuem funções sociais, "a vergonha implica um ver a si mesmo do ponto de vista dos outros". Pois, a estrutura da personalidade e a estrutura social mantêm uma relação de interdependência ao assegurar a dimensão emocional e relacional do processo histórico.

[101] Todo indivíduo possui um estoque de conhecimento que pode ser utilizado como forma de compreensão de suas experiências passadas, presentes e até antecipar futuras, com o qual o portador tem sua história singular em mãos. Segundo Schutz (1979), isso só foi possível devido às atividades constituídas na vida social devido às experiências na consciência dos seres sociais e que se tornou um conhecimento regular no cotidiano.

O adepto que busca não assumir a identificação publicamente pode ir de encontro com situações incidentais que reforçam o preconceito sobre seu estilo estético e moral. Tem-se o exemplo, do adepto que tenta explicar a presença e associação de Lúcifer ao Metal para alguém de sua estima, pode ter de explicar particularidades não previstas e que provavelmente são incompreensíveis para alguém de fora, como apareceu num dos relatos dos interlocutores anteriormente. Não obstante, a pressão social da situação pode levar ao indivíduo a tentar desfazer o constrangimento daí gerado, criando mentiras para sair da situação constrangedora, o que pode ampliar a incompreensão e gerar um clímax desconfortável para os envolvidos.

É interessante destacar que se o adepto esconde muito que é adepto do grupo, a unidade de filiação pode considerar esse ele como um poser que vive a utilização da identificação ao bel-prazer. Se ele tenta deixar a identificação oculta devido à crítico ao status quo, ele passa, sem querer, a impressão de que há algo fora do lugar. Na pesquisa de campo, observou-se que um indivíduo iniciante pode tentar passar boa impressão e se enganar ao afirmar que tudo era Heavy Metal, como pode um iniciante dissimular que já é um iniciado e pecar em curtir todas as músicas, e que isso depende de show para show conforme as bandas cotadas para a apresentação; já um iniciado (experiente) consegue identificar a lógica da interação.

No caso do Headbanger já iniciado, quando ele está em estado de copresença com citadinos, ele pode tentar parecer educado e gentil, mas carregar um símbolo "antimoral" em sua camisa de banda. Esses são alguns esforços regulares de uma identificação desviante e com que os adeptos do estilo estejam conscientes acerca do que os demais pensam sobre sua vida. O que pode mudar significativamente quando os citadinos descobrem a realidade desviante do Headbanger; ele passava a ser tratado diferente. Os adeptos parecem não preocupados com quem sabe ou não sobre seu estilo de vida, mas isso pode ser considerado um empecilho quando amigos e pessoas próximas sabem do desvio oculto (passado manchado ou no presente) e outros desconhecem as práticas; como quando eram associados à maldade por andarem vestidos de preto; como quando eram associados a vagabundos que não desejavam trabalhar, atribuindo aos adeptos uma má interpretação. Segundo os relatos dos adeptos, isso gerou inimizades (internas) e fofocas, de modo que aqueles adeptos que sabem de algo que estava escondido por parte de outro adepto podem usar a seu favor e diminuir a imagem do outro.

A experimentação por parte dos adeptos parece algo incontornável, pois muitos adeptos relatam experiências de preconceito com seu estilo de vida e, com isso, alguns adeptos consideram esconder sua identificação em determinadas situações, mas isso pode surgir em algum contexto de interação dos Headbangers não planejados;

> Em situações de reuniões ou confraternizações de família, eu sempre evitava falar, porque era nesse momento em que mais havia hipocrisia, em que muita gente tenta ser moralista, mas aí é onde rola hipocrisia. Como eu sempre falava a real, nunca escutei calado porque sempre pisaram em mim desde pequeno e depois que me assumi do Metal parece que as coisas ampliaram, então, prefiro ficar calado e não falar nem quando sou chamado. Acontece que somos motivos de piadas e escarnio de muitos, ainda acredito que pode existir pessoas boas, e quando não aguentamos mais a pressão para se encaixar no meio da hipocrisia da sociedade, somos os ruins da história (Esteves, entrevista, 2024).

Aqueles indivíduos considerados porra loucas podem borrar os limites da identificação, pois eles podem exagerar na forma de identificação e expor a todos em situações constrangedoras e involuntárias. Ele pode bater cabeça publicamente, pode cantar gutural em frente de desconhecidos, pode beber até cair e xingar quem lhe perturbe, o que era visto como um desserviço ao grupo, porque tais práticas eram realizadas em ocasiões do grupo. Segundo o eles, a prática do porra louca atribui o descredito já imputado pela sociedade aos adeptos – no entanto, isso pode ser aliviado considerando se a porra louca for um iniciante ou esteja sob efeitos de alucinógenos ou bebidas. O grupo adverte aos seus adeptos que seus princípios para evitar situações embaraçosas e que todos podem em alguma medida socializar suas situações de experiências negativas.

Aquele adepto que guarda sua identificação pode ser coagido pelos outros a se revelar, o que pressiona as relações quando a unidade descobre tal prática e as mentiras expostas para todos. Os amigos e pessoas próximas podem questionar o adepto sobre suas práticas (isso pode acontecer também internamente nas relações da unidade):

> Quando eu estava começando no rock/Metal eu tive a oportunidade de conhecer a música pelo meu irmão, mas outro irmão fez certa vez me pressionou a ir a igreja com ele, eu era adolescente, estava iniciando, que isso fique claro. Eu lembro de ter aceitado o pedido dele e fui bestamente para o culto, vestido de preto com toda a simbologia do rock e Metal, camisa preta de banda, o cabelo estava crescendo, pulseiras de caveira e corretes. Para que eu fui? Chegando lá eu fui constrangido repetidas vezes, por crentes a converter-me e chamado para ir a frente do palco (espetáculo) (risos), eu fui devido a pressão que sofri de todo mundo. Mas eu senti muita vergonha, porque eu estava sendo forçado a fazer uma coisa que eu não queria. Depois disso, eu avisei ao meu irmão que nunca mais iria comparecer na igreja e que não gostei da atitude dele, foi humilhante ser convidado daquela forma, todo mundo olhando para você, fazendo com que eu revelasse meus pecados roqueiros publicamente, só queria desaparecer dali (Esteves, entrevista, 2024).

A participação efetiva dos adeptos comprometidos com o estilo de vida pode mostrar os desafios da identificação. Porque as formas usadas pelos adeptos do Heavy Metal nas interações para preservar sua identificação podem ser verificáveis quando as pessoas próximas ou amigos que sabem sobre suas práticas Headbangers. Quando alguém que conhece o Metal

e o comportamento dos adeptos se aproxima de um adepto pode causar sentimento de alegria nele, porque ser reconhecido por alguém de fora seria considerado um ponto fora da curva. Agora, quando há reconhecimento inesperado pode gerar um misto de emoções como ansiedade, constrangimento pelo fato de ser identificado como alguém amoral.

Daí surge o envolvimento e o distanciamento quando os adeptos tentam não serem identificáveis ao interagirem com seus pares. O estilo de vida Headbanger possui caracteres de desvios e, em determinados contextos, os adeptos preferem não se mostrarem enquanto tais, pois preferem que seus pares assim também o façam em ocasiões particulares – prática de quase seita. Por exemplo, um adepto sente-se incomodado quando outro adepto exacerba os gestos e caretas e fala abertamente sobre luciferianismo, nos eventos para querer demonstrar técnica e diferenciação musical na execução de suas apresentações. A prática demasiada pode afetar a illusion de irmandade e aumentar os estereótipos imputados que ameaça a unidade; eles tendem a defender a unidade e não afetarem as relações um do outro, seguindo os papéis internamente e sem denunciar o outro ao ostracismo.

O processo de individualização evidencia que as interações proporcionam aos adeptos níveis de intimidade estabelecida e, na medida em que eles passam a conviver juntos, é maior a chance dos envolvidos nesse processo conhecerem mais um sobre o outro. Sennett (2014) argumentou que a intimidade perdeu suas forças, pois tal aspecto da vida íntima não tem sido parado na dimensão privada em que os indivíduos investem de si, mas sim, tendem a buscar o equilíbrio íntimo e rotineiro. A vida pública no contexto, inclusive por meio das tecnologias da informação e redes sociais, tem possibilitado a deterioração de aspectos íntimos que tendem a manter o interesse real e sincero nas interações face a face. E essas relações possuidoras de intimidade se modificam na medida em que os envolvidos vão revelando fatos que estavam escondidos na interação. Porque os indivíduos não trocam informação como antes com relativa proximidade e laços comunais. O que na atualidade digital essa troca informação ou compartilhamento da intimidade sobre suas vidas parece ambígua, controversa as relações pautadas em confiabilidade mútua.

Depois que os adeptos falam sobre si abertamente, o adepto passava para uma posição desconsiderada por ocultar tais informações. Mesmo em momento de contato repentino, os adeptos podiam ser desconsiderados, como ser questionado por um evangélico sobre conhecer a palavra sagrada e ser tachado que tal fato era “improvável”, como relatou um dos adeptos. Alguns adeptos com que estabelecemos contato informaram que antes o preconceito era forte sobre suas vidas pelo fato de que eram jovens e “não sabiam” o que queriam para a vida. Tipo de discurso geracional que marca a vida de muitos adeptos da cena campinense, aparecendo

nos relatos de Felipe, Esteves e Antônio como forma explicativa dada pelo social de que a vida só era boa para ser vivida dentro de seus limites. Pois agora, esses indivíduos estando mais velhos, asseguram que o preconceito ganha novos contornos, pois não são mais jovens como antes e não podem errar; suas escolhas decidem seus caminhos e futuros e nada pode atrapalhar, nem sua identificação.

Com isso, foi possível identificar que os indivíduos associados ao Heavy Metal sofrem com um conjunto de emoções que perpassam os seus corpos devido à pressão moral e coerção social. No entanto, primeiro, para o adepto isso não significa que eles estavam sempre nesse estado emocional; isso não condiz com a realidade de todos os adeptos campinenses; apesar da pressão dos empreendedores morais da cidade e de seus reprodutores, os adeptos nem sempre estão emocionalmente afetados por essas pressões externas.

Segundo, essa tensão gerada e autogerada que leva o adepto a sentir essas emoções nos momentos de encontros sociais conduz a fragmentar a postura dele frente ao mundo ou impacta sua concepção de mundo; o adepto podia se ver enquanto envolvido ao grupo Headbanger de modo leal e honroso e a sociedade de onde era proveniente. Isso pressiona as emoções (ansiedade e medo) sob o adepto que se vê obrigado a escolher um lado, especialmente quando eles precisam estabelecer contato com o outro em contextos desfavoráveis que desmoralizam suas práticas. Por exemplo, há adeptos que não saem de suas casas à procura de emprego com camisa de bandas ou com indumentárias para evitar uma discriminação prévia e não conseguir emprego; há adeptos que podem trabalhar com conservadores e escutar discursos preconceituosos a seu estilo de vida sem reagir, devido os adeptos precisarem do trabalho, mesmo sentindo um fardo de emoções corroendo internamente seu corpo, como afirmou o adepto:

> Certa vez, eu contei para um senhor empreendedor de perto da minha casa que estava procurando emprego, ele contou que eu não iria conseguir da forma que estava vestido e que podia pedir ajuda a alguém na empresa Alpargatas para conseguir um emprego, mas ele só faria isso com uma condição, que eu mudasse completamente, cabelo, roupas e crença em Deus, aí sim acionaria pessoas de dentro da empresa que poderia me ajudar a conseguir um emprego por lá. Em outro momento, eu fui indicado por um familiar a me dirigir a casa de uma dirigente de igreja para deixar um currículo para também trabalhar na Alpargatas, essa pessoa na época era gerente de qualidade na empresa, algo assim, sei que estava numa posição de destaque, o familiar na ocasião disse que era para eu ir , quando chegasse lá e se fosse questionado que era da família cristã tal de tal denominação, sendo que eu não era nada daquilo, só queria um emprego e não me submeter, no final eu não fiz nada do que falaram, fiquei sem emprego, mas sou quem sou (Esteves, entrevista, 2024).

Terceiro, o adepto devia manter a atenção nas interações sociais que os outros

conduzem enquanto sem importância. O ordinário da vida social pode variar de indivíduo para indivíduo; por exemplo: o que pode ser considerado brincadeira num contexto social pode ser considerado uma ofensa em outro contexto, especialmente para aqueles indivíduos que sofrem por suas escolhas e estilo de vida considerados amorais à sociedade. Isso pode ser entendido para os Headbangers enquanto um problema que não se finda com experiência e convivência anteriores junto a pessoas que caçoam ou tiram sarro por causa de seu estilo, até porque nas experiências podem surgir novos fatos que modificam a forma que se experimenta os momentos juntos. O Headbanger precisava estar atento aos espaços de interação, deixando o desatento às atividades junto àqueles amigos ou próximos de seu círculo social.

Felipe relatou que quando esteve na universidade gostava de sentar na praça de alimentação para esperar as aulas iniciarem e bater papo com amigos Headbangers que estudavam por lá. Ele informou que numa dessas ocasiões, um grupo de evangélicos tentou constrangê-lo e seus amigos enquanto eles conversavam. Ele comentou que eles chegaram querendo evangelizá-los – sem mesmo saber se eles tinham alguma religião ou não, mas na realidade estava querendo desfazer a crença deles, discutindo que o ateísmo não era uma possibilidade e que havia argumentos até científicos que era provável a existência de um deus. Felipe argumentou que tentava concordar com tudo que o evangélico dizia para tentar fazê-lo ir embora, porque já estava um clima chato e desagradável a tentativa de conversão. O adepto disse que tudo que o evangélico universitário lhe dizia, ele confirmava tudo o queria dito, como estivesse sendo convencido e levado para o lado cristão para esconder sua descrença na religião e disfarçar os problemas gerados por esta na contemporaneidade.

O adepto Felipe afirmava que tinha dificuldade de mostrar para o seu pai (profissional da saúde, medicina) que era Headbanger, porque isso não se vê acontecendo com muita frequência na classe média alta. Enquanto seus familiares estavam trabalhando em profissões de destaque na sociedade, Felipe resolveu fazer um curso nas humanidades para ajudar o seu pai, diferente de seus irmãos que seguiram o pai. Esse adepto relatava que seu pai era uma pessoa de difícil entendimento, pois ele era alguém embebido de orgulho e ego, o que dificultaria a aproximação – Felipe passou uma época distante do pai justamente pelo fato de considerar que seu pai era um egoísta e como forma de não querer parecer com ele, escolheu fazer outro curso que não na área da saúde. Após anos de insistência, Felipe conseguiu estabelecer contato com seu pai e demonstrando que seu estilo não poderia ser um fator para tensionar as relações entre pai e filho. Mas Felipe evitava ser uma pessoa, classificada por ele mesmo de “chata”, procurava se comportar nos momentos de interações no núcleo familiar. Diferente de Felipe, outros adeptos de outra classe social não somente ignoram o que as pessoas

pensavam como reiteradas vezes desafiavam a autoridade familiar, se comportando como Headbanger, agindo de forma "naturalizada".

Os Headbangers mostram um comportamento considerado "adequado" para minimizar a hipertrofia das relações; os adeptos são atentos às situações sociais, eles se ajustam para evitar clímax. A mudança de comportamento pode ajudar a manter as emoções, ordem e continuação da interação. O ajuste no comportamento ao "adequado" da sociedade pode gerar emoções como estresse, ansiedade e aversão aos adeptos contextualmente, num esforço de autocontrole para manter a ordem da interação, mesmo que isso gere a eles custos objetivos e subjetivos.

Goffman (1963), Becker (2009) e Velho (1974) destacaram que os desviantes precisam, nos momentos de interação, de autocontrole sobre suas emoções no espaço e no tempo para operar suas práticas. Os indivíduos precisam ainda de espaços em que possam dar vazão ou extravasar essas emoções e serem eles mesmos[102]. Além disso, a observação de pesquisa destacou que os filhos e filhas dos adeptos podem ir de encontro aos desafios cotidianos, porque os adeptos (pai ou mãe) educam seus filhos em casa sem considerar que o estilo de vida era compreendido como inapropriado pela sociedade.

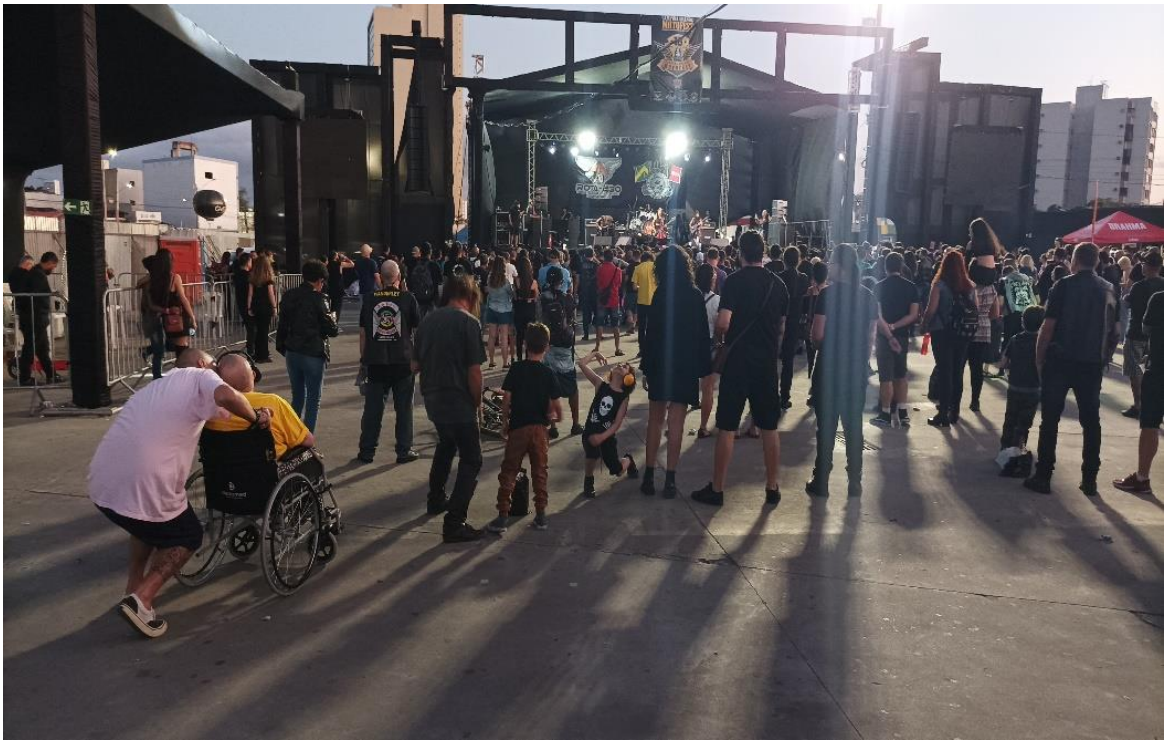
Quando a criança sai de casa e entra em outras formas de socialização como da escola, os valores dominantes podem ajudar aos citadinos e coleguinhas de classe a identificar sua estética amoral (por exemplo: indumentária). Em relação ao modo de criação da criança, observou-se que os pais informam as crianças que a estética não constitui um problema e que não podem se diminuir por causa do estilo adotado para si, o que possibilita a criança enfrentar a vida do ponto de vista do grupo de forma autocontrolada. Como aconteceu no evento Motofest de 2023 em Campina Grande, em que a banda Crypta (banda paulistana formada por mulheres e reconhecidas internacionalmente) tocou[103]. Na ocasião, dois pais de famílias distintas brincavam com os filhos fazendo poses e caretas, correndo e batendo cabeça juntos, no qual pai e filho compartilhavam a emoção da música e a imitação sem temer os julgamentos

[102] Elias (1992), analisando as práticas de lazer e esporte, verificou o papel fundamental das emoções na constituição dessas atividades sociais. O aspecto emocional nas sociedades que são diferenciadas e heterogêneas, distantes de momentos de tempo livre, revelam atividades que os indivíduos realizam para possuírem seu momento fora do negócio. Por meio dessa esteira do pesquisador, a prática ou momento de shows são considerados como meios de dirimir os controles das emoções de modo positivo. Esses momentos permitem aos adeptos do Metal, por exemplo, liberar suas tensões por meio da imitação e extravasamento do corpo, fatores preponderantes a liberar excitação, clímax e momentos de êxtase como participar de um show, bater cabeça, participar de circle pit (termo conhecido também por rodinha punk) ou mosh pit (ato de saltar do palco aos braços da audiência). Elias apontou que as imitações e gozo nos contextos de lazer, ausenta temporalmente os sentidos de culpa dos atos desenvolvidos (como para uma parte da sociedade entende que bater cabeça é algo inapropriado e vergonhoso) permite aos indivíduos liberar as tensões laborais (como estresse e ansiedade), elementos característicos da vida cotidiana capitalista na contemporaneidade.

[103] Para assistir ao show completo desse momento, o leitor pode acessar o seguinte link abaixo que foi gravado pela guitarrista da banda Jessica Di Falchi: https://www.youtube.com/watch?v=xtjV1pP_La4&t=118s

de desconhecidos e curiosos visitantes do evento.

Figura 5. Pais e crianças no Motofest.



Fonte: arquivo próprio, 2023.

Figuracionalmente, toda criança é individualizada em contextos sociais que a permitem reproduzir os padrões estabelecidos por outras gerações, na forma de ver, sentir e agir em coletivo, como pode levar a criança também a reproduzir preconceitos invisíveis provenientes do contexto em que vivem e forma ensinadas. Tem-se observado em pesquisa que os pais procuram socializar as crianças nos eventos como forma de fazer com que a criança passe a incorporação e "naturalizar" o ambiente, a música e as pessoas que participam dos eventos, de modo a criar confiança sobre o que gosta de ser.

*

Com base no que foi apresentado do campo anteriormente, foi possível explicar as diferentes formas de apresentação dos Headbangers em situações e espaços sociais, o que só foi realizável ao considerar as diversas facetas da vida ordinária – quando o adepto fica em sua casa, passeia na cidade e quando vai procurar trabalho. A dimensão ordinária daqueles que fazem o grupo foi importante porque revela a posição e por quais espaços os adeptos transitam além dos espaços do Metal. Para os Headbangers que se "comportam", tornou-se fecundo

adentrar nessa dimensão e entender as limitações imputadas para serem aceitos; e para aqueles adeptos que "não se comportam", as formas de se apresentar eram estas formas de proteger e defender sua identificação. Por exemplo, o indivíduo que inicia no estilo de vida tinha que sustentar sua identificação, mesmo em situações intensas, para conseguir aceitação de pais, parentes e amigos. Entretanto, em outros locais, esse indivíduo tinha que ter jogo de cintura para lidar com o tratamento daqueles que não conheciam ou com aqueles que eram conhecidos de amigos.

As formas de proteção e defesa de alguns adeptos eram dissimular um comportamento adequado, demonstrar adesão à sociedade e evitar os símbolos amorais do grupo. Quando o adepto entra no grupo, há uma tendência de ele experimentar as práticas de formas diversas e se encapsular do mundo; uma forma de realizar isso era a autoatribuição de pseudônimos com que o indivíduo podia utilizar nos shows, redes sociais e em banda – uma forma de tentar desassociar o seu passado fora da unidade.

> Na cidade, eu fiz muito amigos no Metal, sempre trocávamos revistas sobre o Metal, a gente estudava o material, literalmente, categorizava e analisava banda por banda, o que me chamava atenção era os nomes dos músicos que eram diferentes devido a nacionalidade e devido a proposta da banda, nome como tentativa de soar brutal e malvado, eu sempre achei isso interessante, porque isso envolve o subgênero musical e tudo mais. Como eu via que tinha uma galera na no FaceBook que também usava, já na época final do Orkut também, eu procurei utilizar também, eu gostava de usar porque me sentia bem usando. Mas eu mudava tinha hora que usava um e usava outro, acho que estava relacionado ao estado emocional, ainda hoje uso, porque também estava relacionado a uma forma de evitar contato com familiares e pessoas chatas que conhecia, pessoas que me zoava e depois queria me adicionar nas redes sociais, então, eu não via razão para dá motivo para gente assim me adicionar. eu mudava de nome com frequência por causa disso também, não suporto gente falsa e ainda mais que deseja fazer o que faz e sai imune. Eu tenho amigos que pensa o mesmo sobre isso, eles pegaram um ranço tão grande dessa gente que coloca nome de demônios ou brutais para ninguém adicionar, quem adicionaria uma sugestão de amizade "Lúcifer Diabólicos", "Lord Belial", "Lord Destruction" e "Belzebul" em suas redes sociais (Risos) só os Headbangers mesmo para criar uma parada dessas, parece nome de banda, mas pode ser usada por Headbangers, claro que outros podem colocar outros nomes nada impede (Esteves, entrevista, 2024).

Tem surgido recentemente acerca da indumentária do Heavy Metal uma variação na cor, especialmente a partir da maior presença de mulheres no Metal e que aos poucos tem se tornado protagonistas da cena também. Elas trouxeram, artes (desenhos) para as camisas de outra forma, como Baphomet rosa, mulheres portando símbolos "amorais", camisas roxa, rosa, vermelha e bege, como apareceu na Eskrota quando tocou na cidade e na banda Crypta – destoando o padrão de cores no grupo preto e branco para indumentárias. Mas esse pequeno ajuste não retirou da centralidade os aspectos "amorais" da socialização de produtos no underground. Se a cor preta da indumentária representa uma mortificação para com o mundo

e outras representam negatividade no senso aparente de realidade da sociedade. Essas novas formas de apresentação de indumentária "suavizam" os preconceitos de pessoas que andavam totalmente de preto – isso pode revelar desafios internos. Afinal o grupo se pauta em práticas de masculinidade, o que pode demonstrar resistência para alguns de uma geração antiga e considerar tais indumentárias como símbolo feminino e de não masculinidade. No entanto, isso pode ajudar no comportamento "adequado" e permitir o uso de peças sem gerar clímax demasiados[104], podendo serem utilizados no cotidiano.

O comportamento adequado do Headbanger pode ser operado com outras formas de se proteger e defender. Como a situação a seguir registrada no caderno de campo no percurso de pesquisa na cidade de Campina Grande. Alguns Headbangers caminhavam pelo bairro da zona Sul, espaço pelo bairro como escolas estaduais ou praças públicas, como forma de identificar outros adeptos nesses espaços e conversar. Mas numa dessas, os adeptos comentaram que encontraram Marcelo num local de lazer próximo de uma escola na zona Sul da cidade. Ao avistarem o Marcelo, teceram comentários sobre sua postura adotada, informando que ele iria fazer exame de fezes e por isso estava vestido todo de preto; ao chegarem no espaço em que Marcelo estava, questionaram a ele o porquê de ele estar descaracterizado. Marcelo havia afirmado em resposta que tinha ido ao médico com sua mãe, mas que isso não o tornava alguém "normal"; nesse momento, Marcelo apresentou seu celular com diversos álbuns de bandas com que intima audição com as canções e uma prova "escondida" de que o Metal habita nele – assim como Marcelo e outros adeptos, acreditam que essa prática é uma forma de estar à paisana em determinados contextos e não serem julgados e identificados.

A situação descrita mostra o esforço do adepto para se encaixar nos pedidos da mãe e do grupo ao qual está vinculado. Marcelo era entendido no grupo como a pessoa que mais incarnou o papel de adepto, aquela que se encaixou no papel esperado de tal forma que os adeptos o entendem quase como um "louco" do Metal. Com isso, pode-se perceber o esforço dele em estar naquela situação com seus amigos do underground, autocontrolando suas emoções e desejos íntimos de estilo de vida para agradar a outros. Este comportamento "adequado" funciona como um dos selves que o adepto deve mobilizar para manter sua identificação.

Adeptos que saem do Metal para entrar em instituições religiosas, como igrejas, e depois retornam ao grupo desenvolvem formas singulares de adequação à interação com seus pares – como o peso que a ideologia religiosa continua a exercer sobre seus selves mesmo fora

[104] As revistas especializadas em Heavy Metal mostram sempre uma estética voltada para o preto e branco, mas com maior predomínio ao preto.

dos espaços sagrados. Para o grupo, eles se mostram mais críticos da religião e mais comprometidos com suas práticas (participando com assiduidade dos eventos, valorizando a cena e bandas como forma de demonstração de apoio). Em alguns casos acompanhados, o grupo considera que esse adepto se adequou rapidamente e pode retornar à religião na mesma velocidade. Mas ele trabalha sua adequação para ocultar do grupo e da sociedade seus desvios, seja nos momentos dos shows ou nos momentos cotidianos – os especialistas do grupo que acompanham os adeptos sabem de desvios internos enquanto outros podem não estar totalmente cientes dos acontecimentos. O retorno de adeptos "manchados" com a religião cristã, demonstra adesão ao grupo para se desassociar social e emocionalmente das igrejas, buscando tocar algum instrumento e talvez montar uma banda, como se não tivesse acontecido nada no passado, e possivelmente, possa ser um adepto reintegrado.

A partir do que foi possível analisar das entrevistas, os adeptos comentam que o comportamento adequado à situação devia ser apresentado de forma que a sociedade espera, não podia ser totalmente amoral. Um exemplo disso foi quando Adriano narrou que seu amigo tentou "suavizar" a situação entre uma senhora evangelizadora e ele na estação de ônibus, em que o amigo dele ainda tentou minimizar o que Adriano havia dito e atribuir o contato de mais respeito e não soar grosseiro – devendo em alguns contextos sair do campo de contato de pessoas que realizam trabalho de evangelização, identificando os evangélicos de longe e saindo do campo de contato para não ser chamado a atenção. Isto é, há casos em que o adepto pode se fazer de distraído ou com atenção focada (por exemplo, no ônibus que espera no terminal) em outra coisa para sair do local para não ser evangelizado, sendo esta uma forma de desviar a atenção do preconceito inculcado ao grupo.

Foi possível perceber que há no grupo uma clareza acerca de como se comportar nos espaços sociais, espaços em que podem ficar à vontade com seu estilo de vida confiantemente e em outros espaços que deve agir de acordo com o contexto que lhe imputa. Nos espaços dos shows na cidade era onde eles se sentiam seguros e bem, eis um pré ritual: à medida em que o adepto se envolve no contato da conversa, ele pode destacar sua predileção à música "pesada", mesmo correndo o risco de não ser entendido; ele pode sustentar aí sua escolha dignamente e honradamente. Os músicos do underground comentam que os adeptos devem se manter firmes em suas posições e não recuar, isto é, que os adeptos sejam eles mesmos independente do contexto social. Pós ritual: segundo seus relatos, no momento em que eles se apresentavam enquanto tais para família e amigos, eles relatam que o preconceito da sociedade pressionava suas emoções e que eles buscavam falar sobre suas práticas compreensivelmente para mostrarem que não eram maus e abomináveis. Isso era uma forma de saber se o outro estava

disposto a sustentar os encontros sociais de modo honesto, porém as novas relações eram evitadas devido às emoções e os riscos se faziam presentes nessas interações.

Cabe salientar que indivíduos que eram considerados no grupo e caírem num tipo de ostracismo, faziam com que esses pudessem manter dentro de um espaço "apropriado" seus interesses. Um indivíduo – do qual não se vai mencionar o nome por questões de privacidade – simpatizante da direita, alugou um espaço que a priori não era destinada à realização de eventos underground na cidade, mas para uma galera de poder aquisitivo elevado; o espaço tem em seu nome um termo em estrangeiro característico e uma estética próxima de pubs europeus. Na medida em que o tempo desenrolava e o proprietário observou a possibilidade de conseguir mais investimento financeiro, abriu para realização de eventos alternativos e underground do Heavy Metal, recebendo os Headbangers e suas críticas ao conservadorismo em sua casa. Sendo um espaço bem localizado para realização de eventos, os Headbangers bebem e fumam sem serem associados a regiões morais, evitando a exposição[105].

Os Headbangers destacavam que as pessoas próximas sustentavam suas escolhas, apoiavam as escolhas dos adeptos em viver o estilo de vida, muitas vezes participando de espaços que possuem contradições a unidade. Alguns familiares e amigos de escola, de trabalho ou de universidade demonstravam maior apoio ao adepto do grupo e demonstravam suporte social e emocional em suas carreiras – há adeptos que namoravam mulheres de fora do grupo e que os apoiavam; os adeptos comentavam que elas não curtiam Metal, mas os apoiavam no Metal. Os produtores de eventos oferecem espaços para jovens e adultos, um local para expressarem suas emoções, contribuindo para que eles despertem o interesse artístico na produção de suas artes musicais.

O trabalho de pesquisa evidenciou que quando um adepto apresenta algum tipo de dificuldade interativa (timidez, receio ou indiferença - como aconteceu com Adriano) e ele queira mostrar deferência sem parecer dissimulação, os outros adeptos o apoiam nesses momentos de dificuldade. O que permite aos adeptos manterem as aparências de bom comportamento, apesar deles se considerarem pessoas normais, o que não condiz com a perspectiva da sociedade campinense.

As pessoas que têm proximidade com os adeptos tinham uma função importante na

[105] O espaço está localizado numa área central do Centro da cidade, com facilidade de chegada e espaço relativamente movimentado por restaurantes e lanchonetes de comidas "tradicionais", italiana e japonesa, como por algumas farmácias. Durante o dia, a rua é movimentada devido aos serviços comerciais e a centralidade que a mesma ocupa como pórtico capaz de levar os citadinos a partes diferentes do centro da cidade. Conforme outras situações de pesquisa em outras partes da cidade, esse estabelecimento não sofreu batidas de policiais com frequência; ao menos, isso não foi verificado nos eventos de Heavy Metal, embora em outros locais isso tenha sido observado. No London, a polícia passava e olhava e seguia o seu curso.

contribuição para se manter a interação ou conversação, pois essas pessoas podiam ir além da dinâmica em que o Headbanger se observava envolvido; como essas não eram inteiramente envolvidas no mundo do Heavy Metal, elas podiam transitar com algum grau de fluidez entre os insiders e outsiders. As pessoas próximas criam uma película de proteção e que transmite uma "aceitação" aos Headbangers para que eles possam se compreender como "normais". Como essas pessoas transitam entre os mundos, elas tinham um conhecimento sobre os diferentes tratamentos e problemas atribuídos, no contexto de pesquisa, aos Headbangers. Com isso, as/os "próximos" se solidarizam com os adeptos e sentem um pouco do drama na vida dos Headbangers campinenses.

Quando o Headbanger compartilhava sua vida com outras pessoas que não eram envolvidas com a cena underground, eles confiavam nessas pessoas para mostrar que seu comportamento não era inadequado e receber apoio das mesmas nos momentos de encontros na cidade. Por exemplo, observou-se nos pubs/bares dos Headbangers em Campina Grande, como London Pub, Pub 68 e The Pub, os adeptos se comunicavam por trocas de olhares ou pequenos toques no braço para comunicar algo ou alguém no pedaço[106] (como Felipe fazia para comunicar a presença dos whites e ainda dar detalhes sobre esses) ao amigo próximo na situação, fato que nem todos presentes podiam notar facilmente. Essa forma de contato contribui para se manter os laços de confiança e evitar ser incompreendido.

Assim como os indivíduos próximos do grupo, os Headbangers que se conheciam dos eventos em contato imediato demonstravam suporte uns aos outros para manterem sua identificação enquanto tais e imprimindo, como eles se projetam, distanciamento da sociedade. Os adeptos que se conheciam desses espaços regularmente cumprimentavam-se publicamente, mostrando que se conheciam e se identificavam de outros contextos sociais – claro que os Headbangers podiam evitar contatos prolongados na urbe com porras loucas e posers (indivíduos conhecidos por mostrar o lado estigmatizado do Metal) para controlar e gerir os encontros.

Há uma discrição na forma de tratamento entre os adeptos que precisa ser mantida; por isso, os posers e porras loucas eram considerados imprevisíveis e podendo exacerbar os papéis

[106] Moraes (2014, p. 83) em sua pesquisa sobre a dádiva no circuito paulistano mostrou que as casas de shows e bares serviam como "oportunidade para encontrar os amigos, as rodas se formam, muita cerveja é consumida, pois ao lado da Fofo (para os mais íntimos). São ouvidas risadas e é ali que muitas histórias são contadas". Espaço em que era possível ainda "escutar muitas declarações de amizade e camaradagem feitas em voz alta, com braços nos ombros". Tobias (2019, p. 118) ao analisar os espaços alternativos do Rock/Metal em Pernambuco arguiu que esses locais possuem uma diversidade de indivíduos, como um "ponto de negociação interna e de demonstrações subjetivas de poder, é fundamental para uma espécie de autoidentificação coletiva dentro de um grau de expectativa". Espaço que apresenta suas idiossincrasias e profusão de expectativas esperadas aos seus transeuntes, como demonstram as pesquisas mencionadas, acerca de sua identificação enquanto tal.

dos adeptos, algo que não era bem quisto de se presenciar, especialmente fora do pedaço. Foi observado que eles reagiam a isso com indiferença e algumas vezes com animosidade para proteger a identificação e evitar exposição;

> Recordo de alguns momentos que passei com alguns conhecidos dos meus irmãos, eles eram amigos de bairros, sabe. Toda vez que eu passava numa rua principal próximo da minha casa, esses conhecidos do meu irmão estavam na esquina, conversando em grupo e toda vez que eu passava por eles, eles me apelidavam de todo tipo de nome dos quais eu prefiro não mencionar. Eles podiam tá me zoando apenas, mas eu tava de saco cheio disso, e então, teve um momento em que eu passei e xinguei eles, corri para casa e fiquei na outra esquina esperando eles me chamarem dos nomes que estavam chamando comigo, eu fiquei segurando várias pedras nas mãos, mas eles não continuaram e pararam de me chamar daquela forma, acho que eles viram que eu estava armado (risos). Esses amigos dos meus irmãos costumavam ser brincalhões, tiradores de onda, mas tudo entre eles sempre era de boa, quando era comigo a coisa era diferente e eu não curtia nenhum pouco. Toda vez que eu passava na avenida e a noite voltado da escola (EJA), eu já sabia que ia ser zoado por eles, tinha dias que pegava outro caminho mais longo só para não bater de frente com eles, eu não gostava disso, até que decidi não fazer mais isso e devolver os insultos sofridos e olhe que eu avisava ao meu irmão o que acontecia, mas nada nunca foi resolvido, depois dessa situação eu não vi mais eles me zoando (Marcelo, entrevista, 2024).

O interlocutor acima mostra que, ao ser abordado por vizinhos e amigos de bairro continuamente com termos pejorativos, reagiu ao encontro temporário com animosidade como forma de preservar sua identificação. A reação foi uma demonstração de que, mesmo tendo um comportamento aparente de “adequação”, pode envolver ajustes e clímax de violência simbólica e física.

Os adeptos que se comportam para ser tolerados e o que não se comportam como a sociedade demanda utilizam estratégias para proteger e defender o grupo como manter a distância e evitar problemas, preconceitos e insultos por causa de seu estilo de vida e os diversos motivos. Quando os adeptos evitam, especialmente os considerados “radicais” pelo próprio grupo, criar laços ou intimidade com terceiros, eles evitam relevar aspectos de sua vida que poucos tem acesso. Para eles manterem as relações distantes diminuem a chance de serem descobertos e incompreendidos – como aconteceu com Helian.

Os adeptos que se comportam para ser tolerados e os que não se comportam como a sociedade demanda a utilização de estratégias para proteger e defender o grupo, como manter a distância e evitar problemas, preconceitos e insultos por causa de seu estilo de vida e os diversos motivos já apresentados. Quando os adeptos evitam, especialmente os considerados “radicais” pelo próprio grupo, criar laços ou intimidade com terceiros, eles evitam revelar aspectos de sua vida. Para eles, manter as relações distantes diminui a chance de serem descobertos e incompreendidos como aconteceu com Adriano e outros;

> Que eu lembre, assim de cabeça… uns quatros caras que se converteram ao cristianismo, fizeram uma mudança radical em suas vidas. Alguns deles, que voltaram para a bagaceira e não para o Metal, comentaram que suas mulheres não deixaram mais eles retornar aos eventos e nem beber socialmente, veja aí que sadio é uma religião para as pessoas, excluíram redes sociais e passaram a não estabelecer contato quando a gente se via na rua. Pode existir alguma coisa aí, mas não creio que seja bom, eles são novas criaturas e não podem mais conversar com a perdição demoníaca (risos), é olhe, esses mesmos eram os caras mais radicais que conheci, depois se tornaram ovelhinhas (risos). Posso dizer que quem está se protegendo é a gente, porque pessoas assim são fáceis de se corromper e fazer merda pelo que se ver, quem ganha são os Headbangers (Esteves, entrevista, 2024).

Se o adepto se aproximar ou se deixar ser aproximado por outro, isso pode permitir que esse tenha conhecimento sobre sua realidade social compreendida como desviante em detalhes. Ao conviver numa sociedade permeada de contradições, informações e inseguranças, o momento de socialização com outro pode ser minorado, dificultando que determinados indivíduos tenham receios em conhecer o outro com maior intimidade. Segundo Giddens (1990, p. 95), a confiança nas outras pessoas parte das possíveis respostas e envolvimento à intimidade: "a fé na integridade de um outro é uma fonte primordial de um sentimento de integridade e autenticidade do eu". Confiar sua intimidade ao outro tem que ser mediada por uma autoavaliação, num conhecimento de si reflexivo na hodiernidade[107]. Viver na cidade de Campina Grande cria uma ligação com a vida dos adeptos, intencionalmente ou não, desejando os adeptos serem percebidos ou não;

> Eu acho muito interessante ter pessoas que gostam de Metal, porque quando eu tinha 15 para 16 anos, eu não conseguia ver ninguém que escutava por aqui, sei lá... quase uma lenda... só eu escutava e mais ninguém escutava, me sentia uma lenda urbana. Tipo eu ia as lojas que vendia camisa, mas não via ninguém lá, eu comprava no camelo, uma loja que só vendia isso, na época né, depois naquelas lojas que vendiam anime, hoje em dia eu compro mais pela internet é mais fácil (Juan, entrevista, 2024).

Alguns adeptos mencionaram que no início de suas carreiras no Metal, desejavam se manter isolados em suas casas, pois quando saíam era motivo de discursos preconceituosos e dentro de casa diminuiria as possibilidades de sua vida se tornar pública.

[107] A intimidade no contexto deve ser entendida por meio daquilo que os indivíduos investem de confiança, pois a possibilidade dessa abertura para vida íntima ser rompida é uma realidade. Porque os laços sociais podem ser atados ou desatados e os indivíduos estabelecerem relações distanciadas quando há uma quebra do esperado – no caso de calúnia ou difamação de um amigo dentro da cena underground, pode colocar determinado indivíduo na penumbra. A possibilidade de um indivíduo oferecer ao outro conhecimento íntimo demanda não esconder nada de sua ciência, o que pode gerar confiança ou certa ansiedade para tornar o outro ciente. Dessa forma, a preocupação e frustração se agarram às relações de confiança no qual devia existir reflexão e apoio recíproco na modernidade. Giddens (1991) apresentou em sua pesquisa sobre a modernidade que as instituições não afetam somente a vida ordinária, afetam também o encaixe e desencaixe de forma dialética as relações e suas construções de intimidade.

De fato, o Headbanger pode muito bem ser ele mesmo independentemente de a sociedade compreender o seu comportamento adequado ou não, o que afeta a percepção dos outros sobre seu estilo de vida diretamente. E quando o adepto faz isso, ele tende a enfrentar situações desconfortáveis de maneira imediata, utilizando estratégias interativas que outros adeptos usam em tais ocasiões. Ao se apresentar enquanto indivíduo associado ao Metal, utilizando indumentárias (predominantemente pretas), bijuterias de "caveira", "cruzes invertidas" e "pentagramas", esses símbolos apresentam o desvio/amoral como característica do grupo e eram utilizados pelos adeptos para sua identificação e adesão ao grupo underground do Heavy Metal. Quando eles aceitam esses símbolos como dimensão importante, tentam se distanciar da sociedade abrangente e incuti-la na sua identificação Headbanger. Os Headbangers, os "guerreiros da causa e do Metal", eram exemplos de como a unidade usava símbolos publicamente para comunicar a adesão ao grupo desviante do underground.

Os adeptos que eram enunciados com os termos destacados anteriormente seguem a prática do grupo; eles usam barbas e cabelos longos, roupas pretas consideradas tradicionais com símbolos amorais e anti-religião para serem reconhecidos pelos outros da unidade. De acordo com alguns interlocutores, o cabelo longo significa honra (respeito); alguns adeptos defendem a ideia de um código "samurai" no sentido de que quanto maior o cabelo, maior seria o respeito à unidade e compromisso com os seus pares. Eles afirmam também que deixar os cabelos longos na sociedade contemporânea era considerado inapropriado para os homens e, por isso, deixar o cabelo longo era um ato de crítica social e distorção dos valores dominantes. Alguns relataram que a sociedade embasa essa perspectiva por meio da Bíblia, que advoga que homens devem possuir cabelos curtos enquanto as mulheres devem sustentar esse carácter como parte de sua construção feminina.

Hecker (2012, p. 8) destacou em sua pesquisa sobre o Heavy Metal em Istanbul: "com meu cabelo comprido, cavanhaque e estilo de vestir, fui recebido como parte da cena", a estética "provou me conquistar respeito e credibilidade"; ele afirmou ainda que, em sua idade de 28 anos, o cabelo longo significava "autenticidade e compromisso com o Metal". Na Turquia, não tinha essa estética voltada para o Metal, e quando surgiram indivíduos compartilhando essa estética (cabelos e barbas compridos, uso de jeans e jaquetas de couro), eram considerados um "comportamento desviante" e foram percebidos por muitos como uma provocação e uma ameaça aos valores morais" (Hecker, 2012, p. 30). De acordo com a sociedade, a inversão de valores de homens e mulheres era considerada pecaminosa e reprodutora da vontade do "inimigo". No Metal, o cabelo e as roupas eram considerados padronizados (com determinados ajustes) e ajudam a identificar os Headbangers, assim como

contribuem para distanciar os considerados indesejados. A apresentação dos Headbangers revela sua identificação social e, segundo o que eles contam em campo, transforma o preconceito em seu símbolo de maior orgulho.

Para os adeptos, os símbolos de identificação dos Headbangers deviam ser visíveis e, em determinado contexto, existia uma etiqueta de apresentação. Exemplos destacados internamente disso eram quando um "porra louca" com seu desajuste agisse como a sociedade imagina na frente dos outros e revelasse que o preconceito tinha fundamento empírico, isto é, aquilo que a sociedade pensa sobre os Headbangers era uma verdade. Ocasionalmente, o adepto se apresenta enquanto tal em situações em que as possibilidades de ser constrangido eram diminuídas; ao perceber que algum indivíduo simpatiza com a música rock ou Metal. Ele pode ir introduzindo sua identificação de maneira controlada e respeitosa, demonstrando conhecimento sobre esse tema musical, afirmando "conheço essa banda, já escutei muito".

O processo de individualização ensina ao adepto (seja ele audiência ou músico da cena) ter jogo de cintura para lidar com a imputação de desviantes e amorais em suas trajetórias morais. No underground, os adeptos entendem que sua identificação não constitui um problema e muito menos pretendem se comportar de maneira adequada como a sociedade espera que eles façam. Depois de um longo processo de individualização em que o adepto vai se descobrindo, eles sentem, em determinados contextos, que seja importante se comportar adequadamente e só depois, em outro momento, não se preocupar com isso e se apresentar da forma desejada. As etapas do processo revelam isso nas histórias de vida dos adeptos enquanto um estado social que revela aceitação e equilíbrio social fundamentados nas vidas desses indivíduos associados ao Heavy Metal campinense.

Algumas observações finais precisam ser destacadas antes de terminar este capítulo. Os interlocutores e os momentos de observação participante destacaram que os adeptos que vivem o estilo de vida de modo adequado em relação ao grupo usavam da habilidade social para agenciar as interações e os momentos de clímax; os adeptos que preferem se adaptar às situações sofrem com o recalque de suas emoções e negociá-las. Como se viu – e verá –, os adeptos precisavam de um jogo de cintura para se encaixar nas interações, e essa forma de agir ou não conforme a etiqueta demandado era um fato importante para se entender dessas interações.

Os adeptos podiam realizar essas formas de comportamentos para tentar se encaixar e minorar o clímax que a identificação desviante podia tomar nas interações cotidianas. Aqueles indivíduos que acompanhavam os adeptos (não se identificavam com o estilo musical) tornavam-se cúmplices, com intuito de corroborar com o encaixe e aceitação dos Headbangers

de forma quase “natural”. Isso significa que os adeptos aprenderam a navegar nas ondas das interações e isso podia ser entendido como maneiras desenvolvidas para atuar contextualmente. Por exemplo, os adeptos relatavam que em determinadas situações, eles podiam usar camisas de bandas menos extremas ou usarem camisas pretas apenas como forma de minorar os efeitos dos símbolos transgressivos do grupo. Há adeptos que sustentavam suas apresentações cotidianas como Headbanger, como forma de demonstrar envolvimento completo ao grupo, mas faziam concessões em algumas situações – isso ficava claro para alguns contextos, como ir a shows de Metal sinfônico ou gótico para “pegar mulher” ou melhorar como eventos ordinários da cidade.

Essas maneiras de comportamento demandam dos adeptos um esforço para navegar estrategicamente nas interações para se protegerem e se defenderem. Qualquer deslize no momento de interação imediata podia levar ao constrangimento ou falha da transmissão de sinais socialmente aceitos. Fazendo com que o adepto entendesse que a relação em que estava se inserindo servia para minorar o clímax de constantemente desafio aos valores dominantes com símbolos considerados desviantes. Por exemplo, Felipe demonstrou que precisava se comportar para que fosse compreendido por seus familiares, especialmente seus avós, o que revelou que as interações demandavam um bom comportamento para se manter o estabelecido. Esses esforços por parte dos adeptos destacam minúcias das interações que regularmente são essencializadas e que não tinham nenhum efeito acerca da identificação e que aqui estão sendo apresentadas.

Os esforços dos adeptos visavam minorar os efeitos a priori da identificação. Por exemplo, foi relatado por um adepto que sempre evitava escutar suas músicas no volume máximo próximo de pessoas desconhecidas ou de familiares para não envergonhar ou “perturbar os outros”; outros adeptos destacaram algo similar, afirmando que também escutavam música em fones de ouvido para que a atenção das pessoas não fosse direcionada para eles. Felipe argumentava que quando estava à paisana (sem camisa de banda) e escutando Metal, ninguém tirava “onda”, ninguém sabia que ele era Headbanger. Isto é, as interações não se limitam ao bom comportamento ou não dos adeptos associados ao Heavy Metal, mas no autocontrole dos adeptos acerca de como os outros percebem suas identificações. Tendo essa compreensão de si, o adepto em algum grau retira o foco da atenção por estar infringindo uma “norma” social dele mesmo (em vista de seus valores). A partir disso, entendeu-se que tais maneiras de se comportar possibilitam ou tornam toleráveis a convivência, pois se reduz o clímax por profanar o estabelecido, por meio de “envolvimento” com a sociedade.

Desse modo, no underground do Heavy Metal foi possível observar o esforço dos

adeptos em organizar e se portar nos encontros sociais e ordinários. De fato, quando o indivíduo nos encontros sociais rompe o padrão da comunicação, ele modifica a ordem das relações por criar ruídos na comunicação (o que é feito com regularidade pela sociedade). O que demanda dos adeptos associados ao Heavy Metal aprenderem as estruturas das relações para diminuir o desvio como algo não bem-vindo aos encontros. Para o estudo desse grupo "urbano", a conformação pode não ser notável a priori, justamente pelo fato desse elemento conformativo ser "natural ou essencializado" nas relações cotidianas, que se torna não observável.

CAPÍTULO 03: AS POLÍTICAS DE IDENTIFICAÇÕES HEADBANGERS.

Neste capítulo o leitor encontrará um esforço de pesquisa que visa tratar da aproximação entre identificação Headbanger e a vida pessoal mais ampla a partir da realidade de Campina Grande. Analisa-se o sentido que os membros atribuem a sua condição, projetos e caráter que eles venham a conquistar/experimentar como resolução de suas experiências sociais no grupo local (Velho, 1999).

A identificação Headbanger e sua vida além do grupo eram elementos de interesse de outros membros/sociedade em relação a sua identificação com o grupo, o que aí gerava-se "curiosidade" da parte deles para com os membros. A vida pessoal do Headbanger, o interesse e a curiosidade surgem a partir do momento em que o indivíduo deseja se associar ao grupo – depois que ele se insere, esse interesse feito pelos membros do grupo passa a revirar a vida dele antes de ingressar efetivamente, aqueles que mais realizam essas atividades são os membros com que o indivíduo cria laços afetivos; existindo a possibilidade desse indivíduo sair do grupo depois de ser considerado iniciado, os membros continuam comentando sobre a vida desse indivíduo que partiu – e em momentos em que ele mesmo (ingressante) não teve nenhuma emoção a sua identificação Headbanger.

A identificação Headbanger faz parte do Self, de como o indivíduo se identifica e reflete sobre sua vida enquanto tal. Assim quando um membro – seja ele músico ou parte da audiência – utiliza nickname/pseudônimo, esse membro distancia-se da sua vida pessoal mais ampla, fato que muitos Headbangers fazem nas redes sociais ou com nomes artísticos; mesmo quando ele não muda o seu nome civil, mas se assume enquanto Headbanger, ele reforça o sentido de seu Self. De acordo com a pesquisa, o membro constrói seu self por meio de referenciais de outros membros que consolidaram sua identificação Headbanger e em sua vida pessoal, mas a pesquisa revelou também que há relativa autonomia para a construção Headbanger.

A partir dos outros capítulos, percebe-se que a identificação Headbanger permitiu entender a dimensão do preconceito, a vida pessoal possibilitou perceber que há ocultamentos da instância cotidiana para não reforçar o preconceito seja esse interno ou externo ao grupo. Neste capítulo, abordará de que forma o Headbanger experimenta o preconceito e sua habilidade social em lidar com tais aspectos e as informações que ele obtém disso.

i. Se envolvendo e se distanciando

De acordo com a pesquisa realizada ao longo dos anos na cidade, percebeu-se que o

indivíduo Headbanger aprende que a sociedade deseja colocá-lo em um modelo padrão de ser e que não há possibilidade aparente de destoar desse padrão. Surge, então, a necessidade de romper com essa situação, o indivíduo sente o impulso de se diferenciar do grupo estigmatizante ou, em sentido oposto, de se aproximar à sociedade, adotando assim uma identificação que se alinha a um polo ou a outro. Algumas formas de expressão dessa diferenciação ou aproximação já foram apresentadas, mas podem ser resumidas como discrepância entre a identificação e associação ao grupo de Headbangers, apresenta-se a seguir, outras formas de diferenciação.

O grupo Headbanger tem uma tendência sectária e que visa estratificar os seus membros conforme o grau de visibilidade no grupo e coerência de seus valores sociais internos (Douglas, 2007). O Headbanger toma as mesmas posturas que a sociedade toma ao coloca-los em condições marginais, isto é, posturas críticas a si e com a sociedade. Assim, os Headbangers contam que têm dificuldade com indivíduos que transitam os espaços dos shows e não eram Headbangers e os iniciados não se consideram como aqueles realmente consagrados enquanto tal (desinteresse-interessado) (Bourdieu, 2001). Por vezes, em campo, observou-se que os membros criticavam aqueles que não se comportavam como tais, afirmando que alguns membros queriam esconder o que realmente eram para não sentirem vergonha gerados por eles se identificarem com a música "pesada" e crítica. O interagente Felipe Coelho, por exemplo, questionou em diversos momentos os seus amigos de universidade o porquê de eles não estarem vestidos a caráter, já que a camisa de banda é um identificador do grupo e por muitas vezes, ele afirmava que esses membros eram iniciantes e que precisavam ainda aprender com a "vida" Headbanger para não se deixar levar pelos momentos sociais. Isso significava para Felipe Coelho que apesar dos olhares preconceituosos que o Headbanger venha passar na sociedade, ele deveria ser ele mesmo independentemente do local em que estivesse. A produção de associação ou estratificação de seus membros menos "integrados" era marcada quando havia oscilação com sua identificação social com o grupo.

Relaciona-se a estratificação evidenciada em pesquisa questão dos laços sociais tecidos no underground, isto é, se o Headbanger escolhe "bem" aqueles que vai chamar de amigos/amigas ou seus laços afetivos amorosos como namoradas/esposas dentro do grupo ou de fora do grupo, na sociedade (Scheff, 1990). Alguns membros relataram essa questão:

> Hoje em dia eu conheço bastante Headbangers com que compartilho momentos, mas antes eu só tinha amigos que curtiam músicas como hip hop, sertanejo e forró, estilos musicais que não se aproximam do Metal, desses apenas o hip hop esteja mais próximo, mesmo assim, era difícil falar sobre Metal com pessoas que desconheciam as bandas que eu escutava. Alguns desses meus amigos eram preconceituosos com o

> Metal e vez e outra me chamava de doido por gostar de Metal e bater cabeça com essa música, agora lembro que até familiares diziam isso comigo, aff! Quando eu comecei no Metal e fiz amizades isso mudou, afinal eu tinha amizades eu simpatizava com aquilo que curtia. Conversar com uma pessoa que fala o seu "idioma" é outra coisa, sem preconceito e sem zoação por ser "Metaleiro", é um lance mais de conforto, porque eu não me sinto desconfortável com eles. falo mais também, que isso não significa que eu não possa fazer amizades com outras pessoas, porque há pessoas ainda nesse mundo com ideias massas e que não são chatas e preconceituosas, mas essas pessoas são raras (Esteves, entrevista, 2024).

A apresentação do Self parte de premissa que precisa agir de forma esperada num dado contexto para ter aceitação e não cometer gafes. Goffman nos ensina que a apresentação precisa ser ajustada aos momentos de interação e a audiência, aí os indivíduos agem controlando as impressões transmitidas com intuito de causar "boa" impressão. Quando os Headbangers se apresentam nos contextos de encontros, eles criam um reconhecimento mútuo de identificação, pois são indivíduos que socializam práticas para a situação do show ou de pontos de encontros como nos bares. Desse modo, Esteves encontra os seus pares porque há uma cumplicidade e uma tendencia de alívio por não precisar está pensando sobre os preconceitos a sua identificação. Outros membros consideram que mantêm boas relações com os Headbangers:

> Eu passei alguns anos distante do Metal por causa do meu trabalho, mas agora eu estou trabalhando de forma autônoma, eu produzo minhas peças e comercializo na internet. Mas antes e agora, eu sinto a mesmas coisas que sentia nas antigas, estar com Headbangers amigos é outro nível de amizade, já saí com amigos de fora, mas os Headbangers são melhores, tem vez que venho ao show sem grana, fico na frente da casa de show e meus amigos trazem bebidas, pagam ingresso e tem uma conversa boa comigo, o que eu faço também com algum amigo quando tenho grana, especialmente, quando tem banda de fora na cidade, eu não deixaria um amigo do lado de fora num momento desses. Como você sabe, eu sou meio radical com certas coisas, era muito ruim andar com pessoas que não estão na mesma vibe que a sua, sabe? Por isso, eu sempre fui modo solo (sozinho) não suportava gente falsa ou dissimulada como se ver por aí, até mesmo amigos que entraram no Metal e saíram, como você sabe a gente tem nossos problemas, mas a gente se resolve. Ir ao show e encontrar os amigos, os verdadeiros guerreiros do Metal é muito bom para nossa saúde, tem show que eu revejo amigo da adolescência e a gente pode confraternizar juntos, o momento é uma parceria muito massa, cara. Só para você ter uma noção algumas paqueras da minha vida foram feitas aqui, conheci minha primeira esposa nos shows e a segunda mulher que estou agora está entrando no Metal também, aos poucos ela chega lá (Adriano, entrevista, 2024).

Aquele indivíduo que mais se alia com os Headbangers, há mais chance de ele enfrentar barreiras de preconceito na sociedade como também mais identificação com seus pares. Na pesquisa de campo, identificou-se que há ocasiões em que isso aparece com regularidade indicando que para o grupo: maior a distância da sociedade significa mais os membros eram considerados "insiders" na compressão do grupo e outsider era aquele que não se identificava enquanto tal – há uma inversão da lógica da sociedade.

Manter os laços com seus pares ou não manter os laços sociais, os Headbangers mostram uma diferença de identificação quando enxergam que os comportamentos dos outros membros cria certa sintonia com os preconceitos da sociedade, agindo como "desordeiros" e "malucos" como, por exemplo, bater cabeça em locais inapropriados; cantar gutural em locais que não eram de eventos e estar vestido a caráter em evento (forró ou sertanejo e dançar). Aí os Headbangers se apresentam e se comportam com indiferença aos atributos colocados pela sociedade acerca de suas práticas e a seus pedaços. Apesar dos Headbangers seguirem uma regularidade de práticas sociais que fazem com que se possa identifica-los enquanto tais, alguns deles reforçam os preconceitos da sociedade abrangente, ao passo que sua identificação social os mantenha unido ao grupo, o que pode gerar vergonha, porque eles não querem ser compreendidos pela chave limitante do social e se sentirem envergonhados. Em outras palavras, os Headbangers usam a sociedade a seu serviço para não abandonar o grupo e gerar com isso a unidade que precisam manter. Há um esforço de purificar o grupo como foram os casos que serão descritos aqui dos amigos de Felipe Coelho, para o grupo produzir unidade e (re)ordenar as condutas de outros. Em campo, a diferença (distanciamento) Headbanger aparece de modo acentuado no processo de interação, quando o membro se mantém a uma distância considerável dos demais para não ser visto tendo contato com whites/porra loucas como se descreve a seguir.

No show ocorrido com bandas de thrash Metal no bairro do Centenário no pós-pandemia, diversos membros começaram a comparecer aos eventos como forma de se recuperar dos efeitos pandêmicos como o enclausuramento cotidiano. Muitos jovens voltaram aos eventos, uma reação considerada assustadora para aqueles que ficaram isolados e com a sensação que o seguro era se manter isolado sem interação com várias pessoas, porque isso era considerado perigoso para transmissão do vírus. Apesar da "cena" no sentido literal parecer assustadora, os jovens que se faziam presente não se preocupavam com isso, pois muitos desses indivíduos compartilhavam bebidas, fumavam juntos, se abraçavam e beijavam uns aos outros nos momentos de encontros.

Nesses momentos, fora observado que aqueles considerados ex-white, aqueles que estavam no processo de reintegração ao grupo tinham um comportamento distanciado dos seus, isto é, iam ao evento, mas ficavam distantes dos outros, quando não, estavam acompanhados por outros white e mesmo assim não se "enturmavam". O membro Josué Oliveira que era um White Metal engajado na cena underground cristã, fez a passagem para o Metal e muitas vezes que ele ia aos eventos nesse momento descrito acima, ele ficava distante e quando ia conversar com algum membro, por exemplo, o músico, Roberto Silva, ele procurava conversar mais afastado dos demais do evento como forma de não demonstrar contato, afinal ele estava se

reintegrando ainda ao grupo.

Essa diferença dos Headbangers se torna mais evidente e detalhada em determinados materiais escritos ou documentados como eram os fanzines que têm como protagonistas os membros em suas diversas funções (profissionais, artísticas e apreciadores) no campo ou mesmo em seus discursos nos momentos das apresentações ou nos discursos com amigos nos shows. Conforme afirma um produtor local em sua atividade em prol do underground, nas primeiras páginas de seu fanzine:

> Saudações infernais!
> É com o peito inflamado de um negro orgulho, eu escrevo essas linhas obscuras para apresentar esta que é a primeira edição do Fanzine (...). outro fator importante que impossibilitou a demora na produção do zine foi a mudança de nome, pois alguns foram até expostos, mas este material deveria ter seu próprio nome e não nome já existente em álbuns de bandas. O objetivo desse zine é apenas: "MOSTRAR E RESGATAR O VELHO ESPÍRITO NEGRO", espirito esse que tem se apagado ao longo dos anos dentro do famigerado Black Metal, como diz o próprio Fenriz do Darkthrone "MUITOS HOJE NEM SABEM PORQUE PINTAM A CARA" (...). Este ego inflamado, este orgulho demoníaco, deve retornar a ser o real sentido do Black Metal, o satanismo/contradição deve ser o ponto mais alto e sublime deste seguimento massivo contra a imunda cristandade com seus dogmas, sua moral hipócrita e seu porco deus, inútil, apodrecido numa cruz velha e suja. Encerro por aqui desejando que as palavras das bandas entrevistadas façam você refletir e que o bode negro crave na sua alma o sigilo de satã e lhe torne um discípulo da contradição e da eterna luta pelo "SER LIVRE".

Na abertura de seu fanzine o produtor/editor afirma que tem orgulho de retornar com o fanzine e que sua demora se deu aos problemas cotidianos, mas que isso foi superado pelo fato de que esse fanzine traria uma proposta verdadeira, resgatando o velho espírito do Metal. No final da abertura o editor mostra que seu orgulho não é apenas por trazer uma proposta nova e verdadeira, ele também destaca sua oposição ao cristianismo e a importância de ser livre de qualquer dogma religioso da sociedade. No mesmo Fanzine, o editor destaca humoradamente uma passagem interessante para se apresentar, na qual apresenta outros produtores do underground:

> Arte extrema conta com bom humor e informação.
> Dois amigos formados em jornalismo, apaixonados por música pesada e responsáveis por blogs voltados ao assunto, decidiram dar forma a um projeto planejado após meses de conversas lançaram seu programa na internet (...). O programa procura entreter o meio metálico, além de desmistificar a fama de "bad boys" dos Headbangers. isso humaniza a nossa imagem e pode diminuir um pouco o preconceito que exista em relação a nós.

Figura 6. Exposição de fanzines e artes.

Arquivo próprio, 2023.

Nesses registros impressos se encontra o humor dos Headbangers com suas ironias, satíricos e críticas, que aparecem de forma escrita por meio de entrevistas, capas de CDS ou situações de tournées/viagens; mas sempre os Headbangers eram o destaque se mostrando mais "inteligente" do que o social - o que revela o caráter menos sério que projetam ter sobre sua identificação.

Em outro fanzine local, destaca que o retorno do seu fanzine é motivo de orgulho e felicidade aos Headbangers campinenses porque a revista estava nos primórdios da cena e agora estava de volta com maior empenho. O editor desse fanzine ao afirmar que estava no primórdio da cena, destaca que seu artefato para usar o termo de Campoy (2006) tem uma história que deve ser respeitada afirmando:

> gostaria de reafirmar o que eu pensava há muitos anos...aos falsos, aos posers e aos que pensam que o estilo Heavy Metal é uma atitude exibicionista, favor nem continuar a leitura do zine...TNC...RIP (nosso arquivo).

O editor destaca que o fanzine foi elaborado nos anos 1980, num momento histórico em que o Heavy Metal eclodia com as mídias digitais, as culturas viajantes e a sociedade da informação (Clifford, 2000; Castells, 2009)[108]. Ao falar de sua história o autor evoca membros

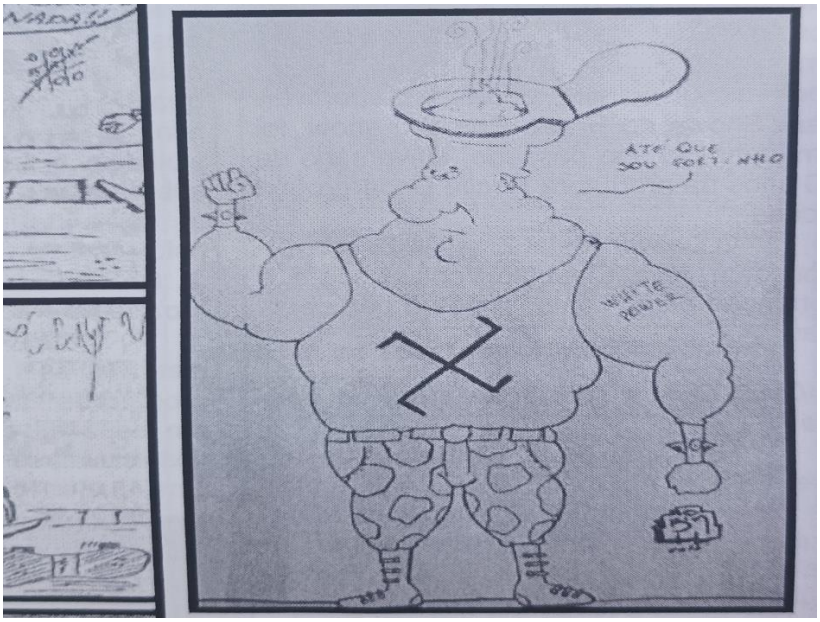
[108] Com a eclosão das mídias digitais, várias localidades ao redor do mundo passaram a ter acesso a programações culturais que não eram originárias de sua própria região. Um exemplo marcante foi a MTV, que influenciou a criação de canais e programas no Brasil voltados para a exibição de clipes e a divulgação acelerada de bandas.

da cena, considerados dinossauros do grupo, a alusão pré-histórica utilizada para destacar a permanência e atribuição de origem da cena, o editor dos membros antigos, bandas locais e os membros da nova geração.

O editor continua afirmando que na época do surgimento da cena underground campinense, tinha uma proposta de unir forças com os grupos urbanos, como punk e Headbanger. Por meio da rede de apoio, o editor apresenta um fragmento de uma edição, informando que somente a união dos grupos poderia contribuir para diminuir a injustiça social. Esse fanzine destaca que os membros não eram reconhecidos e considerados: "lixos, somos podres e marginalizados pela sociedade que nos olha com preconceito". O artefato recupera críticas de cunho anarquistas ao sistema, demanda união no grupo e a possibilidade de continuidade da unidade sem "sem playboys, sem atitude babaca de machão". Esse sentido de união atribui ao underground um chamado ao apoio "cena (movimento), comprar CDs de bandas nacionais, apoiar os produtores e criticamente sobre os efeitos nefastos dos posicionamentos políticos dos nossos dirigentes". Antes de entrar nas entrevistas, resenhas e lançamentos, o editor apresenta quatro cartoons, com destaque ao terceiro cartoon, no qual se ilustra a imagem de um neonazi, musculoso, com uma suástica na camisa regata, camisa militar, coturno, uma tatuagem com a seguinte frase "white power", na cabeça desse indivíduo há um vaso sanitário aberto com dejetos humanos e o personagem afirmando "até que sou fortinho". O restante dos cartoons destaca questões acerca das diferenças sociais como de classe, cultural e política. Tais enunciados ocorrem nos eventos de Metal também, como se analisa a seguir.

Figura 7. Deliver zine mostra contra nazi.

Muitos Headbangers relatam que, antes desse período, a correspondência por cartas era o principal meio de contato com membros da cena tanto no Brasil quanto no exterior, funcionando como culturas que viajam para outros locais e são interiorizadas. Com o advento desses novos programas, passaram a trocar números de telefone que eram divulgados durante as transmissões, facilitando a comunicação.



Fonte: acervo próprio, 2021.

A situação descrita ocorreu em 2022, o show foi inicialmente divulgado no grupo do WhatsApp pelos músicos de uma banda de thrash Metal, o guitarrista e vocalista da banda escreveu um post convidando os membros a participarem desse evento. Esse show teria a entrada gratuita e iria ocorrer no teatro Severino Cabral no Centro de Campina Grande. O convite realizado pelo músico era interessante porque muitos membros sonham em ter a oportunidade de tocarem em palcos estruturados, afinal esses palcos é uma realidade distante, porque o underground é feito pelos membros com suas condições e muitas vezes eles alugam locais precários devido a pouco recursos financeiros e apoio que recebem de lojas da cidade. Fala-se em campo que parte do desejo de muitos é ter reconhecimento e viver da música underground, mas isso não é uma realidade de músicos do underground na cidade[109].

Figura 8. Teatro Severino Cabral.

[109] Algumas bandas da cidade fazem tours e tocam em vários locais underground, existe toda uma organização para isso, mas que podem ser resumidas da seguinte forma: eles planejam que todos os músicos que trabalham, tenham férias no mesmo mês para que a tour seja possível, em seguida, eles precisam estar com CD (geralmente físico) ou disco de vinil (LP) e camisas com estampa da banda para oferecer ao público) e o próximo passo é agendar datas por meio de amigos ou realizar divulgação nas redes sociais que a banda está com datas aberta para eventos em determinadas localidades.

Fonte: arquivo próprio, 2022.

Como se tratava de um evento pós-pandemia e o governo caracterizado como "desgoverno" ainda estava, a banda já vinha se posicionando contra as posturas tomadas pelo governo anterior, com isso, havia a chance que tivesse manifestação da banda contra a gestão nacional vigente até o momento. Mas a apresentação da banda Korvak de Thrash Metal aconteceu com um número considerável de pessoas com Headbangers, familiares, iniciantes, curiosos, amigos e conhecidos. Isso se deu pelo fato que após a apresentação da banda de Thrash Metal, haveria outras apresentações com bandas de rock e outros estilos musicais.

As primeiras músicas que eles tocaram foi uma *jam session*[110], músicas que são instrumentais em que os músicos improvisam e demonstram conhecimento musical adicionando e recriando as músicas. Ao contrário do que o senso limitante do social projeta, afirmando que para tocar Heavy Metal não precisa saber tocar, vários músicos da cena local mostram que é preciso dedicação e desenvolver habilidades musicais, eles afirmam ainda que tiveram aprendizado com outros músicos ou como no caso dos músicos dessa banda de thrash com escola de música. Esses músicos haviam tido aulas em uma reconhecida escola de música da cidade. Naquele show, demonstraram seu conhecimento musical através de uma *jam session*, e o público presente aplaudiu calorosamente a apresentação de suas primeiras composições.

O interagente Felipe Coelho informou que os músicos da banda tinham proximidade com os organizadores do momento cultural e que o evento estava sendo custeado pela lei Aldir

[110] Categoria do grupo para momento em que os músicos tocam "sem ensaios", a música surge da criatividade aplicada aquele momento. Jam session é muita utilizada por músicos de jazz e blues, mas que aparece sendo desenvolvida em outros estilos musicais.

Blanc[111]. No entanto, quando o vocalista convidou o grupo das redes sociais a comparecer e essa informação não estava clara, apenas quando em sua apresentação ele agradecer por sua banda ter sido convidada para tocar no teatro e participar do *cast*[112] de bandas que iriam se apresentar. Para ser convidado para tocar num evento do tipo é preciso ter parceiros que criem pontes de contato, sejam amigos, conhecidos ou até mesmo os familiares em postos de destaque na cultura popular campinense. Além de ser bom músico, se torna fundamental acessar os espaços de prestígio, mas só se acessa esse espaço com apoio de terceiros influentes nas atividades de promoção da cultural local (Appadurai, 2008).

No entanto, essa chance de tocar era concedida a poucas bandas e muitas bandas não as mesmas oportunidades. No palco do teatro, o baterista ficava no centro e os músicos das cordas (guitarra e contrabaixo) ficavam nas laterais, permitindo assim que todos pudessem observar a banda sem que nenhum músico ofuscasse o outro. No palco haviam ajudantes para arrumar a bateria e o som da banda, ajudantes esses do evento, havia também fotógrafos do evento e mulheres tirando foto dos músicos, inclusive a namorada de um deles.

No intervalo entre as músicas o vocalista destacou em seu discurso que a sociedade se opõe ao Heavy Metal e eles também se posicionam contra ao estabelecido. Todos ficaram sentados observando – a estrutura do teatro controla os corpos, pois todos ficam sentados, a agitação do corpo é feita por alguns HBS, mas a maioria ficava sentada e aplaudia vez e outra – e davam gritos em concordância ao que ele havia dito. O vocalista afirmou ainda que a banda tinha feito uma canção que retratava a destruição da natureza, em especial, aos problemas gerados na gestão do governo e então eles dedicaram a música aos defensores da natureza Dom e Bruno e os "povos originários"[113]. O vocalista destacou que a música se tratava de raiva e ressentimento que havia sido acumulado nos últimos anos (do desgoverno) e que ali, por meio da música, eles iriam expressar sua raiva. Quando a banda de Thrash Metal encerrou sua apresentação, o apresentador da noite informou que o evento não tinha acabado e que as pessoas podiam esperar porque teria outra apresentação de rock. No entanto, muitos Headbangers que estavam lá foram por causa da banda de Thrash Metal com seu encerramento, eles se levantaram e saindo do espaço do teatro. Enquanto a banda de Rock se instalava no palco foi colocado uma

[111] A Lei Aldir Blanc (nº 14.017/2020) foi instituída com o objetivo de apoiar a cultura brasileira durante o contexto emergencial da pandemia de Covid-19. Ela previu subsídios aos artistas e trabalhadores da cultura, auxílio para a organização de espaços culturais e a divulgação por meio de editais públicos. A lei homenageia o compositor e escritor Aldir Blanc, falecido em maio de 2020 em decorrência de complicações da Covid-19.

[112] Categoria do grupo para participação de uma banda em conjunto com outras bandas.

[113] Dom Philips e Bruno Pereira foram assassinados em meado de junho de 2022, quando faziam expedição no Vale do Javari, no estado do Amazonas. Segundo os jornais e a investigação policial desenvolvida, os pesquisadores foram mortos por pescadores ilegais dessa região. Os pesquisadores eram defensores do meio ambientes e dos ameríndios que viviam nessas localidades.

música de fundo de subgênero música clássica.

Ainda no teatro, o interagente Felipe Coelho informou que os amigos dele iriam trazer uma banda antiga e famosa no cenário brasileiro a Campina Grande, a banda The Mist e que esse evento seria pago. Felipe Coelho mostrou quem eram seus amigos que organizariam esse evento, eram jovens na faixa etária de 16-25 anos e que estariam trabalhando em prol da cena, simpaticamente, um deles questionou a Felipe se ele gostaria de participar da organização do grande evento. Em seguida, o amigo de Felipe, Leandro Andrade se aproximou e comentou com que seria difícil pegar Uber devido as avenidas estarem fechadas e devido eles serem Headbangers como estarem "vestidos de preto e serem satanistas" – reconhecendo a própria situação –, não conseguiriam transporte para voltar para casa. Leandro Andrade trabalha como motorista de aplicativo e informou que não poderia trabalhar no momento porque iria ficar na frente do teatro para conversar com os amigos que não via há muito tempo devido a pandemia. No final Felipe e seus amigos pegaram o último ônibus da noite de volta para suas residências.

O sociólogo americano Jeffrey Alexander, na sua sociologia cultural (2003) o poder dos ícones[114] e sua variação na dimensão estética e moral, em especial, nos momentos de encontros excepcionais os ícones estão presentes (Alexander, 2013). Pode-se entender um ícone como um músico de Heavy Metal, porque tal músico transmite sinais socialmente estabelecido e sinais esperados pelo a audiência que o assiste. O efeito do poder de transmissão desses sinais está relacionado como a audiência recebe o que é transmitido na apresentação, acerca de como o músico consegue agitar o seu público. Os sinais transmitidos e a recepção da audiência geram mediações produzidas pelos interagentes, não obstante, transmitir o poder de sua apresentação enquanto músico necessita conhecimento acerca dos meios de produções simbólicas operadas na ocasião social. Como se descreveu anteriormente, o músico precisa de um palco, equipamentos de som, jogo de luzes, registros fotográficos ou de vídeo para apresenta-lo em seu momento de maior clímax.

O músico precisa ainda de habilidades musicais compartilhadas entre os seus pares para executar as canções e apresentá-las da forma Headbanger de ser, com muita emoção nos palcos. A música apresentada depende do poder transmitido pelo executante para ter eficácia na sua produção e distribuição no grupo, pois o músico precisa comercializar sua música, de parcerias com outros músicos-produtores locais e fora. No entanto, o efeito da apresentação do músico é

[114] Segundo Alexander (2012) os ícones podem ser representações estéticas ou materiais como significantes do significado intuído ideacional, de pensamentos reais e ilusivos e sentimentos. Além de representação, é apresentação. Ícones são atuantes e possuem qualidades inconstantes relacionadas aos modos de ser indivíduos, esses ainda surgem do contato mútuo, do entrelaçamento das relações sociais, isto é, a conectividade realizada pelos indivíduos esteticamente e moralmente.

mediado pelas visões, entendimentos e classificações de mundos dos membros. Assim como os membros tem uma visão crítica acerca da realidade, os músicos também têm um poder de entendimento de mundo. As apresentações dos músicos e suas canções no underground transmitem sinais e experiências que afetam a audiência, audiência essa que responde aos dizeres do músico com gritos de concordância e adesão ao socialmente discursado como foi na situação de pesquisa.

As apresentações dos músicos e membros nos momentos de sociabilidade mostram distanciamento ao social, em forma de diferenciação, envolvimento e apoio aos pares, evidenciando uma autoalienação da interação.

ii. Profissionais da cena underground.

Apresentou-se que membros que se intitulam como Headbangers não são diferentes dos outros grupos, no entanto, a prática de ser Headbanger os posicionam como alguém diferenciado/distinto. Observando esse paradoxo de não ser diferente, mas possuir uma prática diferenciadora, o Headbanger se dedica a produzir uma doutrina que lhe permita atribuir um sentido a sua existência nas cidades.

Conforme a pesquisa de Irapuan (2010) afirma que aquele indivíduo que desejar manter esse estilo de vida, terá que desvendar a música, se envolver com outros membros, O indivíduo se associará ao grupo e construirá uma rede de relações afetivas tanto com músicos quanto com a audiência. Como já foi demonstrado em outros trabalhos Santos (2021), Irapuan (2010) reforça que para acessar esse mundo artístico-social eram estabelecidas "senhas" que permitem a entrada nos grupos, desde que o indivíduo apresente um comportamento esperado, expresso em valores e práticas associado a esse estilo de vida, por exemplo: as conversas estabelecidas e o comportamento nos eventos expõem o quanto esse indivíduo está envolvido com eles. Para o pesquisador citado, a experiência de membro destaca a pertença ao estilo de vida, pois a "senha" – prática social – possibilita a entrada do indivíduo. Diferente, da cena descrita por Irapuan, em Campina Grande, diversos membros se envolvem na música e trabalham conjuntamente na produção de eventos em pubs e bares. Porque os membros que assistem têm interesse em apresentar sua visão artística como músico, levando-os a estudarem música e desenvolverem um lado critico que para tocar era precisa estabelecer laços com outros músicos. Regularmente, observa-se músicos tocando em mais de uma banda, alienando as interações entre músicos para consolidar os laços sociais. Já ocorreu de se observar e registrar a discussão entre dois músicos da cidade por falta de engajamento na banda, afirmarem:

> Esteves – mano porque você está tocando com aquela banda de Thrash e com a gente?
> Suenio – eu tenho mais possibilidade de aprender e vejo que com eles tenho mais envolvimento, eles têm produzido mais canções, o que demanda mais tempo.
> Esteves – não acredito nisso, a gente tem trabalhado nas músicas também, o problema nossa é a impossibilidade e pegar certas canções rapidamente.
> Suenio – por que você está perguntando isso? está com ciúmes é (risos)? Só por que estou tocando mais com eles? (caderno de Campo, arquivo próprio, 2021).

O grupo espera que os músicos se mantenham ligados emocionalmente com o Metal e balissem suas vidas conforme o esperado e não se flexibilizem em seu estilo de vida, pois isso pode ser desconsiderado uma desonra e afetar sua carreira no underground do Metal (Santos, 2021). Segundo Irapuan (2010) nesse agrupamento, as histórias contadas pelos músicos sobre suas bandas mostram os desafios da carreia com sacrifícios físicos, mentais e emocionais para seguir se apresentando. De toda forma, os músicos se empenham nessa maneira de conseguir dinheiro – mesmo que escasso – das apresentações e dos merchandisings (camisas, CDS e bijuterias) comercializados nos eventos – já que no Brasil era compreendido como ruim para carreira de músico do Heavy Metal diferente da Europa[115]. Além disso, os músicos do underground por meio de suas relações afetivas conseguem produzir suas canções e cds, custeando desde o ensaio em estúdio até gravações profissionais e viagens autônomas dentro e fora do país. Os laços sociais feito entre os membros que fazem a cena local eram solidificados de tal forma que quando havia insultos, difamação e acusações que manchariam a trajetória desses, os músicos sofriam severas críticas e distanciamento dos palcos; o sucesso e alcance dos músicos locais era exaltado como um feito em prol de todos, tournées e vídeos clipes das bandas locais, eram motivos para o grupo sentir honra pelos os Headbangers e pelo fato de serem fruto da cena local, mesmo que isso não seja engrandecido pelos campinenses, isso reforça a importância de formar unidade e de produzir apoio uns aos outros (Santos, 2021).

Isto é, o Headbanger elabora uma prática social, como foi demonstrado, com esses profissionais da música underground que os apoiam representando seu estilo de vida nos shows e cotidiano mesmo que esse modo de vida tem seus sucessos e insucessos. Essas práticas sociais pelos Headbangers em campo, de maneira objetiva ou subjetiva ocultam outros aspectos que são importantes para o grupo e para a pesquisa, pois se trata de revelação e ocultamento compartilhados no grupo, como Marcos Aguiar afirmou:

[115] É preciso dizer que a Europa como a "meca" do Metal tem possibilitado que músicos brasileiros que atuaram no underground nacional consigam conquistar espaços no exterior. Há músicos que saem do Brasil e formam banda na Europa para dar continuidade nas suas carreiras e sonhos – já que muitos membros sonham em viver do Metal. Alguns desses já foram contratados por bandas e conseguiram visto de trabalho no exterior e residem de forma legal e seguem em seus projetos.

> Há momentos na vida que eu escondo meus identificadores Headbangers (risos) como a camisa ou prendo meu cabelo para ele parecer bem curto, mas quando estou entre os "meus" eu me sinto livre, gosto de sentir o vento batendo no meu cabelo e a vida parece mais leve. Além disso, me sinto leve em conversar sobre as coisas que gosto de conversar sobre Metal e vida na cidade com os membros. Eu tenho um conhecido dos shows que ele faz a mesma coisa, por muito tempo observei ele prendendo o cabelo bem amarradinho, fazendo um coque quase imperceptível. Eu perguntei para ele porque ele fazia aquilo no cabelo, já que ter cabelo longo é uma máxima para muitos no Metal, e ele respondeu que fazia aquilo porque não queria chamar atenção das pessoas fora dos shows. Ele tinha um cabelo bem cacheado e crespo, aí ele molhava o cabelo e dava uma lambida saca? Para ficar bem arrumado o cabelo e em seguida ele enrolava o cabelo e prendia, não dava para notar que o cabelo dele era longo. (Marcos, entrevista, 2024).

A vida social é estruturada por apresentações dos selves que juntam indivíduos, audiências, prática e símbolos como mostram Berg e Luckman (1983) para construir uma realidade social. O cabelo como um adorno da identificação do Headbanger é icônico[116], pois funciona como um elemento estético visual performático de gênero, destacando antes de qualquer apresentação, uma ruptura com as práticas da cultura dominante que associa o homem ao cabelo curto. O cabelo longo é um símbolo de pertencimento que no Metal rompe a fronteira entre músico e membro do grupo, apesar de tanto um quanto o outro terem aspectos diferentes, eles acabam criando uma performance estética de como querem ser vistos. Por isso, aqueles Headbanger músico ou membro que tem cabelo longo o preserva como diferenciar ele da sociedade.

Mas há um conjunto de aspectos que são tratados pelos músicos campinenses, a saber: os músicos comentam com seus pares que em determinadas situações, devem se distanciar ou evitam contato para não ser manchados ou mal visto pelo grupo, como foi demonstrado em outra pesquisa, em que Luciano e Franco foram expostos nas redes sociais (Santos, 2021). Quando Franco estava iniciando participava de todo evento de Metal e num desses eventos ele participou de um show de Metal cristão sem saber, rapidamente, os amigos e músicos locais lhe aconselharam a se afastar desse grupo antagônico. Esse era um apoio que surgia nos discursos de músicos de fora e que tinha laço emocional com a cena campinense – muitas bandas que passam pela cidade têm amizades fixadas com os produtores e trocam informações constantemente.

Outro aspecto dos Headbangers era de que esse pedaço deles podia ser aberto aos

[116] Para Alexander (2006) o ícone é a capacidade de fazer o não dito presente, porque traz dimensões morais, emocionais para a esfera da experiência sensorial a priori. O cabelo longo é um símbolo de rebeldia a moral dominante, o cabelo aparece a priori no fisicamente com a ideia de rejeição de um modelo de como homem deve ter cabelo longo. O ícone é um dispositivo sensorial e representacional importante por condensar e permitir ao presente um sentido que fundi emocional, estética e moral entre os indivíduos.

conhecidos e amigos deles, mas deveria ser feita com algumas restrições, pois nem todo show era aberto para todos, era preciso ser iniciado no grupo para poder ter acesso aos eventos produzidos para "irmãos". É preciso entender também que conhecidos e amigos dos Headbangers não escutam ou não tem ouvido preparado para escutar música extrema, afinal nem todo mundo escuta Black e Death Metal, a música do grupo que é mais popular é Heavy Metal, thrash, new e Metal core. Portanto, se convidar alguém para se iniciar no grupo deve-se ir introduzindo o indivíduo aos subgêneros do Heavy Metal considerados *softs* (leves) para depois, com o tempo, ele ir se inserindo e conhecendo o Metal extremo. E para evitar a entrada de indivíduos considerados poser ou neófitos músicos produzem e se apresentam distante dos "holofotes" populares. Fora isso, os conhecidos e amigos dos Headbangers podem transitar "normalmente" nos espaços dos shows.

Além disso, os músicos chamam a atenção de outros músicos, audiência e amigos para que ninguém do grupo se incomode com os estereótipos negativos que a sociedade faz e quais o grupo deveria ficar atento:

> Recentemente, a gente tem visto que alguns Headbangers têm demonstrado apoio ao presidente eleito em 2018 e que agora é ex-presidente, apoio esse que deu força ao nacional socialismo que vivia no *darkroom* do underground – isso não significa que não existisse antes – ganhasse apoio nas figuras públicas e que recebeu grande apoio popular. Qual é o efeito disso? Além do fim de amizades consolidadas no grupo, estão tentando colocar todos da cena como apoiadores de tal representante do povo, o que não é verdade. Infelizmente, os efeitos da sociedade no grupo levarão tempo para que alguns revejam o seu discurso ao encaixar o Metal no conservadorismo desse deputado. Nos eventos, eu vejo músicos comentando que eles não são bandas nazi e pedindo para os Headbangers relerem a história do Metal e entender como o grupo surgiu e como eles foram tratados pela sociedade. Acho que chamar os Headbangers ou colocar as bandas de apoiadores da correte política que esse deputado segue, coloca outro estereótipo em nossas vidas. A menor das preocupações atualmente é questionar se temos pacto com o demônio ou se bebemos sangue e blá, blá e isso tem que ser tratado (Esteves, entrevista, 2024).

Outro membro comenta:

> Eu não gosto quando da associação a gente a marginais, tem que somos tratados quase como delinquentes, arruaceiros, a gente gosta de fazer barulho e tacar o foda-se mesmo para certas coisas, mas temos princípios pelos quais seguimos, por exemplo, eu sou pai de família, trabalho dignamente, de forma honesta não passo a perna em ninguém, por que deveria ser chamado assim? Devido meu estilo de vida? Dependendo do meu humor, eu posso ficar chateado com essas coisas ou não, mas tem hora que não ligo, as vezes é muita burrice envolvida por isso não entendem de Metal (Antônio, entrevista, 2024).

Por conseguinte, o Headbanger-músico tenta se apresentar enquanto qualquer outro cidadão com suas demandas e dilemas citadinos como ele também "fica esperto" aos

tratamentos que lhes era imputado e exaltam os próprios.

Regularmente, os músicos se orgulham dos feitos realizados com apoio do grupo local como relata um dos membros:

> Mano, eu já fiz duas turnês europeias, passei por vários países, fiz diversos amigos estrangeiros, já fui encarado por nazi lá, aprendi falar inglês, tenho mais de dois CD produzidos, a lista é grande. eu te falo, isso foi fácil? Não nem um pouco, mas com muito trabalho duro, noites sem dormir e sem descansar direito, com muitos sacrifícios, só estrada e shows. Você conhece os caras da Nervochaos? Pois bem, eles fazem isso direto, trabalham duro para produzir seus cds e depois saem em turnês nacionais e internacionais, dias e horas de estradas e voos para lugares de fácil acesso e de difícil acesso em qualquer país que chamarem os caras, eles vão tocar, eles são inspiração para qualquer um que deseja seguir sendo músico de Metal (Fábio, entrevista, 2024).

Os três relatos ilustram trajetórias marcadas por diferentes contextos, mas unificadas por uma identificação Headbanger desqualificada, conforme evidenciado em seus próprios discursos. O preconceito é um fenômeno estruturante nessas trajetórias, que cria uma fronteira entre "eles e nós" e força os Headbangers a uma adaptação constante às situações. O próprio processo inicial de socialização na cena já marca esse ponto: aprender a ser Headbanger é também, aprender sobre a possibilidade de rejeição. Isso envolve controlar a expressão de certas ideias, gerenciar uma tensão latente nas interações e lidar com piadas que visam diminuí-los. Apesar dessas condições, os membros conduzem suas vidas de modo a produzir laços e redes de apoio internas, compostas pelos próprios pares. Nesse espaço, o preconceito é convertido em matéria-prima para a resistência. Tal resiliência permite que eles, muitas vezes vistos como a "escória da sociedade", realizem feitos que muitos citadinos talvez nunca conquistem – como realizar turnês e alcançar reconhecimento em vários estados e países.

Dois músicos da banda Nervochaos quando passaram pela cidade relataram a Felipe Coelho que a banda só fazia o que fazia porque tinha apoio da galera que estava presente na cena e valorizando as bandas.

O último aspecto, o fato de que os músicos se deparam com seu atributo social diferenciado estético (a forma de se vestir e forma de transmitir sinais culturais do grupo), social (o conhecimento sobre a particularidade de sua prática social) e ideal (a forma de enxergar o mundo de maneira crítica).

Apesar da prática dos Headbangers possam gerar distanciamentos societal, há ocasiões em que se encontra contradição, recebendo ampla aceitação entre os membros. Conta-se em campo que os Headbanger devem se mostrar sim e evitar deixar de se apresentar completamente enquanto tal nos momentos cotidianos, afinal é como esse indivíduo deseja ser reconhecido.

Eles eram prevenidos também em não aceitar insultos a sua identificação como aconteceu com Franco e Karlos em outro trabalho de pesquisa, em que o Karlos insultou a banda de Franco dizendo asperamente que o Black Metal era ruim e recebendo uma retorica fortemente planejada simbolicamente de Franco, afirmando: "foda-se você e suas ideias, não fui eu que me casei na igreja" (Santos, p.148, 2021). Os músicos da cena local, reforçam em seus discursos entre uma pausa e outra das músicas o quanto não se pode deixar de narrar sobre seu estilo de vida para não ser um "normal".

No evento ocorrido no centro da cidade, na Rua Treze de Maio, o vocalista da banda Nervochaos contou algo interessante, para se destacar e ampliar a percepção acerca desse grupo urbano. O vocalista da banda disse "deus não está aqui, deus não está presente aqui, apenas Pazuzu está, *Pazuzu is here*[117]", um chamado de música diferente do regular em campo que acha atenção dos membros e destaca a crítica da canção. Após a performance frenética da banda para essa canção o vocalista, afirmou: "Independente da gente ser cabeludo ou não, o que é mais importante é a nossa união" (Caderno de campo, 2023).

Segundo Felipe, o vocalista, que antes tinha cabelos longos, decidiu raspar a cabeça, ele estava começando a ficar calvo e resolveu adotar o novo corte de cabelo, afirmando que a ausência de cabelo não afetava sua identificação. O baixista da banda, relatou que apesar de sua idade não permitir extravasar demais, ele estava muito feliz pela recepção da cena local com a banda e se "sentiu em casa" com o carinho e apoio que recebeu dos campinenses. Nesse show, Felipe disse que lembrava desse vocalista cabeludo de outros shows na cidade e espaços circunvizinhos – esse mesmo vocalista e guitarrista tinha participado da banda Nervochaos em outros momentos e agora estava de volta a banda, o mesmo se aplica ao baixista dessa banda que tocava no início da formação e agora estava fazendo a tour com a banda pelo mundo aos 50 anos de idade. No final da apresentação, já fora da casa, o baixista da banda estava próximo de Felipe e estabeleceu uma conversa breve, ele disse que era músico desde os 5 anos de idade, ou melhor, tinha aprendido a tocar e que seu pai era maestro reconhecido mundialmente no blues e jazz e que tinha aprendido de teoria musical com o pai. Ele comentou:

> No Heavy Metal muitos aprendem a tocar pela emoção, emoção de querer repetir o que um músico de reputação faz, mas pode-se aprender a tocar com técnica e conhecimento, mas esse é um caminho árduo, porque é mais chato e tedioso, mas necessário para qualquer um que deseje ser músico de Heavy Metal. (Caderno de campo, arquivo próprio, 2023).

[117] Pazuzu é um deus da mitologia Suméria, era considerado o rei dos demônios do vento e representava vento do sudoeste que levava tempestades e estiagem na Mesopotâmia.

e continuou: “Independentemente da emoção para se tocar Heavy Metal é preciso aprender sobre a música”.

Esse músico disse que tocou jazz por muitos anos e se especializou para tocar. Ele comentou ainda que gostava do Di Giorgio (baixista do Death) e Webster (baixista do Cannibal Corpse). Mas ele destacou que fazer tour é muito cansativo e que o Headbanger tem que gostar porque se não, desiste rápido;

> Alguns músicos com que íamos fazer tour desistiram da tour, não aguentaram por isso estávamos em trio e mesmo assim, parece estar funcionando bem o trio. Não somente o cansaço que pesa, mas uso de algumas bebidas e drogas minam a resistência aos eventos, porque isso aqui não é bebedeira e curtição, somos profissionais, temos que se cuidar também para entregar o melhor. A tour tem seus custos como deixar a família e filhos para poder levar dinheiro para casa, a tour pode ser algo sofrido, mas pode ser algo revitalizador porque renova as energias e o Heavy Metal tem um peso na minha vida positiva como poder proporcionar isso a galera (Caderno de campo, arquivo próprio, 2023).

Por meio dessa situação de pesquisa, se observa que o Headbanger objetiva cativar os outros membros apresentando qualidade positivas aos seus pares, demonstrando a potencialidade de sua identificação social, mesmo que marginalizada, como ocorre no grupo.

> Quando eu andava com meus amigos pela cidade, a gente sempre comentava sobre como curtir os shows, como tocar, sobre como ser músico de Metal, enquanto músicos nós temos o senso musical que nos diz, essa é uma habilidade que se desenvolve com o tempo tocando e assistindo os shows de bandas do underground e do mainstream, a gente aprendeu que não devia curtir todo tipo de música. eu estou falando de curtir, bater cabeça, porque tem subgêneros musicais em que o curtir estar em apreciar o show, até porque tem músicas que não tem ritmo para tais ações. Quando a gente aprende sobre determinadas coisas músicas deixamos de ser porra loucas, por exemplo, eu tinha amigos que batia cabeça com som hard core e punk, mas tipo, esses gêneros musicais são mais para a gente fazer circle pit, dá mosh e não bater cabeça. Os caras curtem da forma que desejam curtir, mas a gente não vai ao concerto de música clássica e bate cabeça. O ruim, é quando as pessoas veem isso, assistem tais cenas e acham que todos do Metal deviam fazer as mesmas loucuras, vou te dar outro exemplo, muitas pessoas já me perguntaram se eu bebia sangue, se eu vivia em cemitério, se eu era louco e a melhor de todas se eu tinha pacto com o diabo (risos). Muita gente compra essas maluquices e generaliza o grupo, não é porque eu gosto dessa música que eu devo fazer aquilo que um punhado de porra-loucas fazem que eu devo fazer. Com muitos anos de músico e tocando por aí a fora, eu vi de tudo. Eu tinha um amigo que hoje não está mais no grupo que ele era um cara inteligente, excelente músico, super educado e de condições financeiras mais ou menos. Quando eu ia até sua casa na Zona Oeste para ver as músicas que ele tinha tirado na guitarra e novas músicas que tinha feito, os irmãos dele ficavam tirando onda com ele, dois irmãos adultos, eles ficavam dizendo e aí “quando vocês vão invocar o diabo” “deixa essa coisa aí e vai trabalhar” ou o insultava por meio de apelidos, esse meu amigo aguentava tudo calado e pedia desculpas para mim. Quando a gente reunia a galera nos shows de Campina, ele ficava de boas com a gente e dizia que os irmãos dele eram uns otários e não deixavam em paz quando tinha visita com objetivo de fazer-lhe passar vergonha (Esteves, entrevista, 2024).

A partir desses relatos, o propósito da unidade grupal revela-se como uma forma coletiva de resistência. Quando um músico de Metal é descredibilizado por pessoas próximas, ele busca refúgio e validação em sua rede de amigos da cena. No "pedaço" dos Headbangers, sua identificação com o estilo de vida deixa de ser um problema para tornar-se um símbolo de pertencimento. A carreira moral do indivíduo, marcada por desenganos e insultos na vida social, ganha uma dimensão coletiva acolhedora. O que a sociedade enxerga como improdutivo (como dedicar-se à guitarra) e motivo de vergonha, transforma-se, no interior do grupo, na base para a construção de confiança e em uma prática encorajada. Além disso, conforme visto no discurso de Esteves, os membros aprendem coletivamente a enfrentar desafios, trocando experiências sobre como lidar com situações de desconforto e preconceito. Portanto, pode-se afirmar que a carreira no Metal é construída de forma dinâmica, pela interação entre o indivíduo e seu grupo de referência. No entanto, essa produção de unidade é ambivalente. Ela fornece proteção e identificação, mas pode também confinar o indivíduo, impondo uma demanda por lealdade e uma postura quase militante, o que pode limitar o desenvolvimento de outros selves no cotidiano, como ilustrado pelo próprio Esteves ao recusar empregos assalariados que exigissem o corte de seus cabelos.

Regularmente, os Headbangers contam isso com intuito de revelar o que passam e para reforçar que são um ponto fora da curva do social, eles têm o seu ponto de vista - que é a vista de um ponto - e por isso ele não deseja ser igual a qualquer um cidadão “normal”. Os Headbangers encorajam uns aos outros pela canção, estética e ideologia a sentirem vergonha daqueles membros que escondem que são Headbangers para agradar alguém, se mostrando inteligentes e “machos” para realizar trabalhos considerados “difíceis” e praticantes de esporte de força, em suma, que apesar de serem Headbangers, não são indivíduos socialmente “normais” para a sociedade abrangente. O ex-músico Antônio Guerra, homem de corpo atleta descreveu como foi sua experiência no exército:

> Quando entrei no Metal, era adolescente – pelo que lembro – e já conhecia a cena local, foi a mesma época em que ingressei também no exército. Não sei se já contei, mas eu sou ex militar, servi por muitos anos o exército brasileiro, eu sei o que é ficar na mata com fome, sem nada para comer e nada para se entreter, só insetos e animais selvagens, peçonhentos para tomar a atenção e comer se o camarada quiser sobreviver. Lá é selva, só fica quem realmente aguenta a pressão psicológica e física e eu fiquei lá por alguns anos. O momento que fiquei lá foi suficiente para eu viajar nas bandas que falavam em guerra e coisas envolvidas a guerras e destruição, muita coisa lá me lembrava o Metal, como as armas, ficar de guarda a noite no meio do nada, se tivesse uma guitarra um sonzinho lá seria ideal, mas nesses locais não podia, era atenção total, segurando uma arma pesada e apenas um cantil por toda noite, se o cara dormisse no ponto vinha um oficial e acabava com a reputação do cara, eu sempre que assumia esse posto não era pego, resistia até o final (Antônio, entrevista, 2024).

Espera-se que a conduta prática mantida possibilite aos Headbangers um espaço social, uma política e mecanismos práticos de como se comportar na presença dos outros e tratá-los, mas sobretudo, condutas socialmente aceitas no grupo que são adequadas ao seu self. A irrealização dessa prática ou não conseguir manter essa prática por um membro significa perda de tempo ou autoilusão, ser indivíduo não envolvido, descompromissado. Mas aquele que consegue manter a prática triunfalmente, o grupo classifica o pertencimento desse como verdadeiro e íntegro membro, qualidades essas que corroboram na autenticidade do membro.

A pesquisa de Campoy (2008) apresenta que nesse espaço social o Headbanger tenta alcançar a autenticidade, pois aí o indivíduo pode ser dono de sí pelo que a música oferece de subversão e pelo companheirismo fidedigno dos membros. Para o pesquisador citado, o underground é um ambiente em que os Headbangers podem ser eles mesmo e extravasar suas emoções com seus pares (Koury, 2007). A prática social dos membros no underground dessa cena evidencia o grupo como mais real e devotos do seu pedaço, "onde não se é "alienado", onde a "grana" não prevalece sobre o "prazer", onde "eu sou quem eu sou" (Campoy, p.187, 2008). O underground dessa forma realiza um distanciamento dos valores que a sociedade abrangente valoriza do individualismo e consumismo, nesse pedaço se opera atividades em conjunto e a solidariedade aparece nas relações dos membros. A autor argumenta que nesse pedaço do Metal os problemas e tensões cotidianas recebem uma resolução, em que no ritmo do individualismo e modo de vida regida pelo "capitalismo/democrático/cristão", o underground do Heavy Metal promoveria práticas coletivas e apoio.

Como o grupo objetifica não intencional a autenticidade como uma maneira de agir, pensar e sentir, isto é, como eles devem se comportar, revela o caráter moral que circunscreve suas relações e direciona uma visão idealizadamente realística para a experiência grupal. Para agir dessa maneira não basta aderir ao grupo, o indivíduo que deseja iniciar no grupo precisa seguir o que está estabelecido de como agir nos momentos individuais e coletivos, mas sobretudo, que esse indivíduo saiba o porque ele está agindo da forma que age. Essa consciência da intencionalidade do indivíduo evidencia uma autonomia relativa a todo indivíduo ingressante que atue de forma verdadeira e conforme o estabelecido. Mas isso não significa mecanizar os comportamentos, significa que esses indivíduos tenham o desejo de ingressar no grupo livremente e que eles estejam claros com seus desejos de serem aceitos.

Essa forma de se comportar como autêntico está relacionada como o grupo deseja ser visto e compreendido, isso é uma idealização de sua prática social, mas uma idealização que demanda dos indivíduos agirem conforme a prática social. O que os Headbangers amam não é

somente o momento de maior clímax como da performance, mas os ideais do grupo, que transformam a forma de enxergar e conceber o mundo. Essa perspectiva "idealista" se materializa e objetifica nos membros do Heavy Metal, pois o mundo que esse grupo projeta não é ahistorico ou sem espaço, o ideal está objetificado na realidade, faz parte dos encontros nos shows, nos palcos, nas performances, esse ideal anima o grupo no excepcional e ordinário social (Weiss, 2010).

Os membros projetam o Heavy Metal como ideal e com valor, ao projetarem suas visões dessa forma sobre o estilo de vida, criam relações de irmandade enquanto exclusivas e que não devem ser maculadas com falsidade ou deslealdade (Santos, 2021). Argumenta-se aqui, que o pedaço do Heavy Metal nessa urbe, visa manter os verdadeiros selves, o que se aproxima da perspectiva do referido pesquisador. Ele vai além e afirma que essa é uma proposta que pode ser experienciada em todas as cenas underground do Metal no Brasil. Quando o indivíduo realiza esse ajuste com seu pedaço ele cria uma "função construtiva e positiva desta prática urbana", pois no underground o indivíduo mantém e vivencia o seu verdadeiro self e dos outros – verdadeiro do ponto de vista Headbanger. Em outro trabalho nosso, isso aparece relacionado ao envolvimento que o membro faz com o seu grupo o que ele investe de si e coisas (materiais e imateriais) no underground para continuar tendo a experiência verdadeira com seus pares (Santos, 2021). Campoy sustenta que essa prática segue o modelo da dádiva (Mauss, 1974) porque o Headbanger se envolve de tal forma que mesmo que o seu investimento não retorne na "mesma moeda", o underground retribui em forma de mana (força) que emana desse espaço social (Campoy, 2008; Santos, 2013).

Neste sentido, deve-se destacar dois aspectos sobre essas práticas de defesa desenvolvidas pelo grupo. O primeiro aspecto, a chamada de atenção sobre a conduta dos Headbangers por profissionais da música como os conselhos de amigos da audiência, torna o grupo mais crítico do underground campinense e de outras localidades e nessa condição, o Headbanger se transforma num observador das relações sociais internas e externas ao seu meio social. O Headbanger analisa suas relações sociais para entender o que esse indivíduo tem para se estabelecer interações sociais. O Headbanger está atento a situação e a sua condição social no qual está inserido mais do que citadinos campinenses, vários relatos dos membros locais são sintomáticos nesse sentido. Por exemplo, Felipe Coelho comentou que estava na integração de ônibus, esperando o seu transporte para ir à universidade e estava vestido com camisa de banda (camisa do Cannibal Corpse) e as pessoas presentes na situação olhavam para ele com receio

(Caetano, 2016)[118]. Felipe Coelho disse que sentiu os olhares para sua camisa e que não ligava para o ocorrido, mas queria que eles se ferrassem, afinal, ele não era "marginal" ou outra coisa, ele disse ainda que isso tinha sido "bom" (ironicamente), porque ocorria dele ser foco de evangelização naquele espaço, ele disse "dentro de várias pessoas, eu era o sorteado (risos)". Em outra situação de pesquisa no mesmo local, Adriano Martins recebeu com indiferença um grupo de senhoras que evangelizava os jovens estudantes que estavam na integração com insultos, mandando-a se retirar e afirmando em inglês "*suck my dick*" e o seu amigo tentava ser educado e receber o folheto evangélico para que a moça fosse embora. A consciência da condição social dos Headbangers era reforçada por observar atentamente suas relações, especialmente, a aceitação e revelação do lugar que lhes são demandados contingencialmente como apareceu no relato de Felipe – contingências que aconteceu com ele e não com outros cidadãos do terminal de ônibus.

Essas experiências relatadas por esses membros mostram uma tendência dos Headbangers serem classificados com atributos negativos que os torna suscetíveis a associações negativas e necessitados de ajuda supernatural, o que não ocorre com aqueles considerados normais que transitam pela cidade.

Este é um relato frequente dos Headbangers, que frequentemente se encontram em situações que os fazem repensar e não manter suas interações com desconhecidos, eles ficam precavidos com tais atitudes antes mesmo de experimentá-las. Assim, quando um Headbanger deixa seu estilo de vida, ele é entendido como alguém que se "endireitou" – entrou em ordem, quando ele/ela se casa atribuem ao Headbanger do casal uma visão pessimista que não dará certo. Essa perspectiva operada pelo social e que aparece nos relatos dos membros, reforça o lugar do Headbanger enquanto um caso para não dizer um problema por não estar ajustado ao padrão da sociedade e esse caso perdura ao longo do tempo com classificações negativas que determinado indivíduo não "cresceu ou amadureceu".

O segundo aspecto, os avisos/conselhos aos membros regularmente tratam com rigor sob a vida social que o Headbanger pode se envergonhar e entende como íntima; tratam de uma dimensão da vida deles que ficam ocultadas e que podem ser expostas e analisadas pelos membros detalhadamente (Santos, 2021). Esses momentos de discussões pelos membros podem ser simbólicos e de esquecimento da consciência da condição Headbanger – o que é

[118] A pesquisa de Caetano (2016) desenvolvida no Rio de Janeiro, investiga regulações que o Metal sofreu em sua construção, o autor destaca que tais identificações dos membros pela sociedade denunciativa e estigmatizadora, revela o peso da moralidade na tentativa de abafar práticas artísticas que desviam do social, especialmente, artes que mostram dimensões que a sociedade não deseja reconhecer como participantes do cotidiano urbano como a violência, o medo e outros (Koury, 2011).

reiterado simbolicamente em forma de vitória e derrota sob outros grupos e sociedade. Aqui, o íntimo e o constrangimento é coletivo, pois os sentimentos dos Headbangers são produzidos nos espaços dos shows em conjunto. Já que isso está ao alcance de ser feito pelo Headbanger músico, está ao alcance da audiência assim fazer também, as apresentações realizadas pelos músicos não deixam de revelar os desacordos, farpas e relações engolfadas com a sociedade, mas isso não deixa de ser utilizado pelo grupo em seu proveito para gerar unidade.

Figura 9. Intervalo das apresentações no London Pub.

Fonte: Arquivo próprio, 2023.

iii. Dentro do grupo

Analisar as relações e funções desse pedaço social se torna importante pelo fato de revelar de que forma essa realidade social se constituem e permite a convivência dos que se comprometem com a identificação Headbanger. O indivíduo interessado no underground do Heavy Metal, chega ou conhece o grupo numa condição já organizada, não se trata apenas de um pedaço físico de interação, mas num pedaço social com uma organização singular. Esse indivíduo passa a se inserir por outros membros, seja pela família, amigos ou redes sociais de

streaming[119], de fato, ele passa a experimentar a identificação social a partir das relações com que estabelece com o mundo social. Na realidade esse ingressante participa de um fluxo contínuo de formação, que pode ser um fluxo rápido ou lento. É um processo que visa organizar e constituir as interações historicamente, mas claro, todo grupo experimenta esse fluxo de forma diferente.

Algumas regularidades características do grupo merecem a atenção e enraizadas na forma de relacionamento interna precisam serem detalhadas. No grupo encontra-se membros de idade e sexo diferentes coma uma divisão do trabalho estabelecida que condiciona os papéis; relações de proximidade sanguínea como dos pais com filhos e filhas iniciando como relações baseadas em amizades que conduzem a formas de associação variáveis de intimidade; encontra-se também nesse pedaço formas de relações baseadas em irmandade no underground e diferenciação em prestígio social, como acontece com bandas internacionais do mainstream – circuitos de maior impacto[120]; encontra-se nesse pedaço um estilo de vida estabelecido, isto é, um estilo de vida que chega num acordo socialmente definido de interagir com as coisas (material) e membros. Não obstante, existe materiais culturais, como os instrumentos musicais utilizados para criticar e externalizar seu descontentamento emocional para com o mundo; espaço mimético para as crianças irem processando nesse pedaço e indumentarias para adornar adulto e crianças, materiais que eram – e são ainda – utilizados como artefactos[121], símbolos sagrados. Há ainda rituais que marcam os momentos de comunhão e celebração como eram os shows sobre seus ideais[122].

Em suma, o mundo artístico e social em que o indivíduo se desenvolve enquanto membro e procurar contribuir (artisticamente ou não), era experimentado a partir de laços sociais interdependentes com seus significados, formas de organização e sistema de prestígio social. O significado atribuído a esse pedaço com sua pluralidade e estratificação eram pressupostos que fundamentam ou atribuem base para o estilo de vida Headbanger. Essas características quando somadas, para aqueles que atuam e participam efetivamente desse pedaço, constitui as práticas do grupo estabelecido, práticas estas que foram socialmente estabelecidas enquanto modo de viver o estilo de vida bem e de "bater de frente" com aqueles que não querem ser vistos participando do grupo ou aqueles que não tem simpatia ou respeito

[119] Plataforma digital para hospedagem de material audiovisual.
[120] Appadurai (2008).
[121] Campoy (2006) argumenta que o fanzine é considerado um artefato, isto é, tem um valor simbólico emocional aos membros por isso, utilizam desse termo para realçar a importância para tal material.
[122] Há shows que a proposta é celebração a entidades pagãs e há eventos que eram feitos para celebração e diversão dos membros, no caso do primeiro tipo de evento, trata-se de bandas Black, Death, doom Metal e o segundo tipo de evento, trata de bandas de Heavy, Thrash e outros.

com sua existência. O grupo compreende isso como pressuposto que sustentam até a contemporaneidade, por serem aceitos e serem fatos incontornáveis. As práticas constituem a forma pela qual os membros socializam e salvaguardam suas atividades, exclusivamente, para os participantes do grupo.

Tal fato se deve a forma com que foi organizada as práticas, pois as mesmas estabelecem uma regularidade ao grupo e indica sua situação. Além disso, as práticas desses membros se fundam nas experiências passadas, operadas por eles, porque se mostrou-se eficiente e elemento base da situação atual do grupo. Isso significa que as atividades feitas pelos membros em outros momentos, poderá ser realizada novamente no futuro sem perder a forma de realização, isto é, a atividade do grupo gera unidade que perdura no tempo.

O grupo toma essa prática como um aspecto que os permitia ser compreendidos por todos. Todo membro socializado no grupo compreendia o que estava estabelecido e transmitido pelos outros amigos, músicos e especialistas internos, o estabelecido servia como norma intocável para todas as situações dentro do underground. Além disso, servia como conhecimento interno para interagir com os membros e agregar mais ao seu estoque de conhecimento para entender o seu pedaço e o mundo externo como evitar encontros indesejáveis na urbe. Mas isso têm dois aspectos, a saber: o primeiro aspecto, a prática de ser Headbanger serve para transmitir sinais ou expressá-los, por exemplo, os membros devem agir de forma seria e respeitosa para com sua identificação social, porque sua identificação não é modinha, mas um estilo de vida e aqueles que agem dessa forma eram considerados verdadeiros membros[123]. O segundo aspecto, a prática serve como forma de tradução da vida, por exemplo, no grupo era comentado que aqueles membros mais engajados, mais afinados com o grupo, que seguiam ao estabelecido buscavam ser exemplos de "devotos" da cena. Assim o grupo, oferece instruções estabelecidas aos membros e oferece espaço para compartilhar seus desejos objetivos e subjetivos o que a sociedade apresenta, mas impossibilita de se realizar – como ser reconhecido no underground e não ter reconhecimento no mainstream.

Embora esse estilo de vida se apresente enquanto uma forma regular, essas condutas sociais dos Headbangers, apresentam-se a partir de um ponto de vista dos membros e a pesquisa de campo revelou que há outro elemento que informa o grupo como se visa apresentar a seguir.

[123] Se eles falam que existem verdadeiros, é porque há a necessidade de se distinguir dos falsos (aqueles que utilizam a estética e os símbolos para dissimular a identificação). Os verdadeiros Headbangers seriam, então, aqueles que vivenciaram experiências de sofrimento (seja pela falta de amigos, espaços ou instrumentos) no processo de formação do grupo, sofrimento este ligado ao estigma que suportam como também demonstram coragem ao permanecerem Headbangers em um contexto desfavorável.

Trata-se do grupo, no significado de que diversos indivíduos compartilham uma condição semelhante, na realidade é isso que eles esperam uns dos outros, terem a mesma condição, pois o Headbanger surge da posição que ocupa com seus pares na estrutura social da sociedade (Simmel, 1983; Elias, 1993).

O grupo é um conjunto de membros, que se pretende ser unidade social, formado por indivíduos com os quais se compartilha condições, sofrimentos e momentos de comunhão. Como os membros dizem serem "os defensores do Metal", que esse é o verdadeiro grupo em que todos os Headbangers devem pertencer – alguns Headbangers brincam com essas categorias como "defender ou lutar pelo Metal", pois há membros que super enfatizam suas práticas enquanto tal. Outros grupos que porventura o indivíduo passe a frequentar eram considerados, subjetivamente, enquanto grupos não verdadeiros, isto é, o membro não se sentirá enquanto indivíduo pertencente aquele outro grupo. O grupo dos verdadeiros Headbangers é um conjunto de membros que tiveram experiências ordinárias/execepcionais de sofrimento/privações parecidas por causa do estilo de vida com que se identificam, Headbanger; ao entrarem no grupo para vencer o peso do sofrimento/privações cotidiano, o membro descobre que ao se associar ao Metal que esse grupo é desacreditado pela sociedade (Koury, 2007).

Em outra pesquisa discutiu-se o processo de inserção dos indivíduos no grupo e percebeu-se algumas formas de sofrimento social – todo sofrimento é sofrimento – que acompanharam os membros (Santos, 2021; Koury, 2007). Para ilustrar brevemente, volta-se ao caso de Franco, jovem branco de 24 anos, de classe média e morador de um bairro considerado de status social, desenvolveu depressão e ansiedade devido a separação dos pais. Franco sofreu por longos anos devido a tal separação e passou longos anos também tomando forte medicações para dormir, segundo seu relato, já que sua cabeça não parava de projetar pensamentos negativos. Ele relatou em algumas situações que em uma de suas crises teve convulsão sendo socorrido por sua mãe Dona Rosa e sentiu algumas vezes a vontade de colocar um ponto final no sofrimento. O Heavy Metal chegou na vida dele por meio do tio – por parte da mãe – que lhe levou a um show em sua terra natal. Com o Heavy Metal em sua vida ele afirmou que conseguiu canalizar parte das energias que seu corpo guardava e descarregar no show, curtindo, batendo cabeça, cantando, participando do circle pit.

Ele relatou ainda, que evitava beber nos shows porque poderia gerar gatilho e preferiria manter-se sóbrio combinado com uma dieta "saudável", treinamento de academia e Heavy Metal. Franco se sentiu melhor após que conheceu os membros do grupo e firmou amizades que puderam escutá-lo, permitindo-o dar vasão aos seus sofrimentos. Franco contou que sua entrada no Metal foi libertador e ajudou ficar melhor. Sintomaticamente, outros membros ao

relatarem seu processo de inserção no grupo destacar o sofrimento devido a questões familiares como separação e conflitos no casamento dos pais. Até eles conseguirem acessar esse mundo social e fazerem amizades duradoras que se perduram na contemporaneidade. O interagente, Felipe Coelho amigo de Franco, destacou que depois que entrou no Metal conseguiu fazer amizades com que pode confiar e ser ele mesmo, ser um igual.

A relação que os membros estabelecem no grupo possibilita que tenham uma interação equiparada. Quando o membro se debruça sob o grupo, esse membro é considerado verdadeiro e autêntico (Campoy, 2006); quando o membro se afasta, esse é considerado poser ou traidor (Santos, 2013). Os membros profetizam ao Heavy Metal lealdade, mesmo em momentos em que o estilo musical no underground esteja em baixa na indústria cultural, com poucos eventos e circulação de bandas, os membros comparecem lealmente aos eventos. O grupo espera sem necessariamente verbalizar que o membro seja leal e não permitir que insultos, ofensas e xingamentos sejam direcionados a história de vida no grupo. Encontra-se desse modo, o entendimento do que o Headbanger deseja para com seu grupo e seu caráter de produzir filiações sociais.

Conforme a pesquisa realizada, quando o membro se encontra em ocasiões diferentes, esse membro recebe diferentes demandas de como se portar, se vestir e sobre que tratar desse mundo social e artístico para ser considerado um verdadeiro pelo grupo (Santos, 2021). Por exemplo, Headbangers contam que já passaram por muitas situações por não esconder seu "verdadeiro" self. O Headbanger Esteves Bandeira relatou que havia perdido várias oportunidades de emprego e até namoro por não se enquadrar nas exigências da sociedade como a demanda de cortar o cabelo ou por não se converter – como se verá mais à frente. Os Headbanger buscam se conhecer melhor consolidando uma relação entre conhecimento e moralidade; eles defendem com regularidade, a perspectiva que eles estão atados em espaço e tempo, num grupo que é real e que todos os membros deveriam agir em prol da sua manutenção e continuidade.

Como fora observado, os músicos desse grupo comungam de uma visão grupal defendendo os seus pares de uma forma ativa, quase "missionária", mesmo que isso implique separar alguns membros em algumas ocasiões. O Headbanger conduz suas relações orientando-se pelos valores e exalta os feitos realizados pelos demais em prol do grupo underground. Muitas vezes em campo, observou-se que os alguns Headbangers mantêm atributos de forma exageradas que podem ser ocultados rapidamente, por exemplo, um Headbanger pode ser agressivo numa circle pit e pedir desculpa dissimuladamente; ele pode borrar as fronteiras do respeito quando estiver sob efeito alcoólico e dar em cima de mulheres comprometidas em

shows e afirmar que desconhecia que as mulheres estavam acompanhadas; ele pode questionar aos familiares porque ele não pode vestir a camisa de sua banda favorita e criar um clímax, isso pode acontecer também no grupo de Headbangers; ou seja, o Headbanger pode continuar examinando o discurso e a prática dos outros até ter certeza que pertence ao grupo realmente e não se tratar de uma aceitação dissimulada.

Mas a perspectiva missionaria ou alienante era relatada como geradora de empecilhos. Por um lado, se o grupo em algum momento desejou tirar a visão espontânea da sociedade sob o grupo que são "anormais", contemporaneamente, o esforço do Headbanger de maneira explícita ou implícita, politiza seu estilo de vida, transformando o seu estilo de vida mais sério e distante do social. Isso possibilitou que outros membros da nova geração conquistassem maior aceitação quando atuaram da mesma maneira missionária. Ao agirem dessa maneira o membro lança luz sobre a situação dos seus pares e consolida uma visão pública de sua identificação como algo real e constituidora de um grupo real. Com o avanço do conservadorismo sobre as culturas em suas diversas expressões, o underground não passou ileso de seus efeitos, revelando daí, alguns membros simpatizantes da corrente ideológica da extrema direita – no entanto, esses efeitos ganham força no mainstream, com bandas que adotaram essa perspectiva de mundo as suas posturas e ideias – no underground em que essa pesquisa se funda, simpatizantes dessa corrente não se "cria" segundo eles dizem. O Músico Alexander Bento, destacou sobre esse processo social que alcance milhares de indivíduos e locais, seria uma forma que afetaria o Metal, já que a chegada dos conservadores no poder impediria o grupo realizar críticas as instituições e, portanto, o Metal se tornaria mais marginal do que era. Mas Alexander destacou que isso não constituía um problema em si ao Metal porque agora o grupo poderia selecionar bem aqueles membros e impedir que determinados indivíduos "não bem-vindos" participassem de seu pedaço, para o Metal ganharia sendo clandestino, para ele era a possibilidade de fazer o Metal como antes, isto é, exclusivo.

Por outro lado, quando o Headbanger procurar separar aqueles associados ao White Metal/Metal cristão ou Metal nazi, ele descobre que está usando da linguagem "missionaria" para produzir unidade. Não obstante, os discursos e as estratégias que apresenta para cativar, são parte das expressões e sentimentos da sociedade abrangente do qual ele vive. A indiferença do Headbanger com a sociedade que o nega pode ser compreendida pelo que a sociedade campinense entende por orgulho, dignidade e independência. A cidade de Campina Grande tem demonstrado, especialmente, nos últimos anos com seus dirigentes apoio a candidatura de deputados considerados ultraconservadores e seus projetos de tornar cidade alinhada a seus interesses político-religiosos.

Sintomaticamente, na política, a atual gestão atuou de proibir atividades coletivas e plurais como do carnaval de rua, como é o famoso Bloco do Jacaré[124]; proposta de alguns deputados articulados da cidade com outros para institucionalizar o Dia do Orgulho Hétero em 2023, mas que foi negado pela Assembleia Legislativa; a consideração de venda ou privatização do Parque do Povo, espaço em que se realiza o famoso evento intitulado de Maior São João do Mundo; o aparecimento de pautas de extrema direita, como foi o caso da vinda para a cidade, para palestrar num congresso anual cristãos[125], de um pastor que admitia a escravidão assegurado pela Bíblia, sendo isso considerado um desrespeito a democracia e os direitos humanos historicamente construídos, levando aos grupos cristãos – organizadores do evento – da cidade a cancelarem a participação do pastor americano em seu evento mundialmente conhecido; pautas agenciadas na câmara de vereadores para colocar um final na eleição democrática das escolas do município[126]. Os espaços e momentos de excitação social são abafados na urbe com fim das atividades culturais coletivas, as minorias sem espaço de fala e direitos sociais constituídos juridicamente e historicamente atingidos pelo projeto conservador que se implanta paulatinamente na cidade.

Em síntese, o Headbanger nesse espaço social, cria uma *illusion* em que busca se conservar, quando busca se proteger. Porém, quanto mais o Headbanger se afasta ou tenta se afastar do social, mais próximo do social estará, pois essa prática é o que gera e produz a unidade que se conhece por "sociedade" em aspectos culturais e sociais.

iv. Fora do grupo

O grupo Headbanger informa aos membros a prática que os músicos devem defender em nome da honra coletiva. Se torna interessante, revelar de que forma os Headbangers se vêem pela sociedade campinense do qual eles participam efetivamente, ampliando-se a imagem produzida pelo social sobre os Headbangers. A posição tomada pelos Headbangers era política como nos casos apresentados anteriormente como Esteves Bandeira e Marcos Aguiar acerca das respostas ao social. O membro que passa a incorporar a conduta coletiva era compreendido como alguém de porte adequado com bom gosto musical e participativo das atividades

[124] Como se pode conferir em na revista Carta Capital (2024) com o título: Prefeito de Campina Grande recua e anula decreto que proibia carnaval de rua.
[125] Como se pode conferir em Carta Capital (2024) com o título: Pastor dos EUA que justifica escravidão com a Bíblia virá ao Brasil para congresso evangélico.
[126] Como se observa no informe compartilhado pelo Sindicato dos Trabalhadores Públicos Municipais do Agreste e da Borborema – SINTAB. (2023).

promovidas localmente; aquele indivíduo que não mostra adesão era considerado fraco, poser ou White com comportamento inadequado.

Essa proteção contra os inadequados, implica em que o indivíduo se entenda enquanto um Headbanger completamente (corpo e alma), porque a sociedade não os acolhe, mas os exclui da vida cotidiana, como discutiu Esteves;

> Olha, eu sou Headbanger há bastante tempo e quando eu comecei, eu e um amigo do bairro (zona Sul) decidimos deixar nosso currículo em duas empresas no distrito industrial, não vou citar o nome da empresa, mas cabe dizer que uma era produtora de sandália, outra de computadores, outra de impressões, a empresa produtora de sandália nunca me respondeu, mas sempre tinha a ideia entre os meus amigos que a empresa chamava muita gente, mas eu mesmo nunca fui chamado. A empresa de PC, me chamou para uma entrevista, cheguei lá havia uns 20 homens, aguardei a entrevista, fui chamado por último e tive ainda que ouvir do entrevistador "nós não aceitamos homens cabeludos aqui, infelizmente essa vaga não é sua", na época eu fiquei sem entender como o meu cabelo impedia de eu realizar a tarefa "montar computador". Depois daí eu resolvi me qualificar fiz um curso técnico e estava em busca de uma empresa em que eu pudesse estagiar, encontrei uma empresa próximo no mesmo bairro da empresa anterior. Eu fui lá esperei o responsável pelo setor de estágio chegar, quando ele chegou, passeou pela empresa e me olhava vez e outra, depois mandou me chamar para uma sala, fui lá e ele disse "ta vendo essa empresa e as máquinas que tem aí, você não pode estagiar aqui porque você pode se machucar com seu cabelo, não permitimos cabelo grande aqui". Mas eu vi que tinha mulheres trabalhando com cabelo preso e não tinha problemas para elas, era mais preconceito mesmo. Depois disso, eu pedi ajuda a familiares para me indicar para algum emprego, eu recebi uma proposta de entrevista num hotel localizado no centro, próximo da praça Clementino Procópio (local onde ocorria shows), cheguei lá, só tinha um rapaz e eu, como eu cheguei primeiro, fui chamado para entrevista rapidamente, o responsável pela contratação e a atendente, fizeram as perguntas formais sobre tempo livre para trabalho e depois o gerente me questionou "eu fiquei sabendo pela atendente que você tem cabelo grande, pela norma da empresa, a gente não pode contratar você, você estaria disposto a cortar?" eu falei pela vergonha projetada sob mim que poderia, mas só pela vontade que estava de sair daquela sala, porque não me senti bem, quando estava no corretor do hotel o rapaz que seria entrevistado questionou como tinha sido, eu disse "a vaga é sua, eles não me querem aqui". Depois disso, eu fui chamado para entrevista num hospital particular no centro da cidade e a psicóloga, "a psicóloga" cara, uma senhora disse que não poderia me contratar por causa do cabelo, eu disse "eu vejo mulheres caminhando pelos corredores de cabelo solto e eu que ando de cabelo preso não posso?" a profissional lá disse que não na cara dura. Será se eu não posso trabalhar pelo modo que sou? Até pensei que era eu o problema, mas não era eu, mas essa gente (Esteves, entrevistas, 2024).

Conseguir uma oportunidade de trabalho constitui um ritual estruturado por uma performance de seleção, em um curto espaço de tempo como a entrevista para convencer os recrutadores de que o individuo possui o self adequado para o contexto de uma empresa. A carreira desviante de um Headbanger leva consigo traços de um presente que não valoriza sua imagem projetada pelo fato que já foi apresentado aqui. Diante as incertezas de boas condições de vida no capitalismo e o aspecto moral conservador liberal que circunda o empregador termina por se afastar como o individuo de determinadas interações que não possam trazer

algum benefício. Apesar de muitas pessoas hoje possuírem tatuagens ou traços distintos (como também alargadores e piercings) pode ocorrer ainda caos de preconceito como se observa no relato acima. Há aí também um lugar cerimonial da sociedade em relação ao emprego tendo em vista que algumas empresas buscam proteger sua fachada e contratar alguém que não se adeque ao que eles chamam de "cultura da empresa" pode poluir a sua imagem pública. Assim, o individuo Headbanger internaliza o preconceito como se viu de tal modo que chega aos locais de recrutamento esperando que não seja contratado. Esse fato ocorre devido as experiências anteriores que mostraram a não conquista do emprego que transformam o Self em que o individuo passa a reproduzir a posição que lhe é atribuída. A dificuldade de conseguir o emprego abala a capacidade do individuo transmitir uma apresentação do self convincente como alguém adequado ao cargo.

Pode-se acrescentar que por um lado, o membro Esteves sentiu vergonha pela sua identificação pelo fato de ser questionado inesperadamente sobre a possibilidade de ele cortar seu cabelo, mas ele estava comprometido em não ocultar, afinal, ele disse que sim e não abandonou o estilo de vida Headbanger. Por outro lado, o esforço e habilidade social, para lidar com a situação desconfortante, Esteves saiu da situação afirmando que compreendia o que estava sendo solicitado de padrões estéticos da empresa, mas resistindo a purificação social. Os esforços de Esteves foram para mostrar que, ele não negou ser Headbanger, mesmo que alguns tenham que ocultar essa parte para conseguir trabalho na cidade. De fato, a sociedade contemporânea tem seus problemas porque parte de princípios e interesses que afetam todos, só que de maneira desigual e esse Headbanger e outros membros se sentiram envergonhado e reflexivo sobre tais situações sociais, ao contrário do que eles são, alegres e descontraídos (Pataro, 2019).

A pesquisa de Pataro (2019) desenvolvida na cena de Maringá-MG, buscou analisar o processo de socialização dos Headbangers, conflitos e vínculos sociais estabelecidos nessa cena. O autor discute em sua pesquisa que a visão limitante da sociedade abrangente sobre os Headbangers é considerada uma honraria, os Headbangers entendem sua identificação como algo distinto, e por isso, o Headbanger demonstra que aqueles que se envolvem no grupo tem um compromisso real com seu estilo de vida e com isso, muitos Headbangers buscam se posicionar veementemente para defender o grupo. Segundo o autor esse posicionamento ou comportamento dos membros pode ser considerado como senso de "superioridade" que abarca a vida dos Headbangers. A vontade de continuar seguindo o fluxo da ação da identificação apontado por Esteves Bandeira, evidencia a crítica e sua aceitação enquanto diferente. O autor afirma a partir de sua pesquisa que com o decorrer o tempo o Headbanger pode demonstrar

amadurecimento e diminuir o senso de superioridade, ou como chamou Wanderley (2008), o senso de ser uma "pessoa especifica", mas enquanto isso não acontece, os membros continuam tendo dificuldade em conseguir emprego como no caso descrito de Esteves e como um dos interagentes de Pataro (2019, p. 69) afirmou: "tive problemas com emprego já. Já deixei de trabalhar em uma empresa por ter cabelos longos".

Os amigos e citadinos dos Headbanger não tem o desejo de caçoar ou ridicularizar, mas fazem por falta de informação, pelo não desejo de pesquisar e entender mais sobre o Heavy Metal. Tem-se que considerar também que, apesar Campina Grande parecer plural, a cidade adere a uma política conservadora, minorando a diversidade cultural e ampliando a atuação de grupos religiosos conservadores tanto em eventos quanto na política. Muitos Headbangers não desejam conversar com essas pessoas ou mesmo ajuda-los a entender sobre o Metal, o que termina findando por parte dos membros indiferença e distância, mas sem deixarem de ser críticos a realidade citadina. Mas o Headbanger não investe tempo nas conversas fiadas de amigos ou desconhecidos, mas eles fazem um esforço de convivência educada como fez o amigo de Adriano Martins tentando suavizar a situação de evangelização na integração de ônibus, mostrando que os Headbangers também são pessoas – mas com práticas diferentes. Para o grupo se distanciar do estabelecido expressa mais comprometimento com eles e a necessidade de todos convencer uns aos outros sobre seu self.

Mas os Headbangers ficavam atentos quando a brincadeira de caçoar não era facilmente superada, quando eles não deixavam de ser motivo deles sorrirem e não de rir com eles como se demonstra na situação a seguir. No aniversário de Felipe Coelho em sua casa num bairro "nobre" da zona sul, Felipe convidou amigos da época em que estudava no bairro considerada bem boa qualidade pela elite local e do mesmo bairro a participar e celebrar seu momento. A casa tinha uma linda fachada em bege e verde, com uma pequena arvore a frente da casa. Era uma casa com dois andares e vários cômodos e espaçosos, Felipe deixou uma mesa próximo da entrada reservada aos presentes dos amigos, de maioria homens, recebendo presentes como jogos de vídeo game, CD de bandas underground e peças de roupas.

Ao deixar o presente e depois se dirigir a mesa com churrasco e bebidas, observava-se uma sala para confraternização com muitas peças, talheres em prata e porcelana sob um enorme lustre luminoso rodeado por móveis em madeira envernizados. No final dessa sala de havia uma porta que dava acesso ao quintal e a piscina no qual a mãe de Felipe, Dona Maria servia comida, observava se todos estavam servidos e recebia os convidados. Na medida em que o alimento era servido, chegavam mais amigos de Felipe, cada um parabenizando-o e deixando um pequeno presente para o aniversariante. Depois que todos os convidados já estavam servidos e

alimentados, cada um foi comentando o que faziam da vida, eles informaram que cursavam cursos na área da saúde, outro disse que era piloto, outro investidor, administrador de empresa de familiares, cada um desses, apesar de jovens, chegarem à casa com carros próprios e de linha. Em seguida, Felipe chamou a todos para jogar vídeo game (PS4).

Quando o jogo começou, dois dos amigos de Felipe brincaram com ele, a respeito da música que ele estava escutando em seu celular, perguntando se ele ainda era "roqueiro" e escutava as músicas doidas. Impressionados com a continuação de Felipe no grupo, Felipe felizmente, colocou uma banda para tocar no celular, e eles querendo tirar uma onda com ele afirmaram que a fusão do "rock" e instrumentos sertanejos com a sanfona não combinava com Metal. Felipe afirmou que a música que estava tocando era do subgênero Folk Metal e afirmando que: "Na verdade a sanfona já tinha sido registrada na história como instrumento europeu, mas que veio ao Brasil por meio do processo de colonização".

Os amigos dele ficaram calados, reduzindo a tensão por reproduzir visões do senso comum ao grupo e as brincadeiras veladas que faziam com Felipe. Com isso, o Headbanger quebra o clímax do momento, referindo-se que seu estilo de vida Headbanger não é um problema e que ele não se chateia facilmente com as brincadeiras veladas de senso comum. Para além desses encontros e conversas comuns aos Headbangers, é esperado que o Headbanger não atribua importância ao que vem de fora do grupo como se apresenta:

> Quando as pessoas falam que eu sou satanista, eu respondo sorrindo que sou mesmo (risos), assim a pessoa ver que eu estou brincando e eu consigo me livrar das pessoas indesejáveis em eventos e universidade não é porque estou de preto que sou tal coisa. Os evangélicos são os que mais perturbam, afinal eles consideram a gente como alvo principal, em diversos locais da cidade eu poderia lhe dizer que já fui parado por evangélicos para ser evangelizado para não dizer constrangido! Cada um sabe de seu calo, mas eu não sou obrigado a parar em via pública para ser evangelizado ou mesmo parar para que orem por mim, exerça sua crença, mas não me envolva, mas há momentos que não há como dispensar pessoas insistentes assim, o cara tem que aguentar, escutar toda ladainha ou mesmo pegar os folhetos deles, caso contrário eles gritam e xingam, mas com cristo no coração, hipócritas (Esteves, entrevista, 2024).

> Eu não quero papo, eu procuro se sair o quanto antes de estabelecer contato com alguém que eu sei que vem puxar conversa, tipo os evangélicos. Teve uma vez eu senti o cheiro deles de longe próximo da minha casa, quando eu vi que minhas intuições estavam corretas, eu passei para o outro lado da rua para evitar contato, o cara que estava pregando, atravessou para o outro lado, eu pensei "porra esse cara ta querendo", ele veio e me entregou um folheto e esperou minha reação, eu segurei e joguei o folheto fora em seguida, ele ficou lá esperando algumas conversas, é so não alimentar as ideias deles e sair vazado que eles não te enchem, isso tem funcionado comigo (Adriano, entrevista, 2024).

> Eu sei que muitos bangers podem reagir de forma de diferentes, mas eu já sofri tanto com bully que eu nem ligo mais, eu escuto o que a pessoa tem para dizer e espero ela terminar e depois me saiu rápido do local, se essa pessoa quiser ore, eu não vou orar,

> vou disfarçar que estou, inclusive os evangélicos são os mais difíceis de dispensar, os mórmons também, espero ela terminar, desde que não me exponha ou me faça passar por vergonha, deixa ela viajando na noia dela. Já teve momento em que eu perguntava, usando a linguagem deles, de qual denominação vocês são? Conhecem fulano e beltrano, para eles não ficarem enchendo o saco. Tudo para não ser tirado do centro de gravidade (risos). (Antônio, entrevista, 2024).

Os relatos dos membros exemplificam um processo de tipificação. Para Goffman, isso significa que, em vez de reconhecer a multiplicidade de selves de um indivíduo, o público reduz sua identificação a um único atributo desqualificante, enquadrando-o como indesejado. A sociedade estabelece um comportamento esperado. Para aqueles já rotulados como amorais, ela opera uma lógica de autenticidade: espera-se que eles cumpram o estereótipo do desvio. Se não o fizerem, são acusados de inautenticidade. Em outras palavras, para ser considerado autêntico aos olhos da sociedade, o indivíduo é pressionado a perpetuar a própria condição de infortúnio que ela lhe atribuiu. O indivíduo que vive sob essa dinâmica tem, paulatinamente, seu self transformado contra seu próprio desejo. Esse processo gera um cansaço, pois a dinâmica esgota seu interesse em participar das instituições sociais convencionais. Diante disso, o Headbanger se vê forçado a um gerenciamento permanente do self: precisando negociar entre a apresentação de si que corresponde ao seu desejo e aquele self que os outros demandam que ele sustente.

A forma como os membros lidam com essas situações que poderiam ser tensas e geradoras de animosidade, mostra como eles visam manter o controle das emoções na ocasião e se sair melhor (Koury, 2016).

> Eu acho que a sociedade está aprendendo com tudo, recentemente com a pandemia e desastroso governo que se passou, ninguém merece. Acho que a sociedade pode aprender a respeitar mais o Metal assim como outras pessoas, espero que isso melhore um dia, mas tenho ressentimento acerca de tudo que passei devido ser Headbanger e só com o Metal, eu consegui colocar tudo para fora e me recompor. Muitos amigos do Metal só conseguiram se sair melhor na vida porque ficaram no grupo e formaram fortes amizades que duram. Estar com os membros faz qualquer um Headbanger se sentir bem, afinal, a gente tem um gosto diferente e estamos unidos por causa disso. É muito bom, escutar uma banda que ninguém, digo da sociedade conhece, e ao mesmo tempo encontrar alguém que conhece sobre no seu grupo, que não vai lhe julgar ou querer lhe converter por não concordar com meu estilo é muito bom, muitas das situações que vivemos, vivemos segurando a barra de todo tipo de desaforo, quando chegamos no Metal podemos soltar tudo isso em forma de curtição ou apresentação (Esteves, entrevista, 2024).

Observa-se ainda que os Headbangers quando estavam acompanhados por algum amigo de fora do grupo – não insider – pode atribuir a esse uma relação de igualdade temporária. Felipe era um exemplo disso, ele costumava levar amigos para os shows e ele conseguia fazer com que eles ficassem até o final do evento, dois de seus amigos eram da universidade,

participavam com frequência dos eventos e um deles se tornou Headbanger. Além disso, Felipe, considerava adequado mostrar-se nos shows e momentos de comunhão em viagens, por exemplo, apresentar seus gostos musicais profanas na presença desses simpatizantes, falando de si abertamente. Felipe comentou que estava ingressando na atividade física e que agora estava buscando a performance estética, gostaria de desenvolver um corpo físico atlético, mas para isso ele estava investindo dinheiro em equipamentos de academia como alteres e barras, disse ele, que treinava escutando Heavy Metal e tinha se inspirado muito nas canções de Metal do Heavy Metal clássico, como Manowar.

Apesar de ser um fator observável no corpo de Felipe, fora notado que ele não conversava sobre esse tipo de assunto com seus amigos mais antigos e de fora do Metal. Por exemplo, Felipe revelou que depois que iniciou com atividade física, ele passou a ser notado mais pelas mulheres nos eventos e conquistado algumas paqueras. Mas Felipe só passou a estabelecer contato com outras mulheres depois que iniciou sua amizade com Flaviano, um rapaz que participa de vários eventos e tem vários contatos na cena local por meio de seu ofício publicitário. Flaviano contou com ar de surpresa que Felipe estava deixando de ser tímido e conseguindo ficar com algumas mulheres, "semana passada teve um show aqui e ele ficou com duas mulheres, ele tá todo profano", enquanto Flaviano revelava isso, Felipe ficava corado de timidez e com um sorriso de canto de boca.

Outra regularidade a partir dos shows, revela que os Headbangers tentam mostrar aos membros com quem estavam mesmo antes de entrar nos shows, como no caso dos amigos que estavam conhecendo os eventos locais. Felipe realizava uma atuação regular e que se desenvolvia com outros membros quando levavam pessoas de fora do grupo, ele saía conversando com todos os membros ainda fora do espaço do show e saía apresentando o novato para que os demais membros conhecessem e eles tivessem uma noção de quem era a pessoa e com quem estava.

A mesma situação não aparece sendo executada quando se trata de uma mulher, se observou que a mulher era evitada de ser apresentada como Felipe realizou – apresentando a todos os seus amigos de universidade. Regularmente nos eventos, as mulheres conversam com outras mulheres, procuram por mulheres para conversar e geralmente essa outra era namorada/ficante ou esposa de algum membro. Os Headbangers tratam com serenidade as mulheres que acompanham os membros, o contato só se modifica na medida em que os membros estabelecem aproximação e familiaridade com a mulher e isso só era realizado com um tempo de participação nos eventos. A pesquisadora Vasan (2011) realiza uma análise sobre o envolvimento de mulheres na cena underground em Houston e evidencia o desequilíbrio de

poder entre os homens e mulheres nesse grupo, mesmo as mulheres sendo musicistas, produtoras e editoras de fanzines, há uma desigualdade. Para a pesquisadora as mulheres no Metal são analisadas por meio do *establishment* masculino operante, o que demanda delas reproduzirem o comportamento padrão dos homens, mas claro fazendo alguns ajustes seja na forma de cantar, tocar, bater cabeça e se vestir – para que em algum momento ela seja reconhecida e obtenha respeito. O que evidencia o tratamento diferenciado atribuído as mulheres de dentro e as mulheres ainda não iniciadas, mas conhecidas dos membros (Weinstein, 2009, Kitteringham,2014; Shadrack, 2020).

Acerca dos conhecidos (não membros), os Headbangers ainda costumam permitir que eles se sintam autônomos nos espaços dos shows e os Headbangers apreciam que eles fossem aos eventos, assim eles podiam conhecer a realidade underground e na melhor das hipóteses eles se tornassem Headbangers. Fora observado que muitos desses conhecidos e não totalmente membros, pagavam e compartilhavam bebidas, trocas de cigarros e petiscos muitas vezes, sem que o Headbanger demandasse, o que pode ser uma porta de entrada na intimidade e algumas vezes entendida como dissimulação, generalizando que o comportamento dele se resume a tais práticas e consumo. O grupo trata-os com tato.

Num dos eventos produzidos por uma produtora local no bairro do Centenário, o produtor do evento conversava com um motociclista que não se considerava "roqueiro" sobre como resolver o problema da bateria, isto é, o evento tinha chegado a hora de iniciar e a bateria (alugada) ainda não tinha chegado. O motociclista se ofereceu para ajudar dando o número de uma pessoa que ele conhecia e podia alugar – o motociclista só estava lá por causa do moto clube que ele participava e a vigília era parte do ritual do grupo, porque os motociclistas demandam atividades dos seus para ficaram vigiando as motos e a casa de show. Nesse dia, o motociclista estava na frente da casa falando do desagrado de estar ali e comentando sobre a possibilidade de contato para que o evento da produtora começasse rapidamente. O produtor do evento escutou e conversou sobre o tema com o motociclista de forma simpática e descontraída, mas resolveu esperar pela bateria que havia alugado, o que fez com o evento começasse tarde. Outros momentos de encontros com os membros revelaram tensões e tentativas de reintegração:

> Eu não sei se aceitaria ajuda de quem não me quer bem, entende? Eu sou Headbanger e já sofri muito por isso, inclusive por amigos do grupo, mas isso eu nem ligo sabe. Mas lá fora (fora do grupo) as pessoas são más e tem o governo que merecem. Eu tenho descrença que a sociedade no fundo nos queira bem, acho muito difícil, eles querem mesmo é nos usar para seus planos autodestrutivos. Eu quero é distancia de tudo e todos, eu poderia muito bem chegar aqui e dizer que está tudo bem e que receberia ajuda da sociedade, mas estaria sendo hipócrita, porque na realidade a sociedade não nos quer por perto, assim como os pobres fudidos que andam no centro

> de campina e os donos de loja os espantam como cachorros sujos, eles fazem com a gente seja no tratamento, seja quando solicitamos alguma informação, tenho dificuldade em receber ajuda dessas pessoas, é o que tenho para dizer. A gente anda tanto tempo como escanteados que a gente se acostuma e termina tendo raiva disso tudo (Adriano, entrevista, 2024).

> Aqui em Campina tem uma sociedade bem organizada, tem um bom desenvolvimento e isso é bom para os campinenses, não acha? Eu sei que tem bastante coisas para melhorar, mas acho que campina é um excelente lugar para se morar, mas isso não tira o fato de ter pessoas que desrespeitam as outras, e tem pessoas que desejam ser respeitosas. Mas para um Headbanger, skatistas ou hardcore sofrem de formas diferentes aqui, o Headbanger assim como os demais são tudo drogados para uma galera daqui. Deixa eu te falar, la perto do CUCA tinha ou tem um lugar para a galera do skate andar e lá perto construíram um pilar cristão, não sei o nome daquilo, é tipo um monumento. A gente conhece porque a gente andava muito por ali porque ocorria os shows no CUCA, perto de onde moro tem várias igrejas "clandestinas" (risos), essas igrejas feita nas casas dos outros, que não tem terreno próprio, igreja improvisada, sabe? Onde eu vou na cidade há pequenas igrejas e grandes negócios (risos)... eu não sei os outros Headbangers, mas em nenhum desses locais eu fui bem tratado por essa galera religiosa, porque eu devo abrir espaço para essas pessoas vir me julgar, falar mal das minhas músicas, das minhas roupas e da galera que ando? Amigos não Headbangers eu tenho, mas todos eles eu tive que fazê-los me respeitarem e hoje em dia é boa, mas depende das pessoas, elas querem o que meu? Deixe-me lhe contar mais, certa vez eu estava na integração de bus voltando para casa após ir ao centro e um grupo de evangélico veio me evangelizar, eu educadamente, escutei toda lorota deles (risos), mas sério, depois de alguns minutos eles perguntaram se eu gostaria de conhecer mais sobre a bíblia deles, eu disse que não e não precisava porque já conhecia, quem não conhece? O senhor se sentiu magoado e disse bem alto, "como é que pode uma pessoa como você conhecer sobre a palavra?" em tom de ironia. Eu me virei rindo para olhar ele se distanciando de mim, e disse para mim mesmo, mas é foda mesmo, o cara não faz nada e ainda sai esculhambando, eu corei de vergonha. eu só neguei a ajudar de ser salvo de algo que não queria e fui esculhambado, entende por que não posso receber ajuda de todo mundo? É uma hipocrisia do caralho, há momentos, para nossa própria defesa é melhor ser mal-educado (Antônio, entrevista, 2024).

As contribuições ou simpatias de outras pessoas aos Headbangers pode ser considerado como não bem aceitas, isso demanda mais energia deles. Como os Headbangers de que se trata aqui são assumidos membros e seu atributo é considerado honrado, a aceitação desses conhecidos nos espaços de sociabilidade dos Headbangers torna mais harmônica e os membros se sentem mais relaxados. Em suma, quando o Headbanger sociabiliza com esses indivíduos, ele observa a possibilidade de ganhar com tal ação e nas suas relações sociais como foi visto anteriormente.

Em vista disso, o comportamento dos conhecidos nesses espaços e no cotidiano demandam dos membros se defender em algumas ocasiões. A proteção é um elemento importante e que merece ser tratado com detalhes a seguir.

Esses conhecidos em muitos momentos de interação não consideram os Headbangers como qualquer cidadão, sem reproduzir um conjunto de senso comum marginalizantes. Realmente, os Headbangers se sentem como um cidadão normal, mas esses também reforçam

em suas conversas que podem se enganar com a aceitação do social. O grupo conta que ao tentar participar de outros espaços sociais, sentem que não eram bem-vindos, se sentiam deslocados ou que estavam no lugar errado, logo, o lugar que o social não considera como lugar apropriado a “Metaleiro”. Como descreveu Esteves ao caminhar num bairro próximo de sua casa:

> Era noite, e eu estava caminhando numa rua conhecida por ter casa de militares, eu estava voltando de um show e gostava de voltar para casa por aquela região. Está rua sempre foi enfeitada por árvores e luzes, mas nesse dia não estava assim, havia pouca luz clareando um pedaço do caminho, eu segui e avistei duas vizinhas conversando ao longe, provavelmente. Quando eu estava chegando próximo delas as duas começavam a acelerar o papo e olhar rapidamente uma para outra e depois voltar o olhar para mim, eu achei estranho, mas quando estava a poucos metros dela, as duas mulheres correram para suas casas e fecharam os portões com força e rapidez, eu passei pela casa de ambas, que eram no mesmo lado da rua e disse “Boa noite, senhoras! eu não sou ladrão, está bem? Passar bem” (Esteves, entrevista, 2024).

Ele contou que isso já tinha ocorrido em outros locais mais próximos de sua casa e que já estava acostumado com esse comportamento das pessoas, ele continua:

> Teve dias de estar voltando para casa de eventos ou da universidade e acontecer ações semelhantes. Próximo da minha casa tem algumas lojas de alimentos que ficaram famosas recentemente, tem um pessoal classe média que vai lá comer, em dias de promoção essas lojas lotam de gente, e em dias de não promoção vai só aquelas pessoas que tem carrão massa e importado. Esses dias eu estava passando na calçada da loja e um casal saiu da loja, foi caminhando e olhando para mim, o casal chegou no carro do outro lado da rua e continuaram me olhando, a mulher entrou no carro e o rapaz ficou me olhando paralisado, eu parei, olhei se vinha carro, olhei novamente de relance para identificar se ele ainda estava me olhando e ele estava, eu atravessei a rua e fui para casa, deu para sentir o medo deles de longe. (Esteves, entrevista 2024).

Destacou-se ainda que em outros espaços também ocorrem:

> Próximo da minha casa tem aproximadamente sete igrejas e todas as vezes que passo por esses locais eu sou visto com maus olhos. Já passei por uma igreja em que o pastor de uma assembleia conversava com os fiéis na frente da igreja ao me avistar me chamou de atribulado, coisa ruim e outras coisas que eles costumam dizer com quem não é da igreja. Eles olham para você como estivesse cagado (risos) ou como estivessem vendo um animal exótico, porque parece que fiz ou sou algo nunca visto e olhe, eu sempre dou boa noite e saúdo as pessoas, se eu passasse de cara fechada, posso imaginar como eles me tratariam. Posso dizer que já ocorreu dentro de universidade também, eu ia assistir uma palestra de um professor do meu curso (humanas), eu procurei a sala e entrei numa sala que estava tendo palestra por engano, pensando que era a sala do professor palestrante, mas não era, assim que entrei e olhei para as pessoas do salão todas me encaravam e uma mulher, possivelmente, professora e coordenadora assim que me avistou me pegou pelo braço como eu fosse uma criança birrenta, e me colocou para fora e disse, “aqui não é o seu lugar”, cara! Eu fiquei totalmente em choque, todo mundo olhando a cena dela pegando no meu braço e falando isso para mim, eu fiquei em choque, não consigo entender como as pessoas agem dessa forma, eu fiquei triste (Esteves, entrevista, 2024).

Irapuan (2010) destaca que os outsiders do grupo não iam aos shows de rock/Metal em fortaleza pelos fatos dos locais serem marginais, escuros e só ter pessoas de preto, mas que os eventos fossem realizados em outros locais os Headbangers poderiam atrair mais pagantes. A visão dos outsiders demonstra a limitação para aproximação e conhecimento social sobre as práticas do grupo. Se isso tem efeitos sobre os locais em que o grupo realiza suas atividades isso reverbera pela paisagem urbana do qual os Headbangers passam a transitar na cidade de Campina Grande.

O Headbanger não pode considerar em demasia que a aceitação feita por alguns será a mesma feita pelo restante dos indivíduos, mas essa aceitação diplomática de sua identificação é condicionada aos momentos de interação social. A aceitação depende de que os conhecidos e sociedade não se sintam coagidos além de seus limites para permitir que sejam aceitos. Conta-se em campo, que os Headbangers já eram pessoas "boas" o suficiente para tratar respeitosamente os outros, mas o fato deles serem tratados com desdém, indiferença e preconceito por algumas alas da sociedade campinense, fazia com que em alguns momentos, eles não sejam tão cavalheiros com se deseja socialmente; mas os Headbangers toleram certos empecilhos projetados pela sociedade revela alguns ganhos como tem-se observado.

Dessa forma, evidencia o ajustamento para mecanismo que subjaz e opera nas relações sociais desse fenômeno social. O ajustamento demanda do Headbanger a autoaceitação, espontaneamente e subjetivamente em sua experiência social como entenda objetivamente que determinados momentos não serão facilmente aceitos pela sociedade abrangente.

O ajustamento adequado é tomado por aqueles indivíduos que participam da sociedade abrangente, se torna interessante entender o que significa para os Headbangers seguir essa linha colocada pelo social para que eles sigam adequadamente como se apresenta a seguir a partir da pesquisa. Os Headbangers contam que isso era fechar os olhos para vida social como um todo e deixar que sua existência não habite mais os espaços sociais de interação; que o preconceito atribuído aos Headbanger não atinja eles; que eles não sejam ridicularizados e envergonhados como aberrações humanas; que eles não são tolerantes; que eles não vão se macular com a marca da dor e sujar suas crenças e referenciais de valor, daí está a fonte do qual se tira as ideias de bom comportamento. O mainstream do Heavy Metal sofreu para se estabelecer e conquistar espaço na sociedade, diversas pesquisas demonstraram as acusações de falta de moralidade no grupo, mas isso continua reverberando na sociedade e classificando os Headbangers como: arruaceiros, vagabundos (Irapuan, 2010), satanistas (Hecker, 2012; Smith, 2009), problemáticos (Mcdowell, 2016), de moral deturpada (Pataro, 2019) e outros termos

negativados socialmente[127].

Quando um Headbanger se comporta da forma esperada pela sociedade, a sociedade enaltece o indivíduo e afirma pelo discurso dos familiares e amigos/conhecidos que "era uma fase" – quando um membro se comporta da maneira indicada pela sociedade e não da maneira que o grupo espera que ele assim faça devido sua identificação, o grupo comenta, "que ele abandonou a comunhão dos irmãos", "que ele nunca foi um deles", "que ele não vivia o estilo de vida" – o que revela seu desejo e sua atuação como membro.

> Depois de todos os problemas que passei na vida enquanto Headbanger, eu posso viver na escuridão, distante de tudo e todos. Eu só quero escutar minha música, levar meu estilo de vida, assistir as bandas que gosto, gastar minhas energias (emoções) nos shows. A gente tenta ser gentil e educado pelos locais que passamos na cidade, mas nem sempre conseguimos porque tem muita pessoa inconveniente que nos pergunta sobre nossa vida como fosse íntimo, não me agrada, cansa ta explicando sempre (Adriano, Entrevista, 2024).

Demanda-se do Headbanger que se atue de modo que sua identificação com o Metal não signifique nada e nem ser reconhecido pelos seus pares seja um fardo que o torne diferente da sociedade; ao passo que, o Headbanger precisa estar longe para reproduzir a crença espontânea acerca do grupo. Em suma, esse membro deve aceitar o seu lugar na estrutura social, aceitar o seu lugar demandado pelo o social e não por ele. O social aceita-desaceitando os Headbangers, isto é, uma aceitação que é não tácita, mas que permite uma normalidade não real. Por exemplo, no contexto atual da onda conservadora alguns indivíduos que participavam do grupo local, passaram a se unir com os conservadores da cidade e se autorrealizaram afirmando que a indiferença com os Headbangers era ficcional, surfando na onda de que não há diferença (Sena, 2019). Mas é claro, os indivíduos estão inseridos em contextos histórico-sociais, investindo seus interesses libidinais em determinadas atividades padronizadas pelo social e com isso eles agem como fossem aceitos (Elias, 1993), orientando-se por práticas não intencionais.

Dessa relação do Headbanger com o social, extrai-se que a atuação deve ser como o estabelecido e agir dessa forma será o que ganhará dessa interação. Em determinadas situações para conviver se torna mais considerável agir como a sociedade demanda, como se observou nas passagens antecedentes, pois o aceite do Headbanger pela sociedade só está garantido se esse atuar de forma adequadamente natural, expressando como fosse alguém totalmente aceito. Quando o indivíduo se ajusta ao estabelecido, se torna bom para a sociedade (Elias, 1994). A

[127] A construção do self no Heavy Metal por meio do visual e da música, consegue burlar momentaneamente a imposição colocada pelos citadinos, evidenciando ainda que a sociedade não é totalmente dominante. Existem mecanismos de escape e de construção de identificações.

tensão produzida no grupo quando ele faz como a estabelecida demanda revela os limites da organização social desses membros do Heavy Metal underground campinense, realizando em tempos em tempos manutenção nessa aceitação condicional. Quando o indivíduo se ajusta ao estabelecido sem considerar os consideráveis do grupo em questão, esse tensiona as relações com o Metal; a relação feita no grupo underground era feita com consideração e apoio a irmandade de tal modo que quando esta era cobrada se gerava tensão (Santos, 2021).

v. As políticas de identificações Headbangers

Os insiders como os outsiders apresentam suas formas de enxergar o mundo com perspectivas diferentes acerca do self do Headbanger. Os insiders apresentam uma perspectiva politizante da identificação e os outsiders, segundo os Headbangers, apresentam uma perspectiva espontânea e limitante do que era o grupo. Tanto um grupo quanto outro, solicitam que o indivíduo assuma uma posição social e que ao assumir tal posição terá bons encontros e momentos e se sentirá por inteiro (corpo e alma) no grupo, digno e honrado. Com isso, o indivíduo aceita o self que lhe é projetado, esse self será diferente para um dos grupos do qual o indivíduo venha por ventura ingressar, tornando-o um porta-voz do grupo que vive nele e se externaliza (Bourdieu, 2001).

A situação em que se encontra o Headbanger, no contexto urbano do qual se tratou por meio dessa pesquisa, era que a sociedade busca trazê-lo para seu campo abrangente no qual ele será compreendido como alguém normal, mas diante do que fora estabelecido por ela o Headbanger ainda era entendido como diferente. Como se tem observado ao longo dessa pesquisa, a diferença surgia a partir daquilo que a sociedade estabelece enquanto tal, porque a diferença só ganha eficácia quando era definida coletivamente (Durkheim, 1999). Isso se torna evidente quando se observa as questões que a pouco tempo tem surgido no grupo com maior regularidade, um membro destaca:

> Como eu nasci numa família em que a música era uma parte do meu cotidiano, cresci escutando rock desses mais comerciais, do mainstream até chegar no underground, tive uma educação musical desde pequeno e aprendi ainda que ser uma pessoa que compartilha desse modo de vida todo dia, teria que explicar porque escolhi ser assim, pois a partir do momento em que o HM foi noticiado em rádio e tv, especialmente, por meio dos programas caracterizados como cristãos, a lá Edir Macedo e outros, começaram a associar o Metal a tudo que é ruim e maluquices, quando a gente conversa com alguém que não é do Metal, muitos pensam que a gente faz essas coisas que foram compartilhadas por essas mídias, compartilhamento esse que fez com eles achassem que a gente fazia essas coisas e que a gente não podia pensar diferente e com isso a gente foi associado a tudo que a sociedade não quer par si. Hoje em dia, é triste ver alguns “Headbangers” defendendo posturas conservadoras, reproduzindo

> discursos preconceituosos e o que prejudica a gente mesmo porque somos um grupo pequeno. Quando se assiste os DVDs de San Dunn e a história do Metal, a gente ver como o Metal foi atacado pela sociedade e partidos políticos e agora, a gente ver "Headbangers" fazendo aquilo que a sociedade faziam com a gente antes (Esteves, entrevista, 2024).

Adriano destaca seu descontentamento:

> Como sou filho de uma família conservadora, desde o início que comecei a escutar Metal fui duramente criticado, eu não tinha consciência o que significava ser "roqueiro", o que só descobri quando me assumi Headbanger, mas aí eu já era adolescente, entrando na fase adulta. Mesmo assim, a família e amigos – não Headbangers – criticavam meu estilo, a família criticava seriamente, fazendo associações a maldade, ao ruim, ao sobrenatural negativo como o diabo e os amigos me zoavam bastante, dizendo que eu tinha pacto e que mexia com magia negra. Tudo isso durou bastante e vez e outra reaparece e amigos e familiares fazem comentários depreciativos, o que eles falam, eu não gosto, acho que pelo fato de eu não gostar disso, eles zoam mais com minha cara, eu nunca gostei desse tipo de coisa, eles podem fazer isso brincando, mas eles nunca me perguntaram como eu me sentia, eu sentia raiva e tristeza, mas o Metal me lembrava da transgressão, subversão dessas coisas, prefiro mandar um foda-se para essas coisas, Metal não deve estar próximo de pessoas assim, porque Metal é minha alcateia (Adriano, entrevista, 2024).

A partir dos relatos apresentados nesta tese, da pesquisa de campo e da literatura acadêmica, observa-se que as políticas de identificação se referem à capacidade do indivíduo de apresentar o self que deseja nos diversos contextos de interação. Os Headbangers se veem despossuídos desse desejo libidinal quando a sociedade tenta impor-lhes um modo de agir e assumir o papel de guia em suas vidas. Os membros, portanto, lutam para manter o controle sobre a definição das situações em que estão inseridos. Sua resistência manifesta-se precisamente ao apresentar um self que transcende o preconceito atribuído pela convencionalidade, recusando-se a ser reduzidos. A resistência da identificação Headbanger é uma arte interacional que se desenrola tanto no dito quanto no não dito da vida cotidiana – seja num show, num bar, numa caminhada pela cidade ou em espaços educativos formais. Quando o Headbanger responde ao preconceito não com vergonha, mas com orgulho de seu self (como músico, editor, produtor ou membro competente da cena), ele está enfatizando a política de sua identificação e negociando o self da situação.

Os casos das políticas de identificações se tornam evidentes para serem analisados. Desde o início do Heavy Metal, os indivíduos simpatizam com a música e com a identificação com a música convencionada de "pesada" sofreram definições da sociedade abrangente (Smith, 2009; Hecker, 2012; Schulz, 2022). A pesquisa de Smith (2009) realizada no Sul da Flórida (EUA) cujo análise versa por entender como os discursos públicos constrói a identificação. Para isso, Smith apresenta casos em que o Heavy Metal surge como bode expiatório aos problemas sociais. O autor recupera casos que marcaram a sociedade americana como assassinato – de um

casal de jovens: Fabio e Chiara – e que foram rotulados como satanistas porque os jovens vestiam roupa de bandas de Heavy Metal – veiculados fortemente pelas mídias digitais disseminando uma visão negativa aos membros do Heavy Metal. Smith (2009) demonstra com isso que a sociedade criou um bode expiatório para outros problemas sociais (como violência, suicídio, drogas e sexo) e possibilitou que surgisse nos jornais especialistas que identificavam "ações satanistas" e que os discursos especialistas recebiam legitimidade ao passo que audiência (TV) aumentava com as reportagens (es)sensacionalistas. A pesquisa desse autor observa com isso a produção do medo ao grupo, pois segundo ele, aqueles indivíduos considerados desviantes se tornam bodes expiatórios perfeitos porque possuem símbolos convencionados de desviantes, fato pelo qual torna os Headbangers desviantes.

Sintomaticamente, a pesquisa de Hecker (2012) explora a cena turca de Metal, procurando entender como os jovens e adultos conseguem conquistar espaços públicos na cidade, além disso a pesquisa realiza uma análise sobre as causas que levam os jovens irem contra as restrições sociais e morais estabelecida na Turquia. Para isso o autor recupera casos parecidos com a pesquisa de Smith, em que o Heavy Metal aparece novamente como bode expiatório adequado, inicialmente marcado por um caso de assassinato de uma jovem que teve a cabeça esmagada por uma pedra e teve seu corpo estuprado em Istambul. Rapidamente, a polícia prendeu os jovens responsáveis pelo crime cometido e confessaram os atos cometidos e os jornais ao publicarem as imagens dos envolvidos com cabelo longo, vestidos de preto e segurando fosseis de um animal, o que os "tornavam" segundo os jornais, praticantes de rituais satânicos.

Após a publicação dessa matéria nas mídias, o pesquisador demonstra que o crime se tornou uma bola de neve e gerou grande pânico moral na sociedade, atribuindo a música rock e Heavy Metal a culpa pelo crime. Por meio dessa situação, o pesquisador desenvolve sua pesquisa analisando a mudança cultural com a chegada do Metal em Istambul na vida dos jovens. Assim como em outras pesquisas, as formas de apresentações, representações sonoras e estéticas cumprem um papel significativo na vida de muitos jovens e adultos, mas o estilo de vida cumpre ainda ofensa a cultura dos países – com isso, a mídia passou a publicar notícias essencialistas sobre casos de satanismo, pactos de suicídio e práticas sexuais. O autor afirma que os Headbangers turcos quebram os conceitos tradicionais de moralidade vigentes, com seu amor a música rock/Metal, por seus cabelos longos, pelas bebidas e blasfêmias gerando com isso, conflitos e ressentimentos dos turcos.

Na pesquisa de Schulz (2022) apresenta que o Heavy Metal explora as questões da vida humana por diversas perspectivas e que tem potencial de gerar nos indivíduos ouvintes emoções

devido sua identificação com a música e os músicos. Justamente pelo fato de produzir mudanças nas formas de agir, pensar e sentir que o Heavy Metal se transformou num bode expiatório para questões públicas, sendo o Heavy Metal associado a violência, culto ao mal, suicídio e assassinatos. O autor destaca casos como: o massacre numa escola secundaria de Columbine, tiroteio em Red Lake – Minnesota – em 2005, o tiroteio de Dayton – Ohio – em 2019. Os indivíduos que praticaram esses crimes tinham a predileção pela música pesada, segundo o pesquisador, nesse contexto, as mídias sociais reproduziram a afirmação que a música Heavy Metal era a causadora dos crimes, criando pânico moral nos americanos. Segundo o autor, pânico moral é uma "perturbação moral" quando um direito social se encontra ameaçado ou violado e regularmente a pessoa que é enquadrada como causadora do pânico é demonizada e estereotipada, em especial, pelas mídias estabelecidas. Tais situações tornaram a música Heavy Metal no seu germinar ameaçadora e um problema como ampliando seu estereótipo desviante ao longo de seu desenvolvimento.

Com o desenvolvimento do Heavy Metal, esse gênero musical se tornou "popular", a música passou a incorporar aspectos transgressivos de forma mais aberta e em outros momentos implícitos, fazendo com que o Heavy Metal seja contraditório e quando se tornou uma música popular, suas letras se tornaram também. O autor descreve que os temas líricos foram considerados pela sociedade americana como ofensivos e perigosos como uma má influência aos jovens. A popularidade do Metal trouxe para dimensão pública uma guerra sobre valores sociais e morais considerados "em declínio" e que a sociedade americana devia se proteger da ameaça.

Essas definições se perduram, afetando os objetivamente (mudando o comportamento dos membros em determinados momentos) e subjetivamente (porque marcam as experiências sociais na urbe e nos momentos coletivos) e mesmo que os profissionais, aqueles que fazem a cena funcionar, afirmem que o grupo é muito mais que essa visão limitante da sociedade. Era por meio dos profissionais da cena underground que a sociedade poderia ter menos efeitos sob o grupo de Headbangers, pois eles agiriam para indeterminar o determinável do social.

Mesmo que o grupo afirme que o Headbanger é um cidadão, afirma-se ainda que ele não deve sair do seu grupo. Em suma, a afirmação que ele é um cidadão e que ele é um Headbanger, conforme os porta-vozes do grupo asseguram era preciso saber até que ponto esse desejar ser um desses dois selves. Essa escolha entre um ou outro self, revela os projetos que se deseja no momento da escolha, o que de fato, cria uma tensão com porta-vozes do Metal, porque eles representam os Headbangers; precisam enquanto profissionais da produção e realização da música a presentar uma política de identificação adequada; identifiquem a

presença daquele inautênticos rapidamente no grupo e perceba aqueles considerados autênticos lentamente.

A pesquisa de Santos (2013) realizada em Salvador na cena underground do Heavy Metal acerca das condições e contradições de ser membros do grupo, faz uma análise partindo das categorias Truer e poser. A autora destina a estas duas categorias sentido de afirmação e negação de acordo com o nível de integração a cena underground e reprodução de discursos e práticas enquanto coerentes a proposta coletiva. A autora destaca que no processo de pesquisa de campo, fora notado momentos de encontros com os membros que havia um senso de autenticidade acerca de qualidades estéticas, qualidades morais, e musicais aos membros, músicos e produtores de eventos, pela dedicação ao Metal.

Assim como em outro trabalho (Santos, 2021), Santos (2013) mostra que as bandas precisam praticar o "espirito underground" conquistando o "sucesso" lentamente na cena, quando isso não acontecia e as bandas "fabricavam" seus sucessos, isso gerava fofocas e críticas as bandas pelo grupo, o que operava como demanda por autenticidade. Assim, a trajetória dos membros (músicos ou audiência) pode gerar admiração ou desconsideração, estabelecendo aquilo que Santos (2021) chamou de Classificação do Pertencimento utilizado pelos membros para mensurar a adesão do indivíduo ao grupo. O Headbanger só consegue ser autêntico nos pedaços underground de seu estilo de vida, o sentido atributo simbólico ou material se dissolve no ar quando são colocados fora da lógica underground – os momentos de encontros não programados na urbe as saudações calorosas de respeito mutuo reforçam isso, enquanto, aqueles que desconhecem esse mundo (sociedade) não os trata de forma honrada –, mesmo que isso possa parecer idealizado em demasia, tudo isso é significativo social e emocionalmente para os Headbangers, pois eram eles que mantiveram esse "espírito vivo".

Desse modo, o Headbanger entende que essas perspectivas se referem ao modo como ele deveria enxergar si e ao mundo, isto é, o seu Self social. As questões e demandas que são postas conduzem o Headbanger a pensar como deveria ser ou não deveria ser eram utilizadas para "seu" próprio proveito.

> Hoje, quando amigos ou familiares chegam com essas coisas para o meu lado, criticando o que escuto ou o que visto, eu aumento o som ou coloco a música mais foda de todas do meu gosto e isso espanta o povo. Funciona como uma reportagem que certa vez vi na internet, em que uma mulher ou homem não me lembro bem, se livrou de um ataque de um urso usando a música Heavy Metal (risos). Eu não vou deixar de ser quem eu sou para agradar ninguém, acho que isso também está relacionado a minha a minha dedicação a música Heavy Metal, desde criança escutando e tocando Metal e agora a pessoa desistir disso tudo? Brigas com amigos, familiares, autoridades escolares e crentes, para ser o que desejo ser, não comigo. Ao lado dos meus amigos que me oferecem acolhimento eu não sairia do grupo por

> qualquer coisa, ao menos até esse momento ao longo da minha vida o Metal esteve presente e assim permanecerá. Agora aqueles membros que desejam sair do grupo e não se sentem bem, podem ir, mas não contem comigo, especialmente, se virarem cristãos e depois venham querer me evangelizar, esse pode muito bem curtir suas coisas, mas longe de mim, eu sou o que sou porque foi algo que construí tocando e aprendendo com os meus, aqueles que saem do grupo com facilidade tem outras vontades que não do grupo. Todas as vezes que briguei com esse povo que falei, foi porque eu acreditava no que havia escolhido, tenho em mim a certeza que fiz uma boa escolha e vou seguir assim até quando for possível. tudo que a sociedade faz com nós, utilizamos como estamina para produzir nossas músicas e apresentações, seja numa capa de cd ou seja para uma letra de música e só aqueles que estão dentro sabem o significado de tudo isso (Esteves, entrevista, 2024).

Os Headbangers atraem o olhar da sociedade pelo seu estilo de vida, pelo tipo de música que escuta, pela indumentaria que veste e pelo posicionamento contra o social, esse último justificado por eles devida a hipocrisia e contradição da sociedade. O que a sociedade olha enquanto marginais ou perigosos é tido para alguns grupos dominantes conservadores como conduta profana, sendo merecedores de sanções e coerções de vários tipos e formas. Historicamente, o estilo musical e a geração que adotaram esse estilo de vida enfrentaram a intervenção da sociedade, que puniu músicos e fãs, justificando essa coerção com a alegação de proteger o círculo social nuclear (Caetano, 2016; Dunn, 2011).

A pesquisa evidenciou que há uma particularidade na forma com que os membros se relacionam e vivem, diferindo da ótica da sociedade. Tem se observado ao longo dos anos que, os Headbangers apresentam seu estilo de vida e suas críticas e posturas podem ser entendidos como um sistema de defesa contra a sociedade, defesa contra o conservadorismo religioso e político. A máxima da perspectiva da sociedade – a partir da visão dos Headbangers – era que os membros do Heavy Metal possuem um comportamento inapropriado e, portanto, um comportamento anormal, só se tornando normal quando esses membros deixam de se comportar enquanto tais e confirmem a ideia de se tratar de um estilo de vida, mas uma fase e que retornaria a reproduzir o padrão estabelecido. Por meio dessa perspectiva, as práticas dos Headbangers é apenas um bode expiatório para os problemas da sociedade com que a mesma não quer enfrentar.

O efeito da sociedade ao agir dessa maneira baseado em informações interessadas e preconceituosas, conduz diversos cidadãos a ignorar as próprias falhas e erros que empreendem quando classificam e enquadram negativamente os membros do Heavy Metal.

Quando a sociedade realiza essa classificação negativa para a marginalização, contribuem para reproduzir avaliações espontâneas sobre a realidade social do grupo em questão (Elias, 1983). As afirmações dos membros acerca de como a sociedade os entende, revela pouco conhecimento sistemático de como se opera as relações e suas formas ao

transformá-los em desviantes na cidade. Soma-se a isso, a sociedade atribui uma conotação pejorativa como “marginais, trombadinhas, satanistas, atribulados e doidos” e outros, tal forma discursiva e descritiva visa “resolver” a falta de cuidado ao realizar afirmações rapidamente sem mesmo avaliar os indivíduos desse grupo. A moralidade da sociedade demanda que seus indivíduos devem agir em prol do bem comum ou procurando atingir o bem, mas não para agregar todos as diferenças sociais que habitam a cidade.

Segundo essa perspectiva recuperada e apresentada pelos membros de como a sociedade os enxerga, é uma perspectiva limitante, embora seja considerada especial para aqueles já alinhados a sociedade. A sociedade, devido a grande massa e circulação de informação na contemporaneidade tem como seu laboratório as mídias digitais dos jornais, instituições religiosas e internet em que se encontram informações – enviesadas – que deterioram as diferenças sociais (Said, 1978; 1993). A sociedade utiliza a boca de familiares de membros ou desconhecidos na urbe para afirmar que há necessidade de ajustar o comportamento. Mas isso demandaria da sociedade atenção e escuta, porém, há uma predileção ao culto da libertação, falta de deus e sessões de exorcismo do que entender o outro, segundo os próprios Headbangers contam. Especialmente, no contexto atual, no qual a sociedade institucionalizou suas próprias fantasias/desejos e comercializa-los, devido seu engajamento em civilizar os indivíduos (Elias, 1993).

A partir dos relatos dos membros há uma não importância atribuída aos membros, já que o comportamento deles era uma contestação pública por transitar, ocupar e serem notados, mas não entendidos como parte integrante por seu estilo de vida ou pelo que a sociedade foi informada sobre o grupo. As ideias e comportamento Headbanger não eram um fator para perturbar a interação nos momentos de co-presença, na realidade, o que faz perturbar era visão superficial de que esses jovens e adultos eram e com isso os campinenses entendem que eles se comportam inadequadamente. Mesmo que a postura desses membros seja considerada um desvio social pela sociedade, tal fato alternativo ao padrão estabelecido é um fato empírico aberto e visível a todos, além disso, um fato que pode trazer impurezas a sociedade campinense, segundo os membros afirmam sobre aqueles religiosos radicais.

Da mesma forma que isso acontece de fora para dentro ao grupo, o inverso é verdadeiro, quando o membro Alexander afirmou:

> Antigamente, nos anos 1980, membros e bandas eram unidos, mas isso não significava que éramos melhores, antigamente, era mais fácil de enganar a gente com bandas e ídolos. Hoje em dia podemos ter acesso a tudo, letra e vida dos membros, temos acesso rápido a intimidade dos caras e senhoras, hoje é possível saber o que fazem e pensam. Para se saber quem é poser, hipócrita ou interesseiro é um instante (Caderno de campo,

2023).

Os Headbangers estão cientes que sua postura causa tais ações e reações na sociedade e também busca se defender dessas formas de preocupação social considerada infundada que ocorre nos momentos de interação com os campinenses. Diversos relatos no processo de pesquisa revelaram que basta o membro colocar sua indumentária que produzirá olhares de desconfiança, curiosidade e estranheza. O membro Esteves discorre afirmando:

> Teve vez de sair de casa para ir ao bairro da liberdade encontrar os chegados andando e encontrar um amigo de bairro com outros amigos, e esse meu "amigo" me zoar por causa da camisa de banda que ainda tenho e usou para me chamar de satanista, o conhecido que acompanhava ele um cara de meia estatura e gordinho me chamava para a briga porque eu era satanista, contar isso parece engraçado hoje, mas naquele momento produziu várias sensações estranhas em mim, raiva, tristeza e vontade de ser indiferente, porque se o cara é gentil aprende da forma mais difícil, infelizmente. Mas eu não compreendo o Metal para essa finalidade, Metal nos ajuda a lidar com essas emoções, no entanto, a gente so aprende isso com o tempo, o que o Metal faz por nós (Esteves, entrevista, 2024).

O simples passeio, trajeto ou caminhada na urbe revela essas sensações projetadas sobre a identificação social de ser membro do Heavy Metal. Os relatos desses olhares se acionam por muitos espaços sociais, ora com maior intensidade ora com menor intensidade, mostrando que o desvio dos membros era notado nos trânsitos entre bairros, no trabalho, na universidade e espaços considerados sagrados, isto é, uma identificação desviante que resiste na ecologia campinense. Ainda pode-se acrescer que o desvio social é também uma questão da ordem pública, análise sobre do comportamento da identificação desviante em espaços públicos. Para se entender mais detalhadamente em que isso implica, focando aí que a identificação social Headbangers era considerada um desvio de comportamento a ordem.

Detalha-se uma análise diferente da limitante para compreensão desse fenômeno social. Inicia-se refletindo a socialização dos membros para entender os aspectos da vida social, aqueles que mantêm esses aspectos ofendidos e analisar o que o comportamento Headbanger ofende (Heinich, 2013). Com isso, espera-se lançar uma compreensão acerca do constrangimento do membro categorizado enquanto "louco" pode realizar uma passagem ritual de redenção para uma boa conduta (Van Gennep, 1977; Turner, 1974).

Embora, as categorias imputadas ao comportamento dos Headbangers sejam consideradas inadequada pela sociedade em diferentes espaços em Campina Grande e outros locais, o aspecto do desvio cujo objeto de análise seja os Headbangers não foi considerado um exercício de muitas pesquisas nas Ciências sociais. A leviandade com que essa categoria analítica citada aparece nos discursos dos membros quando tiveram experiências indesejáveis

com o social, oculta as outras formas de desvio existentes e que não são considerados inadequadas (Velho, 1974). Os Headbangers ofendem a ordem moral e por isso, sua identificação política é considerada inadequada para se portar.

O comportamento sustentado pelos Headbangers aos longos dos anos evidencia uma ideologia que sustenta a identificação e por isso é política com "regras" e práticas que conotam a identificação e reconhecimento de um indivíduo para com o grupo. A forma de comportamento Headbanger quebra paradigmas sociais, paradigmas sagrados, que não podem ser tocados como era a ordem moral que impera nas subjetividades dos indivíduos nos momentos de encontros sociais. A partir da pesquisa de campo e entrevistas, percebeu-se que o comportamento Headbanger não deseja se encaixar nas regras dos estabelecidos, seja pela perspectiva ideológica ou seja pela perspectiva prática do modo de se vestir ou se divertir – já se observou encontros de membros e indivíduos da sociedade gerarem insultos e desentendimentos por causa dos motivos relatados. O comportamento dos Headbangers pode ser entendido pela situação social em que se encontra nos momentos de interação social.

A presença da identificação desviante dos Headbangers pode ser compreendida como desconfortáveis para se interagir nos momentos cotidianos da cidade. Claramente, há outras formas de se distanciar e que expressam o desvio por outra forma como há o tratamento atribuído ao Headbanger com ignorância ou dissimulação agressão, intolerância religiosa, associação a pessoas perigosas para com os Headbangers.

As pesquisas sobre esse estilo de vida destacaram esses "atributos" imputados aos Headbangers (Irapuan, 2010; Lopes, 2006). Indicam que a identificação social desse grupo desviante não é bem recepcionada e poucos indivíduos gostam de interagir no cotidiano – exceto aqueles membros que tem carisma e cativam o contato, o que pode ocorrer – criando uma imagem do self descredibilizada e visto com desconfiança.

Para além disso, se torna importante informar que isso não confere ao comportamento desses membros ao qual tentam imputar intencionalmente ou inconscientemente na reprodução de estereótipos. A institucionalização da aplicação de rótulos, caixinhas, etiquetas de "loucos, doentes, satânicos, maldosos e perigosos" se torna um fato posicionado/enviesado no empírico, porque cria comportamentos adequados àqueles considerados normais e comportamentos inadequados com significados "negativos" aos Headbangers.

Desenvolve-se agora alguns dados empíricos que desconstroem a visão superficial do social. O que os Headbangers fazem para ser considerados classificados com atributos negativos nos momentos de interação: primeiro, a forma como os membros utilizam o corpo para curtir as canções – essencializado pelas mídias digitais como negativo; segundo, a forma

comunicacional operada pelos membros no underground acerca da emissão e recepção de informações, especialmente, nos momentos das apresentações em palco com guturais ou vocais gritados, ainda na comunicação, os gestos feitos com as mãos e rostos nas apresentações (Alexander, 2011).

Esses elementos comunicativos da interação são elementos fundamentais para tornar as experiências dos membros nos shows singulares e quando "todos" estão envolvidos nesses momentos excepcionais se torna claro o porquê de eles agirem da forma que agem nos palcos e permite a todos entenderem a mensagem que se deseja passar. Isto é, os sentidos (visual, sensorial e auditivo) tornam a experiência dos membros única, porque eles podem observar o desenrolar das apresentações e pode ouvir o que os músicos nesses momentos dizem e por quais motivos; e ainda se soma aqui os sinais transmitidos e incutidos naqueles que participam do evento, os membros só entendem o que está sendo apresentado e discursado quando estão fisicamente naquele pedaço social de interação.

Tais aspectos socializados possibilitam um equilíbrio de papéis nesses espaços – podendo serem invertidos como ocorre com no Metal, já que a audiência é formada por músicos, a comunicação se torna sem ruídos (preconceitos) com os gestos e faces, contextualizam as mensagens transmitidas no momento das apresentações. O show do ponto de vista interacional oferece um feedback rápido do que está sendo apresentado ali, os membros podem se adaptar ou não as mensagens, o que permite resolver desentendimentos e limitações interpretativas sobre seus momentos (Alexander, 2011).

A análise dos aspectos interativos nos momentos de encontros sociais com esses membros e suas imagens na realidade social eram consideradas uma anomia moral, uma visão corrente que reforça que os Headbangers representam uma incompletude moral da sociedade (Durkheim, 1984). Porém, a sociedade reforça essa visão se baseando em preconceitos enviesados com interesses religiosos conservadores e político nesse espaço social, o que torna essa visão superficial descomprometida com a realidade social das diferenças sociais na cidade. Quando ocorre uma comunicação entre emissor e receptor, quando ambos se predispõem a estabelecer uma interação que rompe com os problemas sociais em busca de uma solução, pode se argumentar que há um progresso para desfazer marcas sociais que impactam negativamente a experiência de vida dos indivíduos, diálogo que ocorre lentamente com Headbangers (Elias, 1994).

Quando um membro passeia na cidade, entre bairros e é recepcionado por desconhecidos negativamente (verbal, não verbal ou fisicamente ameaçado) revela que há algo nessa interação que está gerando uma tensão como evidência que alguma "norma" social foi

quebrada e nesse caso o membro seria o responsável por sua conduta inapropriada. Essa forma de interação social identificada em campo, destaca que há um comportamento socialmente aprovado pelos campinenses e a necessidade de aprumar[128] os momentos de encontros na cidade. O comportamento da identificação social desviante dos Headbangers, destaca ainda que sua presença de forma objetiva na realidade era uma forma de produzir associação incoerentemente, porque afeta as "normas" de copresença.

As normas e unidades sociais eram determinantes para gerar encontros e desencontros aos membros do Heavy Metal. Se torna interessante detalhar as normas e unidades sociais que possibilitam uma compreensão acerca dos Headbangers e seus momentos politicamente.

Diversas pesquisas nas Ciências humanas abordam o Heavy Metal com aspectos históricos, bandas do mainstream e globalização e não atentaram para analisar o comportamento dos Headbangers por meio dos olhares deles, em especial, a partir dos momentos de copresença nos shows. Visa-se aqui uma conversão de aspectos estruturais para a dimensão interacional, centralizando as normas e sua unidade social para os Headbangers, pois, se entende que com isso, pode-se analisar as normas socialmente acordadas que atuam como reguladores das interações face a face, o que permite descortinar sua estrutura.

Inicia-se pela ocasião dos eventos na urbe, um show era visto como um agregado de indivíduos que se reúnem com um objetivo: ter lazer e assistir apresentações de bandas, esse momento reafirma a unidade, ocasião que tem horário e lugar marcado para se encontrar com seus pares. Os eventos firmam os comportamentos dos membros, circunscrevendo um comportamento padrão desse grupo, apesar de ser um pedaço informal, o show carrega consigo a etiqueta simbólica do pedaço (Magnani, 1993).

Por conseguinte, o ajuntamento dos membros, quando estão no estado de co-presença um na presença dos outros. Esse ajuntamento nos shows forma uma situação social que encarniça nas subjetividades dos indivíduos e transforma-os em membros do grupo. Nessa situação social dos eventos, ocorrem a classificação de pertencimento e reconhecimento coletivo que só findam quando o show termina, quando todos deixam esse espaço.

Quando os Headbangers formam essa unidade social, eles investem seu tempo, desejo libidinal e percepcional (Visual, sonora, discursiva) nas apresentações, eles se mostram como irmãos e receptivos uns com os outros. Essa é uma forma de encontros sociais em que a maioria dos membros (músicos e audiência) se conhecem e interagem – mesmo nos momentos das

[128] Goffman (2011) define esse termo como "um tipo importante de preservação da fachada, pois através do aprumo a pessoa controla o seu constrangimento e, assim, o constrangimento que ela e outros poderiam sofrer por causa do seu constrangi mento".

apresentações e momentos de não apresentações, por que shows são pensados pelos produtores-membros para que a audiência tenha contato focado com produtos e sociabilidades do grupo a todo instante, há membros que dizem "X só fala de Metal, só vive Metal", mesmo que tal afirmação tenha o teor jocoso, esse discurso afirma a proposta de produzir um evento para que a atenção dos membros não seja deslocada do ritual.

Todo grupo possui normas, com os Headbangers isso não é diferente e essas normas marcam as interações no início, o momento e fim dos encontros nos shows de Heavy Metal, atuando subjetivamente e objetivamente sobre os seus pares, ampliando nas perspectivas de pesquisas de Irapuan (2010) e Lopes (2006) sobre o processo de marginalização do grupo, acerca do distanciamento atribuído pela sociedade ao grupo de Headbangers. Conforme a presente análise, a situação dos Headbangers se aproxima e se distancia da visão superficial e abrangente da sociedade. E nessa pesquisa evidencia que as normas de comportamentos que dominam os encontros, em especial, dentro das ocasiões excepcionais entre indivíduos que não se conhecem ou que não conhecem as normas aplicadas nos momentos de interagir com o outro.

Nas ocasiões ordinárias da vida, os Headbangers mostram que as normas de estar presente na ocasião não são plenamente realizadas e respeitadas, gerando vergonha, timidez e picos de stress como fora também observado em outras pesquisas (Pataro, 2019, Lopes, 2006). Lopes apresenta em sua pesquisa casos de desentendimentos internos ao grupo e externo ao grupo, no primeiro caso pode-se citar o caso do segurança da casa de show que desconhecia a forma circle pit e tentou barrar o momento do grupo, no segundo caso, o autor destacou a estrutura da circulação das bandas em espaços públicos no Rio de janeiro.

De acordo com os dados de pesquisa, isso transforma as barreiras físicas em barreiras de comunicação, já que ao distanciar o grupo de sua relação a sociedade nega a comunicação entre emissor e receptor; os momentos em que os Headbangers se sentiram como não fosse merecedores de atenção civil, mas que eram compreendidos como merecedores de distância devido ao seu "perigo", "notados" por "cidadãos" ou por grupos religiosos; o que demanda dos Headbangers estarem atentos e que tenham habilidade social para se comportar conforme as expectativas e normas estabelecidas como os momentos ordinários e excepcionais da vida, os Headbangers gerenciem o envolvimento nas atividades sociais sejam elas nos shows ou no cotidiano, e as normas que governam essas relações são da ordem da interação social.

Quando um Headbanger destaca sua participação numa situação social e que reflete também sua condição social e não era bem recebido isso mostra que o outro (social) não mantive o compromisso para que a interação fosse realizada efetivamente para o bem de ambos, isto é, uma interação que desciviliza o indivíduo (Elias, 1993; Koury, 2010). Quando os membros

relatam isso em seus discursos destaca a não importância atribuída do público aos mesmos, uma recusa de atribuir atenção identificar ou perceber sua existência; com frequência, os membros comentam sobre a necessidade de respeito as escolhas deles em serem Headbangers o que não se concretiza efetivamente, pois, segundo eles, recebem tratamento de silêncio, desconfiança e medo, fazendo com que o contato interpessoal não seja considerado real e seja desfeito não sustentando o encontro com o social (Goffman, 1953).

Quando um membro age com demasia na frente de desconhecidos, aqueles considerados iniciantes (porra-loucas) pelo grupo, ele mostra o comportamento estereotipado projetado externamente sob os membros, fato que é compreendido pelo grupo como falta de tato com as normas e o senso de unidade, isso finda na reprodução da visão superficial do social. Esses comportamentos identificados no Heavy Metal podem ter outros motivos para que o indivíduo atue de tal forma, uma desses motivos era ser iniciante e desconhecer o estabelecido pelo grupo. Quando a socialização dos membros ocorre, a manifestação dos estereótipos pela sociedade lança os enquanto desviantes, porque assumiram os papéis não convencionais. Quando um membro ignora o pedido de evangélicos para ouvir a palavra considerada sagrada, o social encontra "evidencias" que confirmam a necessidade de intensificar a catequização desse grupo por sua conduta pecaminosa.

Essa visão não confere na realidade, essa visão confere ao comportamento que as pessoas esperam de encontrar nos encontros sociais, mas em relação aos Headbangers isso não confere e se torna uma visão distorcida da realidade. Aqui o comportamento de um Headbanger, devido sua condição social (distância dos espaços de prestígios sociais e próximo das mídias e discursos morais e limitantes) os coloca como se os Headbangers possuíssem comportamentos indesejáveis.

De acordo com a pesquisa isso revela a complexidade das interações e como isso pode gerar em longa escala de tempo a mal-entendidos que estabelecem preconceitos acerca dos comportamentos dos grupos sociais. O Headbanger que ignora a panfletagem de religiosos ou que ignora propostas de violencia física por moradores de classe média baixa e classe média, mostra forma como eles são tratados, mostra como esses discursos e "convites" demonstra como o comportamento estabelecido reforça as divisões sociais e preconceito social (Elias, 2000). Com regularidade os membros afirmam que em outros grupos musicais do mainstream como sertanejo, pode ocorrer conduta desviantes de violência e corrupção e nem por isso esses não eram rotulados.

O comportamento dos Headbangers não é tão simples de entender como a sociedade tende a pensar à primeira vista. Existe um conjunto de motivos que fundam a decisão dos

indivíduos entrarem no grupo “desviante”, como pode-se dizer que as formas de persecução desses comportamentos variam conforme são percebidos e julgados pela moral da sociedade. Segundo os Headbangers, a visão da sociedade sobre eles era formulada para exibir aspectos desviantes e engessar o preconceito por meio de mídias e instituições sociais como a religiosa (Smith, 2009; Hecker, 2012; Schulz, 2022).

Se o processo civilizacional controla a possibilidade dos Headbangers expressarem suas emoções, que controlem suas emoções em espaços (sociais) em que ampliam essas mesmas emoções de sofrimento, os Headbangers criam formas de externalizar ou liberar essas emoções da vida social que surgem na família e circulam entre outras instituições como eles criam ou se associam a grupos que fazem tais práticas. Isso destaca a relevância das emoções nas análises e o quanto essas cumprem uma importante função nesse meio social (Elias, 1993; Lutz, 2012; Koury, 2014).

Em suma, evidenciou-se neste subtítulo que quando os Headbangers estão no estado de interação face a face, eles se tornam públicos e identificáveis singularmente. Como sua identificação é singular, em especial, nesse contexto da pesquisa, surgem os discursos dos membros que revelam desacordos, mal entendimentos e proposta de violencia física/simbólica ao ser abordado em espaços públicos e levado a momentos de vergonha, pelo fato de seu estilo de vida ofender a ordem pública e subverter os territórios dos selves estabelecidos e de se defrontar com situações de desrespeito com seu grupo (Elias, 1997). Assim como qualquer outro grupo, há nesse ajuntamento normas de comportamento que dominam e estabelecem o sentido de unidade e que finda num pedaço com apreço e sentimentos de pertencimento.

Figura 10. Banda Sodoma no London Pub.

Fonte: arquivo próprio, 2023.

O que garante aos Headbangers respeito uns aos outros e assim o faça fora desse pedaço; eles sustentam sua situação social e seus compromissos dentro e fora do pedaço, tratando a todos bem nos encontros sociais. Mas esse estilo de vida ofende ao estabelecido socialmente e por isso são considerados desviantes, a crítica estética e ideológica constituem ofensas apresentadas publicamente a sociedade campinense, mesmo que não tenha nenhum cidadão ("comum") observando ou presente nos eventos, constitui uma ofensa a ordem pública.

Esse comportamento dos membros do Heavy Metal underground não é uma anomia, mas sim um estilo de vida que tem sua identificação enquanto política também – que valorizam a transmissão de informações sobre o grupo e suas relações internas, que sustentam decoro e porte que regulam o grupo nas interações sociais. Era nesse pedaço dos Headbangers que não há aquilo que o social projeta sobre eles, mas pelo contrário, era nesse pedaço em que os Headbangers conseguiam dar vazão aos seus sofrimentos (advindos do social) e alegrias, pedaço em que o seu modo de ser era aceitável e desejável (Magnani, 1993). Os Headbangers eram críticos da realidade, possuem uma visão política sobre sua identificação social e sua organização social que resiste ao longo dos anos.

CAPÍTULO 04 - A ORGANIZAÇÃO DA CENA E O DESVIO

Este capítulo objetiva analisar as dinâmicas da cena underground de Campina Grande. Inicialmente, serão explorados os elementos que caracterizam a cena local, situando-a em um contexto histórico e urbano desfavorável ao desenvolvimento do estilo de vida Headbanger. Para tanto, serão apresentadas não apenas as bandas, mas também os espaços de apresentação, os públicos e os recursos expressivos, como o humor e outras particularidades estéticas, que marcam a produção musical desses grupos na cidade.

Conforme revelado pelo material etnográfico, a cena campinense constitui-se a partir de redes de interdependência com outros polos, como João Pessoa e Patos, e estende-se até cenas de outros estados, a exemplo de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Essas relações fundamentais servirão para evidenciar os desafios e conflitos multifacetados que os Headbangers enfrentam, tanto nas tensões cotidianas com vizinhos, desconhecidos e familiares, quanto nas "aventuras" que empreendem em busca de prestígio interno ao seu estilo de vida.

Ademais, o capítulo analisará as formas de resistência elaboradas pelo grupo diante dos conflitos gerados por uma adesão que confronta a moral dominante. Essa resistência exige dos Headbangers um controle performático de seus múltiplos selves durante os encontros sociais na urbe campinense. Tais encontros acentuam, de modo decisivo, os marcadores sociais de classe, gênero e raça, os quais afetam profundamente tanto suas trajetórias individuais quanto sua experiência dos espaços urbanos, marcada pelo preconceito e pela estigmatização. Por fim, observa-se que o estigma imposto pelo domínio social é ressignificado no interior do grupo e convertido em fonte de orgulho Headbanger. Isso ocorre mesmo em face das transformações sociais que alinham esse mesmo domínio a tendências conservadoras. Para enfrentar os desafios contextuais, os Headbangers campinenses contam com o apoio de alianças estratégicas com outros grupos tribais urbanos, como alternativos, punks, góticos e hardcores, sujeitos que se tornam coparticipantes nos eventos do Metal.

Para a analisar a organização da cena de Campina Grande, esta pesquisa mobiliza um conjunto de trabalhos que servem como fonte documental e referência analítica para a etnografia sociológica proposta. A base inclui Silva (2014) cuja historiografia traça a chegada e consolidação do Metal no Brasil, fornecendo o panorama nacional; Curcio (2014) por meio de um arquivo digital, registra a memória e a trajetória da cena Metal campinense; Santos (2018), que concentra sua análise no período de surgimento e formação da cena local entre 1985 e 1995; Silva (2017) com foco específico na dinâmica da década de 1990; Lima (2010)

mapeia a emergência da vertente cristã do Metal na cidade por volta de 2010; Marques (2017) que investiga a história do Heavy Metal cristão local no recorte de 2009 a 2015; e Gomes (2019), cujo trabalho problematiza as práticas de resistência e as experiências no interior da cena.

Momentos importantes para análise

Em meados da década de 1980, o Heavy Metal emergiu na Inglaterra e nos Estados Unidos da América, conquistando adeptos em diversas partes do mundo graças ao processo de globalização. No Brasil, em 1985, seguidores desse gênero musical já se organizavam na cidade de Campina Grande, onde promoviam eventos e difundiam a cultura do rock e do Heavy Metal. Na época, o grupo contava com aproximadamente 50 membros regulares, em sua maioria provenientes das classes média e média-baixa, incluindo universitários e estudantes secundaristas. Apesar do crescente interesse por esse estilo musical, Campina Grande carecia de espaços de lazer adequados para os *Headbangers*, uma lacuna que representava um desafio para a manutenção desse estilo de vida na cidade, e que se mantém na atualidade.

Desde meados de 1985, com o crescimento da popularidade do Heavy Metal, o grupo campinense percebeu que suas atividades atraíam um número cada vez maior de indivíduos, e uma visão crítica compartilhada entre eles se consolidava, direcionada ao *establishment* que marginalizava esse movimento[129] na cidade. Este capítulo inicial não tem como objetivo realizar uma análise histórica detalhada — embora tal exercício fosse relevante —, mas sim analisar como a formação do grupo de *Headbangers* se consolidou e conquistou simpatizantes desse gênero musical a partir de meados da década de 1980. Para além de Campina Grande ser conhecida por suas tradições culturais, como *O Maior São João do Mundo* e eventos religiosos a exemplo do *Nova Consciência* e do *Consciência Cristã*. O Heavy Metal também marcou profundamente a vida de muitos indivíduos, acompanhando-os em momentos de altos e baixos, inclusive daqueles que permanecem vinculados a essa unidade social desde seu surgimento. Alguns elementos históricos e os relatos de experiência[130] dos membros nos

[129] Os membros mais antigos quando se referiam a esses momentos entendiam como movimento e não cena.

[130] A análise utiliza o conceito de experiência inspirado em Lahire (2002) como categoria central, entendida como o conjunto de contextos de prática social que capacitam os indivíduos a adquirir habilidades, seja através de interações coletivas ou processos individuais. Essas experiências são analiticamente construídas e vividas pelos atores sociais, mas sofrem transformações contínuas devido a dois fatores: a internalização de disposições sociais e a variabilidade dos contextos interacionais. Nessa abordagem, as experiências sociais resultam da articulação entre estruturas sociais objetivas e trajetórias individuais. Essa dinâmica produz vivências necessariamente heterogêneas - cada indivíduo interpreta e incorpora os contextos sociais de maneira única. Assim, a experiência revela a complexidade das interações sociais, demonstrando como um mesmo espaço pode ser simultaneamente vivenciado em dimensões coletivas (plurais) e individuais (singulares).

permitem compreender melhor esse fenômeno social na cidade, como se verá adiante.

Além disso, este capítulo analisa as experiências dos membros e suas reações em situações sociais mais amplas, com o objetivo de evidenciar a pluralidade resultante dos desvios entre interações sociais e estrutura social ao longo do tempo. Essa abordagem permite compreender os desvios e adaptações que emergem dessa relação de interdependência. O estudo amplia o escopo da pesquisa para abarcar as dinâmicas nas quais os *Headbangers* se inserem, considerando tanto as transformações em seus comportamentos quanto a influência dessa organização cultural no *establishment*.

i. A cena underground em Campina Grande

A cena Metal de Campina Grande consolidou-se como referência entre outras comunidades brasileiras devido à sua notável resistência grupal e continuidade de práticas sociais – elementos que geram forte sentimento de orgulho entre seus membros. A cena local é reconhecida tanto como espaço propício para performances musicais, quanto por contar com participantes profundamente engajados na manutenção da produção artística underground duradoura, caracterizada por um ambiente de apoio mútuo ao desenvolvimento do Heavy Metal. Contudo, essa dimensão social coletiva vem sofrendo transformações progressivas, seguindo mudanças figuracionais mais amplas na sociedade campinense e brasileira. Nesse processo, os membros do grupo continuam a sustentar comportamentos que se posicionam em oposição ao establishment.

No contexto contemporâneo, o aspecto mais relevante para nossa análise reside no fato de que a cena underground local poderia ter incorporado o padrão social dominante conservador, adaptando seus comportamentos para serem reconhecidos como "normais". Contudo, o grupo resistiu a esse movimento de adesão, algo que pode ser verificado nos relatos historiográficos da cena (Santos, 2016; Silva, 2018). A cena underground campinense opera como um espaço de socialização que ressignifica percepções e possibilita a construção de selves através da socialização e transmissão de saberes específicos sobre a vida no grupo (Coelho, 2014; Santos, 2021). Como evidenciam pesquisas locais, os membros demonstram marcado desinteresse pelas programações convencionais (como as festividades no Parque do Povo), privilegiando a convivência com seus pares da cena na *sujeira*[131], desde shows em locais

[131] O local servia como ponto de encontro para membros residentes no bairro das Malvinas, sendo o termo utilizado para designar tanto o espaço físico quanto as práticas de sociabilidade desenvolvidas por integrantes das cenas Metal, punk e hardcore em uma esquina específica do bairro, o que se aproxima do que Whyte (1993) denominou de sociedade de esquina.

improvisados até encontros em praças públicas, além do acompanhamento ativo das novidades do cenário Heavy Metal (Santos, 2016; Silva, 2018).

Essas pesquisas destacam, portanto, a relevância do estilo de vida Heavy Metal na conformação de comportamentos entre jovens e adultos que se identificam com esse gênero musical. Como evidenciado por pesquisas acadêmicas, a cena se estrutura em múltiplas dimensões (estética e moral[132]) que conferem significado e significante ao modo de vida Headbanger. A adesão ideológica manifesta-se na recusa de alguns membros em ingressar no serviço militar, priorizando sua permanência no grupo. Essa decisão envolve tanto a preservação de elementos de identificação basilares (como a manutenção dos cabelos longos e da indumentária característica) quanto a participação ativa nas práticas do grupo – desde a audição coletiva de música em alto volume, a frequência a shows até encontros em espaços urbanos de Campina Grande. Esse tipo de autocompreensão por parte do Headbanger explica por que a cena underground campinense adquiriu reconhecimento tanto local quanto nacional, como demonstra Santos (2016) por meio da criação de várias bandas e uma audiência fiel. Conforme documentado por Silva (2014), já na década de 1980 os membros organizavam eventos e produziam fanzines que posteriormente foram considerados pioneiros no cenário Metal brasileiro pelos próprios participantes da cena (insiders). A cena Metal de Campina Grande continua a reproduzir essas atividades, que permanecem presentes nos discursos e comportamentos de seus integrantes.

A partir da pesquisa realizada nos trabalhos de monografias, constata-se que a cena Heavy Metal se fundamenta numa prática que formam um modo de vida distinto: reconhecimento desse estilo de vida pelos próprios membros e por outros indivíduos revela-se como aspecto central, marcado pela adesão voluntária e relativamente espontânea ao grupo, sem coerções objetivas que impulsionem os indivíduos a participar. Até foi possível trata-se de uma escolha consciente e inconsciente por viver completamente essa identificação, assumindo-a como parte integrante de sua vida pessoal. A cena se caracteriza pela ausência de projetos grandiosos ou ambições mercadológicas projetadas pela indústria cultural, permitindo que os membros interajam conforme suas experiências e afinidades. O que os une é o compartilhamento de símbolos, valores e interesses comuns, que os leva a um distanciamento declarado dos objetivos financeiros típicos da indústria musical mainstream. Contudo, na prática, observa-se uma interação dialética entre as esferas simbólica e material. A realização

[132] Adoto a concepção de estética e moral conforme desenvolvida por Jeffrey Alexander, que as compreende como dimensões inseparáveis da vida social. Em sua perspectiva, a força moral de um indivíduo ou grupo depende diretamente de sua capacidade de performar, de modo estético e carismático, uma identificação emocional com aqueles com quem interage.

de um show, por exemplo, é indissociável de investimentos financeiros, seja para produzir e gravar a música, seja para apresentá-la ao vivo ou mesmo para assisti-la, evidenciando como a lógica econômica permeia e possibilita a própria existência da cena. Essa postura anti indústria cultural não impede que conquistem reconhecimento em diversos circuitos musicais alternativos.

Observa-se ainda que o nível de envolvimento nas práticas do grupo pode variar significativamente entre os membros, alguns sustentam o estilo de vida com maior intensidade que outros. Orgulhosamente, eles rejeitam a noção de que se trate de uma fase passageira ou "modinha[133]", como é caracterizado pela imputação do senso comum. Pelo contrário, afirmam tratar-se de uma vida consciente e duradoura. Esse meio social proporciona uma forma específica de identificação que vincula o indivíduo tanto à cena underground (na condição de Headbanger) quanto à dimensão artística do Heavy Metal. Embora essa identificação seja reconhecida tanto no underground quanto no mainstream, ela é sistematicamente deslegitimada por seu caráter não-conformista e por resistir ao establishment. Essencialmente, o estilo de vida Headbanger constitui um sistema social, dotado de crenças próprias, códigos estéticos específicos e uma moralidade particular que conferem sentido e significado à existência de seus membros.

A cena underground do Heavy Metal em Campina Grande apresenta uma trajetória marcante que revela como o grupo se constituiu e se transformou ao longo do tempo, respondendo aos contextos sociais específicos da cidade, analisarei alguns momentos sobre a cena local a seguir. Primeiramente, em meados dos anos 1985, segundo o pai de um Headbanger

[133] O termo "modinha" é visto negativamente por representar um produto massificado da indústria cultural, algo incompatível com a essência do Metal. Os verdadeiros adeptos defendem que o Metal deve ser apreciado apenas por quem genuinamente valoriza suas expressividades sociais e artísticas. Na visão predominante no grupo, transformar o Metal em "modinha" o prejudicaria, reduzindo-o a um consumo rápido e transitório, desprovido daquilo que Scheff (1990) denomina de laços sociais construídos em torno das interações. Essa perspectiva reflete uma preocupação central do underground: o temor de que as bandas percam os valores que as formaram na cena como humildade, reconhecimento entre pares e envolvimento. Existe a crença de que ao alcançar o mainstream, esses valores fundamentais seriam substituídos por egoísmo, priorização do lucro sobre as amizades e "estrelismo". Contudo, observam-se exceções como a banda Krisiun (Brutal Death Metal de Minas Gerais), que mesmo participando de grandes circuitos e eventos internacionais ao lado de bandas como Metallica e Slipknot, mantém sua conexão com o público underground. Os membros apreciam bandas do mainstream, mas resistem à ideia de que as bandas underground abandonem suas características originais desenvolvidas antes do contato com as grandes mídias. Processos em curso demonstram variações na compreensão do Heavy Metal entre jovens e adultos. Enquanto a sociedade capitalista contemporânea enfatiza um estilo de vida individualista, consumista e voltado ao lucro – que segundo Adorno (1985) transforma a música em mera reprodução passiva, alienante e conformadora –, grupos sociais recriam significados em torno da música que amam. Lipovetsky (2015) argumenta que na sociedade tecnológica moderna ocorre um desencantamento relativo da arte (música) com a proliferação de novos ídolos. O capitalismo provoca uma queda na compreensão dos indivíduos acerca de suas obras de arte no qual a música também se insere, essas obras vão se apagando enquanto significado e significante até serem compreendidas apenas como produtos de consumo e a todo momento a máquina produz sua máxima "música para todos tipos de gostos" em sua esteira.

musicista, o estilo de vida Headbanger foi sendo construído coletivamente por jovens e adultos que, nos momentos de lazer e entretenimento, buscavam espaços alternativos para vivenciar seu estilo de vida. Segundo, a ausência de locais adequados para shows de Heavy Metal na cidade acabou por unir esses indivíduos em pequenos locais na cidade, que apesar de suas diferenças[134], passaram a frequentar os mesmos espaços públicos e improvisados. Esse cenário de precariedade de infraestrutura física, impulsionou a cena. O desejo de produzir e consumir Heavy Metal, mesmo de forma amadora (em seu início), levou os primeiros membros a compartilhar seu estilo de vida, atraindo gradualmente adeptos de diversos bairros da cidade. Shows realizados em condições improvisadas em garagens, praças e espaços alternativos, tornaram-se o centro dessa expansão, ampliando o número de participantes nos eventos. Terceiro, com o tempo, o crescimento da cena e sua maior visibilidade – potencializada pelo advento das mídias digitais que trouxeram novos desafios. A popularização por meio das mídias digitais nos anos 1985 em diante, atraiu um público mais diversificado, nem sempre visto como legítimo pelos membros mais experientes. Surgiu então uma tensão entre os que buscavam preservar a autenticidade[135] da cena original e os novos ingressantes, frequentemente compreendidos como "posers" ou "falsos ".

Alguns membros não queriam tornar o grupo “modinha”, um estilo de vida comercializável, fato esse que levou ao grupo alguns clímax e animosidades no underground que ainda rendem discursões até a contemporaneidade e que fortalece os discursos de fazer um grupo exclusivo. Como último momento, a cena underground do Heavy Metal teve seus momentos de altos e baixos em que a visibilidade pública diminuiu devido as próprias mudanças ocorridas na sociedade abrangente, como a velocidade das informações midiáticas e das redes sociais e a pandemia da covid-19, mas, para os membros, aqueles que permaneram são os verdadeiros envolvidos na cena. Esses momentos anteriormente mencionados mostram de que forma o Heavy Metal na cidade mantem suas práticas mediante as mudanças no decorrer do tempo, influenciando e sendo influenciado por aspectos informacionais, culturais e políticos.

Diante da monotonia e da escassez de opções de lazer em Campina Grande para os Headbangers – onde as alternativas se restringiam basicamente ao shopping center e aos bares

[134] A cena em Campina Grande reúne jovens e adultos de perfis diversos. Entre os jovens, havia universitários, estudantes do ensino médio e alguns que haviam deixado os estudos. Os adultos participantes eram principalmente trabalhadores formais (concursados, contratados e autônomos), alguns deles operários das indústrias Metalúrgica e de calçados da região e atendentes de telemarketing. Todos dedicavam tempo para participar dos eventos e shows, mas os jovens se destacavam pela maior frequência, a participação ativa servia para mostrar seu compromisso com a cena e conquistar respeito dos mais experientes como ajudava a manter vivos os eventos e fortalecia as relações entre diferentes gerações de Headbangers na cidade.

[135] A categoria autenticidade é maneja tanto por membros que participam da cena quanto os especialistas da cena.

frequentados pela classe média alta – da cena Metal assumiram uma postura ativa na criação de seus próprios espaços de sociabilidade e expressão artística. Movidos pelo desejo de dinamizar a cena e estabelecer locais de encontro autênticos, adotaram a perspectiva "faça-você-mesmo" (do it yourself[136]) dos punks.

, organizando eventos independentes como forma de resistência à cidade. Essa iniciativa não surgiu por acaso: a falta de infraestrutura física adequada forçou os entusiastas do Metal a "correr atrás" e construir seus próprios circuitos culturais. A cena underground tornou-se assim um refúgio onde podiam extravasar as frustrações do cotidiano campinense, transformando a energia reprimida em produção cultural. A dedicação dos membros mais experientes foi crucial nesse processo, culminando na criação de produtoras (organizada por eles como Hellnoise e Noise Banger[137]), que organizavam shows não como empreendimentos comerciais, mas como dedicação ao underground.

O momento de comunhão e socialização da cena contava com poucos indivíduos e poucos recursos materiais para realizar eventos de Heavy Metal na cidade, criando uma pequena base para o desenvolvimento da cena, as apresentações nos eventos constituíam uma atividade central e foco de atenção do público, sendo práticas fundamentais associadas ao Heavy Metal. As práticas desenvolvidas, tanto por músicos quanto pelo público, durante os eventos funcionavam como um elemento agregador em torno do qual todas as atividades giravam, além de reforçar as práticas do grupo nesses momentos de maior clímax dos eventos.

A prática de ser músico ou membro da cena constituía um aspecto fundamental para estabelecer uma base sólida que permitisse aos Headbangers engajarem-se, pois, os momentos de encontro nos shows possibilitavam o extravasamento de emoções tanto em suas próprias apresentações quanto nas de bandas parceiras do underground, além de oferecer uma rede de apoio e comunhão[138]. Esses momentos são particularmente relevantes para análise, especialmente as apresentações com interação focalizada. Os momentos de catarse envolvem práticas específicas tanto para músicos quanto para o público. Como foi observar de regularidade a partir da observação de campo, as apresentações iniciando com um silêncio absoluto no início das apresentações, quando os músicos deixam apenas uma música de fundo

[136] Termo utilizado dos punks que significa “faça você mesmo”. A cena punk da cidade acompanhou de perto o desenvolvimento do Heavy Metal e em alguns momentos dividiram – e ainda dividem – os espaços dos shows, fortalecendo um ao outros numa relação reciproca.

[137] As produtoras eram (e são ainda) formadas por membros (amigos, músicos e não músicos) com interesse de produzir eventos e fortalecer a cena. Eles de forma conjunta dividiam as tarefas (montagem, desmontagem, segurança, organização de palco e outras) e sem hierarquias, sendo essa uma forma de suprir a falta de apoio publico.

[138] No contexto atual, essa rede mostra a participação de mulheres e pessoas do movimento LGBTQIAPN+ nos circuitos musicais do Metal.

tocando como abertura ritual, acompanhada de efeitos de fumaça artificial, imagens de seres sobrenaturais em banners e camisetas, enquanto mantêm um suspense encarando a plateia até o término da música introdutória, quando então gritos da audiência rompem a cerimônia.

Os músicos aguardam o momento exato do término da canção introdutória para iniciar a apresentação. As guitarras e baterias estridentes rompem abruptamente o véu de harmonia silenciosa e atenta estabelecido, modificando radicalmente a atmosfera de expectativa que eles próprios criaram. Esse momento crucial de transição, quando as primeiras notas são executadas, torna-se fundamental para que a banda conquiste a atenção plena da audiência e estabeleça o clima emocional necessário para a catarse grupal. Os relatos dos frequentadores corroboram essa intensidade, muitos mencionam retornar às suas residências com o pescoço dolorido e quase sem voz devido ao vigor com que extravasam suas emoções durante os eventos (Elias, 1992).

Desde a música introdutória, o músico, mantendo contato visual com a plateia, executa expressões faciais características ("caras e bocas") e sinais do grupo (como o molochio: sinal de chifres com a mão), aguardando que o baterista marque três vezes o chimbal (peça da bateria que contem dois pratos de metal emborcos) para iniciar a canção. Esse time (contado pelo chimbal) é essencial para a transição efetiva entre a abertura e o início propriamente dito das apresentações, quando então o público começa a bater cabeça, forma *circle pits* ou realiza saltos no *mosh pit* – práticas que, quando o público conhece bem a banda, podem persistir por toda a apresentação. Contudo, sua ocorrência depende tanto da permissividade da banda quanto das convenções do subgênero musical em questão. Tais práticas representam elementos fundamentais na operacionalização dos momentos de interação focada durante os shows porque chamam a atenção do publico para a apresentação, para o que esta sendo executado.

Em meados de 1985, o início da cena do Heavy Metal em Campina Grande consistia na produção de eventos e na convivência entre pares, configurando uma forma de sociabilidade onde músicos e público podiam interagir e compartilhar um mesmo pedaço para além da interação focada nas apresentações em palco. Essa dinâmica exigia da cena dedicação, resiliência e coragem para organizar eventos voltados as bandas ao subgênero Metal. De acordo com a pesquisa de campo e levantamentos acadêmicos sobre o Metal underground (Curcio, 2014; Silva, 2017; Marques, 2017; Santos, 2018; Gomes, 2019), segundo os Headbangers (tanto músico quanto audiência), não tinham como objetivo o sucesso comercial ou o enriquecimento, mas sim vivenciar emoções e experiências prazerosas através da realização e participação nos shows.

As bandas de Heavy Metal underground, mesmo reconhecidas em diversos contextos

por suas apresentações e composições – mesmo contando com músicos virtuosos e canções viciantes –, não alcançam os mesmos circuitos das bandas mainstream. Essa limitação no acesso à "fama" era compreendida pelos integrantes da cena como algo inalcançável. Apesar disso, observa-se a constante emergência de novas bandas no cenário campinense que se dedicam à produção musical do gênero sem expectativas de reconhecimento global ou de sustento financeiro através de sua arte, como ocorre no mainstream. Como discutido em outros momentos desta tese, parte dos membros expressa o desejo de viver de seu trabalho musical. No entanto, eles têm consciência dos inúmeros desafios financeiros inerentes a essa aspiração, que incluem desde os custos com viagens, marketing e merchandising até a necessidade de estabelecer conexões com agentes dos circuitos mais prestigiados da música. O desenvolvimento da cena underground mostra que os Headbangers concentravam seus esforços na divulgação de seus materiais musicais para inserção nos circuitos do Heavy Metal, estratégia que podem conferir maior estima às suas bandas.

Os pedaços que são reivindicados e ocupados pelos praticantes do estilo de vida do Heavy Metal em Campina Grande tiveram papel fundamental no desenvolvimento do estilo de vida Headbanger como se observou nos capítulos anteriores. Com base em pesquisas historiográficas sobre a cena local e o underground cristão (Marques, 2017; Lima, 2010), constata-se que os ambientes urbanos da cidade serviram como locais de acolhimento para aqueles que se identificavam com a música, as performances, as relações sociais, as atividades e o posicionamento crítico frente a problemas sociais (Santos, 2016; Silva, 2017; Gomes, 2019; Silva, 2023). Embora existissem indivíduos que buscassem apenas entretenimento e lazer, outros Headbangers adotavam conscientemente acerca de seu estilo marginal, ocupando áreas periféricas e "sujas", negligenciadas pelo poder público como se demonstrará a frente, caracterizadas por condições precárias e distanciadas dos valores religiosos, do conformismo social e das estruturas de coerção ao trabalho[139]. Eles foram influenciados e apoiados pelos punks esses Headbangers críticos e marginalizados tornaram-se parte integrante da ecologia urbana[140] campinense, contribuindo significativamente para o fortalecimento da cena underground.

[139] O trabalho enquanto mecanismo de conformação social. Os relatos dos membros evidenciam que o trabalho era percebido como um instrumento de controle social, exigindo a adoção de comportamentos "standard" como condição para conseguir emprego na cidade.

[140] A perspectiva de ecologia urbana está alinhada ao interacionismo simbólico e aqui utilizado para analisar os usos do espaço público e as formas de interação que nele se estabelecem. Em sua dinâmica própria, essa ecologia demanda de seus transeuntes práticas de deferência e respeito mútuos, uma vez que tais espaços funcionam como palcos sociais em que os indivíduos apresentam seus selves e gerenciam as impressões. Isto é, tanto uma rua quanto um bar exigem de seus participantes formas específicas de interação e de performance.

Por meio da oportunidade de realizar apresentações e habitar esses espaços urbanos, os Headbangers consolidaram um estilo de vida fundamentado em princípios veiculados por revistas e bandas estrangeiras consideradas "canônicas[141]". A análise de materiais acadêmicos e fanzines (como Deliver Zine, Lucifer Venerabilis) locais permitiu identificar dois aspectos centrais: primeiro, seu engajamento na fabricação, organização e manutenção da cena underground como uma dimensão de profundo significado emocional; segundo, sua contribuição para o surgimento de novas bandas e para a criação/reinvenção de estéticas vinculadas ao gênero musical e ao modo de vida[142]. Essa apropriação criativa de referências culturais permitiu a evolução e perpetuação da identificação Headbanger, sem abandonar seus fundamentos "clássicos".

O estilo de vida vivenciado na cidade caracterizava-se pela reunião dos membros em torno de experiências compartilhadas na busca pelo Metal underground dentro e fora do estado, definem as aventuras[143] como um momento de expressão libidinal. Conforme expresso pelos próprios membros através da expressão "nas antigas" e por suas conversas como se viu nos outros capítulos, a cena Metal campinense dedicava-se primeiramente à promoção do estilo e à realização de eventos underground – atividade que representava (e ainda representa) um desafio significativo para seus organizadores. Tal desafio foi igualmente vivenciado por produtores de outras localidades, como foi demonstrado no trabalho de Bandeira (2011) sobre as bandas de Death Metal em João Pessoa. Os Headbangers campinenses realizavam excursões para eventos na capital paraíbana, descobrindo espaços undergrounds em locais pequenos e muitas vezes considerados inadequados para apresentações. Situação semelhante à encontrada em Campina Grande, em que se identificavam os poucos espaços disponíveis que poderiam acolher as atividades artísticas. Devido ao empenho dos membros na produção da cena underground, a realização de eventos ganhou impulso com o apoio dos mais engajados, tornando seu pedaço cada vez mais reconhecido.

---

[141] No presente contexto, o clássico deve ser compreendido como referências externas aos membros, particularmente as primeiras bandas de Metal que impulsionaram o gênero e enfrentaram os desafios de suas respectivas épocas. A resiliência dessas bandas e seu compromisso com a crítica ao establishment enquanto atitude crítica transformou-se em princípio~~s~~ a ser reproduzido~~s~~, constituindo-se em elementos indissociável do Headbanger.

[142] Estes grupos incorporaram elementos regionais e culturais em suas composições, letras e saberes instrumentais.

[143] A aventura, apresenta-se como experiência social que articula o excepcional e o cotidiano, representando uma forma intensa e significativa de vivenciar momentos sociais com impacto duradouro na trajetória individual. Conforme Simmel (2004, p.1) destaca, trata-se de "uma parte da nossa existência à qual, pela frente e por trás se ligam imediatamente outras, mas que, ao mesmo tempo, em seu sentido profundo, corre por fora de qualquer continuidade desta vida". Tais momentos projetam nos Headbangers uma perspectiva singular e autocentrada na excepcionalidade, sem, contudo, romper completamente com o ordinário. A dialética entre imprevisibilidade e rotina torna essas vivências particularmente atraentes, especialmente para jovens e adultos desse meio, sendo recordadas com nostalgia pelos veteranos como experiências únicas e irrepetíveis.

Quando ocorriam apresentações de bandas na cidade de Campina Grande – tanto de grupos locais quanto de parceiros de outros estados – ou quando não havia eventos locais, os membros se deslocavam para outras cidades a fim de prestigiar bandas nacionais e internacionais. Esse movimento era impulsionado pelo desejo coletivo de manter a cena ativa – inclusive com algumas bandas se apresentando gratuitamente para apoiar os eventos e simultaneamente promover seus nomes.

À medida que as atividades internas ganhavam organização e consistência, os membros passaram a influenciar, direta ou indiretamente, outros jovens que descobriam seu espaço de pertencimento junto aos Headbangers durante os eventos. Dessa forma, o Heavy Metal underground adquiriu força suficiente para reproduzir-se socialmente, atraindo novos adeptos para seu pedaço. Esse processo foi fortalecido pela regularidade na produção de eventos, pela participação ativa de músicos e público nos eventos locais e pelo sistema de apoio mútuo característico da cena.

A investigação permitiu identificar outro elemento fundamental para a compreensão da dinâmica desta cena: a experiência vivida nos eventos, caracterizada por um intenso extravasamento emocional compartilhada entre músicos e público. Contudo, a realização desse momento coletivo pressupõe um trabalho prévio solitário e exigente. Para alcançá-lo, os músicos submetiam-se a longas horas nos locais de show, sem jamais eliminar a sensação de "frio na barriga", e dedicavam horas à prática individual com seus instrumentos, em um isolamento criativo voltado à composição e ao aprimoramento técnico. Por fim, o próprio espaço urbano que acolhia essas apresentações revelava-se um elemento crucial, pois era nele que se materializavam, de forma tangível, as contradições sociais, os sofrimentos e a padronização civilizatória que perpassavam a cena. A escolha por espaços undergrounds (regularmente precários) funcionava como demonstração de resistência coletiva e afirmação de um estilo de vida marginal. Esses locais proporcionavam um escape da realidade opressiva, configurando-se como espaços de autenticidade existencial - uma alternativa viável e real frente à padronização imposta pelo establishment.

Com isso, a prática do Metal exigia organização meticulosa, planejamento detalhado e significativo investimento de tempo, incluindo viagens interestaduais de duas a quatro horas pelas rodovias brasileiras para participar de apresentações. Muitos músicos atuavam sem remuneração – "por amor a cena underground" – em espaços carentes de infraestrutura adequada, como o antigo Vitrola ou o Bar da Beta[144]. Contudo, esses eventos underground

[144] O Vitrola Bar possuía uma estrutura considerável para a circulação de membros, contando com dois banheiros, um backstage improvisado para músicos e um palco equipado com caixas amplificadoras e mesa de som. Embora

proporcionavam recompensas não materiais: horas de convívio em seu espaço social privilegiado, a oportunidade de acompanhar bandas afins e uma experiência imersiva que transcendia a rotina cotidiana, configurando-se como vivência Metalized[145].

O Headbanger Charlie Curcio, em registro histórico publicado em seu blog pessoal, documentou a dinâmica dos eventos na década de 1990, particularmente aqueles realizados no Bar da Beta, oferecendo elementos relevantes para a compreensão da cena Metal local. Ele apresenta que, já naquele período, os membros consideravam-se os únicos verdadeiros guardiões da cena underground, envolvida em um manto de tradição e na retórica da perda (Gonçalves, 1996; Smith, 2009). O autor argumenta que, embora numerosas bandas juvenis emergissem para se apresentar em diversos locais, faltava-lhes a atitude necessária para sustentar e desenvolver a cena. Os registros confirmam que, nos anos 1990, Campina Grande possuía uma cena ativa, com bandas formadas por amigos, editores de fanzines e Headbangers que se reuniam em espaços públicos como a Praça Clementino Procópio e estabelecimentos como a Guabirada. Esses encontros transcendiam o consumo de bebidas, servindo principalmente para o planejamento das atividades do grupo. Entre as bandas destacadas da época, menciona-se;

Quadro 2. Bandas criadas em 1990 em Campina Grande.

Bandas dos anos 1990 na cidade	**Status**
Nephastus	Ativa
Diarrhea	Desativada
Devastator	Desativada
Interitus	Desativada
CUSPE	Ativa
Mortífera	Desativada
Krueger	Ativa
Stomachal Corrosion	Ativa
Abaddon	Desativada
Ultra Violent	Desativada
Insania	Desativada
Lock Heed	Desativada
Mind Grind	Desativada
Caveira	Desativada

oferecesse esses recursos para músicos e público, o espaço encontrava-se, desde seu início, em estado de deterioração e com valores de aluguel considerado elevados ao que o espaço oferecia e localização. Após cerca de cinco anos de uso contínuo, o estabelecimento foi interditado pela Defesa Civil devido ao risco iminente de desabamento. Em contraste, o Bar da Beta apresentava um formato retangular e espaço reduzido para as atividades dos Headbangers, constituindo-se como um dos primeiros locais de referência da cena Metal em Campina Grande, conforme atestam depoimentos históricos e materiais disponíveis nas redes sociais sobre o rock/Metal na cidade: https://www.youtube.com/watch?v=ubWIzIt4SYo.

[145] A pesquisa de Hein (2004) demonstra que o apego à música Metal transcende a esfera íntima, particularmente após o indivíduo assumir-se como Headbanger. Nesse processo, o sujeito externaliza sua autorrealização do ser, por meio do estilo, demonstrando o desejo que, conforme o autor, implica em "Metalizar" a existência, fenômeno que ultrapassa o uso meramente simbólico de camisetas de bandas.

Óstia Podre	Desativada
Morbdus	Desativada
Abaddon	Desativada
Caveira	Desativada
Gore Vomit	Desativada

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Naquele período dos anos 90, observava-se um expressivo número de bandas na cidade, como na tabela anterior, dedicadas à produção de Heavy Metal como se observa no quadro anterior, criando demanda por espaços para apresentações. As opções de espaços para a apresentação eram limitadas, tanto em campina grande quanto em outras cidades nordestinas como Caruaru, Recife, Natal, Fortaleza, Areia e João Pessoa. Aluízio, fundador da banda Óstia Podre (o autor ressalta que a grafia proposital com sem “H” visava à transgressão e à representação literal do termo "podre"), identificou um local próximo ao seu trabalho como serigrafista para a realização de eventos. Tratava-se do Bar da Beta, espaço modesto e precário que os membros categorizavam como "copo sujo". Durante intervalos de trabalho, o músico investigou uma área não utilizada do estabelecimento, descrita pela proprietária (Beta) como depósito ocupado por insetos, ratos e aranhas devido à pouca iluminação – O espaço mencionado pelo músico tinha aproximadamente sete metros de comprimento por quatro de largura. O relato detalha que nesta área havia um cômodo de três por quatro metros, com forte odor de urina, poeira, mofo e umidade em decorrência da proximidade com o depósito, que posteriormente seria adaptado como palco.

Após avaliar o local, o fundador da banda negociou com a proprietária do bar para adaptar o espaço às apresentações musicais. A reforma seria financiada e executada coletivamente pelos membros da cena, que se responsabilizariam tanto pela mão-de-obra quanto pelos materiais necessários. Em contrapartida, a proprietária teria benefícios financeiros com a venda de bebidas e alimentos durante os eventos, além da valorização do imóvel. Beta, uma senhora morena de cabelos curtos e traços cordiais, inicialmente relutante, acabou por aceitar a proposta de revitalização do espaço. O músico mobilizou seus pares para transformar o cômodo em palco, ampliando a área de apresentação e visibilidade. Criaram ainda um sistema de iluminação improvisado com latas de leite em pó, celofane colorido e bocais de lâmpadas, produzindo efeitos luminosos intermitentes e multicoloridos – conforme detalhado nos registros históricos:

> Ao fundo mais um ponto de energia para que fosse ligada uma lâmpada fluorescente no chão, bem ao canto. O pensamento era o de fazer um pequeno sobre-palco para a bateria, e esta lâmpada iluminar o instrumento e o baterista de trás e de baixo para cima e frente, dando um efeito interessante ao palco. As latas de leite em pó foram fixadas em pequenas ripas de madeira e estas pregadas na parede por dentro. Os fios que delas saíam seguiam até um painel com quatro interruptores, um para cada lata

(Charlie Curcio, blog pessoal, 2014).

O bar localizava-se no bairro da Bela Vista, próximo à Rua Arrojado Lisboa. Os colaboradores da reforma realizaram pinturas internas com spray, grafando nas paredes os nomes de bandas de Metal e Punk tanto do underground quanto do mainstream que admiravam – uma estratégia de personalização e demarcação do pedaço. Concluída a reforma, o local, então batizado de "Calabouço", passou a ser utilizado para ensaios e apresentações. Em 1990, sediou seu primeiro evento de Metal, organizado pelo membro da Óstia Podre, com as bandas Diarrhea, C.U.S.P.E e Kruger. O evento foi considerado uma verdadeira invasão devido ao expressivo público, proveniente de diversos bairros de Campina Grande, que lotou o estabelecimento e impulsionou as vendas da proprietária. Durante a reforma, os organizadores optaram por não adquirir fumaça artificial para as apresentações. Contudo, a poeira levantada pelo intenso movimento da audiência simulou o efeito desejado, contribuindo para a atmosfera única e o sucesso do evento.

Com o “sucesso” do pedaço, o Bar da Beta manteve uma programação regular de eventos, recebendo quase todos os finais de semana bandas locais e de cidades vizinhas, como Devotos do Ódio, Realidade Encoberta (Recife), Psychic Acid (Caruaru) e Mortífera (Campina Grande) em dezembro de 1990. Esses eventos atraíam público tanto da cidade quanto de outras localidades, resultando em lotação máxima do espaço. Um fato marcante foi a vinda dos integrantes de uma banda de Recife no compartimento de carga de um caminhão Mercedes-Benz, veículo normalmente destinado ao transporte de mercadorias. O estabelecimento consolidou-se como referência para os grupos urbanos de Campina Grande (Metal, Hard Core e Punk).

Apesar do êxito e da efervescência proporcionada às bandas locais e regionais, o Bar da Beta encerrou suas atividades quando o proprietário do estabelecimento reivindicou o espaço para reformas. O mencionado show de dezembro de 1990 tornou-se o último evento realizado no local, segundo o relato do blogger, no dia seguinte, o teto desabou devido ao estado de deterioração da estrutura da madeira. Charlie Curcio registrou que, mesmo após anos, o espaço permanece na mesma condição, afirmando:

> O que nos resta são as lembranças de toda esta aventura de força de vontade de fazer e acontecer. Foram tantas conversas, risadas, articulações, amizades feitas e outras firmadas naquele lugar, mesmo em tão pouco tempo, que o Calabouço, ou o Bar da Beta vive nas mentes de todos que por ali passaram, e o que faltava era um relato, como este, para deixar registrado a sua existência no contexto do Movimento Underground e da Galera de CxGx (Charlie Curcio, blog pessoal, 2014).

Desses momentos destacados por Curcio, destaca-se a relevância da ocupação, mesmo que itinerante, dos espaços urbanos, pois essas experiências foram fundamentais para atribuir significados e dimensão simbólica aos membros identificados como Headbangers. Durante eventos, excursões e atividades cotidianas – como visitas a amigos para conversar, tocar ou beber, ou a simples permanência nos arredores dos locais de shows – consolidaram-se laços sociais por meio da interação regulares. Esse engajamento no espaço do Heavy Metal propiciou coesão grupal e interação no circuito underground como observou-se nos capítulos anteriores, transformando os momentos compartilhados (tanto dentro quanto fora dos eventos) em elementos constitutivos do estilo de vida Headbanger, conforme se observa no relato:

> Fomos tocar numa cidade do brejo nas antigas e foi muito massa. Chegamos lá, o equipamento de som quase não tinha, o que escapou foi o espaço em que tocamos apenas, mas que depois que terminamos de tocar e o evento acabou, tivemos de ficar na rua até o dia amanhecer para voltar para casa, porque o show terminou tarde e não havia ónibus ou algum transporte de volta para Campina Grande. Daí, resolvemos procurar um lugar na pequena cidade em que pudéssemos ficar, uma parte dos amigos foi dormir na casa de um amigo, na verdade no quintal da casa dele e outra parte ficou numa praça, dormimos lá e revezamos na vigília (risos), foi uma aventura. Estávamos em mais de 10 (dez) na ocasião e foi um dos shows mais loucos que fizemos, mas a massa era tá junto com a galera e curtir, passamos a noite toda acordado os porque vez em quando aparecia um maluco do nada, alguns conseguiram dormir, mas no geral dormíamos e acordávamos (Bruno, caderno de campo, 2021).

Os instrumentos musicais da cena

Esta seção apresenta brevemente os instrumentos musicais que constituem a base material da cena. A escolha por abordá-los vai além do catálogo técnico; visa compreender como esses objetos carregam e expressam o desejo coletivo de criar um espaço próprio de apresentação. Afinal, a reprodução do som e da performance das bandas admiradas é materialmente impossível sem o domínio e a posse desses instrumentos para que a cena se torne exequível. O desenvolvimento e consolidação do grupo Metal apresentou que as performances e composições musicais necessitavam de aprimoramento contínuo pelos músicos Headbangers, visando construir um produto artístico em disco alinhado à proposta do subgênero defendido por cada banda. Essa prática de composição musical objetivava aproximar a audiência de sua produção musical, o que demandava instrumentos capazes de reproduzir sonoridades específicas – à maneira dos músicos do período 1985-1990, reforçando o que denominam como som "tradicional ou cru", eles que definiam que tipo de som seria esse a partir de suas experiências no Metal. Buscavam um resultado sonoro que remetesse explicitamente ao Death

Metal Old School, como nas obras de Morbid Angel ou Death[146]. Esse anseio por resgatar o legado de músicos consagrados, levou os membros mais especializados a desenvolverem suas próprias pedaleiras[147] e adquirirem instrumentos com estética similar aos modelos de músicos reconhecidos mundialmente (Fly V, Explorer e Dimebag), cujos formatos distintos e qualidade sonora atendiam aos critérios do subgênero[148].

Atualmente, as guitarras elétricas possuem designs mais leves (com valores variando entre 800 e 10000 reais), tornando sua aquisição mais acessível. Apesar do custo elevado, muitos membros realizam esforços hercúleos para adquirir instrumentos de alta qualidade, algo praticamente inviável nos anos 80-90, considerando o salário mínimo da época 66-180 reais. Para diversos músicos locais, o fator crucial não era o instrumento em si, mas a habilidade de extrair o melhor som possível, embora frequentemente utilizassem instrumentos modificados (as chamadas "guitarras Frankenstein", com peças de diferentes origens) para melhorar a qualidade sonora. O essencial era garantir conforto e sonoridade adequada ao músico.

Os Headbangers dedicavam tempo considerável à manutenção e reparo de instrumentos – próprios e de colegas –, oficio conhecido como *lutheria*. O custo desses serviços variava conforme o tipo e estado do instrumento. Alguns membros construíam seus próprios equipamentos, exigindo conhecimento técnico em eletrônica e marcenaria, enquanto outros optavam por comprar instrumentos usados de amigos para evitar grandes investimentos. O transporte dos equipamentos para ensaios e eventos era realizado com cuidado, utilizando veículos particulares para prevenir danos (como quedas ou desafinação) e furtos.

Os instrumentos musicais vão além de sua função de execução, gravação e apresentação, constituindo-se em símbolos do grupo. Suas modificações estéticas serviam para atribuir valores como potência, expressando a relação conceitual que o músico estabelece com sua ferramenta de trabalho e expressão artística. Esses objetos são exibidos com orgulho em diversas situações: durante encontros, apresentações ao vivo e plataformas digitais (seja em fotografias diretas do instrumento ou em imagens contextuais em que aparecem suspensos na parede do quarto). Essa prática revela uma dupla função – decorativa e prática – fabricando um

[146] Bandas como Morbid Angel e Death são reconhecidas como pioneiras do Metal extremo. No underground, elas funcionam não apenas como inspiração musical, mas como ícones históricos, cujas trajetórias e produções motivam às novas gerações de músicos que as tecem profundo respeito.
[147] Equipamento que possibilita a mudança de frequência ou distorção para grave, agudo ou moderado.
[148] Na contemporaneidade, os valores dos instrumentos musicais variam significativamente, sendo considerados adequados aqueles entre 2.000 e 4.000 reais (podendo ainda ter valores acima de 20 mil), faixa que reflete padrões de qualidade estabelecidos pelo mercado. Marcas como Jackson, Fender, Ibanez e modelos signature (associados a artistas mainstream) destacam-se pelo custo elevado e qualidade sonora, avaliada mediante critérios técnicos como: tipo de madeira (única peça ou múltiplas), componentes elétricos (especialmente captadores) e acabamento estrutural.

verdadeiro altar simbólico que materializa o engajamento e comprometimento com a prática do Metal.

O espaço das apresentações

Para músicos e público, os espaços de shows e o ambiente urbano constituem elementos centrais na experiência Headbanger, evidenciando a relação com as contradições urbanas do capitalismo de exploração dos bens materiais e produção de desigualdades sociais e econômicas que subjuga os despossuídos dos meios de produção a condição de subsistência. Esses locais simbolizam uma forma de existência que resiste à padronização social, afirmando uma relativa autonomia aos Headbangers sobre os modos de vida figuradas[149]. Esses mesmos espaços urbanos serviram de palco para o desenvolvimento dos eventos, reforçando a conexão dos membros com a realidade citadina.

Entre as apresentações, os Headbangers costumam sair dos locais de show em busca de áreas ventiladas para fumar, beber e socializar, fortalecendo os vínculos de amizade cultivados no underground[150] – como sugere a antropóloga Segalen (2002) a vida social é ritualizada antes, durante e após os eventos não se finda num único contexto (Segalen, 2002). Além do tempo dedicado à apreciação musical, esses indivíduos mantêm diálogos regulares[151] com seus pares sobre eventos, novidades da cena e aspectos da vida cotidiana (economia, política, religião), discutindo tanto espaços de shows e melhores performances assistidas quanto comportamentos dentro do grupo. Mesmo quando os eventos não atraem público expressivo, os membros persistem em participar ativamente, reforçando assim a importância do engajamento coletivo para a vitalidade da cena.

Os participantes dos eventos relatam que, dependendo do número de bandas, permaneciam no pedaço até o amanhecer para assistir a todas as apresentações[152]. Mantinham-se acordados durante todo o evento, consumindo bebidas, alimentos e fumavam até o encerramento das atividades. Contudo, alguns Headbangers precisavam se retirar precocemente

[149] Segundo Christe (2010) e outros pesquisadores, historicamente, as primeiras bandas emergiram como vozes críticas às promessas não cumpridas do capitalismo em contextos urbanos em decadência.
[150] Os espaços que acolhiam atividades do Heavy Metal na cidade operavam sob constante tensão com o entorno, necessitando observar rigorosos limites de volume para não perturbar vizinhanças - especialmente em áreas centrais como acontecia no bar *Paradise Lost*, estabelecimento localizado próximo ao Açude Velho e que era administrado pelo mesmo locatário do Vitrola. Ademais, tais locais frequentemente apresentavam condições precárias: espaços físicos reduzidos, sistemas de ventilação inadequados e, quando existentes, incapazes de proporcionar conforto térmico considerando a audiência presente nos eventos.
[151] Eles firmam acordos por redes sociais para tour, produção de show e viagens. Ocorre também deles planejaram e discutirem isso nos momentos dos eventos.
[152] Para bandas em turnê, as condições de hospedagem variavam entre estadias em residências de produtores ou amigos e a utilização de backstage improvisados, quando estes ofereciam áreas mínimas para armazenamento de equipamentos e descanso.

devido a compromissos laborais, enquanto outros alegavam limitações físicas relacionadas à idade. Havia ainda aqueles que, embora não deixassem o local, dormiam no chão durante o evento. Os mais resistentes permaneciam sentados as mesas, socializando e consumindo bebidas até o nascer do sol. Bandas locais em turnê vivenciaram experiências semelhantes em shows nacionais e internacionais, pernoitando em veículos de transporte (vans e kombis), nos próprios locais de apresentação ou em alojamentos provisórios como hostels.

Historicamente, o espaço urbano[153] exerceu influência determinante na conformação do estilo de vida Headbanger, particularmente em sua indumentária. Os membros campinenses incorporam elementos estéticos tradicionais do Metal, como o uso frequente de calças jeans nas cores cinza e preta, calças camufladas, camisetas de bandas (tanto underground quanto mainstream), tênis, coturnos e botas[154]. Alguns adotam bermudas jeans, jaquetas com patches (que se tornaram marcadores do grupo ao exibir as preferências musicais do usuário[155]) e cabelos longos (soltos ou amarrados). Recentemente, a barba ganhou espaço na cena, influenciada por mídias que associam a imagem barbada a atributos de masculinidade guerreira (vikings ou espartanos). Essa estética híbrida combina elementos dos hippies (nos cabelos) e motociclistas[156] (nas roupas escuras), constituindo uma afirmação visual de resistência à padronização urbana.

O Humor

Nos espaços urbanos da cidade, os membros interagem com humor diante das contradições sociais, brincando entre si e autoidentificando-se como pessoas bem-humoradas. Observou-se em campo que alguns participantes reconhecem ser sociáveis apenas durante os eventos, admitindo ter poucas amizades fora desse contexto, enquanto outros, mais "sociáveis", buscam manter boas relações com todo e o grupo. Exemplificando esse comportamento, no evento realizado na "Avenida Gastronômica" localizada na avenida Manoel Tavares do bairro Lauritzen da cidade, os membros levaram uma lápide de papelão e um esqueleto humano para representar simbolicamente um integrante falecido – tratando-se de um evento beneficente com

[153] Conforme Christe (2010) e Silva (2014), as roupas jeans e tênis de basquete emergiram como ícones da vida urbana nos subúrbios da classe trabalhadora inglesa dos anos 1980. Esse significado original, contudo, extrapolou seu contexto geográfico para se tornar uma indumentária adotado por membros de diversas cenas de Metal.
[154] A participação feminina na cena manifestava-se através de adaptações estilísticas particulares, incluindo o uso de cores como roxo e vermelho em peças como leggings de tecido sintético que simulavam couro. Outros elementos dessas mudanças serão detalhados nos próximos capítulos.
[155] A jaqueta com patches configura-se como marcador de capital cultural no grupo, onde a quantidade simboliza conhecimento musical acumulado. Esses adereços frequentemente mesclam bandas de subgêneros diversos, abarcando tanto produções underground quanto mainstream.
[156] Essa estética dialoga com a imagem do motociclista como figura transgressora e "fora-da-lei" (Weinstein, 2009).

tom humorístico. Conforme registro em caderno de campo (2018), um produtor local caracterizava os shows como "atos de ajuda mútua entre excluídos", refletido na mensagem de divulgação: "independente dos estilos ou qualquer outro motivo, peço que nos ajudem comparecendo, divulgando que nem praga, sem coroas sem reis... Metal underground". A cenografia desses eventos frequentemente incluía elementos simbólicos como lápides e cervejas dispostas estrategicamente.

Figura 11. show: Humaniza underground em 2018[157].

Fonte: arquivo próprio, 2018.

Figura 12. Lápide no show em 2018. Fonte: Arquivo próprio.

[157] A ideia central do evento era arrecadar alimentos para instituições carentes da cidade. De forma significativa, o vocalista da banda New Band definiu a iniciativa como “um evento fudido para ajudar os fudidos”. Essa expressão, ao mesmo tempo que reconhece a condição social “fudida” dos próprios Headbangers, apresenta solidariedade que emerge desse reconhecimento: ajudar aos outros porque se identifica e compreende o sofrimento alheio.

No Brazil Extreme Festival (2021), alguns participantes levaram também uma lápide para homenagear a banda *Open the Coffin*, conhecida por suas referências à morte em suas composições. Essas práticas, que podem parecer liminares ou estranhas à sociedade convencional, porque assumem uma dimensão humorística peculiar ao contexto da cena. Os membros, com suas indumentárias que mesclam cores vibrantes e tons opacos, frequentemente realizam atos considerados cômicos como as *caras e bocas* ao tocar os instrumentos, caracterizando-se como expressões regulares dos Headbangers. Tais comportamentos, regularmente observados no grupo, revelam como essas comicidades são construídas. Para eles, que são membros, tem um humor diferenciado e que serve para identificá-los, em contraste com os outros, seja intencionalmente, seja com influência alcoólica. Quando adota essa postura, o membro a utiliza nas interações, podendo posteriormente desconsiderar ou negar esse traço humorístico fora do seu pedaço. Isto é, alguns Headbangers revelam seu humor quando estão entre eles.

Enquanto a vida cotidiana se desenvolve mediante interações, negociações e apresentações dos selves, resta pouco espaço para a dimensão humorística, mostrando-se antes rigidamente pautada pela competição e racionalidade da hodiernidade (Simmel, 2005). O humor permite ao indivíduo acrescentar outra versão à realidade, desafiando outros selves nos encontros sociais ao suspender temporariamente a seriedade e o sofrimento do quotidiano (Goffman, 1959). Dessa forma, o humor cria uma ruptura momentânea com a estrutura social, ao mesmo tempo que reforça a ordem dominante, consolidando os standarts. O humor observado nos eventos underground e praticado pelos membros constitui um elemento multifuncional em relação ao estabelecido, podendo ser instrumentalizado para negociar significados atribuídos à estrutura social ao longo do tempo. Essa dimensão humorística possui assim o potencial de modificar a organização dos encontros, embora deva ser exercida com habilidade social em certos contextos para não revelar inadvertidamente aspectos que os indivíduos preferem manter ocultos (Powel, 2013).

O humor contribui para a compreensão das interações ao desvelar as negociações presentes nos rituais dos shows. Os Headbangers concebem o humor como possibilidade de brincar com a vida cotidiana, mesmo quando isso envolve a abordagem de temas tabu como a morte. Nas apresentações, eles subvertem aspectos da autoapresentação e da intimidade, alterando zonas de conforto ao criticar elementos considerados sagrados em contextos sociais alheios. Para indivíduos de fora não familiarizados com esse humor mórbido e anti standart, a princípio torna-se incompreensível a excitação dos membros quando tais elementos emergem nas performances de suas bandas preferidas. Progressivamente, esses indivíduos aprendem a

desconstruir concepções da socialização familiares, assimilando os enunciados e significados praticados nesse meio.

Marcelo é conhecido como uma figura icônica da cena underground devido à sua consciente incorporação do arquétipo do "true Headbanger" e posturas singulares, características consideradas humorísticas tanto no passado quanto atualmente. Sua apresentação de sí incorpora elementos visuais distintos: vestimentas de diversas bandas combinadas com coturnos robustos, cinto com balas decorativas, copo de chifre viking, tiara, cabelo crespo alisado, braceletes metálicos, unhas esmaltadas de preto, barba volumosa e óculos retangulares. Seu comportamento nos eventos também se diferencia: postura com pernas semiabertas, segurando cerveja em uma mão enquanto ergue o sinal de chifres com a outra, acompanhando as músicas com bate cabeça e incentivando a participação do público. Seus adornos incluem colares com símbolos egípcios, martelos de Thor (Mjollnir) e cruzes invertidas, além de anéis de caveira. Essa apresentação e seu estilo sociável atraem a atenção tanto de membros locais quanto de outras cidades quando compartilha seus vídeos em sua rede social, exemplificando uma vivência autêntica do estilo de vida Metal que gera momentos memoráveis e humorísticos – aspecto que foi detalhado nos capítulos anteriores através da análise de fanzines do grupo.

Dessa forma, esse Headbanger se revela como um indivíduo descontraído entre seus pares, capaz de criar situações consideradas divertidas que criticam convenções sociais colocadas pelo senso comum e preconceitos de que os Headbangers são "depressivos". Essa performance humorística ressoa particularmente entre membros que compartilham e valorizam um humor não-convencional, abrangendo discussões sobre política, religião e cotidiano – abordagens que podem ser interpretadas como profanas por setores conservadores da sociedade em geral e campinense em particular (Powell, 2013). A essência do humor reside na ruptura de expectativas grupais e sociais, propondo discursos alternativos e entusiasmados para seus companheiros de eventos. Assim, o Headbanger consegue infundir alegria nos círculos de conversação e consolidar sua posição nestes grupos de amizade – tanto no passado quanto no presente.

ii. A popularidade do impopular

Durante os anos 1980-90, segundo os registros em fanzines e o que foi afirmado por membros mais experientes da cena local, percebendo-se negligenciados pela população urbana e pelas gestões públicas, organizaram-se para desenvolver suas atividades artísticas e de lazer, observando o crescimento gradual do movimento. Como destaca Silva (2014), nesse mesmo

período o Heavy Metal eclodia nos Estados Unidos e Europa – embora, conforme Lopes (2006), permanecesse estigmatizado socialmente, mesmo durante a redemocratização brasileira pós-ditadura. Nessa década, os Headbangers campinenses formavam bandas inspiradas tanto em grupos mainstream – Motorhead, Iron Maiden – quanto em referências do underground – Sarcófago, Sepultura –, cujos discos circulavam amplamente pelo mercado fonográfico.

Os músicos locais descobriam bandas underground através de revistas e fanzines, que inclusive disponibilizavam espaços para contatos postais ou telefônicos visando estabelecer amizades, isto é, segundo Clifford (1997) rastros deixados pelas culturas viajantes. Essas publicações também permitiam o envio de materiais promocionais para divulgação em revistas e rádios, estratégia crucial para o fortalecimento da cena local. A difusão radiofônica de bandas regionais ampliou sua popularidade, atraindo novos adeptos. Esses mecanismos foram fundamentais para a expansão do Metal em Campina Grande, tornando-o mais visível e atrativo para jovens e adultos que passaram a frequentar espaços públicos e criar aderência ao estilo de vida Headbanger.

Com o advento das mídias digitais em meados dos anos 1980, o Heavy Metal mainstream impulsionou a inserção de novos participantes na cena, estimulando a copiar esses recursos os membros a se organizarem através de fanzines e publicações independentes para divulgar as atividades locais. Em 1988, essa movimentação por parte da cena ganhou visibilidade ao ser mencionada no documentário "Tá Sentindo Cheiro de Queimado Aí?", de Medeiros (1998)[158]. Essa projeção gradual da cena campinense fortaleceu-se, evidenciando a relevância das iniciativas dos membros e atraindo mais adeptos para o movimento.

O contínuo desenvolvimento do Heavy Metal em diversos países desde sua emergência nos anos 1980 demonstra a profissionalização desse estilo musical e de vida, conforme documentado pelo antropólogo Dunn (2011) em sua produção audiovisual[159]. A exibição desses shows em DVDs ou através de canais como a MTV inspirou os músicos locais a demonstrar suas habilidades nos eventos underground, transformando essas apresentações em marcos icônicos da paisagem urbana campinense. Esse fenômeno ampliou a popularidade do estilo na cidade, oferecendo aos Headbangers reconhecimento como músicos no circuito underground. Ademais, esse esforço coletivo e organizado em prol da cena possibilitou que jovens músicos

[158] O referido documentário pode ser acessado por meio do link a seguir: https://www.youtube.com/watch?v=-R-c-Kr2SHU&t=797s.

[159] Sam Dunn, antropólogo e Headbanger, consolidou-se como um importante documentarista de Heavy Metal. Sua filmografia inclui trabalhos fundamentais como Metal: A Headbanger's Journey (2005) e Global Metal (2008), que investigam, a criação do gênero. Posteriormente, lançou a série Metal Evolution (2011-2014), que busca mapear genealogicamente o desenvolvimento e particularidades do estilo.

fossem reconhecidos como artistas profissionais, apesar dos comentários dos contemporâneos ao momento, em que o pagamento do cachê era muito pequeno ou mesmo inexistente, mantendo vivo o underground.

Figura 13. Sepultura toca no antigo CUCA.

Fonte: Retalhos históricos de Campina Grande, 2024[160].

Documentários e publicações especializadas como *Planet Metal, Rock Brigade* e *Roadie Crew* desempenharam papel fundamental na divulgação de integrantes das cenas Metal no Brasil. Destaca-se a importância dos fanzines em registrar a difusão da cena em âmbito local – produções como o *Lucifer Venerabilis*, mesmo com tiragem limitada devido as condições financeiras, inspiraram criações posteriores como o *Deliver Zine*. O Deliver Zine mantém até hoje sua função de divulgação de músicos e público, promovendo bandas, eventos e atividades recreativas da cena. Sua comercialização para membros campinenses e colecionadores[161] de outras localidades criou canais autônomos de disseminação das atividades locais.

Os membros especialistas analisam essas produções (sejam filmes ou revistas) com atentamente, empregando categorias próprias do grupo como "do caralho" para avaliar apresentações e trabalhos. Aspecto prático que, conforme Coelho (2014) e Santos (2021), demonstra como esses espaços e produções operam como dimensões educativas. Esses materiais como documentários e fanzines também transmite uma visão descontraída e

[160] Para mais informações e fotos acessar o blog: https://cgretalhos.blogspot.com/2012/06/propagandas-do-passado-sepultura-em.html

[161] A pesquisa de campo constatou a presença de colecionadores tanto de discos quanto de fanzines. Alguns desses colecionadores, por exemplo, deslocam-se para acompanhar bandas de suas localidades a outros espaços, com o objetivo de comprar ou vender, ação que acaba por facilitar a circulação desses registros materiais da cena. Esse fenômeno não é recente. Conforme demonstra a pesquisa de Campoy (2006), práticas semelhantes já constituíam, em meados dos anos 2006, redes de amizade e sociabilidade que se fortaleciam suas relações.

humorada da identificação musical do grupo. Os fanzines incorporam categorias grupais, piadas internas, fotografias, perfis de editores e entrevistas tanto com bandas locais quanto com convidadas especiais.

Essas produções locais reforçavam a relevância das práticas grupais e seu caráter local, muitos membros orgulham-se de um dos primeiros fanzines brasileiros de Heavy Metal ser originário de Campina Grande. O Fanzine Lucifer Venerabilis, criado em 1991 com foco no Black Metal, é considerado por veteranos da cena como pioneiro no país produzido por Arilson antigo membro da banda Abaddon/Agnideva. Sua produção contava com a colaboração conjunta de membros locais e parceiros de outros estados.

Figura 14. Fanzine Lucifer Venerabilis.

Fonte: acervo próprio, 2024.

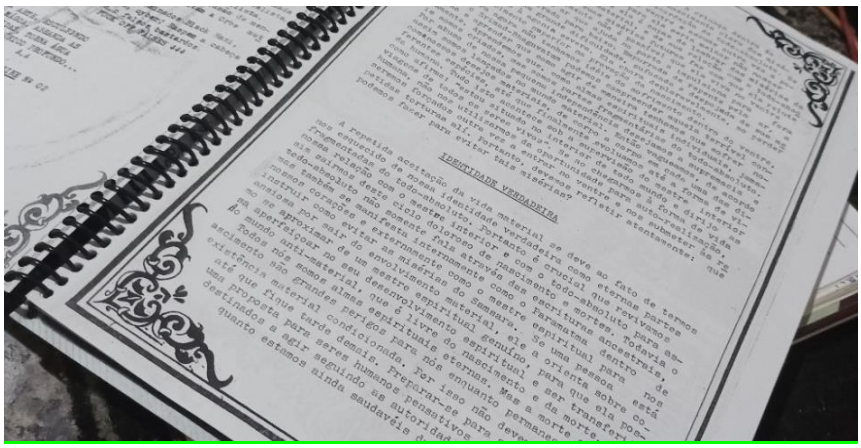


Figura 15. Fanzine - Lucifer Venerabilis. Fonte: acervo próprio, 2024.

A primeira edição desse fanzine revela o posicionamento dos idealizadores e das bandas campinenses entrevistadas, demonstrando as conexões estabelecidas com membros de outras localidades através de correspondência. As cartas, contendo dados residenciais dos remetentes,

funcionavam como principal meio de interação. A comunicação não se limitava ao português, observou-se esforços significativos na redação de materiais e tradução de letras/entrevistas para o inglês. Alguns membros relatam ter aprendido o idioma justamente através dessa prática de tradução nos anos 1990. O Heavy Metal, como trilha sonora urbana, incorporou-se à ecologia da cidade através de suas guitarras frenéticas, baterias aceleradas e vocais guturais, preenchendo os silêncios noturnos do centro urbano. As bandas formadas nesse período abordavam tanto a música quanto questões sociais locais fato que aparece no primeiro capítulo com os fanzines e blog de Curcio. Entre as décadas de 1980-1990, analisando os fanzines e os dados de Curcio observa-se um crescimento significativo no número de apresentações e no público dos eventos.

A popularização do Heavy Metal em Campina Grande ocorreu através da realização de eventos públicos em praças e SABS[162] de bairro, o que atraia jovens e adultos a assistirem as apresentações das bandas. Conforme evidenciam pesquisas históricas (Santos, 2016; Silva, 2017; Gomes, 2019), as bandas e Headbangers locais utilizavam espaços cedidos pela universidade e locais alugados para eventos que reuniam participantes de diversos bairros (Catolé, Malvinas, Bodocongó) e origens étnicas (negros, brancos e pardos, conforme registros fotográficos), predominantemente das classes média e média-baixa. Além dos frequentadores assíduos, havia curiosos que compareciam para conhecer a cena ou acompanhar amigos.

Figura 16. Show no bar da Beta em 1990[163].

Fonte: Blog Charlie Curcio, 2023.

[162] Os relatos dos membros destacam as SABS de bairro como a alternativa mais comum e acessível. Lá eram montados palcos improvisados cuja própria existência gerava um conflito latente com a vizinhança, por causa dos altos níveis sonoros. O que culminava com a presença de policiais, os quais encerravam os eventos.
[163] A precariedade objetiva era evidente como pedestais de madeira com microfones fixados por fita adesiva.

Desse modo, a identificação dos jovens participantes construía-se a partir de uma dupla vinculação: por um lado, às bandas das quais faziam parte; por outro, aos círculos de amizade estabelecidos no ambiente escolar. Embora a maioria pertencesse às classes média e baixa, a diversidade socioeconômica e étnica não representava obstáculo para as interações estabelecidas nesses espaços, conforme indicam os registros historiográficos já mencionados aqui. Apesar dessa coesão interna, a sociedade geral os considerava como grupo de menor prestígio como se viu nos capítulos anteriores.

Conforme apontam Curcio (2014), Santos (2018) e Silva (2017) o Heavy Metal underground foi predominantemente apreciado por estudantes de escolas públicas na cidade, em sua maioria jovens com limitados recursos financeiros e, em alguns casos, sem renda familiar fixa. Segundo Curcio (2013), na década de 1980 o estilo Heavy Metal estava se consolidando na América Latina, e diversas bandas brasileiras iniciaram suas carreiras musicais, lançando seus primeiros trabalhos e persistindo na produção de Heavy Metal apesar das dificuldades sociais e financeiras. Curcio relata que as atividades no Nordeste eram particularmente mais desafiadoras do que em centros como RJ, SP e MG, mas mesmo assim as "bandas guerreiras e seus membros batalhadores de vanguarda empunhavam com vigor a bandeira do Heavy Metal, num cenário extremamente underground" (2013, p. 1). Nesse contexto, o autor identifica o surgimento do Nephastus como uma das bandas pioneiras do Metal campinense, formada por "corajosos desbravadores" que produziam seus próprios fanzines e materiais musicais.

Os Headbangers campinenses, aspirantes a músicos ou apreciadores do gênero musical extremo, enfatizavam que seu estilo de vida divergia dos padrões observados em ambientes escolares, vizinhanças e espaços públicos, encontrando no Metal uma identificação. O gênero Heavy Metal oferecia aos membros meios para confrontar os desafios cotidianos de se viver à margem dos padrões sociais, superando essas dificuldades através do orgulho em vez da vergonha. As categorias grupais destacavam o valor das relações sociais, baseadas numa premissa de irmandade que possibilitava autorrealização interna, formação de amizades e desenvolvimento artístico.

> Em meus primeiros shows eu tive a impressão que tudo era mágico. Havia em sua maioria membros que me recebiam como se eu fosse alguém que eles conheciam de longa data e outros pareciam que eu tinha que conquistar a amizades deles, provar que eu realmente tinha interesse e que curtia Metal de verdade. Porque tinha uns que me ignoravam, seja nos eventos ou seja em espaços públicos, mas, em sua maioria, eu tinha mais boas relações do que relações ruins. Eu até entendo porque eles faziam essas coisas, como que para não abrir o espaço para pessoas que entendiam o metal como moda, estão lá só por curtir, as relações deles era reais e eles estavam sempre juntos nos eventos, não basta querer, há (…) outras coisas que acontecem na cena

(Esteves, entrevista 2024).

Alguns Headbangers que conversei mencionaram que levaram o Metal para suas escolas, despertando a curiosidade de colegas e propondo uma identificação social distinta que expressava seus sentimentos através da estética e musicalidade praticadas no underground. Os Headbangers diferenciavam-se do estabelecido através de indumentárias e espaços de sociabilidade específicos, mantendo uma postura opositiva contra os considerados falsos ou posers que ameaçavam banalizar o movimento. Oposição que, a partir dos anos 2000, estendeu-se ao White Metal e, mais recentemente, a simpatizantes de ideias neonazistas, entendidos como distorções que podiam transformar o Metal em moda passageira, vertente cristã ou espaço para discursos de ódio. Relatos dos membros indicam que o preconceito social em Campina Grande levou alguns a abandonarem a cena, embora o grupo tenha mantido sua coesão no underground, atraindo novos adeptos em diversas escolas da cidade.

Quando o Heavy Metal se popularizou entre estudantes secundaristas e universitários, a cena underground já havia consolidado sua base. Se a cena estava inicialmente restrito a adultos com acesso à MTV, o Metal local expandiu-se significativamente com a adesão de jovens e adolescentes identificados com o estilo de vida alternativo.

O problema de se tornar conhecido e a "solução"

No início dos anos 2000, a crescente popularidade da cena underground em Campina Grande foi percebida pelos membros mais engajados como problemática, pois a entrada de novos indivíduos gerava o que classificavam como "modinha", incluindo competições para demonstrar fidelidade ao grupo que prejudicavam as interações sociais. Essa visão crítica sobre não se tornar moda e sobre a realidade grupal provocou reações internas que minoraram as atividades do grupo na cidade. Os Headbangers mais experientes que emergiram em 1985 e que eram considerados pelos outros avaliavam o crescimento da cena de forma ambivalente: embora positivo, causava desconforto pelo aumento de membros com comportamentos considerados inadequados e pela presença de iniciantes sem conhecimento adequado sobre o Metal.

Como demonstra a pesquisa de Silva (2017) sobre a consolidação da cena campinense nos anos 1990, essa crítica à popularização já existia anteriormente. O autor ressalta que, naquela época, a estética visual dos Headbangers atraía novatos para os eventos, mas esses encontravam resistência dos veteranos quanto à sua aceitação nos grupos[164]. As três edições do

[164] Silva (2017) documenta a dificuldade histórica de encontrar materiais sobre Heavy Metal na cidade e era

fanzine Lucifer Venerabilis corroboram essa dinâmica, apresentando desde então um discurso de distanciamento em relação a indivíduos não comprometidos com o desenvolvimento da cena, categorizados como "rip offs" e explicitando rejeição a ideologias nazistas – "no nazi[165] " (Lucifer Venerabilis, p. 2, 1991).

Esse crescimento revelou que, por volta de 2005, músicos religiosos e simpatizantes começaram a formar bandas de Metal com objetivos evangelizadores, marcando o surgimento do White Metal na cidade[166]. Essa tendência gerou imediata rejeição por parte dos Headbangers tradicionais, que passaram a articular eventos e criticar participantes de shows cristãos, interpretando essa adesão como incompreensão da essência antirreligiosa do Metal. Como destaca Messias (2013) em sua pesquisa no Rio Grande do Norte, ao tratar da dimensão do consumo no underground, afirma que o Heavy Metal pode ser compreendido através de uma ética foucaultiana de prática de liberdade, envolvendo resistência às normas estabelecidas, uma ética transformadora que converte vivências em arte contestadora e transcendente. Para a autora, o Metal constitui resistência ao establishment quando expressa pensamento insubmisso e práticas libertárias tanto na música quanto no estilo de vida, influenciando todos que compartilham esses ideais no underground.

A inserção desses novos atores alterou significativamente as dinâmicas da cena, introduzindo competições e animosidades. As apresentações artísticas das bandas, anteriormente avaliadas principalmente pela técnica instrumental, estética, hombridade e postura crítica social, sofreram transformações como se viu nos capítulos anteriores. Até então, o reconhecimento baseava-se em códigos de masculinidade e proficiência técnica, influenciados por filmes do gênero e pela programação da MTV que popularizou o Heavy Metal.

O crescimento do público dos eventos underground trouxe consigo o aumento de conflitos e fofocas entre os Headbangers. Na década de 2000, os Headbangers, organizadores regular de eventos pela cena, estabeleceram relações sociais baseadas em respeito e

agravada pela desconfiança dos veteranos em relação aos iniciantes, descrença na autenticidade do interesse destes últimos pelo Metal como estilo de vida.

[165] Essa dinâmica não se restringe ao contexto local, refletindo debates globais sobre ideológicas no Metal. Trata-se de algumas bandas nacionais e internacionais que demonstravam essa predileção, particularmente casos como o de Varg Vikernes e sua banda Burzum, que instrumentalizaram posturas nazistas e a mídia utilizou para promoção de pânico moral (Olson, 2008; Sena, 2019).

[166] Não procederei a um resgate historiográfico detalhado do White Metal, uma vez que esse trabalho já foi realizado por Marques (2017). Em sua pesquisa, o autor demonstra que o estilo cristão surgiu com o apoio de igrejas alternativas (como Bola de Neve e Sara Nossa Terra), as quais adotavam a proposta de criar música "pesada" para atrair os jovens da cidade. Além disso, essas instituições observavam os eventos de rock/Metal que ocorriam na Praça dos Hippies e a audiência que os frequentava. Essa observação motivou jovens cristãos a visitarem o espaço às sextas-feiras para evangelizar.

consideração mútua, sendo esse contrato dos homens nesse meio. A presença de neófitos e participantes de outras cenas (como a cristã) exigiu dos membros um esforço de negociação para manter suas posições, especialmente dos organizadores de eventos. Bandas locais e de outros estados que se apresentavam na cidade frequentemente agradeciam aos produtores entre as músicas com frases como "obrigado, irmão, obrigado por nos fortalecer, você é foda". Os membros antigos notavam o crescente número de novatos nos eventos e sentiam a responsabilidade de demonstrar o funcionamento das práticas grupais para preservar as conquistas da cena.

Aprender a tocar instrumentos era uma aspiração comum, mesmo que temporária, pois o interesse pela música ultrapassava a mera observação de shows – muitos membros da plateia almejavam se apresentar (Hein, 2004). Além disso, era necessário demonstrar conhecimento sobre o estilo musical, dominar as categorias internas do grupo, e adotar indumentárias e comportamentos específicos para ser reconhecido como Headbanger. Curiosamente, já nesse período, a categoria "truer" era reservada a membros consagrados, enquanto os demais enfrentavam um processo contínuo de provação que motivava a busca por reconhecimento.

A partir dos anos 2000, a busca por reconhecimento tornou-se uma dimensão central no cotidiano dos participantes da cena underground campinense. Com o movimento já consolidado (em termos de produção de eventos para bandas locais e de outros estados), os membros mantiveram uma postura de acolhimento relativo aos novatos que seguiam as práticas estabelecidas de forma relativamente autônoma. O empenho dos Headbangers experientes em preservar essa autonomia permitiu-lhes sustentar uma imagem de comprometimento com o grupo, distanciando-se de quaisquer representações depreciativas. Dessa forma, os Headbangers excluíam de seu meio elementos considerados inadequados, tensionando relações que não se alinhavam às suas práticas.

Do ponto de vista analítico acerca dos dados históricos e registros dos Headbangers, o crescimento expressivo no público dos shows foi entendido de algumas maneiras: enquanto alguns o viam como benéfico, outros o consideravam problemático por fomentar competição e sobrecarregar as relações sociais estabelecidas. Os neófitos eram vistos como indivíduos que precisavam constantemente comprovar sua identificação com o grupo na busca por um Self autêntico. Como esse processo envolvia complexas negociações e performances como se viu nos capítulos anteriores, alguns acabavam assumindo posturas inautênticas, apresentando uma imagem não corroborada pela prática do grupo. Essa postura adotada pelos membros antigos em relação aos iniciantes gerou tensões e radicalização na cena, justificada como proteção das práticas coletivas. Torna-se relevante, portanto, apresentar com base em dados de pesquisa

como esse processo de socialização operava internamente durante esse período.

Esses indivíduos eram influenciados por representações midiáticas (filmes e MTV), compreendendo a cena através de estereótipos socialmente construídos como “exóticos”, marginais e chocantes, elementos que se reproduziam nos eventos como comportamento “normal”. As reuniões entre amigos para discutir música e temas cotidianos no underground pouco se assemelhavam às representações “degenerativas/marginais” veiculadas pelas mídias digitais. A visão essencialista difundida por jornais e canais de entretenimento, que retratavam os eventos de Heavy Metal como cultos à luxúria e à perdição, influenciou a consciência coletiva. Essa representação distorcida, embora não correspondesse à realidade, afetou muitos novatos que passaram a performar o papel do Headbanger como “malvado”, “galã” ou “selvagem”, contradizendo as práticas reais do underground (Weinstein, 1992).

O crescimento de participantes e a moralização negativa pela mídia intensificaram a coesão grupal. É importante destacar que a crítica social presente nas letras das bandas mainstream também ecoava nos eventos locais, ganhando força com os novos integrantes. O grupo desenvolveu uma postura crítica tanto em relação a problemas sociais quanto a suas próprias percepções ideológicas, observando que alguns novatos adotavam posições radicais contra a sociedade – incutindo o comportamento socializado na cena. A unidade grupal percebeu que, no fundo, esses indivíduos estavam desenvolvendo um elemento crucial do coletivo: a capacidade crítica e o engajamento, demonstrando vontade de romper com standart e obter reconhecimento dos pares.

Figura 17. Apresentação de uma banda de Black Metal.

Fonte: Arquivo próprio, 2008.

As interações no underground sofreram transformações ao longo do tempo, como se

pode observar, em especial, com a chegada do Metal cristão, constituindo os shows de Heavy Metal em rituais de interação em momentos de lazer e crítica social. Relatos dos membros indicam que, por volta de 2008, ao se dirigirem a um evento no CUCA[167] (próximo ao cartão postal da cidade: Açude Velho), alguns Headbangers encontraram adeptos do White Metal no trajeto e rasgaram a camisa de um indivíduo que vestia uma banda cristã, afirmando posteriormente que "o Metal não podia ser cristão". Embora comentado com tom jocoso nos círculos de amizade, esse episódio revelava a posição crítica do grupo frente à sociedade abrangente.

Tal comportamento tornou se mais frequentes nesse período, coincidindo com o crescimento da cena cristã de Metal e sua capacidade de atrair jovens para seus eventos de cunho religioso. Essas atitudes expressavam tanto o descontentamento com a sociedade quanto a rejeição ao proselitismo cristão nos espaços musicais como acontecia na sexta feira cultural na praça dos hippies. A oposição ao establishment manifestava-se através de bandas, músicos, produtores e público, incluindo grupos que passavam pela cidade e aderiam à resistência contra a cristianização do Metal e à escassez de espaços para apresentações.

O estilo de vida Headbanger sustenta uma visão crítica, projetando seus membros como opositores através de três dimensões[168]: estética (visual e corporal), ideológica (predominantemente anarquista, marxista e democrata) e performática (símbolos antifascistas, discursos anticristãos e outros) – como será demonstrado ao longo dos capítulos, essa postura acentuou-se com a aproximação do mainstream a ideias ultraconservadoras (Sena, 2019).

Esse estilo de vida proporciona aos membros momentos de descontração em encontros entre pares, marcados por consumo de bebidas, tabaco e alimentos, além de conversas sobre relacionamentos, experiências em shows, aventuras, conflitos, apresentações e equipamentos musicais. A crítica social manifestava-se através da adoção de um self não convencional: cabelos longos, roupas jeans rasgadas, predominância de camisetas pretas adornadas com pentagramas, cruzes invertidas e símbolos pagãos mediterrâneos e nórdicos. A escolha de calçados variava conforme o subgênero preferido – com regularidade se observa coturnos para o Black Metal, tênis para Heavy ou Thrash Metal, mas isso não é uma regra – padrão reproduzido por homens e mulheres como afirmação de autonomia corporal e rejeição (consciente ou inconsciente) ao controle social sobre suas expressões identificatórias, isto é,

[167] O termo CUCA significa Centro Universitário de Cultura e Arte em Campina Grande, localizado as margens do Açude Velho, local de lazer e atividade física dos campinenses.
[168] Tais dimensões são consideradas formativas do self do participante da cena. Como destaca a socióloga britânica Weinstein (1992) é por meio delas que se pode compreender o processo de construção da identificação com o estilo de vida do Heavy Metal.

eles não seguem o estabelecido e não seguem “modinhas”. A utilização de símbolos anticristãos tornou-se recorrente no underground, refletindo a predileção pelo Black Metal no grupo.

Desde suas origens, o Heavy Metal foi acusado de satanismo e degeneração moral por entidades como o PMRC (Parents Music Resource Center). O peso político e midiático dessa instituição repercutiu globalmente, tornando-se, inclusive, objeto de análise nos documentários de Sam Dunn sobre o surgimento do gênero. Conforme mostram Silva (2014) e Caetano (2018) no Brasil, essa narrativa acusatória foi importada e amplificada pela televisão, convertendo-se em uma forma de preconceito. Como resposta retórica, a cena incorporou o rótulo de "ocultista", interpretando essa suposta religiosidade anticonvencional como mecanismo de distanciamento dos detratores do gênero musical (Smith, 2009). Essa perspectiva transformou tais símbolos em emblemas de resistência grupal. Bandas mainstream, especialmente de Black e Death Metal, propagaram esses elementos em suas performances. Os Headbangers, tendo acesso a esses conteúdos através de VHS[169] e posteriormente DVDs, recriaram criativamente esses discursos contestatórios. Os símbolos anticristãos proliferaram em instrumentos, banners, gravações, roupas, tatuagens e espaços públicos, representando não apenas oposição ao cristianismo e derivados como o White Metal, mas também o compromisso dos membros com práticas de resistência ao establishment.

A análise histórica da cena campinense revela que a participação feminina como musicistas foi bastante restrita. Pesquisas documentam apenas uma banda de Metal formada por mulheres – a Mortífera –, reconhecida como a primeira formação nacional de Death Metal feminino. Os veteranos da cena recordam-se desse grupo com admiração, considerando-o motivo de orgulho por seu pioneirismo e impacto no cenário nacional. Os dados da pesquisa indicam que as mulheres participavam ativamente dos eventos organizados por homens no underground, compartilhando suas práticas “desviantes”. Inicialmente acompanhando os membros masculinos em shows e viagens, gradualmente assumiram a identificação Headbanger, mantendo a crença no Metal. Algumas mulheres recriaram a cultura material do grupo, adaptando símbolos tradicionalmente masculinos para peças femininas – como transformar calças militares folgadas em leggings de inspiração militar. Como observou a socióloga Weinstein (1992), trata-se da “masculinidade cultural” no Heavy Metal, onde os símbolos de gênero são socializados coletivamente. Kedma Vilar, vocalista da Mortífera, em

[169] A circulação de materiais (VHS, K7, DVD) ocorria através de redes transnacionais, envolvendo conexões com membros de outros estados (Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, Rio de Janeiro) e esses indivíduos de estados diferentes por sua vez tinham contatos internacionais (Europa e America do Norte), que enviavam os materiais e, portanto, os materiais percorriam todo esse circuito até chegar na cidade de Campina Grande. havia ainda na cidade um sistema de trocas entre membros para compensar a escassez dos produtos (Silva, 2017; Campoy, 2006).

entrevista à revista Rock Meeting, destacou esse aspecto como elemento de continuidade grupal:

> Eu acho ótimo presença feminina em todas as áreas, inclusive na música. Hoje em dia não acho tão excepcional, mas acho legal ver cada vez mais mulheres tocando e cantando, desde que seja por amor mesmo, sem qualquer tipo de interesse, assim como os homens (Rock Meeting, ano 1, p10, 2009).

Figura 18. Banda Mortífera.

Fonte: Retalhos históricos de Campina Grande.

A construção da identificação ao longo dos anos consolidou um comportamento socialmente considerado desviante, particularmente pela postura anti-religiosa cristã e pela não conformidade às expectativas sociais, tornando-se uma característica compartilhada por homens e mulheres. Pesquisas evidenciam o papel fundamental das mulheres na cena underground, tanto na incorporação quanto na reprodução das práticas sociais do grupo, originalmente socializadas por homens (Weinstein, 2009; Vasan, 2011; Kitteringham, 2014)[170].

[170] É preciso dizer que, atualmente, as mulheres não somente reproduzem a prática do grupo, como também a transformam em suas perspectivas críticas, atribuindo com isso um novo significado ao elemento da identificação. A estética tem sido transformada, desde a indumentária até o discurso crítico em apresentações, gravações e entrevistas a mídias especializadas, opondo-se ao estabelecido e convencionado nos grupos de "sistema" – uma inspiração do mundo punk e hardcore. Embora estivessem presentes nos eventos como audiência, na contemporaneidade, observa-se que as mulheres têm se colocado à frente da organização, produção e execução de eventos no underground, não se conformando e entendendo que o Metal pode ser um espaço de extravasamento de suas emoções e descontentamentos sociais (Shadrack, 2021).

Conscientes da marginalização de seu estilo de vida, os Headbangers intensificaram suas críticas às instituições religiosas, manifestando claramente sua posição grupal e o sentimento de exclusão dos espaços públicos, especialmente, quando confrontados com tentativas de evangelização.

No processo de formação social, a crítica sistemática às instituições tornou-se prática recorrente, desenvolvida tanto por veteranos quanto por novatos que viam no Heavy Metal um meio de expressar e extravasar emoções reprimidas pela "grande instituição social". Trata-se de uma visão crítica que não necessariamente nega a religiosidade individual, mas privilegia expressões não-cristãs - muitos membros optam por manter suas práticas espirituais em privado para evitar questionamentos sobre sua identificação e integridade. A representação midiática essencialista do grupo, reforçada por produções cinematográficas, consolidou a imagem do Metal como movimento marginal e pecaminoso. Assim, o Heavy Metal passou a ser associado a comportamentos desviantes e amoralidade, característica compartilhada com outros grupos urbanos campinenses como punks e hardcore – estilos que permanecem ativos na cena underground local e reforçam seu caráter contestatório.

O trabalho de Silva (2023) sobre os punks e hardcores que fazem uso dos espaços públicos em Campina Grande, ele focaliza no bairro das Malvinas por ser um local considerado periférico, um lugar com marcas de ocupação, conflitos e violência. Esse contexto social em que a bandas se inserem fornece a matéria prima para suas produções e com isso, o autor parte da banda TOSI[171] para destacar a dificuldade de encontrar espaços utilizáveis na cidade tanto para realizar atividades com skates como para eventos.

Silva destaca:

> Neste resgate importante localizar a percepção que os componentes da banda T.O.S.I colocam o Bairro das Malvinas por ter esse exemplo de resistência, sempre existiu uma cena especifica, tão somente dela, a exemplo do uso da SAB (Sociedade Amigos do Bairro) para ensaio no bairro pelas bandas locais. O que contribuiu individualmente também para a formação de um movimento de uso dos locais públicos que o bairro oferece, fortalecendo a possibilidade de que mais bandas se motivassem a serem criadas, como explica o vocalista e idealizador da banda (Silva, 2023, p, 12).

O autor destaca em sua pesquisa que os poderes públicos desassistem as práticas variadas de lazer como é pratica do skate. A pesquisa argumenta que todas as bandas da cena têm dificuldades de conseguir locais públicos para apresentarem suas manifestações artísticas, situação formada por causa que do estilo punk, hardcore e Headbanger apresentam em estética visual, principalmente associado a indivíduos de áreas periféricas da cidade como do bairro das Malvinas por muito tempo segundo a referida pesquisa. Para o autor, essa impossibilidade se

[171] A banda TOSI é antiga na cidade e tem relevância nos eventos de Metal.

dá por causa dos olhares higienistas que visa negar o uso do espaço, especialmente aqueles indivíduos que possuem estigmas visuais.

Silva destaca que as injustiças sociais, a fome, a miséria e a desigualdade crescentes na cidade são os elementos que inspiram a banda TOSI a compor letras críticas, refletindo as contradições do sistema capitalista. Em outra pesquisa sobre os punks na cidade, Araújo (2010) demonstra a relacionamento entre os grupos (Punk e Metal) de João Pessoa e Campina Grande. O autor revela que os punks ocupavam diversos espaços urbanos, como universidades, associações de bairro e escolas, para desenvolver suas atividades musicais e de reflexão política. Os eventos eram realizados em colaboração com bandas de Metal e Punk – uma dinâmica também observada no estudo de Nascimento (2017).

Como resultado desse contato entre grupos no bairro da Malvinas, Como Silva (2023) destacou, foi lançado o disco intitulado "coletânea das bandas das Malvinas"[172] de 2008, do qual teve a participação das seguintes bandas: Noitcefni (Thrash Metal), Antrophobia (Punk), Feto Suicida (Punk) e Cirugia Anal (Punk/Hard core). A análise evidencia que esses grupos estabeleceram intersecções significativas com a cena Heavy Metal local, compartilhando e acompanhando os altos e baixos do grupo campinense, inclusive através de participações ativas como artistas ou audiência nos eventos da cena.

Figura 19. Coletânea das bandas das Malvinas.

[172] Material que pode ser encontrado no youtube por meio do link: https://www.youtube.com/watch?v=i4LNMzoqQ5A; https://www.youtube.com/watch?v=lCk1IFfVdCI ou https://pedreirothrash.blogspot.com/search?q=Noitcefni.

Fonte: blog Pedreiros Thrash, 2008.

Altos e baixos e o desejo por manter o estilo

A partir dos anos 2000, o *underground* experimentou um crescimento irregular no número de participantes. Se, anteriormente, o Metal era hegemônico na promoção de eventos específicos e não enfrentava a concorrência do White Metal, agora precisou se reposicionar para os Headbangers curtirem como os iniciantes. Os eventos haviam diminuído em frequência e público porque eles querendo ou não quando o mainstream está em alta afeta a dinâmica de shows, mas eles retomaram com regularidade em 2007 devido a realização do Rock Campina[173] no Parque do Povo, que trouxe a renomada banda nacional Dr. Sin[174].

Esse período coincidiu com a formação de bandas de Metal cristão na cidade, fato que, em vez de reduzir a produção dos Headbangers, estimulou a intensificação de eventos para fortalecer a cena underground[175]. Havia uma competição por espaços físicos e simbólicos,

[173] O evento, considerado o maior da cidade, atraiu bandas de várias regiões do estado e de outros locais do país. Sua primeira edição, teve um impacto aos membros, pois muitos Headbangers, ao assistirem a grande estrutura montada e toda aquela multidão vestida de preto, sentiram-se reanimados porque havia também a proposta de outras edições.

[174] Primeiro *Rock Campina*: https://www.youtube.com/watch?v=mCZYsnfBclg.

[175] Assim como havia poucos espaços na cidade para tocar, poucas eram as oportunidades das bandas locais de se apresentarem em eventos com estrutura e para um grande público. Poucas bandas tiveram a chance de tocar na

sempre escassos para atividades culturais na cidade. Em 2014, ocorreu um show no *Planet Hall* com a banda campeã de um concurso que visava encontrar a melhor produção musical dentro do Heavy Metal local. Essa competição impulsionou e movimentou o underground: as bandas deveriam preencher um formulário contando sua história e submeter-se à avaliação de músicos e produtores vinculados à Universidade Federal de Campina Grande. Após a submissão dos dados (história e demo), a banda realizaria uma apresentação no auditório do Departamento de Arte e Mídia da instituição, performando para um público diverso e para os juízes, que avaliariam o som e a performance dos candidatos. Os vencedores teriam a oportunidade de participar de um show no *Planet Hall* ao lado de uma banda conceituada no circuito underground, além de gravar um disco em estúdio com todos os custos cobertos. A competição buscava profissionalizar as bandas e dinamizar o cenário musical da cidade. Participaram bandas de Campina Grande e da capital, João Pessoa, totalizando quatro grupos que passaram pela avaliação curricular e sonora. Como resultado, apenas uma banda recebeu o prêmio de gravar no estúdio e se apresentar no evento com a banda de renome.

Figura 20. Garagem hold e chamada de banda para concurso. Fonte: Arquivo próprio, 2011.

Nova Consciência; porque havia uma programação cultural que reunia vários artistas. Esse espaço era fundamental para dar visibilidade às bandas campinenses, mas o evento foi perdendo o apoio dos órgãos públicos, impossibilitando que esses shows acontecessem novamente. Interessante notar que algumas bandas de Metal conseguiam acessar esses espaços da música popular da cidade com maior facilidade do que outras, seja por conhecer os organizadores do evento ou por serem filhos de figuras públicas envolvidas na organização cultural da cidade, o que contribuía para que determinadas bandas tivessem acesso ao espaço, evidenciando um privilégio diferenciado no acesso a oportunidades.

Figura 21. Apresentação da banda Hellish war e outras. Fonte: Arquivo próprio, 2011.

Figura 22. Apresentação e avaliação das bandas inscritas no concurso. Fonte: Arquivo próprio, 2011.

Figura 23. Apresentação e avaliação de bandas. Fonte: Arquivo próprio, 2011.

Os Headbangers enfrentavam duplamente a pressão – da sociedade que limitava seus espaços de apresentação – e o preconceito de grupos cristãos alternativos que buscavam minar sua crítica à ordem estabelecida, mostrando que Headbanger poderia ser cristão. Muitos jovens e adultos aderiam temporariamente ao grupo, adotando excessivamente as práticas Headbanger para depois abandoná-las, comportamento criticado pelos membros como falta de compromisso com a essência do Metal. Utilizavam categorias como "falsos", "posers" e "porra-loucas" para designar esses indivíduos sem conhecimento ou engajamento real, que participavam apenas por modismo passageiro[176]. Entre 2010 e 2019, a cena manteve uma produção reduzida de eventos (aproximadamente a cada dois meses) com ingressos com valores entre 20-50 reais. Os Headbangers veteranos consolidaram seu domínio, afastando-se de modismos e estabelecendo o Metal como tradição local, paralisando as atividades por dois anos devido à pandemia de COVID-19.

Os Headbangers estudantes (secundaristas ou universitários) adotavam esse estilo de vida como forma de integração grupal, independentemente de dominarem instrumentos musicais, moldando seu self. Através de indumentárias específicas, cabelos longos e tatuagens distintas dos padrões urbanos convencionais, desenvolviam seu self enquanto signos do underground. É relevante destacar que essa adesão não se restringe a um único subgênero musical, mas abrange a diversidade existente dentro do Heavy Metal, evidenciando as variações de preferências musicais entre os membros nos circuitos underground.

Desde o período analisado, observa-se que alguns participantes adotam penteados inspirados nos anos 1980, reproduzindo a estética do Metal daquela época, enquanto outros preferem cabelos lisos - inclusive recorrendo a alisamentos para assemelhar-se a músicos europeus. Essas variações estéticas também se aplicam às mulheres Headbangers. Se inicialmente reproduziam o visual masculino tradicional (calça jeans, camiseta preta e jaqueta), atualmente entendem os signos característicos do grupo: incorporam elementos do mainstream através de baby-liss, maquiagens que transcendem a paleta preto-e-branco convencional, e customizações de roupas com variações cromáticas e de modelagem, modificando toda sua expressividade. A indumentária dos Headbangers variava conforme o tipo de evento – em shows de subgêneros extremos como Black ou Death Metal, utilizavam camisas específicas para demonstrar sua apreciação por essas vertentes.

E ao longo do tempo, os membros buscavam manter comportamentos críticos e "desviantes", podendo surgir animosidades simbólicas ou físicas quando esses padrões não

[176] O enunciado de modinha no diminutivo mostra a indiferença dos membros estabelecidos a aqueles que não curtem o Metal verdadeiramente.

eram atendidos, como forma de preservar a tradição contestatória do Metal e sua rejeição a temas religiosos opressores. Alguns membros mais antigos relatam que, originalmente, não se tratava de uma cena, mas de um movimento social engajado na promoção do Metal, que posteriormente se institucionalizou como cena, processo também observado em outras localidades como Recife-PE, com quem os campinenses mantinham contato.

A partir de 2010 em diante, os eventos de Heavy Metal na cidade passaram por flutuações, diversos fatores contribuíram para esse êxodo veteranos que deixaram de se identificar como Headbangers; compromissos profissionais; formação familiar; conversão ao cristianismo; percepção de que o Metal havia perdido sua essência; críticas à influência de agendas religiosas cristãs e políticas; e até exclusão por envolvimento com Metal cristão (os considerados queimados) ou, mais recentemente, com temáticas neofascistas.

Figura 24. Evento realizado em 2009. Fonte: Arquivo próprio, 2009.

Figura 25. Evento realizado em 2013. fonte: Arquivo próprio, 2013.

A redução dos eventos underground também decorreu da ausência de produtoras especializadas na cidade (como Noise Banger e Hellnoise)[177], que regularmente facilitavam os encontros entre membros não selecionava participantes não alinhados ao estilo de vida. Desde os anos 2000, os cartazes desses eventos distanciavam o White Metal, e mais recentemente passaram a rejeitar também simpatizantes neonazistas com maior impacto[178]. Com o advento de novas formas de interação digital levou muitos membros a migrarem para redes sociais (como surgirem mais "porras-loucas", posers, white e neonazi), compartilhando informações sobre eventos – embora essa mesma tecnologia tenha possibilitado que alguns jovens preferissem outros estilos de vida. Uma crítica recorrente dos experientes na cena aponta que muitos Headbangers optam por assistir aos shows virtualmente em vez de participar presencialmente, criando assim uma nova demanda por engajamento físico para manter a vitalidade do grupo. Apesar desses desafios, a cena Metal campinense persiste ciclicamente, mantendo suas tradições éticas, estéticas e políticas[179] como contraponto ao avanço ultraconservador dentro e fora do Metal[180].

Conforme a pesquisa de Messias (2013) sobre a cena de Natal, capital do Rio Grande do Norte, trata-se de um grupo reduzido também, com limitada visibilidade numa região dominada pelo forró e, mais recentemente, pelo sertanejo universitário. Messias

---

[177] No universo do Metal underground, a existência de "produtoras" não implica uma operação comercial com fins lucrativos ou profissionais. Trata-se, antes, de coletivos informais formados por membros da própria cena que trabalham em conjunto para viabilizar eventos, autoatribuindo-se o título de "Produtora X" ou "Produtora Y". Um caso emblemático ocorreu em 2017, por ocasião da vinda da banda canadense de Black Metal Blasphemy à cidade. Ao perguntar ao organizador se precisava de ajuda para o evento na AABB (centro da cidade) e ele respondeu que já havia a contribuição de seus amigos de bandas e outros de longa data na organização. A resposta do produtor mostra que a produção de eventos no underground é uma expressão de capital social e de rede de parceria não uma atividade comercial.

[178] A questão do ultraconservadorismo no Metal é um aspecto observado desde meados dos anos 1990, mas apenas recentemente essa visão extremista ganhou força e adeptos, com o apoio de figuras públicas e de alguns proprietários de meios de comunicação em massa (redes sociais), que incentivam, compartilham e lucram com discursos falsos sobre política, afetando diretamente o Estado democrático de direito. Já nos anos 1990, os membros da cena criticavam os simpatizantes de posturas ultraconservadoras no Metal e em outros espaços. Como muito tempo se passou desde então, as estruturas sociais se modificaram do ponto de vista da organização da sociedade – uma reorganização influenciada pela extrema direita –, afetando a visão de mundo dos indivíduos e demandando dos *Headbangers* uma posição mais firme contra essa corrente política, econômica, religiosa e cultural.

[179] Ética, no que concerne às relações entre os membros, suas experiências e o respeito estético, deve considerar a construção e reprodução do mundo artístico e político no exercício crítico, enquanto indivíduos detentores de direitos e deveres na cidade.

[180] Apesar da compreensão dos aspectos negativos apontados pelos *Headbangers* mais antigos, o fato é que o desenvolvimento da internet possibilitou que pesquisassem mais sobre bandas e conhecessem cenas de diferentes locais, tornando essa ação uma prática regular. Como destacou Messias (2013, p. 51): "reclamaram, ainda, do fato de o colega que postou o vídeo não ter o hábito de pesquisar coisas sobre o Metal". Com a internet, surgiram ainda pseudo-membros que seguem a moda da indústria cultural: quando essa indústria coloca o Rock ou o Metal em evidência, bares e eventos underground lotam, conforme constatado na pesquisa mencionada.

argumenta que o underground "sentiu" o impacto das redes sociais, que, apesar de conectarem indivíduos por meio do espaço e tempo[181], transformou radicalmente as formas de socialização – especialmente no compartilhamento de materiais (discos, revistas etc). A cena natalense persiste através da coexistência entre veteranos e novos adeptos, resistindo às mudanças sociais.

Messias (2013) em sua pesquisa sobre consumo na modernidade e identificação com o Heavy Metal com foco em sua reprodução no Brasil e especificamente no Rio Grande do Norte, destaca que o estilo de vida possui limitada visibilidade e reconhecimento social, mas essa marginalidade não invalida sua função representativa para adeptos e apreciadores. Embora os membros constituam pequenos grupos dispersos, dificultando a manutenção do estilo, como afirma a autora: "gostar de Heavy Metal e, mais ainda, vivê-lo, torna-se mais complicado em um lugar onde ele é um estilo marginal" (Messias, p.12, 2013), desafio já presente nos anos 1980, durante a formação dessa cultura. A pesquisadora demonstra, porém, que os adeptos convertem essas dificuldades em coesão, desenvolvendo uma identificação coletiva que transcende a estética através das práticas sociais.

Além desses elementos considerados "tradicionais" por eles, observa-se recentemente o retorno dos chamados "dinossauros do Metal", que reafirmam o caráter não-conservador da cena. No festival Brasil Extremo realizado em 2022 no jardins Clubs, bairro do Itararé, bandas como Nephastus e Behaviour retornaram aos palcos com novas composições e posturas críticas ao ultraconservadorismo do governo eleito em 2018. Essas performances reforçam os valores que os Headbangers devem aderir, num evento que reuniu mais de 300 participantes.

[181] Giddens (1991) destaca em sua análise que o tempo e espaço são dois mecanismos importantes para se entender as dinâmicas das sociedades na hodiernidade. Para o pesquisador em sociedades "pré-modernas" tempo e espaço estavam relacionados as experiências regulares dos indivíduos e contextos, porém nas sociedades "modernas" ocorre uma ruptura dessas experiências e contextos para reorganização com a cultura mundializada como ele destaca: "em acréscimo, dado o mapeamento geral do globo que é hoje tomado como certo, o passado unitário é um passado mundial; tempo e espaço são recombinados para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência."(1991, p. 24). Reorganização possibilitada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação em massa e pelo capital financeiro que garantem a ruptura entre tempo e espaço. Essa hipertrofia desses dos mecanismos revelam não somente relações macro econômicas ocorrem transformando as sociedades, mas sim, as relações sociais em contextos particulares.

Figura 26. show da banda Nephastus e Behaviuor no evento Brasil Extremo Fest em 2022. Fonte: Arquivo próprio.

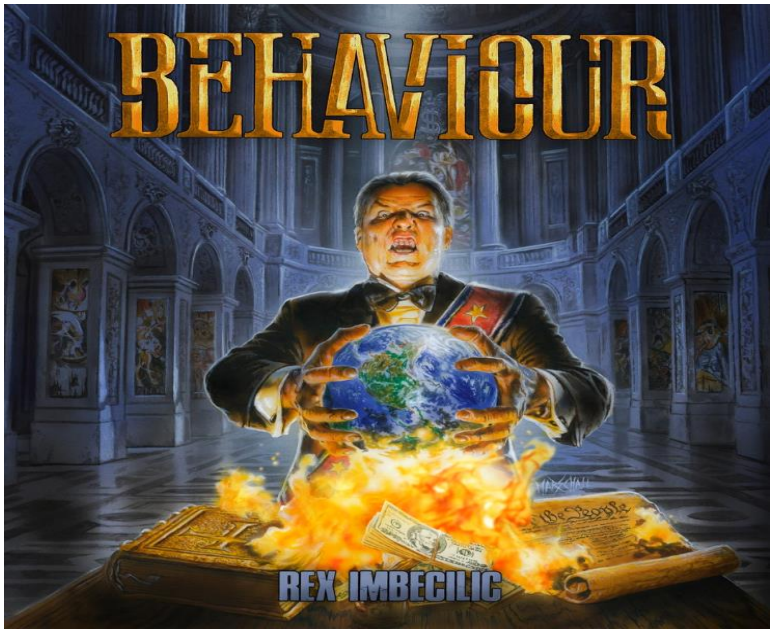


Figura 27. Arte do disco da banda Behaviour. Fonte: Instagram: behaviour.osdm,2023.

O Heavy Metal persiste na cidade como prática social, mantendo seu ideias mesmo em momentos de instabilidade. As apresentações e encontros em bares e pubs - com ou sem shows – permanecem como espaços contemporâneos desse grupo, continuando a ser entendidos como desviante.

Quadro 3. Lista de bandas atuantes em Campina Grande.

Bandas ativas na cena[182]	**Subgênero**

[182] É importante citar outras bandas que interseccionam com a cena local, como as de João Pessoa (Medicine Death - Death Metal; Soturnus - Death Metal; Necropolis - Heavy Metal; Vermegod - Black Metal; Terrible Force - Thrash Metal; Metacrose - Death Metal; Sinal de Ataque - Heavy Metal), Patos (Caverna - Black

Korvak	Thrash Metal
Warcursed	Death Metal
Spitzenfall	Rock/Thrash
Demonized Legion	Death Metal
Fourkaos	Stoner/ Thrash Metal
Centauri	Heavy Metal
Metal Comando	Heavy Metal
Neural Abyss	Death Metal
T.O.S.S.I	Hardcore/Crossover
C.U.S.P.E	Punkcore
Atro	Death/Doom Metal
In Void Sun	Stoner/Doom Metal
Agromorte	Grindcore
Venomous Breath	Death Metal
Anticosmocrator	Speed/Black Metal
Empire Night	Black Metal
Vox Satyr	Black Metal
DCLXVI	Black Metal
Nephastus	Thrash Metal

Fonte: Elaboração própria, 2024.

iii. Desvios

Os indivíduos estabelecem relações sociais diversas, moldadas por suas experiências em situações de co-presença em espaços públicos e privados na cidade de Campina Grande. Essas interações revelam não apenas as dinâmicas de contato possíveis, mas também as variadas formas de preconceito e desvio social que esta pesquisa buscou examinar nos capítulos anteriores. A pesquisa procurou transcender uma visão a priori do desvio associado ao Headbanger, destacando o que emerge das relações entre membros e os renegados (cidadãos comuns, grupos alternativos como White Metal e "neonazis") como dimensão crucial para discussão. O Headbanger está inserido numa estrutura social específica onde religião, economia e política contemporânea (alinhada à onda conservadora) influenciam diretamente sua posição e experiências cotidianas.

Com base no que foi apresentado das interações nos relatos e situações, as

Metal), Areia (Distress - Death Metal e Realidade Mórbida - Grindcore) e outros estados como Rio Grande do Norte e Pernambuco. Cabe ressaltar que o histórico de bandas é mais extenso se considerar as bandas inativas de Campina Grande que também contribuíram para a cena, como Ataque Violento e Necrose (ambas de Thrash Metal) e Evil Force (Heavy Metal).

interações cotidianas dos membros demonstram como eram tratados no dia a dia, seus relatos indicam que a classificação como desviantes foi constante em sua trajetória na cidade, e que, apesar de algumas mudanças, os preconceitos persistem. Esse cenário intensificou-se com a transição política brasileira de um regime democrático para um governo conservador que negava diferenças e rejeitava aqueles que se autoidentificavam como diferentes. A ausência de políticas públicas para lazer cultural de jovens e adultos fragmentou as possibilidades do grupo underground: onde realizar shows e quem poderia apoiá-los? questionamentos particularmente relevantes em uma cidade que restringe a manifestação de diferenças sociais. Diante disso, sem apoio institucional ou simpatizantes, o grupo desenvolveu estratégias próprias para resistir às pressões externas e manter seus espaços de encontro, enfrentando desafios e conquistas ao longo do caminho.

As interações do grupo revelam uma dificuldade em serem percebidos como "normais" ou em manterem seu anonimato em certas situações cotidianas. Para alguns membros, serem enquadrados como desviantes pela sociedade era algo tão recorrente que moldava sua autocompreensão e suas relações com outros habitantes da cidade. Alguns preferiam preservar sua identificação na esfera privada, embora em momentos excepcionais seu estilo de vida pudesse emergir com extravasamento nos eventos underground – como no caso de Esteves, que mencionou apreciar "sentir o vento entre os cabelos" (como será detalhado nos capítulos seguintes) enquanto metáfora para liberdade para ser o que deseja ser. Para aqueles que optavam por manter sua vida reservada, a revelação podia ser constrangedora em certos contextos; já os que se apresentavam abertamente como Headbangers viam isso como motivo de orgulho e resistência, estabelecendo coerência entre sua identificação social e pessoal (Goffman, 2012).

Dessa forma, os membros demonstravam, apesar de suas pluralidades individuais advindo de classe e raça diferentes, uma continuidade na experiência compartilhada de desvio, independente de suas ações específicas. Essas variações de indivíduos na vivência do desvio constituem um objeto relevante para as Ciências Sociais. É importante destacar que a pressão social sobre indivíduos que se adequavam parcialmente aos padrões estabelecidos diferia daquela enfrentada por membros inseridos em marcadores de raça, gênero e classe. Essa diversidade de experiências aponta para diferentes formas de lidar com situações de desconforto. Portanto, compreender as dinâmicas internas do grupo é insuficiente – é necessário analisar como estão inseridos nas estruturas sociais mais amplas. Os desvios praticados pelos Headbangers, ao se distanciarem de valores e crenças

sociais dominantes, impactam significativamente as relações cotidianas no espaço urbano.

As “normas” sociais estabelecidas para conduta e comportamento foram amplamente assimiladas como fundamentais para o funcionamento civilizatório, abrangendo desde a etiqueta em espaços públicos até o uso adequado de talheres (Elias, 2001). Esse projeto civilizador de práticas “autocontroladas” conduz os indivíduos a uma aparente naturalidade e satisfação decorrentes da socialização de expectativas padronizadas. Tais práticas civilizatórias persistem porque são gradualmente internalizadas e incorporadas nos comportamentos cotidianos ao longo do tempo. Quando indivíduos desafiam ou tentam subverter essas convenções estabelecidas, emergem mecanismos civilizacionais de correção, restauração e reintegração social, visando “endireitar” ou “aprumar” os transgressores normativos para os padrões socialmente aceitos.

Esse processo de ajustamento social exige o controle dos desejos mais íntimos, pois nem todas as aspirações individuais são toleráveis dentro do sistema padronizado. Essa dinâmica é sustentada por normas sociais, instituições e aparatos estatais – como a polícia, que reprime comportamentos considerados ameaçadores ao bem comum (Durkheim, 1999). Trata-se de uma tentativa de reparar danos morais causados por desvios, buscando restabelecer o equilíbrio na complexa rede de interdependências sociais. Dessa forma, emoções consideradas indesejáveis são sistematicamente reprimidas, pois a sociedade exige que os indivíduos controlem suas emoções sob risco de enfrentarem constrangimento e vergonha.

Constantemente, os valores morais condicionam crianças, jovens, adultos e idosos a aceitar padrões sociais como modo de modelar, de forma objetiva, o comportamento desejável. O indivíduo autocontrolado transforma sua percepção e torna o autocontrole numa prática "natural" que aparenta ser fruto de suas próprias escolhas individuais. A sociedade campinense e suas práticas consolidadas ganham força quando os valores da classe média e média alta competem pela moralização, emoções e estilos de vida, tornando qualquer padrão diferente do estabelecido inadmissível e incompreendido (Elias, 2011). Segundo Koury (2013), quando a vergonha é internalizada pelo indivíduo, demonstra-se a eficácia da agência de autocontrole e autolimitação, seja de forma objetiva ou subjetiva. Com isso, a estrutura mental do indivíduo sofre expansão e deterioração nas interações, com dificuldades de socialização. Isto é, a vergonha produzida ou reproduzida passa a ser experimentada como tensão que gera ansiedade, agitação e desequilíbrio

internos quando confrontados com os limites impostos pela rede de interdependência na qual se relaciona.

Essas normas impactam diretamente as experiências individuais, particularmente nos estilos de vida adotados, especialmente quando as identificações são passíveis de escolha, pois não se constituem como naturais, mas são transformadas nas figurações. A manutenção das normas civilizatórias pode resultar em sucesso ou fracasso na adequação aos padrões sociais, com consequências significativas ao controle emocional e postural dos indivíduos. Contudo, trata-se de um processo complexo e gradual – a mera adesão às expectativas sociais não garante o desenvolvimento imediato do autocontrole necessário para sustentar essas normas em diversos contextos. As normas civis relacionam-se não apenas à habilidade individual de segui-las, mas também aos contextos específicos de inserção e à produção de um padrão de controle que se apresenta como "dado" natural da vida civilizada. Embora o processo civilizatório busque naturalizar posições sociais estabelecidas, existem casos em que os indivíduos transgridem e modificam essas condições de conformidade[183].

Isso revela práticas diferentes e esperadas pela sociedade: de um lado, a norma que exige que o músico que toca na corte seja jovem; de outro, o músico não pode ter envelhecido, porque a norma associada à beleza e à juventude tornam-se modelos daquele contexto. Quando os indivíduos não conseguem "sustentar" o "insustentável" – o inevitável processo de envelhecimento – tornam-se fracassados. É claro que, dentro de cada figuração, isso pode variar.

Por exemplo, no Heavy Metal, os membros que permanecem no grupo são tidos como "guardiões", "dinossauros do Metal", indivíduos que mantiveram a cena viva até a contemporaneidade. Isso não significa que eles não pudessem atuar como em sua juventude; pelo contrário, eram glorificados nos eventos de Metal na cidade, como ocorreu em 2015 com a vinda da banda de João Pessoa, Shock (iniciada em 1979), e em 2022 com a banda Nephastus em que essa última banda afirmou que estavam envelhecendo e suas performances em palco cansavam rapidamente, porém ao afirmar

[183] Um exemplo paradigmático ocorre no contexto social de Mozart[183], que vivenciava a ansiedade de manter seu estilo de vida sob a pressão paterna – experiência compartilhada por outros músicos de sua época. Essa tensão decorria das exigências cortesãs, que privilegiavam músicos jovens e habilidosos. O pai de Mozart preocupava-se com o envelhecimento do filho e sua incapacidade de alcançar o emprego esperado, temendo que seu virtuosismo deixasse de atrair o interesse das cortes europeias – paradoxo observável, já que o senso comum associa a idade avançada à maior experiência e virtuosidade (Elias, 1995).

isso, eles continuaram tocando como demonstrar de vontade de não decepcionar e tal ato foi compreendido pelo público como digna de aplausos. Apesar de os músicos admitirem sentir saudade de tocar nos shows de Metal – como alegou a banda Nephastus –, eles sentiam quão energéticos eram os eventos em seus corpos, atribuindo ao Metal um espaço em que a força da juventude domina, sem, contudo, perder sua possibilidade de apresentação[184] (Santos, 2021).

Como o establishment afeta as subjetividades e as formas pelas quais os indivíduos atuam nas interações, isso pode ter o efeito de deslegitimar os indivíduos em determinadas áreas da vida social. Entretanto, para a sociedade existe um padrão (standard) de indivíduo que não é deslegitimado e que não precisa se constranger por sua posição: homem, jovem-adulto, branco, hétero, magro, cristão (católico ou protestante), universitário ou com formação superior, praticante de musculação ou de esportes de força e resistência (como crossfit e corrida), residente em espaços considerados nobres da cidade, com recursos para viagens nacionais e internacionais, com bons relacionamentos e consumidor de música sertaneja ou forró universitário[185].

Segundo os Headbangers, é com essa visão que muitos citadinos compreendem o Metal e suas práticas na cidade de Campina Grande. Desse modo, aqueles indivíduos associados ao Heavy Metal underground não se veem nesse *standard* – ou aceitam alguns desses valores e ignoram outros – e se percebem como diferentes/marginais em relação ao que está colocado socialmente. Como se observou nas situações de pesquisas apresentadas sobre o dono do bar e a posição dos membros acerca do alinhamento dele ao conservadorismo do ex-presidente. Em alguns momentos, como será discutido nos próximos capítulos, eles adaptam partes de seu estilo de vida; em outros, agem com rispidez ou indiferença aos valores propagados por agentes reformadores da ordem social, como os evangélicos, que não compreendem suas escolhas. Os valores sociais estão espalhados em diferentes instâncias (família, religião e política) e influenciam a forma como os indivíduos interagem, tanto ordinária quanto excepcionalmente. Esses valores não precisam se apresentar objetivamente para afetar as dinâmicas das relações entre os indivíduos, porque eles moldam os encontros sociais de forma implícita e divergente.

[184] As bandas como: *Shock, Nephastus, Stomacal Corrosion, Medice Death, Krueger* e *Behavoir* foram as bandas que marcaram a cena campinense e paraibana.

[185] No universo do Metal, persiste um estereótipo marcante: a ideia de que apenas homens jovens-adultos, brancos, heterossexuais, magros, ateus ou agnósticos (ou que ocultam suas crenças), de classe média, universitários, praticantes de esportes de força, residentes em áreas nobres da cidade, com recursos para viagens internacionais a shows e com bons capitais sociais poderiam tocar Heavy Metal sem constrangimentos. E fora do Metal a visão corrente é são vistos como sujos e baderneiros.

Não se trata apenas do que o *Headbanger* apresenta nos momentos de encontro em shows e no cotidiano, mas das não realização em seguir o padrão estabelecido de comunicação imediata, o que afeta a forma como o membro do Heavy Metal é aceito nessas situações. Não é somente a estética do *Headbanger* que importa, mas como suas práticas consideradas "transgressivas" impactam as interações. Práticas entendidas pela sociedade como amorais a seus valores – como vestir roupas com símbolos que ferem crenças dominantes ou ignorar aqueles que tentam evangelizá-los em espaços públicos – têm efeito na aceitação e no tratamento recebido pelos membros da cena nos encontros sociais – não se curvar às normas é interpretado pela sociedade como descredibilização e distanciamento.

Trazer os membros do Heavy Metal para discussão acadêmica evidencia o quanto esses indivíduos sofrem e são pressionados pelo *standard*, particularmente quando o grupo é analisado sob perspectivas distintas. Ao recuperar essa discussão e apresentar as variações entre os membros associados ao underground – incluindo suas experiências, como no caso dos integrantes mais velhos – torna-se possível analisar suas vivências com o estilo de vida e suas pluralidades (Lahire, 2002). Essa diversidade de experiências mostra-se relevante por destacar as dinâmicas e as formas como eles/elas agem/reagem nos contextos sociais (Goffman, 1961; Velho, 1994).

A partir da apresentação de dados anteriores, a pesquisa de campo mostrou que a identificação com o grupo era compreendida como desvio, mas que também pode conduzir os membros à proximidade da conformidade. Três aspectos merecem destaque na análise sobre como lidam com as normas: primeiro, os membros conhecem as normas, pois estão inseridos na sociedade, mas aplicam reflexivamente o *standard* de maneira diferenciada – reconhecem e sentem o peso desses padrões em suas vidas, porém optam por não os reproduzir da forma como lhes foram apresentados e ensinados, recusando-se a assumir os sofrimentos decorrentes.

Segundo, como solução para não reproduzirem as normas conforme o esperado, buscam evitar contatos e, quando possível, não estabelecer laços – consequência das experiências de sofrimento vivenciadas tanto em âmbito local quanto global com outros membros da comunidade –, o que se mostra custoso para todos os envolvidos.

A terceira forma de lidar com a sociedade campinense adotada pelos *Headbangers* consiste na adaptação com apoio de outros membros e, quando possível, de familiares. Isso exige deles uma autogestão estratégica das impressões que transmitem, controlando cuidadosamente suas imagens perante os demais. Contudo,

mesmo nessa dinâmica, os *Headbangers* permanecem enredados na lógica do *standard*, pois aqueles considerados "próximos" têm ciência de seu "desvio", como se tratará nos próximos capítulos. O apoio da comunidade e de pessoas íntimas permite que os membros sustentem suas identificações, criando espaços onde podem ser autênticos sem medo ou desconforto nas interações face a face, sem necessidade de concessões para agradar. Esse suporte possibilita ao membro preservar seu estilo de vida e manter-se confiante mesmo diante das adversidades, conservando uma "aparência" de invulnerabilidade para evitar o descrédito social. Fato esse que aparece nos discos, performances e cartazes e relatos dos Headbangers na demonstração de força e vontade de vencer.

Inconstâncias no underground

Partindo dos contextos sociais de interação onde os indivíduos negociam e estabelecem dinâmicas para a construção da ordem interacional (Goffman, 1953), essas relações atribuem normas de identificação específicas ao grupo de *Headbangers*. Tais dinâmicas podem fundamentar tanto avaliações positivas quanto preconceitos e comportamentos indiferentes da sociedade, que buscam (direta ou indiretamente) constranger os associados ao Metal. Não obstante, os papéis sociais dos citadinos e dos *Headbangers* compõem uma ecologia social marcada por relações de interdependência (Elias, 1994). Para setores radicais da sociedade, os *Headbangers* representam "degenerados", "anormais" e "loucos", categorizações que depreciam seu estilo de vida e musical, tratando-os como "doença" social, para outro setor é apenas uma fase. A resposta dos *Headbangers* a essas pressões não se dá pela submissão ao preconceito, mas através de adaptações criativas, reações confiantes e construção ativa de modos de viver seu estilo de vida politicamente.

Observou-se que os membros sofrem pressões sobre sua identificação em diversos contextos sociais como apareceu nos relatos de Esteves e Felipe, desenvolvendo respostas distintas a essas pressões que os aproximam do *standard* (Lahire, 2002). Por exemplo, espaços religiosos cristãos (católicos/protestantes) são evitados pelos membros, assim como o citadino evita ambientes de shows de Metal – ambos buscando preservar informações sobre suas práticas. Esses indivíduos desempenham papéis sociais distintos, possibilitado por suas experiências nas interações sociais, revelando um processo de individualização do aprendizado tanto para o citadino quanto para o membro (Elias, 1998; Irapuan, 2010). A diferença crucial reside no constrangimento vivenciado

pelo *Headbanger* devido a suas escolhas e crenças no grupo, e nas formas convencionais de controle dos desvios, conforme destacado pelos próprios membros:

> Não gosto de igreja, embora tenha sido obrigado por minha família a frequentar quando era criança, tive dificuldade de fazer os meus pais e amigos que não são do Metal a entenderem isso. Isso é considerado um pecado mortal, mas eu não gosto de igrejas. Mas poderia dizer que também não me alegra trabalhar em um lugar em que meu estilo de ser é considerado ofensivo ou mexa com as pessoas o suficiente para que elas venham até mim e peçam-me para mudar só porque elas não gostam ou porque é "política da empresa". Esse caminho eu não enfrento so para fazer os caprichos dessas pessoas, em que o estilo atrapalha o exercício da função, eu não ir à igreja muda em que, não muda nada. O que acontece é que sempre que nego sou tratado como um monstro, vagabundo, preguiçoso que não sabe viver em sociedade e um ser demoníaco por não aceitar os convites forçados dos outros para algo que não gosto, é melhor evitar essas coisas para não ser tachado e envergonhado (Esteves, entrevista, 2024).

A pesquisa sugere que os *Headbangers* podem ser compreendidos como "desviantes normais" do *status quo*. Conforme demonstrado por diversos pesquisadores (Goffman, 1988; Becker, 2008; Velho, 2003; Elias, 2000), os limites entre o *self* e o outro podem ser intercambiáveis. Os membros podem abandonar o grupo, deixando sua identificação no passado e modificando sua personalidade para se aproximar da estrutura social dominante – exemplificado pelos casos de ex-membros que se converteram ao cristianismo, o que pode caracterizar um ritual de passagem. Estes frequentemente alteram suas personalidades para se adequarem ao estabelecido, chegando a reproduzir os mesmos preconceitos que antes sofriam, como forma de demonstrar adesão à sociedade.

Paralelamente, indivíduos que ingressam no grupo desviante também vivenciam transformações da unidade. Tais mudanças como aprender sobre o estilo por meio de revistas, fanzines, internet e momentos de sociabilidade com os amigos, estética (indumentaria), moral (um pensamento crítico) ocorrem como exigência do campo social, demandando a incorporação de disposições práticas de aceitação, utilizadas como estratégias de interação conformista. Outra evidenciação importante destaca que conhecidos ou pessoas próximas aos membros, ao transitarem pelo grupo, passavam a agir e reagir em certos contextos como *Headbangers*, mesmo sem se identificarem como tal, como se observará no decorrer dessa pesquisa (Whyte, 2005).

Identifica-se um processo ritual do *self* no qual o indivíduo transita da condição marginal de *Headbanger* para a condição de citadino, projetando à sociedade a compreensão de que sua simpatia pelo estilo de vida era meramente estética, não considerando os "marginais" como parte de sua existência. O processo de um *self* desviante para um *self* "padrão" mostrou-se frequente nos relatos e vivências de

campo (como no caso de membros nascidos em famílias que já vivenciavam o estilo), enquanto a transição inversa – de um *self* "padrão" para desviante – revelou-se permeada por desafios, questões morais e complexas negociações, conforme observado no desenvolvimento desta pesquisa. A ressignificação da autoimagem pelos membros relacionava-se diretamente com sua capacidade de gerenciar emoções e comportamentos como demonstração de adaptação aos contextos sociais. A intensificação das relações entre *Headbangers* não constituía uma problemática ontológica, mas sim uma questão emergente da realidade social que produzia encontros e desencontros. Cotidianamente, os membros aprendem a desempenhar os papéis esperados – seja como *Headbanger*, seja como campinense – demonstrando flexibilidade contextual.

Nesse processo, o membro pode sustentar ambos os papéis, administrando habilmente seus diversos *selves* conforme o contexto exigir, fruto de um aprendizado social acumulado. Esses papéis sociais não devem ser compreendidos como antagônicos, mas sim como demandando o reconhecimento de suas possíveis semelhanças que existam entre ambos. Os membros evitam interações com citadinos em situações específicas por compreenderem que seu estilo de vida contradiz noções hegemônicas de conduta "correta", sentindo-se consequentemente rejeitados, o que os leva a buscar união com seus pares para enfrentar coletivamente os desafios impostos pela sociedade. Nessas circunstâncias, a incompreensão social sobre o papel do *Headbanger* impossibilitava a atuação desejada, restringindo-o à adaptação ao contexto imediato. Conforme afirmavam os interlocutores da pesquisa, a sociedade raramente demonstrava boas intenções ao expor o grupo, apenas os *próximos* sustentavam tal perspectiva, sendo estes os que efetivamente ofereciam apoio ao coletivo.

A manifestação de múltiplos *selves* no cotidiano emergiu de diversas formas no contexto pesquisado, onde tanto membros quanto seus amigos próximos alternavam entre comportamentos socialmente adequados e condutas desviantes – seja através de brincadeiras, seja por meio de posturas consideradas autênticas. O show de Heavy Metal configura-se como espaço privilegiado para dramatizar contextos sociais e apresentar um *self* distinto do institucionalizado, demonstrando a reflexividade necessária para atuar nesses ambientes. Outra evidência significativa revelou-se nas brincadeiras em que membros eram imitados tanto por amigos externos ao grupo quanto por pares, numa dramatização carregada de preconceito que imputava valores amorais, reproduzindo

assim a visão limitante[186] da sociedade dominante. Essas práticas miméticas evidenciam que os membros tinham plena consciência de como eram percebidos socialmente e de sua similaridade fundamental com os "citadinos", sendo ambos formados e informados pelas opiniões alheias sobre seus estilos de vida. Contudo, as diferenças permaneciam: os *Headbangers* mantinham um estilo de vida integral a ser sustentado, tanto na presença quanto na ausência dos outros.

Os músicos e produtores de eventos de Heavy Metal, mesmo em situações intensas com citadinos e apesar de suas posturas críticas e reforçadoras da unidade, demonstravam adesão consistente ao Metal - embora existam casos de músicos que optavam por comportamentos convencionais para obter aceitação no *mainstream* (adotando perspectivas conservadoras e tratando o Metal como moda passageira). Já os músicos do *underground* mantinham posições claramente fundamentadas nas práticas grupais, dramaticamente expressas através de sentimentos de tristeza, raiva e alegria nos palcos. Essas performances exigiam dos músicos habilidade social para manejar competentemente os papéis de "citadino" e "*Headbanger*", transformando a interpretação da realidade em arte. Membros (sejam músicos ou audiência) que não desenvolviam tal capacidade de transitar entre esses papéis acabavam pressionados pela sociedade a adquirir essa competência para melhor se ajustarem aos diversos contextos sociais.

iv. A realidade social dos Headbangers

A interação social constitui uma pluralidade de dinâmicas que orientam e conectam os indivíduos de diversas formas, evidenciando os diferentes modos como estes se apresentam no espaço social. Os indivíduos associados à cena underground apresentam reflexivamente, nos contextos sociais, seus *selves* socialmente desaprovados, experienciando como essas posturas limitam oportunidades de trabalho, sofrendo a violência simbólica e o descrédito imputados pelo grupo dominante. Tornou-se

[186] Uma moralidade específica recai sobre os membros da cena, associando-os a signos de maldade, perigo e coisas ruins, gerando diversos preconceitos sociais. Espera-se que aqueles que se envolvem com tais coisas acabem em infortúnios, reforçando assim determinada moralidade. Esta tese demonstrou, nos capítulos anteriores, situações estruturadas que evidenciam como a associação "negativa" ao grupo produz uma moralidade baseada em pressupostos metafísicos. A noção de que o Metal está destruindo a juventude constitui uma moralidade que permeia desde o âmbito familiar até o espaço público; quando apresentações musicais ou mesmo a simples presença de um Headbanger causam desconforto nos citadinos, revelam-se as crenças sociais sobre o que é negativo, manifestando ofensas e deixando claro qual lado a sociedade assume ao julgar casos de desvio (Douglas, 1976).

fundamental para a pesquisa ultrapassar esses elementos perceptivos acerca da identificação e ampliar a análise das relações sociais dos membros. *Headbangers* e citadinos revelam-se interdependentes, pois a percepção social do que consideram amoral ou inapropriado expõe justamente sua própria moralidade (Elias, 1993). Quando a sociedade hipertrofia desproporcionalmente as relações com grupos sociais mediante a atribuição de valores indesejáveis, como estratégia para fragilizar sua coesão, acaba por comprometer-se excessivamente nesse processo. Esse aspecto destacou para a pesquisa como as identificações e a visão social sobre o Metal são mutuamente interdependentes.

Para alguns membros, adotar comportamentos alinhados ao estabelecido era compreendido como atitude desrespeitosa, visto que se sustentam por uma postura de fidelidade comportamental; enquanto outros membros o fazem devido às exigências práticas do cotidiano, que demandam tal adequação para obtenção de empregos e acesso a determinados espaços. Aqueles que mantiveram posições firmes frequentemente comentam entre seus pares sobre sua maior coerência e superioridade em relação aos "estabelecidos", reforçando assim os valores do grupo.

Pesquisas centrais nesse campo de estudo destacam o humor característico dos artistas desse meio (Campoy, 2008; Lopes, 2006; Irapuan, 2010), aspecto importante, porém a dimensão do humor no cotidiano dos membros do underground também se mostra fundamental. Como Tobias (2019) destacou, nos espaços de convívio dos membros circulavam piadas que os colocavam em posição de superioridade uns em relação aos outros, muitas vezes operando numa lógica binária. Contudo, a pesquisa de campo revelou que o humor era mobilizado principalmente para diferenciar o grupo da sociedade, reforçando uma visão de unidade e uma compreensão crítica da realidade. Diferente de alguns dados dessas pesquisas, músicos entrevistados em locus, relataram desconforto ao tocar com bandas que adotavam posturas machistas, misóginas ou nazistas ou que reproduzissem tais ideais em forma de brincadeira. Embora os mecanismos da estrutura social muitas vezes passem despercebidos devido ao grau de subjetividade e socialização, os membros não se mostraram reprodutores de discursos de desigualdade no contexto urbano.

Embora o grupo exigisse compromisso de seus membros, a inserção na lógica citadina gerava processos de autoidentificação à medida que se adequavam a certas dinâmicas sociais. A compreensão variava conforme as situações: era uma para aqueles que buscavam emprego, outra para os que frequentavam igrejas, e diferente ainda para os que deixavam o grupo por relacionamentos afetivos. Na prática, os membros que se

comportavam conforme as demandas sociais sentiam prazer em adaptar sua verdadeira identificação, mantendo seu estilo de vida real apenas entre os iguais. Isso gerava, em alguns contextos de interação com certos citadinos, situações de descrédito e constrangimento por "se comportarem" de maneira diferente. Os Headbangers não se apresentam necessariamente como inapropriados, mas sim realizam negociações e concessões observadas em campo, adaptando seu comportamento diante de desconhecidos no ambiente urbano.

Não obstante, a violência simbólica contra indivíduos associados ao grupo underground representava ameaças concretas à sua situação social. Relatos indicam que membros atraíam atenção ambígua, recebendo tanto aproximações cordiais quanto questionamentos intrusivos de desconhecidos, levando-os a proteger sua intimidade com seriedade contra essas intromissões "curiosas". Os Headbangers desenvolveram estratégias específicas para lidar com a curiosidade alheia sobre seu estilo de vida no Metal, conforme atestado por um dos membros entrevistados.

> Eu estava na estação de ónibus, lá no centro da cidade, estava voltando da universidade. Estava esperando o ónibus para voltar à noite, quando o bus chegou, entrei e fiquei naquele vão que há no ónibus para pessoas cadeirantes ficarem, lá fiquei em pé durante a viagem. Eu estava vestido de preto, com uma camisa de Black Metal e um casaco por cima. Chegou um cara lá sentou na cadeira destinada a pessoa idosa ou deficiente e ficou me olhando durante a viagem, depois de alguns minutos, o cara veio me perguntar sobre o que estava escrito na camisa. A camisa tinha como título the antichrist. O cara tinha entendido que se tratava de algo relacionado ao anticristo e ficou me questionando o restante da frase, eu fiquei resistindo para não responder porque CG é lotada de cristãos e suas chatices de evangelização, não respeitam o não dos outros. Não respondi bem o que ele tinha me questionado, então, ele disse você pensa que eu não sei o que esta escrito aí? Eu sei o que é? Eu sei, você não me engana, isso é coisa do diabo em tom de deboche e superioridade por sacar do que se tratava sem ajuda (Esteves, entrevista, 2024).

Alguns membros relatavam a necessidade de adotar táticas evasivas: “fingir-se de surdo”, ignorar perguntas (também como forma de ganhar tempo para elaborar respostas), afirmar ter pactos com o diabo para afastar curiosos, ou simplesmente ignorar questionamentos. Essas estratégias constituíam mecanismos de autoproteção para evitar autoexposição a estranhos, mantendo controle sobre situações potencialmente constrangedoras (Garfinkel, 1967; Goffman, 1981).

Os Headbangers podiam adotar respostas ácidas para encerrar diálogos indesejados. Membros mais experientes ("truers") imprimiam um comportamento sério que inibia qualquer tentativa de contato verbal prévia. Adriano, considerado radical por alguns, utilizava dessa postura severa combinada com discursos cortantes para lidar com

certas interações – como com evangelizadores, vendedores ambulantes insistentes e curiosos. Essa seriedade comportamental permitia ao Headbanger navegar pelas interações sociais sem ser questionado, embora reforçasse o estereótipo de marginalidade, associando-os a forças espiritualmente tensas ou perigo. Paradoxalmente, essa mesma atitude tornava-se ferramenta para transitar por espaços sociais onde podiam agir com polidez e integridade, quando necessário.

A vida social concreta na relação de interdependência entre membros e estabelecidos possui uma história dinâmica que se transforma conforme a figuração social progride. Os membros contatados afirmaram que o preconceito contra o Metal havia diminuído, embora persistissem associações do gênero musical com a maldade – redução esta atribuída às transformações nos meios de comunicação, especialmente com o advento da internet e a circulação ampliada de informações sobre o grupo nas redes sociais, refletindo-se nos encontros presenciais e espaços públicos. Outros membros, contudo, argumentaram que o preconceito não desaparecera, apenas se transmutara em formas mais diretas e dissimuladas – particularmente na atribuição de categorias depreciativas que depois são negadas, alegando-se má interpretação, fenômeno este influenciado por discursos de líderes políticos da extrema direita[187].

A comunicação em larga escala pode ter atenuado o preconceito contra os Headbangers, mas também serve como mecanismo de controle social para manter comportamentos considerados adequados – gerando sofrimento psíquico em troca de

[187] Examinando o discurso neoliberal em voga na contemporaneidade, percebe-se que essa forma de fazer política não se trata apenas de economia, mas de todo um sistema engendrado na prática social que afeta todos os indivíduos. Essa visão ganhou força com candidatos da extrema direita que negam a ciência e não se pautam por valores éticos voltados ao bem coletivo – fatos sociais não produzem tanta reverberação quanto opiniões infundadas. Isso fez com que a sociedade duvidasse de seus mecanismos institucionais de legitimação e conhecimento sobre o mundo social, num momento em que a produção da vacina contra a COVID-19 abalou o globo e afetou a vida de milhares que morreram sem a prevenção promovida pelo Sistema Único de Saúde. O neoliberalismo transforma a maneira dos indivíduos agirem, pensarem e sentirem, assim como a compreensão dos citadinos globais sobre governo, trabalho e interações, pois promove a ideia de que o mercado é a melhor forma de organizar e reproduzir a sociedade através da competição (Dardot, 2016). Arlie Hochschild (2016) demonstra que nos EUA há grande precariedade de vida, onde pessoas não reconhecem problemas como falta de saneamento básico, educação de qualidade ou vida em meio à poluição, não atribuindo crédito à ciência e suas revelações climáticas e laborais – um ressentimento que culpa o Estado enquanto o nega, especialmente no Sul dos Estados Unidos. Hochschild investiga os impactos das políticas neoconservadoras na vida dos sulistas, região dominada pela extrema direita que infla ideias antidemocráticas e visa uma sociedade liberal pautada numa família tradicional imaginada, projeto que não se sustenta sem o trabalho precário de imigrantes. McDowell (2016), em sua pesquisa sobre Headbangers sulistas, revela a visão estigmatizadora sobre apreciadores do Metal, reforçada por casos como o do músico Phil Anselmo e sua saudação nazista. Contudo, o autor demonstra que não se pode essencializar o sulista: a tradição musical do Sul é heterogênea (especialmente com o blues), levando músicos a reinterpretarem sua região, reconhecendo problemas raciais locais, mas desenvolvendo visões progressistas, por mais difícil que seja fazer outros acreditarem neles devido a essa "essencialização" de racistas.

aceitação. Como o processo figuracional é um fenômeno de transformação gradual no cotidiano, a percepção de redução do preconceito ocorre lentamente, fazendo com que muitos membros julguem pouca a evolução concreta na cena campinense nos últimos anos. Diante disso, identifica-se que, embora ocorram mudanças no grupo, há um esforço contínuo para preservar o caráter crítico do estilo de vida, à semelhança do que faziam as bandas antigas da tradição Metal.

A partir dessas constatações, compreende-se que a atribuição de valores depreciativos aos membros do grupo ao longo do tempo pode ser interpretada tanto como marcação de desvio quanto como processo social dinâmico, no qual Headbangers e estabelecidos desempenham papéis distintos em suas carreiras morais. Cada um desses atores sociais assume diferentes papéis conforme os contextos de interação, adaptando-se às expectativas sociais específicas de cada situação. O atributo crítico característico do membro leva-o a desempenhar com frequência o papel de desviante, contudo – assim como no caso dos estabelecidos – tal papel é socialmente construído e condicionado pelos contextos interacionais com suas normas particulares. A pesquisa identificou ainda que o próprio "desviante" manifestava preconceitos contra alguns pares do grupo, evidenciando que o peso dos papéis sociais varia conforme os contextos e não constitui uma essência imutável dos indivíduos vinculados à cena.

Em Campina Grande, as interações sociais estavam estruturalmente organizadas de modo que os encontros com a diferença (grupos sociais e culturais) se mostravam inevitáveis, particularmente sob a pressão do conservadorismo sobre a cultura local e seus efeitos na moralidade dos citadinos – como será detalhado nos capítulos subsequentes. Esses indivíduos representavam uma pluralidade de mundos possíveis, capazes de alternar papéis e modificar comportamentos para evitar conflitos, muitas vezes adotando posturas reservadas, conforme evidenciado pelos dados de campo. No cotidiano campinense, quando os membros mantinham seus comportamentos característicos, geravam clímax nas interações que afetavam suas vidas emocionais.

A instituição de um padrão comportamental e estilístico indesejado aos Headbangers implica um processo histórico intencional de construção de ordem e desvio (Hecker, 2012). Embora a atribuição de características negativas pela sociedade ao underground do Heavy Metal servisse paradoxalmente para agregar e fortalecer a unidade grupal, essa mesma coesão contribuía para a não aceitação de Headbangers alinhados ao conservadorismo local. O gradual processo de transição de "desviante" para "citadino comum" possui significados distintos para a sociedade. A estigmatização depreciativa dos

Headbangers, baseada em sua simbologia considerada amoral, funciona como mecanismo de controle social para afastá-los de espaços públicos onde possam se manifestar e competir (como os espaços para shows), limitando assim o fortalecimento do underground e a potencial adesão de novos membros ao grupo (Elias, 1994)

Tipologias no grupo

O constrangimento e a vergonha emergem como elementos centrais na dinâmica interacional dos Headbangers dentro da ecologia social onde atuam e mantêm suas relações sociais/afetivas. Tornou-se relevante, portanto, detalhar os tipos de comportamentos desviantes que se inserem nessa dinâmica relacional. Os Headbangers não se conformam às expectativas sociais e etiquetas comportamentais esperadas pela sociedade, transgredindo essas normas de diversas maneiras e, consequentemente, distanciando-se do padrão estabelecido. Eles apresentam uma variabilidade de habitus que reflete tanto a pluralidade de mundos quanto a idiossincrasia peculiar de seu grupo underground, fenômeno que a pesquisa buscou detalhar.

Por se tratar de um grupo underground relativamente pequeno, os músicos ou membros reconhecidos por suas contribuições à cena local dispunham de certa margem para cometer deslizes sem comprometer profundamente a coesão grupal, já que sua posição de prestígio e reconhecimento pelos pares lhes garantia certa tolerância. Esse foi o caso de um músico-produtor veterano, com longa trajetória em bandas de Heavy Metal e rock'n'roll na cidade, reconhecido por sua expertise musical (especialmente como guitarrista virtuoso) e por sua histórica atuação na produção de eventos do gênero.

Contudo, com as eleições de 2018 e a ascensão do candidato de extrema-direita à presidência, esse indivíduo passou a adotar posturas conservadoras em suas redes sociais – com maior intensidade durante a última eleição de 2022, quando seu candidato foi derrotado. Durante o período eleitoral, ele fez campanha declarada em seu perfil pessoal a favor do candidato extremista, utilizando retórica que buscava deslegitimar o candidato mais alinhado à democracia. Essa conduta foi observada por vários membros contatados pela pesquisa, que expressaram seu descontentamento com tal postura adotada pelo produtor – também proprietário de uma casa de shows na cidade –, conforme relatado pelo músico Frederico:

> você já viu os *post* do produtor? Diante de tanto problema é difícil de compreender como as pessoas agem dessa forma, mesmo diante de tanto

sofrimento causado pela má gestão desse ignorante (Caderno de campo, 2022).

Contudo, observou-se que alguns membros cometiam desvios e mantinham esses atos em segredo, preservando assim as relações internas com seus pares. Esses participantes da cena local gozavam de certa liberdade, pois seus desvios eram tacitamente "aceitos" sem exigência de justificativas por parte dos demais adeptos, entendendo-se que tais deslizes não tinham significância relevante nos contextos de encontro. Aqueles indivíduos que ingressavam no grupo, assumindo o papel de membros desviantes, transformavam-se progressivamente em símbolos (insiders) e passavam a participar das atividades artísticas, sem, contudo, alcançar o reconhecimento pleno dos membros mais antigos ou a aceitação de suas famílias de origem.

O duplo movimento de ruptura e inserção (com padrões sociais) e adesão (ao grupo) permitiu que esses indivíduos se tornassem membros em formação, assegurando a continuidade do grupo através de novas gerações. Nessa categoria incluem-se: ex-integrantes do White Metal que migraram para o Metal "secular"; membros do Metal underground que se converteram ao cristianismo ou judaísmo; e aqueles conhecidos por se embriagarem nos eventos e "perturbarem" a ordem das interações. Alguns desses indivíduos cometiam desvios dentro do grupo e ainda assim eram aceitos, enquanto os associados ao White Metal eram considerados outsiders. Quando o grupo identificava desviantes vinculados ao mundo cristão, estes perdiam o apoio dos Headbangers – ao contrário daqueles cujos deslizes não eram considerados graves, que recebiam apoio das figuras centrais da cena. Esses desvios eram objeto de socialização e discussão entre os membros, dentro de um círculo social em que a maioria conhecia a trajetória individual de cada adepto do estilo.

A pesquisa de campo evidenciou que o desvio era compreendido de forma distinta dentro do grupo, pois tais transgressões internas ressignificavam os valores dos membros. Embora o efeito externo se mostrasse similar – quando os indivíduos não cumpriam os papéis conforme as expectativas estabelecidas –, os Headbangers entendiam diferentemente esses desvios: para alguns representavam um estilo de vida "incorreto", para outros, "correto". Revelam-se assim diferenças no tratamento e compreensão do outro ao alternar a perspectiva analítica de grupo-sociedade para sociedade-grupo, considerando ainda variações de classe, gênero e raça. Mesmo não se fundamentando completamente na moral hegemônica, essa prática interna cumpria função crucial no underground, demarcando a diferença em relação aos considerados falsos ou vinculados

ao White Metal, evidenciando seu não-pertencimento.

Os Headbangers que adotavam o estilo de vida de forma intencional e declarada negavam seu lugar na estrutura social através de comportamentos inadequados e transgressores contra instituições dominantes – idade, classe, família, gênero e trabalho. Esses membros constituíam um movimento anti-estrutural (Turner, 1974), autoidentificando-se como “kvlts” (cultos), “truers” (verdadeiros) ou “brothers” (irmãos) quando engajados na disseminação do underground. Em seus espaços de convívio, eram frequentemente vistos como quase uma "seita" ou grupo ocultista, devido ao "mar negro" de camisetas escuras e símbolos característicos (Silva, 2018). Eles representavam o oposto do citadino esperado, desafiando abertamente as normas sociais estabelecidas.

Nesse mesmo campo de interação, identificaram-se outros grupos desviantes: pedintes, ambulantes, vendedores de alucinógenos, moradores de rua, mofis[188], jovens LGBTQIA+[189], alternativos, punks, hardcores e aspirantes a roqueiros[190]. Esse conjunto de indivíduos era compreendido como anti-estabelecimento, rejeitando os "benefícios" que a sociedade supostamente oferece em seu processo de desenvolvimento hodiernidade. Todos esses indivíduos que se intersectavam com os Headbangers em seus eventos eram vistos como transgressores da moral dominante, com práticas consideradas amorais e marginais, distantes dos projetos sociais padronizados e do projeto civilizacional hegemônico (Elias, 1993).

Na cena estudada, os desvios englobavam uma pluralidade de indivíduos marginalizados que mantinham interação com seus pares: realizavam excursões conjuntas, frequentavam locais da cidade propícios a encontros com amigos e recusavam empregos que exigissem a abnegação de seu estilo – podendo gerar conflitos aos adolescentes ingressantes provenientes de classes desfavorecidas e em que o núcleo

[188] A categoria “mofi” é uma abreviação de “meu filho”, utilizada inicialmente por um jornalista sensacionalista de João Pessoa para se referir a jovens e adolescentes moradores de áreas periféricas e marginalizadas associados ao crime. O jornalista empregava esse termo de forma pejorativa (como deboche) para se referir a indivíduos enquadrados pela polícia. Essa categoria excludente e marginalizante ganhou maior alcance por ser reproduzida no jornal, as redes sociais e o senso comum.

[189] No grupo underground campinense há outros indivíduos associados a diferentes desvios, isso não significa que isso produza uma total coesão, em especial, dependendo dos contextos sociais, como demonstrou o trabalho de Tobias (2019) sobre os espaços de interação em Pernambuco. Não é porque que há imputação de desviante aos Headbangers que isso significa que existe uma integração totalizante, até porque cada grupo desviante tem suas práticas e visão de mundo. Entretanto, no underground campinense se observa que as diferenças sociais transitam nos espaços dos membros ocorrendo uma relação de respeito as escolhas individuais de estilo de vida.

[190] Os grupos como hardcore e punk “colam” nos eventos de Metal, esses dois participam e organizam evento em colaboração com Headbangers, como mantêm uma observação crítica acerca de apresentações de bandas underground que sejam simpatizantes com ideais ultraconservadores.

familiar necessita de todo apoio financeiro. Os membros do underground campinense posicionavam-se contrariamente aos padrões estabelecidos, mantendo seu estilo de vida Headbanger enquanto eram tolerados pela sociedade, desde que suas práticas consideradas "profanas" e "amorais" permanecessem circunscritas aos espaços do grupo. Historicamente, os Headbangers em Campina Grande reuniam-se em locais precários, de difícil acesso, com problemas de segurança e infraestrutura (como a antiga Vitrola, espaço com estruturas precárias), que serviam como pontos de apresentação para bandas nacionais e internacionais, onde músicos e público podiam preservar sua identificação e sentir-se acolhidos entre seus pares.

Esses pedaços possibilitavam que conhecidos e pessoas próximas aos Headbangers pudessem compreender melhor seu estilo de vida e produções artísticas underground. Observou-se uma tentativa de "purificação" do grupo pelos membros kvlts (cultos) – os considerados truers –, que buscavam atrair adeptos para um estilo de vida Metal extremo e devotado (representando uma pluralidade de engajamentos no grupo), em oposição direta aos playboys, posers e outros. Esses membros nutriam o desejo profundo de ampliar a unidade Metal.

Para os grupos dominantes e seus aliados, o Headbanger personificava o antimodelo de citadino, assumindo a posição de "exemplo negativo" do que não se deve ser: crítico das instituições e portador de símbolos transgressores, conforme demonstrado. Indivíduos de diversos gêneros, classes sociais e ocupações apresentavam essas características, que eram constantemente negociadas tanto nos encontros cotidianos quanto em situações excepcionais.

Esses outros desviantes que se conectam ao grupo incluem posers, kvlts e whites, com maior dificuldade de incorporação para aqueles vinculados aos eventos de Metal cristão. Embora os Headbangers constituam um grupo pequeno na cidade, compartilham práticas e, em alguns casos, situações de sofrimento relativamente próximas. Socializam suas histórias no underground com membros antigos e novatos em um contexto desfavorável ao seu estilo de vida, especialmente quando marcadas por questões de raça e gênero. Quando oriundos de classes menos favorecidas e apresentando-se com gírias internas, aparência e comportamentos regulares, segundo os relatos, eram frequentemente desconsiderados – ao contrário dos membros de classes favorecidas em suas experiências urbanas e relações familiares, reflexo das diferenças nos capitais sociais e culturais determinados pela classe.

Os membros do Heavy Metal eram percebidos como desviantes conforme o

contexto social, vivenciando sentimentos de constrangimento, rejeição e indiferença nas interações. Alguns se sentiam constrangidos, enquanto outros desenvolviam respostas prontas para situações desconfortáveis do cotidiano. Historicamente, o processo civilizacional demandou autocontrole para a interação institucional, valorizando tratamento polido na esfera pública. Contudo, nas transformações figuracionais, emergem atribuições depreciativas e animosidades baseadas em princípios dominantes.

As categorias internas do grupo revelam que o desvio pode expor outras facetas das interações sociais, já que algumas demonstram compromissos distintos com as identificações no seu pedaço. Por exemplo, certos Headbangers consideravam irrelevante a opinião social sobre suas posturas (como a dificuldade de obtenção de emprego), não se reconhecendo como desviantes ou reprimindo essa condição. Ademais, membros de classes favorecidas econômica e culturalmente não vivenciavam com mesma intensidade as imputações depreciativas e moralistas sofridas por aqueles de classes populares e bairros periféricos, evidenciando a complexidade das interações e a necessidade de considerar a pluralidade de experiências sociais desses indivíduos na cidade. O conjunto de experiências dos membros revela tipologias de desviantes atuantes no underground, oriundos de diferentes contextos sociais e estratos da sociedade campinense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver o interesse na pesquisa sobre os Headbangers, foi possível perceber a multiplicidade de mundos possíveis nesse tipo de associação na cidade de Campina Grande. Devido a pluralidade de experiências desses indivíduos, a pesquisa centrou-se na possibilidade de entender algumas dimensões da interação do grupo na cidade ao longo de suas vidas. Foi possível examinar aspectos da multiplicidade por meio das experiências dos adeptos com o estilo de vida Headbanger, destacando uma pluralidade de selves, aspectos históricos, econômicos, políticos e religiosos dos Headbangers, na medida em que nos foi possível apresentar e analisar a partir da figuração.

Esses aspectos da vida dos adeptos foram importantes para entender a dinâmica do grupo, para saber como esses elementos mantiveram relações de interdependência. indicamos de que essas dimensões estão ligadas a vida dos adeptos e ordenam as relações sociais conforme a moral dominante campinense. Os Headbangers interagem, trabalham, ~~e~~ extravasam e comemoram suas atividades tanto na condição de audiência quanto na de músico. Eles construíam suas interações nos momentos de experiências ordinária e excepcionais ordinários e excepcionais, suas relações iam além do bairro. Essas relações mostraram que os adeptos do Heavy Metal criam espaços físicos, seus *pedaços,* nos quais se divertir e socializar com amigos e familiares. É uma atividade coletiva. Os adeptos do Heavy Metal na cidade tinham a característica de criar seus próprios espaços, no centro da cidade (London Pub, Bar do Japa) e em bairros específicos (como nos bairros: Liberdade – The Pub Bar ou Taverna, Centenário – Pub 68, e em outros bairros. Com atividades que atraiam homens em sua maioria, mas também mulheres, crianças e adultos de idades variadas.

Esses espaços eram os locais em que os Headbangers músicos comercializam seus produtos e realizam suas apresentações musicais no underground, no centro da cidade ou em alguns bairros da cidade. Seja para apresentação de bandas ou de encontros, esses locais de interação eram fundamentais para o desenvolvimento das relações sociais daqueles que apreciam a música Heavy Metal e no qual a pesquisa visou desenvolver análise. Os espaços de interações dos Headbangers eram pedaços historicamente relacionados a locais intransitáveis ou demasiadamente "perigosos", segundo o senso comum citadino, como era Extensão Vitrola, localizado por trás dos Correios no Centro da cidade, sendo espaços transitáveis, durante o dia devido ao comercio ativo e fluxo de

indivíduos serem maior. O mesmo fenômeno tem acontecido em alguns bares em bairros como Centenário e Liberdade quase não há pessoas transitando durante a noite. O pedaço implica em espaço que tem uma conformação durante o dia e outra durante a noite e os Headbangers em campina grande experimentar essa situação. Se identificou a partir daí que os adeptos do Heavy Metal participavam de relações sociais de interdependência não somente com seus pares, mas inserido dentro da estrutura social e atividades realizadas, (re)produzidas pelos citadinos que constroem e criam aquilo que Anderson (2008) chamou de comunidades imaginada com coesão e laços sociais fundamentais para a continuidade de suas vidas como seus desacordos. A revelação dos desacordos foi um elemento evidenciado pelos adeptos do estilo para compreender a imputação de desvia e o desenvolvimento de suas vidas enquanto tais.

Como se observou o estilo de vida Heavy Metal não possui estima a sociedade, especialmente, entre aqueles que desconhecem a música, seja em bairro de classe médio ou alta, salvo algumas exceções existentes e identificadas na pesquisa. Construir uma carreira como músico ou adepto do estilo Heavy Metal se mostrou que era preciso eles se articularem por meio de laços sociais (informais, formais) para permanecer e movimentar a cena underground local. Mas isso dentro de um contexto que não favorece o desenvolvimento de investimento libidinal (a vontade de manter o que faz a vida deles pulsar), pois conforme os interlocutores afirmaram, o contexto impõe variados desafios que os diminuem e os tornam deslocados da ordem operante de relações. Ordem dominante no sentido conservador político e religioso (que se articulam) para manter a moral dominante de status de um contexto conservador que distancia aqueles considerados “desviantes”. Isso destaca ainda como aspecto central do fenômeno do Heavy Metal na cidade que há pluralidades de experiências na forma de agir pensar e experimentar a música, porque mostra os clímaces produzidos, rede de apoio e desenvolvimento dos Headbangers na cidade.

Essas pluralidades foram encontradas nas formas de imputação de desvio na cidade, em que os Headbangers eram considerados como fora do *standart* estabelecido, por características estéticas e morais. O que apareceu nos relatos dos adeptos acerca de religião e políticas, forças coercitivas que operam na produção pretensa de unidade em várias áreas da cidade, afetando as formas de interações excepcionais e ordinárias dos adeptos em espaços públicos. Tal prática considerada pelos membros destacou uma forma que essa sociação campinense imputa e atribui lugar as diferenças na ecologia social. o estabelecimento de tal ação na forma de imaginar e construir a sociação era (e é)

expressões de relações de poder e comportamentos socializados na vida daqueles que residem nessa cidade e que com o progresso do conservadorismo dos últimos anos angariou maior notoriedade quando foi imputado que toda diferença foi compreendida como inimiga e que precisava ser tratada com escarnio. Com isso os Headbangers precisam manter suas imagens, não se compreender como a moral dominante imputa, controlar todas as emoções negativas (sofrimento da coerção) que deriva daí em forma de orgulho pela sua unidade. A diferença de tratamento na cidade por ser Headbanger, punk ou hardcore eram existentes, mas no que tange ao Headbangers e sua estética e vinculação ao considerado negativo forma marcantes no processo de pesquisa. No desenrolar da pesquisa de campo, foi possível observar que o tratamento marcou a carreira dos indivíduos associados ao Metal.

A pesquisa demonstrou que as interações em contextos também eram estruturadas e que esses momentos faziam parte das vidas dos Headbangers nesse locus de análise, o que ainda, produzia clímaces e hipertrofia as relações. Os membros mais antigos da cena costumavam afirmar nas rodas de conversas que sofreram preconceitos e que acham que todo Headbanger sofre de maneira explicita ou implícita. Mas eles afirmam que era preciso conquistar a confiança do povo e não se mostrar como alguém errado, era precisa sentir orgulho para transmitir uma imagem controle, para informar ainda que tinham uma maneira de se comportar que era diferente do convencional, mas única. A chegada dos Headbangers ou sua adesão por jovens e adultos como suas expressões, estilo de vida diferente na cidade mostrava que havia possibilidades para além do que estava convencionado em forró e práticas religiosas cristãs (católica ou evangélica). Fato esse que dificultou para muitos adeptos, no início de suas carreiras, a possibilidade de conseguirem empregos, conseguirem ser respeitados por vizinhos e amigos devido a adesão ao estilo de vida diferente. Se dessa maneira foi experimentada pelos membros mais experientes, atualmente, ocorre uma flexibilização por parte de empresas de que precisam de infoproletarios para o desenvolvimento de suas atividades como os call centers. Não somente durante a pandemia da covid-19, jovens ingressantes do estilo conseguiram trabalho para trabalhar nos call centers e na modalidade *home office*, devido a rotatividade de empregados em empresas do tipo e a possibilidade de emprego maior do que antes.

A ecologia da situação em que os Headbangers se inserem era provocada tanto por citadinos quanto outros estilos de vida como os White Metals e aparições de Neonazi. No Metal os Headbangers se autoemulam com disposições práticas diferentes e por isso

de estima social, tal prática constituía uma diferença entre eles e aqueles de fora do pedaço. Isso estava relacionado a botherhood que os adeptos do estilo tentam sustentar de respeito a si e aos outros mais antigos como para aqueles que se mostrassem merecedores em seus círculos de amizades. Foi o respeito e as relações sociais estabelecidas na cena underground que fez com que adeptos músicos encarassem viagens nacionais e internacionais com suas bandas, gozando ainda mais de respeito de outros Headbangers de fora de seu pedaço. Para o underground isso não significa que eles eram artistas bem-sucedidos financeiramente pelo fato de realizar tais atividades de pequena, media e grande escala. O underground proporcionou esses momentos as carreiras dos adeptos musicistas devidos o trabalho efetuado aos longos dos anos em aprendizado, treinamento, investimento vital e financeiro em ensaio e Studio para poderem lançarem ao mundo com suas artes musicais.

Quando a turnê acaba eles retornam para suas casas (dependendo da banda) em bairros populares ou de classe média na cidade, passam a utilizar transporte públicos ou seus próprios veículos na cidade e reencontrar os amigos para conversar sobre a aventura de fazer tour e ser reconhecido. Os Headbangers campinenses com que foi possível contatar e acompanhar ao longo dos anos conseguiram melhorar suas condições de vida financeira ou de formação (escolarização) de forma modesta. Alguns deles residiam em espaços distantes do centro da cidade (local onde ocorria a maioria dos eventos de Metal) e das possibilidades de conseguirem empregos formais. As conquistas proporcionadas pelo underground aos "desviantes" se deram devido ao empenho em manter a cena "viva" com eventos e bandas, o que contribui para distanciar qualquer grupo que tentasse desvirtuar os valores socializados, valores esses considerados de respeito e orgulho para os Headbangers experientes e antigos no underground.

Os relatos dos Headbangers locais desde meados de 1980 relatam que foram compreendidos como pessoas desviantes as normas estabelecidas, não somente pela estética como tais valores sociais convencionados pelo senso comum de "satanismo" ou praticantes de rituais demoníacos ofensivos ao estabelecido. Isso não significa que de forma coletiva, eles desejavam empreender ações do tipo ou de crítica a política – como acontece com aqueles que eram vinculados aos Hardcores, punks e movimentos veganos e vegetarianos, mas na realidade o comportamento Headbanger para no contexto de pesquisa tende para valores conservadores. A relação estabelecida para com os adeptos nesse meio era compreendida pela indiferença e má companhia para citar alguns estereótipos mobilizados – mas os Headbangers mantem-se orgulhosamente em suas

posições. Assim, foi possível observar que os Headbangers ao longo de história na cidade foram compreendidos como deslocados, desajustados e estereotipados por uma visão negativa. No contexto de pesquisa, foi possível identificar nos relatos dos indivíduos entrevistados e em momentos de shows a forma como eles eram considerados indesejados e que ameaçam a posição dos conformados no locus. Se a adesão ao estilo de vida Headbanger produziu esses comportamentos, isso também afeta o comportamento dos que aderem ao estilo, o que marca a biografia deles. Dessa forma, percebeu-se que a chegada do Heavy Metal na cidade e sua adesão pelos jovens e adultos que desvirtuavam os acordos tácitos (não totalmente explícitos) e que eram desaprovados e envergonhados – não era atoa o esforço de igrejas "alternativas" cuja missão era evangelizar os jovens que frequentavam a praça dos hippies para livrá-los do "mal". A partir dos relatos e conversas informais em shows destacou-se que os Headbangers sabiam que eles eram malfalados e que vizinhos, amigos e ex-colegas falavam deles ou tentavam desqualificá-los por meio de piadas, zoeiras para se saírem como qualificados e reprodutores dos valores estabelecidos – contemporaneamente a defesa de valores é realizada com demasia e sem reflexividade, o que tenta reforçar os rótulos e valores engessados em pré-noções sem base na realidade.

É importante destacar que "nas antigas", como os Headbangers se referem ao seu passado na cidade, como uma marca de orgulho e significância, foi possível observar em diferentes relatos e indivíduos de diferentes gerações. As relações sociais dos Headbangers contribui para entender as formas de tratamento, o desenvolvimento de suas biografias (mantidas e rompidas) e experiências plurais como motores para transformar as vidas dos indivíduos associados com esse tipo de estilo de vida. Como se observou, "nas antigas" ou na contemporaneidade dos Headbangers não foram momentos harmônicos, mas atravessados por clímax intensos, rupturas e desagraveis na biografia desses indivíduos. O estilo de vida diferente dos Headbangers permitiu perceber as relações de poder desiguais ao longo de sua história e na atualidade, desproporcionalidade infligida devido a não sujeição dos adeptos.

Os relatos sobre como era antes, não só revelam o conhecimento que os adeptos possuem sobre sua identificação ou a sua experiência enquanto tal, esse relato destaca como eles entendiam a figuração especifica no qual estavam inseridos. Figuração em que destacou como as interações cotidianas as Headbangers eram estruturadas e se revelava como matriz geradora de graus de sofrimento aos desviantes.

A experiência de vida era mobilizada para falar sobre os adeptos que moram na

cidade e viram o desenrolar da cena ao longo de quarenta e cinto anos com entrada e saída de indivíduos destacava o compromisso com atividade coletiva underground. As experiências do indivíduo nessa unidade eram diferentes, pois um Headbanger mais experiente na cena e que viveu a década de 80 não pode ser considerada a mesma para outro adepto dos anos 2000, por exemplo. Há diferenças em relação a experiência nessa figuração social quanto ao status social, prestígio e clímax singulares a formação Headbanger que possibilita analisar a experiência por uma perspectiva plural e particular ao meio social. Todos os indivíduos podem conseguir experiência, mas isso leva tempo de investimento libidinal ao Metal e abdicação de outras dimensões sociais pautadas pela moral dominante. A experiência ainda era mobilizada pelos indivíduos como forma de mostrar que era possível ser Headbanger na cidade, afinal resistiram às intempéries morais e poder contar aos demais pares com orgulho. Entendendo dessa forma, os Headbangers destacavam sua unidade enquanto dotado de experiências socializadas, que orientam as maneiras de se comportar, pensar e sentir como fator para sentir orgulho da identificação não convencional que aderiu. Mesmo que daí posso surgir indivíduos que mancham a representação do estilo de vida, a unidade mobiliza mecanismos para evitar ou se distanciar deles por não serem exemplos. O investimento empreendido pelos adeptos, mostrou o compromisso deles em seguirem – mesmo no momento de grande escala como o ultraconservadorismo – a velha escola do Metal, o que eles denominam de *old School* por causa de sua flamula crítica.

Essas dimensões da identificação até o momento não tinham sido evidenciadas em pesquisas sobre o Heavy Metal, pois compõem um traço da forma de relação ensejada nessa figuração. Se observar o passado do grupo e de alguns adeptos há uma regularidade de resistência que se reproduz imprimindo um comportamento diferente do social e que era executado por jovens e adultos da cena. A socialização nesse meio depende de predisposições que o indivíduo acessa na unidade ordinariamente e excepcionalmente e com base nas relações de amizades e familiares. As relações com a família possibilitam que seus descendentes possam receber a transmissão de signos constituintes da unidade com acesso a bens estéticos, políticos e éticos. Por um lado, o que implica dizer ainda que isso se alcança as formação e ocupações e desejos libidinais dos descentes para aquilo que almejam as vidas como o estudo de inglês, aprendizado da música em escola especializada/por meio de professor particular e formação a nível superior. Por outro lado, a regularidade tende a mostrar que a transmissão de signos constituintes dos selves não alcançam as mesmas chances de se reproduzir com tal mecanismo de mobilidade dentro

dessa unidade, mas informam e formam o indivíduo com elementos limitados, como por exemplo, aprender inglês de maneira autodidata, aprender com amigos predispostos sobre teoria musical e dividir a rotina entre estudo e trabalho. Destacou-se como importante dessas relações que o desenvolvimento do Heavy Metal na cidade do ponto de vista temporal assegurar a transição do Metal como algo que o Headbanger deve sentir orgulho, sendo esses sentimentos uma forma – poder – simbólica de significação da vida como agenciar as relações internas e externas, mostrando a força em produzir sentido a unidade e excluir aqueles que performam com demasia ou desengajados. Sintomaticamente, o orgulho ou poder simbólico sustentado no grupo não permite que os manchados tendem integrar a unidade antes de reivindicar seus preconceitos, dogmas e demostrar arrependimento publicamente. Observado o passado da unidade na cidade e sua continuidade de sucessos e insucessos e a transmissão de significação do que era o estilo de vida a filhos, amigos e conhecidos, como isso só foi possível pela resistência na promoção das atividades pelos Headbangers não somente frente a sociedade como suas formas alternativas religiosas e performadas com ascensão de ideias totalitárias.

A longevidade dos Headbangers na cidade conseguiram se manter frente as "modas" e as pressões culturais dominantes. Muitos Headbangers comentaram que o Metal resistiu ao Grunge, ao Emo e ao Indie, eles acreditavam que esses estilos de vida não tinham força para produzir unidade. Embora tenha ocorrido que indivíduos que participavam do underground local não se façam mais presentes nas atividades do Metal, ainda hoje muitos dos antigos participantes ainda participam das atividades seja enquanto audiência seja quanto músico e em seus relatos é possível identificar a relevância atribuía a socialização "adequada". Nos relatos em fanzines em blogs dos quais já foram mencionados na pesquisa, se constatou que eles eram indivíduos despossuídos de condições financeira para realização de seus eventos e que era preciso se articular internamente/coletivamente para executar os shows.

Os Headbangers que atuavam nas atividades do underground destacavam que não tinha tanta força para produzir os eventos e por isso, eles precisavam manter-se unidos para juntar as forças e ter poder nas decisões de suas atividades. na produção de crenças e cumplicidades. Sendo essa união uma contraposição à moralidade dominante de uma sociação conservadora e dos bons costumes, destacou seu poder de forma dissimulada, doce e impercebível por meio das instituições e cumplicidades ontológicas que permite sustentar a produção e reprodução das crenças (sociais, políticas e religiosas). Tal perspectiva grupal permitiu aos Headbangers se sustentarem e se destacarem ao longo de

suas vidas, com projetos que oscilam entre sucesso e insucesso com reconhecimento local, regional, nacional e internacional; como mostrou as diferentes selves atuantes no grupo para se manterem ativos e conectados a outras cenas underground o Heavy Metal.

Os Headbangers experientes buscavam ao invés de se sentirem oprimidos, eles não realidade mobilizava uma serie de estoque de conhecimento para legitimar a unidade e se diferenciar, e dependendo do adepto isso foi possível observar sendo desenvolvido na família nuclear conforme o que era socializado nesse espaço parental. Nesse espaço de interações afetivas e "fraternais" se transmitia a forma de comportamento social que demandava dos indivíduos controle de suas posturas no cotidiano para não serem rotulados pela moral dominante. Para além do cuidado dos Headbangers com seu comportamento, isso mostrou que o comportamento externo ao seu círculo de relação não era salutar que borrava os limites do bom senso. Como foi apresentado, os Headbangers precisam controlar certos aspectos da vida ou mesmo emoções em determinados espaços de interação. Já que o Metal não era um estilo musical convencional em que toda sociação aprecie, ao contrário, era um estilo musical permeado de rótulos e imputações morais.

As interações estabelecidas pelos adeptos e conhecedores do Metal underground e aqueles que desconhecem os seus pormenores, era desenvolvida com relatos variados de autocontrole. Embora, a sociação tome para si o posto de imputador da autocontenção em seu processo de formação do que se denomina de sociedade. Isso refletiu na forma pela qual os adeptos do estilo de vida Headbanger devido as pressões morais e as negociações nas interações utilizassem do controle socializado nos momentos de encontros ordinários e excepcionais. A compreensão de que o Headbanger não fazia determinadas atitudes do senso comum essencializador era uma forma de afirmar por outros meios que tinham bom comportamento. O que na realidade reforçava o lugar de outsider do Headbanger no cotidiano e legitima a pressão exercida pela sociedade sobre suas atividades sociais. Os relatos dos adeptos dessa figuração, apresentou as atividades diferentes da cidade que tem a potência em institucionalizar e legitimar o seu poder. No entanto, esses indivíduos se mostrassem não afetados, os efeitos do poder já estavam internalizados em suas atividades cotidianas, para eles isso poderia significar que algum dia enquanto grupo minoritário conquistar mais espaço, respeito e não desrespeito.

No pedaço dos Headbangers, o comportamento e o olhar para a forma de apresenta-lo revelavam a dedicação, reflexividade e sentido de unidade contextualizados. Isso permitiu aos adeptos também possuírem seus prestígios e autonomia em decidir os passos de suas vidas e do grupo, era uma maneira deles mostrarem que também podia

estabelecer fronteiras, apesar das imputações e desqualificações aos seus trajetos e circulação em espaços públicos atribuídas pelo social. As fronteiras interativas e o bom senso dos Headbangers produziam a liga entre eles para sustentar suas ideias e práticas enquanto indivíduos que não se deixam acometer pelos problemas sociais. A incorporação dessas práticas pelos adeptos se torna uma característica de suas visões de mundo como foi possível observar nas diferentes histórias formativas dos selves entoados por superação, motivação e orgulho, por exemplo, em Felipe Coelho e sua perspectiva de treino e Metal para sair de problemas familiares. O que na visão do grupo era manchado pelos alternativos ou simpatizantes por ideias ultraconservadoras religiosas e políticas, desvirtuavam o que Charles afirmou sobre a história do Metal enquanto não conservadora, isto é, a importância de entender a história de que maneira o Heavy Metal surgiu e os problemas que enfrentou para se constituir enquanto estilo musical. Para Charles e outros amigos dele, os indivíduos tendiam a reproduzir o standard, desvirtuam a história da unidade, enquanto os Headbangers reais, aqueles que entendia sua "origem" foram instruídos a respeitar o Metal desde a infância, adolescência e vida adulta. O desenvolvimento de suas vidas partia dessa compreensão já que para a sociedade eles eram entendidos como marginal. Já que havia toda uma estrutura orquestrada contra o Metal, agir de forma diferente do que era socializado no pedaço era desgastar o valor emocional aplicados durantes anos na manutenção do deles. Esse comportamento interno desaprumado gera desconforto, discursos críticos, além de raiva e indiferença para com aqueles que tendiam a não compreender a transmissão de signos mobilizados nos encontros criava hipertrofia.

Então, os adeptos experientes socializavam saberes que eram utilizados como forma de ligação afetiva com os amigos, colegas e ingressantes, formavam uma unidade com emoções compartilhadas. O compartilhamento dos signos situava os indivíduos contextualmente seja no ordinário ou excepcional, na medida em que o tempo passava, eles operacionalizavam de forma "natural" nos momentos de interação, sabendo dessa forma como agir em situações desagraveis com alternativos e citadinos. Os Headbangers assíduos que frequentavam os shows eram conhecidos e por isso, eram conhecidos e dominavam os signos do pedaço. Isso destacou que a experiência dos adeptos tinha relação também em serem conhecidos no seu pedaço por amigos e outros músicos conhecidos nos eventos ou nas estradas/cenas. Cena underground essa que dependendo da experiência dos indivíduos era possível situar familiares nas relações lá estabelecidas, o exemplo regular era a figura do pai e do irmão como alguém conhecido no pedaço.

Dessa forma, a experiência socializada no underground do Metal se revelou como um caractere dos adeptos, de suas relações sociais com os pares e familiares, respeitando as ações empreendidas em seu meio como reações aos violadores delas. Não obstante, os Headbangers experientes buscavam apoio uns nos outros, como também nos punks e Hardcores (estilos de vida com características e visões diferentes) com participação em shows de Metal na cidade. A estrutura de contiguidade do underground campinense se sustentava nessas formas de relações com outros grupos também, exceto aqueles considerados manchados. O Headbanger não podia existir sozinho na cidade, mas ele formou-se num contexto social em que era desfavorável tateando possibilidades de sua contiguidade singular com outros "marginais" da cidade.

Como se observou que indivíduos que adquiriam experiências e socializavam seus estoques de conhecimento com os outros foi algo importante de ser identificado, mas isso não significou que eles eram iguais, eles se uniam para combater determinados aspectos internos ou externos. As diferentes experiências socializadas e experimentadas no percurso de suas inserções e integração a unidade se mostram diferentes. Entre eles, havia competições de caráter, sobre a história do Metal, teoria e produção musical, por causa de whites e alternativos, por animosidades com colegas que deixaram de cumprir os compromissos ideais ou musicais. A interação regular com amigos nos eventos ou encontros casais ao longo do tempo gerou intimidade e experiências coletivas que permitiu construir amizades quanto desfazer outras. De toda forma, essas interações revelam a marginalidade e a perspectiva de que os adeptos tinham de lutar em várias dimensões para a contiguidade na cidade. No cerne dessa unidade de Headbangers orgulhos de sua longa história havia a tentativa de instaurar uma tradição, uma prática comum que foi sendo modificada lentamente com a entrada de novos adeptos (Hobswan, 2002). A invenção da prática regular, possibilitou a difusão de relações próximas/intimas em que só podiam usufruir aqueles que eram iniciados no círculo de engajados.

As experiências destacavam regularidade e singularidade do meio, pois elas mostravam como se constroem unidade e como se desfaz internamente ou externamente ao grupo. Por meio da experiência desses indivíduos era possível identificar os sentimentos e ações ou reações dentro e fora do pedaço, com o desejo de trazer para unidade aqueles com gostos e ideias parecidas como forma de tornar maior o pedaço e resistir ao mundo "exterior" que os imputa a categoria de desviantes. Mesmo que Headbangers possam sair do grupo por questão da moral dominante e criticar o pedaço de que fez parte um dia, as relações que lá construíram aos membros experientes um

sentido de importância por formarem o grupo – sendo esse o argumento utilizado por eles para criticar os jovens que não eram unidos, argumento que foi desestabilizado com bandas de jovens como *Brain Explode* (Punk/Thrash Metal) e *Korvak* (Thrash Metal) que faziam eventos e levavam várias pessoas ao pedaço. A história do underground campinense era algo regular nos momentos de interação dos shows e relatos como aspecto de unidade e sustentação de sua força, poder e prestígio, fato que chamava atenção de bandas, músicos e audiência de outros locais como de estilos alternativos não apreciados pelos Headbangers. Essa sustentação que pode ser atribuída a organização do Metal campinense contribuiu para trazer bandas de fora e produzir mais eventos devido o reconhecimento e prestígio que a cena underground passou a ter ao longo do tempo, algo que se não tivesse ocorrido haveria sido minorado até o ponto de inexistência do Metal na cidade. Tendo em vista que os boatos, não observação dos órgãos públicos da cultura, fofocas, discursos de negação poderiam minar sustentação da identificação e logo o Metal perderia relevância para os jovens e adultos.

Desse modo, a figuração no qual os Headbangers se encontravam na cidade de campina grande apresentou os dramas de uma situação social maior. Entender as formas de relações estabelecidas por esse pequeno grupo urbano, permite-se entender as interdependências nessa cidade do interior da Paraíba, que encaixa a pluralidade de experiências sociais desses indivíduos num repositório que não foi elabora internamente, mas que gerou hipertrofia na formação e desenvolvimento de vida dos que fazem esse mundo artístico. As relações hipertróficas não foram utilizadas por citadinos no cotidiano dos Headbangers com viés de causar o mal, mas devido as formas de socialização estabelecidas ensejada em standards. De fato, os Headbangers não queriam agir de determinadas maneiras no cotidiano, muito menos os citadinos desejariam tratá-los sem a devida atenção devido a estética e ideais. Mas isso não aconteceu, apenas acordos tácitos que os levaram a preconceitos e hipertrofia, ora objetivamente e ora subjetivamente no que concerne o autocontrole nos encontros. Nas interações ordinárias os Headbangers se comportavam como "normais" em seus bairros enquanto os outros realizavam um esforço de autocontrole para parecer natural a presença de indivíduos diferentes em suas localidades. Dependendo do contexto, eles estavam conscientes ou não sobre a ordem de interação operacionalizada, com pressões, relações de poder, posição e condição de prestígio firmado aos integrantes da sociação.

Os Headbangers elencavam as possíveis causas do tratamento inadequado recebido por citadinos, amigos, conhecidos e desconhecido em sua história, eles tinham

uma teoria formulado sobre tal afetação. Entretanto, a imputação de desviante e o preconceito sofrido devido sua identificação em determinados contextos como em bairros "populares" da cidade não abria possibilidade de manter contato solidários plenamente, o que em algumas situações revelou ressentimento por parte dos Headbangers. Tais momentos podem ter sido irrefletidos do lado dos Headbangers e do lado dos citadinos com que os adeptos dos estilos encontram no cotidiano. Como as relações sociais eram interdependentes, cada individuo em alguma medida precisa do outro, a lógica da interação colocou os Headbanger numa situação desfavorável historicamente, mesmo sem serem culpados por esse encaixamento da moral dominante.

O drama experimentado pelos Headbangers pode ser entendido como retrato de uma situação que se espelha em vários contextos sociais com suas diferenças, no show de Metal se dramatizava os desafios e sucessos da vida cotidiana na cidade. A pesquisa revelou que situações do tipo ocorriam com os Headbangers em outras localidades (Hecker, 2012; Beson, 2022; McDowell, 2016), porém analisados por diferentes abordagens e recortes. As identificações políticas tendem a sofrer e passar por processos de exclusão, marginalização e enfrentam situações que encaixam os indivíduos em repositórios sem entender as pluralidades de experiências e vivencias deles. As maneiras de tratamento atribuídas aos Headbanger desviante podem ser encontradas na contemporaneidade (Melina, 2018). A atribuição de desvio pode ser aplicada no contexto atual e ter efeitos negativos maiores do que antes, afinal a sociedade da informação, para usar o termo de Castel (2009), permite deslocamento, viagens e encontros em diferentes locais com maior agilidade e rapidez, assim como ocorre com os meios de comunicação em massa.

Em diferentes locais com apoio da interne, foi possível identificar situações semelhantes experimentadas pelos Headbangers e os citadinos campinenses. Com a eclosão das mídias digitais e a chegada do Heavy Metal por esses meios a sociedade campinense destacou a diferença de tratamento aos indivíduos associados ao estilo musical. Nas pesquisas mencionadas (Hecker, 2012; Beson, 2022; McDowell, 2016) foi notório perceber de que forma os Headbangers se destacam nos contextos do oriente médio, latino e americano. A partir dessa compreensão, atentou-se a essa problemática relacionada as multiplicidades de experiências produzidas em locus enquanto fenômeno interessante para análise das Ciências Sociais. A vida dos Headbangers numa cidade em que o conservadorismo tem sido mecanismo de agenciamento de políticas públicas de saúde, religioso e cultural foi um fenômeno importante analisado. A simples ação de

realizar trajetos na cidade como forma de dispersão ou entretenimento não eram apenas uma mudança de local, mas sim, isso expressava uma mudança na lógica da interação de outros grupos/citadinos. Apesar de serem moradores do bairro, os Headbangers sentiam-se como desconhecidos e que precisavam entrar nas práticas estabelecidas em respeito a interdependência, tendo a partir daí que enfrentar novos desafios interativos. Desafios que imputam aos adeptos do Heavy Metal a condição de desviante em comparação aos "normais" que seguem o standart institucionalizado.

Ficou notável que a dimensão estética era uma característica a priori que causava essa "anormalidade" as interações, mas era também real o fato de que os caracteres dos corpos acentuavam a condição negativamente do Headbanger. Dependendo por onde o Headbanger realizasse seu trajeto, o preconceito era somado aspecto racial no caso de pessoas negras, especialmente, que participavam do grupo. Mesmo os adeptos sendo moradores da cidade, mas ao portar uma estética "negativa" somado a raça acentuou o problema do preconceito verificado nos relatos de campo. Ao colocar o aspecto da não religião, racial e de classe, não eram compreendidos enquanto diferenças que participam da sociabilidade. Com isso se mostrou que a identificação Headbanger estava envolta de questões da cidade de Campina Grande acerca da raça, religião e classe social, sendo que dependendo da origem do Headbanger os aspectos anteriormente mencionados eram atenuados devido a nível de educação e conhecimento sobre o Heavy Metal. Diferente da pesquisa de Hecker (2012) em que apesar do Metal ser criticado devido a transgressão a religião, os Headbangers de Istanbul não critica a religião institucionalizada, porém, o aspecto estético era duramente criticado, em especial, devido a masculinidade patriarcal desse locus que não aceitava homens de cabelo longo. Já Besson (2022) mostrou como a estética do Metal estava associada aos problemas de violencia e crime em seu contexto de análise.

Em algumas situações de pesquisas, os Headbangers tentavam amenizar os efeitos negativos que sua presença enquanto tal pudesse gerar aos encontros cotidianos, como ocorreu deles sustentarem suas posturas frente as adversidades rotineiras. Uma boa parte dos Headbangers tem ressentimento devido o tratamento que receberam em suas carreiras e por isso, buscavam sustentar a máxima do orgulho como procuravam manter suas imagens para evitar ameaças endógenas e exógenas. Entendeu-se a partir dos relatos dos Headbangers, os citadinos compreendiam que eles feriam os bons costumes na dimensão política, religiosas e social, com isso reforçando o preconceito. Entretanto, em algumas situações relatadas por eles, ocorra uma tentativa de conduzir dissimuladamente a ordem

da interação sem deixar claro que há distanciamento e estigmatização para passar a visão que não há problema a priori. Os Headbangers lotados na cidade, sustentavam suas imagens com orgulho e hombridade, suas relações (pessoais, profissionais e sociais) e conquistas no underground. Eles se organizavam contra a moral dominante que tentavam homogeneizar todo o grupo (como as reportagens sobre o Black Metal e o nazismo), os constrangimentos públicos e fofocas eram caracteres marcantes na vida dos que fazem parte desse meio e os distanciam das oportunidades sociais para promover o estilo musical e conquistar aceitação. Embora, os associados do Metal não deixavam se abater e procuravam mostrar em suas apresentações, por exemplo, que eles tinham poder consolidando e sustentando essa crença que possuem. Eles reforçam a ideia de que, apesar de não serem compreendidos era preciso entender que a diferença era uma condição dos distintos. Com isso, as emoções eram fundamentais para sensibilizar os pares acerca de suas condições e carreiras enquanto Headbangers. Os iniciados conseguem socializar suas crenças para os incipientes ao pedaço em termos de orgulho "há uma história nossa" e em termos das emoções. Ao endogenizar a socialização da forma que os pares apresentam distancia a socialização externa ao grupo enquanto negativa, para sustentar os selves com dignidade.

Dentro de um contexto em que se deseja o retorno ao passado, como tudo era antes, com papeis sociais definidos, família nuclear tradicional e uma política que se promove e se vende com essa perspectiva, socializam maneira de conviver em coletividade. Essa volta ao passado sustentado pelo conservadorismo cultural tenta frear o avanço das formas de vidas antes presas em caixinhas, da mesma a pluralidade de experiências surgem e o Metal local traz esse elemento. Pois os adeptos não escutam um tipo de música, mas uma variedade, músicos da Korvak por exemplo tem colocado em suas canções além do thrash Metal elementos psicodélicos e influenciados por diversos artistas, inclusive na MPB. A formação plural destacou que esses indivíduos podem passear não somente no interior do mundo do Heavy Metal quanto de outras formas musicais. E devido a experiência diversa isso revelou ainda que tudo era possível de ser feito mesmo sem apoio de órgãos públicos para promoção dos eventos, mostrou que se antes as dificuldades existiam, contemporaneamente ainda se fazem presentes, mas agora os adeptos possuem experiência e informação para mobilizar os eventos. Não obstante, isso também implica dizer que eles podiam fazer o que quisessem porque o Metal proporcionaria tudo para extravasar suas emoções e comportamentos. Foi claro que os Headbangers em seu início não sabiam o que iria acontecer no desenrolar de suas vidas

na cidade devido a moral estabelecida que já tinha instaurado uma maneira de comportamento diferente dos Headbangers. Segundo os relatos dos indivíduos do grupo, A cidade "universitária", do "cristianismo" e do "forró" não conseguiu tratar os seus citadinos da maneira adequada mesmo num momento (antes) da eclosão das mídias digitais e na contemporaneidade com as informações em massa. Embora o que a "sociedade" desejasse fosse um passado engessado e tradicional com menos diversidade e menos oportunidade sociais para as diferenças. Os dados de campo, destacaram que as relações sociais quando eram defrontadas pelo outro/diferente ora havia tolerância e ora havia dissimulação, isto é, não era acordos reais de respeito. foi observado que Headbangers tinham consciência de sua situação nos momentos de encontros com os outros, tendo que dependendo de o contexto autocontrolar para se expor menor e não produzir choques - por exemplo, sabendo qual roupa usar para determinados encontros profissionais ou familiares fora do grupo.

A situação do Headbanger até o momento não tinha sido abordada nas análises sobre esse fenômeno social, pois se apresentou de que forma mecanismos internos e externos aos adeptos do Metal evidenciam a pluralidade de mundos possíveis, sendo um agregado de indivíduos em constante ação, expressando a possibilidade de uma vida que embora seja taxada como "desviante" reforça desejo e vontades particulares de expirações regulares de uma vida sem pressões e problemas. Há várias pesquisas em diversas áreas que apresentam a representação do Metal para desfazer o senso comum instaurado negativo, mas além disso, a pesquisa no Metal destacou formas de vida que tentam resistir as mudanças, realizando ajustes e por isso conseguem atravessar décadas com sentimento de que estavam no caminho certo para a permanência do agregado. As mudanças figuracionais da vida urbana e seus processos históricos, alteram ou ajustam os sentidos que os indivíduos davam as suas vidas. Diante disso, a sociedade da informação e seu ritmo acelerado, os indivíduos da cidade buscam se agarrar as ideologias de segurança, ordem e estabilidade que proteja suas crenças (Anderson, 2008).

Devido as transformações o underground campinense trouxe bandas internacionais, nacionais e regionais para participar de suas atividades, o mesmo aconteceu com Headbangers de outros locais que visitam os eventos produzidos localmente. Entretanto isso, também trouxe outras questões sociais como a onda de bandas do mainstream ultraconservadoras (ideologia que não tem o cristianismo e busca a ordem independente de qualquer coisa) participando de grandes eventos. A ciência disso pelo Headbanger figura reflexividade acerca dos condicionantes contextuais e

escalonamentos e que a pesquisa de campo nesse locus contribui para entender como algo indesejável por uma visão empírica. Diante esses acontecimentos percebeu o desejo pelo passado por parte da sociedade e a tentativa de resistir as demandas dessa sociedade. Mas também evidencia que há contradições que ocorrem dentro e fora do Metal.

Analisar esse agrupamento apresentou que os desvios imputados eram atribuições externas e que havia uma pluralidade de vivencias e trajetórias no cerne da cena underground. O fato de serem compreendidos como diferentes ao standart os indivíduos do grupo apresentaram diferentes formações e objetivos (sucesso e insucesso) com suas carreiras nesse meio social. Em suas histórias de vida como Headbanger, eles relatam má interpretações sobre seu estilo de vida, por exemplo, marcado pelo aspecto de classe e habitar a cidade. Foi comum o relato de que os Headbangers eram pessoas de classes sociais baixas pelos citadinos, uma associação que também aproxima a marginalidade, embora não esta visão não corrobore com o empírico – isso não significa que não exista indivíduos dessa classe no grupo – pois os membros investem financeiramente em eventos, instrumentos, viagens, merchandizing e indumentarias e para tudo isso exige dinheiro e investimento vital. E ao habitar a cidade os adeptos saíram da condição de "desconhecedores do Metal" para conhecedores/iniciados, mudando também seus círculos de interação de forma temporária ou definitiva, eles se tornam estranhos aos antigos amigos/vizinhos e outros em suas próprias "terras".

As mudanças na estrutura do selves no Metal se apresentam de diversas formas em rituais, emoções e ações sociais dentro do círculo de interação dos eventos que se estende para a vida ordinária em que o self pode ser regulado ou apresentado como real. Esses caracteres de apresentação eram mais regulares entre os Headbangers de bairros populares da cidade, o que gerava clímax com familiares, amigos e outros. Segundo os Headbangers daí surgia o preconceito, porque agora os jovens e adultos estavam mostrando uma outra face de seu self no contexto. A crença nesse self ia contra ao que estava estabelecido e feria a moral dominante, sendo a apresentação desse self muitas vezes afetado pela não aceitação social. Então se percebeu que o estigma ao Headbanger fazia parte da figuração social da cidade conforme os dados de campo apresentaram ao longo do tempo e por isso, analisar do ponto de vista mais amplo se fez importante. O que contribuiu para entender o aspecto generalizante do estigma e que era utilizada em diversos contextos, segundo os Headbangers para tentar dirimir ou afasta-los das relações de interdependência.

Foi preciso entender de que forma pelos relatos dos entrevistados o estigma

desfazia e construía uma realidade irreal imputadas as imagens dos mesmos. Distorção da realidade que colocava os adeptos em condições de marginalidade por não seguirem ou obterem o poder de enunciar e fazer coisas com esse enunciado, por exemplo, imputar o caractere de pecaminoso ao agregado num momento de conformidade cultural e ascensão conservadora, isto é, tendo a cumplicidade de outros oprimidos que não eram Headbangers para tal empreitada. O estigma atribuído produz efeitos nos associados do Metal, o que era rebatido pelos Headbangers em forma de crítica nas apresentações, discos e imagens que transgridem o manto sagrado do social estabelecido realizado por jovens e adultos – sendo essa uns dos meios de externalizar o sofrimento de seus selves, angustias de suas interações e orgulho do grupo.

Outro aspecto dentro da discussão presente foi da "legitimação" e estética e moral empreendida nessa unidade de análise. Como foi possível de se observar ao longo dos capítulos, os Headbangers tinham suas carreiras prejudicadas devido a compreensão externa de desvio. Alexander (2003) advertiu que as mídias tempo um poder moral "artificial" para fazer "como se fosse real" o que transmite em suas telas, podendo esse ser utilizado para impregnar marcadores de estigma as pessoas fora das expectativas convencionais. O que destacou ainda a partir da moral que os papeis não eram contíguos, mas dramatizados agnosticamente para produzir significativos tanto para os Headbangers quanto para os citadinos, ex-amigos, familiares e vizinhos imputadores defensores do "sagrado" e combatentes do "profano". Com o passar do tempo esses significados dramáticos criaram uma demanda estética e moral. Esses elementos apresentados por Alexander se tornam sintomáticos na medida em que eram símbolos presentes no cotidiano dos interlocutores. O estudo de Alexander mostrou que o ícone em sua dimensão visual, sonora e empírica foi historicamente combatido nas sociedades por causa da moralidade que deslegitima as imagens, ruídos e objetos não consagrados.

O pesquisador assegurou que, apesar de afetar, isso não retirou a estética das batalhas cotidianas, porque os ícones retornam de formas e conteúdos diferentes. A história da modernidade parecia produzir desencantos em relação a forma de enxergar a vida e suas atividades, entretanto, como assegurou Durkheim (1996) o símbolo social tem fundamental importância na classificação e fronteiras das pessoas dos encantos. Isto é, há estetização e moralização do mundo enquanto elementos de um conjunto dimensões sociais que precisam ser consideradas. Na medida em que os sentimentos e moralidades ganham autonomia externalizada se tornam objetivamente princípios incontornáveis da realidade experimentada. Mas isso não significa gozo para os Headbangers, na realidade

mostrou as diversas formas de negociação para conseguir permanecer e estar presente na cidade. Isso afetou a vitalidade dos Headbangers no passado e ainda afeta na contemporaneidade, os benefícios eram apenas para aqueles que fechavam acordo com o convencional. E os Headbangers não quis fechar e foi afetado em sua história natural com dificuldades materiais, imateriais e relações, com o desenvolvimento da vida urbana na cidade.

A pesquisa realidade revelou a forma, conteúdo e contexto da identificação políticas dos Headbangers, caracteres da vida social deles que ainda não tinham sido apresentados a academia. Mostrou ainda por meio de entrevistas e acumulo de material etnográfico ordinário e excepcional desse meio ao longo do tempo acerca de como era ser Headbanger com seus desafios e conquistas, num contexto de aumento cultural de ultraconservadorismo e falecimento do estado de bem-estar, impulsionado pelo neoliberalismo. De modo que tais transformações experimentadas no cerne da "sociedade" ganharam mais apoio para combater as diferenças étnicas, raciais e culturais que proponham um estilo de vida que fuja da "normalidade" esperada. Assim desde o início da apresentação da pesquisa vem demonstrando o peso que tais implicações culturais possuem sobre os Headbangers de cunho valorativa. O que era motivo para alguns deles desiludirem com a sociedade e que suas vidas "sempre" foram desse modo, pressionado. Seguindo os discursos dos interlocutores sobre suas experiências enquanto Headbanger na cidade, eles arguiam a sociedade idealizada a sociedade sem as diferenças ou "frescuras/mimi" e como antes não tinha a diversidade explicita era melhor para se viver. Desse modo, a dimensão estética e moral possuía um fator singular no cotidiano daqueles que interagiam desejando ou não com os Headbangers e que refletia uma sociedade imaginada.

Não obstante, as entrevistas deixaram claro que a estética e a moral eram importantes para acesso e permanência em determinados espaços de interação para os adeptos, mesmo em universidades. Contrastando ao que foi mostrado que, esses dois aspectos do grupo não tinham nenhum segredo ou "pacto" negativo foi esclarecido e que isso gerava sim, unidade. Com o interesse dos Headbangers por seu pedaço e dificuldades, eles mostram que não eram desviantes/marginais, mas que constituíam uma unidade organizada e com objetivos claros de convivência e promoção. Tais aspectos estéticos e morais tanto de um quanto de outro grupo se mostraram como definidores e capazes de produzir seus mundos ou desconstruir o mundo alheio. Além disso, esses elementos eram frutos de uma figuração especifica que gerava as demandas para os indivíduos se unirem

ou combaterem quem fosse contra aos ideais.

A analise que se apresentou buscou detalhar o Headbanger no contexto social mais amplo, como grupo possuidor de coesão que permanece atuante, diferente de uma visão do senso comum superficial que limita o Metal e reduz a existência dele ao degredo moral. No grupo a irmandade e as atividades definidas para a organização de seus eventos era fundamental para a manutenção e prestígio no pedaço. A liga da amizade (aquilo que mantém junto) social dos Headbangers não era desorganizada, tinha sim, uma pluralidade de selves e experiências que acreditavam no poder de música em conseguir agregar pessoas diversas em nome do grupo. Com alguns indivíduos mais engajados que outros na promoção da cena underground que faziam os eventos, definiam atividades e quem podia acessar seus espaços de apresentações tendo apoio de músicos e audiência como para enfrentar adversidades sejam de outros grupos alternativos ou sejam da sociedade.

Numa postura de não impedir o acesso aos espaços e nem serem extintos da ecologia urbana campinense. Quando organizadores de eventos, músicos da cidade ou de fora, comentavam nos momentos de suas apresentações sobre a importância de promover a cena e a unidade – retirava até as animosidades com os grupos anteriormente mencionados – para ressocializar a visão de união. As apresentações foram um momento ritual importante para observar essas ações de como os Headbangers deviam ser, resgatar valores históricos de antes para se reafirmarem e reflexivos de sua vida no mundo. Tais aspectos situados do campo destacam que a imputação de desvio era uma criação social para deslegitimar as experiências experimentar no Heavy Metal, porém a empiria mostra consciência de si e de seus condicionantes de dificultam a reprodução de suas atividades.

Seguindo os “desvios” em campo, notou-se que esses imputados tinham carreiras variadas como se verificou no capítulo dois, no entanto, em situações que cada vez mais complexas em redes de significação e relações de poder. A analise junto aos adeptos apresentou o mundo em sua dimensão empírica, voltada para sua realidade e sua formação ao longo da vida, indo além da imputação de mau comportamento atribuído pelo senso comum, podendo ser apresentado aqui de forma sistemática distante de superficialidades essencializantes.

A iniciação nesse mundo enquanto adepto e depois como pesquisador permitiu compreender e acessar o agrupamento e analisar de perto os relatos dos Headbangers. Era preciso mostrar que as dimensões estéticas e morais do Headbanger podiam ser analisadas por meio de sua lógica endógena quanto de sua lógica exógena como se pode observar no último capítulo. Apresentando por meio de situações de pesquisa, entrevistas e

documentos etnográficos de que forma a questão do desvio situava os adeptos nas redes de interdependência na cidade e como a formação de unidade, por meio do engajamento dos indivíduos, formas de apoio e parcerias situam o grupo num contexto em que a ordem das relações se mostrava favorável, menos intensa e menos desgastante de energia vital. desde o início com a pesquisa sobre o tema tratado aqui foi-se desvelando as questões sociais que envolvia a dinâmica de preparação, produção, execução e pós-produção dos eventos como aspectos que envolviam os adeptos e a formação de músicos, foi preciso também dessa vez destacar os aspectos que tangem a vida externa dos adeptos que compõem esse meio. Evidenciar quais aspectos cotidianos da vida dos Headbangers geravam empecilhos sociais foi abordado, apresentando uma visão mais ampla da dinâmica relacional desses indivíduos aos leitores e pesquisadores interessados no tema. Tendo isso em vista, apresentou uma visão mais plural e dinâmica das relações desse agrupamento e suas relações de interdependências que há combinando os elementos excepcionais e ordinários. Os fenômenos sociais eram plurais e estavam conectados a vários outros fenômenos como o grupo de Heavy Metal e os punks e Hardcores na história do Metal campinense ou histórias de dificuldade de conseguir emprego com problemas familiares. Por meio desse estudo agregando outros elementos sociais mais abrangentes da vida dos associados ao Metal que foi possível entender como eles eram diferentes em experiências e formação de selves, lazer, atividades musicais e laborais.

O grupo do Heavy Metal pode ser objeto sobre diversas abordagens de estudo e teve sua relevância como contribuição ao mundo acadêmico. A apresentação da vida dos Headbangers sob essa perspectiva abrangente permitiu observar as diferentes atribuições aos adeptos relacionando a atividade ao mundo como indissociáveis. A carreira do Headbanger no grupo não foi analisada apenas naquilo que constitui seus desafios ordinários de preconceito e estigma, porém mostrar que suas escolhas ao longo do tempo ensejam em resistência e manutenção do grupo. Os Headbangers vivem na "sociedade" e por isso, ele não está a parte de suas relações, constitui sim, participante da figuração de forma compulsória, por mais que alguns de dentro do grupo ou de fora, sustentem a ideia que o Metal não se envolve com a sociedade ou não deviam, a realidade é inexorável e seu poder não remedia para com aquilo que deseja. Entretanto, para os indivíduos que seguem esse desejo podem defender suas ações (como fossem realmente suas) porque encontram o significado de suas vidas já pronto. E para defender os valores da sociedade mobiliza-se, por exemplo, o preconceito e o estigma como mecanismo de recalque de desejos libidinais diferentes.

Por isso, se fez necessário entender o desvio de forma abrangente não se limitando aos condicionantes de impor caminhos alternativo, mas sim suas múltiplas interações e interseções com outros aspectos dentro do contexto campinense. Era importante destacar que as imputações além de realizar consagração dos valores sociais combatendo os desviantes, tal elemento agia sobre agrupamentos urbanos que não tinham tanto apoio e com isso, uma visão do domínio do ser "sociedade" em que esses indivíduos estavam inseridos foi fecundo.

A analise apresentada, como foi observado, era realizar um apanhado considerando elementos de formação da cena underground e entender que caminhos alternativos os participantes do meio realizam para serem considerados marginais, sendo revelado caracteres de classe e institucional (família) na cidade para citar alguns. Uma das consequências da pesquisa era entender os indivíduos dentro da figuração em seu desenvolvimento e relações. Investigar a as transformações ocorridas na vida dos adeptos do Metal foi significativa em materiais etnográficos tanto em entrevistas quando em documentos (como fanzines) como o contexto. Foi importante porque trouxe perspectivas ou visões de diferentes pontos de vista acerca do fenômeno ao não negligenciar o domínio externo. A imputação e o sentimento de orgulho so foram possíveis devido ambos serem diferentes, opostos, distanciamento e estabelecerem relações de interdependência.

Observou-se os elementos de compromisso dos Headbangers e de seu distanciamento enquanto fatores preponderantes para reafirmação da identificação como para manter seu status na cidade. O estabelecido e a situação em que os Headbangers se encontravam demonstravam justamente isso, os desafios de uma identificação num contexto desfavorável pelos motivos já apresentados. Entretanto, a pesquisa destacou a pluralidade de indivíduos com suas carreiras distintas operando no contexto de análise em relações de interdependência mútua em que um depende do outro.

Justamente por esse aspecto a pesquisa amplia as discussões de outros pesquisadores sobre o Heavy Metal já citados no início da apresentação dos dados, especificamente, apresentando um estudo focado no grupo e suas relações com as instituições sociais como, por exemplo, a família e trabalho. O estudo dos Headbangers na cidade mostrou como as carreiras deles estavam integradas na figuração com dificuldades e limites aos adeptos que fazem parte do cenário. Alguns iniciantes que desejassem integrar o grupo e participar das relações sociais estabelecidas na cidade encontrava várias possibilidades para tal. Eles podiam iniciar suas carreiras participando das atividades e sustentando a sua imagem; podia ser um porra-louca ou teria de usar de

seu discurso para convencer e participar da sociabilidade. Iniciantes ainda pode ir integrando os elementos por meio da sociabilidade que participa e reafirmar aqueles que são comprometidos com o grupo; no entanto, quando eles confirmam para si e para os outros nas interações face a face que deseja estar naquele pedaço, eles passarão a descobrir que a questões sociais mais amplas e fora de seu domínio com que terá de tratar em algum momento. O que pode ser demonstrado como as relações familiares, de vizinha, de escola e de trabalho enquadrarem eles na condição de desviante ou atuem com preconceito velado. Desse modo, eles passam a perceber que as relações sociais de suas identificações não possuem apreço fora do grupo do qual confirmaram compromisso.

Na medida em que eles/elas investem seus desejos libidinais a unidade passa a sentir a mão invisível da moral em seus domínios fora dos eventos. Notadamente, aqueles interessados no Metal que cresceram na cidade e ouviram de amigos, conhecidos e familiares que esse estilo de vida estava associado ao "negativo", "profano" e "desordem". Esse contexto realçou ainda como em determinados momentos afetava a carreira dos Headbangers jovens e adultos. O momento ritual dos jovens com a descoberto do mundo exterior a família era uma "fase" fundamental para sí – ego – formando habitus diferentes. Com destaque aos Headbangers em que moram em bairros de classe média alta e famílias estruturadas (em educação, financeiro e social). Apresentou ainda as dificuldades dos adeptos em fazerem aceitos no cerno de sua família nuclear e para amigos e construir sua identificação. Esse aspecto da identificação no ceio da família mostrou que isso acontecia com regularidade e não se tratava de uma fase de escolha puramente singular, mas sim, estava conectado a outras questões sociais como não ter a imagem associado aos estereótipos mencionados. E desse modo, apresentou-se o desenvolvimento da carreira enquanto Headbanger em meio a imputação e as forças exteriores de como a sociedade campinense pensa e se organiza.

No fundo, o domínio da "sociedade" era onipresente/onisciente estava em todo lugar e inclusive na cabeça dos adeptos lembrando-os de seu lugar e agindo coercitivamente como ficou claro ao longo da apresentação desse trabalho ao mostrar que o Headbanger não era totalmente autônomo. As formas de interação nos domínios da figuração possuem relações de poder que exercem pressão e diminuem a autonomia da vida dos indivíduos. E de fato a "sociação" impõem barreiras de ordem objetiva ou subjetiva aos Headbangers que deriva da forma inter-relacional posta em palco pelos indivíduos ao longo dos processos históricos na cidade. Era por isso que os Headbangers quando não autônomos ou libertos da coercitividade cotidiana chegavam aos shows

extravasam suas emoções por meio da apresentação musical tocando, cantando ou pelo corpo. Era tendo reflexividade sobre suas condições que os adeptos do Metal tentavam e dramatizavam a redução da força imperativa do social, porque, para eles, so por meio dessa forma de arte era possível demonstrar que naquele pedaço essa força seria confrontada mantendo suas carreiras enquanto Headbangers.

Referencial bibliográfico

ADORNO, Theodor. e HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALEXANDER, J. C. (2011) Performance and power. Cambridge: Polity Press.

ALEXANDER, J. C. e SMITH, P. (2003) The strong program in cultural sociology: elements of a structural hermeneutics. In: The meanings of social life: a cultural sociology. Oxford: Oxford University Press.

ALEXANDER, Jeffrey C. (2006). "The Social Construction of Moral Universals". In The Meanings of Social Life: A Cultural Sociology. Oxford University Press.

ALLET, Nicola Faye. 'Love's Labours': Extreme Metal Music and its Feeling Community. (PHD in Sociology), Department of Sociology, University of Warwick. p, 372, 2010.

ALMEIDA, Gislleine Marques de; PIRES, Alzira. A arte da luteria no brasil. Revista Educação - UNG-Ser, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 68–76, 2012.

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BANDEIRA, Denise Cristina. O "peso" do Metal na vida dos Headbangers: A cena Death Metal em João Pessoa. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba.

BARTMAŃSKI, D. e ALEXANDER, J. C. (2012) Materiality and meaning in social life: toward an iconic turn in cultural sociology. In: Alexander, Bartmanski e Giesen (eds.), Iconic power: materiality and meaning in social life. New York: Palgrave Macmillan.

BECKER, Howard S. (1963). Outsiders. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp 2008

BECKER, Howard S. (1982). Art Worlds. CA: University of California Press.

BERGER, P. LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento (5th ed.). Petrópolis: Vozes. 2001 [1983].

BERREMAN, G. (1972). Social Categories and Social Interaction in Urban India. American Anthropologist, 74(3), new series, 567-586.

BERREMAN, Gerard D. (1975) "Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia". Desvendando Máscaras Sociais (GUIMARÃES, Alba Zaluar, org.) Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S.A.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.1999.

BOURDIEU, Pierre. Meditações pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOZON, Antonio Restrepo. Sonidos oscuros en la bahía paisaje cartográfico de la memoria. Magíster en Artes Plásticas y visuales, Universidad nacional de Colombia, sede Medellin, 2022.

CAETANO, R. C. C. (2016). Moralidades, regulações, saberes e as "perversões" no Heavy Metal. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura – volume 1. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CLIFFORD, James. "Culturas viajantes" in: A. A. Arantes (org.) O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000.

COELHO, Patrícia Rodarte Silva Gomes. Batendo cabeças: educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal. Dissertação (mestrado) –Universidade do Estado de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2014

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99–127, jan. 2016.

COLMAN, Cristian Martin Pérez. Una sociología del cuerpo del rock. Memória para optar al grado de doctor, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, Universidad Complutense de Madrid, 2014.

CORDERO, Jonathan. Unveiling Satan's Wrath: Aesthetics and Ideology in Anti-Christian Heavy Metal. The Journal of Religion and Popular Culture Spring 2009, Vol. 21, No. 1, p. 5

DIGIOIA, Amanda; VALIJÄRVI, Riitta-Liisa; DOESBURG, Charlotte . Multilingual Metal Music: Sociocultural, Linguistic and Literary Perspectives on Heavy Metal Lyrics. London, UK: Emerald Publishing Limited, 2020.

DOUGLAS, Mary. Como as Instituições Pensam. São Paulo: Editora da USP, (1998) 2007.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, É. As regras do método sociológico Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

DURKHEIM, É. Da divisão do trabalho social. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. (1993) O processo civilizador (v. 2): formação do estado e civilização. pp. 191-274.

ELIAS, Norbert. (1997) Civilização e violência. In. Os alemães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 159-186

ELIAS, Norbert. (2006) Figuração. In: Escritos & ensaios, v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 25-27.

ELIAS, Norbert. 1983. Envolvimento e distanciamento. Dom Quixote, Lisboa Portugal.

ELIAS, Norbert. e SCOTSON, J. (2000) Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ELIAS, Norbert. A sociedade de corte: a investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001a.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Organizado por Michael Schröter. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a.

ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos, seguido de "Envelhecer e morrer". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001b.

ELIAS, Norbert. Envolvimento e alienação Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ELIAS, Norbert. Norbert Elias por ele mesmo Rio de Janeiro: Zahar, 2001b.

EUGENIO, Fernanda. "Contemporâneo Noctambulismo - ocupação urbana e fruição juvenil nas cenas eletrônicas cariocas". Revista Nuestra America nº5, 2008.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. (Cap. 1. O negro na emergência da sociedade de classes). São Paulo: Universidade de São Paulo. 1964.

FIELDMAN BIANCO, Bela. "Prefácio à 2ª edição" e "Introdução". In: Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo, Unesp, 2010.

FINE, G. A. (2010) The sociology of the local: action and its publics. Sociological Theory, v. 28 (04): 355-376.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, As Heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FRIDH, Sanna. Lord Satan's Secret Rites and Satanism as Self-Therapy: The Creation of a Masculinity Gender Identity within Black Metal. In: MCKINNON, C.; SCOTT, N.;

FRIDH, Sanna. Satan: the perfect man a symbol and gender analysis of satanism in Black Metal. Bachelor's thesis in social anthropology, University of Gothenburg, school of global studies, 2010

GARFINKEL, H. (1956). Conditions of Successful Degradation Ceremonies. *American Journal of Sociology*, *61*(5), 420–424. http://www.jstor.org/stable/2773484

GARTMAN, D. (2007) The strength of weak programs in cultural sociology: a critique

of Alexander's critique of Bourdieu. Theory and Society, v. 36 (05): 381- 413.
GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Unesp,1991.
GLUCKMAN, Max. "Análise de uma situação social na Zululândia moderna". In: Bela Feldman-Bianco (ed). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Unesp, 2010.
GOFFMAN, Erving (1953): Communication Conduct in an Island Community. Unpublished PhD dissertation, University of Chicago
GOFFMAN, Erving. A representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis, Vozes, 1956.
GOFFMAN, Erving. Embarrassment and social organization. The American Journal of Sociology, 62 (3) (Nov.): 264–271. 1956
GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. SP; LTC, 1988.
GOFFMAN, Erving. Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise. Petrópolis, Vozes, 720 p, 2012
GOLDFARB, M P L BANDEIRA, D C. "peso" do Heavy Metal na vida dos Headbangers: uma análise da cena Metal em João Pessoa-PB. Conceitos – Vol. 2, n. 25 (Jan.Jul 2017) - João Pessoa: ADUFPB, p. 110–122, 2017.
GREEN, Joshua John. The experience of music-making in the Faroes and making Metal Faroese. Degree of master of arts, department of Anthropology, University of Alberta, 2012.
GRILLO, Carolina Christoph. 2013. Coisas da Vida no Crime: Tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese de Doutorado em Antropologia Cultural. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
GUATARI, Felix. "Espaço e poder: a criação de territórios na cidade". In Espaço e debates, n° 16. São Paulo, 1985
GUPTA, A. e FERGUNSON, J. "Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença. In: A.A. Arantes (org.) O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000.
HALL, Stuart. Identidades Culturais na Pós-Modernidade Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
HANNERZ, Ulf. "Os limites de nosso auto-retrato. Antropologia urbana e globalização". Entrevista à Fernando Rabossi. Revista MANA 5 (1), 1999.
HECKER, Pierre. Turkish Metal: music, meaning, and morality in a Muslim society. Master's in thesis in Oriental Studies, Philipps-Universität Marburg, Germany. Ashgate Publishing Limited, 2012.

HEINICH, N. (2013) Five misunderstandings of Elias's thought. In: Dépelteau e Landini (eds), Norbert Elias and social theory. New York: Palgrave Macmillan, p. 31-39

HILL, Brandon, M.A. Seeing through Panopticon: Lunn's Nature Alternative to Black Metal's Social Nihilism. (Master of arts), University of North Carolina, 2018.

HOAD, Catherine & Whiting, Samuel. (2017). True Kvlt? The Cultural Capital of "Nordicness" in Extreme Metal. M/C Journal. 20. 10.5204/mcj.1319.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOWE, T. R. et al. Three decades later: The life experiences and mid-life functioning of 1980s Heavy Metal groupies, musicians, and fans. Self and identity: the journal of the International Society for Self and Identity, v. 14, n. 5, p. 602–626, 2015.

INGLE, Micah. Masculine Subversion and Heavy Metal. University of West Georgia. 2016.

JANOTTI JUNIOR, J. S. (2013). Autenticidade e gêneros musicais: Valor e distinção como formas de compreensão das culturas auditivas dos universos juvenis. Ponto-e-Vírgula. Revista de Ciências Sociais. ISSN 1982-4807.

KITTERINGHAM, Sarah. Extreme conditions demand extreme responses: the treatmente of woman in black meal, death Metal, doom Metal, and grindcore. (Degree of Master of arts) Faculty of communication and culture Calgary, Alberta, Canada. p. 154, 2014.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro et al. Confiança e vergonha: Uma análise do cotidiano da moralidade. Anais do 34° ANPOCS. Caxambu: ANPOCS, 2010.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Emoções, Sociedade e Cultura: A categoria de análise Emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Ed. CRV, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. Etnográfica, v. 12, n.1, p. 27-58, 2010a.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. Revista Sociedade e Estado, v. 26, n. 3, p. 471-485, 2011.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. Revista Sociedade & Estado, v. 29, n. 3, p. 841-866, 2014ª

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sofrimento Social: Movimentos Sociais na

Paraíba através da Imprensa, 1964 a 1980. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. Da Subjetividade às Emoções: A Antropologia e a Sociologia das Emoções no Brasil. Série Cadernos do GREM, N° 7. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições GREM, 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. Dissenso e fragmentação dos códigos pessoalizados de aliança: Fofocas, bochichos e outras formas cotidianas de controle e administração de tensões em um bairro popular. RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 15, n. 45, p. 21-38, 2016a.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. Sobre a Sujeira Reflexões etnográficas sobre a cultura emotiva e os códigos de moralidade da cidade de João Pessoa – PB. RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 14, n. 42, p. 8-21, 2017ª

LAGO, Miguel. "Como explicar a resiliência de Bolsonaro?" in: STARLING, Heloisa, LAGO, Miguel e BIGNOTTO, Newton (orgs), Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

LIPOVETSKY, G. e SERROY, J. (2015) A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras.

LOPES, Pedro Alvim L. Heavy Metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de símbolos religiosos: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

LUIZ, Gisele Cristina. Subculturas juvenis: preferências estilísticas no Heavy Metal em Juiz de Fora. Pós-graduação em Arte, Cultura e Linguagens, do Instituto de Arte e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

LUTZ, Catherine. Antropologia com emoção. Mana, v. 18, n.1, p. 213-224, 2012.

MAGNANI, José Guilherme. "Da periferia ao centro: pedaços e trajetos". In Revista de Antropologia, FFLCH/USP. São Paulo, vol 35, 1993.

MAGNANI, José Guilherme. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo Social, São Paulo, v. 17, n. 2, Nov. 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. (1998 [1922]), "Argonautas do Pacífico Ocidental". Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural.

MCDOWELL, Michael A., "Heavy South: Identity, Performance, and Heavy Music in the Southern Metal Scene". Master of arts, Department of Humanities and Cultural

Studies College of Arts and Sciences University of South Florida .2016.
MCKENNA, Joe. Exploring Subcultural Expressions of 'Transgression' in the Global Extreme Metal Scene: A Theoretical and Case Study Analysis. Thesis submitted in accordance with the requirements of the University of Liverpool for the degree of Master of Research in Arts, 2022.
MEDEIROS, Fábio Queiroz de; NUNES, Rogério Maurício. O rock paraibano nos anos 80. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1998. 78 p.
MENDOZA, Edgar. "Donald Pierson e a Escola Sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)". In Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 14, jun/dez 2005, p. 440-470.
MESSIAS, Jessica da Silveira. Ethopoiésis e Heavy Metal: Subjetivação e consumo na cena de Natal-RN. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
MILLER, Daniel 2010[2013] Trecos, Troços e Coisas. Estudos antropológicos sobre a cultural material. Rio de Janeiro, Zahar.
MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
MITCHELL, J. Clyde. .1971. "The Kalela dance". The Rhodes – Livingstone Papers no.27. Manchester, Manchester University Press.
MONDACA, Maximiliano Sánchez. Thrash Metal: del sonido al contenido: origen y destación de una contracultura. tesis para optar al titulo de Sociologo. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Chile, 2007
MORAES, Lucas Lopes de. "Hordas do Metal Negro": Guerra e Aliança na Cena Black Metal Paulista. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Pós-graduação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, 2014
MORRIS, Christopher. The new romantics: Norwegian Black Metal and National identity, University college London, 2013.
NEVES, Franciele Cristina. Headbangers e Tererê: a experiência Heavy Metal no Tríplice Fronteira. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Toledo, 2014.
OLSON, Benjamin Hedge. (2008) I am the black wizards: Multiplicity, Mysticism and Identity in the Black Metal Music and Culture. USA: Bowling Green State University.
PACHECO, Leonardo Turchi. Som de Macho: identidade, alteridade e masculinidade entre os Headbangers? In: 3º Encontro Norte-Mineiro de Cientistas Sociais, 2006, Montes

Claros. 3º Encontro Norte-Mineiro de Cientistas Sociais, 2006.
PACK, Christian. Hellbound in El salvador: Heavy Metal as philosophy of life in central america. Degree of doctor of Philosophy, Hopkins University, Baltimore, Maryland, 2018
PALMER, Craig Sidney. Caught between Christianity and the hard rock: a narrative study. (Master of Arts in Counselling Psychology), University of Pretoria, South Africa, 2013.
PARK, R.E. "A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano" (1916). In: Otávio Velho (org). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
PERISTIANY, J. G. Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrânicas. 1 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1971, p. 269
POLZER, Evan. Mosh pits and mental health: Metal communities and emerging adults' well-being. Degree of Master of Arts Colorado State University Fort Collins, Colorado Summer 2017.
POWELL, Gary Botts. Heavy Metal humor: considering carnival in Heavy Metal culture. Graduate studies of Texas A&m University, degree of Master of Arts. 2013.
PSYCH, Merrick Powell, B. Investigating Cognitive, Emotional, and Social Functions of Violent Music for its Fans. degree of Master of Research (Human Sciences). Department of Psychology Macquarie University, 2018
RUI, Taniele. "Cimento não cura crack. Enfrentamientos urbanos". In Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Unicamp. 2012.
SAID, Edward 1978 [2010]. O Orientalismo. São Paulo, Companhia das Letras.
SAID, Edward 1993 [1995]. Cultura e Imperialismo. São Paulo, Companhia das Letras.
SANTOS, Carlos Arthur da Silva. Underground Heavy Metal em Campina Grande 1985-1995. trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - universidade estadual da Paraíba, centro de educação, Campina Grande, Paraíba, Brasil. 2016
SANTOS, M, M. Como se faz um Headbanger? entre conversas e narrativas dos jovens Headbangers em Campina Grande. (Monografia) - Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, 2018
SANTOS, M. M. dos. Shows, bandas e audiência: uma análise microssociológica entre os Headbangers da cidade de Campina Grande-PB. 2021. 178f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2021

SANTOS, Taís Vidal dos. O true contra o poser: um estudo das condições e contradições de ser e fazer Metal underground na cidade do Salvador. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

SAVAGE, Mike. The musical field. Cultural trends, v. 15, n. 2–3, p. 159–174, 2006.

SCHEFF, T. J. Microsociology: Discourse, Emotion and Social Structure. Chicago, IL, USA: University of Chicago Press, 1990.

SCHULZ, Douglas H, I. Expressing Identity, Experiencing Belonging, and Everyday Life in Heavy Metal Music. (Doctor of Philosophy) University of Bradford, United Kingdom, 2022.

SEGALEN, Martine. Ritos e rituais contemporâneos; tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SENA, R. S. Da transgressão ao conservadorismo: a escalada da extrema direita na cena Metal. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2019.

SENNET, Richard. O Declínio do Homem Público — As Tiranias da Intimidade. São Paulo: Companhia das Leiras, 1993.

SHADRACK, Jasmine; JIGGENS, Rebeca. Fools Gather 'Round to Watch Me Bleed: Disability, Isolation, and Participation in Metal's Communities of Aesthetic Practice. In: HEAVY METAL AND DISABILITY.

SIKES, Laura. In the Groove: American Rock Criticism, 1966-1978. Degree Doctor of Philosophy, Department of History Arts, Sciences and Engineering School of Arts and Sciences University of Rochester Rochester, New York, 2017.

SIMMEL, Georg. Sociologia. São Paulo, Ática, 1983

SKADIANG, Joel. Finding meaning through transgression: the extreme Metal scene in Singapore. (Degree of Marte of Social Sciences) Departmanet of Sociology national Universty of Singapore.p141, 2021.

SKADIANG, Joel.True Black Metal: Authenticity, Nostalgia, and Transgression in the Black Metal Scene. (Degree of bachelor of Arts) Department of Gender and Cultural studies, University of Sydney. p, 72, 2017.

SMITH, Gregory Vance. Rhetorics of Fear, Deployment of Identity, and Metal Music Cultures. Doctor of Philosophy, Department of Communication College of Arts and Sciences University of South Florida 2009.

SNELL, Dave & Hodgetts, Darrin. (2007). Heavy Metal, identity and the social

negotiation of a community of practice. Journal of Community & Applied Social Psychology. 17. 10.1002/casp.943.

SOLLEE, K. Can I play with madness?: Metal, dissonance, madness and alienation. Freeland, UK: Inter-Disciplinary Press, 2011.

ST-LAURENT, Méi-Ra. Le métal noir québécois: l'analyse du récit identitaire d'une communauté Black Metal marginale. (Doctoral thesis in music), Faculté de musique de l'Université Laval, Québec (Canada), p, 604. 2019.

STURM, Damion. Elitist Aesthetics: Extreme Metal Fans as Taste-Makers and Gate-Keepers. In: Scott A. Wilson. Music at the extremes: Essays on sounds outside the mainstream. McFarland, Jefferson, North Carolina, 2015.

SWAMI, Viren & MALPASS, Fiona & HAVARD, David & Benford, Karis & Costescu, Ana & Sofitiki, Angeliki & Taylor, Donna. (2013). Metalheads: The Influence of Personality and Individual Differences on Preference for Heavy Metal. Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts. 7. 377. 10.1037/a0034493.

THIBODEAU, Anthony J. anti-colonial resistence and indigenous identity in north americam Heavy Metal. Graduate College of Bowling Gren State University, degree of Master of Arts. 2014

TRAYNOR, A. A Study of Extremes - The Politicization of Religious Depiction in Heavy Metal Music. History of Religion 272 December 5th, 2013

TREMBLAY, Mark. Heavy Metal Thunder: The Making of the film. Degree of Masters of Fine Arts. Ryerson University. Faculty of Documentary Media, Ontario, 2016

TURNER. Victor. Drama, campos e metáforas. Niterói: EdUFF. 2008.

TURNER. Victor. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. (1909). Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes. 1977

VASAN, S. (2010) Women's Participation in the Death Metal Subculture, PhD Thesis, University of Houston, Houston, TX.

VASAN, Sonia. Gender and Power in the Death Metal Scene. In: BROWN, Andy; SPRACKLEN, Karl; KAHN-HARRIS, Keith, SCOTT, Niall. Global Metal Music and Culture. Routledge, New York, 2016.

VASAN, Sonia. The price of rebellion: Gender boundaries in the death Metal scene. Journal for cultural research, v. 15, n. 3, p. 333–349, 2011.

VELHO, G. *Desvio e divergência:* uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. "Unidade e fragmentação em sociedades complexas". In Projeto e

metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar. 1994.
VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.
WANDERLEY, M. Vale Dourado. A Cena Metal Aracajuana: Identidade e conflitos entre grupos antagônicos. 2008
WEINSTEIN, Deena. Heavy Metal: the music and its culture. Da Capo Pres. 2000. p, 368.
WEINSTEIN, Deena. The empowering masculinity of British Heavy Metal. In: BAYER, Gerd (ed.) Heavy Metal Music in Britain. Farnham (ING): Ashgate, 2009. p, 201.
WIRTH, Louis. "O urbanismo como modo de vida" (1938). In: Otávio Velho (org). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
YOUNG, Erin. I Am The Dark And The Dark Can't Bring Me Down": Community, Agency and Discourse in the New York City Metal Scene. BA major in Anthropology, Department of Anthropology, falculty of arts, Macquarie University, 2017.
YOUNG, Shawn David. Jesus people USA, the christian woodstock, and conflicting worlds: political, theological, and musical evolution, 1972-2010. degree of doctor of philosophy American Studies, Michigan State University, 2011.
STRAW, Will. Systems of Articulation, Logics of change: Scenes and Communities in Popular Music. Cultural Studies. Vol 5, n. 3, 361-375, Oct. 1991.
BUTLER, Judith 1990 [2008] Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
BARTH, Fredrik 1978 Scale and Social Organization. Oslo, Universitetsforlaget.
GEERTZ, Clifford 1973 [1978] "Prefácio" (07-10) "Capítulo 1 - Uma descrição densa" (13-41) e "Capítulo 9 - Um jogo absorvente" (278-321) in: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
POUTIGNAT, P., STREIFF -FENART, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

Sites consultados.

IBGE de Campina Grande.
https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal

Pastor dos EUA que justifica a escravidão com a bíblia virá ao Brasil para congresso

evangélico.
https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pastor-dos-eua-que-justifica-escravidao-com-a-biblia-vira-ao-brasil-para-congresso-evangelico/

Prefeito de Campina Grande-PB recua e anula decreto que proibia carnaval de rua.
https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/prefeito-de-campina-grande-pb-recua-e-anula-decreto-que-proibia-carnaval-de-rua/

Aprovação da lei do fim das eleições democráticas nas escolas municipais.
https://sintab.org.br/noticias/2023/09/19/campina-grande-apos-aprovacao-da-lei-do-golpe-diretoras-de-escolas-e-creches-tracam-estrategias-para-cumprir-seus-mandatos/

Documentários consultados.

DUNN, Sam. MCFADYEN, Scot; WISE, Jessica. Metal: A Headbanger’s journey, 2011.

GLOSSÁRIO

Truer: a categoria truer é um termo inglês para designar alguém como verdadeiro, engajado e envolvido nas práticas do grupo. Essa categoria além de designar bom atributo, realça também o quanto o indivíduo deseja ser melhor que os demais membros do grupo, mas claro deve-se entender o seu uso mediante o contexto de sua utilização para saber com qual sentido a categoria está sendo mobilizada.

Poser: a categoria poser significa pose, aquele indivíduo que posa, aquele indivíduo que tem características do grupo, mas que na realidade ele não um igual, apenas tem um "visual" característicos do grupo sem ser comprometido. Esta categoria é utilizada para descredibilizar a identificação do indivíduo que desconhece o Metal e se aproxima do grupo apenas por achar "bonito", porém, o Metal underground se opõe as modinhas.

Porra-louca: categoria do grupo para aquele indivíduo que é deslocado, esse não segue bem as "regras estabelecidas", ele é movido por sua própria maneira de enxergar e experimentar o grupo. No entanto, por muitas vezes o porra-louca não é entendido como alguém que pertence ao meio.

White Metal: categoria do grupo para aquele indivíduo que simpatiza com ideais alternativos cujo princípio base é evangelizar ou transmitir a mensagem religiosa cristã por meio da música. Esse grupo utiliza do estilo visual e sonoro para realizar evangelização e tem apoio de algumas igrejas como Sara nossa terra e bola de neve, mas os seus adeptos também surgem de outras instituições como congregacional, triangular, verbo da vida e presbiteriana.

Heavy Metal: categoria do grupo para designar o gênero musical que deu forma e conteúdo ao grupo. O Heavy Metal surge em meados dos anos 1980 com algumas bandas como Black Sabbath e Judas Priest.

Thrash Metal: subgênero do Heavy Metal que tem como proposta guitarras rápidas e sonoridade frenética, assim como bateria e vocais expressados com intensidade. Esse subgênero trata de temas sociais como política, cotidiano e curtição.

Death Metal: subgênero do Heavy Metal com guitarras afinadas com tons baixos e mais pesados em sonoridade, somasse aqui as baterias rápidas e a presença do gutural. A temática que aparece com regularidade nesse subgênero: violência, guerra, terror e críticas sociais.

Black Metal: subgênero do Heavy Metal com guitarras distorcidas, caracterizadas como som "sujo" pelos membros, a presença de baterias rápidas e guturais agudos são frequentes no Black Metal. As bandas desse estilo recuperam os temas voltados para espiritualidade pagã, ocultismo, misantropia e natureza.

Grindcore: subgênero considerado extremo do Heavy Metal, hardcore e punk, característico pela intensidade musical e tematica. Geralmente os músicos desse subgênero tocam em tons baixos do convencional, muito blast beat e cantam com gutural. Outra característica dessas bandas é que as canções são curtas podendo acabar em menos de um minuto. A temática que esse subgênero trata se volta para questões sociais, terror, horror e humor negro.

Underground: categoria do grupo para designar o espaço social em que não há apoio público na promoção de sua cultura, mas o financiamento é feito por meio de apoio daqueles que se identificam com a música. Ocorrendo nesse meio venda de produtos como bijuterias, instrumentos, equipamentos de som, indumentarias, revistas e CDS para sustento da cena, o que ajuda produtores e bandas financeiramente e gera status e prestígio. O underground faz contraponto ao mainstream que visa dinheiro e se tornar moda, o underground visa gerar unidade e outras formas de subsistência para além da lógica do capitalismo.

Mainstream: categoria do grupo para bandas que não participam do underground e que conseguem se sustentar com a música. Bandas como Iron Maiden, Metallica e Megadeth Compõem o cenário de destaque nessa categoria. No cenário do mainstream as bandas são contratadas e recebem bem pelas apresentações.

Gutural: técnica vocal para mudança no tom da voz quando o músico está se apresentando nos palcos, podendo essa mudança ser grave ou aguda, o que traz intensidade as canções. Grande parte dos subgêneros do Heavy Metal utilizam essa

técnica vocal.

Blast beat: é uma técnica que o/a baterista realiza para tocar rapidamente no instrumento, ao realizar essa técnica o músico traz rapidez e intensidade a canção. Alguns membros comentam que essa técnica traz o som de metralhadora devido a sua rapidez e brutalidade a canção executada. Essa técnica também é utilizada em diversos subgêneros do Heavy Metal, mas aqueles que se destacam mais com sua utilização é o Black Metal, o death Metal e grindcore.